Nil sapientiae odiosus acumine nimio.
Sêneca

A Carta Roubada

Em Paris, justamente depois de escura e tormentosa noite, no outono do ano 18..., desfrutava eu do duplo luxo da meditação e de um cachimbo feito de espuma-do-mar, em companhia de meu amigo Auguste Dupin, em sua pequena biblioteca, ou gabinete de leitura, situado no terceiro andar da Rua Dunôt, 33, Faubourg Saint-Germain. Durante uma hora, pelo menos, mantínhamos profundo silêncio; cada um de nós, aos olhos de algum observador casual, teria parecido intensa e exclusivamente ocupado com as volutas de fumaça que tornavam densa a atmosfera do aposento. Quanto a mim, no entanto, discutia mentalmente certos tópicos que haviam constituído o assunto da conversa entre nós na primeira parte da noite. Retiro-me ao caso da Rua Morgue e ao mistério que envolvia o assassínio de Marie Rogêt. Pareceu-me, pois, quase que uma coincidência, quando a porta de nosso apartamento se abriu e entrou o nosso velho conhecido, Monsieur G..., delegado de polícia de Paris.

Recebemo-lo com cordialidade, pois havia nele tanto de desprezível como de divertido, e não o víamos havia já vários anos. Tínhamos estado sentados no escuro e, a entrada do visitante, Dupin se ergueu para acender a luz, mas sentou-se de novo sem o fazer, depois que G... nos disse que nos visitava para consultar-nos, ou melhor, para pedir a opinião de meu amigo sobre alguns casos oficiais que lhe haviam causado grandes transtornos.

— Se se trata de um caso que requer reflexão — disse Dupin —, desistindo de acender a mecha, será melhor examinado no escuro.

— Esta é outra de suas estranhas idéias — comentou o delegado, que tinha o costume de 'chamar "estranhas" todas as coisas que estavam além de sua compreensão e que, desse modo, vivia em meio de uma legião inteira de “estranhezas”.

— Exatamente — disse Dupiu, enquanto oferecia um cachimbo ao visitante e empurrava para junto dele uma confortável poltrona.

— E qual é agora a dificuldade? — perguntei. — Espero que não seja nada que se refira a assassínios.

— Oh, não! Nada disso! Trata-se, na verdade, de um caso muito *simples,* e não tenha dúvida de que podemos resolvê-lo satisfatoriamente. Mas, depois, pensei que Dupin talvez gostaria de conhecer alguns de seus pormenores, que são bastante *estranhos*.

— Um caso simples e estranho — comentou Dupin.

— Sim, realmente; mas por outro lado, não é nem uma coisa nem outra. O fato é que todos nós ficamos muito intrigados, pois, embora *tão simples,* o caso escapa inteiramente a nossa compreensão.

— Talvez seja a sua própria simplicidade que os desorienta — disse o meu amigo.

— Ora, que tolice — exclamou o delegado, rindo cordialmente.

— Talvez o mistério seja um pouco *simples demais* — disse Dupin.

— Oh, Deus do céu! Quem já ouviu tal coisa?

— Um pouco *evidente demais*.

O delegado de polícia prorrompeu em sonora gargalhada, divertindo-se a valer:

— Oh, Dupin, você ainda acaba por me matar de riso!

— E qual é, afinal de contas, o caso em apreço? — perguntei.

— Pois eu lhes direi — respondeu o delegado, refestelando-se na poltrona, enquanto tirava longa e meditativa baforada do cachimbo. — Direi tudo em poucas palavras; mas, antes de começar, permitam-me recomendar que este caso exige o maior sigilo. Perderia, provavelmente, o lugar que hoje ocupo, se soubessem que eu o confiei a alguém.

— Continue — disse eu.

— Ou não diga nada — acrescentou Dupin.

— Bem. Recebi informações pessoais, de fonte muito elevada, de que certo documento da máxima importância foi roubado dos aposentos reais. Sabe-se quem foi a pessoa que o roubou. Quanto a isso, não há a menor dúvida; viram-na apoderar-se dele. Sabe-se, também, que o documento continua em poder da referida pessoa.

— Como se sabe disso? — indagou Dupin.

— É coisa que se deduz claramente — respondeu o delegado — pela natureza de tal documento e pelo fato de não terem surgido certas conseqüências que surgiriam incontinente, se o documento não estivesse ainda em poder do ladrão, isto é, se já houvesse sido utilizado com o fim que este último se propõe.

— Seja um pouco mais explícito — pedi.

— Bem, atrevo-me a dizer que esse documento dá a quem o possua um certo poder, num meio em que tal poder é imensamente valioso.

O delegado apreciava muito as tiradas diplomáticas.

— Ainda não entendo bem — disse Dupin.

— Não? Bem. A exibição desse documento a uma terceira pessoa, cujo nome não mencionarei, comprometeria a honra de uma personalidade da mais alta posição, e tal fato concede à pessoa que possui o documento ascendência sobre essa personalidade ilustre, cuja honra e tranqüilidade se acham, assim, ameaçadas.

— Mas essa ascendência — intervim — depende de que o ladrão saiba que a pessoa roubada o conhece. Quem se atreveria.

— O ladrão — disse G... — é o Ministro D..., que se atreve a tudo, tanto o que é digno como o que é indigno de um homem. O roubo foi cometido de modo não só engenhoso como ousado. O documento em questão... uma carta, para sermos francos, foi recebida pela personalidade roubada quando esta se encontrava a sós em seus aposentos. Quando a lia, foi subitamente interrompida pela entrada de outra personalidade de elevada posição, de quem desejava particularmente ocultar a carta. Após tentar às pressas, e em vão, metê-la numa gaveta, foi obrigada a colocá-la, aberta como estava, sobre uma mesa. O sobrescrito, porém, estava em cima e o conteúdo, por conseguinte, ficou resguardado. Nesse momento, entra o Ministro D... Seus olhos de lince percebem imediatamente a carta, e ele reconhece a letra do sobrescrito, observa a confusão da destinatária e penetra em seu segredo. Depois de tratar de alguns assuntos, na sua maneira apressada de sempre, tira do bolso uma carta parecida com a outra em questão, abre-a, finge lê-la e, depois, coloca-a bem ao lado da primeira. Torna a conversar, durante uns quinze minutos, sobre assuntos públicos. Por fim, ao retirar-se, tira de cima da mesa a carta que não lhe pertencia. Seu verdadeiro dono viu tudo, certamente, mas não ousou chamar-lhe a atenção em presença da terceira personagem, que se achava ao seu lado. O ministro retirou-se, deixando sua carta — uma carta sem importância — sobre a mesa.

— Aí tem você — disse-me Dupin — exatamente o que seria necessário para tornar completa tal ascendência: o ladrão sabe que a pessoa roubada o conhece.

— Sim — confirmou o delegado — e o poder conseguido dessa maneira tem sido empregado, há vários meses, para fins políticos, até um ponto muito perigoso. A pessoa roubada esta cada dia mais convencida de que é necessário reaver a carta. Mas isso, por certo, não pode ser feito abertamente. Por fim, levada ao desespero, encarregou-me dessa tarefa.

— Não lhe teria sido possível, creio eu — disse Dupin, em meio a uma perfeita espiral de fumaça —, escolher ou sequer imaginar um agente mais sagaz.

— Você me lisonjeia — respondeu o delegado —, mas é possível que haja pensado mais ou menos isso.

— Está claro, como acaba de observar — disse eu —, que a carta se encontra ainda em poder do ministro, pois é a posse da carta, e não qualquer emprego da mesma, que lhe confere

poder. Se ele a usar, o poder se dissipa.

— Certo — concordou G... — e foi baseado nessa convicção que principiei a agir. Meu primeiro cuidado foi realizar uma pesquisa completa no hotel em que mora o ministro. A principal dificuldade reside no fato de ser necessário fazer tal investigação sem que ele saiba. Além disso preveniram-me do perigo, caso ele venha a suspeitar de nosso propósito.

— Mas — disse eu — o senhor está perfeitamente a par dessas investigações. A polícia parisiense já fez isso muitas vezes, anteriormente.

— É verdade. Por essa razão, não desesperei. Os hábitos do ministro me proporcionam, sobretudo, uma grande vantagem. Com freqüência, passa a noite toda fora de casa. Seus criados não são numerosos. Dormem longe do apartamento de seu amo e, como quase todos são napolitanos, não é difícil fazer com que se embriaguem. Como sabe, tenho chaves que podem abrir qualquer aposento ou gabinete em Paris. Durante três meses, não houve uma noite sequer em que eu não me empenhasse, pessoalmente em esquadrinhar o Hotel D... Minha honra está em jogo e, para mencionar um grande segredo, a recompensa é enorme. De modo que não abandonarei as pesquisas enquanto não me convencer inteiramente de que o ladrão é mais astuto do que eu. Creio haver investigado todos os cantos e esconderijos em que o papel pudesse estar oculto.

— Mas não seria possível — lembrei — que, embora a carta possa estar em poder do ministro, como indiscutivelmente está, ele a tenha escondido em outro lugar que sua própria casa?

— É pouco provável — respondeu Dupin. - A situação atual, particularíssima, dos assuntos da corte e principalmente as intrigas em que, como se sabe, D... anda envolvido, fazem da eficácia imediata do documento — da possibilidade de ser apresentado a qualquer momento — um ponto quase tão importante quanto a sua posse.

— A possibilidade de ser apresentado? — perguntei.

— O que vale dizer, de ser *destruído* — disse Dupin.

— É certo — observei. — Não há dúvida de que o documento se encontra nos aposentos do ministro. Quanto a estar consigo próprio, guardado em seus bolsos, é coisa que podemos considerar como fora da questão.

— De acordo — disse o delegado. Por duas vezes, já fiz com que fosse revistado, sob minhas próprias vistas, por batedores de carteiras.

— Podia ter evitado todo esse trabalho — comentou Dupin. — D..., creio eu, não é inteiramente idiota e, assim, deve ter previsto, como coisa corriqueira, essas "revistas".

— Não é *inteiramente* tolo — disse G... —, mas é poeta, o que o coloca não muito distante de um tolo.

— Certo — assentiu Dupin, após longa e pensativa baforada de seu cachimbo —, embora eu também seja culpado de certos versos.

— Que tal se nos contasse, com pormenores. como se processou a busca? — sugeri.

— Pois bem. Examinamos, demoradamente, *todos os cantos*. Tenho longa experiência dessas coisas. Vasculhamos o edifício inteiro, quarto por quarto, dedicando as noites de toda uma semana a cada um deles. Examinamos, primeiro, os móveis de cada aposento. Abrimos todas as gavetas possíveis, e presumo que os senhores saibam que, para um agente de polícia devidamente habilitado, não existem gavetas *secretas*. Seria um bobalhão aquele que permitisse que uma gaveta "secreta" escapasse à sua observação numa pesquisa como essa. A coisa é *demasiado* simples. Há um certo tamanho — um certo espaço — que se deve levar em conta em cada escrivaninha. Além disso, dispomos de regras precisas. Nem a qüinquagésima parte de uma linha nos passaria despercebida. Depois das mesas de trabalho, examinamos as cadeiras. As almofadas foram submetidas ao teste das agulhas. que os senhores já me viram empregar. Removemos a parte superior das mesas.

— Para quê?

— As vezes, a parte superior de uma mesa, ou de outro móvel semelhante, é removida pela pessoa que deseja ocultar um objeto; depois, a perna é escavada, o objeto depositado dentro da cavidade e a parte superior recolocada em seu lugar. Os pés e a parte superior das colunas das camas são utilizados para o mesmo fim.

— Mas não se poderia descobrir a parte oca por meio de som? — perguntei.

— De modo algum, se quando o objeto lá colocado for envolto por algodão. Além disso, em nosso caso, somos obrigados a agir sem fazer barulho.

— Mas o senhor não poderia ter removido. . . não poderia ter examinado, peça por peça, *todos* os móveis em que teria sido possível ocultar alguma coisa da maneira a que se referiu. Uma carta pode ser transformada em minúscula espiral, não muito diferente, em forma e em volume, de uma agulha grande de costura e, desse modo, pode ser introduzida na travessa de uma cadeira, por exemplo. Naturalmente, o senhor não desmontou todas as cadeiras, não é verdade?

— Claro que não. Mas fizemos melhor: examinamos as travessas de todas as cadeiras existentes no hotel e, também, as juntas de toda a espécie de móveis. Fizemo-lo com a ajuda de poderoso microscópio. Se houvesse sinais de alterações recentes, não teríamos deixado de notar imediatamente. Um simples grão de pó de verruma, por exemplo, teria sido tão evidente como uma maçã. Qualquer alteração na cola — qualquer coisa pouco comum nas junturas — seria o bastante para chamar-nos a atenção.

— Presumo que examinaram os espelhos, entre as tábuas e os vidros, bem como as camas, as roupas de cama, as cortinas e os tapetes.

— Naturalmente! E, depois de examinar desse modo, com a máxima minuciosidade, todos os móveis, passamos a examinar a própria casa. Dividimos toda a sua superfície em compartimentos, que eram por nós numerados, a fim de que nenhum pudesse ser esquecido. Depois, vasculhamos os aposentos palmo a palmo, inclusive as duas casas contíguas. E isso com a ajuda do microscópio, como antes.

— As duas casas contíguas?! — exclamei. — Devem ter tido muito trabalho!

— Tivemos. Mas a recompensa oferecida é, como já disse, muito grande.

— Incluíram também os *terrenos* dessas casas?

— Todos os terrenos são revestidos de tijolos. Deram-nos, relativamente, pouco trabalho. Examinamos o musgo existente entre os tijolos, verificamos que não havia nenhuma alteração.

— Naturalmente, olharam também os papéis de D. . . E os livros da biblioteca?

— Sem dúvida. Abrimos todos os pacotes e embrulhos, e não só abrimos todos os volumes, mas os folheamos página por página, sem que nos contentássemos com uma simples sacudida, como é hábito entre alguns de nossos policiais. Medimos também a espessura de cada encadernação, submetendo cada uma delas ao mais escrupuloso exame microscópico. Se qualquer encadernação apresentasse sinais de que havia sofrido alteração recente, tal fato não nos passaria despercebido. Quanto a uns cinco ou seis volumes, recém-chegados das mãos do encadernador, foram por nós cuidadosamente examinados, em sentido longitudinal, por meio de agulha.

— Verificaram os assoalhos, embaixo dos tapetes?

— Sem dúvida. Tiramos todos os tapetes e examinamos as tábuas do assoalho com o microscópio.

— E o papel das paredes?

— Também.

— Deram uma busca no porão?

— Demos.

— Então — disse eu — os senhores se enganaram, pois a carta *não está* na casa, como o senhor supõe.

— Temo que o senhor tenha razão quanto a isso, concordou o delegado. E agora Dupin, que é que aconselharia fazer?

— Uma nova e completa investigação na casa.

— Isso é inteiramente inútil — replicou G. . . — Não estou tão certo de que respiro como de que a carta não está no hotel.

— Não tenho melhor conselho para dar-lhe — disse Dupin. — O senhor, naturalmente, possui uma descrição precisa da carta, não e assim?

— Certamente!

E, aqui, tirando do bolso um memorando, o delegado de polícia pôs-se a ler, em voz alta, uma descrição minuciosa do aspecto interno e, principalmente, externo do documento roubado. Logo depois de terminar a leitura, partiu muito mais deprimido do que eu jamais o vira antes.

Decorrido cerca de um mês, fez-nos outra visita, e encontrou-nos entregues à mesma ocupação que na vez anterior. Apanhou um cachimbo e uma poltrona e passou a conversar sobre assuntos corriqueiros. Por fim, perguntei:

— Então, Monsieur G. . . , que nos diz da carta roubada? Suponho que se convenceu, afinal, de que não é coisa simples ser mais astuto que o ministro.

— Que o diabo carregue o ministro! — exclamou.

Sim, realizei, apesar de tudo, um novo exame, como Dupin sugeriu. Mas trabalho perdido, como eu sabia que seria.

— Qual foi a recompensa oferecida, a que se referiu? — indagou Dupin.

— Ora, uma recompensa muito grande . . . *muito* generosa. . . Mas não me agrada dizer quanto, precisamente. *Direi,* no entanto, que não me importaria de dar, de meu cheque cinqüenta mil francos a quem conseguisse obter essa carta. A verdade é que ela se torna, a cada dia que passa, mais importante. . . e a recompensa foi, ultimamente, dobrada. Mas, mesmo que fosse triplicada, eu não poderia fazer mais do que já fiz.

— Pois sim — disse Dupin, arrastando as palavras, entre as baforadas de seu cachimbo de espuma —, realmente. Parece-me. . . no entanto. . . G. . . que não se esforçou ao máximo quanto a este assunto. . . Creio que poderia fazer um pouco mais, bem?

— Como? De que maneira?

— Ora (baforada), poderia (baforada) fazer uma consulta sobre este assunto, hein? (baforada). Lembra-se da história que se conta a respeito de Abernethy?

— Não. Que vá para o diabo Abernethy!

— Sim, que vá para o diabo e seja bem recebido! Mas, certa vez, um avarento rico concebeu a idéia de obter de graça uma consulta de Ahernethy. Com tal fim, durante uma conversa entre um grupo de amigos, insinuou o seu caso ao médico, como se se tratasse do caso de um indivíduo imaginário.

— "Suponhamos" — disse o avaro — que seus sintomas sejam tais e tais. Nesse caso, que é que o doutor lhe aconselharia tomar?"

— "Tomar! Aconselharia, claro, que tomasse um conselho."

— Mas — disse o delegado, um tanto desconcertado — estou inteiramente disposto a ouvir um conselho e a pagar por ele. Daria, *realmente,* cinqüenta mil francos a quem quer que me ajudasse nesse assunto.

— Nesse caso — respondeu Dupin, abrindo uma gaveta e retirando um livro de cheques — pode encher um cheque nessa quantia. Quando o houver assinado, eu lhe entregarei a carta.

Fiquei perplexo. O delegado parecia fulminado por um raio. Durante alguns minutos, permaneceu mudo e imóvel, olhando, incrédulo e boquiaberto, o meu amigo, com os olhos quase a saltar-lhe das órbitas. Depois, parecendo voltar, de certo modo, a si, apanhou uma

caneta e, após várias pausas e olhares vagos, preencheu, finalmente, um cheque de cinqüenta mil francos, entregando-o, por cima da mesa, a Dupin. Este o examinou cuidadosamente e o colocou na carteira; depois, abrindo uma escrivaninha, tirou dela uma carta e entregou-a ao delegado de polícia. O funcionário apanhou-a tomado como que de um espasmo de alegria. abriu-a com mãos trêmulas, lançou rápido olhar ao seu conteúdo e, depois, agarrando a porta e lutando por abri-la, precipitou-se, por fim, sem a menor cerimônia, para fora do apartamento e da casa, sem proferir uma única palavra desde o momento em que Dupin lhe pediu para preencher o cheque.

Depois de sua partida, meu amigo entrou em algumas explicações.

— A polícia parisiense — disse ele — é extremamente hábil á sua maneira. Seus agentes são perseverantes, engenhosos, astutos e perfeitamente versados nos conhecimentos que seus deveres parecem exigir de modo especial. Assim, quando G . . . nos contou, pormenorizadamente, a maneira pela qual realizou suas pesquisas no Hotel D . . ., não tive dúvida de que efetuara uma investigação satisfatória . . . até o ponto a que chegou o seu trabalho.

— Até o ponto a que chegou o seu trabalho? — perguntei.

— Sim — respondeu Dupin. — As medidas adotadas não foram apenas as melhores que poderiam ser tomadas, mas realizadas com absoluta perfeição. Se a carta estivesse depositada dentro do raio de suas investigações, esses rapazes, sem dúvida, a teriam encontrado.

Ri, simplesmente — mas ele parecia haver dito tudo aquilo com a máxima seriedade.

— As medidas, pois — prosseguiu —, eram boas em seu gênero, e foram bem executadas: seu defeito residia em serem inaplicáveis ao caso e ao homem em questão. Um certo conjunto de recursos altamente engenhosos é, para o delegado, uma espécie de leito de Procusto, ao qual procura adaptar à força todos os seus planos. Mas, no caso em apreço, cometeu uma série de erros, por ser demasiado profundo ou demasiado superficial, e muitos colegiais raciocinam melhor do que ele. Conheci um garotinho de oito anos cujo êxito como adivinhador, no jogo de "par ou ímpar", despertava a admiração de todos. Este jogo é simples e se joga com bolinhas de vidro. Um dos participantes fecha na mão algumas bolinhas e pergunta ao outro se o número é par ou ímpar. Se o companheiro acerta, ganha uma bolinha; se erra, perde uma. O menino a que me refiro ganhou todas as bolinhas de vidro da escola. Naturalmente, tinha um sistema de adivinhação que consistia na simples observação e no cálculo da astúcia de seus oponentes. Suponhamos, por exemplo, que seu adversário fosse um bobalhão que, fechando a mão, lhe perguntasse: "Par ou ímpar?" Nosso garoto responderia "ímpar", e perderia; mas, na segunda vez, ganharia, pois diria com os seus botões: "Este bobalhão *tirou* par na primeira vez, e sua astúcia é apenas suficiente para que apresente um número ímpar na segunda vez. Direi, pois, ímpar". Diz *ímpar* e ganha. Ora, com um simplório um pouco menos tolo que o primeiro, ele teria raciocinado assim: "Este sujeito viu que, na primeira vez, eu disse ímpar e, na segunda, proporá a si mesmo, levado por um impulso a variar de ímpar para par, como fez o primeiro simplório; mas, pensando melhor**,** acha que essa variação é demasiado simples, e, finalmente, resolve-se a favor do par, como antes. Eu, por conseguinte, direi *par*". E diz *par*, e ganha. Pois bem. Esse sistema de raciocínio de nosso colegial, que seus companheiros chamavam sorte, o que era, em última análise?

— Simplesmente — respondi — uma identificação do intelecto do nosso raciocinador com o do seu oponente.

— De fato — assentiu Dupin — e, quando perguntei ao menino de que modo efetuava essa perfeita identificação, na qual residia o teu êxito, recebi a seguinte resposta:

"Quando quero saber até que ponto alguém é inteligente, estúpido, bom ou mau, ou quais são os seus pensamentos no momento, modelo a expressão de meu rosto, tão exatamente quanto possível, de acordo com a expressão da referida pessoa e, depois, espero para ver quais os

sentimentos ou pensamentos que surgem em meu cérebro ou em meu coração, para combinar ou corresponder à expressão". Essa resposta do pequeno colegial supera em muito toda a profundidade espúria atribuída a Rochefoucauld, La Bougive, Maquiavel e Campanella.

— E a identificação — acrescentei — do intelecto do raciocinador com o de seu oponente depende, se é que o compreendo bem, da exatidão com que o intelecto deste último é medido.

— Em sua avaliação prática, depende disso — confirmou Dupin. — E, se o delegado e toda a sua corte têm cometido tantos enganos, isso se deve, primeiro, a uma falha nessa identificação e, segundo, a uma apreciação inexata, ou melhor, a uma não apreciação da inteligência daqueles com quem se metem. Consideram engenhosas apenas as suas próprias *idéias* e, ao procurar alguma coisa que se ache escondida, não pensam senão nos meios que eles próprios teriam empregado para escondê-la. Estão certos apenas num ponto: naquele em que sua engenhosidade representa fielmente a da *massa*; mas, quando a astúcia do mal-feitor é diferente da deles, o malfeitor, naturalmente, os engana. Isso sempre acontece quando a astúcia deste último está acima da deles e, muito freqüentemente, quando está abaixo. Não variam seu sistema de investigação; na melhor das hipóteses, quando são instigados por algum caso insólito, ou por alguma recompensa extraordinária, ampliam ou exageram os seus modos de agir habituais, sem que se afastem, no entanto, de seus princípios. No caso de D. . ., por exemplo, que fizeram para mudar sua maneira de agir? Que são todas essas perfurações, essas buscas, essas sondagens, esses exames de microscópio, essa divisão da superfície do edifício em polegadas quadradas, devidamente anotadas? Que é tudo isso senão exagero *na aplicação* de um desses princípios de investigação baseados sobre uma ordem de idéias referentes à esperteza humana, à qual o delegado se habituou durante os longos anos de exercício de suas funções? Não vê você que ele considera como coisa assente o fato de que *todos* os homens que procuram esconder uma carta utilizam, se não precisamente um orifício feito a verruma na perna de uma cadeira, pelo menos *alguma* cavidade, algum canto escuro sugerido pela mesma ordem de idéias que levaria um homem a furar a perna de uma cadeira? E não vê também que tais esconderijos tão *recherchés* só são empregados em ocasiões ordinárias e por inteligências comuns? Porque, em todos os casos de objetos escondidos, essa maneira *recherché* de ocultar-se um objeto é, desde o primeiro momento, presumível e presumida — e, assim, sua descoberta não depende, de modo algum, da perspicácia, mas sim do simples cuidado, da paciência e da determinação dos que procuram. Mas, quando se trata de um caso importante — ou de um caso que, pela recompensa oferecida, seja assim encarado pela polícia — *jamais* essas qualidades deixaram de ser postas em ação. Você compreenderá, agora, o que eu queria dizer ao afirmar que, se a carta roubada tivesse sido escondida dentro do raio de investigação do nosso delegado — ou, em outras palavras, se o princípio inspirador estivesse compreendido nos princípios do delegado —, sua descoberta seria uma questão inteiramente fora de dúvida. Este funcionário, porém, se enganou por completo, e a fonte remota de seu fracasso reside na suposição de que o ministro é um idiota, pois adquiriu renome de poeta. Segundo o delegado, todos os poetas são idiotas — e, neste caso, ele é apenas culpado de uma *non distributio medii,* ao inferir que todos os poetas são idiotas.

— Mas ele é realmente poeta? — perguntei. — Sei que são dois irmãos, e que ambos adquiriram renome nas letras. O ministro, creio eu, escreveu eruditamente sobre o cálculo diferencial. É um matemático, e não um poeta.

— Você está enganado. Conheço-o bem. E ambas as coisas. Como poeta e matemático, raciocinaria bem; como mero matemático, não raciocinaria de modo algum, e ficaria, assim, à mercê do delegado.

— Você me surpreende — respondi — com essas opiniões, que têm sido desmentidas pela voz do mundo. Naturalmente, não quererá destruir, de um golpe, idéias amadurecidas durante

tantos séculos. A razão matemática é há muito considerada como a razão *par excellence.*

— "Il y a à parier" — replicou Dupin, citando Chamfort — *"que toute idée publique, toute convention reçue, est une sottise, car elle a convenu au plus grande nombre."* Os matemáticos, concordo, fizeram tudo o que lhes foi possível para propagar o erro popular a que você alude, e que, por ter sido promulgado como verdade, não deixa de ser erro. Como uma arte digna de melhor causa, ensinaram-nos a aplicar o termo "análise" às operações algébricas. Os franceses são os culpados originários desse engano particular, mas, se um termo possui alguma importância — se as palavras derivam seu valor de sua aplicabilidade —, então *análise* poderá significar *algebra,* do mesmo modo que, em latim, *ambitus* significa *ambição, religio, religião,* ou *homines honesti* um grupo de *homens honrados.*

— Vejo que você vai entrar em choque com alguns algebristas de Paris — disse-lhe eu. — Mas prossiga.

— Impugno a validez e, por conseguinte, o valor de uma razão cultivada por meio de qualquer forma especial que não seja a lógica abstrata. Impugno, de modo particular, o raciocínio produzido pelo estudo das matemáticas. As matemáticas são a ciência da forma e da quantidade; o raciocínio matemático não é mais do que a simples lógica aplicada à observação da forma e da quantidade. O grande erro consiste em supor-se que até mesmo as verdades daquilo que se chama álgebra *pura* são verdades abstratas ou gerais. E esse erro é tão grande, que fico perplexo diante da unanimidade com que foi recebido. Os axiomas matemáticos *não* são axiomas de uma verdade geral. O que é verdade com respeito à *relação* — de forma ou quantidade — é, com freqüência grandemente falso quanto ao que respeita à moral, por exemplo. Nesta última ciência, não é, com freqüência, verdade que a soma das partes seja igual ao todo. Na química, também falha o axioma. Na apreciação da força motriz, também falha, visto que dois motores, cada qual de determinada potência, não possuem necessariamente, quando associados, uma potência igual à soma de suas duas potências tornadas separadamente. Há numerosas outras verdades matemáticas que são somente verdades dentro dos limites da relação. Mas o matemático argumenta, por hábito, partindo de suas *verdades finitas,* como se estas fossem de uma aplicabilidade absoluta e geral — como o mundo, na verdade, imagina que sejam. Bryant, em sua eruditíssima *Mitologia,* refere-se a uma fonte análoga de erro, ao dizer que, "embora ninguém acredite nas fábulas do paganismo, nós, com freqüência, esquecemos isso, até o ponto de fazer inferência partindo delas, como se fossem realidades vivas". Entre os algebristas, porém, que são, também eles, pagãos as "fábulas pagãs" merecem crédito, e tais inferências são feitas não tanto devido a lapsos de memória, mas devido a um incompreensível transtorno em seus cérebros. Em suma, não encontrei jamais um matemático puro cm quem pudesse ter confiança, fora de suas raízes e de suas equações; não conheci um único sequer que não tivesse como artigo de fé que $x^2 + px$ é absoluta e incondicionalmente igual a q. Se quiser fazer uma experiência, diga a um desses senhores que você acredita que possa haver casos em que $x^2 + px$ não seja absolutamente igual a q, e, logo depois de ter-lhe feito compreender o que você quer dizer com isso, fuja de suas vistas o mais rapidamente possível, pois ele, sem dúvida, procurará dar-lhe uma surra.

— O que quero dizer — continuou Dupin, enquanto eu não fazia senão rir-me destas últimas observações — é que, se o ministro não fosse mais do que um matemático, o delegado de polícia não teria tido necessidade de dar-me este cheque. Eu o conhecia, porém, como matemático e poeta, e adaptei a essa sua capacidade as medidas por mim tomadas, levando em conta as circunstâncias em que ele se achava colocado. Conhecia-o, também, não só como homem da corte, mas, ainda, como intrigante ousado. Tal homem, pensei, não poderia ignorar a maneira habitual de agir da polícia. Devia ter previsto — e os acontecimentos demonstraram que, de fato, previra — os assédios disfarçados a que estaria sujeito. Devia também ter previsto, refleti, as investigações secretas efetuadas em seu aparta-

mento. Suas freqüentes ausências de casa, à noite, consideradas pelo delegado de polícia como coisa que viria contribuir, sem dúvida, para o êxito de sua empresa, eu as encarei apenas como astúcia, para que a polícia tivesse oportunidade de realizar urna busca completa em seu apartamento e convencer-se, o mais cedo possível, como de fato aconteceu, de que a carta não estava lá. Pareceu-me, também, que toda essa série de idéias referentes aos princípios invariáveis da ação policial nos casos de objetos escondidos, e que tive certa dificuldade, há pouco, para explicar-lhe, pareceu-me que toda essa série de idéias deveria, necessariamente, ter passado pelo espírito do ministro. Isso o levaria, imperativamente. a desdenhar todos os *esconderijos* habituais. Não poderia ser tão ingênuo que deixasse de ver que os lugares mais intrincados e remotos de seu hotel seriam tão visíveis como um armário para os olhos, as pesquisas, as verrumas e os microscópios do delegado. Percebi, em suma, que ele seria levado, instintivamente, a agir com *simplicidade,* se não fosse conduzido a isso por simples deliberação. Você talvez se recorde com que gargalhadas desesperadas o delegado acolheu, em nossa primeira entrevista, a minha sugestão de que era bem possível que esse mistério o perturbasse tanto devido ao fato de ser *demasiado* evidente.

— Sim, lembro-me bem de como ele se divertiu. Pensei mesmo que ele iria ter convulsões de tanto rir.

— O mundo material — prosseguiu Dupin — contém muitas analogias estritas com o imaterial e, desse modo, um certo matiz de verdade foi dado ao dogma retórico, a fim de que a metáfora, ou símile, pudesse dar vigor a um argumento, bem como embelezar uma descrição. O princípio da *vis inertiae,* por exemplo, parece ser idêntico tanto na física como na metafísica. Não é menos certo quanto ao que se refere à primeira, que um corpo volumoso se põe em movimento com mais dificuldade do que um pequeno, e que o seu *momentum* subseqüente está em proporção com essa dificuldade, e que, quanto à segunda, os intelectos de maior capacidade, conquanto mais potentes, mais constantes e mais acidentados em seus movimentos do que os de grau inferior, são, não obstante, mais lentos, mais embaraçados e cheios de hesitação ao iniciar seus passos. Mais ainda: você já notou quais são os anúncios, nas portas das lojas, que mais atraem a atenção?

— Jamais pensei no assunto — respondi.

— Há um jogo de enigmas — replicou ele — que se faz sobre um mapa. Um dos jogadores pede ao outro que encontre determinada palavra — um nome de cidade, rio, Estado ou império —, qualquer palavra, em suma, compreendida na extensão variegada e intrincada do mapa. Um novato no jogo geralmente procura embaraçar seus adversários indicando nomes impressos com as letras menores; mas os acostumados ao jogo escolhem palavras que se estendem, em caracteres grandes, de um lado a outro do mapa. Estes últimos, como acontece com os cartazes excessivamente grandes existentes nas ruas, escapam à observação justamente por serem demasiado evidentes, e aqui o esquecimento material é precisamente análogo à desatenção moral que faz com que o intelecto deixe passar despercebidas considerações demasiado palpáveis, demasiado patentes. Mas esse é um ponto, ao que parece, que fica um tanto acima ou um pouco abaixo da compreensão do delegado. Ele jantais achou provável, ou possível, que o ministro houvesse depositado a carta bem debaixo do nariz de toda a gente a fim de evitar que alguma daquela gente a descobrisse.

— Mas, quanto mais refletia eu sobre a temerária, arrojada e brilhante idéia de D. . . pensando no fato de que ele devia ter sempre esse documento à mão, se é que pretendia empregá-lo com êxito e, ainda, na evidência decisiva conseguida pelo delegado de que a carta não se achava escondida dentro dos limites de uma investigação ordinária, tanto mais me convencia de que, para ocultá-la, o ministro lançara mão do compreensível e sagaz expediente de não tentar escondê-la de modo algum.

"Convencido disso, muni-me de óculos verdes e, uma bela manhã, como se o fizesse por simples acaso, procurei o ministro em seu apartamento. Encontrei D. . . em casa, bocejando,

vadiando e perdendo tempo como sempre, e pretendendo estar tomado do mais profundo *ennui*. Ele é, talvez, o homem mais enérgico que existe, mas isso unicamente quando ninguém o vê.

"Para estar de acordo com o seu estado de espírito, queixei-me de minha vista fraca e lamentei a necessidade de usar óculos, através dos quais examinava, com a máxima atenção e minuciosidade, o apartamento, enquanto fingia estar atento unicamente á conversa.

"Prestei atenção especial a uma ampla mesa, junto à qual ele estava sentado e onde se viam, em confusão, várias cartas e outros papéis bem como um ou dois instrumentos musicais e alguns livros. Depois de longo e meticuloso exame, vi que ali nada existia que despertasse, particularmente, qualquer suspeita.

"Por fim, meus olhos, ao percorrer o aposento, depararam com um vistoso porta-cartas de papelão filigranado, dependurado de uma desbotada fita azul, presa bem nomeio do consolo da lareira. Nesse porta-cartas, que tinha três ou quatro divisões, havia cinco ou seis cartões de visita e uma carta solitária. Esta última estava muito suja e amarrotada e quase rasgada ao meio, come se alguém, num primeiro impulso, houvesse pensado em inutilizá-la como coisa sem importância, mas, depois, mudado de opinião. Tinha um grande selo negro, com a inicial "D" bastante visível, e era endereçada, numa letra diminuta e feminina, ao próprio ministro. Estava enfiada, de maneira descuidada e, ao que parecia, até mesmo desdenhosa, numa das divisões superiores do porta-cartas.

"Mal lancei os olhos sobre a carta, concluí que era aquela que eu procurava. Era, na verdade, sob todos os aspectos, radicalmente diferente da que o delegado nos descrevera de maneira tão minuciosa. Na que ali estava. o selo era negro e a inicial um "D" na carta roubada, o selo era vermelho e tinha as armas ducais da família S...

Aqui, o endereço do ministro fora traçado com letra feminina muito pequena; na outra, o sobrescrito, dirigido a certa personalidade real, era acentuadamente ousado e incisivo. Somente no tamanho havia uma certa correspondência. Mas, por outro lado, a grande *diferença* entre ambas as cartas, a sujeira, o papel manchado e rasgado, tão em desacordo com os *verdadeiros* hábitos de D. . ., e que revelavam o propósito de dar a quem a visse a idéia de que se tratava de um documento sem valor, tudo isso, aliado á colocação bem visível do documento, que o punha diante dos olhos de qualquer visitante, ajustando-se perfeitamente às minhas conclusões anteriores, tudo isso, repito, corroborava decididamente as suspeitas de alguém que, como eu, para lá me dirigira com a intenção de suspeitar.

"Prolonguei minha visita tanto quanto possível e, enquanto mantinha animada conversa com o ministro, sobre um tema que sabia não deixara jamais de interessá-lo e entusiasmá-lo, conservei a atenção presa á carta. Durante esse exame, guardei na memória o aspecto exterior e a disposição dos papéis no porta-cartas, chegando, por fim, a uma descoberta que dissipou por completo qualquer dúvida que eu ainda pudesse ter. Ao observar atentamente as bordas do papel, verifiquei que as mesmas estavam mais estragadas do que parecia necessário, Apresentavam o aspecto *irregular* que se nota quando um papel duro, depois de haver sido dobrado e prensado numa dobradeira, é dobrado novamente em sentido contrário, embora isso seja feito sobre as mesmas dobras que constituíam o seu formato anterior. Bastou-me essa descoberta. Era evidente para mim que a carta fora dobrada ao contrário, como uma luva que se vira no avesso, sobrescrita de novo e novamente lacrada. Despedi-me do ministro e sai incontinente, deixando uma tabaqueira de ouro sobre a mesa.

"Na manhã seguinte, voltei à procura de minha tabaqueira, ocasião em que reiniciamos, com bastante vivacidade, a conversa do dia anterior. Enquanto palestrávamos, ouvimos forte detonação de arma de fogo bem defronte do Hotel, seguida de uma série de gritos horríveis e do vozerio de uma multidão. D. . . precipitou-se em direção da janela, abriu-a e olhou para baixo. Entrementes, aproximei-me do porta-cartas, apanhei o documento, meti-o no bolso e o substituí por um fac-símile (quanto ao que se referia ao aspecto exterior) preparado

cuidadosamente em minha casa, imitando facilmente a inicial "D" por meio de um elo feito de miolo de pão.

"O alvoroço que se verificara na rua fora causado pelo procedimento insensato de um homem armado de mosquete. Disparara-o entre uma multidão de mulheres e crianças. Mas, como a arma não estava carregada senão com pólvora seca, o indivíduo foi tomado por bêbado ou lunático, e permitiram-lhe que seguisse seu caminho. Depois que o homem se foi, D. . .retirou-se da janela da qual eu também me aproximara logo após conseguir a carta. Decorrido um instante, despedi-me dele. O pretenso lunático era um homem que estava a meu serviço."

— Mas o que pretendia você — perguntei — ao substituir a carta por um fac-símile? Não teria sido melhor, logo na primeira visita, tê-la apanhado de uma vez e ido embora?

— D. . . — respondeu Dupin — é homem decidido de grande coragem. Além disso, existem, em seu hotel, criados fiéis aos seus interesses. Tivesse eu feito o que você sugere, talvez não conseguisse sair vivo de sua presença "ministerial". A boa gente de Paris não ouviria mais notícias minhas. Mas, à parte estas considerações, eu tinha um fim em vista. Você sabe quais são minhas simpatias políticas. Nesse assunto, ajo como partidário da senhora em apreço. Durante dezoito meses, o ministro a teve à sua mercê. Agora, é ela quem o tem a ele, já que ele ignora que a carta já não está em seu poder e continuará a agir como se ainda a possuísse. Desse modo, encaminha-se, inevitavelmente, sem o saber, rumo à sua própria ruína política. Sua queda será tão precipitada quanto desastrada. Está bem que se fale do *facilis descensus Averni,* mas em toda a espécie de ascenção, como dizia Catalani em seus cantos, é muito mais fácil subir que descer. No presente caso, não tenho simpatia alguma — e nem sequer piedade — por aquele que desce. És esse *monstrum horrendum* — o homem genial sem princípios. Confesso, porém, que gostaria de conhecer o caráter exato de seus pensamentos quando, ao ser desafiado por aquela a quem o delegado se refere como "uma certa pessoa", resolva abrir o papel que deixei em seu porta-cartas.

— Como! Você colocou lá alguma coisa particular?

— Ora, não seria inteiramente correto deixar o interior em branco. . . Seria uma ofensa. Certa vez, em Viena, D. . . me pregou uma peça, e eu lhe disse, bem-humorado, que não me esqueceria daquilo. De modo que, como sabia que ele iria sentir certa curiosidade sobre a identidade da pessoa que o sobrepujara em astúcia, achei que seria uma pena deixar de dar-lhe um indício. Ele conhece bem minha letra e, assim, apenas copiei, no meio da tolha em branco, o seguinte:

... un dessein si funeste,

s'il n'est digne d'Artrée, est digne de Thyest.

São palavras que podem ser encontradas em *Ar trée,* de Crébillon.

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA – CONTOS DE TERROR, MISTÉRIO E MORTE

A MÁSCARA DA MORTE RUBRA

DURANTE muito tempo devastara a "Morte Rubra" aquele país. Jamais se vira peste tão fatal e tão terrível. O sangue era a sua encarnação e o seu sinete: a vermelhidão e o horror do sangue. Aparecia com agudas dores e súbitas vertigens, seguindo-se profusa sangueira pelos poros e a decomposição. Manchas escarlates no corpo e sobretudo no rosto da vítima eram o anátema da peste, que a privava do auxílio e da simpatia de seus semelhantes. E toda a erupção progresso e término da doença não duravam mais de meia hora.

Mas o Príncipe Próspero era feliz, destemido e sagaz. Quando seus domínios se viram despovoados da metade de seus habitantes mandou chamar à sua presença um milheiro de amigos sadios e joviais dentre os cavalheiros e damas de sua corte, retirando-se com eles, em total reclusão, para uma de suas abadias fortificadas. Era um edifício vasto e magnífico, criação de príncipes de gosto excêntrico, embora majestoso. Cercava-o forte e elevada muralha com portas de ferro. Logo que entraram, os cortesãos trouxeram fornos e pesados martelos para rebitar os ferrolhos. Tinham resolvido não proporcionar meios de entrada ou saída aos súbitos impulsos de desespero dos de fora ou ao frenesi dos de dentro.

A abadia estava fartamente provida. Com tais precauções, podiam os cortesãos desafiar o contágio. Que o mundo exterior se arranjasse por si. Enquanto isso, de nada valia nele pensar, ou afligir por sua causa. Providenciara o príncipe para que não faltassem diversões. Havia jograis, improvisadores, bailarinos. músicos. Havia beleza e havia vinho. Lá dentro, tudo isso e segurança. Lá fora a "Morte Rubra".Foi quase ao término do quinto ou sexto mês de sua reclusão enquanto a peste raivava mais furiosamente lá fora, que o Príncipe Próspero ofereceu a seus mil amigos um baile de máscaras da mais extraordinária magnificência.

Que voluptuosa cena a daquela mascarada! Mas antes descrevamos os salões em que ela se desenrolava. Era uma série imperial de sete salões. Em muitos palácios, contudo, tais sucessões de salas formavam uma longa e reta perspectiva quando as portas se abrem de par em par não havendo quase obstáculo à perfeita visão de todo o conjunto . Aqui, o caso era bastante diverso, coisa aliás de esperar do amor do duque pelo fantástico. Os aposentos estavam tão irregularmente dispostos que a visão abrangia pouco mais de um de cada vez. De vinte ou de trinta em trinta jardas havia uma curva aguda e, a cada curva, uma nova impressão.A direita e à esquerda, no meio de cada parede, uma enorme e estreita janela gótica abria-se para um corredor fechado que acompanhava as voltas do conjunto. Essas janelas eram providas de vitrais, variava de acordo com o tom dominante das decorações do aposento para onde se abriam. O da extremidade oriental, por exemplo era azul, e de azul vivo eram suas janelas. O segundo tinha ornamentos e tapeçarias

purpúreos, e purpúreas eram as vidraças. O terceiro era todo verde, e verdes eram também as esquadrias das janelas. O quarto estava mobiliado e iluminado com laranjada. O quinto era branco, e o sexto, roxo. O sétimo o estava totalmente coberto de tapeçarias de veludo preto, que pendiam do teto e pelas paredes, caindo em pesadas dobras um tapete do mesmo material e da mesma cor. Mas somente nesta sala a cor das janelas não correspondia à das decorações. As vidraças ali, eram escarlates, da cor de sangue vivo.

Ora, em nenhum daqueles sete salões havia qualquer lâmpada ou candelabro em meio à profusão de ornamentos dourados que se espalhavam por todos os cantos ou pendiam do forro. Luz de espécie alguma emanava de lâmpada ou vela, dentro da série de salas. Mas, nos corredores que acompanhavam a perspectiva, erguia-se em frente de cada janela, uma pesada trípode com um braseiro que projetava seus raios pelos vitrais coloridos e assim iluminava deslumbrantemente a sala, produzindo numerosos aspectos vistosos e fantásticos. Na sala negra, porém, o efeito do clarão dava sobre as negras cortinas, através das vidraças tintas de .sangue, era extremamente lívido e dava uma aparência tão estranha às fisionomias dos que entravam que poucos eram os bastante ousados para nela penetrar.

Era também nesse salão que se erguia, encostado à parede que dava para oeste, um gigantesco relógio de ébano. O pêndulo oscilava para lá e para cá, com um tique-taque vagaroso, pesado, monótono. E quando o ponteiro dos minutos concluía o circuito do mostrador e a hora ia soar, emanava dos pulmões de bronze do relógio um som claro, elevado, agudo e excessivamente musical, enfático e característico que, de hora em hora, os músicos da orquestra viam-se forçados a parar por instantes a execução da musica para ouvir-lhe o som: e dessa forma, obrigatoriamente, cessavam os dançarinos suas evoluções e toda a alegre companhia sentia-se por instantes, perturbada. E enquanto os carrilhões do relógio ainda soavam, observava-se que os mais alegres tornavam-se pálidos e os mais idosos e serenos passavam as mãos pela fronte, como se em confuso devaneio ou meditação. Mas quando os ecos cessavam por completo, leves risadas imediatamente contagiavam a reunião; os músicos olhavam uns para os outros e sorriam de seu próprio nervoso e loucura, fazendo votos sussurrados, uns aos outros para que o próximo carrilhoar do relógio não produzisse idêntica emoção. E, no entanto, passados os sessenta minutos (que abarcam três mil e seiscentos segundos do Tempo que voa), ou de novo outro carrilhoar do relógio, e de novo se viam a mesma perturbação, o mesmo tremor, as mesmas atitudes meditativas a despeito, porém, de tudo isso, que esplêndida e magnífica folia.

O duque tinha gostos característicos. Sabia escolher cores e efeitos. Desprezava os ornamentos apenas em moda. Seus desenhos muito audazes e vivos, e suas concepções esplendiam com um lustre bárbaro. Muita gente o julgava louco. Mas seus cortesãos achavam que não. Era preciso ouvi-lo, vê-lo e tocá-lo, para se estar certo que ele não o era.

Por ocasião dessa grande festa, dirigira ele próprio, em grande parte, os mutáveis adornos dos sete salões e fora o seu próprio gosto orientador que escolhera as fantasias. Mas não havia dúvidas de que eram grotescas. Havia muito brilho, muito esplendor, na coisa berrante e fantástica - muito disso que depois se viu no Hernani. Havia formas arabescas, com membros e adornos desproporcionados.

Havia concepções delirantes, como criações de louco; havia muito de belo e muito de atrevido, de esquisito, algo de terrível e pouco do que poderia causar aversão. Na realidade, uma multidão de sonhos deslizava para lá e para cá nas sete salas. E estes sonhos giravam de um canto para outro, tomando a cor das salas, e fazendo a música extravagante da orquestra parecer o eco de seus passos.

Mas logo soava o relógio de ébano que se erguia na parede de veludo. E então, durante um instante, tudo parava e tudo silenciava exceto a voz do relógio. Os sonhos paravam, como que gelados. Os ecos do carrilhão, porém, morriam - haviam durado apenas um instante -, e uma leve gargalhada, mal contida, acompanhava os ecos que morriam. E logo depois a música explodia, e os sonhos reviviam e rodopiavam mais alegremente do que dantes, tingiam da cor das janelas multicoloridas, através das quais se filtravam ,os luminosos raios das trípodes.

Mas então nenhum dos mascarados se aventurava até a sala que, entre as sete, mais ao ocidente se encontrava, porque a noite estava declinando e ali dimanava luz mais vermelha através das vidraças sangüineas, e o negrol dos panejamentos tenebrosos apavorava. E, para aqueles cujos pés pisavam o tapete negro, do relógio de ébano ali perto provinha rumor abafado, mais solenemente enfático do que o que alcançava os ouvidos de quem se comprazia nas alegrias dos outros aposentos mais distantes.

Mas esses outros aposentos estavam densamente apinhados e palpitava febrilmente o coração da vida. E a folia continuou a rodopiar, até que afinal o relógio começou a soar a meia-noite. E, então a música parou, como já disse; e aquietaram-se as evoluções dos dançarinos; e, como dantes, houve uma perturbadora parada de tudo. Mas agora o carrilhão do relógio teria de bater doze pancadas. E por isso aconteceu talvez que maior número de pensamentos, e mais demoradamente, se inserisse nas meditações daqueles que, entre os que se divertiam, meditavam. E por isso talvez aconteceu também que, antes de silenciarem por completo os derradeiros ecos da última pancada, muitos foram os indivíduos, em meio a multidão, que puderam certificar-se da presença de um vulto mascarado que até então não havia chamado a atenção de ninguém, tendo-se espalhado, aos cochichos, a notícia dessa nova presença elevou-se imediatamente dentre a turba um burburinho ou murmúrio que exprimia desaprovação e surpresa a princípio e, terror, horror e náusea.

Numa assembléia de fantasmas, tal como a descrevi, bem se pode supor que tal agitação não podia ter sido causada por aparência vulgar. Na verdade, a licença carnavalesca da noite quase ilimitada; mas o vulto em questão excedia o próprio Herodes em extravagância e ia além dos limites indecisos de decência exigidos pelo próprio príncipe. Há no coração dos mais levianos fibras que não podem ser tocadas sem emoção. Mesmo para os mais divertidos, para quem a vida e a morte são idênticos brinquedos assuntos com os quais não se pode brincar. Todos os presentes de fato, pareciam agora sentir profundamente que nos trajes e atitudes do estranho não havia finura nem conveniência.

Era alto e lívido, e envolvia-se, da cabeça aos pés, em mortalhas tumulares. A máscara que ocultava o rosto era tão de modo a quase representar a fisionomia de um cadáver enrijecido que a observação acurada teria dificuldade em perceber o engano. E, contudo, tudo isso poderia tolerar-se, se não mesmo aprovar-se, pelos loucos foliões, não tivesse o mascarado ido ao de figurar o tipo da "Morte Rubra". Seu traje estava salpicado de sangue, e a ampla testa, assim como toda a face, borrifada de rendas placas escarlates.

Quando os olhos do Príncipe Próspero caíram sobre aquela imagem espectral (que, em movimentos lentos e solenes, como se quisesse representar mais completamente seu papel, rodopiava aqui e ali entre os dançarmos), viram-no ser tomado de convulsões, a princípio um forte tremor de pânico ou repugnância, para logo depois enrubescer-se de raiva.

-Quem ousa - perguntou ele, roucamente, aos cortesãos que o cercavam -, quem ousa insultar-nos com tão blasfema pilhéria? Agarrem-no e desmascarem-no, para podermos conhecer quem teremos de enforcar, ao amanhecer, no alto das ameias!

Ao pronunciar estas palavras achava-se o Príncipe Próspero no salão dourado e azul, do lado do poente. Elas atravessaram todas as sete salas, alta e claramente, pois o príncipe era um homem ousado e robusto e a música havia silenciado a um gesto de sua mão.

Era no salão azul que se achava o príncipe, tendo ao lado um grupo de cortesãos pálidos. Logo que ele falou, houve um leve movimento de investida por parte daquele grupo na direção do intruso que, no momento, se encontrava quase ao alcance da mão, em passadas firmes e decididas, mais se aproximava do príncipe. Mas em virtude de um indefinível terror que a todos os presentes causara o louco atrevimento do mascarado, não se achou que ousasse estender a mão para agarrá-lo. De modo que.sem impecilho, passou a uma jarda do príncipe, e, enquanto toda a assembléia, como movida por um só impulso, recuava do centro das salas para as paredes, seguiu ele seu caminho sem deter-se com os mesmos passos solenes e medidos que o haviam distinguido, do salão azul ao salão purpúreo, do púrpuro ao verde, do verde ao alaranjado, deste ao branco e até o roxo, sem que um movimento de decisão se fizesse para detê-lo.

Foi então, porém, que o Príncipe Próspero, enlouquecido de vergonha de sua própria e momentânea covardia, correu precipitadamente através das seis salas, sem que ninguém o seguisse, pois um terror mortal de todos se apossara. Brandia um punhal desembanhado e se aproximara, com rápida impetuosidade, a poucos passos do vulto que se retirava, quando este último, tendo alcançado a extremidade do salão de veludo, voltou-se subitamente e arrostou seu perseguidor. Ouviu-se um grito agudo e o punhal caiu, cintilante sobre o negro tapete, onde, logo, instantaneamente, tombou mortalmente abatido o Príncipe Próspero. Então, recorrendo a coragem selvagem do desespero, numerosos foliões lançaram-se sem demora no lúgubre aposento, e, agarrando o mascarado, cujo alto vulto permanecia ereto e imóvel dentro da sombra do relógio de ébano, pararam, arfantes de indizível pavor, ao sentir que nenhuma forma tangível se encontrava sob a mortalha e por trás da mascara cadavérica, quando as seguraram com violenta rudeza.

E foi então que reconheceram estar ali presente a "Morte Rubra". Ali penetrara, como um ladrão noturno. E um a um, foram todos os foliões, nos salões da orgia, orvalhados de sangue, morrendo na mesma posição desesperada de sua queda. E a vida do relógio de ébano se extinguiu com a do último dos foliões. E as chamas das trípodes expiraram. E o ilimitado poder da Treva, da Ruína, e da "Morte Rubra" dominou tudo.

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA – CONTOS DE TERROR, MISTÉRIO E MORTE

A QUEDA DO SOLAR DE USHER

Son coeur est un luth suspendu sitôt qu'on le touche, il resoné [seu coração é um alaúde pendurado; tão logo alguém o toca, ressoa. N.T]
DE BÉRANGER

DURANTE todo um pesado, sombrio e silente dia outonal, em que as nuvens pairavam opressivamente baixas no céu, estive eu passeando, sozinho, a cavalo, através de uma região do interior, singularmente tristonha, e afinal me encontrei, ao caírem as sombras da tarde, perto do melancólico Solar de Usber. Não sei como foi, mas ao primeiro olhar sobre o edifício invadiu-me a alma um sentimento de angústia insuportável, digo insuportável porque o sentimento não era aliviado por qualquer dessas semi-agradáveis, porque poéticas, sensações com que a mente recebe comumente até mesmo as mais cruéis imagens naturais de desolação e de terror. Contemplei o panorama em minha frente - a casa simples e os aspectos simples da paisagem da propriedade, as paredes soturnas, as janelas vazias, semelhando olhos, uns poucos canteiros de caniços e uns poucos troncos brancos de árvores mortas, com extrema depressão de alma que só posso comparar, com propriedade, a qualquer sensação terrena, lembrando os instantes após o sonho de ópio. Para quem dele desperta, a amarga recaída na vida cotidiana, o tombar do véu. Havia um enregelamento, uma tontura, uma enfermidade de coração, uma irreparável tristeza no pensamento, que nenhum incitamento da imaginação podia forçar a transformar-se em qualquer coisa de sublime.

Que era - parei para pensar - que era o que tanto me perturbava à contemplação do Solar Usher? Era um mistério inteiramente insolúvel; e eu não podia apreender as idéias sombrias que se acumulavam em mim ao meditar nisso.

Fui forçado a recair na conclusão insatisfatória de que, se há, sem dúvida, combinações de objetos muito naturais que têm o poder de assim influenciar-nos, a análise desse poder, contudo, permanece entre as considerações além de nossa argúcia. Era possível, refleti, que um mero arranjo diferente dos detalhes da paisagem, dos pormenores do quadro, fosse suficiente para modificar ou talvez aniquilar sua capacidade de produzir tristes impressões; e, demorando-me nesta idéia, dirigi o cavalo para a margem escarpada de um pantanal negro e lúgubre que reluzia parado junto ao prédio, e olhei para baixo - com um tremor ainda mais forte do que antes -, para as imagens alteradas e invertidas dos caniços cinzentos e dos lívidos troncos de árvores e das janelas semelhantes a órbitas vazias.

Não obstante isso, eu me propusera ficar algumas semanas naquela mansão de melancolia. Seu proprietário, Roderick Usher, fora um dos meus alegres companheiros de infância; mas muitos anos haviam decorrido desde o nosso último encontro. Uma carta, porém, chegara-me ultimamente, em distante região do país - uma carta dele por sua natureza estranhamente importuna, não admitia resposta que não fosse pessoal. O

manuscrito dava indícios de nervosa agitação. O signatário falava de uma aguda enfermidade física, de uma perturbação mental que o oprimia e de um ansioso desejo de ver-me, como seu melhor e, em realidade, seu único amigo pessoal, a fim de lograr, pelo carinho de minha companhia, algum alívio a seus males. A maneira pela qual tudo isso e ainda mais era dito, o aparente sentimento que seu pedido demonstrava não me deixaram lugar para hesitação; e, em conseqüência, aceitei logo o que ainda considerava um convite bastante singular.

Embora quando crianças tivéssemos sido companheiros íntimos, conhecia pouco meu amigo. Sua reserva sempre fora excessiva e constante. Sabia, contudo, que sua família, das mais antigas, se tornara notada desde tempos imemoriais por uma particular sensibilidade de temperamento, manifestando-se, através de longas eras, em muitas obras de arte exaltada e, ultimamente, evidenciando-se em repetidas ações de caridade munificente, embora discreta, assim como uma intensa paixão pelas sutilezas, talvez mesmo mais do que pelas belezas ortodoxas e facilmente reconhecíveis da ciência musical. Eu conhecia, também, o fato, muito digno de nota que do tronco da família Usher, apesar de sua nobre antiguidade, jamais brotara, em qualquer época, um ramo duradouro; em outras palavras, a família inteira só se perpetuava por descendência direta e assim permanecera sempre, com variações muito efêmeras e sem importância.

Era essa deficiência, pensava eu, enquanto a mente examinava a concordância perfeita do aspecto da propriedade com o caráter exato de seus habitantes, e enquanto especulava sobre a possível influência que aquela, no longo decorrer dos séculos, poderia ter exercido sobre estes, era essa deficiência talvez, de um ramo colateral, e a conseqüente transmissão em linha reta, de pai a filho, do nome e do patrimônio, que afinal tanto identificaram ambos, a ponto de dissolver o título original do domínio na estranha e equivoca denominação de "Solar de Usher", denominação que parecia incluir, na mente dos camponeses que a usavam, tanto a família quanto a mansão familiar.

Disse que o simples efeito de minha experiência algo pueril - a de olhar para dentro do pântano - aprofundara a primeira impressão de singularidade. Não podia haver dúvida de que a consciência do rápido aumento de minha superstição - por que não a chamaria assim? - servia principalmente para intensificar esse aumento. Tal, sabia eu de há muito, é a lei paradoxal de todos os sentimentos que têm o terror como base. E só podia ter sido por esta razão que, quando de novo ergui os olhos da imagem do edifício no para a própria casa, cresceu-me no espírito uma estranha fantasia - uma fantasia de fato tão ridícula que só a menciono para mostrar a viva força das sensações que me oprimiam.

Tanto eu forçara a imaginação que realmente acreditava que em torno da mansão e da propriedade pairava uma atmosfera característica de ambos e de seus imediatos arredores - atmosfera , que não tinha afinidade com o ar do céu, mas que se exalava das arvores apodrecidas e do muro cinzento e do lago silencioso - um vapor pestilento e misterioso, pesado, lento, fracamente visível e de cor de chumbo.

Desembaraçando o espírito do que devia ter sido um sonho examinei mais estreitamente o aspecto real do edifício. Sua feição dominante parecia ser a duma excessiva antiguidade. Fora grande o desbotamento produzido pelos séculos. Cogumelos miúdos se espalhavam por todo o exterior, pendendo das goteiras do telhado como uma fina rede emaranhada. Tudo isso, porém, estava fora de qualquer deterioração incomum. Nenhuma parte da alvenaria havia caído e parecia haver uma violenta incompatibilidade entre sua perfeita consistência de partes e o estado particular das pedras esfarinhadas. Isto me lembrava bastante a especiosa integridade desses velhos madeiramentos que durante muitos anos apodrecera em alguma adega abandonada, sem serem perturbados pelo hálito do vento exterior. Além deste índice de extensa decadência, porém dava o edifício poucos indícios de fragilidade. Talvez o olhar do observador minucioso descobrisse uma fenda mal

perceptível que estendendo-se do teto da fachada, ia descendo em ziguezague pela parede, até perder-se nas soturnas águas do lago.

Notando estas coisas, segui a cavalo por uma curta calçada que levava à casa. Um criado tomou meu cavalo e penetrei numa abóbada gótica do vestíbulo. Outro criado, a passos furtivos conduziu-me, então, em silêncio, através de muitos corredores escuros e intrincados, até o gabinete de seu patrão. Muito do que ia encontrando pelo caminho contribuía, não sabia eu como, para reforçar os sentimentos vagos de que já falei. Os objetos que me cercavam, as esculturas dos forros, as sombrias tapeçarias das paredes, a negrura de ébano dos soalhos e os fantasmagóricos troféus de armas que tilintavam à minha passagem precipitada eram coisas com as quais me familiarizara desde a infância e, conquanto não exitasse em reconhecê-las como assim familiares, espantava-me ainda verificar como não eram familiares as fantasias que essas imagens habituais faziam irromper.

Numa das escadarias encontrei o médico da família. Seu aspecto, pensei, apresentava a expressão mista da agudeza baixa e da perplexidade. Passou por mim precipitadamente e seguiu. O criado então abriu uma porta e me levou à presença do seu patrão.

O aposento em que me achei era muito amplo e elevado. As janelas eram longas, estreitas e pontudas, a uma distância tão vasta do soalho de carvalho negro que, de pé sobre este, não as poderíamos atingir. Fracos clarões de uma luz purpúrea penetravam pelos vitrais e gelosias, conseguindo tornar suficientemente distintos os objetos mais salientes em derredor; em vão, porém, o olhar lutava para alcançar os ângulos mais distantes do quarto, ou os recessos do teto esculpido e abobadado. Negras tapeçarias penduravam-se das paredes,. O mobiliário, em geral, era profuso, desconfortável, antigo e desconjuntado. Viam-se espalhados muitos livros e instrumentos musicais, mas nenhuma vivacidade conseguiam eles dar ao cenário. Senti que respirava uma atmosfera de tristeza. Um ar de melancolia acre, profunda e irremissível pairava ali, penetrando tudo.

À minha entrada, Usber ergueu-se de um sofá em que estivera deitado, ao comprido, e saudou-me com o vivo calor que em si tinha muito, pensei eu a princípio, de cordialidade constrangida, do esforço obrigatório do homem de sociedade entediado. Um olhar, porém, para seu rosto convenceu-me de sua perfeita sinceridade.

Sentamo-nos, e, por alguns momentos, enquanto ele não falou, olhei-o com um sentimento meio de dó, meio de espanto. Certamente, homem algum jamais se modificou tão terrivelmente, em período tão breve, quanto Roderick Usher! Foi com dificuldade que cheguei a admitir a identidade do fantasma à minha frente com o companheiro de minha primeira infância. Os característicos de sua face, porém, sempre haviam sido, em todos os tempos, notáveis.

Uma compleição cadavérica; um olhar amplo, líquido e luminoso, além de qualquer comparação;lábios um tanto finos e muito pálidos mas de uma curva extraordinariamente bela; nariz de delicado modelo hebraico, mas com uma amplidão de narinas incomum em tais formas; um queixo finamente modelado, denunciando, na sua falta de proeminência, a falta de energia moral; cabelos de mais tenuidade e maciez que fios de aranha; tais feições e um desenvolvimento frontal excessivo, acima das regiões das têmporas, compunham uma fisionomia que dificilmente se olvidava. E agora, pelo simples exageros dos característicos dominantes desses traços e da expressão que eles costumavam apresentar, tanto se tornara a mudança que não reconheci logo com quem falava. A lividez agora cadavérica da pele e o brilho sobrenatural do olhar, principalmente, me deixaram atônito e mesmo horrorizado. Também o cabelo sedoso crescera à vontade, sem limites; e como ele, na sua tessitura de aranhol, mais flutuava do

que caia em torno da face, eu não podia, mesmo com esforço, ligar sua aparência estranha com a simples idéia de humanidade.

Impressionou-me logo certa incoerência nas maneiras de meu amigo,certa inconsistência; e logo verifiquei que isso nascia de uma série de lutas fracas e fúteis para dominar uma perturbação habitual, uma excessiva agitação nervosa. Na verdade, eu me achava preparado para encontrar algo dessa natureza, não só pela carta dele como por certas recordações de fatos infantis e por conclusões derivadas de sua conformação fisica e temperamento especiais. Seu modo de agir era alternadamente vivo e indolente. Sua voz variava, rapidamente, de uma indecisão trêmula (quando a energia animal parecia inteiramente ausente) àquela espécie de concisão enérgica, aquela abrupta, pesada, pausada e cavernosa enunciação, àquela pronúncia carregada, equilibrada e de modulação guturalmente perfeita que se pode observar no ébrio contumaz ou no irremediável fumador de ópio durante os períodos de sua mais intensa excitação.

Foi assim que ele falou do objetivo de minha visita, de seu ansioso desejo de me ver e da consolação que esperava que eu lhe trouxesse. Passou a tratar, com alguma extensão, do que concebia ser a natureza de sua doença. Era, disse ele, um mal orgânico e de família, para o qual desesperara de achar remédio. Simples afecção nervosa - acrescentou imediatamente -, que sem dúvida passaria depressa. Desenvolvia-se numa multidão de sensações anormais. Algumas destas, como ele as detalhou, me interessaram e admiraram embora talvez para isso concorressem os termos e o modo geral de sua narrativa. Sofria muito de uma acuidade mórbida dos sentidos; só o alimento mais insípido lhe era suportável; somente podia usar vestes de determinados tecidos; eram-lhe asfixiantes os perfumes de todas as flores; mesmo uma fraca luz lhe torturava os olhos e apenas sons especiais, além dos brotados dos instrumento não lhe inspiravam horror.

Verifiquei que ele era um escravo agrilhoado a uma espécie anômala de terror.

- "Morrerei - disse ele -, devo morrer nesta loucura deplorável. Estarei perdido assim, assim e não de outra maneira. Temo os acontecimentos do futuro, não por si mesmos, mas por seus resultados. Estremeço ao pensar em algum incidente, mesmo o mais trivial, que possa influir sobre essa intolerável agitação da alma. Na verdade, não tenho horror ao perigo, exceto no seu efeito positivo: o terror. Nessa situação enervante e lastimável, sinto que chegará, mais cedo ou mais tarde, o período em que deverei abandonar, ao mesmo tempo, a vida e a razão, em alguma luta com esse fantasma lúgubre: o MEDO."

Fiquei sabendo, ademais, a intervalos e por meio de frases quebradas e equívocas, de outro traço singular de sua condição mental. Ele estava preso a certas impressões supersticiosas com relação ao prédio em que morava e de onde, por muitos anos, nunca se afastara, e com relação a uma influência cuja força hipotética era exposta em termos demasiado tenebrosos para serem aqui repetidos; influência que certas particularidades apenas de forma e de substância do seu solar familiar, através de longos sofrimentos, dizia ele, exerciam sobre seu espírito; efeito que o fisico das paredes e torreões cinzentos e do sombrio pântano em que esse conjunto se espelhava, afinal, produzira sobre o moral de sua existência.

Ele admitia, porém, embora com hesitação, que muito da melancolia peculiar que assim o afligia podia rastrear-se até uma origem mais natural e bem mais admissível: a doença severa e prolongada, a morte - aparentemente a aproximar-se de uma irmã ternamente amada, sua única companhia durante longos anos, sua última e única parenta na terra.

- "O falecimento dela - dizia ele, com amargura que nunca poderei esquecer - deixá-lo-ia (a ele, o desesperançado e frágil) como o último da antiga raça dos Ushers." Enquanto ele

falava, Lady Madeline (pois era assim chamada) passou lentamente para uma parte recuada do aposento e, sem ter notado minha presença, desapareceu.

Olhei-a com extremo espanto não destituído de medo. E contudo achava impossível dar-me conta de tais sentimentos. Uma sensação de estupor me oprimia, enquanto meus olhos acompanhavam seus passos que se afastavam. Quando afinal se fechou sobre ela uma porta, meu olhar buscou instintivamente, curiosamente, a fisionomia do irmão. Mas ele havia mergulhado a face nas mãos e apenas pude perceber que uma palidez bem maior do que a habitual se havia espalhado sobre os dedos emagrecidos, através dos quais se filtravam lágrimas apaixonadas

A doença de Lady Madeline tinha por muito tempo zombado da habilidade de seus médicos. Uma apatia fixa, um esgotamento gradual de sua pessoa e crises freqüentes, embora transitórias, de caráter parcialmente cataléptico eram os insólitos sintomas. Até ali tinha ela suportado bravamente o peso de sua doença e não quisera ir para a cama; mas, ao fim da noite de minha chegada à casa, ela sucumbiu (como me contou seu irmão, à noite, com inexprimível agitação) ao poder esmagador do flagelo; e eu soube que o olhar que havia lançado sobre ela seria assim, provavelmente, o último e que não mais veria aquela mulher, pelo menos enquanto estivesse viva.

Durante os vários dias que se seguiram, seu nome não foi pronunciado nem por Usher nem por mim, e nesse período fiquei eu ocupado em esforços tenazes para aliviar a melancolia de meu amigo. Pintávamos e líamos juntos, ou ouvíamos como em sonhos, suas improvisações estranhas, em sua eloqüente guitarra. E assim, à medida que uma intimidade cada vez maior me introduzia sem reservas nos recessos de seu espírito, mais amargamente eu percebia a vaidade de todas as minhas tentativas de alegrar uma alma da qual a escuridão , como uma qualidade inerente e positiva, se derramava sobre todos os objetos do universo moral e físico, numa incessante irradiação de trevas.

Guardarei para sempre a lembrança de muitas horas solenes que passei a sós com o dono do Solar de Usber. Contudo, seria mal sucedido em qualquer tentativa de exprimir uma idéia do exato caráter dos estudos ou das ocupações a que ele me arrastava ou de que me mostrava o caminho. Uma idealidade excitada e altamente mórbida lançava um brilho sulfuroso sobre tudo. Suas improvisadas soarão para sempre aos meus ouvidos. Entre outras coisas, recordo-me penosamente de certa adulteração e amplificação da estranha ária da derradeira valsa de Von Weber.

Quanto às pinturas geradas pela sua complicada fantasia - e que iam aumentando, traço a traço, numa espécie de vaguidão que me causava os mais arrepiantes calafrios, porque eu tremia sem saber por quê - quanto a essas pinturas (como suas imagens estão vivas agora diante de mim!), em vão tentaria delas extrair mais do que uma pequena parte que pudesse ficar nos limites das simples palavras escritas. Pela extrema simplicidade, pela nudez de seus desenhos, ele atraía e subjugava a atenção. Se jamais algum mortal pintou uma idéia, esse foi Roderick Usher. Para mim, pelo menos, nas circunstâncias que então me cercavam, erguia-se das puras abstrações que o hipocondríaco se esforçava por lançar na tela um terror de intensidade intolerável, do qual nem a sombra, eu jamais senti na contemplação dos devaneios de Fuselli, certamente brilhantes, embora demasiado concretos.

Uma das fantasmagóricas concepções de meu amigo, que não partilhava tão rigidamente do espírito de abstração, pode ser esboçada, embora fracamente, em palavras. Um pequeno quadro apresentava o interior de uma adega, ou túnel, imensamente longo e retangular, com paredes baixas, polidas, brancas e sem interrupção ou ornamento. Certos pontos acessórios da composição serviam bem para traduzir a idéia de que essa escavação jazia a uma profundidade excessiva, abaixo da superfície da terra. Não se via

qualquer saída em seu vasto percurso, e nenhuma tocha ou qualquer outra fonte artificial de luz era perceptível; e, no entanto, uma efusão de intensos raios rolava de uma extremidade à outra, tudo banhando de esplendor fantástico e inapropriado.

Já me referi àquele estado mórbido do nervo acústico que tornava toda música intolerável ao paciente, exceto certos efeitos de instrumentos de corda. Foram talvez os estreitos limites a que ele assim se confinou na guitarra que deram origem, em grande parte ao caráter fantástico de suas execuções. Mas a fervorosa facilidade de seus impromptus não podia ser assim explicada. Eles devem ter sido - e eram, nas notas bem como nas palavras de suas estranhas fantasias (pois ele freqÜentemente se acompanhava com improvisações verbais rimadas) - o resultado daquela intensa concentração e recolhimento mental a que eu antes aludi, observados apenas em momentos especiais da mais alta excitação artificial. Guardei facilmente de memória as palavras de uma dessas rapsódias.

Talvez me tenha ela impressionado mais fortemente, quando ele ma apresentou, porque, na corrente subterrânea ou mística de seu significado, imaginei perceber, pela primeira vez, que Usber tinha pleno conhecimento do vacilar de sua elevada razão sobre seu trono. Os versos intitulados "O Palácio Assombrado", eram pouco mais ou menos assim:

No vale mais verdejante
que anjos bons têm por morada,
outrora, nobre e radiante
palácio erguia a fachada.
Lá, o rei era O Pensamento,
e jamais um serafim
as asas soltou ao vento.
sobre solar belo assim.

Bandeiras de ouro, amarelas,
no seu teto, flamejantes,
ondulavam (foi naquelas...eras distantes !)
e alado odor se evolava,
quando a brisa, em horas cálidas,
por sobre as muralhas pálidas
suavemente perpassava.

Pelas janelas de luz
o viajor a dança via
espíritos que a harmonia
de um alaúde tinham por lei
E sobre o trono, fulgia (porfirogênito!) o Rei,
com a glória, com a fidalguia,
de quem tal reino conduz.
Pela porta, cintilante
de pérolas e rubiS, ia fluindo a cada instante
multidão de ecos sutis
vozes de imortal beleza
cujo dever singular
era somente cantar
do Rei a imensa grandeza.
Mas torvos, lutuosos vultos
assaltaram o solar! (Choremos! pois nunca o dia
sobre o ermo se há de elevar!)
E, em torno ao palácio, a glória

que fulgente florescia
é apenas obscura história
de velhos tempos sepultos!
Pelas janelas, agora,
em brasa, avista o viajante
estranhas formas, que agita
uma musica ululante;
e, qual rio, se precipita
pela pálida muralha
uma turba que apavora,
que não sorri, mas gargalha
em gargalhada infinita!

Lembro-me bem que as sugestões surgidas desta balada conduziram-nos a uma corrente de idéias dentro das quais se manifestou uma opinião de Usher, que menciono não tanto por causa de sua novidade (pois outros homens têm pensado assim) como por causa da pertinácia com que a mantinha. Esta opinião, na sua forma geral, era a da sensitividade de todos os seres vegetais.

Mas, na sua fantasia desordenada a idéia havia assumido um caráter mais audacioso e avançava, sob certas condições, no reino do inorgânico. Faltavam-me palavras para exprimir toda a extensão ou o grave abandono de sua persuasão. Esta crença, todavia, estava ligada (como já dei antes a entender) às cinzentas pedras do lar de seus antepassados. As condições da sensitividade tinham sido aqui, imaginava ele realizadas pelo método de colocação dessas pedras na ordem do seu arranjo, bem como na dos muitos fungos que as revestiam e das árvores mortas que se erguiam em redor, mas, acima de tudo, na longa e imperturbada duração deste arranjo e em sua reduplicação nas águas dormentes do lago. A prova - a prova da sensitividade - haveria de ver-se, dizia ele (e aqui me sobressaltei ao ouvi-lo falar), na gradual ainda que incerta condensação duma atmosfera era que lhes era própria, em torno das águas e dos muros.

O resultado era discernível, acrescentava ele, naquela influência silenciosa, embora importuna e terrível, que durante séculos tinha moldado os destinos de sua família, e fizera dele, tal como agora o via, o que ele era. Tais opiniões não necessitam de comentários e por isso nenhum farei.

Nossos livros - os livros que durante anos tinham formado não pequena parte da existência mental do inválido - estavam, como é de supor-se, de perfeito acordo com esse caráter de visionário. Analisávamos juntos obras tais como Vertvert et Chartreuse, de Gresset, o Belphegor, de Maquiavel; O Céu e o Inferno, de Swedenborg; A Viagem Subterranea de Nicolau Klimm, de Quiromancia, de Robert Flud, de Jean d'Indaginé e de La Chambre, a Viagem no Azul, de Tieck, e a Cidade do Sol, de Campanella. Um volume favorito era uma pequena edição, in octavo, do Directorium Inquisitorium, do dominicano Eymeric de Gironne; e haviam passagens de Pomponius Mela, a respeito dos velhos sátiros africanos e dos egipãs, sobre as quais ficava Usher a sonhar durante horas. Seu principal deleite, porém, consistia na leitura dum livro excessivamente raro e curioso, um in quarto gótico - manual duma igreja esquecida -, Vigiliae Mortuorum Secundum Chorum Eclesiae Maguntinae.

Não podia deixar de pensar no estranho ritual dessa obra e na sua provável influência sobre o hipocondríaco, quando, uma noite tendo-me informado bruscamente que Lady Madeline não mais vivia, revelou sua intenção de conservar-lhe o corpo por uma quinzena (antes de seu enterramento definitivo) em uma das numerosas masmorras, dentro das possantes paredes do castelo. A razão profana, porém, que ele dava de tão singular procedimento era dessas que eu não me sentia com liberdade de discutir. Como irmão,

tinha sido levado a essa resolução (assim me dizia ele) tendo em conta o caráter insólito da doença da morta, certas perguntas inoportunas e indiscretas da parte de seus médicos e a localização afastada e muito exposta do cemitério da família. Não negarei que, quando me veio à memória a fisionomia sinistra do individuo a quem encontrara na escada no dia de minha chegada à casa, perdi a vontade de opor-me ao que eu encarava, quando muito, como uma preocupação inocente e sem dúvida alguma muito natural.

A pedido de Usber, ajudei-o pessoalmente nos arranjos para o sepultamento temporário. Tendo sido o corpo metido no ataúde, nós dois sozinhos levamo-lo para o seu lugar de repouso. A adega na qual o colocamos (e que estivera tanto tempo fechada que tochas semi-amortecidas na sua atmosfera sufocante não nos permitiam um exame melhor do local) era pequena, úmida e sem nenhuma entrada para luz; achava-se a grande profundidade, logo abaixo daquela parte do edifício em que se encontrava meu quarto de dormir. Tinha sido utilizada, ao que parece, em remotos tempos feudais, para os péssimos fins de calabouço e, em dias recentes, como paiol de pólvora ou de alguma outra substância altamente inflamável, pois uma parte do chão e todo o interior duma longa arcada por onde havíamos passado estavam cuidadosamente revestidos de cobre. A porta de ferro maciço tinha sido também protegida de igual modo. Quando girava nos gonzos, seu enorme peso produzia um som insolitamente agudo e irritante.

Tendo depositado nosso fúnebre fardo, sobre cavaletes, naquele horrendo lugar, desviamos em parte a tampa ainda não pregada do caixão, e contemplamos o rosto do cadáver. Uma semelhança chocante entre o irmão e a irmã deteve então, em primeiro lugar, a minha atenção; e Usher, adivinhando, talvez, meus pensamentos, murmurou umas poucas palavras, pelas quais vim a saber que a morta e ele tinham sido gêmeos e que afinidades, duma natureza mal inteligível, sempre haviam existido entre eles. Nossos olhares, porém não descansaram muito tempo sobre a morta, pois não a podíamos contemplar sem temor. A doença que assim levara ao túmulo a senhora, na plenitude de sua mocidade, havia deixado, como sempre acontece em todas as moléstias de caráter estritamente cataléptico a ironia duma fraca coloração no seio e na face, e nos lábios aquele sorriso desconfiadamente hesitante, tão terrível na morte. Fechamos e pregamos a tampa e, depois de havermos prendido a porta de ferro, retomamos, com lassidão, o caminho de volta para os aposentos , pouco menos sombrios, da parte superior da casa.

E então, tendo decorrido alguns dias de amargo pesar, uma mudança visível operou-se nos sintomas da desordem mental de meu amigo. Suas maneiras usuais desapareceram. Suas ocupações costumeiras eram negligenciadas ou esquecidas. Vagava de quarto em quarto de passos precipitados, desiguais e sem objetivo. A palidez de sua fisionomia tomara, se possível, um tom ainda mais espectral, mas a luminosidade de seu olhar havia-se extinguido por completo.

Não mais escutava aquele tom rouco de voz que ele outrora fazia às vezes ouvir, e sua fala era agora habitualmente caracterizada por gaguejo trêmulo de extremo terror. Havia vezes, na verdade, em que eu pensava que seu pensamento, incessantemente agitado, estava sendo trabalhado por algum segredo opressivo, lutando ele para ter necessária coragem de divulgá-lo. Às vezes, ainda, era eu forçado a considerar tudo como inexplicáveis devaneios da loucura, pois via-o contemplar o vácuo durante horas a fio, numa atitude como se desse ouvido a algum som imaginário. Não admira que sua situação terrificasse, que me contagiasse. Senti subirem, rastejando em mim, por escalas lentas, embora incertas, as influências estranhas das fantásticas mas impressionantes superstições que ele entretinha.

Foi especialmente depois de ir deitar-me, já noite alta, sete ou oito dias depois de haver sido colocado no túmulo o corpo de Lady Madeline, que experimentei o pleno poder desses sentimentos. O sono não se aproximou de meu leito, e as horas se iam

desfazendo, uma a uma. Lutei para dominar com a razão o nervosismo que de mim se apoderava. Tentei levar-me a crer que muito, senão tudo aquilo que sentia, se devia à impressionante influência da sombria decoração do aposento, dos panejamentos negros e em farrapos que forçados ao movimento pelo sopro de uma tempestade nascente, ondulavam caprichosamente, para lá e para cá, nas paredes, frufrulhando, inquietas, junto aos ornatos da cama. Meus esforços, foram infrutíferos. Irreprimível tremor, pouco a pouco, me invadiu o corpo, e, por fim, sentou-se sobre meu próprio coração o incubo de uma angústia inteiramente infundada. Sacudindo-o de cima de mim, em luta ofegante, ergui-me sobre os travesseiros perscrutando avidamente a intensa escuridão do quarto, - escutei não sei por quê, mas impelido por uma força instintiva - sons baixos e indefinidos, que vinham por entre as pausas da tempestade, a longos intervalos, não sabia eu de onde. Dominado por um intenso sentimento de horror, inexplicável embora insuportável, vesti-me às pressas (pois sentia que não poderia dormir mais naquela noite) e tentei arrancar-me da lastimável situação em que caíra, andando rapidamente para lá e para cá pelo aposento.

Havia eu dado apenas poucas voltas dessa maneira, quando um passo leve, numa escada vizinha, deteve minha atenção. Logo o reconheci como o passo de Usher. Um instante depois batia ele levemente à minha porta e entrava trazendo uma lâmpada. Sua fisionomia estava, como sempre, cadavericamente descorada; mas além disso, havia uma espécie de hilaridade louca nos seus olhos, uma estória teria evidentemente contida em toda a sua atitude. Seu ar aterrorizou-me; mas qualquer coisa era preferível à solidão que eu tinha suportado tanto tempo, e mesmo acolhi sua presença como um alívio.

- E você não o viu? perguntou ele bruscamente, depois de ter olhado em torno de si, por alguns instantes, em silêncio. Não o viu, então? Mas espere! Você o verá!

Assim falando, e tendo cuidadosamente protegido sua lâmpada - correu para uma das janelas e abriu-a escancaradamente para a tempestade.A fúria impetuosa da rajada que entrava quase nos elevou do solo. Era, na verdade, uma noite tempestuosa, embora asperamente bela, uma noite estranhamente singular, no seu terror e na sua beleza. Um turbilhão, aparentemente, desencadeara sua força na nossa vizinhança, pois havia freqüentes e violentas alterações na direção do vento e a densidade excessiva das nuvens (que pendiam tão baixas como a pesar sobre os torreões da casa) não nos impedia de perceber a velocidade natural com que elas se precipitavam de todos os pontos, umas contra as outras, sem se dissiparem na distância. Disse que mesmo sua excessiva densidade não nos impedia de perceber isto; contudo, não podíamos ver a lua ou as estrelas, nem havia ali qualquer clarão de relâmpagos. Mas as superfícies inferiores das vastas massas de vapor agitado, bem como todos os objetos terrestres imediatamente em torno de nós, estavam cintilando à luz sobrenatural de uma exalação gasosa, fracamente luminosa e distintamente visível, que pendia em torno da mansão, amortalhando-a.

- Você não deve... você não pode contemplar isso! - disse eu, estremecendo, a Usher, enquanto o levava, com suave energia da janela para uma cadeira. - Esses espetáculos que o perturbam são simples fenômenos elétricos comuns... ou talvez tenham sua origem fantasmal nos miasmas fétidos do pântano. Fechemos esta janela; o ar está frio e é um perigo para sua saúde. Aqui está um de seus romances favoritos. Lê-lo-ei e você escutará. E assim passaremos esta terrível noite juntos.

O velho volume que apanhei era o Mad Trist (A Assembléia dos Loucos) de Sir Launcelot Canning; mas eu o havia chamado favorito de Usher mais por triste brincadeira que a sério, pois, na verdade, pouca coisa havia em sua prolixidade grosseira e sem imaginação que pudesse interessar a idealidade elevada e espiritual de meu amigo. Era, contudo, o único livro imediatamente à mão, e abriguei a vaga esperança de que a excitação que no momento agitava o hipocondríaco pudesse achar alívio (pois a história das desordens

mentais está cheia de anomalias semelhantes) mesmo no exagero das loucuras que eu iria ler.

A julgar, na verdade, pelo ar estranhamente tenso de vivacidade com que ele escutava ou fingia escutar as palavras da narração, eu poderia congratular-me pelo êxito do meu desígnio.

Havia chegado àquele trecho muito conhecido da estória em que Etelredo, o herói do Trist, tendo procurado em vão entrar pacificamente na casa do eremita, passa a querer abrir caminho à força. Ai, como hão de recordar-se, as palavras da narrativa dizem o seguinte:

E Etelredo, que era por natureza de coração valente e que se achava então ainda mais encorajado, por causa da força do vinho que tinha bebido, não esperou mais tempo para travar discussão com o eremita, que, na verdade tinha um jeito obstinado e malicioso; mas, sentindo a chuva nos ombros e temendo o desencadear-se da tempestade, ergueu sua maça e, com repetidos golpes, abriu rapidamente caminho nos tabuados da porta para sua manopla; e então, empurrando com ela firmemente, tanto arrebentou, e fendeu e despedaçou tudo, que o barulho da madeira seca e do som oco repercutia alarmando toda a floresta.

Ao termo desta frase, sobressaltei-me e, durante um momento, me detive, pois me parecia (embora imediatamente concluísse que minha imaginação excitada me havia enganado) que de alguma parte mui distante da casa provinha, indistintamente, aos meus ouvidos o que poderia ser, na exata similaridade de seu caráter, o eco (mas um eco certamente abafado e cavo) do som verdadeira-mente estalante e rachante que Sir Launcelot havia tão caracteristicamente descrito. Foi, não resta dúvida, somente a coincidência que havia detido minha atenção, pois, entre o ranger dos caixilhos das janelas e os rumores habituais e misturados da tempestade ainda em aumento, o som em si mesmo nada tinha, decerto, que pudesse ter-me interessado ou perturbado. Continuei a estória: Mas o bom campeão Etelredo, entrando agora pela porta, ficou excessivamente enraivecido e espantado por não encontrar sinal algum do malicioso eremita; mas em lugar dele, um dragão havia, de aspecto escamoso e monstruoso, e com uma língua chamejante, que estava de guarda diante de um palácio de ouro com chão de prata. E sobre a parede pendia um escudo de bronze cintilante com esta legenda gravada:

Quem aqui penetrar, conquistador será;
quem matar o dragão, esse, o escudo terá.

E Etelredo ergueu sua clava e descarregou-a sobre a cabeça do dragão, que diante dele e lançou seu pestilento suspiro com um berro tão horrível e rouco e ao mesmo tempo tão agudo que Etelredo foi obrigado a cobrir os ouvidos com as mãos contra o tremendo barulho, que igual jamais ele ouvira.

Aqui de novo eu parei bruscamente e, então, com um sentimento de estranho espanto, pois não poderia haver dúvida alguma de que neste instante eu tivesse realmente ouvido (embora me fosse impossível distinguir de que direção ele provinha) um som baixo e aparentemente distante, mas áspero, prolongado e bem singularmente penetrante ou rascante, a exata reprodução daquilo que minha fantasia já havia figurado como o berro desnatural do dragão tal como o descrevera o romancista.

Opresso, como certamente estava, diante daquela segunda e muito extraordinária coincidência, por mil sensações contraditórias em que predominavam o espanto e o extremo terror, mantive ainda suficiente presença de espírito para impedir-me de excitar, por qualquer observação, a sensibilidade nervosa de meu companheiro. Não tinha certeza

alguma de que ele houvesse notado os sons em questão, embora certamente uma estranha alteração, durante os últimos minutos, se houvesse operado na sua atitude. De uma posição fronteira à minha ele havia gradualmente feito girar sua cadeira de modo a ficar sentado de frente para a porta do quarto; e assim eu podia avistar apenas parcialmente suas feições, embora visse que seus lábios tremiam, como se ele estivesse murmurando sons inaudíveis. A cabeça havia-lhe pendido sobre o peito e, no entanto eu sabia que ele não estava adormecido por ver-lhe os olhos escancarados e vítreos, quando lobriguei avistar-lhe o perfil.

O movimento de seu corpo estava também em desacordo com essa idéia, pois ele se balançava de um lado para outro. num ondular vagaroso, embora -, constante e uniforme. Tendo rapidamente percebido tudo isso , retomei a narrativa de Sir Launcelot, que continuava desta forma:

E agora o campeão, tendo escapado à terrível fúria do dragão, lembrando-se do escudo de bronze e da quebra do encanto que havia nele, removeu a carcaça de sua frente e aproximou-se corajosamente pelo pavimento de prata do castelo do lugar onde pendia o escudo sobre a parede, o qual, em verdade, não esperou que ele chegasse junto, mas caiu-lhe aos pés sobre o chão argênteo, com um retinir reboante e terrível.

Tão logo estas sílabas me saíram dos lábios, eis que - como escudo de bronze que houvesse realmente, naquele instante, caído pesadamente sobre um chão de prata percebi um eco distinto, cavo, metálico e clangoroso, embora aparentemente abafado. Completamente nervoso, de um salto, pus-me de pé; mas o movimento compassado de balanço de Usher não se modificou. Corri para a cadeira onde ele estava sentado. Seus olhos estavam sempre fixos diante de si e por toda a sua fisionomia imperava uma rigidez de pedra. Mas quando coloquei minha mão sobre seu ombro, toda a sua pessoa estremeceu fortemente; um sorriso mórbido tremeu-lhe em torno dos lábios e eu vi que ele falava num murmúrio baixo apressado, inarticulado, como se não notasse minha presença. Curvando-me sobre ele e bem de perto, sorvi, afinal, o medonho sentido de suas palavras.

- Não o ouves? Sim, ouço-o, e tenho-o ouvido. Longamente...longamente... muitos minutos, muitas horas, muitos dias tenho-o ouvido, contudo não ousava... Oh, coitado de mim, miserável, desgraçado que sou! Não ousava... não ousava falar! Nós a pusemos viva na sepultura! Não disse que meus sentidos eram agudos? Agora eu lhe conto que ouvi seu primeiro fraco movimento, no fundo do caixão Ouvi-o faz muitos, muitos dias, e contudo não ousei . . não ousei falar, e agora, esta noite. . . Etelredo. . . ah, ah, ah!. . . o arrombamento da porta do eremita, e o estertor de agonia do dragão e o retinir do escudo!. . . Diga, antes, o abrir-se do caixão, e o rascar dos gonzos de ferro de sua prisão, e o debater-se dela dentro da arcada de cobre da masmorra! Oh! para onde fugirei? Não estará ela aqui dentro em pouco? Não estará correndo a censurar-me por minha pressa? Não ouvi eu o tropel de seus passos na escada? Não distingo aquele pesado e horrível bater de seu coração? Louco! E aqui soltou ele furiosamente da cadeira e gritou, bem alto, cada sílaba como se com aquele esforço estivesse exalando a própria alma: Digo-lhe que ela está, agora, por trás da porta!

Como se na sobre-humana energia de sua fala se tivesse encontrado a potência de um encantamento, as enormes e antigas almofadas da porta para as quais Usher apontava escancararam, imediatamente suas pesadas mandíbulas de ébano. Foi isso obra de furiosa rajada, mas, por trás da porta, estava de pé a figura elevada e amortalhada de Lady Madeline de Usher. Havia sangue sobre suas vestes alvas e sinais de uma luta terrível, em todas as partes de seu corpo emagrecido. Durante um instante, permaneceu ela, tremendo e vacilando, para lá e para cá, no limiar. Depois, com um grito profundo e lamentoso, caiu pesadamente para a frente, sobre seu irmão, e em seus estertores

agônicos, violentos e agora finais, arrastou-o consigo para o chão, um cadáver, uma vítima dos terrores que ele mesmo antecipara.

Fugi espavorido daquele quarto e daquela mansão. Ao atravessar a velha alameda, a tempestade lá fora rugia ainda, em todo o seu furor. De repente, irrompeu ao longo do caminho uma luz estranha e voltei-me para ver donde podia provir um clarão tão insólito, pois o enorme solar e as suas sombras eram tudo que havia atrás de clarão era o da lua cheia e cor de sangue, que se ia pondo e que agora brilhava vivamente através daquela fenda, outrora mal perceptível, a que me referi antes, partindo do telhado para a base do edifício, em ziguezague. Enquanto eu a olhava, aquela fenda rapidamente se alargou. sobreveio uma violenta rajada do turbilhão o inteiro orbe do satélite explodiu imediatamente à minha vista ...meu cérebro vacilou quando vi as possantes paredes se desmoronarem... houve um longo e tumultuoso estrondar, semelhante à voz de mil torrentes. . . e o pântano profundo e lamacento, a meus pés, fechou-se, lúgubre e silentemente, sobre os destroços do "Solar de Usher".

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA – CONTOS DE TERROR, MISTÉRIO E MORTE

BERENICE

Dicebant mihi sodalez, si sepulchrum amicae visifarem, curas meas aliquantulum fore levatas. (meus companheiros me asseguravam que visitado o túmulo de minha amiga conseguiria, em parte, alívio para as minhas tristezas. N.T.)

Ebn ZAIAT

A DESGRAÇA É VARIADA. O infortúnio da terra é multiforme. Arqueando-se sobre o vasto horizonte como o arco-íris, suas cores são como as deste, variadas, distintas e, contudo, nitidamente misturadas . Arqueando-se sobre o vasto horizonte como o arco-íris! Como de um exemplo de beleza, derivei eu uma imagem de desencanto? Da aliança de paz, uma semelhança de tristeza? E que, assim como na ética o mal é uma conseqüência do bem, da mesma realidade, da alegria nasce a tristeza. Ou a lembrança da felicidade passada é a angústia de hoje, ou as amarguras que existem agora têm sua origem nas alegrias que podiam ter existido.

Meu nome de batismo é Egeu. O de minha família não revelarei. Contudo não há torres no país mais vetustas do que as salas cinzentas e melancólicas do solar de meus avós. Nossa estirpe tem sido chamada de uma raça de visionários. Em muitos pormenores notáveis, do caráter da mansão familiar, nas pinturas do salão principal, nas tapeçarias dos dormitórios, nas cinzeladuras de algumas colunas de armas, porém, mais especialmente, na galeria de quadros no estilo da biblioteca e, por fim, na natureza muito peculiar dos livros que ela continha, há mais que suficiente prova a justificar aquela denominação.

Recordações de meus primeiros anos estão intimamente ligados àquela sala e aos seus volumes, dos quais nada mais direi. Ali morreu minha mãe. Ali nasci. Mas é ocioso dizer que não havia vivido antes, que a alma não tem existência prévia. Vós negais isto. Não discutamos o assunto. Convencido eu mesmo, não procuro convencer os demais. Sinto, porém, uma lembrança de formas aéreas, de olhos espirituais e expressivos, de sons musicais, embora tristes; uma lembrança que não consigo anular; uma reminiscência semelhante a uma sombra, vaga, variável, indefinida, inconstante; e como uma sombra, também, na impossibilidade de livrar-me dela, enquanto a luz de minha razão existir.

Foi naquele quarto que nasci. Emergindo assim da longa noite daquilo que parecia, mas não era, o nada, para logo cair nas verdadeiras regiões da terra das fadas, num palácio fantástico, nos estranhos domínios do pensamento monástico e da erudição. Não é de admirar que tenha lançado em torno de mim um olhar ardente e espantado, que tenha consumido minha infância nos livros e dissipado minha juventude em devaneios; mas é

estranho que ao perpassar dos anos e quando o apogeu da maturidade me encontrou ainda na mansão de meus pais, uma maravilhosa inércia tombado sobre as fontes da minha vida maravilhosa, a total inversão que se operou na natureza de meus pensamentos mais comuns. As realidades do mundo me afetavam como visões, e somente como visões, enquanto que as loucas idéias da terra dos sonhos tornavam-se, por sua vez, não o estofo de minha existência cotidiana, na realidade, a minha absoluta e única existência.

Berenice e eu éramos primos e crescemos juntos, no solar paterno. Mas crescemos diferentemente: eu, de má saúde e mergulhado na minha melancolia; ela, ágil, graciosa e exuberante de energia. Para ela, os passeios pelas encostas da colina. Para mim, estudos do claustro. Eu, encerrado dentro do meu próprio coração e dedicado, de corpo e alma, à mais intensa e penosa meditação . Ela, divagando descuidosa pela vida, sem pensar em sombras no seu caminho, ou no vôo silente das horas de asas lutuosas. Berenice!

Quando lhe invoco o nome... Berenice!, das ruínas sombrias da memória repontam milhares de tumultuosas recordações. Ah, bem viva tenho agora a sua imagem diante de mim, como nos dias de sua jovialidade e alegria! Oh, deslumbrante, porém fantástica beleza! Oh, sílfide entre os arbustos de Arnheim! Oh, náiade à beira de suas fontes! E depois... depois tudo é mistério e uma estória que não deveria ser contada.

Uma doença...uma doença - uma fatal doença - soprou como um símum sobre seu corpo. E precisamente quando a contemplava, o espírito da metamorfose arrojou-se sobre ela, invadindo-lhe a mente, os hábitos e o caráter e, da maneira mais sutil e terrível, perturbando-lhe a própria personalidade. Ai! O destruidor veio e se foi, e a vítima...onde está ela? Não a conhecia... ou não mais a conhecia como Berenice!

Entre a numerosa série de males acarretados por aquela fatal e primeira doença, que realizou tão horrível revolução no ser moral e físico de minha prima, pode-se mencionar, como o mais aflitivo e o mais obstinado, uma espécie de epilepsia, que não poucas vezes, terminava em catalepsia, muito semelhante à morte efetiva e da qual despertava ela, quase sempre, duma maneira assustadoramente subitânea.

Entrementes, minha própria doença aumentava, pois fora dito que para ela não havia remédio, e assumiu afinal um caráter de monomania, de forma nova e extraordinária, que, hora em hora, de minuto em minuto, crescia em vigor e por fim veio a adquirir sobre mim a mais incompreensível ascendência. Esta monomania, se assim posso chamá-la, consistia numa irritabilidade mórbida daquelas faculdades do espírito que a ciência metafísica denomina “faculdades da atenção".

É mais que provável não me entenderem. Mas temo, deveras, que me seja totalmente impossível transmitir à mente do comum dos leitores uma idéia adequada daquela nervosa intensidade da atenção com que, no meu caso, as faculdades meditativas (para evitar a linguagem técnica) se aplicava e absorvia na contemplação dos mais vulgares objetos do mundo.

Meditar infatigavelmente longas horas, com a atenção cravada em alguma frase frívola, à margem de um livro ou no seu aspecto tipográfico, ficar absorto, durante a melhor parte dum dia de verão em contemplação duma sombra extravagante, projetada obliquamente sobre a tapeçaria, ou sobre o soalho; perder uma noite observar a chama inquieta duma lâmpada, ou as brasas de um fogão; sonhar dias inteiros com o perfume duma flor; repetir monotonamente, alguma palavra comum, até que o som, a repetição freqüente, cesse de representar ao espírito a menor idéia; perder toda a sensação de movimento ou de existência física, em virtude de uma absoluta quietação do corpo, prolongada e obstinadamente mantida, tais eram as mais comuns e menos perniciosas aberrações,

provocadas pelo estado de minhas faculdades mentais não, de fato, absolutamente sem exemplo, mas certamente desafiando qualquer espécie de análise ou explicação.

Sejamos, porém, mais explícitos. A excessiva, ávida e mórbida atenção assim excitada por objetos de seu natural triviais, não deve ser confundida, a propósito, com aquela propensão à meditação, comum a toda a humanidade e mais especialmente do agrado das pessoas de imaginação ardente. Nem era tampouco, como se poderia a princípio supor, um estado extremo, ou uma exageração de tal propensão, mas primária e essencialmente distinta e diferente dela . Naquele caso, o sonhador, ou entusiasta, estando interessado por um objeto, geralmente não trivial, perde, sem o perceber, de vista este objeto, através duma imensidade de deduções e sugestões deles provindas, até que, chegando ao fim daquele sonho acordado, muitas vezes repletos de voluptuosidade, descobre estar o incitamentum causa primária de suas meditações, inteiramente esvanecido e esquecido. No meu caso, o ponto de partida era invariavelmente frívolo, embora assumisse, por intermédio de minha visão doentia, uma importância irreal e refratária. Poucas ou nenhumas reflexões eram feitas e estas poucas voltavam, obstinadamente , ao objeto primitivo como a um centro. As meditações nunca eram agradáveis, e ao fim do devaneio, a causa primeira, longe de estar fora de vista atingira aquele interesse sobrenaturalmente exagerado que era a característica principal da doença. Em uma palavra: as faculdades da mente mais particularmente exercitadas em mim eram, como já disse antes, as da atenção, ao passo que no sonhador-acordado são as especulativas.

Naquela época, os meus livros, se não contribuíam eficazmente para irritar a moléstia, participavam largamente, como é fácil perceber-se, pela sua natureza imaginativa e inconseqüente, das qualidades características da própria doença. Bem me lembro, entre outros, do tratado do nobre italiano, Coelius Secundus Curio de amplitudine beati regni dei; da grande obra de Santo Agostinho, A Cidade de Deus; do De Carne Christí, de Tertuliano, no qual a paradoxal sentença: Mortuus' est Dei filius; credible est quia ineptum est; et sepultus resurrexít; certum est quia impossibíle est, absorveu meu tempo todo, durante semanas de laboriosa e infrutífera investigação.

Dessa forma, minha razão, perturbada, no seu equilíbrio por coisas simplesmente triviais, assemelhava-se àquele penhasco marítimo de que fala Ptolomeu Hefestião, o qual resistia inabalável a questão da violência humana e ao furioso ataque das águas e ventos, mas tremia ao simples toque da flor chamada asfódelo. E embora a um pensador desatento possa parecer fora de dúvida que a alteração produzida pela lastimável moléstia no estado mortal de Berenice fornecesse motivos vários para o exercício daquela intensa e anormal meditação, cuja natureza tive dificuldade em explicar, tal não se deu absolutamente.

Nos intervalos lúcidos de minha enfermidade, a desgraça que a feria me dava realmente pena e me afetava fundamente o coração aquela ruína total de sua vida alegre e doce. Por isso não deixava de refletir muitas vezes, com amargura, nas causas prodigiosas que tinham tão subitamente produzido modificação tão estranha. Mas essas reflexões não participavam da idiossincrasia de minha doença, tais como teriam ocorrido em idênticas circunstâncias, à massa ordinária dos homens. Fiel a seu próprio caráter, meu desarranjo mental preocupava-se com as menos importantes porém mais chocantes mudanças operadas na constituição física de Berenice, na estranha e mais espantosa alteração de sua personalidade.

Posso afirmar que nunca amara minha prima, durante os dias mais brilhantes de sua incomparável beleza. Na estranha anomalia de minha existência, os sentimentos nunca me provinham do coração, e minhas paixões eram sempre do espírito. Através do crepúsculo matutino, entre as sombras estriadas da floresta, ao meio-dia no silêncio de minha biblioteca, à noite, esvoaçara ela diante de meus olhos e eu a contemplara, não

como a viva e respirante Berenice, mas como a Berenice de um sonho; não como um ser da terra, um ser carnal, mas como a abstração de tal ser; não como uma coisa para admirar, mas para ser analisada; não como objeto para amar, mas como o tema da mais absoluta, embora inconstante, especulação. E agora.. . agora eu estremecia na sua presença e empalidecia ao vê-la aproximar-se; contudo, lamentando amargamente sua deplorável decadência, lembrei-me de que ela me havia amado muito tempo, e, num momento fatal, falei-lhe em casamento.

Aproximava-se, enfim, o período de nossas núpcias quando, numa tarde de inverno de um daqueles dias intempestivamente cálidos, sossegados e nevoentos, que são a alma do belo Alcíone, me sentei no mais recôndito gabinete da biblioteca. Julgava estar sozinho, mas erguendo a vista divisei Berenice, em pé, à minha frente.Foi a minha própria imaginação excitada, ou a nevoenta influência da atmosfera, ou o crepúsculo impreciso do aposento, ou as cinérias roupagens que lhe caíam em torno do corpo, que lhe deu aquele contorno indeciso e trêmulo? Não sei dizê-lo. Ela não disse uma palavra e eu por forma alguma podia emitir uma só sílaba.

Um gélido calafrio correu-me pelo corpo, uma sensação de intolerável ansiedade me oprimia, uma curiosidade devoradora invadiu-me a alma , e recostando-me na cadeira, permaneci por algum tempo imóvel e sem respirar, com os olhos fixos no seu vulto. Ai! sua magreza era excessiva e nenhum vestígio da criatura de outrora se vislumbrava numa linha sequer de suas formas. O meu olhar ardente pousou-se afinal em seu rosto.A fronte era alta e muito pálida, e de uma placidez singular. O cabelo, outrora negro, de azeviche, caía-lhe parcialmente sobre a testa e sombreava as fontes encovadas com numerosos anéis, agora de um amarelo vivo, em chocante discordância, pelo seu caráter fantástico , com a melancolia que lhe dominava o rosto. Os olhos, sem vida e sem brilho, pareciam estar desprovidos de pupilas.

Desviei involuntariamente a vista daquele olhar vítreo para olhar-lhe os lábios delgados e contraídos. Entreabriram-se e, num sorriso bem significativo, os dentes da Berenice transformada se foram lentamente mostrando. Prouvera a Deus que eu nunca os tivesse visto, tendo-os visto, tivesse morrido!

O batido duma porta me assustou e, erguendo a vista, vi que minha prima havia saído do aposento. Mas do aposento desordenado do meu cérebro não havia saído, ai de mim!, e não queria sair o espectro branco de seus dentes lívidos. Nem uma mancha se via em sua superfície, nem uma pinta no esmalte, nem uma falha nas suas pontas, que aquele breve tempo de seu sorriso não houvesse gravado na minha memória. Via-os agora, mesmo mais distintamente do que os vira antes.

Os dentes!. . . Os dentes! Estavam aqui e ali e por toda parte, visíveis, palpáveis. diante de mim. Compridos, estreitos e excessivamente brancos, com os pálidos lábios contraídos sobre eles, como no instante mesmo do seu primeiro e terrível crescimento. Então desencadeou-se a plena fúria minha monomania e em vão lutei contra sua estranha e irresistível influência. Nos múltiplos objetos do mundo exterior, só pensava naqueles dentes. Queria-os com frenético desejo. Todos os assuntos e todos os interesses diversos foram absorvidos por aquela exclusiva contemplação.

Eles, somente eles estavam presentes aos olhos de meu espírito, e eles, na sua única individualidade, se tornaram a essência de minha vida mental. Via-os sob todos os aspectos. Revolvi-os em todas as direções. Observava-lhes as características. Detinha-me em todas as suas peculiaridades. Meditava em sua conformação refletia na alteração de sua natureza. Estremecia ao atribuir-lhe em imaginação, faculdades de sentimento e de sensação, e, do mesmo quando desprovidos dos lábios, capacidade da expressão moral.

Dizia-se com razão, de Mademoisselle Sallé que: tous ses pas étaient de sentiments, e de Berenice que: tous ser dentr étaien des idées! (todos os seus passos eram sentimentos...todos o seus dentes idéias N.T.)

Ah, esse foi o pensamento absurdo que me destruiu , des idées! Ah, essa era a razão pela qual eu os cobiçava tão loucamente . Sentia que somente a posse deles me poderia restituir a paz para sempre, fazendo-me voltar a razão.E assim cerrou-se a noite em torno de mim. Vieram as trevas demoraram-se, foram embora. E o dia raiou mais uma vez e os nevoeiros de uma segunda noite de novo se adensaram em torno de mim. E ainda sentado estava, imóvel, naquele quarto solitário ainda mergulhado em minha meditação, ainda com o dentes mantendo sua terrível ascendência sobre mim, a flutuar com a mais viva e hedionda nitidez, entre as luzes mutáveis e as sombras do aposento. Afinal, explodiu em meio de meus sonhos um grito de horror e de consternação, ao qual se seguiu, depois de uma pausa, o som de vozes aflitas, entremeadas de surdos lamentos de tristeza e pesar.

Levantei-me e, escancarando uma das portas da biblioteca, vi, de pé, na antecâmara, uma criada, toda em lágrimas que me disse que Berenice havia. . . morrido! Sofrera um ataque epiléptico pela manhã e agora, ao cair da noite, a cova estava pronta para receber seu morador e todos os preparativos do enterro terminados.

Com o coração cheio de angústia, oprimido pelo temor, dirigi com repugnância, para o quarto de dormir da defunta. Era quarto vasto, muito escuro, e eu me chocava, a cada passo, com os preparativos do sepultamento. Os cortinados do leito, disse-me um criado, estavam fechados sobre o ataúde e naquele ataúde, acrescentou ele, em voz baixa, jazia tudo quanto restava de Berenice.

Quem, pois, me perguntou se eu não queria ver o corpo? Não vi moverem-se os lábios de ninguém; entretanto, a pergunta realmente feita e o eco das últimas sílabas ainda se arrastava pelo quarto. Era impossível resistir e, com uma sensação opressiva, dirigi-me a passos tardos para o leito. Ergui de manso as sombrias dobras das cortinas; mas, deixando-as cair de novo, desceram sobre meus ombros e, separando-me do mundo dos vivos, me encerraram na mais estreita comunhão com a defunta.

Todo o ar do quarto respirava morte; mas o cheiro característico do ataúde me fazia mal e imaginava que um odor deletério exalava já do cadáver. Teria dado mundos para escapar, para livrar-me da perniciosa influência mortuária, para respirar, uma vez ainda, o ar puro dos céus eternos. Mas, faleciam-me as forças para mover-me os joelhos tremiam e me sentia como que enraizado no solo contemplando fixamente o rígido cadáver, estendido ao comprido no caixão aberto.

Deus do céu! Seria possível? Ter-se-ia meu cérebro transviado? Ou o dedo da defunta se mexera no sudário que a envolvia? Tremendo de inexprimível terror, ergui lentamente os olhos para ver o cadáver. Haviam-lhe amarrado o queixo com um lenço, o qual não sei como, se desatara. Os lábios lívidos se torciam numa espécie de sorriso, e por entre sua moldura melancólica os dentes de Berenice, brancos, luzentes, terríveis me fixavam ainda, com uma realidade demasiado vivida. Afastei-me convulsivamente, do leito, sem pronunciar uma palavra, como um louco, corri para fora daquele quarto de mistério, de horror e de morte.

Achei-me de novo sentado na biblioteca, e de novo ali estava só.Parecia que havia pouco despertara de um sonho confuso e agitado que era então meia-noite e bem ciente estava de que, desde o pôr do sol, Berenice tinha sido enterrada. Mas, durante esse tétrico intervalo, eu não tinha qualquer percepção positiva, ou definida. Sua recordação, porém, estava repleta de horror, horror mais horrível porque vindo do impreciso, terror mais

terrível porque saído da ambigüidade. Era uma página espantosa do registro de minha existência , toda escrita com sombra e com medonhas e ininteligíveis recordações.

Tentava decifrá-la, mas em vão; e de vez em quando, como o espírito de um som evadido, parecia-me retinir nos ouvidos o grito agudo e lancinante de uma voz de mulher. Eu fizera alguma coisa; que era, porém? Fazia a mim mesmo tal pergunta em voz alta, e os ecos do aposento me respondiam: Que era? a mesa, a meu lado, ardia uma lâmpada e perto dela estava uma caixinha. Não era de forma digna de nota e eu freqüentemente a vira antes, pois pertencia ao médico da família; mas, como viera ter ali, sobre minha mesa, e por que estremecia eu ao comtemplá-la? Não valia a pena importar-me com tais coisas e meus olhos por fim caíram sobre as páginas abertas de um livro, na sentença nelas sublinhada.

Eram as palavras singulares, simples, do poeta Ebn Zaiat: Dícebant míhi sodales, si sepulchrum amicae visitarem, curas meus aliquantulum fore levatas. Porque então, ao lê-las, os cabelos de minha cabeça se eriçaram até a ponta, e o sangue de meu corpo se congelou nas veias?

Uma leve pancada soou na porta da biblioteca. E, pálido como o brilhante de um sepulcro, um criado entrou, na ponta dos pés. Sua fisionomia estava transtornada de pavor e ele me falou numa voz trêmula, rouca e muito baixa. Que disse? Ouvi frases truncadas. Falou-me de um grito selvagem que perturbara o silêncio da noite ...todos em casa se reuniram. . . saíram procurando em direção ao som. E depois sua voz se tornou penetrantemente distinta, ao falar-me de um túmulo violado. . . de um corpo desfigurado, desamortalhado, mas que ainda respirava, ainda ainda vivia!

Apontou para minhas roupas; estavam sujas de coágulos de sangue. Eu nada falava e ele pegou-me levemente na mão; gravavam-se nela os sinais de unhas humanas. Chamou-me a atenção para certo objeto encostado à parede: era uma pá.

Com um grito, saltei para a mesa e agarrei a caixa que nela se achava. Mas não pude arrombá-la; e, no meu tremor, ela deslizou de minhas mãos e caiu com força, quebrando-se em pedaços. E dela, com um som tintinante, rolaram vários instrumentos de cirurgia dentária, de mistura com trinta e duas coisas pequenas, como que de marfim, que se espalharam por todo o assoalho.

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA – CONTOS DE TERRO, MISTÉRIO E MORTE

O CORAÇÃO DENUNCIADOR

É verdade! Tenho sido e sou nervoso, muito nervoso, terrivelmente nervoso! Mas, por que ireis dizer que sou louco? A enfermidade me aguçou os sentidos, não os destruiu, não os entorpeceu. Era penetrante, acima de tudo, o sentido da audição. Eu ouvia todas as coisas, no céu e na terra. Muitas coisas do inferno ouvia. Como, então, sou louco?

Prestai atenção! E observai quão lucidamente, quão calmamente vos posso contar toda a estória.

É impossível dizer como a idéia me penetrou primeiro no cérebro. Uma vez concebida, porém, ela me perseguiu dia e noite. Não havia motivo. Não havia cólera. Eu gostava do velho. Ele nunca me fizera mal. Nunca me insultara. Eu não desejava seu ouro. Penso que era o olhar dele! Sim, era isso! Um de seus olhos se parecia com o de um abutre. . . um olho de cor azul-pálido, que sofria de catarata.

Meu sangue se enregelava sempre que ele caía sobre assim, e assim, pouco a pouco, bem lentamente, fui-me decidindo a tirar a vida do velho e assim libertar-me daquele olho para sempre.

Ora, aí é que está o problema. Imaginais que sou louco.

Os loucos nada sabem. Deveríeis, porém, ter-me visto. Deveria ter visto como procedi cautamente! Com que prudência...com que previsão. . . com que dissimulação lancei mãos à obra!

Eu nunca fora mais bondoso para com o velho do que durante a semana inteira antes de matá-lo. E todas as noites, por meia-noite, eu girava o trinco da porta de seu quarto e abria-a...oh, bem devagarinho. E depois, quando a abertura era suficiente para conter minha cabeça, eu introduzia uma lanterna com tampa toda velada, bem velada, de modo que nenhuma luz se projetasse para fora, e em seguida enfiava a cabeça. Oh, teríeis rido ao ver como a enfiava habilmente!

Movia-a lentamente. . . muito... muito lentamente, a fim de não perturbar o sono do velho. Levava uma hora para colocar a cabeça inteira além da abertura, até podê-lo ver deitado na cama. Ah! Um louco seria precavido assim? E depois quando minha cabeça estava bem dentro do quarto, eu abria a tampa da lanterna cautelosamente. . - oh, bem cautelosamente! Sim, cautelosamente (porque a dobradiça rangia) . . . abria-a só até permitir que apenas um débil raio de luz caísse sobre o olho de abutre. E isto eu fiz durante sete longas noites. . . sempre precisamente a meia-noite. . . e sempre encontrei o olho fechado. Assim, era impossível fazer a minha tarefa, porque não era o velho que me perturbava, mas seu olho diabólico. E todas as manhãs, quando o dia raiava, eu

penetrava atrevidamente no quarto e falava-lhe sem temor, chamando-o pelo nome com ternura e perguntando como havia passado a noite. Por aí vedes que ele precisaria ser um velho muito perspicaz para suspeitar que todas as noites, justamente as doze horas, eu o espreitava, enquanto dormia.

Na oitava noite, fui mais cauteloso do que de hábito ao abrir a porta. O ponteiro dos minutos de um relógio mover-se-ia mais rapidamente do que meus dedos. Jamais, antes daquela noite, sentira eu tanto a extensão de meus próprios poderes, de minha sagacidade. Mal conseguia conter meus sentimentos de triunfo. Pensar que ali estava eu, a abrir a porta, pouco a pouco, e que ele nem sequer sonhava com os meus atos ou pensamentos secretos...Ri entre os dentes, a essa idéia, e talvez ele me tivesse ouvido, porque se moveu de súbito na cama, como se assustado. Pensais talvez que recuei? Não!

O quarto dele estava escuro como piche, espesso de sombra, pois os postigos se achavam hermeticamente fechados, por medo aos ladrões. E eu sabia, assim, que ele não podia ver a abertura da porta; continuei a avançar, cada vez mais, cada vez mais.Já estava com a cabeça dentro do quarto e a ponto de abrir a lanterna, quando meu polegar deslizou sobre o fecho de lata e o velho saltou na cama, gritando:Quem está aí?

Fiquei completamente silencioso e nada disse. Durante uma hora inteira, não movi um músculo e, por todo esse tempo, não o ouvi deitar-se de novo. Ele ainda estava sentado na cama, à escuta; justamente como eu fizera, noite após noite, ouvindo a ronda da morte próxima.

Depois ouvi um leve gemido e notei que era o gemido do terror mortal. Não era um gemido de dor ou de pesar.. . oh, não! Era o som grave e sufocado que se ergue do fundo da alma quando sobrecarregada de medo. Bem conhecia esse som. Muitas noites, ao soar meia-noite, quando o mundo inteiro dormia, ele irrompia de meu próprio peito, aguçando, com seu eco espantoso, os terrores que me aturdiam. Disse que bem o conhecia. Conheci também o que o velho sentia e tive pena dele, embora abafasse um riso no coração. Eu sabia que ele ficara acordado desde o primeiro leve rumor, quando se voltara na cama.

Daí por diante, seus temores foram crescendo. Tentara imaginá-los sem motivo, mas não fora possível. Dissera si mesmo: "É só o vento na chaminé...ou é só um rato andando pelo chão", ou "foi apenas um grilo que cantou; um instante só. Sim ele estivera tentando animar-se com estas suposições, mas tudo fora em vão. Tudo em vão, porque a Morte, ao aproximar-se dele, projetara sua sombra negra para a frente, envolvendo nela a vítima. E era a influência tétrica dessa sombra não percebida que o levava a sentir - embora não visse nem ouvisse -, a sentir a presença de minha cabeça dentro do quarto.

Depois de esperar longo tempo, com muita paciência, sem ouvi-lo deitar-se, resolvi abrir um pouco, muito, muito pouco, a tampa da lanterna. Abri-a - podeis imaginar quão furtivamente - até, que por fim, um raio de luz apenas, tênue como o fio de uma teia de aranha, passou pela fenda e caiu sobre o olho de abutre.

Ele estava aberto. . . todo, plenamente aberto. . . e, ao contemplá-lo a minha fúria cresceu. Vi-o, com perfeita clareza, todo de um azul-desbotado, com uma horrível película a cobri-lo, o que me enregelava até a medula dos ossos. Mas não podia ver nada mais da face ou do corpo do velho, pois dirigira a luz, como por instinto, sobre o maldito lugar.

Ora, não vos disse que apenas é super acuidade dos sentidos aquilo que erradamente julgais loucura? Repito, pois, que chegou a meus ouvidos um som baixo, monótono, rápido como o de um relógio quando abafado em algodão. Igualmente eu bem sabia que som era. Era o bater do coração do velho. Ele me aumentava a fúria como o bater de um tambor estimula a coragem do soldado.

Ainda aí, porém, refreei-me e fiquei quieto. Tentei manter tão fixamente quanto pude a réstia de luz sobre o olho do velho. Entretanto, o infernal tã-tã do coração aumentava. A cada instante ficava mais alto, mais rápido, mais alto, mais rápido! O terror do velho deve ter sido extremo! Cada vez mais alto, repito a cada momento!

Prestais-me bem atenção? Disse-vos que sou nervoso, sou. E então, àquela hora morta da noite, o bater tão estranho excitou em mim um terror incontrolável. Contudo, por alguns minutos mais, dominei-me e fiquei quieto. Mas o bater era cada vez mais alto. Julguei que o coração ia rebentar. E, depois, nova angustia me aferrou: o rumor poderia ser ouvido por um vizinho! A hora do velho tinha chegado! Com um alto berro, escancarei a lanterna e pulei para dentro do quarto.

Ele guinchou mais uma vez.. uma vez só. Num instante, arrastei-o para o soalho e virei a pesada cama sobre ele. Então sorri alegremente por ver a façanha realizada. Mas, durante muitos minutos, o coração continuou a bater, com som surdo. Isto, porém, não me vexava. Não seria ouvido através da parede. Afinal cessou.O velho estava morto. Removi a cama e examinei o cadáver. Sim, era uma pedra, morto como uma pedra. Coloquei minha mão sobre o coração e ali a mantive durante muitos minutos. Não havia pulsação. Estava petrificado. Seu olhos não mais me perturbariam.

Se ainda pensais que sou louco, não mais o pensareis, quando eu descrever as sábias precauções que tomei para ocultar o cadáver. A noite avançava e eu trabalhava apressadamente, porém em silêncio. Em primeiro lugar, esquartejei o corpo. Cortei-lhe a cabeça, os braços e as pernas.Arranquei depois três pranchas do soalho do quarto e coloquei tudo entre os vãos. Depois recoloquei as tábuas, com tamanha habilidade e perfeição que nenhum olhar humano - nem mesmo o dele - poderia distinguir qualquer coisa suspeita. Nada havia a lavar...nem mancha de espécie alguma. . nem marca de sangue. Fora demasiado prudente no evitá-las. Uma tina tinha recolhido tudo... ah, ah, ah!

Terminadas todas essas tarefas, eram já quatro horas. Mas ainda estava escuro como se fosse meia-noite. Quando o sino soou a hora, bateram à porta da rua. Desci a abri-la, de coração ligeiro, pois que tinha eu agora a temer? Entraram três homens, que se apresentaram, com perfeita mansidão, como soldados de polícia.

Fora ouvido um grito por um vizinho, durante a noite. Despertara-se a suspeita de um crime. Tinha-se formulado uma denúncia à polícia e eles, soldados, tinham sido mandados para investigar.

Sorri, pois. . . que tinha eu a temer? Dei as boas-vindas aos cavalheiros. O grito, disse eu, fora meu mesmo, em sonhos. O velho, relatei, estava ausente, no interior. Levei meus visitantes a percorrer toda a casa. Pedi-lhes que dessem busca completa. Conduzi-os, afinal, ao quarto dele.

Mostrei-lhes suas riquezas, em segurança, intactas. No entusiasmo de minha confiança, trouxe cadeiras para o quarto e mostrei desejos de que eles ficassem ali, para descansar de suas fadigas, enquanto eu mesmo, na desenfreada audácia de meu perfeito triunfo, colocava minha própria cadeira propriamente sobre o lugar onde repousava o cadáver da vítima.

Os soldados ficaram satisfeitos. Minhas maneiras os haviam vencido. Sentia-me singularmente à vontade. Sentaram-se e, enquanto eu respondia cordialmente, conversaram coisas familiares. Mas dentro em pouco, senti que ia empalidecendo e desejei que eles se retirassem. Minha cabeça doía e parecia-me ouvir zumbido nos

ouvidos; eles, porém, continuavam sentados e continuavam a conversar. O zumbido tornou-se mais distinto; continuou e tornou-se ainda mais perceptível.

Eu falava com mais desenfreio, para dominar a sensação; ela, porém, continuava e aumentava sua perceptibilidade. . . até que, afinal, descobri que o barulho não era dentro dos meus ouvidos.

É claro que então a minha palidez aumentou. Mas eu falava ainda mais fluentemente e num tom de voz muito elevada. Não obstante, o som se avolumava... E que podia eu fazer era um som grave, monótono, rápido... muito semelhante ao de um relógio envolto em algodão. Respirava com dificuldade... e no entanto, os soldados não o ouviram. Falei mais depressa ainda, com mais veemência. Mas o som aumentava constantemente. Levantei-me e fiz perguntas a respeito de ninharias, num tom bastante elevado e com violenta gesticulação, mas o som constantemente aumentava. Por que não se iam eles embora?

Andava pelo quarto acima e abaixo, com largas e pesadas passadas, como se excitado até a fúria pela vigilância dos homens; mas o som aumentava constantemente. Oh, Deus! Que poderia eu fazer? Espumei. . . enraivecido.. . praguejei! Fiz girar a cadeira sobre a qual estivera sentado e arrastei-a sobre as tábuas, mas o barulho se elevava acima de tudo e continuamente aumentava. Tornou-se mais alto. . . mais alto... mais alto! E os homens continuavam ainda a passear, satisfeitos e sorriam. Seria possível que eles não ouvissem? Deus Todo-Poderoso! Não, não! Eles suspeitavam! Eles sabiam! Estavam zombando do meu horror! Isto pensava eu e ainda penso. Outra coisa qualquer, porém, era melhor que aquela agonia!

Qualquer coisa era mais tolerável que aquela irrisão! Não podia suportar por mais tempo aqueles sorrisos hipócritas! Sentia que devia gritar ou morrer, e agora de novo... escutai... mais alto... mais alto... mais alto...mais alto!...

- Vilões! - trovejei. - Não finjam mais! Confesso o crime! Arranquem as pranchas! Aqui, aqui! Ouçam o batido do seu horrendo coração!

EDGAR ALLAN POE – CONTOS DE TERROR, MISTÉRIO E MORTE

ELEONORA

Sub conservatione formae specificae salva anima. (sob a conservação da forma específica salva a alma. N.T.]
RAIMUNDO LULIO

PROVENHO de uma raça notável pelo vigor da imaginação e pelo ardor da paixão.Chamaram-me de louco; mas a questão ainda não está resolvida: se a loucura é ou não a inteligência sublimada, se muito do que é glorioso, se tudo o que é profundo não brota do pensamento enfermo, da maneira do espírito exaltado, a expensas da inteligência geral. Os que sonham de dia conhecem muitas coisas que escapam aos que sonham somente de noite. Nas suas visões nevoentas, logram vislumbres de eternidade, e sentem viva emoção, ao despertar, por descobrirem que estiveram no limiar do grande segredo. Aos poucos, vão aprendendo algo da sabedoria, o que é bom, e muito mais do simples conhecimento, o que é mau. Penetram, contudo, sem leme e sem bússola, no vasto oceano da "luz inefável", e de novo, como nas aventuras do geógrafo Núbio, agressi sunt mare tenebrarum, quid in eo esset exploraturi.

Digamos, pois, que estou louco. Admito, pelo menos, que há duas distintas condições de minha existência mental: a condição duma razão lúcida, indiscutível, pertencente à memória de acontecimentos que formam a primeira época de minha vida, e uma condição de sombra e dúvida, relativa ao presente e à recordação que constitui a segunda grande era do meu ser. Portanto, acreditem no que irei contar do primeiro período, e, ao que eu irei relatar do tempo mais recente, dêem-lhe apenas o crédito que lhes merecer ou ponham tudo em dúvida; ou ainda, se não puderem duvidar, façam-se de Édipo diante do enigma.

Aquela a quem amei na mocidade, e cujas lembranças agora descrevo, calma e nitidamente, era a filha única da única irmã da minha mãe, há muito falecida. Eleonora se chamava minha prima. Sempre vivemos juntos, sob um sol tropical, no vale das Relvas Multicores. Nenhum, passo perdido chegou alguma vez àquele vale, porque jazia bem distante e elevado, entre uma fileira de gigantescas colinas que se erguiam em torno dele, impedindo que a luz do sol penetrasse nos seus mais doces recantos. Nenhuma vereda se abria na sua vizinhança, e para chegar ao nosso lar feliz havia necessidade de afastar, com força, a folhagem de muitos milhares de árvores da floresta e de esmagar de morte o esplendor flagrante de milhões de flores. Era assim que vivíamos, sozinhos, nada conhecendo do mundo senão o vale, eu, minha prima e sua mãe.

Das sombrias regiões além das montanhas, no mais alto ponto do nosso limitado domínio, serpeava estreito e profundo rio, mais brilhante do que tudo, exceto os olhos de Eleonora; e, enroscando-se furtivamente em intrincados meandros, passava, finalmente,

através de uma garganta trevosa, entre colinas ainda mais sombrias do que aquelas donde havia saído. Nós o chamávamos o "rio do Silêncio", porque parecia haver uma influência silenciante na sua torrente. Nenhum murmúrio se erguia de seu leito, e tão mansamente ele deslizava os seixos semelhantes a pérolas que gostávamos de contemplar bem no fundo do seu seio absolutamente não se moviam, mas jaziam num contentamento imoto, na mesma posição de outrora, esplendendo gloriosamente para sempre.

A margerm do rio e dos numerosos riachos refulgentes que resvalavam através de caminhos tortuosos para o seu leito, bem como os espaços que se estendiam das margens para dentro das profundezas das torrentes até alcançarem a camada de seixos do fundo, esses lugares, não menos do que toda a superfície do vale, desde o rio até as montanhas que o rodeavam, estavam atapetados por uma macia relva verde, espessa, curta, perfeitamente igual, cheirando a baunilha, mas tão pintalgada por toda a parte de ranúnculos , amarelos, brancas margaridas, roxas violetas, e as rúbidas abróteas, que sua excessiva beleza falava a nossos corações, em altas vozes, do amor e da glória de Deus.

E aqui e ali, em pequenos bosques, em torno dessa relva, como sonhos selváticos, erguiam-se fantásticas árvores cujos caules altos e esbeltos não se verticalizavam, mas curvavam-se graciosamente para a luz que assomava ao meio-dia, no centro do vale. Sua casca era mosqueada pelo vívido e alternado esplendor do ébano e da prata e era mais macia do que tudo, exceto as faces de Eleonora; de modo que, não fosse o verde brilhante das enormes folhas que brotavam do alto de suas frondes em linhas longas e trêmulas, brincando com os zéfiros, poder-se-ia imaginar que fossem gigantescas serpentes da Síria prestando homenagem a seu soberano, o Sol.

Durante quinze anos, vagueamos, de mãos dadas, pelo vale, eu e Eleora, antes que o Amor penetrasse em nossos corações. Foi tarde, numa tarde, no fim do terceiro lustro de sua vida e no quarto da minha, em que nos achávamos sentados sob as árvores serpentinas, estreitamente abraçados e contemplávamos nossos rostos dentro da água do rio do Silêncio. Nem uma palavra dissemos durante o resto daquele dia suave, e mesmo no dia seguinte nossas palavras eram roucas e trêmulas. Tínhamos arrancado daquelas águas o deus Eros e agora sentíamos que ele inflamara, dentro de nós, as almas ardentes de nossos antepassados. As paixões que durante séculos haviam distinguido nossa raça vieram em turbilhão com as fantasias pelas quais tinham sido igualmente notáveis e juntas sopraram uma delirante felicidade sobre o vale das Relvas Multicores. Todas as coisas se transformaram.

Flores estranhas e brilhantes, em forma de estrelas, brotaram nas árvores onde antes nunca haviam sido vistas. Os matizes do verde tapete ficaram mais intensos, e, quando uma a uma, as brancas margaridas desapareceram, e floriram dezenas e dezenas de rúbidas abróteas. E a vida despertou nas nossas veredas, porque o alto flamingo, até então invisível, como todos os alegres pássaros resplendentes, ostentou para nós a plumagem escarlate. Peixes de ouro e prata encheram o rio, de cujo seio irrompeu, pouco a pouco, um murmúrio que foi crescendo, afinal, para se tornar uma melodia embaladora mais divina a da harpa de Éolo, mais doce do que tudo, exceto a voz de Eleonora.

E então, uma nuvem imensa, que há muito observávamos nas regiões de Vésper, veio flutuando, toda rebrilhante de carmim e ouro, e pairou tranqüila sobre nós, descendo, dia a dia, cada vez mais baixo, até que suas extremidades descansaram sobre o cume das montanhas, transformando-lhes o negror em magnificência e encerrando-nos, como que para sempre, dentro de uma mágica prisão de grandeza e de glória.

A beleza de Eleonora era angélica; era uma moça natural e inocente como a breve vida que levara entre as flores. Nenhum artifício disfarçava o férvido amor que lhe animava o

coração e examinava comigo os seus mais remotos recantos quando juntos passeávamos no vale das Relvas Multicores, discorrendo a respeito das grandiosas mudanças que ali haviam recentemente ocorrido.

Afinal, tendo um dia falado, entre lágrimas, da derradeira triste mudança que deveria sobrevir à Humanidade, daí por diante só tratou desse tristonho tema, entremeando-o em todas as nossas conversas, como as imagens que surgem, sempre as mesmas, a todo instante, a cada variação impressiva da frase, nos poemas do de Schiraz.

Vira que o dedo da Morte lhe calcava o seio e que, como efêmera, toda aquela beleza perfeita lhe fora dada apenas para morrer; mas, para ela, os terrores do túmulo consistiam somente numa consideração que me revelou certa tarde, ao crepúsculo, junto às margens do rio do Silêncio. Afligia-a o pensar que, tendo-a sepultado, no vale das Relvas Multicores, eu abandonasse para sempre aqueles felizes recantos, transferindo o amor que agora tão apaixonadamente lhe dedicava para alguma moça do mundo exterior e cotidiano.

Ali, então, lancei-me precipitadamente aos pés de Eleonora e fiz um voto, a ela e ao Céu de que jamais me casaria com qualquer filha da Terra, de que, de modo algum, seria perjuro à sua querida memória ou à memória do devotado afeto com que ela me tornara feliz. E invoquei o Supremo Senhor do universo como testemunha da piedosa solenidade de meu voto. E a maldição que para mim pedi a Ele e a ela, santa do Eliseu, se me mostrasse traidor a essa promessa encerrava um castigo de tão excessivo horror que não me é permitido mencioná-lo aqui. E os brilhantes olhos de Eleonora mais brilhantes se tornaram ao ouvir minhas palavras. Suspirou, como se um peso mortal lhe tivesse sido tirado do peito, e tremeu e chorou amargamente, mas aceitou o voto (que era ela senão uma criança?) e isso lhe tornou mais fácil o leito de morte. E ela me disse, não muitos dias depois, ao morrer tranqüilamente, que, pelo que eu fizera para lhe confortar o espírito, velaria por mim em espírito quando morresse e, se lhe permitido, voltaria a mim em forma visível nas vigílias da noite, mas, se isso fosse realmente superior ao poder das almas no Paraíso, ela pelo menos me daria freqüentes indicações de sua, presença, suspirando ao meu lado no vento da tarde, ou enchendo o vento que eu respirava com o perfume dos turíbulos dos anjos. E, com essas palavras nos lábios, entregou sua vida inocente, pondo um fim no primeiro período da minha.

Até aqui narrei fielmente. Mas, ao transpor a barreira da vereda do tempo formada pela morte da minha bem-amada e continuar a segunda era de minha existência, sinto que uma sombra se espalha no meu cérebro e não confio na perfeita sanidade da narrativa, mais vamos adiante. Os anos passaram lenta e pesadamente e eu morava ainda no vale das Relvas Multicores; porém, uma segunda mudança operou-se em todas as coisas. As flores, em formas de estrela, murcharam nos caules das árvores e não mais apareceram. Desbotaram-se os matizes do verde tapete; e, uma a uma, as rúbias abróteas feneceram. E em lugar delas ali brotaram, às desenas, os olhos escuros das violetas, que se retorciam inquietas e estavam sempre pesadas de orvalho.

E a Vida fugiu de nossos caminhos, porque o alto flamingo não mais ostentou para nós a escarlate plumagem, mas voou tristemente do vale para as colinas, com todos os resplendentes pássaros que tinham vindo em sua companhia. E os peixes de ouro e prata nadaram através da garganta para a parte mais baixa de nosso domínio e nunca mais encheram o manso rio. E a melodia embaladora que tinha sido mais suave que a harpa eólia e mais divina do que tudo, exceto a voz de Eleonora, foi pouco a pouco morrendo, em murmúrios cada vez menos audíveis, até que a corrente voltou, afinal, inteiramente, à solenidade de seu silêncio primitivo. E depois, finalmente, a imensa nuvem se ergueu e, abandonando os cumes das montanhas ao seu negror de outrora, voltou às regiões de

Vésper, levando consigo todo o seu áureo esplendor magnificente, para longe do vale das Multicores.

Contudo as promessas de Eleonora não foram olvidadas, pois eu ouvia o balouçar sonoro dos turíbulos dos anjos, e ondas de sagrado perfume não cessavam de flutuar por todo o vale. E nas horas solitárias quando meu coração batia opresso os ventos que me banhavam a fronte chegavam até mim carregados de leves suspiros, e indistintos murmúrios enchiam muitas vezes o ar noturno.

Certa vez - oh, uma vez somente! -, fui despertado dum sono, semelhante ao sono da morte, pela pressão de lábios espirituais na minha face.Mas o vácuo em meu coração recusava-se, mesmo assim a preencher-se. Desejava ardentemente o amor que o tinha enchido até as bordas. Por fim, o vale passou a atormentar-me com a lembrança de Eleonora, e eu o deixei para sempre pelas vaidades e turbulentos triunfos do mundo.

Encontrei-me numa estranha cidade, onde todas as coisas podiam ter servido para apagar da memória os doces sonhos que por tanto tempo sonhara no vale das Relvas Multicores. As pompas e faustos de uma corte majestosa, e o louco clangor de armas, e a formosura das mulheres perturbaram e envenenaram-me o cérebro. Mesmo assim, minha alma continuara fiel a seus votos, e os sinais da presença de Eleonora eram-me ainda mostrados nas horas silentes da noite.

De repente, essas manifestações cessaram e o mundo se tornou mais negro diante de meus olhos. Fiquei horrorizado diante dos ardentes pensamentos que me possuíam, das terríveis tentações que me cercavam, porque tinha chegado à alegre corte do rei que eu servia, vinda de longínqua e ignota região, uma donzela, cuja beleza todo o meu perjuro coração imediatamente se rendeu diante de cujo escabelo eu me curvava sem relutar, no mais ardente e no mais abjeto culto de amor. Que era, na verdade a minha paixão pela jovem do vale, comparada com o fervor, o delírio, com o enlevante êxtase de adoração com que eu arrojava toda a minha alma em prantos aos pés da etérea Hermengarda! Oh, a radiosa e seráfica Hermçngarda! E nesta crença, lugar não havia para nenhuma outra.

Oh, a divina e angélica Hermengarda! E ao baixar o olhar para as profundezas de seus olhos inesquecíveis somente neles pensava.. . e "nela".

Casei-me, sem temer a maldição que havia invocado. E seu rigor não se abateu sobre mim. E uma vez, mais uma vez ainda no silêncio da noite, chegaram-me, através das gelosias, os suaves suspiros que me tinham abandonado, modulando-se numa voz familiar e doce, que dizia:

- Dorme em paz! Porque o Espírito do Amor reina e governa e, afeiçoando-te, com teu apaixonado coração, àquela que é Hermengarda, estás dispensado, em virtude de razões que irás conhecer no Céu, dos votos que fizeste a Eleonora.

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA – CONTOS DE TERROR, MISTÉRIO E MORTE

HOP-FROG

Jamais conheci alguém que fosse tão vivamente dado a brincadeiras como o rei.

Parecia viver apenas para troças. Contar uma boa história do gênero jocoso, e contá-la bem, era o caminho mais seguro para ganhar-lhe as boas graças. Por isso acontecia que seus sete ministros eram todos notáveis por sua perícia na arte da pilhéria. Todos se pareciam com o rei, também, por serem grandes, corpulentos e gordos, bem como inimitáveis farsistas. Se é a brincadeira que faz engordar ou se há algo na própria gordura que predispõe à pilhéria, nunca fui capaz de determiná-lo totalmente, mas o certo é que um trocista magro é uma rara avis in terris.

Quanto às sutilezas - ou, como ele as chamava, o "espectro' do talento -, pouco se incomodava o rei com elas. Tinha admiração especial pela largura numa pilhéria e a digeria em comprimento por amor a ela. As coisas demasiado delicadas o aborreciam. Teria dado preferência ao Gargântua de Rabelais, em lugar do Zadig de Voltaire e, sobretudo, as piadas de ação satisfaziam-lhe muito melhor o gosto que as verbais.

Na data de minha narrativa os bobos profissionais não estavam totalmente fora de moda na corte. Muitas das grandes "potências" continentais mantinham ainda seus "bobos" que usavam traje de palhaços com carapuças de guizos e cuja obrigação era estarem sempre prontos com agudos chistes, a qualquer instante, em troca das migalhas caídas da mesa real.

Nosso rei, como é natural, mantinha seu "bobo". O fato é que ele sentia a necessidade de algo, no gênero da loucura, sem falar de si mesmo, que contrabalançasse a pesada sabedoria dos sete sábios, seus ministros.

Seu "bobo", ou jogral profissional, não era, porém, apenas um bobo. Seu valor triplicava-se, aos olhos do rei, pelo fato de ser também anão e coxo. Os anões eram, naquele tempo, tão comuns nas cortes como os bobos, e vários monarcas teriam achado difícil passar o tempo (o tempo que é muito mais lento de passar nas cortes que em qualquer outra parte) sem um truão que os fizesse rir e sem um anão de quem rissem. Mas, como já observei, noventa e nove por cento dos truões são gordos, redondos e pesadões, de sorte que o nosso rei muito se orgulhava de possuir um Hop-Frog (hop: salto; frog: rã N.T.) (tal era o nome do "bobo"), tríplice tesouro numa só pessoa. Acredito que o nome de Hop-Frog não fosse o que lhe deram seus padrinhos de batismo, mas lhe fora conferido, pelo unânime consenso dos sete sábios, por causa de sua impossibilidade de caminhar como os outros homens. De fato, Hop-Frog podia mover-se apenas por meio duma espécie de passo interjetivo - algo entre um pulo e uma contorção -, um movimento que provocava ilimitada diversão e, sem dúvida, consolo ao rei, pois (não a obstante a protuberância de sua pança e o inchaço estrutural da cabeça, o rei era tido por toda a sua corte como um sujeito bonito.

Mas embora Hop-Frog, em conseqüência da distorção de suas pernas, só se pudesse mover com grande esforço e dificuldade por uma estrada ou pavimento, a prodigiosa força muscular de que a natureza parecia ter dotado seus braços, a título de compensação pela deficiência das pernas curtas, capacitava-o a executar muitas proezas de maravilhosa destreza, quando se tratava de árvores ou cordas, ou qualquer coisa onde se pudesse trepar. Em tais exercícios parecia-se certamente muito mais com um esquilo ou com um macaquinho do que com uma rã.

Não sou capaz de dizer, com precisão, de que país era originário Hop-Frog. Era de alguma região bárbara, porém, de que ninguém jamais ouvira falar, a vasta distância da corte do nosso rei. Hop-Frog e uma mocinha, pouco menos anã do que ele de corpo bem proporcionado e maravilhosa dançarina), arrancados, à força, de seus respectivos lares, em províncias limítrofes, e enviados como presentes ao rei por algum de seus sempre vitoriosos generais.

Em tais circunstâncias, não é de admirar que estreita intimidade surgisse entre os dois pequenos cativos. De fato, em breve se tornaram amigos jurados. Hop-Frog, que, embora não se poupasse nas suas artes de jogral, não gozava de popularidade alguma, poucos serviços podia prestar a Tripetta. Ela, porém, por causa de sua graça e estranha beleza (embora anã), era por todos admirada e mimada, de modo que possuía bastante prestígio e nunca deixava de usá-lo, quando podia, em benefício de Hop-Frog.

Em certa ocasião de imponente solenidade - não me recordo qual - resolveu o rei dar um baile de máscaras. E, quando um baile de máscaras ou qualquer outra festa dessa natureza ocorria na nossa corte, então, tanto os talentos de Hop-Frog como os de Tripetta eram seguramente solicitados. Especialmente Hop-Frog era tão imaginoso em matéria de organizar cortejos, sugerir novas fantasias e arranjar trajes para bailes de máscaras, que nada se podia fazer, ao que parece, sem seu auxílio.

Chegara a noite marcada para a festa. Um magnífico salão fora adaptado, sob a direção de Tripetta, com todas as espécies de adorno que pudessem dar brilho à mascarada. Toda a corte se agitava em febril expectativa. Quanto aos trajes e papéis, era de supor que cada qual havia feito sua escolha em tal assunto. Muitos já haviam determinado os papéis que desempenhariam com uma semana, ou mesmo um mês, de antecedência e, de fato, não havia a menor indecisão da parte de ninguém.. . exceto quanto ao rei e seus sete ministros. O motivo dessa hesitação jamais saberia eu dizê-lo, a não ser que assim fizessem por brincadeira. O mais provável é que achassem difícil, por serem tão gordos, arranjar uma idéia aproveitável. Seja como for, o tempo corria e, como último recurso, mandaram chamar Tripetta e Hop-Frog.

Quando os dois amiguinhos obedeceram às ordens do rei, acharam-no sentado, a tomar vinho, em companhia dos sete membros de seu gabinete de conselho; mas o monarca mostrava estar com bastante mau-humor. Sabia que Hop-Frog não gostava de vinho pois excitava o pobre coxo quase até à loucura, e a loucura não é um sentimento muito confortável. Mas o rei gostava de pilhérias efetivas e divertia-se em obrigar Hop-Frog a beber e como dizia o rei, "a ficar alegre".

- Venha cá, Hop-Frog - disse ele, quando o jogral e sua amiga entraram na sala. - Beba este copázio à saúde de seus amigos ausentes... (aqui Hop-Frog suspirou) e depois nos favoreça com os benefícios de sua imaginativa. Precisamos de tipos, de tipos, homem... Algo de novo, fora do comum... Estamos cansados dessa eterna mesmice. Vamos, beba, o vinho lhe esclarecerá as idéias.Hop-Frog tentou, como de costume, lançar uma pilhéria em resposta às propostas do rei, mas o esforço foi demasiado. Acontecia ser aquele o dia do aniversário do pobre anão e a ordem "à saúde de seus amigos ausentes" enchera-lhe

os olhos de lágrimas. Grandes e amargas gotas de pranto caíram na taça, quando a tomou, humildemente, da mão do tirano.

- Ah, ah, ah, ah! - berrou o rei, ao ver o anão esvaziar o copo, com repugnância. - Veja o que pode fazer um bom copo de vinho! Ora, seus olhos já estão brilhando!

Pobre coitado! Seus grandes olhos chispavam mais do que brilhavam, pois o efeito do vinho sobre seu cérebro excitável era tão poderoso quanto instantâneo. Colocou a taça nervosamente sobre a mesa e olhou em redor para todos os presentes, olhar semi louco. Todos pareciam altamente divertidos com o êxito da pilhéria do rei.

- E agora vamos ao que serve - disse o primeiro-ministro, um sujeito gordíssimo.

-Sim , disse o rei. - Vamos, Hop-Frog, ajude-nos. Tipos, um belo rapaz! Estamos precisando de fantasias típicas, todos nós ...ah,ah, ah!

E como isto pretendesse seriamente ser uma pilhéria, sua risada foi repetida em em coro pelos sete.

Hop-Frog também riu, embora fracamente e de maneira um tanto distraída.

- Vamos... vamos! - disse o rei, com impaciência. - Não tem nada a sugerir?

- Estou procurando pensar em algo de novo - respondeu o anão com o ar abstrato, pois estava completamente transtornado pelo vinho.

- Procurando! - gritou o tirano ferozmente. - Que quer você dizer com isso? Ah! Percebo. Você está de mau-humor e quer mais vinho. Aqui está, beba este!Encheu outra taça e ofereceu-a ao coxo que a olhou e se pôs a ansiar sem fôlego.

- Beba, estou-lhe dizendo - urrou o monstro -, ou então, pelos diabos que...

O anão hesitava. O rei ficou rubro de raiva. Os cortesãos sorriam afetadamente. Tripetta, pálida como um cadáver, adiantou-se até a cadeira do monarca e, caindo de joelhos diante dele, implorou-lhe que poupasse seu amigo.O tirano olhou-a alguns instantes, com evidente espanto, diante de sua audácia. Parecia totalmente sem saber o que fazer ou dizer... nem como exprimir sua indignação da maneira mais adequada. Por fim, sem dizer uma palavra, empurrou-a violentamente para longe de si, e jogou-lhe o conteúdo da taça cheia no rosto. A pobre moça levantou-se como pôde e, sem mesmo ousar suspirar, retomou sua posição ao pé da mesa.

Por meio minuto reinou um silêncio mortal durante o qual , a queda de uma folha ou uma pena poderia ter sido ouvida. Foi interrompido por um som baixo porém áspero e irritantemente prolongado que parecia provir de todos os cantos da sala.

- Por que ... por que. . . por que está você esta fazendo esse barulho? - perguntou o rei, voltando-se furioso para o anão. Ele parecia ter dominado, em grande parte, sua embriaguez, e, olhando fixa mas sossegadamente o rosto do tirano, disse simplesmente:

- Eu, eu? Como poderia ter sido eu?

- O som me pareceu vir de fora - observou um dos cortesãos - Creio que foi o papagaio na janela, afiando o bico nas varetas da gaiola.

- É verdade - disse o monarca, como se esta sugestão o houvesse aliviado bastante. - Mas, pela honra de um cavalheiro, poderia ter jurado que era o ranger dos dentes desse vagabundo.

Nisto o anão riu (o rei era um farsista chapado para que se agastasse com a risada do alguém) exibindo uma fileira de dentes grandes, fortes e bastante repulsivos. Além disso, declarou estar completamente disposto a beber tanto vinho quanto se quisesse. O monarca acalmou-se e, tendo engolido outro copázio, com não muito perceptível mau efeito, Hop-Frog começou logo, e com vivacidade, a expor seus planos para a mascarada.

- Não sei explicar por que associação de idéias - explicou ele, bem tranqüilo, e como se nunca houvesse provado vinho em sua vida -, mas justamente depois que Vossa Majestade empurrou moça e lançou-lhe o vinho na cara, justamente depois que vossa Majestade fez isto, e enquanto o papagaio fazia aquele barulho estranho lá fora, na janela, veio-me ao espírito a idéia duma extraordinária diversão, uma das brincadeiras de minha própria terra, muitas vezes executada entre nós nas nossas mascaradas, mas que aqui será inteira nova. Infelizmente, porém, requer um grupo de oito pessoas, e...

- Aqui estamos! - gritou o rei, rindo de sua sutil descoberta da coincidência - oito, justinho; eu e meus sete ministros! qual é a diversão?

- Nós a chamamos - respondeu o coxo - de Oito Orangotangos Acorrentados, e é, realmente, uma excelente brincadeira quando bem representada.

- Nós a representaremos - observou o rei, levantando e baixando as pálpebras.

- A beleza da troça - continuou Hop-Frog - está no medo que causa as mulheres.

- Excelente! - berraram, em coro, o monarca e seu ministério.

- Eu vos fantasiarei de orangotangos - continuou o anão - Deixai tudo por minha conta. A semelhança será tão completa que os mascarados tomar-vos-ão por verdadeiros animais, e sem dúvida, ficarão tão aterrorizados quanto espantados.

- Oh, isso é extraordinário! - exclamou o rei. - Hop-Frog, farei de você um homem!

- As correntes são para o fim de aumentar a confusão com seu entrechocar-se. Supõe-se que vos escapastes, en masse, das mãos dos guardas. Vossa Majestade não pode imaginar o efeito produzido, num baile de máscaras, por oito orangotangos acorrentados que a maior parte dos convivas julgará serem verdadeiros, a dando gritos selvagens, em meio da multidão de homens e mulheres, refinada e esplendidamente trajados. O contraste não tem igual.

- E não terá mesmo! - disse o rei, e o conselho foi suspenso apressadamente (pois já se fazia, tarde) para pôr em execução o plano de Hop-Frog.

Sua maneira de arranjar o grupo como orangotangos foi muito simples, mas bastante eficiente, para os fins que tinha em vista. Os animais em questão tinham, na época de minha estória, sido mui raramente vistos em qualquer parte do mundo civilizado, e como as imitações feitas pelo anão eram suficientemente parecidas com animais e mais do que suficientemente horrendas, sua semelhança com o original julgava-se estar assim assegurada.

O rei e seus ministros foram, primeiramente, metidos em camisas e ceroulas de de elástico bem apertadas. Depois foram bem lambuzados com breu. Neste ponto da

operação, alguém do grupo sugeriu o emprego de penas; mas a sugestão foi imediatamente rejeitada pelo anão, que logo convenceu os oito, com demonstração oculares, que o cabelo dum animal, como o orangotango, era muito mais eficientemente representado pelo linho. Em conseqüência, foi estendida espessa camada dele sobre a camada de breu. Procurou-se depois comprida corrente. Primeiro, passaram-na em redor da cintura do rei prendendo-o; depois em redor de outro membro do grupo, também preso; e por fim, em redor de todos, sucessivamente do mesmo modo. Quando todo esse arranjo da cadeia foi acabado e cada um do grupo ficava o mais afastado possível do outro formaram eles um círculo, e, para fazer todas as coisas parecerem naturais, Hop-Frog passou as pontas da corrente através do círculo, em dois diâmetros, em ângulos retos, de acordo com o método dotado nos dias que correm pelos que caçam chimpanzés ou outros grandes símios em Bornéu.

O enorme salão em que se realizaria o baile de máscaras era um aposento circular, muito elevado, recebendo a luz do sol somente por uma janela no teto. À noite (ocasião para a qual o fora especialmente destinado) era ele iluminado principalmente por um enorme candelabro pendente de uma corrente no centro da clarabóia, e abaixado ou levantado, por meio de um contrapeso, como de costume; mas (a fim de não parecer destoante) este último passava por fora da cúpula e sobre o forro. A decoração do aposento fora deixada a cargo de Tripetta; mas em alguns pormenores, parece, fora ela orientada pela opinião mais serena de seu amigo o anão. Fora por sugestão deste que, dessa removera o candelabro. Seus respingos de cera (que em tempo tão cálido era impossível evitar) teriam sido seriamente danosos para as ricas vestes dos convidados, que, na previsão de achar-se o salão apinhado, não poderiam evitar-lhe o centro, isto é sair debaixo do candelabro.

Novos castiçais foram colocados em várias partes do salão fora do espaço destinado às pessoas, e um archote emitindo suave odor foi posto na mão direita de cada uma das cariátides que se fixavam à parede, ao todo cerca de cinqüenta ou sessenta.

Os oito orangotangos, seguindo o conselho de Hop-Frog, esperaram pacientemente até a meia-noite (quando o salão estava completamente repleto de mascarados) para apresentar-se. Nem bem cessara o relógio de bater, porém, irromperam eles - ou melhor, todos juntos para dentro da sala, pois as correntes, dificultando-lhes os movimentos, fizeram com que muitos do grupo caíssem e todos entrassem aos tropeções.

A agitação entre os mascarados foi prodigiosa e encheu de prazer o coração do rei. Como fora previsto, não poucos dos convivas supuseram serem aquelas criaturas, de feroz catadura, animais de alguma espécie, na realidade, senão precisamente orangotangos.

Muitas das mulheres desmaiaram de terror, e não houvesse o rei tido a precaução de proibir armas no salão, seu grupo logo teria expiado com sangue aquela pilhéria. Assim, houve uma correria geral em direção das portas; mas o rei ordenara que elas fossem aferrolhadas logo depois de sua entrada, e, por sugestão as chaves ficaram em mão deste.

Quando o tumulto estava no auge e cada mascarado só atentava para a própria salvação (pois havia, de fato, um perigo muito real no aperto da multidão excitada), a corrente da qual pendia comumente o candelabro e que fora puxada ao ser aquele removido poderia ter sido vista a descer até que sua ponta em gancho chegasse a quase um metro do soalho.

Logo depois disso, o rei e seus sete amigos, que haviam rodado pelo salão em todas as direções, encontraram-se, afinal, no centro do aposento e, naturalmente, em estreito contato com a corrente Enquanto assim estavam, o anão, que lhes marchava, silenciosamente, nos calcanhares, incitando-os a manterem a agitação, agarrou as correntes que os prendiam na interseção das duas partes que cruzavam o círculo

diametralmente e em ângulos retos. Neste ponto, com a rapidez do pensamento, inseriu o gancho que costumava pender o candelabro; e num momento, como que um meio invisível, a corrente do candelabro foi subida o bastante para que o gancho ficasse fora do alcance e, como inevitável seqüência, arrastou os orangotangos juntos, uns encostados nos outros e face a face.

Os mascarados, a esse tempo, haviam-se recobrado de algum modo de seu alarma e, começando a encarar todo o caso como uma pilhéria bem arquitetada, desataram em gargalhadas ante a situação dos macacos.

- Deixem-nos por minha conta! - berrou então Hop-Frog, cuja voz penetrante se ouvia dominando o tumulto. - Deixem-nos por minha conta! Creio que os conheço! Se puder dar-lhes boa olhadela, poderei dizer logo quem são!

Então, subindo sobre as cabeças dos convivas, conseguiu alcançar a parede; aí, arrancando um archote de uma das cariátides voltou, como fora, para o centro do salão, saltou com a agilidade de um mono para cima da cabeça do rei, daí subiu uns poucos pés pela corrente, segurando a tocha, para examinar o grupo de orangotangos e berrando ainda:

- Descobrirei logo quem são eles!

E então, enquanto todos os presentes - incluídos os macacos - contorciam de riso, o jogral, de súbito, emitiu um assovio agudo e a corrente subiu violentamente, a cerca de nove metros, consigo os aterrorizados orangotangos, a debaterem-se, e deixando-se suspensos no meio do espaço, entre o forro e a clarabóia. Hop-Frog agarrando-se à corrente quando esta subia, mantinha ainda sua posição em relação aos oito mascarados e ainda (como setivesse acontecido) continuava a passear o archote por baixo deles, tentando descobrir quem eram.

Tão completamente atônitos ficaram todos ante aquela ascensão que se fez um silêncio mortal de cerca de um minuto. Quebrou-o um som rouco, surdo, irritante, igual ao que antes atraíra a atenção e de seus conselheiros quando aquele atraíra a atenção do rei e de seus conselheiros, quando aquele atirara o vinho na face de Tripetta. Mas, naquela ocasião não podia haver dúvida de onde o som partira.

Vinha dos dentes, em forma de presas, que os rangia furiosamente, com a boca a espumejar, ao tempo que fitava, com expressão de louca ira, as faces do rei e de seus sete companheiros.

- Ah, ah, ah! - disse, por fim, o furioso bufão. - Ah. ah, ah! Começo agora a ver quem é esta gente!

E aí fingindo examinar o rei mais de perto, encostou o archote ao vestuário de linho que o envolvia e que imediatamente se tornou um lençol de vivas chamas

Em menos de meio minuto todos os orangotangos ardiam furiosamente, entre os gritos da multidão que os contemplava de baixo, horrorizada e sem poder prestar-lhes o mais leve socorro.

Por fim as chamas, crescendo subitamente de violência, forçaram o truão a subir mais alto pela corrente, a fim de colocar-se fora do alcance delas; e, ao fazer tal movimento, de novo, todos, por um breve instante, mergulharam no silêncio. O anão aproveitou essa oportunidade e mais uma vez falou:

- Agora vejo distintamente - disse ele - que espécie de gente são estes mascarados. São eles um grande rei e seus sete conselheiros particulares. Um rei que não tem escrúpulos em espancar uma moça indefesa, e seus sete conselheiros, que lhe encorajam as violências. Quanto a mim, sou simplesmente Hop-Frog, o truão, e essa é a minha última truanice.

Em conseqüência da alta combustibilidade tanto do linho como do breu a ele aderido, nem bem o anão findara seu breve discurso e já a obra da vingança estava terminada. Os oito cadáveres balançavam-se nas correntes, massa fétida, enegrecida, horripilante, indistinguível. O coxo atirou-lhes o archote, subiu sem empecilhos para o teto e desapareceu pela clarabóia.

Supõe-se que Tripetta, ficando no forro do salão, tenha sido a cúmplice de seu amigo em sua incendiária vingança e que juntos, tenham fugido para sua terra. pois nenhum deles jamais foi visto de novo.

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA – CONTOS DE TERROR, MISTÉRIO E MORTE

LIGÉIA

E ali dentro está a vontade que não morre. Quem conhece os mistérios da vontade, bem como vigor? Porque Deus é apenas uma grande vontade, penetrando todas as coisas pela qualidade de sua aplicação. O homem não se submete aos anjos nem se rende inteiramente à morte, a não ser pela fraqueza de sua débil vontade.
Joseph GLANVILL

JURO PELA MINHA ALMA que não posso lembrar-me quando, ou mesmo precisamente onde, travei, pela primeira vez, conhecimento com Lady Ligéia. Longos anos se passaram desde então e minha memória se enfraqueceu pelo muito sofrer. Ou, talvez, não posso agora reevocar aqueles pontos, porque, na verdade, o caráter de minha bem-amada, seu raro saber, sua estranha mas plácida qualidade de beleza e a emocionante e subjugante eloqüência de sua linguagem musical haviam aberto caminho dentro do meu coração, a passos tão constantes e tão furtivos que passaram despercebidos e ignorados. Entretanto, acredito que a encontrei, pela primeira vez, e depois freqüentemente, em alguma grande e decadente cidade velha das margens do Reno.

Quanto à família... certamente ouvia-a falar a seu respeito. Que fosse de origem muito remota é coisa que não se pode pôr em dúvida. Ligéia! Ligéia! Mergulhado em estudos, mais adaptados que quaisquer outros, pela sua natureza, a amortecer as impressões do mundo exterior, é apenas por aquela doce palavra, Ligéia, que na imaginação evoco, diante de meus olhos, a imagem daquela que não mais existe. E agora, enquanto escrevo, uma lembrança me vem, como um clarão: que eu jamais conheci o nome de família daquela que foi minha amiga e minha noiva, que se tornou a companheira de meus estudos e finalmente a esposa de meu coração. Fora uma travessa injunção de Ligéia ou uma prova da força de meu afeto que me levara a não indagar esse ponto? Ou fora antes um capricho de minha parte, uma oferta loucamente romântica, no altar da mais apaixonada devoção?

Só confusamente me lembro do próprio fato. Mas há alguma coisa de admirar no ter eu inteiramente esquecido as circunstâncias que o originaram ou o acompanharam? É, na verdade, se jamais o espírito de Romance, se jamais a pálida Ashtophet, de asas tenebrosas, do Egito idólatra, preside, como dizem, aos casamentos de mau agouro, então com mais certeza presidira ao meu. Há no entanto, um assunto querido, a respeito do qual a memória não me falha. É a pessoa de Ligéia. Era de alta estatura, um tanto delgada, e, nos seus últimos dias, bastante emagrecida. Tentaria em vão retratar a majestade, o tranqüilo desembaraço de seu porte, ou a incompreensível ligeireza de elasticidade de seu passo. Ela entrava e saía como uma sombra. Jamais me apercebia de sua entrada no meu gabinete de trabalho, exceto quando ouvia a música de sua doce e profunda voz, quando punha sua mão de mármore sobre o meu ombro.

Em beleza de rosto, nenhuma mulher jamais se igualou. Era o esplendor de um sonho de ópio, uma visão aérea e encantadora, mais estranhamente divina que as fantasias que flutuam nas almas dormentes das filhas de Delos. Entretanto, não tinha suas feições aquele modelado regular, que falsamente nos ensinam a cultuar nas obras clássicas do paganismo. "Não há beleza rara - disse Bacon, Lorde Verulam, falando verdadeiramente de todas as formas e gêneros de beleza - sem algo de estranheza nas proporções." Contudo, embora eu visse que as feições de Ligéia não possuíam a regularidade clássica, embora percebesse que sua beleza era realmente "esquisita" e sentisse que muito de "estranheza" a dominava, tentara em vão descobrir essa irregularidades e rastrear, até sua origem, minha própria concepção de estranheza.

Examinava o contorno da fronte elevada e pálida: era impecável - mas quão fria, na verdade, é esta palavra, quando aplicada a uma majestade tão divina! - pela pele que rivalizava puro marfim, pela largura imponente e calma, a graciosa elevação das regiões acima das fontes; e depois aquelas luxuriantes e luzentes madeixas, naturalmente cacheadas, dum negro de corvo, realçando a plena força da expressão homérica: "cabelo hiacintino" considerava as linhas delicadas do nariz e em nenhuma outra parte senão nos graciosos medalhões dos hebreus, tinha eu contemplado perfeição semelhante. Tinham a mesma voluptuosa maciez de superfície, a mesma tendência quase imperceptível para o aquilino, mesmas narinas harmoniosamente arredondadas, a revelar um espírito livre. Olhava a encantadora boca. Nela esplendia de fato o triunfo de todas as coisas celestes: a curva magnífica do curto lábio superior, o aspecto voluptuoso e macio do inferior, as covinhas do rosto, que pareciam brincar, e a cor que falava; os dentes, refletindo, com uma irradiação quase cegante, cada raio da luz que sobre eles caía, quando ela os mostrava num sorriso sereno e plácido, que era no entanto o mais triunfantemente radioso de todos os sorrisos. Analisava a forma do queixo, e aqui também encontrava a graciosidade da largura, a suavidade e a majestade, a plenitude e a espiritualidade grega, aquele contorno que o deus Apolo só revelou num sonho a Cleómenes, o filho do ateniense. E depois eu contemplava os grandes olhos de Ligéia.Para os olhos, não encontramos modelos na remota antiguidade. Podia ser, também, que naqueles olhos de minha bem-amada repousasse o segredo a que alude Lorde Verulam.

Eram, devo crer, bem maiores que os olhos habituais de nossa raça. Eram mesmo mais rasgados que os mais belos olhos das gazelas da tribo de Nourjahad. No entanto, era somente a intervalos, em movimentos de intensa excitação, que essa peculiaridade se tornava mais vivamente perceptível em Ligéia. E, em tais momentos, era a sua beleza - pelo menos assim surgia diante de minha fantasia exaltada - a beleza de criaturas que se acham acima ou fora da terra, a beleza da fabulosa huri dos turcos. As pupilas eram do negro mais brilhante, veladas por longuíssimas pestanas de azeviche. As sobrancelhas, de desenho levemente irregular, eram da mesma cor. Toda a "estranheza" que eu descobria nos olhos era de natureza distinta da forma, da cor ou do brilho deles e devia ser, decididamente, atribuída à sua expressão. Ah, palavra sem significação, e simples som, por trás de cuja vasta latitude entrincheiramos nossa ignorância de tanta coisa espiritual. A expressão dos olhos de Ligéia. . . Quantas e quantas horas refleti sobre ela! Quanto tempo esforcei-me por sondá-la, durante uma noite inteira de verão! Que era então aquilo - aquela alguma coisa mais profunda que o poço de Demócrito - que jazia bem no fundo das pupilas de minha bem-amada? Que era aquilo? Obsessionava-me a paixão de descobri-lo. Aqueles olhos, aquelas largas, brilhantes, divinas pupilas tornaram-se para mim as estrelas gêmeas de Leda e eu para elas o mais fervente dos astrólogos.

Não há caso, entre as numerosas anomalias incompreensíveis da ciência psicológica, mais emocionantemente excitante do que o fato - nunca, creio eu, observado nas escolas - de nos encontrarmos muitas vezes, em nossas tentativas de trazer à memória alguma coisa há muito tempo esquecida, justamente à borda da lembrança, sem poder, afinal,

recordar. E assim, quantas vezes, na minha intensa análise dos olhos de Ligéia, senti aproximar-se o conhecimento completo de sua expressão!

Senti-o aproximar-se, e contudo não estava ainda senhor absoluto dele, e por fim desaparecia totalmente! E (estranho, oh, o estranho de todos os mistérios!) descobri nos objetos mais comuns do universo uma série de analogias para aquela expressão. Quero dizer que, depois da época em que a beleza de Ligéia passou para o meu espírito e nele se instalou como num relicário, eu deduzia de vários seres do mundo material, uma sensação idêntica a que me cercava e me penetrava sempre, quando seus grandes e luminosos olhos me fitavam.

Entretanto, nem por isso sou menos capaz de definir essa sensação, de analisá-la, ou mesmo de ter dela uma percepção integral. Reconheci-a, repito-o, algumas vezes no aspecto duma vinha rapidamente crescida, na contemplação de uma falena, duma borboleta, duma crisálida, duma corrente de água precipitosa. Senti-a no oceano, na queda dum meteoro. Senti-a nos olhares de pessoas extraordinariamente velhas. E há uma ou duas estrelas no céu (uma especialmente, uma estrela de sexta grandeza dupla e mutável, que se encontra perto da grande estrela da Lira) que, vistas pelo telescópio, me deram aquela sensação. Sentindo-me invadido por ela ao ouvir certos sons de instrumentos de corda e, não poucas vezes, ao ler certos trechos de livros. Entre numerosos outros exemplos, lembro-me de alguma coisa num de Joseph GlanvilI que (talvez simplesmente por causa de sua singularidade, quem sabe lá?) jamais deixou de inspirar-me a mesma sensação: "E ali dentro está a vontade que não morre. Quem conhece os mistérios da vontade, bem como seu vigor? Porque Deus é apenas uma grande vontade, penetrando todas as coisas pela qualidade de sua aplicação. O homem não se submete aos anjos nem se rende inteiramente à morte, a não ser pela fraqueza de débil vontade."

Com o correr dos anos e graças a subseqüentes reflexões, consegui descobrir, realmente, certa ligação remota entre esta passagem do moralista inglês e parte do caráter de Ligéia. Uma intensidade , de pensamento, de ação ou de palavra era possivelmente nela resultado, ou pelo menos sinal, daquela gigantesca volição que, durante nossas longas relações, deixou de dar outras e mais imediatas provas de sua existência. De todas as mulheres que tenho conhecido, era ela, a aparentemente calma, a sempre tranqüila Ligéia, a mais violentamente presa dos tumultuosos abutres da paixão desenfreada.

E só podia eu formar uma estimativa daquela paixão pela miraculosa dilatação daqueles olhos que, ao mesmo tempo, me encantavam e atemorizavam, pela quase mágica melodia, pela modulação, pela clareza e placidez de sua voz bem grave e pela selvagem energia (tornada duplamente efetiva pelo contraste com sua maneira de emiti-las) das ardentes palavras que habitualmente pronunciava.

Falei do saber de Ligéia: era imenso, como jamais encontrei em mulher alguma. Era profundamente versada em línguas clássicas, e tão longe quanto iam meus próprios conhecimentos das modernas línguas européias, nunca a descobri em falta. E na verdade, em qualquer tema dos mais admirados, precisamente porque mais abstrusos da louvada erudição acadêmica, encontrei eu jamais Ligéia em falta? Quão singularmente, quão excitantemente, este único ponto da natureza de minha mulher havia, apenas neste último período, subjugado a minha atenção!

Disse que seu saber era tal como jamais conhecera em mulher alguma, mas onde existe o homem que tenha atravessado e com êxito, todas as vastas áreas da ciência moral, matemática? Eu não via então o que agora claramente os percebo, que os conhecimentos de Ligéia eram gigantescos, espantosos. Entretanto, estava suficientemente cônscio de sua infinita supremacia para resignar-me, com uma confiança de criança, a ser por ela

guiado através do caótico mundo da investigação metafísica em que me achava acuradamente ocupado durante os primeiros anos de nosso casamento. Com que vasto triunfo, com que vivo deleite com que tamanha esperança etérea sentia eu - quando ela se curvava sobre mim, em meio de estudos tão pouco devassados, tão pouco conhecidos, alargar-se pouco a pouco, diante de mim aquela deliciosa perspectiva, ao longo de cuja via esplêndida e jamais palmilhada podia eu afinal seguir adiante até o termo de uma sabedoria por demais preciosa e divina para não ser proibida!

Quão pungente, então, deve ter sido o pesar com que, depois de alguns anos, vi minhas bem fundadas esperanças criarem asas por si mesmas e voarem além! Sem Ligéia, era apenas uma criança tateando no escuro. Sua presença, somente suas lições podiam tornar vivamente luminosos os muitos mistérios do transcendentalismo em que estávamos imersos. Privado do clarão radioso de seus olhos, aquela literatura leve e dourada tornava-se mais pesada e opaca do que o simples chumbo. E agora aqueles olhos brilhavam cada vez menos freqüentemente sobre as páginas que eu esquadrinhava. Ligéia adoeceu. Os olhos ardentes esbraseavam numa refulgência por demais esplendorosa; os pálidos dedos tomaram a transparência da morte e as veias azuis, na elevada fronte, intumesciam-se, e palpitavam, impetuosamente, aos influxos da mais leve emoção. Vi que ela ia morrer e, desesperadamente, travei combate em espírito com o horrendo Azrael. E os esforços daquela mulher apaixonada eram, com grande espanto meu, mais enérgicos mesmo do que os meus. Havia muito na sua severa natureza para fazer-me crer que, para ela, a morte chegaria sem terrores; mas assim não foi.

As palavras são impotentes para transmitir qualquer justa idéia da ferocidade de resistência com que ela batalhou contra a Morte. Eu gemia de angústia diante daquele lamentável espetáculo. Teria querido acalmá-la, teria querido persuadi-la, mas na intensidade de seu feroz desejo de viver, de viver, nada mais que viver, todos os alívios e razões teriam sido o cúmulo da loucura. Entretanto nem mesmo no derradeiro instante, entre as mais convulsivas contorções do seu espírito ardente, foi abalada a externa placidez de seu porte. Sua voz tornou-se mais suave, tornou-se mais grave, mas eu não queria confiar na significação estranha daquelas palavras, sossegadamente pronunciadas. Meu cérebro vacilava quando eu escutava extasiado por uma melodia sobre-humana, aquelas elevações e aspirações que os homens mortais jamais conheceram até então.

Que ela me amasse, não podia pô-lo em dúvida, e era-me fácil saber que, num peito como o seu, o amor não deveria ter reinado como uma paixão comum. Mas somente na morte é que compreendi toda a força de seu afeto. Durante longas horas, presas minhas mãos nas suas, derramava diante de mim a superabundância dum coração cuja devoção, mais do que apaixonada, atingia as raias da idolatria. Como tinha eu merecido a beatitude de ouvir tais confissões? Como tinha eu merecido a maldição de que minha me fosse roubada na hora mesma em que mais falta fazia? Mas sobre essa questão não posso suportar o demorar-me. Permiti-me apenas dizer que no abandono mais do que feminino de Ligéia a um amor, ai de mim!, inteiramente imerecido, concedido a quem era de todo indigno, eu afinal reconheci o princípio de sua saudade , com um desejo, tão avidamente selvagem, da vida que agora lhe fugia com tal rapidez. É essa violenta aspiração, essa ávida veemência do desejo da vida, apenas da vida, que não tenho poder para retratar, nem palavras capazes de exprimir.

Bem no meio da noite durante a qual partiu, chamando autoritariamente, a seu lado, ela me pediu para repetir-lhe certos versos, que ela mesma compusera, não muitos dias antes; obedeci-lhe. Eram os que seguem:

Vede! é noite de gala, hoje, nestes
anos últimos e desolados!

Turbas de anjos alados, em vestes
de gaze, olhos em pranto banhados,
vêm sentar-se no teatro, onde há um drama
singular, de esperança e agonia;
e, ritmada, uma orquestra derrama
das esferas a doce harmonia.
Bem à imagem do Altíssimo feitos,
os atores, em voz baixa e amena,
murmurando, esvoaçam na cena,
São de títeres, só, seus trejeitos,
sob o império de seres informes,
dos quais cada um a cena retraça
a seu gosto, com as asas enormes
esparzindo invisível Desgraça!

Certo, o drama confuso já não
poderá ser um dia olvidado,
com o espectro a fugir, sempre em vão
pela turba furiosa acossado,
numa ronda sem fim, que regressa,
incessante, ao lugar de partida;
e há Loucura, e há Pecado, e é tecida
de Terror toda a intriga da peça!
Mas, olhai! No tropel dos atores
uma forma se arrasta e insinua!
Vem, sangrenta, a enroscar-se, da nua
e erma cena, junto aos bastidores,
a enroscar-se! Um a um, cai, exangue,
cada ator, que esse monstro devora.
E soluçam os anjos - que é sangue,
sangue humano, o que as fauces lhe cora.
E se apagam as luzes! Violenta,
a cortina, funérea mortalha,
sobre os trêmulos corpos se espalha,
ao cair, com um rugir de tormenta.
Mas os anjos, que espantos consomem,
já sem véus, a chorar, vêm depor
que esse drama, tão tétrico, é "0 Homem"
e que o herói da tragédia de horror
é o Verme Vencedor.

- Ó, Deus! - quase gritou Ligéia, erguendo-se sobre os pés e estendendo os braços para a frente num movimento espasmódico, quando terminei aqueles versos. - Ó, Deus! Ó, Pai Divino! Deverão ser essas coisas inflexivelmente assim? Não será uma só vez vencido esse vencedor? Não somos uma parte, uma parcela de Ti? .... quem conhece os mistérios da vontade, bem como seu vigor? O homem não se submete aos anjos, nem se rende inteiramente a morte, a não ser pela fraqueza de sua débil vontade.

E então, como se a emoção a exaurisse, ela deixou os alvos caírem e regressou solenemente a seu leito de morte. E enquanto exalava os últimos suspiros, veio de envolta com eles um baixo murmúrio de seus lábios: "O homem não se submete aos anjos nem se rende inteiramente à morte, a não ser pela fraqueza de sua débil vontade."

Morreu. E eu, aniquilado, pulverizado pela tristeza, não pude mais suportar a solitária desolação de minha morada, na sombria e decadente cidade à beira do Reno. Não me

faltava aquilo que o mundo chama riqueza. Ligéia me trouxera bem mais, muitíssimo mais do que cabe de ordinário à sorte dos humanos. Depois, portanto de poucos meses de vaguear cansativamente e sem rumo, adquiri e restaurei, em parte, uma abadia que não denominarei em um dos mais incultos e menos freqüentados rincões da bela Inglaterra. A grandeza melancólica e sombria do edifício, o aspecto quase selvagem da propriedade, as muitas recordações tristonhas e vetustas que a ambos se ligavam tinham muito de união com os sentimentos de extremo abandono que me haviam levado àquela remota e deserta região do interior.

Contudo, embora a parte externa da abadia, com sinais esverdinhados de ruína a pender em volta, apenas experimentasse pouca modificação, entreguei-me a perversidade como que pueril, e talvez com a franca esperança de encontrar alívio a minhas tristezas, a exibir dentro dela magnificência mais do que régia. Mesmo na infância, eu tomara gosto por tais fantasias, e agora elas me voltavam como uma extravagância do pesar. Ai! sinto quanto de loucura, mesmo incipiente pode ser descoberta nas tapeçarias ostentosas e fantasmagóricas nas solenes esculturas egípcias, nas fantásticas colunas, nos desenhos alucinados, nos desenhos alucinados dos tapetes enfeitados de ouro.

Tornei-me um escravo acorrentado às peias do ópio, e meus trabalhos e decisões tomavam o colorido de meus sonhos. Mas não devo deter-me em pormenorizar tais absurdos. Permiti-me que fale só daquele aposento, maldito para sempre, aonde conduzi, como minha esposa, num momento de alienação mental - como sucessora da inesquecível Ligéia -, a loura Lady Rowena Trevanion, de Tremaine, de olhos azuis.

Não há pormenor da arquitetura e decoração daquela câmara nupcial que não esteja agora presente a meus olhos. Onde estavam as almas da altiva família da noiva quando, movidas pela sede do ouro, permitiram que transpusesse o umbral dum aposento tão ataviado uma jovem e tão amada filha? Disse que me recordo minuciosamente dos pormenores do quarto, se bem que minha memória tristemente se esqueça de coisas de profunda importância; e não havia nenhuma sistematização, nenhuma harmonia, naquela fantástica exibição que cativasse a memória.

O aposento achava-se numa alta torre da abadia acastelada, tinha a forma pentagonal, era bastante espaçoso. Ocupando toda a face sul do pentágono havia uma única janela, imensa folha de vidro inteiriço de Veneza, só pedaço e duma cor plúmbea, de modo que os raios do sol, ou da lua, passando através dele, lançavam sobre os objetos do interior uma luz sinistra. Sobre a parte superior dessa imensa prolongava-se a latada duma velha vinha que grimpara pelas maciças paredes da torre. O forro, de carvalho quase negro, era excessivamente elevado, abobadado e primorosamente ornado com os mais estranhos e os mais grotescos espécimes dum estilo gótico e semi druídico. Do recanto mais central dessa melancólica abóbada pendia, duma única cadeia de ouro de compridos elos imenso turíbulo do mesmo metal, de modelo sarraceno, e com numerosas perfurações, tão tramadas que dentro e fora delas se estorcia, como se dotada de vitalidade serpentina, uma continua sucessão de luzes multicores.

Algumas poucas otomanas e candelabros de ouro, de forma oriental, ocupavam em redor vários lugares; e havia também leito - o leito nupcial - de modelo indiano, baixo e esculpido em ébano maciço, encimado por um dossel semelhante a um pano mortuário. Em cada um dos ângulos do quarto se erguia um gigantesco sarcófago de granito negro tirado dos túmulos dos reis em face de Luxor, com suas vetustas tampas cheias de esculturas imemoriais. Mas a fantasia principal, ai de mim!, se ostentava nas colgaduras do aposento .

As paredes elevadas a gigantesca altura - acima mesmo de qualquer proporção - estavam cobertas, de alto a baixo, de vastos panejamentos duma pesada e maciça tapeçaria, que

tinha seu similar no material empregado no tapete do soalho, bem como a cobertura das otomanas e do leito de ébano, no seu dossel e nas volutas das cortinas, que parcialmente ocultavam a janela . Esse material era um tecido riquíssimo de ouro, todo salpicado, a intervalos regulares, de figuras arabescas com cerca de trinta centímetros de diâmetro e lavradas no pano em modelos do mais negros azeviche. Mas essas figuras só participavam do caráter de arabesco quando observadas dum único ponto de vista. Graças a um processo hoje comum, e na verdade rastreável até a mais remota antiguidade, eram feitos de modo a mudar de aspecto. Para quem entrasse no quarto, tinham a aparência de simples monstruosidades, mas à medida que se avançava desaparecia gradualmente esse aspecto e passo a passo, à proporção que o visitante mudasse de posição no quarto, via-se cercado por uma infindável sucessão das formas espectrais pertencentes às superstições dos normandos ou que surgem nos sonhos pecaminosos dos monges. O efeito fantasmagórico era vastamente realçado pela introdução artificial duma forte corrente contínua de vento por trás das cortinas, dando horrenda e inquietante animação ao todo.

Em aposentos tais como aquele, numa câmara nupcial tal como aquela, passava eu, com Lady de Tremaine, as horas não sagradas do primeiro mês do nosso casamento, e as passava com muito inquietação. Que minha mulher receava o violento mau-humor do meu temperamento, que me evitava e que me amava muito pouco eram coisas que eu não podia deixar de perceber. Mas isto isso me causava mais prazer que outra coisa. Eu a detestava com um ódio que tinha mais de diabólico que de humano. Minha memória retornava (oh, com que intensa saudade!) a Ligéia, a bem-amada, a augusta, a bela, a morta. Entregava-me a orgias de recordações de sua pureza, de sua sabedoria, de sua nobre, de sua etérea natureza de seu apaixonado e idolátrico amor. Agora, pois, plena e livremente, meu espírito se abrasava em chamas mais ardentes que as da própria Ligéia.

Na excitação de meus sonhos de ópio (pois vivia habitualmente agrilhoado às algemas da droga) gritava seu nome em voz alta, durante o silêncio da noite, ou de dia, entre os recantos protetores dos vales, como se, pela ânsia selvagem, pela paixão solene, pelo ardor devorante de meu desejo pela morta, eu pudesse ressuscitá-la, nas sendas que abandonara nesta terra... será possível que para sempre?

Cerca do começo do segundo mês do casamento, Lady Rowena foi atacada por súbita doença, da qual só lentamente veio a restabelecer-se. A febre que a consumia tornava suas noites penosas e no seu agitado estado de semi-sonolência referia-se ela a sons e a movimentos dentro e em redor do quarto da torre, e não podia deixar de atribuir senão ao desarranjo de sua imaginação ou talvez às fantasmáticas influências do próprio quarto. Veio afinal a convalescer. . . e, por fim, recobrou a saúde. Todavia mal se passara breve período, eis que segundo e mais violento acesso a lança de novo no leito de sofrimento; e deste ataque, seu corpo que sempre fora fraco, jamais se restabeleceu inteiramente.

Desde essa época, sua doença tomou caráter alarmante e de recaídas mais alarmantes, desafiando ao mesmo tempo o saber e os grandes esforços de seus médicos. Com o aumento da moléstia crônica, que é assim, ao que parecia, de tal modo se apoderara de sua constituição que não era mais possível erradicá-la por meios humanos, não podia eu deixar de observar idêntico aumento da irritação nervosa, de seu temperamento e da sua excitabilidade por triviais de medo. Referia-se novamente, e agora com mais freqüência e mais pertinácia, aos sons, aos mais leves sons e aos insólitos movimentos das tapeçarias, a que já antes aludira.

Numa noite dos fins de setembro, chamou minha atenção, com insistência insólita, para o desagradável assunto. Ela acabava de despertar de um sono inquieto e eu estivera observando, com sentimentos mistos de ansiedade e vago terror, as contrações de sua

fisionomia emagrecida. Sentei-me ao lado de seu leito de ébano, sobre uma das otomanas da Índia. Ela ergueu-se um pouco e falou num sussurro ansioso e baixo, de sons que ela então ouvia mas que eu não podia perceber. O vento corria com violência por trás das tapeçarias e eu tentei mostrar-lhe (o que, confesso, eu mesmo não podia acreditar inteiramente) que aqueles sopros, quase inarticulados, e aquelas oscilações muito suaves das figuras na parede eram apenas o efeito natural daquela corrente costumeira de vento. Mas um palor mortal, espalhando-se em sua face, demonstrou-me que os esforços para reanimá-la seriam infrutíferos. Ela parecia desmaiar, e nenhum criado poderia ouvir se eu chamasse.

Lembrei de onde fora guardado um frasco de vinho leve que os médicos haviam receitado e apressei-me em atravessar o quarto para ir buscá-lo. Mas, ao passar por sob a luz do turíbulo, duas circunstâncias de natureza impressionante me atraíram a atenção. Senti que coisa palpável, embora invisível, passara de leve junto de mim, e vi que jazia ali, sobre o tapete dourado, bem no meio do forte clarão lançado pelo turíbulo, uma sombra, uma sombra fraca, indecisa, de aspecto angélico, tal como o que se poderia imaginar ter a sombra de uma sombra. Mas eu estava desvairado pela excitação de uma dose imoderada de ópio e considerei essas coisas como nada, não falando delas a Rowena. Tendo encontrado o vinho, tornei a atravessar o quarto e enchi uma taça, que levei aos lábios da mulher desmaiada. Ela havia então, em parte, recuperado os sentidos, porém, e segurou o copo, enquanto eu me afundava numa otomana próxima, com os olhos presos à sua pessoa.

Sucedeu então que percebi distintamente um leve rumor de passos sobre o tapete e perto do leito, e um segundo depois, quando Rowena estava a erguer o vinho aos lábios, vi ou posso ter sonhado que vi, caírem dentro da taça, como vindos de fonte invisível na atmosfera do quarto, três ou quatro grandes gotas de um líquido brilhante, cor de rubi. Se eu o vi, não o viu Rowena. Bebeu o vinho sem hesitar e eu contive-me de de falar-lhe de uma circunstância que, julguei, devia, afinal de contas, ter sido apenas a sugestão de uma imaginação viva, tornada morbidamente ativa pelo ópio e pela hora da noite.

Não posso, contudo, ocultar de minha própria percepção que, imediatamente após a queda das gotas de rubi, uma rápida mudança para pior se verificou na enfermidade de minha mulher; assim que, na terceira noite subseqüente, as mãos de seus criados a preparavam para o túmulo, e na quarta, eu me sentei só, com seu corpo amortalhado, naquele quarto fantástico que a recebera como minha esposa. Fantásticas visões, geradas pelo ópio, esvoaçavam como sombras à minha frente. Contemplei com olhar inquieto a essa armada nos ângulos do quarto, as figuras oscilantes da tapeçaria e o enroscar-se das chamas multicoloridas do turíbulo, no alto.

Meus olhos então caíram, enquanto eu recordava as circunstâncias de uma noite anterior, sobre o lugar por baixo do clarão do turíbulo, onde eu vira os fracos traços da sombra. Ela, contudo, já não estava mais ali, e, respirando com maior liberdade, voltei a vista para a pálida e rígida figura que jazia no leito. Então precipitaram-se em mim milhares de recordações de Ligéia, e então recaiu-me no coração, com a violência turbulenta de uma torrente, o conjunto daquele indizível sentimento de desgraça com que eu a contemplara, a ela, amortalhada assim. A noite avançava e ainda, com o peito cheio de amargas lembranças dela, a única e supremamente amada, eu continuava a olhar o corpo de Rowena.

Podia ser meia-noite, ou talvez mais cedo ou mais tarde, pois eu não notava o decorrer do tempo, quando um soluço, baixo, suave, mas bem distinto, me sobressaltou do sonho. Senti que ele vinha do leito de ébano, do leito da morta. Prestei ouvidos, numa agonia de terror supersticioso, mas não houve repetição do som. Agucei a vista para apreender qualquer movimento do cadáver, mas perceptivelmente nada havia. Contudo, eu não

podia ter sido enganado. Ouvira o ruído, embora fraco, e minha alma despertara dentro de mim. Resoluta e perseverantemente conservei a atenção fixa no corpo. Muitos minutos decorreram antes que qualquer circunstância ocorresse tendente a atirar luz sobre o mistério.

Afinal, tornou-se evidente que uma coloração fraca, muito fraca e mal perceptível, corava as faces e se estendia nas pequenas veias deprimidas das pálpebras. Através de uma espécie de horror e espanto indizíveis, para os quais a linguagem humana não tem expressões suficientemente significativas, senti meu coração deixar de bater e meus membros se enrijeceram, no lugar em que estava sentado.

O senso do dever, contudo, agiu para devolver-me o domínio de mim mesmo. Não podia mais duvidar de que havíamos sido precipitados em nossos preparativos, de que Rowena ainda vivia. Era necessário que se fizesse alguma tentativa; entretanto, o torreão estava completamente separado daquela parte da abadia em que residiam os criados, e não havia nenhum que se pudesse chamar; eu não podia ordenar-lhes que me ajudassem sem deixar o quarto por muitos minutos e isso não me podia aventurar a fazer. Lutei, portanto, sozinho, nas tentativas para chamar de volta o espírito que ainda pairava sobre o corpo.

Em curto período tornou-se certo contudo, que uma recaída se verificara; a coloração desapareceu tanto das pálpebras como da face, deixando em seu lugar uma palidez ainda maior do que a do mármore; os lábios tornaram-se duplamente fechados e contorcidos, na espantosa expressão da morte; uma frialdade e uma viscosidade repulsivas espalharam-se rapidamente na superfície do corpo; e sobreveio imediatamente toda a costumeira e rigorosa rigidez. Caí, trêmulo, sobre a poltrona que me erguera tão sobressaltadamente e de novo me entreguei as apaixonadas recordações de Ligéia.

Uma hora assim decorreu, quando (podia ser possível?) , verifiquei, pela segunda vez, que certo som indeciso saía da região do leito. Prestei ouvidos, na extremidade do horror. Repetiu-se o som, era um suspiro. Correndo para o cadáver, vi, vi distintamente um tremor em seus lábios. Um minuto depois, eles se abriram, exibindo uma fileira brilhante de dentes de pérola. A estupefação agora lutava em meu corpo, com o profundo horror que até então dominara sozinho.

Senti que minha vista se ensombrava, que minha razão divagava; e foi só com violento esforço que afinal consegui dominar os nervos para entregar-me à tarefa que o dever assim mais uma vez me apontava. Havia agora um brilho parcial na fronte, na face e na garganta; um calor perceptível invadia todo o corpo; havia mesmo um leve bater do coração. A mulher vivia, e com redobrado ardor entreguei-me ao trabalho de reanimá-la.

Esfreguei-lhe e banhei-lhe as têmporas e as mãos e usei de todos os esforços que a experiência e não pouca leitura de assuntos médicos puderam sugerir. Mas em vão. De súbito, a cor desapareceu, a pulsação cessou, os lábios retomaram a expressão cadavérica e, um instante depois, todo o corpo se tornou de frialdade de gelo, com a coloração lívida, a rigidez intensa, os contornos cavados e todas as particularidades repulsivas de quem tinha sido, durante muitos dias um habitante do sepulcro.

E imergi de novo nas recordações de Ligéia, e de novo (será de admirar que eu estremeça ao escrevê-lo?), de novo alcançou meus ouvidos um baixo soluço vindo da região do leito de ébano.

Mas por que irei pormenorizar miudamente os indescritíveis horrores daquela noite? Por que me demorarei a relatar como de tempo em tempo, até quase a hora acinzentada do alvorecer, se repetiu esse horrendo drama de revivificação? E como cada terrível recaída

só o era numa morte mais profunda e aparentemente mais irremissível? E como cada agonia tinha o aspecto de uma luta com algum adversário invisível? E como a cada luta se sucedia não sei que estranha mudança na aparência pessoal do cadáver? Permiti que apresse a conclusão.

A maior parte da noite terrível se fora e aquela que morrera, de novo, outra vez, se movera, e agora mais vigorosamente do que até então, embora erguendo-se de um aniquilamento mais apavorante, em seu extremo desamparo, do que qualquer outro. Eu já muito cessara de lutar, ou de mover-me, e permanecia rigidamente sentado na otomana, presa inerme de um turbilhão de emoções violentas, das quais o pavor extremo era talvez a menos terrível, a menos consumidora. O cadáver, repito, moveu-se, e agora mais violentamente do que antes. As cores da vida irromperam, com indomável energia, no seu rosto, os membros se relaxaram e, a não ser porque as pálpebras ainda se mantivessem estreitamente cerradas e porque os panejamentos e faixas tumulares ainda impusessem seu caráter sepulcral ao rosto, eu poderia ter sonhado que Rowena na verdade, repelira completamente as cadeias da Morte.

Mas se essa idéia não foi, mesmo então, inteiramente adotada, eu não pude pelo menos duvidar mais quando, erguendo-se do leito, vacilando, com passos trôpegos, com os olhos fechados e com as maneiras de alguém perdido num sonho, a coisa amortalhada avançou ousada e perceptivelmente, para o meio do aposento.

Não tremi...não me movi.. . pois uma multidão de inenarráveis fantasias, ligadas com o aspecto, a estatura, a maneira do vulto precipitando-se atropeladamente em meu cérebro, me paralisaram, me enregelaram em pedra. Não me movi, mas contemplei a aparição.

Havia uma louca desordem em meus pensamentos, um tumulto não apaziguável. Podia, na verdade, ser Rowena viva que me enfrentava? Podia, de fato, ser verdadeiramente Rowena, a loura, a dos olhos azuis, Lady Rowena Trevanion de Tremaine? Por que, por que duvidaria disso? A faixa rodeava apertadamente a boca; mas então não podia ser a boca respirante de Lady de Tremaine? E as faces, onde havia rosas, como no esplendor de sua vida, sim, bem podiam ser elas as belas faces da viva Lady de Tremaine. E o queixo, com suas covinhas, como antes da doença, não podia ser o dela? Mas, então, ela crescera desde a doença?

Quase inexprimível loucura me dominou com este pensamento? Um salto e fiquei a seu lado! Estremecendo ao meu contato, deixou cair a cabeça, desprendidos, os fúnebres enfaixamentos que a circundavam, e dali se espalharam, na atmosfera agitada pelo vento do quarto, compactas massas de longos e revoltos cabelos: e eram mais negros do que as asas de corvo da meia-noite! E então se abriram vagarosamente os olhos do vulto que estava à minha frente. Aqui estão, afinal - chamei em voz alta -, nunca poderei enganar-me ... Estes são os olhos grandes, negros e estranhos de meu perdido amor...de Lady. . . de "Lady Ligéia!"

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA – CONTOS DE TERROR, MISTÉRIO E MORTE

METZENGERSTEIN

Pestis eram vivus - moriens tua mors ero. [vivendo era teu açoite – morto, serei tua morte N.T]
MARTINHO LUTERO

O horror e a fatalidade têm tido livre curso em todos os tempos. Porque então datar esta estória que vou contar? Basta dizer que, no período de que falo, havia, no interior da Hungria, uma crença bem assentada, embora oculta, nas doutrinas da metempsicose.

Das próprias doutrinas, isto é, de sua falsidade, ou de sua probabilidade, nada direi. Afirmo, porém, que muito de nossa incredulidade (como diz La Bruyère, explicando todas as nossas infelicidades], "vient de ne pouvoir être Seul" [provém de não podermos estar sozinhos N.T].

Mas havia na superstição húngara alguns pontos que tendiam fortemente para o absurdo. Diferiam os húngaros, bastante essencialmente, de suas autoridades do Oriente.

Por exemplo: a alma, dizem eles - cito as palavras dum sutil e inteligente parisiense - ne demeure qu'une seule fois dans un corps sensible: au reste un cheval, un chien, un homme même, n'est que la ressemblanc peu tangible de ces animaux. [só uma vez permanece num corpo sensível, quanto ao resto, um cavalo, um homem mesmo, não são senão a semelhança pouco tangível desses animais. N.T.]

As famílias de Berlifitzing e Metzengerstein viviam há séculos em discórdia. Jamais houvera antes duas casas tão ilustres acirradas mutuamente por uma hostilidade tão mortal. Parece encontrar-se a origem desta inimizade nas palavras duma antiga profecia: "Um nome elevado sofrerá queda mortal quando, como o cavaleiro sobre seu cavalo, a mortalidade de Metzengerstein triunfar da imortalidade de Berlifitzing."

Decerto as próprias palavras tinham pouca ou nenhuma significação. Mas as causas mais triviais têm dado origem - e isso sem remontar a muito longe - a conseqüências igualmente cheias de acontecimentos. Além disso, as duas casas, aliás vizinhas, vinham de muito exercendo influência rival nos negócios de um governo movimentado. É coisa sabida que vizinhos próximos raramente são amigos e os habitantes do castelo de Berlifitzing podiam, de seus altos contrafortes, mergulhar a vista nas janelas do palácio de Metzengerstein.

Afinal, essa exibição duma magnificência mais que feudal era pouco propícia a acalmar os sentimentos irritáveis Berlifitzings, menos antigos e menos ricos. Não há, pois, motivo de espanto para o fato de haverem as palavras daquela predição , por mais disparatadas que

parecessem, conseguido criar e manter a discórdia entre duas famílias já predispostas a querelar, graças às instigações da inveja hereditária. A profecia parecia implicar - se é que implicava alguma coisa - um triunfo final da parte da casa mais poderosa já, e era sem dúvida relembrada, com a mais amarga animosidade, pela mais fraca e de menor influência.

O Conde Guilherme de Berlifitzing, embora de elevada linhagem era, ao tempo desta estória, um velho enfermo e caduco, sem nada de notável a não ser uma antipatia pessoal desordenada e inveterada pela família de seu rival e uma paixão tão louca por cavalos e pela caça que nem a enfermidade corporal, nem a idade avançada, nem a incapacidade mental impediam sua participação diária nos perigos das caçadas.

O Barão Frederico de Metzengerstein, por outro lado, ainda não atingira a maior idade. Seu pai, o Ministro G***, morrera moço. Sua mãe, Dona Maria, logo acompanhara o marido. Frederico estava, naquela época, com dezoito anos de idade. Numa cidade, dezoito anos não constituem um longo período; mas num lugar solitário, numa solidão tão magnificente como a daquela velha casa senhorial, o pêndulo vibra com significação mais profunda.

Em virtude de certas circunstâncias características decorrentes da administração de seu pai, o jovem barão, por morte daquele, entrou imediatamente na posse de vastas propriedades. Raramente se vira antes, um nobre húngaro senhor de tamanhos bens. Seus castelos eram incontáveis. O principal, pelo esplendor e pela vastidão era o palácio de Metzengerstein. Os limites de seus domínios jamais foram claramente delineados, mas seu parque principal abrangia uma área de cinqüenta milhas.

O acontecimento da entrada de posse de uma fortuna tão incomparável por um proprietário tão jovem e de caráter tão bem conhecido poucas conjeturas trouxe à tona referente ao curso provável de sua conduta. E de fato, no espaço de três dias, a conduta do herdeiro sobrepujou a do próprio Herodes e ultrapassou, de longe, as espectativas de seus admiradores mais entusiastas. Orgias vergonhosas, flagrantes perfídias, atrocidades inauditas deram logo a compreender a seus apavorados vassalos que nenhuma submissão servil de sua parte e nenhum escrúpulo de consciência da parte dele lhe poderia de ora em diante garantir a segurança contra as implacáveis garras daquele mesquinho Calígula.

Na noite do quarto dia, pegaram fogo as estrebarias do castelo de Berlifitzing e a opinião unânime da vizinhança acrescentou mais este crime à já horrenda lista dos delitos e atrocidades do barão.

Mas, durante o tumulto ocasionado por este fato , o jovem senhor estava sentado - aparentemente mergulhado em funda meditação - num vasto e solitário aposento superior do palácio senhorial dos Metzengerstein. As ricas, embora desbotadas, colgaduras que balançavam lugubremente nas paredes representavam as figuras sombrias e majestosas de milhares de antepassados ilustres. Aqui, padres ricamente arminhados e dignitários pontificais, familiarmente sentados com o soberano, opunham os seu veto aos desejos de um rei temporal ou reprimiam com a supremacia papal o centro rebelde do Grande-Inimigo. Ali, os negros e altos vultos dos príncipes de Metzengerstein - os musculosos corcéis de guerra pisoteando os cadáveres dos inimigos tombados - abalavam os nervos mais firmes, com sua vigorosa expressão; e aqui, ainda, voluptuosos e brancos como cisnes, flutuavam os vultos das damas de outrora, nos volteios duma dança irreal, aos acentos duma melodia imaginária.

Mas, enquanto o barão escutava ou fingia escutar a algazarra sempre crescente que se erguia das cavalariças de Berlifitzing - ou talvez meditasse em algum ato de audácia, mais

novo e mais decidido -, seus olhos se voltaram involuntariamente para a figura dum enorme cavalo, dum colorido fora do comum, representado na tapeçaria como pertencente a um antepassado sarraceno da família de seu rival. O cavalo se mantinha, no primeiro plano do desenho, sem movimento, como uma estátua, enquanto que, mais para trás, seu cavaleiro derrotado perecia sob o punhal dum Metzengerstein.

Abriu-se nos lábios de Frederico uma expressão diabólica, ao perceber a direção que seu olhar tinha tomado, sem que ele o houvesse notado. Contudo não desviou a vista. Pelo contrário podia de forma alguma explicar a acabrunhante ansiedade que parecia apoderar-se, como uma mortalha, de seus sentidos.

Era com dificuldade que conciliava suas sensações imaginárias e incoerentes com a certeza de estar acordado. Quanto mais olhava, mais absorvente se tornava o feitiço, mais impossível lhe parecia poder a arrancar seu olhar do fascínio daquela tapeçaria. Mas a algazarra de fora se tornou de repente mais violenta e, com um esforço constrangedor, desviou sua atenção para o clarão de luz vermelha lançado em cheio sobre as janelas do aposento pelas cavalariças chamejantes.

A ação, porém, foi apenas momentânea; seu olhar se voltou quinalmente para a parede. Com extremo espanto e horror, verificou que a cabeça do gigantesco corcel havia, entrementes, mudado de posição. O pescoço do animal antes arqueado, como que de compaixão, sobre o corpo prostrado de seu dono estendia-se agora, plenamente, na direção do barão. Os olhos, antes invisíveis tinham agora uma expressão enérgica e humana, e cintilavam com um vermelho ardente e extraordinário; e os beiços do distendido cavalo, que parecia enraivecido, exibiam por completo seus dentes sepulcrais e repugnantes.

Estupefato de terror, o jovem senhor dirigiu-se, cambaleante, para a porta. Ao escancará-la, um jato de luz vermelha, invadindo ate o fundo do aposento, lançou a sombra dele em nítido recorte de encontro à tapeçaria tremulante. Ele estremeceu, ao perceber que a sombra - enquanto se detinha vacilante no umbral tomava exata posição e preenchia, precisamente, o contorno do implacável e triunfante matador do sarraceno Berlifitzing.

Para aliviar a depressão de seu espírito, o barão correu para o ar livre. No portão principal do palácio encontrou três cavalariços. Com muita dificuldade, e com imenso perigo de suas vidas, continham eles os saltos convulsivos dum cavalo gigantesco e de cor avermelhada.

- De quem é esse cavalo? Onde o encontraram? - perguntou o jovem, num tom lamentoso e rouco, ao verificar, instantaneamente, que o misterioso corcel do quarto tapeçado era a reprodução do furioso animal que tinha diante dos olhos.

- Ele vos pertence, senhor - respondeu um dos cavalariços ou pelo menos não foi reclamado por nenhum outro proprietário. Nós o pegamos quando fugia, todo fumegante e escumando raiva, das cavalariças incendiadas do castelo de Berlifitzing. Supondo que pertencesse à manada de cavalos estrangeiros do velho conde, levamo-lo para trás, como se fosse um dos remanescentes da estrebaria. Mas os empregados ali negam qualquer direito ao animal, o que é estranho, uma vez que ele traz marcas evidentes de ter escapado dificilmente dentre as chamas.

- As letras "W. V. B." estão também distintamente marcadas na sua testa - interrompeu um segundo cavalariço. - Supunha, portanto que eram as iniciais de Wilhelm von Berlifitzing, mas todos no castelo negam peremptoriamente conhecer o cavalo.

- É extremamente singular! - disse o jovem barão, com um ar pensativo e parecendo inconsciente do significado de suas palavras.

- É, como dizem vocês, um cavalo notável, um cavalo prodigioso...embora, como vocês muito bem observaram, de caráter, arisco e intratável.. . Pois que me fique pertencendo - acrescentou ele depois duma pausa. - Talvez um cavaleiro como Frederico Metzenterstein possa domar até mesmo o diabo das cavalariças de Berlifitzing.

- Estais enganado, senhor. O cavalo, como já dissemos, creio eu, não pertence às cavalariças do conde. Se tal se desse, conhecemos demasiado nosso dever para trazê-lo à presença duma nobre pessoa de vossa família.

- É verdade! - observou o barão, secamente.

Nesse momento, um jovem camareiro veio a correr, afogueado, do palácio. Sussurrou ao ouvido de seu senhor a estória do súbito desaparecimento de pequena parte da tapeçaria, num aposento que ele designou, entrando, ao mesmo tempo, em pormenores de caráter minucioso e circunstanciado. Mas como tudo isto foi transmitido em tom de voz bastante baixo, nada transpirou que satisfizesse a excitada curiosidade dos cavalariços.

O jovem Frederico, enquanto ouvia, mostrava-se agitado por emoções variadas. Em breve, porém, recuperou a compostura e uma expressão de resoluta maldade espalhou-se-lhe na fisionomia ao dar expressas ordens para que o aposento em questão fosse imediatamente fechado e a chave trazida às suas mãos.

- Soubeste, senhor, da lamentável morte do velho caçador Berlifitzing - perguntou um de seus vassalos ao barão, enquanto, após a partida do camareiro, o enorme corcel, que o gentil-homem adotara como seu, saltava e corveteava, com redobrada fúria, pela longa avenida que se estendia desde o palácio até as cavalariças de Metzengerstein.

- Não! - disse o barão, voltando-se abruptamente para quem lhe falava- Morreu, disse você?

- É a pura verdade, senhor, e suponho que para um nobre com o vosso nome não será uma notícia desagradável.

Rápido sorriso abriu-se no rosto do barão.

- Como morreu ele?

- Nos seus esforços imprudentes para salvar a parte favorita de seus animais de caça, pereceu miseravelmente nas chamas.

- De... ve...e...e... ras! exclamou o barão, como que impressionado, lenta e deliberadamente, pela verdade de alguma idéia excitante.

- Deveras - repetiu o vassalo.

- Horrível - disse o jovem, com calma, e voltou sossegadamente ao palácio.

Desde essa data, sensível alteração se operou na conduta exterior do jovem e dissoluto Barão Frederico de Metzengerstein. Na verdade, seu procedimento desapontava todas as expectativas e se mostrava pouco em acordo com as vistas de muita mamãe de filha casadoura, ao passo que seus hábitos e maneiras, ainda menos do que dantes, não ofereciam algo de congenital com os da aristocracia da vizinhança. Nunca era visto além

dos limites de seu próprio domínio e, no vasto mundo social, andava absolutamente sem companheiros, a não ser, na verdade, aquele cavalo descomunal, impetuoso e fortemente colorido, que ele de contínuo cavalgava a partir dessa época, tivesse qualquer misterioso direito ao título de seu amigo.

Numerosos convites, da parte dos vizinhos, chegaram, durante muito tempo: "Quererá o barão honrar nossas festas com sua presença?" "Quererá o barão se juntar a nós para caçar javali?

- "Metzengerstein não caça" ou "Metzengerstein não comparecerá" eram as respostas lacônicas e arrogantes.

Estes repetidos insultos não podiam ser suportados por uma nobreza imperiosa. Tais convites tornaram-se menos cordiais, menos freqüentes, até que cessaram por completo.

A viúva do Conde de Berlifitzing exprimiu mesmo, como se diz ter-se ouvido, a esperança de "que o barão estivesse em casa, quando não desejava estar em casa, desde que desdenhava a companhia de seus iguais e que andasse a cavalo, quando não queria andar a cavalo, uma vez que preferia a companhia de um cavalo". Isto decerto era estúpida explosão da hereditária má-vontade e provava, tão-só, quanto se tornam nossas palavras singularmente absurdas quando desejamos dar-lhes forma enérgica fora do comum.

As pessoas caridosas, no entanto, atribuíam a alteração de procedimento do jovem fidalgo à tristeza natural de um filho pela precoce perda de seus pais, esquecidas, porém, de sua conduta atroz e dissipada durante o curto período que se seguiu logo àquela perda. Alguns havia, de fato, que a atribuíam a uma idéia demasiado exagerada de sua própria importância e dignidade. Outros ainda - entre os quais pode ser mencionado o médico da família - não hesitavam em falar numa melancolia mórbida e num mal ditário, enquanto tenebrosas insinuações de natureza mais equívocas corriam entre o povo.

Na verdade, o apego depravado do barão à sua montaria recentemente adquirida - apego que parecia alcançar novas forças a cada novo exemplo das inclinações ferozes e demoníacas do animal - tornou-se, por fim, aos olhos de todos os homens de bom-senso um fervor nojento e contra a natureza. No esplendor do meio-dia, a horas mortas da noite, doente ou com saúde, na calma ou na tempestade, o jovem Metzengerstein parecia parafusado à sela daquele cavalo colossal, cujas ousadias intratáveis tão bem se adequavam ao próprio espírito do dono.

Havia, além disso, circunstâncias que, ligadas aos recentes acontecimentos, davam um caráter sobrenatural e monstruoso à mania do cavaleiro e às capacidades do corcel. O espaço que ele transpunha em um simples salto fora cuidadosamente medido e verificou-se que excedia, por uma diferença espantosa, as mais ousadas expectativas das mais imaginosas criaturas. Além disso, o barão não tinha um nome particular para o animal, embora todos os outros de suas cavalariças fossem diferençados por denominações características. Sua estrebaria também ficava a certa distância dos restantes, e, quanto ao trato e outros serviços necessários, ninguém a não ser o dono em pessoa, se havia aventurado a fazê-los ou mesmo a entrar no recinto da baia particular daquele cavalo.

Observou-se também que, embora os três estribeiros que haviam capturado o corcel quando este fugia do incêndio em Berlifitzing houvesse conseguido deter-lhe a carreira por meio dum laço corrediço, nenhum dos três podia afirmar com certeza que tivesse, no correr daquela perigosa luta, ou em outro qualquer tempo depois, posto a mão sobre o corpo do animal. Provas de inteligência característica na conduta dum nobre cavalo

árdego não bastariam, decerto para excitar uma atenção desarrazoada, mas havia certas circunstâncias que violentavam os espíritos mais cépticos e mais fleumáticos.

E dizia-se que, por vezes, o animal obrigava a multidão curiosa que o cercava a recuar rde horror diante da profunda e impressionante expressão de seu temperamento terrível e que, outras vezes o jovem Metzengerstein empalidecera e fugira diante da súbita e inquisitiva expressão de seu olhar quase humano.

Entre toda a domesticidade do barão ninguém havia, porém, que duvidasse do ardor daquela extraordinária afeição que existia da parte do jovem fidalgo pelas ferozes qualidades de seu cavalo; ninguém, exceto um insignificante e disforme pajenzinho, cujos aleijões estavam sempre à mostra de todos e cujas opiniões não tinham a mínima importância possível. Ele (se é que suas idéias são dignas afinal de menção) tinha o desplante de afirmar que seu senhor jamais montava na sela sem um estremecimento inexplicável e quase imperceptível, e que ao voltar de cada um de seus demorados e habituais passeios uma expressão de triunfante malignidade retorcia todos os músculos de sua fisionomia.

Numa noite tempestuosa, Metzengerstein, despertando dum sono pesado desceu, como um maníaco, de seu quarto e, montando a cavalo, a toda a pressa lançou-se a galope para o labirinto da floresta. Uma ocorrência tão comum não atraiu particular atenção, mas seu regresso foi esperado com intensa ansiedade pelos seus criados quando, após algumas horas de ausência, as estupendas e magníficas seteiras do palácio de Metzengerstein se puseram a estalar e a tremer até às bases, sob a ação duma densa e lívida massa , de fogo indomável.

Como as chamas, quando foram vistas pela primeira vez já tivessem feito tão terríveis progressos que todos os esforços para salvar qualquer parte do edifício eram evidentemente inúteis, toda a vizinhança atônita permanecia ociosa e calada, senão apática. Mas outra coisa inesperada e terrível logo prendeu da turba e demonstrou quão muito mais intensa é a excitação provocada nos sentimentos duma multidão pelo espetáculo da agonia humana do que suscitada pelas mais aterradoras cenas da matéria inanimada.

Ao longo da comprida avenida de anosos carvalhos que levava da floresta até a entrada principal do palácio de Metzengerstein um corcel, conduzindo um cavaleiro sem chapéu e em desordem era visto a pular com uma impetuosidade que ultrapassava a do próprio Demônio da Tempestade.

Era evidente que o cavaleiro não conseguia mais dominar a carreira do animal. A angústia de sua fisionomia, os movimentos convulsivos de toda a sua pessoa mostravam o esforço sobre-humano no que fazia; mas som algum, a não ser um grito isolado, escapava de seus lábios lacerados, que ele mordia cada vez mais, no paradoxismo do terror. Num instante, o tropel dos cascos ressoou forte e áspero acima do bramido das labaredas e dos assobios do vento, um instante ainda e, transpondo dum só salto o portão e o fosso o corcel lançou-se pelas escadarias oscilantes do palácio e, como o cavaleiro, desapareceu no turbilhão caótico do fogo.

A fúria da tempestade imediatamente amainou e uma calma de morte sombriamente se seguiu. Uma labareda pálida ainda envolveu o edifício como uma mortalha, e, elevando-se na atmosfera tranqüila, dardejava um clarão de luz sobrenatural, enquanto uma nuvem de fumaça se abatia pesadamente sobre as ameias com a forma bem nítida dum gigantesco cavalo.

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA – CONTOS DE TERROR, MISTERIO E MORTE

MORELA

Ele mesmo, por si mesmo unicamente, eternamente Um e único
PLATÃO: Symposf

ERA COM SENTIMENTOS de profunda embora singularíssima afeição que eu encarava minha amiga Morela. Levado a conhecê-la por acaso, há muitos anos, minha alma, desde nosso primeiro encontro ardeu em chamas que nunca antes conhecera; não eram, porém as chamas de Eros, e foi amarga e atormentadora para meu espírito a convicção crescente de que eu não podia, de modo algum, ouvidar de sua incomum significação, ou regular-lhe a vaga intensidade. Conhecem-nos, porém, e o destino conduziu-nos juntos ao altar; mas nunca falei de paixão ou pensei em amor. Ela, contudo, evitava companhias e,ligando-se só a mim, fazia-me feliz. Maravilhar-se é uma felicidade; e é uma felicidade sonhar.

A erudição de Morela era profunda. Asseguro que seus talentos não eram de ordem comum, sua força de espírito era gigantesca. Senti-a e, em muitos assuntos, tornei-me seu aluno. Logo, porque verifiquei que, talvez por causa de sua educação, feita em Presburgo, ela me apresentava numerosos desses escritos místicos que usualmente são considerados como o simples sedimento da primitiva literatura germânica. Por motivos que eu não podia imaginar eram essas obras o seu estudo favorito e constante. E o fato que, com o correr do tempo, se tornassem elas também o meu pode ser atribuído à simples mas eficaz influência do costume do exemplo.

Em tudo isso, se não me engano, minha razão tinha pouco a fazer. Minhas convicções, ou me desconheço, de modo algum eram conformes a um ideal, nem se podia descobrir qualquer tintura das coisas místicas que eu lia, a menos que esteja grandemente enganado nos meus atos ou nos meus pensamentos.

Persuadido disso , abandonei-me implicitamente à direção de minha esposa e penetrei, de coração resoluto, no labirinto de seus estudos então... então, quando, mergulhado nas páginas nefastas senti um espírito nefasto acender-se dentro de mim. Morela colocava a mão fria sobre a minha e extraía das cinzas de uma filosofia morta algumas palavras profundas e singulares, cujo estranho sentido as gravava a fogo em minha memória.

« Santa Maria! Volve o teu olhar tão belo, de lá dos altos céus, do teu trono sagrado, para a prece fervente e para o amor singelo que te oferta, da terra, o filho do pecado. Se é manhã, meio-dia, ou sombrio poente, meu hino em teu louvor tens ouvido, Maria! Sê, pois, comigo, ó Mãe de Deus, eternamente, quer no bem ou no mal, na dor ou na alegria! No tempo que passou, veloz, brilhante, quando nunca nuvem qualquer meu céu escureceu, temeste que me fosse a inconstância empolgando e guiaste minha alma a ti,

para o que é teu. Hoje, que o temporal do destino ao passado e sobre o meu presente espessas sombras lança, fulgure ao menos meu Futuro, iluminado por ti, pelo que é teu, na mais doce esperança! »

E então, hora após hora, eu me estendia a seu lado, imergindo-me na música de sua voz, até que, afinal, essa melodia se maculasse de terror; então caía uma sombra sobre minha alma, eu empalidecia, tremia internamente àqueles sons que não eram da terra. Assim a alegria subitamente se desvanecia no horror e o mais belo se transformava no mais hediondo, como o Hinnon se transformou em Geena.

É necessário fixar o caráter exato dessas inquisições que, irrompendo dos volumes mencionados, formaram, por longo tempo, quase que único objeto de conversação entre mim e Morela . Mas os instruídos no que se pode denominar moralidade teológica facilmente o conceberão e os leigos, de qualquer modo, não o poderiam entender. O extravagante panteísmo de Fichte; a palingenésia modificada de Pitágoras; e, acima de tudo, as doutrinas de Identidade, como as impõe Schelling, eram esses geralmente os assuntos de discussão que mais beleza apresentavam à imaginativa Morela .

Aquela identidade que se chama pessoal, Locke, penso, define-a com realismo, como consistindo na conservação do ser racional. E que por pessoa compreendemos uma essência inteligente dotada de razão, e desde que há uma consciência que sempre acompanha o pensamento, é ela que nos faz, a todos, sermos o que chamamos nós mesmos, distinguindo-nos por isso de outros pensamentos e dando-nos nossa identidade pessoal. Mas o indivíduationis, a noção daquela identidade que, com a morte está ou não perdida para sempre, foi para mim, em todos os tempo questão de intenso interesse, não só por causa da natureza embaraçosa e excitante de suas conseqüências como pela maneira acentuada e agitada com que Morela as mencionava.

Na verdade, porém, chegara o tempo em que o mistério da conduta de minha esposa me oprimia como um encantamento. Eu não podia suportar mais o contato de seus dedos lívidos, nem o grave de sua fala musical, nem o brilho de seus olhos melancólicos. E ela sabia de tudo isso, porém não me repreendia; consciente de minha fraqueza ou de minha loucura, e, a sorrir chamava-a Destino.

Parecia também consciente de uma causa, para mim ignota, do crescente alheamento de minha amizade; me dava sinal ou mostra da natureza disso. Era, contudo, mulher e fenecia dia a dia. Por fim, uma rubra mancha se fixou, firmemente, na sua face e as veias azuis de sua fronte pálida se tornaram proeminentes; por instantes minha natureza se fundia em piedade mas, a seguir, meu olhar encontrava o brilho de seus olhos significativos e minha alma enfermava e entontecia, com a vertigem de quem olhasse para dentro de qualquer horrível e insondável abismo.

Poderei dizer então que ansiava, com desejo intenso e devorador pelo momento da morte de Morela ? Ansiei; mas o frágil espírito agarrou-se à sua mansão de argila por muitos dias, por muitas semanas, por meses penosos, até que meus nervos torturados obtiveram domínio sobre meu cérebro e me tornei furioso com a com demora e com o coração de um inimigo, amaldiçoei os dias, as horas e os amargos momentos que pareciam ampliar-se cada vez mais, à medida que sua delicada vida declinava como as sombras ao do morrer do dia.

Numa tarde de outono, porém, quando os ventos silenciavam nos céus, Morela chamou me a seu leito. Sombria névoa cobria a terra e um resplendor ardia sobre as águas e entre as bastas folhas de outubro na floresta, como se um arco-íris tivesse caído do firmamento.

- Este é o dia dos dias - disse ela, quando me aproximei. O mais belo dos dias para viver ou para morrer. É um belo dia para os filhos da terra e da vida... ah, e mais belo ainda para as do céu e da morte!

Beijei-lhe a fronte, e ela continuou:

- Vou morrer e, no entanto, viverei.

- Morela !

- Jamais existiram esses dias em que podias amar-me ...mas aquela a quem na vida aborreceste, depois de morta a adorarás.

- Morela !

- Repito que vou morrer. Mas dentro de mim há um penhor desta afeição - ah, quão pequena! - que deveste sentir por mim, Morela . E quando meu espírito partir, a criança viverá - teu filho e meu filho, o filho de Morela. Mas os teus dias serão dias de pesar, que é a mais duradoura das impressões, do mesmo modo que o cipreste é a mais resistente das árvores. Porque as horas da tua felicidade passaram e alegria não se colhe duas vezes numa vida, como as rosas de Paesturo duas vezes num ano. Não jogarás mais, com o tempo o jogo do homem de Teos, mas, não conhecendo o mirto e a vinha, levarás contigo, por toda parte, a tua mortalha como o muçulmano a sua em Meca.

- Morela! - exclamei. Morela ! como sabes disto?

Ela, porém, voltou o rosto sobre o travesseiro. Leve tremor agitou-lhe os membros e assim ela morreu, não mais ouvindo eu a sua voz. Entretanto, como o predissera ela, seu filho, a quem, ao morrer, dera a vida, que só respirou quando a mãe deixou de respirar, seu filho, uma menina, sobreviveu. E, estranhamente, cresceu em estatura e inteligência, vindo a tornar-se a semelhança perfeita daquela que se fora. E eu a amava com um amor mais fervoroso acreditava fosse possível sentir por qualquer criatura terrestre.

Mas dentro em pouco o céu dessa pura afeição se enegreceu e melancolia, o horror, e a angústia nele se acastelaram como nuvens. Disse que a criança crescia, estranhamente, em estatura e inteligência. Estranho na verdade, foi o rápido crescimento de seu tamanho corporal, mas terríveis, oh!, terríveis eram os tumultuosos pensamentos que sobre mim se amontoaram, enquanto observava o desenvolvimento de sua mentalidade. Poderia ser de outra forma, diariamente, descobria eu nas concepções da criança as energias adultas e as faculdades da mulher? quando as lições da experiência brotavam dos lábios da infância? e quando eu via a sabedoria ou as paixões da maturidade cintilarem a cada instante nos olhos grandes e meditativos? Quando, repito, quando tudo se tornou evidente aos meus sentidos aterrados, quando não o pude ocultar à minha alma nem repeli-lo dessas percepções, tremiam ao recebê-lo, há de que admirar-se que suspeitas de natureza terrível e excitante se introduzissem no meu espírito, ou que meus pensamentos se tenham reportado, com horror, às estórias espantosas e às arrepiantes teorias da falecida Morela?

Arranquei à curiosidade do mundo uma criatura a quem o destino me compeliu a adorar e, na rigorosa reclusão de meu lar, velava com agoniante ansiedade tudo quanto concernia à bem-amada.

E enquanto rolavam os anos e eu contemplava, dia a dia, o seu rosto santo, suave e eloqüente, e estudava-lhe as formas maturescentes, dia após dia descobria novos pontos

de semelhança entre a criança e sua mãe, a melancólica e a morta. E a todo instante se tornavam mais negras aquelas sombras de semelhança e mais completas, mais definidas, mais inquietantes e mais terrivelmente espantosas no seu aspecto. Porque não podia deixar de admitir que o sorriso era igual ao de sua mãe; mas essa identidade demasiado feita fazia-me estremecer; não podia deixar de tolerar que seus olhos fossem como os de Morela ; mas eles também penetravam vezes nas profundezas de minha alma com a mesma intensa e desnorteante expressividade dos de Morela . E no contorno de sua fronte elevada, nos cachos de seu cabelo sedoso, nos seus dedos pálidos que nele mergulhavam, no timbre musical e triste de sua fala e sobretudo oh! acima de tudo, nas frases e expressões da morta sobre os lábios da amada e da viva, encontrava eu alimento, um pensamento horrendo e devorador - para um verme que não queria morrer.

Assim se passaram dois lustros de sua vida, e, contudo, permanecia minha filha sem nome sobre a terra. "Minha filha" e “meu amor" eram os apelativos usualmente ditados por minha afeição de pai, e a severa reclusão de sua vida impedia qualquer outra relação.

O nome de Morela acompanhara-a na morte. Da mãe falara à filha; era impossível falar. De fato, durante o breve de sua existência, não recebera esta última impressões do mundo exterior, exceto as que lhe puderam ser proporcionadas pelos estreitos limites de seu retiro. Mas afinal a cerimônia do batismo sentou-se a meu espírito, naquele estado de agitação e enervamento como uma libertação imediata dos terrores do meu destino. E na fonte batismal hesitei na escolha de um nome. E numerosas denominações de sabedoria e de beleza, de tempos antigos e modernos, de minha e de terras estrangeiras, vieram amontoar-se nos meus com outras tantas lindas denominações, de nobreza, de ventura, de bondade. Quem me impeliu então a perturbar a memória da sepultada? Que demônio me incitou a suspirar aquele som e simples lembrança sempre fazia fluir, em torrentes, o sangue das fontes do coração? Que espírito maligno falou dos recessos minha alma quando, entre aquelas sombrias naves e no silêncio da noite, eu sussurrei aos ouvidos do santo homem as sílabas "Morela? Quem, senão o demônio, convulsionou as feições de minha filha e sobre elas espalhou tons de morte, quando, estremecendo ao aquele som quase inaudível, volveu os olhos límpidos da terra para o céu e, caindo prostrada sobre as negras lajes de nosso soléu de família, respondeu: "Estou aqui!"?

Distinta, fria e calmamente precisos, esses tão poucos e tão simples sons penetraram-me nos ouvidos e, depois, como chumbo retido, rolaram, sibilantes, dentro do meu cérebro. Anos e anos podem-se passar, mas a lembrança daquela época, nunca. Desconhecia eu de fato as flores e a vinha, mas o acônito e o cipreste ensombraram-me noite e dia. E não guardei memória de tempo ou de lugar, e as estrelas da minha sorte sumiram do céu e desde então a terra se tornou tenebrosa e suas figuras passaram perto de mim como sombras esvoaçantes, e entre elas só uma vislumbrava: Morela . Os ventos do firmamento somente um nome murmuravam aos meus ouvidos e o marulho das ondas sussurra "Morela!" Ela, porém, morreu e com minhas próprias mãos levei-a ao túmulo. E ri, uma risada longa e amarga, quando não achei traços da primeira Morela no sepulcro em que depositei a segunda.

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA

CONTOS DE TERROR DE MISTÉRIO E DE MORTE

NOTAS PRELIMINARES

Se se deve a POE a criação do gênero policial, com seus contos de raciocínio e dedução, cabe-lhe também o mérito de haver renovado e o romance de terror, de mistério e de morte, neles introduzindo o fator científico que lhes daria certo cunho de verossimilhança de verdade. O gênero já existia e era fartamente difundido nas letras inglesas, alemãs e francesas. Já em 1764, com o seu Castelo de Otranto, Horace Walpole, romancista inglês, iniciava o gênero que se chamou "romance negro" ou "romance gótico" , talvez porque a ação se situava quase sempre em velhos e mansões medievais. Clara Reeve secundou-o.

Mais tarde Anne Radcliffe enchia seus livros de cenas e personagens aterrorizantes. Lewis imprimia-lhe a marca do satanismo e Maturin, na França levava-o às raias da loucura e da fantasmagoria. Na Alemanha com João Paulo Richter perde-se ele pelo vago e pelo poético imaginoso, com Hoffmann atinge os limites do maravilhoso fantástico. Na própria América do Norte, cuja literatura iniciava, Charles Brocken Brown transplanta para as terras do Novo Mundo as fantasmagorias e horrores dos romances de Anne Radcliffe, completando-os com as obsessões e os terrores íntimos de seus personagens.

A influência do "romance negro" foi imensa na Inglaterra, França e na Alemanha. Pode-se encontrá-la em escritores Walter Scott, Byron, Shelley, cuja esposa, também escritora, criou o famoso personagem Frankenstein. O romantismo iria se aproveitar de muito dos cenários e das emoções desencadeadas e até do fantástico e do maravilhoso de que os romancistas abusaram. Nodier, Victor Hugo, Jules Janin, Balzac não escaparam à influência do gênero.

Mas deve-se, na verdade, a Edgar Poe tê-lo renovado, e ter feito dele uma obra de arte e não um meio de desencadear terrores em leitores impressionáveis tirando-lhes o sono. Deu-lhe em primeiro lugar uma concentração de força explosiva que não existia nos demais autores que diluíam a força aterrorizante em romances enormes e por por demais atravancados de coisas inúteis, numa acumulação de crimes e episódios pavorosos que, pelo próprio excesso, perdiam a verossimilhança e a possibilidade de impressionar mais fundamente o leitor.

Incapaz por natureza e pelas circunstâncias de sua vida de escrever longos romances, Poe aperfeiçoou-se na estória curta, no cujo valor reside especialmente na sua força concentrada. Mas o que distingue os seus contos do clássico conto ou romance de terror é certa tônica de autenticidade e de realidade que predomina nas suas estórias. Enquanto os demais autores descreviam um exterior, um medo que provinha do mundo sobrenatural, da fantasmagoria, um medo de cenografia teatral com alçapões, fumaça de enxofre e satanases chifrudos, rasgando risadas arrepiantes, descrevia um medo real, um

medo que estava dentro do personagem, um medo que estava dentro dele próprio, autor, porque eram os seus terrores, as suas fobias, os seus recalques, reais, autênticos e verdadeiramente existentes, que ele transfundia em seus personagens, que eram sempre projeções dele, Poe, e não criaturas tiradas do mundo objetivo. Não há conto algum de Poe que seja na na terceira pessoa. Ele é quem sempre fala, quem sempre ou quem está presente para ouvir a confissão deste ou daquele personagem. E é o seu "eu" repleto de terrores, de presságios, de complexos, de inibições, de males físicos e morais que se revela nas suas estórias de terror e de morte.

A morte da mãe, com redobradas hemoptises, deve ter impressionado fortemente a sensibilidade do menino, que já carregava consigo a hereditariedade alcoólica do pai; sua condição de filho adotivo dos Allan, de futuro incerto, depois da morte de Frances Allan e das desavenças com John Allan; o vício do jogo e da embriaguez e mais tarde dos estupefacientes; o medo que sempre o dominou, de ficar louco, pois a debilidade mental da irmã Rosália fazia-o temer que também ele perdesse a inteligência aguda e viva que era o seu orgulho, os ataques de adversários e invejosos; as condições de quase miséria em que quase sempre viveu; os seus complexos de origem sexual; tudo concorria para exacerbar-lhe a sensibilidade e povoar-lhe a mente de terrores intensos e alucinações. O medo, pois que existe nos seus contos é um medo real, autêntico, sentido, arraigado.

O Prof. Boussoulas escreveu mesmo um trabalho a respeito do medo na obra de Edgar Poe. Maria Bonaparte, também, numa obra compacta e minuciosa, andou, com aquele encarniçamento tão próprio dos psicanalistas e com todos os exageros da escola freudiana, a explicar todas as implicações sexuais que existem nos contos de Poe, apesar de haver ele escrito uma obra que prima pela sua ausência de sensualidade, pela sua castidade, pela sua aversão as cenas de amor físico.

Mas em Poe sempre existiu uma dicotomia psíquica. Sua inteligência aguda, racionalista, em que se juntavam metafísica e física intuição poética em alto grau e raciocínio matemático, frio e desapaixonado, sempre procurava manter-se alerta, tornando-o capaz de apreciar os desenvolvimentos de seus terrores, de suas fobias, no momento mesmo em que se produziam. Era como um médico que sentia e diagnosticava os seus próprios males. Essa dicotomia marca a personalidade de Poe. Foi sempre um dilacerado, um homem dividido em duas naturezas: uma angelical e outra satânica.

Sua luta contra o vício da embriaguez, contra a dipsomania, foi luta de longos anos, Conhecia a sua fraqueza e condenava-a.Personagens condenáveis, fracos, viciosos, de seus contos nunca são exaltados ou elogiado, mas lamentados, dignos de dó, e condenados a pagar com a morte os próprios vícios. Essa luta de seus “eus" encontra-se fixada no seu conto "William Wilson", que ele mesmo considerava dos melhores que produzira.

Os mistérios da mente, o mistério da morte constituem o tema principal dos contos de Poe. Os terrores que ele descreve com intensidade e impressionante realismo são terrores que se geram na mente do personagem, e a realidade ambiente é vista através desse terror e por ele deformada. No seu livro Edgar Poe pour luimême, o escritor Jacques Cabau assinala que "o conto de Poe é contrário do conto de terror clássico. Em lugar de lançar um indivíduo normal num universo inquietante, Poe larga um individuo inquietante em um mundo normal. Nada acontece ao herói, ele é que acontece ao mundo. Não é tomado por um horror exterior;não é o medo que dispara a neurose, mas a neurose que suscita o medo. O herói é medusado pela sua própria visão. Uma vez apanhado nos seus próprios mecanismos de fascinação, é arrastado para a engrenagem da obsessão".

Numa época em que começaram a desenvolver-se o magnetismo e o espiritismo, precisamente na América do Norte, não hesitou Poe em valer-se desses novos meios de criar sensação e não faltam em seus contos os casos de reencarnação, hipnotismo, ou mesmerismo, como se costumava chamar na ocasião. Mas em todos ou quase todos há sempre um mergulho em certas profundezas da alma humana, em certos estados mórbidos da mente humana, em recônditos desvãos do subconsciente. Por isso os psicanalistas lançam-se com afã ao estudo da obra de Poe, porque nela encontram exemplos a granel para ilustrar suas demonstrações.

Independentemente, porém, desses aspectos, o que há nela é um talento narrativo eficiente e impressivo, uma força criadora, realização artística, que explicam o ascendente enorme que em nossos dias exercem os contos de terror de Edgar Allan Poe.

O.M.

EDGAR ALLAN POE FICÇÃO COMPLETA – CONTOS DE TERROR, MISTÉRIO E MORTE

O BARRIL DE AMONTILLADO

Suportara eu, enquanto possível, as mil ofensas de Fortunato. Mas quando se aventurou ele a insultar-me, jurei vingar-me. Vós, que tão bem conheceis a natureza de minha alma, não havereis de supor, porém, que proferi alguma ameaça. Afinal, deveria vingar-me. Isso era um ponto definitivamente assentado, mas essa resolução, definitiva, excluía idéia de risco. Eu devia não só punir, mas punir com impunidade. Não se desagrava uma injúria quando o castigo cai sobre o desagravante. O mesmo acontece quando o vingador deixa de fazer sentir sua qualidade de vingador a quem o injuriou.

Fica logo entendido que nem por palavras nem por fatos dera causa a Fortunato de duvidar de minha boa-vontade. Continuei, como de costume, a fazer-lhe cara alegre, e ele não percebia que meu sorriso agora se originava da idéia de sua imolação.

O Fortunato tinha o seu lado fraco, embora a outros respeitos fosse um homem acatado e até temido. Orgulhava-se de ser conhecedor de vinhos. Poucos italianos têm o verdadeiro espírito do "conhecedor". Na maior parte, seu entusiasmo adapta-se às circunstâncias do momento e da oportunidade, para ludibriar milionários ingleses e austríacos. Em matéria de pintura e ourivesaria era Fortunato, a igual de seus patrícios, um impostor; mas em assuntos de vinhos velhos era sincero. A este respeito éramos da mesma força. Considerava-me muito entendido em vinhos italianos e sempre que podia, comprava-os em larga escala.

Foi ao escurecer duma tarde, durante o supremo delírio carnavalesco, que encontrei meu amigo. Abordou-me com excessivo ardor, pois já estava bastante bebido. Estava fantasiado com um traje apertado e listado, trazendo na cabeça uma carapuça cônica cheia de guizos. Tão contente fiquei ao vê-lo que quase não largava de apertar-lhe a mão. E disse-lhe:

- Meu caro Fortunato, foi uma felicidade encontrá-lo ! Como está você bem disposto hoje! Mas recebi uma pipa dum vinho, dado como amontillado, e tenho minhas dúvidas.

- Como? disse ele. - Amontillado? Uma pipa? Impossível. E no meio do carnaval!

- Tenho minhas dúvidas - repliquei -, mas fui bastante tolo para pagar o preço total do amontillado sem antes consultar você. Não consegui encontrá-lo e tinha receio de perder uma pechincha.

- Amontillado!

- Tenho minhas dúvidas.

- Amontillado!

- E preciso desfazê-las.

- Amontillado!

- Se você não estivesse ocupado. . . Estou indo à casa Luchesi. Se há alguém que entenda disso, é ele. Haverá de dizer...

- Luchesi não sabe diferençar um amontillado dum xerex

- No entanto, há uns bobos que dizem por aí que, em matéria de vinhos, vocês se equiparam.

- Pois então vamos.

- Para onde?

- Para sua adega.

- Não, meu amigo. Não quero abusar de sua boa-vontade. Você está ocupado. Luchesi...

- Não estou ocupado, coisa nenhuma... Vamos.

- Não, meu amigo. Não é por isso, mas é que vejo está fortemente resfriado. A adega está duma umidade intolerável. Suas paredes estão incrustadas de salitre.

- Não tem importância, vamos. Um resfriado à-toa. Amontillado! Acho que você foi enganado. Quanto a Luchesi, é incapaz de distinguir um xerez dum amontillado.

Assim falando, Fortunato agarrou meu braço. Pondo no rosto uma máscara de seda e enrolando-me num rocló, deixei-me levar por ele, às pressas, na direção do meu palácio.

Todos os criados haviam saído para brincar no carnaval. Dissera-lhes que só voltaria de madrugada e dera-lhes explícitas ordens para não se afastarem de casa. Foi, porém, o bastante, sabia, para que se sumissem logo que virei as costas.

Peguei dois archotes, um dos quais entreguei a Fortunato, e conduzi-o através de várias salas até a passagem abobadada que levava à adega. Desci à frente dele uma longa e tortuosa escada, aconselhando-o a ter cuidado. Chegamos por fim ao sopé e ficamos juntos no chão úmido das catacumbas dos Montresors.Meu amigo cambaleava e os guizos de sua carapuça tilintavam a cada passo que dava.

- Onde está a pipa? perguntou ele.

- Mais para o fundo - respondi -, mas repare nas teias cristalinas que brilham nas paredes desta caverna.

Ele voltou-se para mim e fitou-me bem nos olhos com aqueles seus dois glóbulos vítreos que destilavam a reuma da bebedice.

- Salitre? - perguntou ele, por fim.

- É, sim - respondi. - Há quanto tempo está você com essa tosse?

- Eh! Eh! Eh! Eh! Eh! Eh! Eh!... - pôs-se ele a tossir, e durante muitos minutos não conseguiu meu pobre amigo dizer uma palavra.

Não é nada - disse ele, afinal.

- Venha - disse eu, decidido. Vamos voltar. Sua saúde é preciosa. Você é rico, respeitado, admirado, amado. Você é feliz como eu era outrora. Você é um homem que faz falta. Quanto a mim, não. Voltaremos. Você pode piorar e não quero ser responsável por isso. Além do quê, posso recorrer a Luchesi...

- Basta! - disse ele. - Essa tosse não vale nada. Não me há de matar. Não é de tosse que hei de morrer.

- Isto é verdade... isto é verdade. . . - respondi - e, de fato, não era a minha intenção alarmá-lo sem motivo. Mas acho que você devia tomar toda a precaução.

Um gole deste Médoc nos defenderá da umidade.

Então fiz saltar o gargalo duma garrafa que retirei duma longa pilhada no chão.

- Beba - disse eu, apresentando-lhe o vinho.

Levou a garrafa aos lábios, com um olhar malicioso. Calou-se um instante e me cumprimentou com familiaridade, fazendo tilintar os guizos.

- Bebo pelos defuntos que repousam em torno de nós - disse ele.

- E eu para que você viva muito.

Pegou- me de novo no braço e prosseguimos.

- Estas adegas são enormes - disse ele.

- Os Montresors eram uma família rica e numerosa - respondi.

- Não me lembro quais são suas armas.

- Um enorme pé humano dourado em campo blau; o pé esmagando uma serpente rastejante cujos comilhos se lhe cravam no calcanhar.

- E qual é a divisa?

- Nemo me impune lacessit. (ninguém me ofende impunemente. N.T.)

- Bonito! - disse ele.

O vinho faiscava-lhe nos olhos e os guizos tilintavam. Minha própria imaginação se aquecia com o Médoc. Havíamos passado diante de paredes de ossos empilhados, entre barris e pipotes, até os recessos extremos das catacumbas. Parei de novo e desta vez e atrevi a pegar Fortunato por um braço acima do cotovelo.

- O salitre! Veja, está aumentado. Parece musgo agarrado às paredes. Estamos embaixo do leito do rio. As gotas de umidade filtram-se entre os ossos. Venha, vamos antes que seja demasiado tarde... Sua tosse...

- Não é nada - disse ele. - Continuemos. Mas antes, dê-me outro gole de Médoc. Quebrei o gargalo duma garrafa de De Grave e entreguei-lha.

Esvaziou-a dum trago. Seus olhos cintilavam, ardentes. Riu e jogou a garrafa para cima, com um gesto que eu não compreendi.

Olhei surpreso para ele. Repetiu o grotesco movimento.

- Não compreende? - perguntou.

- Não.

- Então não pertence à irmandade?

- Que irmandade?

- Não é maçom?

- Sim, sim! - respondi. - Sim, sim!

- Você, maçom? Não é possível!

- Sou maçom, sim repliquei.

- Mostre o sinal - disse ele.

- É este - respondi. retirando de sob as dobras de meu rocló uma colher de pedreiro.

- Você está brincando - exclamou ele, dando uns passos para trás. - Mas vamos ver o amontillado .

- Pois vamos - disse eu, recolocando a colher debaixo do capote e oferecendo-lhe , de novo, meu braço, sobre o qual se apoiou ele pesadamente.

Continuamos o caminho em busca do amontillado. Passamos por uma série de baixas arcadas, demos voltas, seguimos para a frente, descemos de novo e chegamos a uma profunda cripta, onde a impureza do ar reduzia a chama de nossos archotes a brasas avermelhadas.

No recanto mais remoto da cripta, outra se descobria menos espaçosa. Nas suas paredes alinhavam-se restos humanos empilhados até o alto da abóbada, à maneira das grandes catacumbas de Paris. Três lados dessa cripta interior estavam assim ornamentados. Do quarto, haviam sido afastados os ossos, que jaziam misturados no chão, formando em certo ponto um montículo de avultado tamanho. Na parede assim desguarnecida dos ossos, percebemos um outro nicho, com cerca de um metro e vinte de profundidade, noventa centímetros de largura e um metro e oitenta ou dois metros e dez de altura. não parecia ter sido escavado para um uso especial, mas formado simplesmente pelo intervalo entre dois dos colossais pilares do teto das catacumbas, e tinha como fundo uma das paredes, de sólido granito, que os circunscreviam.

Foi em vão que Fortunato, erguendo a tocha mortiça, tentou espreitar a profundeza do recesso. A fraca luz não nos permitiu ver-lhe o fim.

- Vamos - disse eu -, aqui está o amontillado . Quanto a Luchesi...

- E um ignorantaço! - interrompeu meu amigo, enquanto caminhava, vacilante, para diante e eu o acompanhava rente aos calcanhares. Sem demora, alcançou ele a extremidade do nicho, e não podendo mais prosseguir, por causa da rocha, ficou estupidamente apatetado. Um momento mais e ei-lo acorrentado por mim ao granito. Na sua superfície havia dois anéis de ferro, distando um do outro cerca de sessenta centímetros, horizontalmente. De um deles pendia curta cadeia e do outro um cadeado. Passei a corrente em torno da cintura e prendê-lo, bem seguro, foi obra de minutos. Estava por demais atônito para resistir. Tirando a chave saí do nicho.

- Passe sua mão - disse eu - por sobre a parede. Não deixa de sentir o salitre. É de fato bastante úmido. Mais uma vez permita-me implorar-lhe que volte. Não? Então devo positivamente deixá-lo. Mas é preciso primeiro prestar-lhe todas as pequeninas atenções que puder.

- O amontillado ! - vociferou meu amigo, ainda não recobrado do espanto.

- É verdade - repliquei -, o amontillado .

Ao dizer estas palavras, pus-me a procurar as pilhas de ossos a que me referi antes. Jogando-os para um lado, logo descobri grande quantidade de tijolos e argamassa. Com estes e com o auxílio de minha colher de pedreiro comecei com vigor, a emparedar a entrada do nicho.

Mal havia eu começado a acamar a primeira fila de tijolos, descobri que a embriaguez de Fortunato tinha-se dissipado em grande parte. O primeiro indício disto que tive foi um surdo lamento, lá do fundo do nicho.

Não era o choro de um homem embriagado. Seguiu, então, um longo e obstinado silêncio. Deitei a segunda camada, a terceira e a quarta; e depois ouvi as furiosas vibrações da corrente. O barulho durou vários minutos, durante os quais, para maior satisfação, interrompi meu trabalho e me sentei em cima dos ossos.

Quando afinal o tilintar cessou, tornei a pegar e acabei sem interrupção a quinta, a sexta e a sétima camada. A parede estava agora quase ao nível de meu peito. Parei de novo e levantando o archote por cima dela, lancei uns poucos e fracos raios sobre o rosto dentro do nicho.

Uma explosão de berros fortes e agudos, provindos da garganta do vulto acorrentado, fez-me recuar com violência. Durante um breve momento hesitei. Tremia. Desembainhando minha espada, comecei a apalpar com ela em torno do nicho, mas uns instantes de reflexão me tranqüilizaram. Coloquei a mão sobre a a alvenaria sólida das catacumbas e senti-me satisfeito. Reaproximei-me da parede: Respondi aos urros do homem. Servi-lhe de eco, ajudei-o a gritar... ultrapassei-o em volume e em força. Fui fazendo assim e por fim cessou o clamor.

Era agora meia-noite e meu serviço chegara a cabo. Completara a oitava, a nona e a décima camadas. Tinha acabado uma porção desta última e a décima primeira. Faltava apenas uma pedra a ser colocada e argamassada. Carreguei-a com dificuldade por causa do peso. Coloquei-a, em parte, na posição devida. Mas então irrompeu de dentro do nicho uma enorme gargalhada que me fez eriçar os cabelos. Seguiu-se-lhe uma voz lamentosa, que tive dificuldade de reconhecer como a do nobre Fortunato. A voz dizia:

- Ah, ah, ah!... Eh, eh, eh! Uma troça bem boa de fato...uma excelente pilhéria! Haveremos de rir a bandeiras despregadas lá no palácio... eh, eh, eh!... a respeito desse vinho, eh! eh! eh!

- O amontillado ! - exclamei eu.

- Eh, eh, eh!... Eh, eh, eh!... Sim... o amontillada! já não será tarde? Já não estarão esperando por nós no palácio? minha mulher e os outros? Vamos embora!

- Sim - disse eu. - Vamos embora.

- Pelo amor de Deus, Montresor!

- Sim - disse eu. - Pelo amor de Deus!

Aguardei debalde uma resposta a estas palavras. Impacientei-me. Chamei em voz alta:

- Fortunato!

Nenhuma resposta. Chamei de novo:

- Fortunato!

Nenhuma resposta ainda. Lancei uma tocha através da abertura e deixei-a cair lá dentro. Como resposta ouvi apenas o tinir dos guizos. Senti um aperto no coração. . devido talvez à umidade das catacumbas. Apressei-me em terminar meu trabalho. Empurrei a última pedra em sua posição. Argamassei-a. Contra a nova parede, reergui a velha muralha de ossos. Já faz meio século que mortal algum os remexeu. In pace requiescat!

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA – CONTOS DE TERROR, MISTÉRIO E MORTE

O CAIXÃO QUADRANGULAR

HÁ ALGUNS ANOS, segui viagem de Charleston [Carolina do Sul) para a cidade de Nova York, no belo navio Independência, do Capitão Hardy. Devíamos viajar no dia 15 do mêsde junho, se o tempo permitisse; e, no dia 14, fui a bordo para arranjar algumas coisas em meu camarote.

Achei que íamos ter muitos passageiros, inclusive um número maior de senhoras do que o habitual. Da lista constavam muitos conhecidos meus, e, entre outros nomes, alegrei-me por ver o do Sr. Cornélio Wyatt, jovem artista a quem dedicava eu cordial amizade. Fora meu companheiro de estudos na Universidade de C..., onde andávamos sempre juntos. Tinha ele o temperamento comum dos gênios, formando um conjunto de misantropia, sensibilidade e entusiasmo. A essas qualidades unia ele o coração mais ardente e mais franco que jamais bateu em peito humano.Observei que seu nome estava afixado em três camarotes e, tendo novamente consultado a lista de passageiros, descobri que ele tinha tomado passagem para si mesmo, sua mulher e duas irmãs dele.

Os camarotes eram suficientemente espaçosos, tendo cada um dois beliches, um por cima do outro. Esses beliches, para falar a verdade eram tão excessivamente estreitos que neles não cabia mais de uma pessoa; contudo, eu não podia compreender por que havia três camarotes para aquelas quatro pessoas. Encontrava-me justamente naquela época em um daqueles fantásticos estados de espírito que tornam um homem anormalmente curioso em questão de ninharias e confesso, envergonhado, que me preocupei com variedade de conjeturas indelicadas e absurdas a respeito dessa estória de camarotes excedentes. Decerto, não era da minha conta; mas com pertinácia não pequena esforcei-me pela solução do enigma. Afinal cheguei a uma conclusão que me provocou grande espanto por não tê-la descoberto antes: "É uma criada, sem dúvida - disse eu. - Que tolo fui, por não ter mais cedo pensado em tão evidente solução!" E novamente reparei na lista; mas ali vi distintamente que nenhuma criada acompanhava o grupo, embora, de fato, tivesse sido intenção original trazer uma, pois as palavras "e criada" tinham sido escritas a princípio e depois riscadas.

"Oh! muita bagagem, decerto - disse então para mim mesmo. - Algo que ele não deseja pôr no porão, algo que deve ficar sob suas vistas...Ah, achei! Uma pintura ou coisa semelhante.. . Deve se isso o que ele andou trocando com o Nicolino, um judeu italiano. Essa idéia me satisfez e pus de parte minha curiosidade por essa vez.conhecia muito bem as duas irmãs de Wyatt, e que moças amáveis e inteligentes eram elas! Ele havia-se casado recentemente, de modo que eu nunca vira sua mulher. Muitas vezes me falara a respeito dela, porém no seu habitual estilo entusiasmado. Descrevia-a como de uma

beleza surpreendente, muito inteligente e prendada. Sentia-me, por isso, grandemente ansioso por conhecê-la.

No dia em que visitei o navio (dia 14), Wyatt e família ali estavam também para visitá-lo, assim me informou o capitão, e fiquei esperando a bordo, uma hora a mais do que tinha pretendido, na expectativa de ser apresentado à jovem esposa, mas então recebi , uma desculpa. "A Sra. Wyatt estava um pouco indisposta e desistira de vir a bordo, o que só faria no dia seguinte, à hora da partida."

No dia seguinte, seguia eu do meu hotel para o cais, quando o Capitão Hardy me encontrou e me disse que devido às circunstâncias (frase estúpida, porém conveniente) achava ele que o Independência não viajaria antes de um dia ou dois e que, quando tudo estivesse pronto, ele me mandaria dizer". Achei aquilo estranho porque soprava uma constante brisa do sul; mas como as "circunstâncias" não estivessem à vista, embora eu as sondasse com a maior perseverança, nada tinha a fazer senão voltar para casa e digerir minha impaciência à vontade.

Esperei quase uma semana pelo recado do capitão. Chegou, porém, afinal, e segui imediatamente para bordo. O navio estava repleto de passageiros e tudo se achava em alvoroço à espera da partida. A família de Wyatt chegou quase dez minutos depois de mim. Eram as duas irmãs, a esposa e o artista - este, em um de seus habituais acessos de melancólica misantrópica. Eu, porém, estava por demais habituado a eles para dar-lhes qualquer atenção especial. Ele nem mesmo me apresentou a sua mulher, cortesia deixada por força, a cargo de sua irmã Mariana, moça muito delicada e inteligente, que em algumas palavras apressadas nos tornou conhecidos.

A Sra. Wyatt usava um véu cerrado e, quando o ergueu para responder ao meu cumprimento, confesso que fiquei profundamente atônito. E muito mais teria eu ficado se uma longa experiência não me houvesse advertido a não acreditar, com confiança demasiado implícita, nas entusiásticas descrições de meu amigo artista, quando se comprazia em comentários a respeito da formosura das mulheres. Quando o tema era a beleza, bem sabia eu a facilidade com que ele remontava às regiões do puro ideal.

A verdade é que eu não podia deixar de olhar a Sra. Wyatt como uma mulher decididamente nada bonita. Se não era positivamente feia, penso eu que não estava muito longe disso. Trajava porém, com gosto esquisito, e então não tive dúvida de que ela dominara o coração de meu amigo pelas mais duradoura graças da inteligência da alma. Ela disse muito poucas palavras e dirigiu-se imediatamente para o seu camarote com o Sr. Wyatt.

Minha velha curiosidade então voltou. Não havia criada, este era um ponto assente. Procurei, em conseqüência, a bagagem extraordinária. Depois de alguma demora, chegou uma carroça ao cais com um caixão quadrangular de pinho, que parecia ser a última coisa que se esperava. Imediatamente após sua chegada, partimos e dentro em pouco havíamos saído livremente da barra rumando para o mar.

O caixão em questão era, como eu disse, quadrangular. Tinha quase um metro e oitenta centímetros de comprimento, por noventa de largura. Observei-o atentamente, de modo a poder ser exato. Ora, aquele formato era característico e, logo que o vi, louvei-me pela precisão de minhas suposições. Eu chegara à conclusão, com se hão de lembrar, de que a bagagem excedente de meu amigo o artista deveria constar de pinturas, ou pelo menos de uma pintura, pois eu sabia que ele estivera durante várias semanas conferenciando Nicolino. E agora ali estava um caixão que, dada sua forma, nada mais no mundo podia conter possivelmente senão uma cópia da Última Ceia de Leonardo, e uma cópia dessa mesma Última Ceia que Rubini, o moço, fizera em Florença e que desde algum tempo eu

sabia estar em poder de Nicolino. Considerado, portanto, esse ponto como suficientemente assente, vangloriei-me bastante ao pensar em minha acuidade. Que eu soubesse, era a primeira vez Wyatt me escondia algum de seus segredos artísticos; mas aí ele evidentemente pretendia lavrar um tento sobre mim e contrabandear para Nova York um belo quadro, sob meu próprio nariz, esperando que eu nada soubesse a respeito. Resolvi lográ-lo bem, então, e para o futuro.Uma coisa, contudo, me aborreceu bastante. O caixote não foi levado para o camarote excedente. Foi depositado no próprio camarote de Wyatt, e ali ficou, aliás, ocupando quase todo o soalho, sem dúvida com enorme desconforto para o artista e sua mulher; e isso mais especialmente porque o piche ou a tinta com que fora endereçado, em maiúsculas deitadas, emitia um odor forte, desagradável e, para minha imaginação, caracteristicamente repugnante. Na tampa estavam pintadas as palavras:

SENHORA ADELAIDE CURTIS, ALBANY, NOVA YORK. AOS CUIDADOS DO SR. CORNÉLIO WYATT. ESTE LADO PARA CIMA. CARREGUE-SE COM CUIDADO.

Agora sei que a Sra. Adelaide Curtis era a mãe da mulher do artista, mas então tomei todo o endereço como uma mistificação preparada especialmente para mim. Convenci-me, sem dúvida de que o caixão e seu conteúdo não iriam mais além do estúdio de meu misantrópico amigo, em Chambers Street, Nova YorK.

Durante os primeiros três ou quatro dias, tivemos bom tempo embora o vento estivesse em calmaria pela frente - tendo mudado de direção para o norte logo depois que perdemos a costa de vista. Os passageiros se achavam, por conseqüência, em excelente disposição de espírito e de sociabilidade. Devo fazer exceção, porém de Wyatt e de suas irmãs, que se conduziam secamente e, não podia eu deixar de pensar, descortesmente, para com os demais. Eu não me importava muito com a conduta de Wyatt. Estava sombrio além do costume - de fato, estava taciturno -, mas eu já contava com a excentricidade dele. Quanto às irmãs, porém, não havia desculpa. Conservaram-se reclusas nos seus camarotes durante a maior parte da travessia e recusaram-se absolutamente, embora eu repetidas vezes instasse com elas, a manter comunicação com qualquer pessoa de bordo.

A própria Sra. Wyatt era muito mais agradável. Isto é, era loquaz e ser loquaz não é pequena recomendação para quem viaja. Tornou-se excessivamente íntima da maior parte das senhoras e intenso espanto meu, revelou inequívoca disposição de namorar com os homens. Divertiu-nos bastante, a todos. Eu digo "divertiu-nos" e dificilmente sei como explicar-me. A verdade é que logo descobri que muito mais vezes riam da Sra. Wyatt do que com ela. Os cavalheiros pouco falavam a seu respeito, mas as senhoras, em pouco tempo, acharam que ela era "uma criatura cordial, de um tanto comum, totalmente ineducada e decididamente vulgar".

O que causava maior espanto era ter Wyatt caído em tal casamento. A solução geral era o dinheiro, mas isso sabia eu que não resolvia absolutamente nada, pois Wyatt me dissera que ela não lhe trouxera nem um dólar, nem esperava ele nenhum dinheiro de sua parte. "Casara-se - falou-me - por amor e por amor somente; e sua esposa era mais do que digna de seu amor."

Quando pensava nestas expressões de parte de meu amigo confesso que me sentia indescritivelmente confuso. Seria possível que ele tivesse perdido o juízo? Que outra coisa poderia eu pensar? "Ele" tão refinado, tão intelectual, tão exigente, com tão rara percepção das coisas imperfeitas e tão profundo na apreciação da beleza! Para falar a verdade, a mulher parecia especialmente apaixonada por ele - isso, de modo particular, na sua ausência -, tornando-se ridícula pelas freqüentes citações do que fora dito pelo seu "amado esposo, Sr. Wyatt". A palavra "marido" parecia estar sempre - para usar uma

de suas próprias e delicadas expressões - "na ponta de sua língua". Entrementes, todos a bordo observavam que ele a evitava da maneira mais saliente e na maior parte do tempo fechava-se sozinho no seu camarote, onde, de fato, podia dizer-se que vivia, deixando sua mulher em plena liberdade de divertir-se como achasse melhor na sociedade dos passageiros do salão principal.

Minha conclusão do que via e ouvia era que o artista, por algum capricho da sorte ou talvez num arroubo de entusiástica e fanática paixão, fora induzido a unir-se a uma pessoa inteiramente inferior a ele e que, como resultado natural, não tardara em sobrevir-lhe um desgosto completo. Eu o lamentava do íntimo do coração, mas não podia, por esta razão, perdoar-lhe inteiramente o sigilo a respeito da Última Ceia. Por isso resolvi desforrar-me.

Um dia subiu ele ao tombadilho e, pegando-o pelo braço como fora sempre o meu costume, fiquei a passear com ele para lá e para cá. Seu ar melancólico (que considerei perfeitamente natural nas circunstâncias do momento) parecia conservar-se sem diminuição. Falou pouco e, assim mesmo, tristemente e com evidente esforço. Aventurei um ou dois gracejos e ele esboçou uma amarela tentativa de sorriso. Pobre rapaz!... Quando pensava em "sua mulher", imaginei que ele teria coragem para até mesmo simular um pouco de contentamento. Por fim, aventurei uma investida direta. Decidi colocar uma série do insinuações ocultas ou indiretas a respeito do caixão quadrangular, justamente para deixá-lo perceber, gradativamente que eu não era totalmente o alvo ou a vitima de sua pontinha de divertida mistificação. Minha primeira observação foi como a exibição duma bateria mascarada. Disse alguma coisa a respeito "da forma característica daquele caixão" e, enquanto pronunciava as palavras, sorria intencionalmente, piscando os olhos e tocando-lhe de leve nas costelas com meu indicador.A maneira pela qual Wyatt recebeu minha inocente brincadeira convenceu-me imediatamente de que ele estava louco. A princípio olhou para mim como se achasse impossível compreender o chiste de minha observação; mas à medida que sua intencionalidade parecia abrir lentamente caminho no seu cérebro, seus olhos pareciam querer saltar fora das órbitas. Depois ficou vermelhíssimo e horrivelmente pálido e, em seguida, como se intensamente divertido com o que eu tinha insinuado, desatou numa gargalhada enorme e desgovernada que, com grande espanto meu, ele manteve, com gradual e crescente vigor, durante dez minutos ou mais. Em conclusão caiu pesadamente sobre o tombadilho. Quando corri para levantá-lo tinha ele toda a aparência de estar morto.

Pedi socorro e, com bastante dificuldade, conseguimos fazê-lo voltar a si. Ao recobrar os sentidos pôs-se a falar incoerentemente durante algum tempo. Por fim, o sangramos e levamos para a cama. No dia seguinte estava completamente são no que se referia à sua saúde física. Do espírito, porém, não digo nada, sem dúvida. Evitei-o durante o resto da travessia, a conselho do capitão que parecia concordar totalmente comigo a respeito da insanidade de Wyatt, mas preveniu-me que não tocasse nesse assunto com pessoa alguma de bordo.

Circunstâncias várias ocorreram logo após aquele ataque de Wyatt, as quais contribuíram para aumentar a curiosidade de que já estava eu possuído. Entre outras coisas a seguinte,: eu tinha estado nervoso, bebi muito chá verde, forte, e a noite dormi mal; de fato, durante duas noites, não podia dizer propriamente que havia dormido. Ora, meu camarote abria-se para o salão principal ou sala de jantar, como todos os camarotes de solteiro. Os três cômodos de Wyatt achavam-se no compartimento de trás, que se separava do principal por uma pequena porta corrediça, jamais fechada, mesmo à noite. Como quase constantemente estivéssemos a favor do vento e a brisa não chegasse a ser violenta, o navio inclinava-se para sota-vento, mui consideravelmente; e quando seu lado de estibordo estava para sota-vento a porta corrediça, entre os camarotes, abria-se e assim ficava, não se dando ninguém ao cuidado de levantar-se para fechá-la. Mas meu

beliche se achava em tal posição que, quando a porta de meu camarote estava aberta ao mesmo tempo que a porta corrediça em questão (e minha própria porta ficava sempre aberta por causa do calor), podia eu avistar distintamente o interior do compartimento de trás, e justamente a parte dele, onde se achavam situados os camarotes do Sr. Wyatt.

Pois bem, durante duas noites (não consecutivas), enquanto eu jazia acordado, claramente vi a Sra. Wyatt, cerca das onze horas de cada noite, sair furtivamente do camarote do Sr. Wyatt e entrar no camarote extra, onde permanecia até a madrugada, quando era chamada pelo marido e regressava. Era claro que eles estavam virtualmente separados. Aposentos separados, sem dúvida na perspectiva de um divórcio mais permanente; e ali, afinal de contas, pensava eu, estava o mistério do camarote extra.

Havia outra circunstância também que me interessou bastante. Durante as duas noites de vigília em questão e imediatamente após o desaparecimento da Sra. Wyatt no interior do camarote extra, fui atraído por certos rumores estranhos, cautelosos e sumidos de seu marido. Depois de ter ficado à escuta por algum tempo, com ansiosa atenção, consegui por fim apreender perfeitamente a significação. Eram sons causados pelo artista, ao levantar a tampa do caixão quadrangular, por meio de um formão e macete, este último com a ponta aparentemente envolta , ou amortecida por alguma substância de algodão ou de lã macia.

Dessa forma imaginei que podia distinguir o momento preciso em que ele despregasse a tampa, bem como que podia determinar quando ele a abrisse completamente e quando a depositasse sobre o beliche inferior do seu camarote. Descobri este último ponto, por exemplo, por causa de certas pancadas leves que a tampa deu ao bater contra as extremidades de madeira do beliche, quando ele tentava depositá-la bem devagar, pois não havia lugar para ela no soalho.

Depois disso, houve um silêncio mortal e nada mais eu ouvi, em qualquer outra ocasião, até quase o raiar do dia, a menos que deva talvez fazer menção de um leve soluço ou murmúrio, tão contido que quase se tornava inaudível, se é que na realidade esse último ruído não se tinha produzido apenas na minha própria imaginação. Digo que parecia ele assemelhar-se a um soluço ou suspiro, mas sem dúvida podia não ser uma coisa nem outra. Acho antes que foi um estalido nas minhas próprias orelhas. O Sr. Wyatt, sem dúvida, de acordo com o costume, estava simplesmente dando rédeas a uma de suas manias, comprazendo-se num de seus arroubos de entusiasmo artístico. Abrira o caixão quadrangular a fim de pastar os olhos no tesouro pictórico que ali se achava. Nada havia nisto, porém, que o fizesse soluçar. Repito, pois, que deve ter sido simplesmente um capricho de minha própria fantasia, destemperada pelo chá verde do bom Capitão Hardy.

Precisamente antes do alvorecer, em cada uma das duas noites de que falo, ouvi de modo distinto o Sr. Wyatt tornar a colocar a tampa sobre o caixão quadrangular, e recolocar os pregos nos lugares por meio do macete empanado.Tendo feito isso ele saiu de seu camarote, completamente vestido, e começou a -chamar a Sra. Wyatt no dela.

Havia sete dias que navegávamos e havíamos passado o cabo Hatteras, quando sobreveio um vendaval, tremendamente pesado, do sudoeste. Estávamos, de certo modo, preparados para ele, pois o tempo já se tinha mostrado ameaçador algumas vezes. Tudo tinha sido posto em ordem, em cima e em baixo, e quando o vento rapidamente refrescou, colhemos as velas, afinal, ficando apenas com a mezena e a gávea do traquete, ambas em duplos rizes.

Nessa aparelhagem navegamos bem a salvo durante quarenta e oito horas, demonstrando o navio ser um excelente barco, a muitos respeitos, não fazendo água de modo sensível. Ao fim desse período, porém, rajadas se tinham transformado em furacão e a nossa vela

de popa foi rasgada, levando-nos tanto na cava da vaga que engolimos muitas ondas prodigiosas, uma imediatamente após a outra. Com esse acidente perdemos três homens, arrebatados pela água, com a cozinha e quase todas as amuradas de bombordo. Mal tínhamos recuperado a calma, antes que a gávea do traquete se tivesse estraçalhado, quando içamos uma vela de estai, adequada ao tempo, e com isso conseguimos manter-nos muito bem, durante algumas horas, afrontando o mar muito mais depressa do que antes.

O temporal, contudo, ainda continuava e não víamos sinais de que amainasse. Verificou-se que o velame estava mal mareado e grandemente esticado; e no terceiro dia do vendaval, cerca das cinco horas da tarde, nosso mastro de mezena, numa pesada guinada para barlavento, caiu. Durante uma hora ou mais, tentamos, em vão, desembaraçar-nos dele, por causa do fantástico jogo do navio, e antes de o havermos conseguido, o carpinteiro veio acima e anunciou que havia mais de um metro de água no porão. Para aumento de nosso problema, verificamos que as bombas estavam entupidas e quase imprestáveis.

Tudo agora era confusão e desespero, mas um esforço foi feito para aliviar o navio, lançando ao mar tudo quanto se pode encontrar de sua carga e cortando os dois mastros restantes. Conseguimos afinal fazer tudo isso, mas achávamo-nos ainda impossibilitados de utilizar as bombas e entrementes a entrada de água aumentava muito depressa.

Ao pôr do sol a tempestade tinha sensivelmente diminuído de violência e, como o mar foi serenando, nós ainda entretivemos fracas esperanças de salvar-nos nos escaleres. Às oito da noite as nuvens se abriram a barlavento e tivemos a vantagem de uma lua cheia, dom da fortuna, que serviu maravilhosamente para soerguer o nosso espírito abatido.

Depois de incrível trabalho conseguimos por fim lançar escaler sem acidente material, e dentro dele se amontoaram toda a tripulação e a maior parte dos passageiros. Esse grupo afastou-se imediatamente e, depois de suportar muitos sofrimentos, chegou a final a salvo, à baía de Ocracocke, no terceiro dia após o desastre.

Catorze passageiros, com o capitão, ficaram a bordo, resolvendo confiar sua sorte ao escaler da popa. Nós o arriamos sem dificuldade, embora só por milagre evitássemos que mergulhasse ao tocar a água. Levava, quando posto a flutuar, o capitão e sua mulher, o Sr. Wyatt e família, um oficial mexicano com mulher e quatro filhos e eu mesmo com um criado negro. Não tínhamos lugar, sem dúvida, para qualquer outra coisa, à exceção de poucos instrumentos, positivamente necessários, algumas provisões e as roupas que usávamos. Ninguém tivera de nem mesmo tentar salvar alguma outra coisa mais. Qual não foi porém, o espanto de todos, quando, tendo-nos afastado algumas toezas do navio, o Sr. Wyatt, de pé na escota de popa, pediu friamente ao Capitão Hardy que fizesse voltar o escaler para ir buscar o seu caixão quadrangular.

- Sente-se, Sr. Wyatt - replicou o capitão, um tanto severamente. - O senhor nos fará ir ao fundo se não se conservar completamente quieto. Nossa amurada está quase dentro da água agora.

- O caixão! - vociferou o Sr. Wyatt, ainda de pé. - O caixão digo eu! Capitão Hardy, o senhor não pode, o senhor não poderá recusar-se. Seu peso será uma ninharia... É nada, simplesmente nada. Pela mãe que o deu à luz, pelo amor de Deus, pela esperança de sua salvação. . . imploro-lhe que volte para buscar o caixão!

O capitão, por um instante, pareceu comovido pelo fervoroso apelo do artista, mas recuperou sua atitude grave e disse simplesmente:

- Sr. Wyatt, o senhor está louco. Não posso dar-lhe ouvidos. Sente-se, digo-lhe, ou fará virar o bote! Fique aí ....Agarrem-no! Segurem-no! Ele vai cair ao mar. . . Pronto! Já sabia. . . caiu!

Enquanto o capitão dizia isso, o Sr. Wyatt, efetivamente, pulou fora do bote e, como estivéssemos ainda a sota-vento do navio naufragado, conseguiu, quase que graças a um esforço sobre-humano, amarrar uma corda que pendia das correntes da proa. No instante imediato achava-se ele a bordo correndo freneticamente para o camarote.

Entrementes tínhamos sido arrastados para a popa do navio e, estando completamente fora de seu sota-vento, ficamos à mercê das tremendas ondas que ainda rolavam. Fizemos decidido esforço para voltar, mas nosso pequeno barco era como uma pena ao sopro da tempestade. Vimos, num relance, que a sentença do desventurado artista fora lavrada.

À medida que nossa distância do navio naufragado aumentava rapidamente, o louco (pois como tal somente o poderíamos olhar) saindo da escada do tombadilho, arrastando, à custa de um esforço que parecia verdadeiramente gigantesco, o caixão quadrangular. Enquanto olhávamos no auge do espanto, ele passou rapidamente várias voltas de uma corda de três polegadas, primeiro, em torno do caixão, e depois, em torno de seu corpo. Logo depois, corpo e caixão caíram ao mar, desaparecendo subitamente, imediatamente e para sempre.

Retardamos por um momento, com tristeza, nossas remadas, com os olhos fixos naquele ponto. Afinal, afastamo-nos. Mantivemo-nos em silêncio durante uma hora. Por fim, aventurei uma observação.

- Reparou capitão como eles afundaram repentinamente? Não foi isso uma coisa muito singular? Confesso que entretive certa esperança de sua salvação final, quando o vi amarrar-se ao caixão e lançar-se ao mar.

- Era natural que afundassem - replicou o capitão - e sem demora. Em breve, porém, subirão à tona de novo, quando o sal se derreter.
.
- O sal! - exclamei.

- Psiu! - disse o capitão, apontando para a mulher e as irmãs do morto.

- Falaremos a esse respeito em ocasião mais oportuna.

Sofremos muito e escapamos por um triz, mas a sorte protegeu-nos bem como aos nossos companheiros do outro escaler. Chegamos a terra, afinal, mais mortos do que vivos, depois de quatro dias de intensa angústia, na praia fronteira à ilha de Roanoke. Permanecemos ali uma semana, não fomos maltratados pelos aproveitadores de naufrágios e, por fim, obtivemos passagem para Nova York.

Cerca de um mês depois da perda do Independência, encontrei o Capitão Hardy na Broadway. Nossa conversa dirigiu-se naturalmente para o desastre e, de modo especial, para a triste sorte do pobre Wyatt. Foi assim que vim a conhecer os seguintes pormenores:

O artista havia comprado passagem para si mesmo, sua duas irmãs e uma criada. Sua esposa era, realmente, descrevera, a mais amável e mais perfeita mulher. Na dia 14 de junho (dia em que visitei pela primeira vez o navio) a mulher subitamente adoeceu e morreu. O jovem marido ficou louco de dor, mas circunstâncias imperiosas o impediam de adiar sua viagem para Nova York. Era preciso levar para sua sogra o cadáver de sua

adorada esposa, e, por outro lado, o universal preconceito que o proibia de fazê-lo tão abertamente era bem conhecido. Nove décimos dos passageiros teriam abandonado o navio, de preferência a seguir viagem com um cadáver.

Neste dilema, o Capitão Hardy resolveu que o corpo depois de parcialmente embalsamado e coberto de grande quantidade de sal fosse colocado num caixão de dimensões adequadas e transportado para bordo como mercadoria. Nada deveria ser dito da morte da senhora; e, como era bem sabido que o Sr. Wyatt tinha tomado passagem para sua mulher, tornou-se necessário que, a substituísse durante a viagem. A criada da morta prestou-se facilmente a fazê-lo.

O camarote extra, primitivamente tomado para essa moça, enquanto vivia sua patroa, foi então simplesmente conservado. - Naquele camarote, dormia todas as noites, é evidente, a pseudo-esposa. Durante o dia representava ela, o melhor que que podia o papel de sua patroa, que como fora cuidadosamente apurado - era desconhecida de qualquer dos passageiros de bordo.

Meu próprio engano surgiu, bastante naturalmente, do meu temperamento por demais leviano, demasiado curioso e demasiado impulsivo. Mas, nestes últimos tempos, é raro que eu durma profundamente à noite. Há um rosto que me assombra, por mais que na cama. Há uma risada histérica que para sempre ecoará nos meus ouvidos.

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA – CONTOS DE TERROR, MISTÉRIO E MORTE

O CASO DO SR. VALDEMAR

Não pretenderei, por certo, considerar como motivo de espanto que o extraordinário caso do Sr. Valdemar tenha provocado discussão . Milagre seria se tal não acontecesse, especialmente em tais circunstância. O desejo de todas as partes interessadas em evitar a publicidade ao caso - pelo menos no presente, ou até que tenhamos ulteriores oportunidades de investigação - e nossos esforços para realizar isto deram lugar a uma narrativa truncada ou exagerada que logo se propalou na sociedade, e veio a ser fonte de muitas notícias falsas e desagradáveis e, bem naturalmente, de grande cópia de incredulidade.

Torna-se agora necessário que eu exponha os fatos - até onde alcança minha compreensão dos mesmos. São, em resumo, os seguintes: Nos últimos três anos minha atenção vinha sendo atraída repetidamente pelos assuntos referentes ao magnetismo e, há coisa de nove meses atrás, ocorreu-me, bastante inesperadamente, que nas séries de experiências feitas até então houvera uma lacuna assinalável e inexplicável: ninguém ainda fora ainda magnetizado in articulo mortis. Restava ver, primeiro, se em tais condições havia em tal paciente qualquer suscetibilidade à influência; segundo, no caso de haver alguma, se era atenuada ou aumentada por esta circunstância e, em terceiro lugar, até que ponto ou por quanto tempo a invasão da morte poderia ser impedida pelo processo magnético. Haviam outros pontos a serem verificados mas estes excitavam mais a minha curiosidade; o último de modo especial, pelo caráter imensamente importante de suas conseqüências.

Procurando em torno de mim algum paciente por cujo intermédio pudesse eu certificar-me daquelas particularidades, vim a pensar no meu amigo o Sr. Ernesto Valdemar, o conhecido compilador da Biblioteca Forense e autor (sob o pseudônimo de Issachar Marx) das traduções polonesas de Wallenstein e Gargantua. O Sr Valdemar, que residia geralmente em Harlem, Nova York, desde o ano de 1839, é (ou era) especialmente notável pela extrema magreza corporal, parecendo-se muito suas pernas com as de John Randolph, e também pela brancura de suas suíças, em violento contraste com o negro do cabelo, que, em conseqüência, era geralmente tomado como um chinó. Seu temperamento era assinaladamente nervoso e tornava-o um bom instrumento para experiências mesméricas. Em duas ou três ocasiões, eu o fizera dormir com pouco esforço, mas ficara desapontado quanto aos outros resultados que sua particular constituição me levava a prever. Em período algum sua vontade ficava inteira ou positivamente submetida a minha influência e, no que toca á clarividência, nada eu podia realizar com ele que me servisse de base. Atribuí sempre meu insucesso, nesse ponto, ao seu precário estado de saúde. Certos meses antes de conhecê-lo, seus médicos o haviam declarado tísico sem qualquer dúvida. E, na verdade, tinha ele o hábito de falar sobre a aproximação de seu fim como de uma questão que não devia ser lastimada nem se podia evitar.

Quando me ocorreram, pela primeira vez, as idéias a que aludi foi sem dúvida muito natural que eu pensasse no Sr. Valdemar . Eu conhecia muito bem sua sólida filosofia para temer qualquer escrúpulo de sua parte, e ele não tinha parentes na América que pudessem interferir, plausivelmente. Falei-lhe com franqueza sobre o assunto e, com surpresa minha, seu interesse pareceu vivamente excitado. Digo com surpresa, pois, embora ele sempre entregasse livremente sua pessoa para meus experimentos, nunca antes manifestara qualquer sinal de predileção pelo que eu fazia. Sua enfermidade era de um tal caráter que admitia exato cálculo da época em que seu desenvolvimento conduzia à morte. Finalmente, combinamos entre nós que ele me mandaria chamar vinte e quatro horas antes do prazo marcado pelos médicos como o de seu falecimento.

Faz agora mais ou menos sete meses que recebi, do próprio Sr. Valdemar, o bilhete seguinte:

Meu caro p...;
Você pode bem vir agora. D... e F... concordam em que não posso durar além da meia noite de amanhã, e penso que eles acertaram no cálculo com grande aproximação.
VALDEMAR.

Recebi este bilhete meia hora depois que fora escrito, e quinze minutos após estava eu no quarto do moribundo. Não o via havia dez dias e espantou-me a terrível alteração que lhe trouxera tão breve intervalo. Sua face tinha uma coloração plúmbea, os olhos completamente sem brilho e sua magreza era tão extrema que os ossos da face quase rompiam a pele. Sua expectoração era excessiva, o pulso mal podia ser percebido. Não obstante, ele conservava, de modo bem digno de nota, toda a lucidez da mente e certo grau de força fisica.

Falava distintamente, tomava sem auxilio alheio alguns remédios paliativos, e, quando entrei no quarto, ocupava-se em escrever notas num caderno de bolso. Estava apoiado na cama por travesseiros. Cuidavam dele os Drs. D...e F...Depois de apertar a mão de Valdemar, chamei aqueles senhores de parte e obtive deles relato minucioso das condições do paciente. O pulmão esquerdo estivera, durante dezoito meses, num estado semi ósseo ou cartilaginoso e se tornara, sem dúvida, inteiramente inútil a qualquer função vital. O direito, na sua parte superior, estava também parcialmente, senão de todo, ossificado, enquanto a região anterior era simplesmente uma massa de tubérculos purulentos. interpenetrando-se. Havia muitas cavernas extensas e, em um ponto, se operara uma adesão permanente às costelas. Esses aspectos do lobo direito eram de data relativamente recente. A ossificação prosseguira com uma rapidez bastante incomum, nenhum sinal dela fora descoberto um mês antes e a adesão apenas fora observada durante os três dias antecedentes. Independentemente da tísica, suspeitava-se que o paciente sofresse de aneurisma da aorta. mas, neste ponto, os sintomas ósseos tornavam impossível um diagnóstico exato. Era opinião de ambos os médicos que o Sr. Valdemar morreria mais ou menos à meia-noite do dia seguinte, domingo. Estávamos, então , às sete horas da noite do sábado.Ao deixar a cabeceira da cama do inválido para travar conversa comigo, os Drs. D... e F... tinham-lhe dado um definitivo adeus. .não tencionavam voltar, mas, a pedido meu, concordaram em visitar o doente, mais ou menos às dez horas da noite seguinte.

Quando eles se foram, falei francamente com o Sr. Valdemar sobre o assunto de sua morte vindoura, bem como, mais particularmente sobre a experiência proposta. Ele mostrou-se ainda completamente de acordo e mesmo ansioso por sua realização, e insistiu comigo para que a começasse imediatamente. Dois enfermeiros, um homem e uma mulher, cuidavam dele; mas eu não me sentia totalmente em liberdade de empreender uma tarefa dessas natureza sem mais testemunhas dignas de confiança do que aqueles dois que pudessem depor em caso de súbito acidente. Conseqüentemente,

adiei as operações até cerca das oito horas da noite seguinte quando a chegada de um estudante de medicina com quem eu estava um tanto relacionado (o Sr. Teodoro L...) libertou-me de qualquer embaraço ulterior. Fora minha intenção, a princípio, esperar os médicos, mas fui levado a agir, primeiro, em virtude dos rogos prementes do Sr. Valdemar e, em segundo lugar, pela convicção de que não tinha um momento a perder, diante da evidente aproximação rápida de seu fim.

O Sr. L... teve a bondade de satisfazer meu desejo de tomar notas de tudo quanto ocorresse, e é dessas suas notas que o que vou agora narrar foi na maior parte condensado ou copiado verbatim.

Faltavam cerca de cinco minutos para as oito, quando, tomando a mão do paciente, eu lhe pedi que afirmasse, o mais distintamente possível, ao Sr. L, se ele, (o Sr. Valdemar) estava inteiramente de acordo em que eu fizesse a experiência de magnetizá-lo em seu estado presente.

Ele respondeu, com fraca voz, porém completamente audível:

- Sim, desejo ser magnetizado - acrescentando imediatamente depois: - Receio que você tenha demorado muito.

Enquanto ele assim falava, comecei os passes que eu já descobrira terem mais efeito em dominá-lo. Ele ficou evidentemente influenciado com o primeiro toque lateral de minha mão na sua fronte. Mas, embora utilizasse eu todos os meus poderes, nenhum efeito ulterior perceptível se verificou até alguns minutos depois das dez horas, quando os Drs. D... e F... chegaram, de acordo com o combinado. Expliquei-lhes, em poucas palavras, o que pretendia, e como eles não opusessem objeção, dizendo que o paciente já estava em agonia mortal, continuei, sem hesitação, mudando porém, os passes laterais por outros descendentes e dirigindo meu olhar inteiramente sobre o olho direito do moribundo.

A este tempo já seu pulso era imperceptível e sua respiração estertorosa, a intervalos de meio minuto.

Tal estado conservou-se quase inalterado durante um quarto de hora. No expirar esse período, porém, um suspiro natural, muito profundo, escapou do peito do homem moribundo e cessou a respiração estertorosa, isto é, seus estertores não mais apareciam; os intervalos não diminuíram. As extremidades do paciente tinham uma frialdade de gelo. Aos cinco minutos antes das onze, percebi sinais inequívocos da influência magnética. O movimento vítreo do olho mudara-se naquela expressão de inquietante exame interior que só se vê em casos de sonambulismo e diante da qual é completamente impossível haver engano. Com alguns rápidos passes laterais fiz as pálpebras estremecerem, como em sono incipiente, e com alguns mais consegui fechá-las de todo. Não estava, porém, satisfeito com isso e continuei vigorosamente com as manipulações, com o mais completo esforço de vontade, até paralisar, por completo, os membros do dormente, depois de colocá-los em posição aparentemente cômoda. As pernas estavam inteiramente espichadas; os braços, quase a mesma coisa, e repousavam sobre o leito, a uma distância moderada das nádegas. A cabeça achava-se levemente elevada.

Quando terminei isso era já meia-noite em ponto e pedi aos cavalheiros presentes que examinassem o estado do Sr. Valdemar. Depois de alguns exames, admitiram eles que se achava num estado perfeitamente extraordinário de sono mesmérico.

A curiosidade dos médicos achava-se altamente excitada. O Dr. D... resolveu logo ficar ao lado do paciente a noite inteira. enquanto o Dr. F... partia, com promessa de voltar ao amanhecer. O Sr. L... e os enfermeiros ficaram. Deixamos o Sr. Valdemar inteiramente

tranqüilo até às três horas da madrugada, quando me aproximei dele e vi que se encontrava, precisamente, no mesmo estado em que o deixara o Dr. F... ao retirar-se; isto é, jazia na mesma posição e o pulso era imperceptível, a respiração, ligeira (mal distinguível, a não ser por meio da aplicação de um espelho aos lábios) os olhos fechavam-se naturalmente e os membros estavam tão rígidos e frios como o mármore. Contudo, a aparência geral não era certamente a da morte. Quando me aproximei do Sr. Valdemar fiz uma espécie de leve esforço para influenciar seu braço direito a acompanhar o meu, que passava levemente, para lá e para cá, por cima de sua pessoa. Em tais experiências com esse paciente, nunca eu conseguira antes êxito completo e decerto tinha pouca esperança de ser bem sucedido agora; mas, para espanto meu, seu braço bem pronta. embora , fracamente, acompanhou todos os movimentos que o meu fazia. Decidi arriscar algumas palavras de conversa.

- Sr. Valdemar. . . - disse eu - está adormecido?

Ele não deu resposta, mas percebi um tremor em torno dos lábio, e por isso fui levado a repetir a pergunta várias vezes. À terceira repetição todo seu corpo se agitou em um leve calafrio: as pestanas abriram-se, permitindo que se visse a faixa branca do olho; os lábios moveram-se lentamente e dentre eles, num sussurro mal audível, brotaram as palavras:

- Sim... estou adormecido agora. Não me desperte! Deixe-me morrer assim! Apalpei-lhe então os membros e achei-os tão rijos como dantes: o braço direito obedecia ainda à direção de minha mão. Interroguei de novo o magnetizado:

- Sente ainda dor no peito, Sr. Valdemar?

A resposta agora foi imediata, mas ainda menos audível do que antes:

- Dor nenhuma. . . Estou morrendo!

Não achei prudente perturbá-lo mais então e nada mais foi dito ou feito até a chegada do Dr. F..., que veio um pouco antes do amanhecer e demonstrou seu ilimitado espanto ao encontrar o paciente ainda vivo. Depois de tomar-lhe o pulso e aplicar-lhe um espelho aos lábios, pediu-me que me dirigisse de novo ao magnetizado. Acedi, perguntando:

- Sr. Valdemar, ainda está dormindo?

Como anteriormente, alguns minutos decorreram até que fosse dada uma resposta e, durante o intervalo, parecia que o moribundo reunia suas energias para falar. À minha quarta repetição da pergunta, disse ele, com voz muito fraca, quase imperceptível.

- Sim. . durmo ainda... estou morrendo.

Era agora opinião, ou antes, desejo dos médicos que o Sr. Valdemar deveria ser deixado tranqüilo, na sua presente situação de aparente repouso, até sobrevir a morte. E isto, todos concordavam, deveria realizar-se, dentro de poucos minutos. Resolvi, porém, falar-lhe uma vez mais e repeti simplesmente minha pergunta anterior.

Enquanto eu falava, ocorreu sensível mudança na fisionomia do magnetizado. Os olhos se abriram devagar, desaparecendo as pupilas para cima; toda a pele tomou uma cor cadavérica, assemelhando-se mais ao papel branco que ao pergaminho, e as manchas circulares héticas, que até então se assinalavam fortemente no centro de cada face, apagaram-se imediatamente. Uso esta expressão porque a subitaneidade de sua desaparição trouxe-me a mente nada menos do que a idéia do apagar de uma vela com um sopro. Ao mesmo tempo o lábio superior retraiu-se, acima dos dentes que até então

cobria por completo, enquanto o maxilar inferior caia com movimento audível, deixando a boca escancarada e mostrando a língua inchada e enegrecida. Suponho que ninguém do grupo ali presente estava desacostumado aos horrores dos leitos mortuários mas tão inconcebivelmente horrenda era a aparência do Sr. Valdemar naquele instante que houve um geral recuo de todos das proximidades da cama.

Sinto agora ter chegado a um ponto desta narrativa diante do qual todo leitor passará a não dar crédito algum. É, contudo minha obrigação simplesmente continuar.

Já não havia mais o menor sinal de vida no Sr. Valdemar, e comprovando sua morte, íamos entregá-lo aos cuidados dos enfermeiros, quando um forte movimento vibratório observou-se- na língua, o qual continuou durante um minuto talvez. Terminando este, irrompeu dos queixos distendidos e imóveis uma voz, uma voz tal que seria loucura minha tentar descrever. Há, é certo, dois ou três epítetos que poderiam ser considerados aplicáveis a ela em parte; podia dizer, por exemplo, que o som era áspero, entrecortado, cavernoso; mas o horrendo conjunto é indescritível, pela simples razão de que nenhum som igual jamais vibrou em ouvidos humanos. Havia duas particularidades, não obstante, que, pensei e ainda penso, podiam francamente ser comprovadas como características da entonação, bem como adequadas a dar alguma idéia da sua peculiaridade sobrenatural. Em primeiro lugar, a voz parecia alcançar nossos ouvidos - pelo menos os meus - de uma vasta distância ou de alguma profunda caverna dentro da terra.

Em segundo lugar, dava-me a impressão (receio na verdade ser impossível fazer-me compreender) que as coisas gelatinosas e pegajosas dão no sentido do tato. Falei ao mesmo tempo, em "som" e "voz". Quero dizer que o som era de uma dicção distinta. . . maravilhosamente distinta, mesmo e arrepiante. O Sr. Valdemar falava, evidentemente, respondendo à pergunta que eu lhe havia feito poucos minutos antes. Perguntara-lhe, como se lembram, se ele estava adormecido. Ele agora respondia:

- Sim... não. . . estava adormecido. . . e agora. . . agora... estou morto.

Nenhuma das pessoas presentes nem mesmo afetou negar ou tentou reprimir o indizível e calafriante horror que essas poucas palavras assim pronunciadas, bem naturalmente provocavam. O Sr. L... (o estudante) desmaiou. Os enfermeiros abandonaram imediatamente o quarto e negaram-se a voltar. Não pretenderei tornar ilegível ao leitor as minhas próprias impressões. Durante quase uma hora ocupamo-nos, calados, sem dizer uma só palavra, em procurar fazer o Sr. L... voltar a si. E, quando isto se deu, dirigimo-nos de novo a examinar o estado do Sr. Valdemar.

Continuava, a todos os respeitos, como o descrevera antes, com exceção de que o espelho não mais revelava respiração. Uma tentativa de tirar sangue do braço fracassou. Devo mencionar também que esse membro não mais se mostrou obediente à minha vontade. Tentei em vão fazê-lo acompanhar a direção de minha mão. A única e real demonstração da influência magnética achava-se, então, no movimento vibratório da língua quando eu dirigia uma pergunta ao Sr. Valdemar. Ele parecia estar fazendo um esforço para responder, mas não possuía mais a volição suficiente. Às perguntas que lhe eram feitas por qualquer outra pessoa além de mim parecia totalmente insensível, embora eu tentasse colocar cada membro do grupo em relação magnética com ele. Creio que relatei agora, tudo quanto é necessário para uma compreensão do estado do magnetizado naquele momento. Foram procurados outros enfermeiros e às dez horas deixei a casa em companhia dos dois médicos e do Sr. L...

À tarde fomos todos chamados de novo para ver o paciente. Seu estado permanecia precisamente o mesmo. Tivemos então uma discussão a respeito da oportunidade e

possibilidade de despertá-lo, mas pouca dificuldade tivemos em concordar em que não havia nenhuma utilidade em fazê-lo. Era evidente que, até ali, a morte (ou o que se chama usualmente morte) tinha sido detida pela ação magnética. Parecia claro a nós todos que despertar o Sr. Valdemar era simplesmente assegurar sua morte atual ou, pelos menos, apressar-lhe a decomposição.

Desde aquele dia até o fim da última semana - intervalo de quase sete meses continuamos a fazer visitas diárias à casa do Sr. Valdemar, acompanhados de vez em quando por médicos e outros amigos. Durante este tempo, o magnetizado permanecia exatamente como já deixei descrito. Os cuidados dos enfermeiros eram contínuos.

Foi na sexta-feira passada que resolvemos, finalmente, fazer a experiência de despertá-lo, ou de tentar despertá-lo; e foi talvez o infeliz resultado desta última experiência que deu origem a tantas discussões em círculos privados e a muito daquilo que não posso deixar de julgar uma credulidade popular injustificável.

Com o fim de libertar o Sr. Valdemar da ação magnética, fiz uso dos passes habituais. Durante algum tempo foram eles ineficazes. A primeira indicação de revivescência foi revelada por uma descida parcial da íris. Observou-se, como especialmente notável que este abaixamento da pupila era acompanhado pela profusa ejaculação de um licor amarelento (de sob as pálpebras), com um odor acre e altamente repugnante.

Sugeriu-se então que eu deveria tentar influenciar o braço do paciente, como fizera antes. Tentei, mas inutilmente. O Dr. F... expressou então o desejo de que eu fizesse uma pergunta. Assim fiz, como segue:

- Sr. Valdemar. . . pode explicar-me quais são seus sentimentos ou desejos agora?

Houve imediata volta dos círculos héticos sobre as faces; a língua vibrou, ou antes, rolou violentamente na boca (embora os maxilares e os lábios permanecessem rijos como antes) e por fim a mesma voz horrenda que eu já descrevi ejaculou:

- Pelo amor de Deus!. . . Depressa. - . depressa! .. faça-me dormir. . . ou então, depressa. Acorde-me. . . depressa!... Afirmo que estou morto!

Eu estava completamente enervado e por um instante fiquei indeciso sobre o que fazer. A princípio fiz uma tentativa de acalmar o paciente; mas fracassando, pela total suspensão da vontade, fiz o contrário e lutei energicamente para despertá-lo.

Nessa tentativa vi logo que teria êxito, ou, pelo menos, logo imaginei que meu êxito seria completo. E estou certo de que todos no quarto se achavam preparados para ver o paciente despertar.Para o que realmente ocorreu, porém, é completamente impossível que qualquer ser humano pudesse estar preparado.

Enquanto eu fazia rapidamente os passes magnéticos, entre ejaculações de "Morto!", "Morto!", irrompendo inteiramente da língua e não dos lábios do paciente, todo seu corpo, de pronto, no espaço de um único minuto, ou mesmo menos, contraiu-se... desintegrou-se, absolutamente podre, sob minhas mãos. Sobre a cama, diante de toda aquela gente, jazia uma quase líquida massa de nojenta e detestável putrescência.

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA – CONTOS DE TERROR, MISTÉRIO E MORTE

O DEMÔNIO DA PERVERSIDADE

Ao examinar as faculdades e impulsos dos móveis primordiais da alma humana, deixaram os frenólogos de mencionar uma tendência que, embora claramente existente como um sentimento radical, primitivo, irredutível, tem sido igualmente desdenhada por todos os moralistas que os precederam. Por pura arrogância da razão, todos nós a temos desdenhado. Temos tolerado que a sua existência escape aos nossos sentidos unicamente por falta de crença, de fé, quer seja fé na Revelação ou fé na Cabala. A idéia dessa tendência nunca nos ocorreu simplesmente por causa de sua superfluidade. Não víamos necessidade do impulso, nem da propensão. Não podíamos perceber-lhe a necessidade. Não podíamos compreender, isto é, não podíamos ter compreendido, dado o caso de ter-se este primum mobile introduzído a força, não podíamos ter compreendido de que maneira poderia ele promover os objetivos da humanidade, quer temporais, quer eternos.

Não se pode negar que a frenologia e boa parte de todas as ciências metafísicas tenham sido planejadas a priori. O intelectual ou homem lógico, ainda mais que o homem compreensivo ou observador, se põe a imaginar projetos, a ditar objetivos a Deus. Tendo assim sondado, a seu bel-prazer, as intenções de Jeová, edifica, de acordo com essas intenções, seus inumeráveis sistemas de pensamento. Na questão da frenologia, por exemplo, primeiro determinamos o que é bastante natural, que fazia parte dos desígnios da Divindade que o homem comesse. Então atribuímos ao homem um órgão de alimentação e este órgão é o chicote com que a Divindade compele o homem a comer, quer queira, quer não.

Em segundo lugar, tendo estabelecido que foi vontade de Deus que o homem continuasse a espécie, descobrimos imediatamente um órgão de amatividade. E assim por diante, com a combatividade, a idealidade, a casualidade, a construtividade, e assim, em suma, com todos os órgãos, quer representem uma propensão, um sentimento moral ou uma faculdade do intelecto puro. E nessas disposições dos princípios da ação humana, os Spurzheimitas, com razão ou não, em parte ou no todo, não fizeram mais que seguir, em princípio, as pegadas de seus predecessores, deduzindo ou estabelecendo cada coisa em virtude do destino preconcebido do homem e baseada nos objetivos de seu Criador.

Teria sido mais acertado, teria sido mais seguro, classificar (se podemos classificar) sobre a base daquilo que o homem, usual ou ocasionalmente, fez e estava sempre ocasionalmente fazendo do que sobre a base daquilo que supomos que a Divindade tencionava que ele fizesse. Se não podemos compreender Deus nas suas obras visíveis, como então compreendê-lo nos seus inconcebíveis pensamentos que dão vida às suas obras? Se não podemos compreendê-lo nas suas criaturas objetivas, como compreendê-lo então nas suas disposições de ânimo substantivas e nas suas fases de criação?

A indução a posteriori teria levado a frenologia a admitir, como um princípio inato e primitivo da ação humana, algo de paradoxal que podemos chamar de perversidade, na falta de termo mais característico. No sentido que deu é, de fato, um mobile sem motivo. Sob sua influência agimos sem objetivo compreensível, ou, se isto for entendido como uma contradição nos termos, podemos modificar a tal ponto a proposição que digamos que sob sua influência nós agimos pelo motivo de não devermos agir.

Em teoria, nenhuma razão pode ser mais desarrazoada; mas, de fato, nenhuma há mais forte. Para certos espíritos, sob determinadas condições, torna-se absolutamente irresistível. Tenho certeza de que respiro do que a de ser muitas vezes o engano ou o erro de qualquer ação a força inconquistável que nos empurra, e a única que nos impele a continuá-lo. E não admitirá análise ou resolução em elementos ulteriores esta acabrunhante tendência de praticar o mal pelo mal. É um impulso radical, primitivo, elementar.

Dir-se-á, estou certo, que, quando nós persistimos em atos porque sentimos que não deveríamos persistir neles, nossa conduta é apenas uma modificação daquela que ordinariamente se origina da combatividade da frenologia. Mas um simples olhar nos mostrará a falácia dessa idéia. A combatividade frenológica tem por essência a necessidade de autodefesa. É a nossa salvaguarda contra a ofensa. Seu principio diz respeito ao nosso bem-estar e dessa forma o desejo desse bem-estar é excitado, simultaneamente, com seu desenvolvimento. Segue-se que o desejo do bem-estar deve ser excitado, simultaneamente, com qualquer princípio que seja simplesmente uma modificação da combatividade, mas, no caso daquilo que denominei de perversidade, não somente o desejo de bem-estar não é excitado, mas existe um sentimento fortemente antagônico.

Afinal, um apelo ao próprio coração será a melhor resposta ao sofisma que acabamos de observar. Ninguém que confiantemente consulte e amplamente interrogue sua própria alma sentir-se-á disposto a negar a completa radicabilidade da tendência em questão. Esta tendência não é menos característica que incompreensível. Não há homem que, em algum momento, não tenha sido atormentado, por exemplo, por um agudo desejo de torturar um ouvinte por meio de circunlóquios. Sabe que desagrada. Tem toda a intenção de desagradar. Em geral é conciso, preciso e claro. Luta em sua língua por expressar-se a mais lacônica e luminosa linguagem. Só com dificuldade consegue evitar que ela desborde. Teme e conjura a cólera daquele a quem se dirige. Contudo, assalta-o o pensamento de que essa cólera pode ser produzida por meio de certas tricas e parêntesis. Basta esta idéia. O impulso converte-se em desejo, o desejo em vontade, a vontade numa ânsia incontrolável, e a ânsia (para profundo remorso e mortificação de quem fala e num desafio a todas as conseqüências) é satisfeita.

Temos diante de nós uma tarefa que deve ser rapidamente executada. Sabemos que retardá-la será ruinoso. A mais importante crise de nossa vida requer, imperiosamente, energia imediata e ação. Inflamamo-nos, consumimo-nos na avidez de começar o trabalho, abrasando-se toda a nossa alma na antecipação de seu glorioso resultado. É forçoso, é urgente que ele seja executado hoje, e contudo, adiamo-lo para amanhã. Por que isso? Não há resposta senão a de que sentimos a perversidade do ato, usando o termo sem compreender-lhe o princípio.

Chega o dia seguinte e com ela mais impaciente ansiedade de cumprir nosso dever, mas com todo esse aumento de ansiedade chega também um indefinível e positivamente terrível, embora insondável, anseio extremo de adiamento. E quanto mais o tempo foge, mais força vai tomando esse anseio. A última hora para agir está iminente. Trememos à violência do conflito que se trava dentro de nós, entre o definido e o indefinido, entre a

substância e a sombra. Mas se a contenda se prolonga a este ponto, é a sombra quem prevalece. Foi vã a nossa luta. O relógio bate e é o dobre de finados de nossa felicidade.

Ao mesmo tempo é a clarinada matinal para o fantasma que por tanto tempo nos intimidou. Ela voa. Desaparece. Estamos livres. Volta a antiga energia. Trabalharemos agora. Ai de nós porém, é tarde demais!

Estamos à borda dum precipício. Perscrutamos o abismo e nos vem, a náusea e a vertigem. Nosso primeiro impulso é fugir ao perigo. Inexplicavelmente, porém, ficamos. Pouco a pouco, a nossa náusea, a nossa vertigem, o nosso horror confundem-se numa nuvem de sensações indefiníveis. Gradativamente, e de maneira mais imperceptível, essa nuvem toma forma, como a fumaça da garrafa donde surgiu o gênio nas Mil e uma Noites. Mas fora dessa nossa nuvem à borda do precipício, uma forma se torna palpável, bem mais terrível que qualquer gênio ou qualquer demônio de fábulas. Contudo não é senão um pensamento, embora terrível, e um pensamento que nos gela até a medula dos ossos com a feroz volúpia do seu horror. É , simplesmente, a idéia do que seriam nossas sensações durante o mergulho precipitado duma queda de tal altura.

E esta queda, este aniquilamento vertiginoso, por isso mesmo que envolve essa mais espantosa e mais repugnante de todas as espantosas e repugnantes imagens de morte e de sofrimento que jamais se apresentaram à nossa imaginação, faz com que mais vivamente a desejemos. E porque nossa razão nos desvia violentamente da borda do precipício, por isso mesmo mais impetuosamente nos aproximamos dela. Não há na natureza paixão mais diabolicamente impaciente como a daquele que, tremendo à beira dum precipício, pensa dessa forma em nele se lançar. Deter-se, um instante que seja, em qualquer concessão a essa idéia é estar inevitavelmente perdido, pois a reflexão nos ordena que fujamos sem demora e, portanto, digo-o, é isto mesmo que não podemos fazer. Se não houver um braço amigo que nos detenha, ou se não conseguirmos, com súbito esforço recuar da beira do abismo, nele nos atiraremos e destruídos estaremos.

Examinando ações semelhantes, como fazemos, descobriremos que elas resultam tão-somente do espírito de Perversidade. Nós as cometemos porque sentimos que não deveríamos fazê-lo. Além, ou por trás disso, não há princípio inteligível, e nós podíamos, de fato, supor que essa perversidade é uma direta instigação do demônio se não soubéssemos, realmente, que esse princípio opera em apoio do bem.

Se tanto me demorei neste assunto foi para responder, de certo modo, a pergunta do leitor, para poder explicar o motivo de minha estada aqui, para poder expor algo que terá, pelo menos, o apagado aspecto duma causa que explique por que tenho estes grilhões e porque habito esta cela de condenado. Não me tivesse mostrado assim prolixo, talvez não me houvésseis compreendido de todo, ou,como a gentalha, me houvésseis julgado louco.

Dessa forma, facilmente percebereis que sou uma das incontáveis vítimas do Demônio da Perversidade.

Nenhuma outra proeza jamais foi levada a cabo com mais perfeita deliberação. Durante semanas, durante meses, ponderei todos os meios do assassínio. Rejeitei milhares de planos porque sua realização implicava uma possibilidade de descoberta. Por fim, lendo algumas memórias francesas, encontrei a narrativa de uma doença quase fatal que atacou Madame Pilau em conseqüência de uma vela acidentalmente envenenada. A idéia feriu-me a imaginação imediatamente. Sabia que minha vítima tinha o hábito de ler na cama. Sabia, também, que seu quarto de dormir era estreito e mal iluminado. Mas não é preciso fatigar-vos com pormenores impertinentes. Não preciso descrever-vos os artifícios fáceis por meio dos quais substitui, no castiçal de seu dormitório, por uma vela, por mim mesmo fabricada, a que ali encontrei. Na manhã seguinte, encontraram-no morto na

cama e o veredicto do médico legista foi: " Morte por visita de Deus." (Death Visitation of God é a expressão com que os médicos legistas indicam, nos atestados de óbito, a morte natural. N.T.)

Tendo-lhe herdado os bens, tudo correu a contento para mim durante anos. A idéia de ser descoberto jamais penetrou-me o cérebro. Eu mesmo cuidadosamente dispusera dos restos da vela mortal. Não deixara nem sombra de indício pelo qual fosse possível provar-se ou mesmo suspeitar-se de ter sido eu o criminoso. É impossível conceber-se o sentimento de absoluta satisfação que no meu intimo despertava a certeza de minha completa segurança. Durante longo período de tempo habituei-me à deleitação desse sentimento. Proporcionava-me muito mais deleite que todas as vantagens puramente materiais que me advieram do crime. Mas chegou por fim uma época na qual a sensação de prazer se transformou, em gradações quase imperceptíveis, numa idéia perseguidora. Perseguia porque obcecava. Dificilmente conseguia libertar-me dela por um instante sequer. É coisa bem comum termos assim os ouvidos, ou antes a memória, assediados pelo do som de alguma cantiga vulgar ou de trechos inexpressivos de ópera. Não menos atormentados seremos se a cantiga é boa por si mesma ou se tem mérito a ária de ópera.

Dessa forma, afinal, surpreendia-me quase sempre a refletir na minha segurança e a dizer, em voz baixa, a frase: "Estou salvo!"

Um dia, enquanto vagueava pelas ruas, contive-me no ato de murmurar, meio alto, essas sílabas habituais. Num acesso de audácia repeti-as desta outra forma: "Estou salvo. Estou salvo sim..., contanto que não faça a tolice de confessá-lo abertamente!"

Logo que pronunciei estas palavras, senti um arrepio de enregelar-me o coração. Já conhecia aqueles acessos de perversidade (cuja a natureza tive dificuldade em explicar) e lembrava-me bem de que em nenhuma ocasião me fora possível resistir a eles com êxito. E agora minha própria e casual auto-sugestão de que poderia ser bastante tolo para confessar o assassínio de que me tornara culpado me enfrentava como se fosse o autêntico fantasma daquele a quem eu havia assinado a acenar-me com a morte.

A princípio fiz um esforço para afastar da alma semelhante pesadelo. Caminhei mais apressadamente, mais depressa ainda. . . pus-me por fim a correr. Sentia um desejo enlouquecedor de gritar bem alto. Cada onda sucessiva de pensamento me acabrunhava com novos horrores, porque, ai!, eu bem compreendia, muito bem mesmo, que , na minha situação, pensar era estar perdido. Acelerei ainda mais a minha carreira. Saltava como um louco pelas ruas cheias de gente. Por fim a populaça alvoroçou-se e pôs-se a perseguir-me. Senti então que minha sorte estava consumada. Se tivesse podido arrancar a minha língua, tê-lo-ia feito, mas uma voz rude ressoou em meus ouvidos e uma mão ainda mais rude agarrou-me pelo ombro. Voltei-me, resfolegante. Durante um momento senti todos os transes da sufocação. Tornei-me cego, surdo e atordoado; e depois, creio que algum demônio invisível bateu-me nas costas com a larga palma O segredo há tanto tempo retido irrompeu de minha alma. Dizem que me exprimi com perfeita clareza, embora com assinada ênfase e apaixonada precipitação, como se temesse uma interrupção antes de concluir as frases breves mas repletas de importância que me entregavam ao carrasco e ao inferno.

Tendo relatado tudo quanto era preciso para a plena prova judicial; desmaiei. Que me resta a dizer? Hoje suporto estas cadeias e estou aqui! Amanhã estarei livre de ferros! Mas onde?

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA – CONTOS DE TERROR, MISTÉRIO E MORTE

O ENTERRAMENTO PREMATURO

Há certos temas de interesse totalmente absorventes mas por demais horríveis para os fins da legítima ficção. O simples romancista deve evitá-los se não deseja ofender ou desgostar. Só devem ser convenientemente utilizados quando a severidade e a imponência da verdade os santificam e sustentam. Estremecemos, por exempLo, com o mais intenso "pesar agradável", diante das narrativas da Passagem do Beresina, do Terremoto de Lisboa, da peste de Londres, do Massacre de São Bartolomeu, ou do asfixiamento de cento e vinte três prisioneiros da Caverna Negra em Calcutá. Mas, nessas narrativas é o fato, é a realidade, é a história o que excita. Como invenções, olhá-las-íamos com simples aversão.

Mencionei algumas, apenas, das mais proeminentes e augustas calamidades que a história registra. Mas nelas existe a extensão, bem como o caráter, de calamidade, que tão vivamente impressiona a fantasia.

Não é necessário lembrar ao leitor que, do longo e pavoroso catálogo das misérias humanas, poderia eu ter selecionado numerosos exemplos individuais mais repletos de sofrimento essencial que qualquer daqueles vastos desastres generalizados. A verdadeira desgraça, na verdade, o derradeiro infortúnio, é particular e não difuso. Demos graças a um Deus misericordioso pelo fato de serem os espantosos extremos da agonia suportados pelo homem-unidade e não pelo homem-massa!

Ser enterrado vivo é, fora de qualquer dúvida, o mais terrífico daqueles extremos que já couberam por sorte aos simples mortais. Que isso haja acontecido freqüentemente, e bem freqüentemente, mal pode ser negado por aqueles que pensam. Os limites que separam a vida da morte são, quando muito, sombrios e vagos. Quem poderá dizer onde uma acaba e a outra começa? Sabemos que há doença em que ocorre total cessação de todas as aparentes funções de vitalidade, mas, de fato, essas cessações são meras suspensões, propriamente ditas. Não passam de pausas temporárias no incompreensível mecanismo. Certo período decorre e alguns princípios misteriosos e invisíveis põem de novo em movimento os mágicos parafusos e as encantadas rodas. A corda de prata não estava solta para sempre, nem o globo de ouro irreparavelmente quebrado. Mas, entrementes, onde se achava a alma?

De parte, porém, a inevitável conclusão, a priori, de que causas tais devem produzir tais efeitos, de que a bem conhecida ocorrência de tais casos de interrompida animação deve, naturalmente, dar azo, em vez em quando, a enterros prematuros, de parte esta consideração temos o testemunho direto da experiência médica e da experiência comum a

provar que grande número de semelhantes enterros se tem realmente realizado. Se fosse necessário, poderia referir-me imediatamente a uma centena de casos bem autenticados.

Um dos mais famosos, e cujas circunstâncias podem estar ainda frescas na memória de alguns de meus leitores, ocorreu, não faz muito, na vizinha cidade de Baltimore, onde causou uma excitação penosa, intensa e de vasto alcance. A esposa de um dos mais respeitáveis cidadãos, advogado eminente e membro do Congresso, foi atacada de súbita e estranha moléstia que zombou completamente do saber de seus médicos. Depois de muitos sofrimentos veio a falecer, ou supôs-se que houvesse falecido. Ninguém suspeitava, na verdade, nem tinha razão de suspeitar, que ela não estivesse realmente morta. Apresentava todos os sinais habituais de morte. O rosto tomara o usual contorno cadavérico. Os lábios tinham a habitual palidez marmórea. Os olhos estavam sem brilho. Não havia calor. A pulsação cessara. Durante três dias o corpo foi conservado insepulto, adquirindo então uma rigidez de pedra. Afinal, o enterro foi apressado, por causa do rápido avanço do que se supunha ser a decomposição.

A mulher fora depositada no jazigo da família, que não fora aberto nos três anos subseqüentes. Ao expirar esse prazo, abriram-no para receber um ataúde; mas, ai!, que pavoroso choque esperava o marido que abrira - em pessoa a porta. Ao se escancararem os portais, certo objeto branco caiu-lhe ruidosamente nos braços. Era o esqueleto de sua mulher, ainda com a mortalha intacta.

Cuidadosa investigação tornou evidente que ela recuperara a vida dois dias depois de seu enterramento; que sua luta dentro do ataúde fizera-o cair de uma saliência ou prateleira, no chão, onde se quebrara, permitindo-lhe escapar. Uma lâmpada que fora, deixada cheia de óleo dentro do jazigo foi encontrada vazia; contudo, poderia ter sido esgotada pela evaporação. No alto dos degraus que levavam à câmara mortuária, havia um grande fragmento do caixão, com o qual, parecia, tinha ela tentado chamar a atenção batendo na porta de ferro. Enquanto assim fazia, provavelmente desfaleceu ou possivelmente morreu tomada de terror ao cair, sua mortalha ficou presa a algum pedaço de ferro no interior. E assim ela permaneceu e assim apodreceu, erecta.

No ano de 1810, um caso de inumação viva aconteceu na França, cercado de circunstâncias que provam plenamente a afirmativa de que a verdade é, de fato, mais estranha do que a ficção . A heroína da estória era Mademoiselle Vitorina Lafourcade, moça de ilustre família, rica e de grande beleza pessoal. Entre seus numerosos pretendentes havia um tal Julien Bossuet, pobre literato ou jornalista de Paris. Seu talento e sua amabilidade tinham atraído a atenção da herdeira, por quem parecia ter sido verdadeiramente amado; mas o orgulho de seu nascimento decidiu-a, por repeli-lo e a casar-se com um certo Monsieur Renelle, banqueiro e diplomata de certa importância. Depois do casamento, porém esse cavalheiro a desprezou e, talvez mesmo mais positivamente, maltratou-a. Tendo passado a seu lado alguns anos infelizes, ela morreu; pelo menos, seu aspecto se assemelhava tão de perto a morte que enganava a qualquer que a visse. Foi enterrada, não no jazigo, mas num sepulcro comum, na vila onde nascera. Cheio de desespero e ainda inflamado pela lembrança de sua profunda afeição, o apaixonado viajou da capital para a longínqua província em que se achava a aldeia, no romântico propósito de desenterrar o cadáver e apossar-se de suas fartas madeixas. Chegou ao túmulo. À meia-noite desenterrou o caixão, abriu-o e, ao cortar-lhe o cabelo, foi detido pelos olhos abertos de sua amada. De fato, a mulher tinha sido enterrada viva. A vitalidade ainda não desaparecera de todo e ela foi despertada pelas carícias de seu amado do letargo que fora tomado como morte.

Ele a levou, nervosamente, aos seus aposentos na aldeia. Empregou certos poderosos analépticos sugeridos por seus não pequenos conhecimentos médicos. Por fim, ela reviveu. Reconheceu seu salvador. Permaneceu com ele até que, gradativamente,

recobrou por completo, a primitiva saúde. Seu coração de mulher não tinha a dureza dos diamantes e essa última lição de amor bastou para abrandá-lo. Concedeu-o a Bossuet. Não voltou à companhia do marido; mas, ocultando dele a sua ressurreição, fugiu com seu amante para a América. Vinte anos depois, ambos voltaram à França, persuadidos de que o tempo tinha alterado tão grandemente o aspecto da mulher que seus amigos seriam incapazes de reconhecê-la. Enganaram-se, porém, porque, ao primeiro encontro, Monsieur Renelle reconheceu logo e reclamou sua mulher. Ela se opôs a essa reclamação e um tribunal de justiça apoiou-a, decidindo que as circunstâncias peculiares e o lapso de anos haviam extinguido, não só eqüitativa, mas legalmente, a autoridade do marido.

O Jornal de Cirurgia de Lipsia, periódico de alta autoridade e mérito, que alguns livreiros americanos fariam bem em traduzir e republicar, relembra num dos últimos números um acontecimento bem penoso dessa mesma espécie.

Um oficial de artilharia, homem de gigantesca estatura e vigorosa saúde, tendo sido atirado de um cavalo indomável, recebeu fortíssima contusão na cabeça que o tornou imediatamente insensível. O crânio ficou levemente fraturado, mas não se temia imediato perigo. A trepanação foi executada com pleno êxito. Sangraram-no e puseram-se em execução vários outros meios comuns de alívio. Gradualmente, porém, foi ele mergulhando, cada vez mais, num estado de desesperado torpor e, finalmente, pensou-se que havia morrido.O tempo era de calor, e enterraram-no, com pressa censurável, num dos cemitérios públicos. Seu enterro realizou-se na quinta feira. No domingo seguinte o cemitério, como de costume, encheu-se de visitantes e, ao meio-dia, produziu-se intensa excitação quando um camponês declarou que, tendo-se sentado sobre o túmulo do oficial, sentira distintamente um movimento da terra, como se ocasionado por alguém que lutasse ali embaixo. A princípio, pouca atenção foi dada à afirmativa do homem, mas seu evidente terror e a afirmativa obstinada com que persistia em sua estória produziram afinal, natural efeito sobre a multidão. Procuraram-se, às pressas pás, e o túmulo, que era vergonhosamente pouco profundo, foi em poucos minutos tão depressa escavado que a cabeça do seu ocupante apareceu; ele estava, então, aparentemente morto, mas sentara-se quase erecto dentro do caixão cuja tampa, na sua luta furiosa havia parcialmente soerguido.

Foi imediatamente transportado ao mais próximo declarou-se que ele estava ainda vivo, embora em estado de asfixia. Depois de algumas horas, reviveu, reconheceu pessoas de sua amizade e, em frases entrecortadas, narrou as agonias que sofrera na sepultura. Pelo que ele relatou ficou patente que devera ter estado consciente de perder os sentidos. A sepultura fora descuidada e frouxamente cheia de uma terra excessivamente porosa, e assim, algum ar podia, necessariamente, penetrar. Ele ouviu o tropel de passos da multidão por cima de sua cabeça e procurou fazer-se ouvir por sua vez. Foi o barulho dentro do cemitério, disse ele, que pareceu despertá-lo de um profundo sono, mas logo que despertou sentiu-se cônscio do horror pavoroso de sua situação.

Este paciente, conta-se, estava indo bem e parecia achar-se em franco caminho de completo restabelecimento, mas foi vítima do charlatanismo das experiências médicas. Aplicaram-lhe uma bateria elétrica, de repente, expirou num daqueles extáticos paroxismos que ela ocasionalmente provoca.

A menção da bateria elétrica, aliás, traz-me à memória um caso bem conhecido e extraordinário, em que sua ação provou-se eficaz em fazer voltar à vida um jovem procurador londrino que estivera enterrado durante oito dias. Isto ocorreu em 1831, e causou, em seu tempo, profundíssima sensação, em toda a parte em que se tornasse o assunto da conversa.

O paciente, Sr. Eduardo Stapleton, tinha morrido, parece, de tifo, com seus sintomas anômalos que haviam excitado a curiosidade de seus médicos assistentes. A respeito dessa morte aparente, solicitou-se de seus amigos que permitissem um exame post mortem mas eles se negaram a consentir nisso. Como acontece muitas vezes quando se fazem tais recusas, os profissionais resolveram desenterrar o corpo e dissecá-lo, com vagar, por sua conta.

Realizaram-se facilmente os preparativos, com os numerosos grupos de desenterradores de cadáveres, então muito encontradiços em Londres, e, na terceira noite depois do funeral, o suposto cadáver foi desenterrado de uma cova de dois metros e quarenta de profundidade e depositado na sala de operações de um dos hospitais particulares.Uma incisão de certo tamanho fora já feita no abdômen, quando a aparência fresca e incorrupta do paciente sugeriu que se fizesse aplicação duma bateria. As experiências se sucederam e sobrevieram costumeiros sinais, sem nada que, de algum modo, os caracterizasse exceto, numa ou duas ocasiões, certo grau um pouco incomum de vivacidade na ação convulsiva.

Fazia- se tarde. O dia estava prestes a raiar e achou-se, afinal, que era conveniente proceder, sem demora, à dissecação. Um estudante, porém, estava especialmente desejoso de provar certa teoria sua e insistiu em que se aplicasse a bateria num dos músculos peitorais. Deu-se um grosseiro talho e aplicou-se apressadamente o fio; então o paciente. num movimento ligeiro, mas não convulsivo , ergueu-se da mesa, andou até o meio do soalho, olhou inquieto antes em redor de si e depois. . . falou. Não se podia entender o que dizia, mas as palavras eram ditas e as formação das distinta. Depois de falar, caiu pesadamente no soalho. Por alguns instantes todos ficaram paralisados de terror, mas a urgência do caso em breve os fez recuperar a presença de espírito. Via-se que o Sr. Stapleton estava vivo, embora desmaiado. Com aplicação de éter reviveu, e, sem demora, recuperou a saúde, voltou convívio de seus amigos, dos quais, porém, todo conhecimento de sua ressurreição fora oculto, até passar o perigo de uma recaída. Podem imaginar-se sua admiração e seu arrebatador espanto.

A mais emocionante particularidade desse incidente, contudo, consiste no que o próprio Sr. Stapleton afirma. Declara ele que em nenhuma ocasião esteve totalmente insensível; que vaga e confusamente tinha consciência de tudo quanto lhe acontecia, desde o momento em que foi declarado morto pelos médicos, até aquele em que desmaiou no soalho do hospital. "Eu estou vivo" foram as palavras incompreendidas que, ao reconhecer que se achava na sala de dissecação, tinha tentado pronunciar, naquela hora extrema.

Seria coisa fácil multiplicar estórias como esta, mas abstenho-me disso porque, na verdade, não temos necessidade de tal coisa para demonstrar que, efetivamente, ocorrem enterramento prematuros. Quando refletimos, dada a natureza do caso, quão raramente nos é possível descobri-los, devemos admitir que eles possam ocorrer freqüentemente sem que o saibamos. É raro, na verdade que um cemitério seja revolvido, alguma vez, com qualquer grande extensão, e não se encontrem esqueletos em posições que sugerem as mais terríveis suspeitas.

Terrível, na verdade, a suspeita, porém mais terrível é tal destino! Podemos asseverar, sem hesitação, que nenhum acontecimento é tão horrivelmente capaz de inspirar o supremo desespero do corpo e do espírito como ser enterrado vivo. A insuportável opressão dos pulmões, os vapores sufocantes da terra úmida, o contato nos ornamentos fúnebres, o rígido aperto das tábuas do caixão, o negror da noite absoluta, o silêncio como um mar que nos afoga, a invisível, porém sensível, presença do Verme Conquistador, tudo isso com a idéia do ar e da relva lá em cima, a lembrança dos amigos que voariam a salvar-nos se informados de nosso destino e a consciência de que eles

jamais poderão ser informados deste destino, e de que nossa desesperada sorte é a do realmente morto, essas considerações, digo, acarretam ao coração que ainda palpita um grau tal de horror espantoso e intolerável que a mais ousada imaginação recua diante dele.

Nada conhecemos de mais agonizante sobre a terra. Não podemos imaginar nem a metade de coisa tão horrível nas regiões do mais profundo inferno. E, por isso, qualquer narrativa a respeito tem interesse profundo; interesse, porém, que através do sagrado terror do próprio assunto, bem própria e caracteristicamente depende de nossa convicção da verdade do caso narrado. O que tenho agora a contar é do meu real conhecimento, da minha própria, positiva e pessoal experiência.

Durante vários anos estive sujeito a ataques da estranha moléstia que os médicos acordaram em chamar catalepsia, na falta de denominação mais definida. Embora tanto as causas imediatas e pré disponentes como o verdadeiro diagnóstico desta doença ainda sejam misteriosos, seu caráter claro e evidente já está bastante compreendido. Suas variações parecem ser, principalmente, de grau. As vezes, o paciente jaz, durante um dia só, ou mesmo durante um curto período, numa espécie de exagerada letargia. Perde a sensibilidade e os movimentos, mas a pulsação do coração é fracamente perceptível; alguns restos de calor permanecem; ligeiro colorido se mantém no centro da face; e, aplicando um espelho à boca, pode-se descobrir uma lenta, desigual e vacilante ação dos pulmões. Outras vezes a duração do transe é de semanas ou mesmo de meses, e a mais severa investigação, as mais rigorosas experiências médicas não conseguem estabelecer qualquer distinção material entre o estado do paciente e o que concebemos como morte absoluta.

Freqüentes vezes é ele salvo do enterramento prematuro apenas por saberem seus amigos que fora anteriormente sujeito a ataques catalépticos, pela conseqüente suspeita suscitada e, acima de tudo, pela aparência de incorrupção.

Os progressos da doença são, felizmente gradativos. As primeiras manifestações, além de típicas, são inequívocas. Os acessos se tornam, sucessivamente, cada vez mais distintos, prolongando-se cada um mais do que o anterior. Nisto faz a principal garantia contra a inumação.

O infeliz cujo primeiro ataque for de caráter extremo, como ocasionalmente se vê, estará quase sem remédio condenado a ser enterrado vivo.Meu próprio caso não diferia, em pormenores importantes, dos mencionados nos livros médicos. Às vezes, sem nenhuma causa aparente, eu mergulhava, pouco a pouco, num estado de semi-síncope, ou semi-desmaio; e neste estado, sem dor, sem possibilidade de mover-me ou, estritamente falando, de pensar, mas com uma nevoenta e letárgica consciência da vida e da presença dos que cercavam minha cama, eu permanecia até que a crise da doença me fizesse recuperar, de súbito, a completa sensação. Outras vezes, era rápida e impetuosamente surpreendido pelo ataque. Sentia-me doente, entorpecido, frio, aturdido e caía logo prostrado. Depois durante semanas, tudo era vácuo, negror, silêncio, e num nada se transformava o universo. Não poderia haver mais total aniquilação. Destes últimos ataques eu despertava, porém, com lentidão gradativa na proporção da subitaneidade do acesso. Da mesma forma por que o dia alvorece para o mendigo, sem lar e sem amigos, que vaga pelas ruas, através da longa e desolada noite de inverno, assim também tardia, assim também cansada, assim também alegre, voltava a luz à minha alma.

Exceto aquela predisposição para o ataque, meu estado geral de saúde apresentava-se bom; nem mesmo eu podia perceber que todo ele se achava afetado por uma doença predominante, a menos que, realmente, certa reação em meu sono comum pudesse ser olhada como um sintoma. Logo ao despertar, nunca podia de imediato assenhorear-me de

meus sentidos e sempre permanecia, durante muitos minutos, em grande confusão e perplexidade, com as faculdades mentais em geral, e especialmente a memória. num estado de absoluta vaguidão.

Em tudo isso que eu experimentava não havia sofrimento físico, mas infinita a angústia moral. Minha imaginação se tornava macabra. Falava de "vermes, de covas e epitáfios". Perdia-me em devaneios de morte e a idéia do enterramento prematuro se apossava de contínuo de meu cérebro. O horrendo perigo a que estava sujeito, assombrava-me dia e noite. De dia, a tortura da meditação era excessiva; de noite, suprema. Quando a disforme escuridão inundava a terra, com todo o horror do pensamento eu tremia, tremia como as plumas palpitantes que adornam os carros fúnebres. Quando a natureza não podia mais suportar a insônia, era com relutância que eu consentia em dormir, pois me abalava o pensar que ao despertar, poderia achar-me como habitante de um túmulo. E quando, finalmente, mergulhava no sono, era apenas para precipitar-me imediatamente num mundo de fantasmas acima do qual com asas enormes, lúridas, tenebrosas, pairava, dominadora, Idéia sepulcral.

Das inúmeras imagens de tristeza que assim me oprimiam em sonhos escolho, para ilustrar, apenas uma visão solitária. Creio que estava imerso num transe cataléptico de duração e intensidade maiores que as habituais. De repente, senti uma mão gelada pousar-se na minha fronte e uma voz, impaciente e inarticulada, sussurrou-me ao ouvido a palavra: "Levanta-te!" Sentei-me. A escuridão era total. Não podia distinguir o vulto de quem me havia despertado. Não podia recordar-me do momento em que caíra em transe, nem do lugar em que então jazia, enquanto permanecia parado, ocupado em procurar coordenar o pensamento, a fria mão agarrou-me, feroz, pelo punho, sacudindo-o com aspereza, ao mesmo tempo em que a voz inarticulada dizia normalmente:Levanta-te! Não te ordenei que te levantasses? Quem és tu? - perguntei.

- Não tenho nome nas regiões onde habito - respondeu a voz, funebremente. - Eu era mortal, mas sou agora demônio. Eu era implacável, mas agora sou compassivo. Meus dentes matraqueiam enquanto falo, embora não seja por causa da frialdade da noite, da noite sem fim. Essa hediondez, porém, é insuportável. Como podes tu dormir tranqüilo? Não posso repousar por causa do clamor dessas grandes agonias. Esse espetáculo é superior às minhas forças. Põe-te de pé! Sai comigo para a noite e deixa que eu te escancare os túmulos. Não é esta uma visão de horror? Contempla!Olhei, e o vulto invisível que ainda me agarrava pelo punho, fez com que se abrissem todos os túmulos da humanidade, e de cada um saiu o fraco palor fosfórico da podridão; e então eu pude ver, dentro dos mais absconsos recessos, pude ver os corpos amortalhados nos seus tristes e solenes sonos com o verme.

Mas, ai! Os que dormiam verdadeiramente eram muitos milhões menos do que aqueles que não dormiam absolutamente; e debatiam-se, sem força; havia uma agitação geral e confrangedora; e das profundezas das covas incontáveis se elevava o ruído roçagante e melancólico das mortalhas dos sepultos. E entre aqueles que pareciam tranqüilamente repousar vi que grande número havia mudado, em maior ou menor proporção, a rígida e incômoda posição em que haviam sido primitivamente enterrados. E a voz de novo me disse, enquanto eu contemplava:Não é isto, oh!, não é isto uma visão lastimável?

Mas antes que eu pudesse encontrar palavras para replicar, o vulto largou-me o punho, as luzes fosfóricas se extinguiram e as tumbas se fecharam com súbita violência, enquanto delas se erguia um tumulto de clamores desesperados: e ele disse de novo: " Não é isso, meu Deus!, não é isto uma visão lastimável?"

Fantasias como estas que se apresentavam à noite estendiam sua terrífica influência muito além de minhas horas de vigília. Meus nervos se relaxaram inteiramente e me

tornei presa de perpétuo horror. Hesitava em cavalgar, em passear ou em praticar exercício que me afastasse de casa. Na realidade, não ousava afastar-me da imediata presença daqueles que sabiam de minha propensão à catalepsia, temendo que, ao cair num de meus costumeiros ataques, viesse a ser enterrado antes de que minha verdadeira condição fosse certificada.

Duvidava do cuidado, da fidelidade de meus mais queridos amigos. Receava que, em algum transe de maior duração que a habitual, fossem eles induzidos a considerá-lo como definitivo. Eu mesmo cheguei a ponto de temer por causar muito incômodo, ficassem eles satisfeitos em considerar qualquer ataque muito demorado como suficiente excusa para se verem livres de mim de uma vez por todas. Era em vão que eles procuravam tranqüilizar-me com as mais solenes promessas, mais sagrados juramentos de que em nenhuma circunstância eles me enterrariam sem que a decomposição estivesse materialmente adiantada, que se tornasse impossível qualquer ulterior preservação. E mesmo assim meus terrores mortais não queriam dar ouvidos à razão, não queriam aceitar consolo.

Iniciei uma série de cuidadosas precauções. Entre outras coisas, mandei remodelar o jazigo da família, de modo a facilitar o ser prontamente aberto de dentro. A mais leve pressão sobre uma comprida manivela que avançava bem dentro do túmulo, causaria a abertura dos portais de ferro. Havia também dispositivos para a livre admissão de ar e da luz e adequados recipientes para comida e água, dentro do imediato alcance do caixão preparado para receber-me.

O caixão estava quente e maciamente acolchoado e provido de tampa construída de acordo com o sistema da porta do jazigo, com o acréscimo de molas tão engenhosas que o mais fraco movimento do corpo seria suficiente para abri-lo .

Além de tudo isto, havia suspenso do teto do túmulo, um grande sino, cuja corda, como determinei, deveria ser enfiada por um buraco do caixão e amarrada a uma das mãos do cadáver. Mas, ah!, de que vale a vigilância contra o Destino do homem? Nem mesmo aquelas tão engenhosas seguranças bastaram para salvar das extremas agonias de ser enterrado vivo um desgraçado condenado de antemão a essas mesmas agonias!

Chegou uma época - como muitas vezes havia chegado antes - em que me achei emergindo de total inconsciência para o início de um fraco e indefinido senso da existência. Vagarosamente. Numa gradação tardia, aproximou-se a nevoenta madrugada do dia psicológico. Um torpor incômodo. Um sofrimento apático de obscura dor. Nenhuma atenção, nenhuma esperança, nenhum esforço. Em seguida, após longo intervalo, um zumbido nos ouvidos; depois disso, após um lapso de tempo ainda mais longo, uma comichão ou sensação de formigueiro nas extremidades; depois, um período aparentemente eterno de aprazível quietude, durante o qual sentimentos despertos lutam dentro do pensamento; depois, um breve e novo mergulho no nada; depois, uma súbita revivescência. Afinal o rápido tremer de uma pálpebra, e, imediatamente após, um choque elétrico do terror, mortal e indefinido, que arroja o sangue em torrentes das têmporas para o coração. E agora, o primeiro positivo esforço para pensar. E agora, a primeira tentativa de recordar. E agora, um êxito parcial e evanescente. E agora, a memória já recuperou de tal modo seu domínio que, até certa medida consciente de meu estado.

Sinto que não estou despertando de um sono comum. Lembro-me de que estive sujeito à catalepsia. E agora afinal, como que inundado por um oceano, meu espírito trêmulo é dominado pelo perigo horrendo, por aquela espectral e tirânica idéia fixa.

Permaneci imóvel alguns minutos, depois que essa imagem se apoderou de mim. E por quê? Eu não podia armar-me de coragem para mover-me. Não ousava fazer o esforço

necessário para certificar-me de minha sorte, e, contudo, havia algo no meu coração que me sussurrava que ela era fatal. O desespero - como de nenhuma outra desgraça que jamais salteou o ser humano - só o desespero me impeliu, após longa irresolução, a erguer das pálpebras de meus olhos. Ergui-as.

Estava escuro, totalmente escuro. Senti que o ataque tinha passado. Senti que a minha doença há muito desaparecera. Senti que me achava agora completamente, em pleno uso de minhas faculdades visuais. E contudo, estava escuro, totalmente escuro, daquela escuridão intensa e extrema da noite que dura para sempre.

Tentei gritar, e meus lábios e minha língua seca moveram-se convulsivamente, em comum tentativa, mas nenhuma voz saiu dos cavernosos pulmões, que, como oprimidos sob o peso de esmagadora montanha, arfavam e palpitavam com o coração a cada trabalhosa e penosa respiração. O movimento das mandíbulas, no esforço de gritar bem mostrava-me que elas estavam amarradas, como se faz usualmente com os mortos. Senti também que jazia sobre alguma coisa sólida e que a mesma coisa também me comprimia estreitamente em ambos os lados. Até então eu não me atrevera a mover qualquer dos membros; mas agora, violentamente, levantei os braços que tinham estado até então sobre o peito, com as mãos cruzadas. Eles bateram de encontro a uma madeira sólida, que se estendia sobre uma altura de não mais do que seis polegadas de meu rosto. Não podia mais duvidar de que repousava dentro de um caixão.

E então, entre todas as minhas infinitas aflições, senti aproximar-se suavemente o anjo da Esperança, pois pensei nas precauções que havia tomado. Retorci-me e fiz esforços espasmódicos para abrir a tampa: não se movia. Tateei os punhos à procura da corda do sino: não foi encontrada. E então o anjo confortador voou para sempre e um desespero ainda mais agudo reinou triunfante, porque clara se tornava a ausência das almofadas que eu tinha tão cuidadosamente preparado, e depois, também, chegou-me subitamente às narinas o forte e característico odor da terra úmida. A conclusão era irresistível. Eu não estava dentro do jazigo. Fora vítima de um de meus ataques enquanto me achava fora de casa e então alguns estranhos, quando ou como não me podia recordar, me enterraram como a um cachorro, trancado dentro dum caixão e lançado no fundo, bem no fundo e para sempre, de alguma cova ordinária e sem nome.

Quando essa terrível convicção se fixou à força nos recessos mais íntimos de minha alma, esforcei-me mais uma vez por gritar bem alto. E essa segunda tentativa deu resultado. Um longo, selvagem e contínuo grito, ou bramido de agonia, ressoou através dos domínios da noite subterrânea.

- Eei! Ei! Olha aqui! - respondeu uma voz grosseira.

- Que diabo é isso agora? - disse um segundo.

- Acabe com isso! - gritou um terceiro.

- Que pretende você berrando desse jeito, como um danado? - disse um quarto.E nisso fui agarrado e sacudido sem cerimônia durante muitos minutos por uma turma de sujeitos mal-encarados. Não me despertaram do meu sono, porque eu estava bem desperto quando gritei mas me fizeram recobrar a plena posse de minha memória.

Essa aventura ocorreu perto de Richmond, na Virgínia. Acompanhado por um amigo que eu tinha avançado, seguindo uma expedição de caça, algumas milhas ao longo das margens do rio Jaime. A noite se aproximou e fomos surpreendidos por uma tempestade. O camarote duma pequena chalupa, ancorada no rio e carregada de terra pastosa para jardim, oferecia-se como o único abrigo disponível. Arranjamo-nos o melhor

que pudemos para passar a noite a bordo. Adormeci em um dos dois únicos beliches da embarcação. Os beliches duma chalupa de sessenta ou setenta toneladas quase não precisam ser descritos. Aquele que eu ocupava não tinha colchão de espécie alguma. Sua largura extrema era de dezoito polegadas. A distância até o tombadilho, por cima da cabeça, era precisamente a mesma. Fora com excessiva dificuldade que me apertara dentro dele. Apesar de tudo, adormeci profundamente, e toda aquela minha visão, porque não era sonho, nem pesadelo. surgiu naturalmente das circunstâncias de minha posição, do meu habitual pensamento impressionado e da dificuldade, a que já aludi, de recuperar os sentidos e especialmente a memória durante muito tempo depois de despertar de um sono. Os homens que me sacudiram eram da tripulação da chalupa e alguns trabalhadores contratados para descarregá-la. Da própria carga é que provinha aquele cheiro de terra. A ligadura em torno de meus queixos era um lenço de seda em que havia enrolado minha cabeça, na falta de meu costumeiro barrete de dormir.

As torturas experimentadas, porém, eram, sem dúvida, completamente idênticas, no momento, às duma verdadeira sepultura, eram pavorosas, eram inconcebivelmente hediondas. Mas do Mal se origina o Bem, porque aqueles paroxismos operaram inevitavelmente revulsão no meu espírito. Minha alma adquiriu tonalidade, têmpera.

Viajei para o estrangeiro. Fiz vigorosos exercícios. Aspirei o ar livre do Céu. Pensei em outras coisas que não na morte. Descartei-me de meus livros de medicina. Queimei Buchan, não li mais os Pensamentos Noturnos, nem aranzéis a respeito de cemitérios, nem estórias de fantasmas como esta. Em resumo, tornei-me um novo homem e vivi vida de homem. Desde aquela memorável noite afugentei para sempre minhas apreensões sepulcrais e com elas esvaneceu-se a doença cataléptica, da qual, talvez, tivessem sido menos a conseqüência que a causa.

Há momentos em que, mesmo aos olhos serenos da razão, o mundo de nossa triste Humanidade pode assumir o aspecto de um inferno, mas a imaginação do homem não é Carathis para explorar impunemente todas as suas cavernas. Ah! A horrenda região dos terrores sepulcrais não pode ser olhada de modo tão completamente fantástico, mas, como os Demônios em cuja companhia Afrasiab fez sua viagem até o Oxus, eles devem dormir ou nos devorarão, devem ser mergulhados no sono ou nós pereceremos.

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA – CONTOS POLICIAIS

O ESCARAVELHO DE OURO

Oh! Oh! Este rapaz está dançando com louco!
Foi picado pela tarântula!
Tudo às avessas

HÁ MUITOS anos passados, travei amizade com um cavalheiro chamado William Legrand. Pertencia ele a uma antiga família huguenote e fora, outrora, rico, mas uma série de infortúnios tinham-no reduzido à miséria. Para evitar as mortificações que se seguiram a seus desastres, deixou Nova Orleans, terra natal de seus avós, e passou a residir na ilha de Sullivan, perto de Charleston, na Carolina do Sul.

Esta ilha é bastante singular. E formada quase que só de areia e tem cerca de três milhas de comprimento. Sua largura em ponto algum excede de um quarto de milha. Está separada do continente por um braço de mar quase imperceptível que se insinua através de uma vastidão de mangues e lodo, refúgio favorito das aves aquáticas. A vegetação, como se pode supor, é escassa, ou, pelo menos, raquítica. Nenhuma árvore de grande porte ali se vê. Perto da extremidade ocidental, onde se ergue o Forte Moultrie e onde se encontram alguns miseráveis barracões, habitados, durante o verão, pelos que fogem da poeira e da febre de Charleston, pode ser encontrada, a cerdosa palmeira-anã. Mas toda a ilha, com exceção dessa ponta ocidental e de uma faixa de áspera e branca praia na costa marítima, está coberta de densa capoeira de murta cheirosa, tão apreciada pelos horticultores ingleses.

Os arbustos atingem ali, às vezes, à altura de quinze a vinte pés e formam um matagal quase impenetrável, impregnando o ar com sua fragrância.No mais recôndito recesso desse matagal, não longe da ponta ocidental e mais remota da ilha, Legrand construiu uma pequena cabana, em que residia, quando, pela primeira vez, por mero acaso, travei conhecimento com ele.

Esse conhecimento logo amadureceu em amizade, pois naquele solitário muito havia para excitar interesse e estima. Achei-o bem-educado, dotado de incomuns faculdades espirituais, infectadas, apenas, de misantropia e sujeitas a caprichosas disposições de entusiasmo e de melancolia alternadas. Tinha consigo muitos livros, mas raramente se servia deles. Suas principais diversões eram a caça e a pesca, além de vaguear por entre as murtas à busca de conchas ou espécimes entomológicos. Sua coleção destes últimos podia ser invejada por um Swammerdam. Nessas excursões era acompanhado, habitualmente, por um negro velho, chamado Júpiter, que tinha sido libertado antes dos reveses da família mas não pudera ser levado, por ameaças ou promessas, a abandonar o que considerava seu direito de acompanhar os passos de seu jovem "sinhô Will". Não é improvável que os parentes de Legrand, considerando-o de intelecto um tanto desarranjado, tenham tentado instilar essa teimosia em Júpiter, tendo em vista a vigilância e a guarda do erradio.

Os invernos, na latitude da ilha de Sullivan, raramente são muito severos e no fim do ano é coisa rara, na verdade, ser necessário acender. Pelo meado de outubro de 18..., houve, porém, um dia de sensível friagem. Justamente antes do pôr do sol, rompi, através dos arbustos sempre verdes, até a cabana de meu amigo, a quem eu não tinha visitado havia várias semanas, residente, como então era, em Charleston, a uma distância de nove milhas da ilha, num tempo em que as facilidades de travessia e volta estavam muito abaixo dos dias atuais.

Depois de alcançar a cabana, bati à porta, segundo meu costume, e, não obtendo resposta, procurei a chave no lugar onde eu sabia que ela ficava escondida, girei-a na fechadura e entrei. Belo fogo ardia na lareira. Era uma novidade, e de modo algum desagradável. Tirei o sobretudo e, puxando uma poltrona para junto das achas crepitantes, esperei pacientemente a chegada dos donos da casa. Pouco depois de escurecer, chegaram eles e me deram cordiais boas vindas. Júpiter, arreganhando os dentes de uma orelha a outra, apressou-se em preparar algumas aves aquáticas para o jantar. Legrand estava num de seus acessos - como poderia eu denominá-los diversamente? - de entusiasmo. Encontrara uma concha bivalva desconhecida, formando novo gênero, e, mais do que isso, caçara e apanhara, com o auxílio de Júpiter, um scarabaeus, que acreditava , ser totalmente novo, mas a respeito do qual desejava conhecer minha opinião, no dia seguinte.

- E por que não esta noite? - perguntei, esfregando as mãos por cima do fogo e desejando que toda a raça dos scarabaei fosse para o inferno.

- Ah! Se eu tivesse sabido que você estava aqui! - disse Legrand. - Mas faz tanto tempo que não o vejo; e como podia eu prever que você viria visitar-me logo nesta noite, grande entre todas? Ao vir para casa, encontrei-me com o Tenente G***, do forte, e, muito doidamente, emprestei-lhe o escaravelho; de modo que, para você, é impossível vê-lo antes que amanheça. Fique aqui esta noite e mandarei Júpiter descer, ao nascer do sol. É a mais bela da criação!

- O quê? O nascer do sol?

- Ora... não! O escaravelho. É de uma brilhante cor de ouro, mais ou menos do tamanho de uma noz grande, com duas manchas negras de azeviche, perto de uma das extremidades das costas e uma outra, um pouco mais comprida, na outra extremidade. As antenas são...

- Não tem nada de estanho nele não, sinhô Will, tou apostando - interrompeu aí Júpiter. - O escarvéio é um escaravéio de oro maciço, cada pedacinho dele, por dentro e tudo, menos as asa. Eu nunca vi um escarvéio nem a metade mais pesado, em toda a minha vida.

- Bem, suponhamos que é, Jup - replicou Legrand, algo mais vivamente, pareceu-me, do que o caso requeria. - É isso algum motivo para você deixar as aves queimarem? A cor - e aí ele voltou-se para mim - é realmente quase capaz de afiançar a opinião de Júpiter. Você nunca viu um brilho metálico mais cintilante do que o emitido pela casca dele. Mas sobre isso você poderá julgar amanhã. Até lá, vou dar-lhe alguma idéia do formato.

Dizendo isso, sentou-se a uma mesinha em que havia pena e tinta, porém não papel. Procurou alguma folha numa gaveta, mais não encontrou.

- Não faz mal - disse, por fim. - Isto servirá.

E tirou do bolso do colete um pedaço do que eu tomei por um gorro muito sujo e fez nele, com a pena, rápido desenho. Enquanto o fazia, conservei-me na cadeira junto ao fogo, pois estava ainda com frio. Quando o desenho ficou pronto, ele mo entregou, sem levantar-se. No momento em que eu o recebia, ouviu-se um alto grunhido, seguido de arranhões na porta. Júpiter abriu-a e um grande cão terra-nova, que pertencia a Legrand, entrou correndo, pulou sobre meus ombros e cumulou-me de festas, pois eu lhe dedicara muita atenção em visitas anteriores. Quando suas brincadeiras terminaram, olhei para o papel e, para falar verdade, fiquei um pouco intrigado com o que meu amigo desenhara.

- Bem! - disse eu, depois de contemplá-lo por alguns minutos.

- Esse é um estranho scarabaeus, devo confessá-lo; para mim, é novo; nunca vi coisa alguma como ele, antes, a não ser um crânio, ou uma caveira, com o que ele se parece mais do que qualquer coisa que já esteve sob a minha observação.

- Uma caveira! - repetiu Legrand. - Oh! Sim! bem... ele tem algo dessa aparência, no papel, sem dúvida. As duas manchas pretas do alto assemelham-se aos olhos, hein? E a mais comprida, embaixo, assemelha-se à boca... Depois, a forma doconjunto é oval.

- Talvez seja isso - disse eu -, mas, Legrand, receio que você não seja artista. Devo esperar até ver o próprio bicho, se quiser formar uma idéia de sua aparência pessoal.

- Bem, não sei... - disse ele, um pouco irritado. - Eu desenho toleravelmente; pelo menos, deveria desenhar; tive bons professores e orgulho-me de não ser um imbecil.

- Mas, meu caro, então você está brincando - falei. - Isto é um crânio bem passável... de fato posso dizer que é um crânio excelente, de acordo com as noções vulgares sobre tais espécimes de fisiologia. E seu scarabaeus deve ser o mais esquisito do mundo, se se parecer com isto. Ora, poderíamos extrair uma impressionante superstição desse esboço. Presumo que você chamará o escaravelho scarabaeus caput hominis, ou qualquer coisa desse gênero. Há muitos títulos semelhantes na História Natural. Mas onde estão as antenas de que você falou?

- As antenas! - disse Legrand, que parecia estar-se tornando inexplicavelmente furioso com o assunto. - Estou certo de que você deve ver as antenas! Fi-las tão nítidas como são no inseto original e julgo que é suficiente.

- Bem... bem... talvez você tenha feito - disse eu. - Contudo não as vejo.E passei-lhe o papel, sem observação adicional, não desejando-lhe o temperamento. Mas muito surpreendido estava com a reviravolta que as coisas sofreram; seu mau-humor me intrigava. E, quanto ao desenho do bicho, positivamente nenhuma antena era visível e o conjunto possuía uma semelhança muito estreita com os desenhos comuns de uma caveira.

Ele recebeu o papel, muito impaciente, e estava a ponto de amarfanhá-lo, aparentemente para atirá-lo ao fogo, quando uma olhadela casual ao desenho pareceu de súbito prender-lhe a atenção. Num instante seu rosto enrubesceu com violência, e noutro ficou excessivamente pálido. Durante alguns minutos continuou a pesquisar o desenho, acuradamente, do lugar onde se sentava. Afinal levantou-se, apanhou uma vela na mesa e foi sentar-se sobre uma arca de viagem, no canto mais distante do aposento. Ali, de novo, procedeu a um exame ansioso do papel, virando-os em todas as direções. Nada disse, todavia, e essa conduta grandemente me assombrou; achei prudente, porém, não exacerbar o crescente mau humor de seu temperamento com qualquer comentário.

Depois ele tirou do bolso do colete uma carteira, colocou o papel dentro dela, cuidadosamente, e depositou-a numa escrivaninha, que fechou a chave.

Tornou-se, então, mais comedido em seus modos mas o aspecto primitivo de entusiasmo desaparecera por inteiro. Contudo, não parecia tão de mau-humor quanto abstraído. À medida que a noite avançava, ele se tornava cada vez mais perdido em sonhos, dos quais não o podia despertar qualquer de minhas observações. Fora minha intenção passar a noite na cabana, como antes freqüentemente fizera, mas, vendo naquela disposição de ânimo o dono da casa, considerei mais prudente despedir-me. Ele não insistiu para que eu ficasse, mas, quando parti, apertou-me a mão com cordialidade além da costumeira.

Foi cerca de um mês depois disso (e durante esse intervalo eu nada soubera de Legrand) que recebi, em Charleston, a visita de seu criado, Júpiter. Eu nunca vira o bom negro velho com aparência tão assustada e temi que algum sério desastre tivesse sobrevindo a meu amigo.

- Bem, Jup - falei -, que há agora? Como vai seu patrão?

- Ora, pra falá verdade, sinhô, ele num vai tão bem cumo devia sê.

- Não vai bem? Sinto muito em saber disso. De que é que ele se queixa?

- Tá-i. É isso! Ele num queixa de nada... mas ele está muito doente, muito mesmo.

- Muito doente, Júpiter? Por que você não disse isso logo? Ele está de cama?

- Num tá, não! Ele num acha lugá nenhum aão! Aí éque a porca torce o rabo! Tou cum a cabeça tonta por causa do sinhô Will!

- Júpiter, eu gostaria de entender o que você está dizendo. Você falou que seu patrão está doente. Ele não lhe contou de que é que sofre?

- Ora, sinhô, é bobage ficá quebrano a cabeça cum esse negócio! O sinhô Will num fala nada, diz que num tem coisa nenhuma... mas, então, por que é que ele fica pra lá e prá ca, oiano pra onde anda, cum a cabeça pra baixo e os ombro pra cima? E por que é que ele fica o tempo todo com uns numos, e...

- Com o quê, Júpiter?

- Fazendo uns numos e figuras na pedra, as figuras mais esquisitas que eu já vi. Eu já tou ficano cum medo, palavra. Tenho de ficá cum os óio pregado em riba dele só. Trodia, ele me escapuliu antes do só nascê e ficou sumido todo o santo dia. Eu tinha cortado uma boa vara, pra dá um bom ezempre nele quando ele vortasse, mas eu tô tão bobo que num tenho coração pra fazê ..... Ele tava com uma cara tão triste!

- Hein? Como? Ah, sim!. . . Afinal de contas, eu acho que você fez melhor em não ser tão severo com o coitado. Não bata nele Júpiter. Ele pode muito bem não agüentar isso. Mas você não faz uma idéia do que é que causou essa doença, ou antes, essa mudança de procedimento? Aconteceu alguma coisa desagradável desde que eu estive lá?

- Não sinhô. Num teve nada desagradave desde esse dia. Foi antes disso, eu acho. Foi mesmo no dia que o sinhô teve lá.

- Como? Que é que você quer dizer?

- Ora, sinhô, eu quero dizê o escarvéio, tá-i!

- O quê?

-O escarvéio. Tou com toda a certeza de que sinhô Will foi mordido, lá por perto da cabeça, por aquele escarvéio de ouro.

- E que motivo você tem para essa suposição, Júpiter?

- Ele tem puã que chega, sinhô, e boca também. Eu nunca vi escaravéio tão encapetado. Ele bate e morde em tudo o que chegá perto . Sinhô Will apanhô ele primeiro, mas teve de deixá ele i embora depressa outra vez, tou-lhe falando... Foi nessa ocasião que ele deve tê dado a mordida. Eu num gosto do jeito da boca do escaravéio, de modo nenhum. Assim, eu num ia pegá nele cum meus dedo, mas agarrei ele cum pedaço de papé, que eu achei. Enrolei ele no papé e enfiei um pedaço na boca dele. Foi assim que eu fiz.

- E você pensa, então, que seu patrão foi picado pelo bicho e que a picada é que o fez ficar doente?

- Eu num penso, nada. Eu sei. O que é que faz ele ficá variano por causa de ouro, se num é a mordida do escarvéio de ouro? Eu já ouvi falá desses escarvéio de ouro antes disso.

- Mas como é que você sabe que ele sonha com ouro?

- Cumo é que eu sei? Ora, porque ele fala disso enquanto tá dormindo. Tá-i como é que eu sei.

- Bem, Jup, talvez você tenha razão. Mas a que afortunada circunstância devo atribuir a honra de sua visita, hoje?

- Que é que é isso, sinhô?

- Você traz algum recado do Sr. Legrand?

- Não, sinhô. Eu trago é esta carta.

E aí Júpiter me entregou um bilhete, que rezava assim:

Meu caro:
Por que não o tenho visto, há tanto tempo? Espero que você não tenha caído na infantilidade de ofender-se com qualquer pequena rudeza de minha parte; mas, não; isso é improvável.

Desde que o vi, tenho tido grandes motivos de ansiedade. Tenho algo a dizer-lhe e, contudo, mal sei como falar, nem se devo falar.

Não tenho andado muito bem, nestes últimos dias, e o pobre velho Júpiter me irrita quase além do suportável com suas significativas atenções. Você acreditará que ele preparou uma pesada vara, no outro dia, para castigar-me, por ter escapulido dele e passado o dia, sozinho, entre as colinas do continente?

Acredito, deveras, que só minha aparência doentia me salvou de uma surra...Não fiz qualquer acréscimo à minha coleção, desde que nos encontramos.

Se você puder, de qualquer modo, fazê-lo sem inconveniente, venha com Júpiter. Venha.

Desejo vê-lo, esta noite. É assunto de importância. Asseguro-lhe que é da mais alta importância.

Sempre seu,

William Legrand

Havia algo no tom desse bilhete que me causou grande incomodo. Todo o seu estilo diferia completamente do de Legrand. Com que poderia estar ele sonhando? Que nova excentricidade dominava seu cérebro excitável? Que "negócio da mais alta importância" podia ele, possivelmente, ter a realizar? O que Jupiter me dissera dele não afiançava nada de bom. Eu temia que a contínua pressão da má sorte, afinal, tivesse inteiramente desarranjado a razão de meu amigo. Sem um momento de hesitação, por conseguinte, preparei-me para acompanhar o negro.

Ao chegar ao cais, notei uma foice e três pás, todas aparentemente novas, no fundo do bote em que devíamos embarcar.

- Que quer dizer isso tudo, Jup? interroguei.

- Foice, sinhô, e pá.

- Muito bem; mas que é que elas estão fazendo aí?

- É a foice e as pá que sinhô Will falô pra eu comprá prá ele na cidade e foi o diabo o dinheirão que eu tive de dá por elas.

- Mas, por tudo quanto é misterioso, que é que seu " Sinho Will" vai fazer com foices e pás?

- Tá-i uma coisa que eu num sei e um raio me parta se eu num aquerdito que ele também num sabe. Mas isso tudo é coisa do escarvéio.

Verificando que nada de satisfatório podia obter de Júpiter, cuja mente parecia estar inteiramente absorvida pelo "escarvéio", entrei no bote e soltei a vela. Com bela e forte brisa, logo corremos para a pequena angra, ao norte do Forte Moultrie, e uma caminhada de cerca de duas milhas levou-nos à cabana. Eram quase três horas da tarde quando chegamos. Legrand estivera a esperar-nos com ansiosa expectativa. Apertou-me a mão, com um aperto nervoso, que me alarmou e fortaleceu as suspeitas já entretidas. Seu rosto é pálido até a lividez e seus olhos, fundos, brilhavam com um clarão anormal. Depois do algumas perguntas, relativas à sua saúde, interroguei-o, não sabendo que coisa melhor dizer, sobre se recebera do Tenente G*** o scarabaeus.

- Oh, sim! replicou ele, corando violentamente. - Recebi-o dele, na manhã seguinte. Nada me podia tentar a separar-me desse scarabaeus. Você sabe que Júpiter tem toda a razão acerca dele?

- De que modo? - perguntei, com triste pressentimento no coração.

- Ao supor que ele é um escaravelho de ouro autêntico.

Falou isso com aspecto de profunda seriedade e senti-me indizivelmente perturbado.

- Esse escaravelho vai fazer minha fortuna - continuou ele, com sorriso triunfante.

- Vai reinstalar-me na posse do que era de minha família. É qualquer coisa de admirar, então, que eu o aprecie que eu o aprecie tanto? Desde que a Fortuna achou conveniente conceder-mo, só tenho que usá-lo de modo adequado e chegarei até o ouro de que ele é o indício. Júpiter, traga-me aquele scarabaeus!

- O quê? O escarvéio, sinhô? Eu acho mió num tê trabaio com aquele escaravéio... O sinhô mesmo apanhe ele.

Ai Legrand levantou-se, com ar grave e imponente, e trouxe-me o bicho, tirando-o de uma caixa de vidro em que ele estava encerrado. Era um belo scarabaeus, de tipo naquele tempo desconhecido para os naturalistas e naturalmente de grande valor do ponto de vista científico. Havia duas manchas negras e redondas, perto de uma das extremidades das costas, e outra comprida mancha perto da outra extremidade. A casca era enormemente dura e brilhante, com toda a aparência de ouro brunido. O peso do inseto era bem digno de nota e, tomando tudo isso em consideração, eu mal poderia censurar Júpiter por sua opinião relativamente a ele; mas, por minha vida, não podia dizer que fazer, quanto à concordância de Legrand com essa opinião.

- Mandei buscá-lo - disse ele, num tom grandiloqüente -, mandei buscá-lo para poder ter seu conselho e auxílio, a fim de favorecer os desígnios da Sorte e do escaravelho.

- Meu caro Legrand - gritei eu, interrompendo-o -, você com certeza não está bem e faria melhor se tomasse algumas pequenas precauções . Deve ir para a cama e eu ficarei com você alguns dias até que recobre a saúde. Você está com febre e...

- Tome meu pulso - disse ele.

Tomei-lhe o pulso e, para falar a verdade, não achei o mais leve indício de febre.

- Mas você pode estar doente e, contudo, não ter febre. Permita-me que, desta vez, me faça de médico para você. Em primeiro lugar, vá para a cama. Em segundo lugar...

- Você está enganado - interrompeu ele. - Sinto-me tão bem quanto seria de esperar no estado de excitação em que me encontro. Se você realmente se interessa pela minha saúde, trate de aliviar-me dessa excitação.

- E como se há de fazer?

- Muito facilmente. Júpiter e eu vamos fazer uma expedição às colinas, no continente, e nessa expedição necessitamos do auxílio de alguma pessoa em quem possamos confiar. Você é a única que nos merece essa confiança. Se formos bem sucedidos ou fracassarmos, a excitação que você agora percebe em mim será, igualmente, aliviada.

- Tenho o maior desejo em servi-lo, de qualquer maneira - respondi -, mas...pretende você dizer que esse infernal escaravelho tem alguma relação com sua expedição às colinas?

- Tem.

- Então, Legrand, não posso tomar parte numa empresa tão absurda.

- Sinto muito... sinto muito... pois teremos de tentá-la nós mesmos.

- Pois tentem-na vocês! Este homem está seguramente maluco! Mas, vejamos! Quanto tempo se propõe você ficar ausente?

- Provavelmente a noite inteira. Partiremos agora mesmo e estaremos de volta, de qualquer modo, ao amanhecer.

- E você me promete, sob palavra de honra, que, quando tiver passado esse capricho de vocês e o negócio do escaravelho (bom Deus!) estiver resolvido, para satisfação sua, voltará então para casa e seguirá estritamente meu conselho, como se fosse o seu médico?

- Sim, prometo. E agora, partamos, pois não temos tempo perder.

De coração opresso, acompanhei meu amigo. Pusemo-nos a caminho, cerca das quatro horas, Legrand, Júpiter, o cachorro, e Jupiter tinha consigo a foice e as pás, pois insistira em carregar todas, mais por medo, pareceu-me, de deixar qualquer daqueles utensílios ao alcance de seu patrão do que por qualquer excesso de solicitude ou complacência. Sua fisionomia estava extremamente carrancuda e "esse mardito escarvéio" foram as únicas palavras que escaparam de seus lábios durante o trajeto. Pela minha parte, estava encarregado de um par de lanternas furta-fogo, enquanto Legrand contentava-se com o scarabaeus, que levava amarrado à ponta de um pedaço de barbante fazendo-o girar, para lá e para cá, com o ar de um prestidigitador, enquanto caminhava. Ao observar esta última e plena prova da aberração mental de meu amigo, mal podia eu reter as lágrimas.

Pensei, porém, que seria melhor satisfazer-lhe a fantasia, pelo menos um momento, ou até que eu pudesse adotar medidas mais enérgicas, com probabilidade de êxito. Entrementes, tentei, mas completamente em vão, sondá-lo a respeito do objetivo da caminhada. Tendo conseguido induzir-me a acompanhá-lo, não parecia desejar travar conversa sobre qualquer assunto da menor importância. E a todas as minhas perguntas não se dignava dar outra resposta senão: "Veremos!"

Cruzamos o braço de mar na ponta da ilha por meio de um esquife e, subindo os terrenos altos da praia do continente, continuamos na direção noroeste, através de um trecho de terras expressivamente agrestes e desoladas, onde não se via vestígio algum de passo humano. Legrand seguia na dianteira, com decisão, parando apenas um instante aqui e ali para consultar o que parecia ser certos marcos, por ele mesmo colocados em ocasião anterior.

Caminhamos, assim, cerca de duas horas, e o sol estava a ponto de pôr-se, quando penetramos numa região infinitamente mais sinistra do que qualquer outra até então vista. Era uma espécie de tabuleiro, perto do cume de uma colina quase inacessível, densamente coberta da base ao cimo e entremeada de imensos penhascos que pareciam estar soltos sobre o solo e, em muitos casos, só não se precipitavam nos vales, lá embaixo, graças ao suporte dos troncos contra os quais se reclinavam. Profundas ravinas, em várias direções, davam ao cenário um ar de solenidade ainda mais severo.

A plataforma natural sobre a qual havíamos garimpado estava espessamente coberta de sarças, através das quais logo descobrimos que seria impossível abrir caminho, a não ser por meio da foice e Júpiter, por ordem de seu patrão, começou a rasgar para nós uma estrada, até o pé de um tulipeiro gigantesco, que se erguia, com uns oito ou dez carvalhos, sobre o planalto, e os ultrapassava, a todos, bastante, bem como a todas as outras árvores que até então eu vira, pela beleza da folhagem e da forma, pela vasta circunferência dos ramos e pela majestade geral de seu aspecto. ao alcançarmos essa árvore, Legrand voltou-se para Júpiter e perguntou-lhe se achava que podia subir por ela. O velho pareceu um tanto aturdido com essa pergunta e, durante alguns instantes, não deu resposta. Afinal, aproximou-se do imenso tronco, andou devagar em torno dele e examinou-o com minuciosa atenção. Terminado o exame disse simplesmente:

- Sim, sinhô. Jup sobe em quarqué arve que ele nunca não viu na sua vida.

- Então suba, o mais depressa possível, pois em breve estará demasiado escuro para ver o que devemos fazer.

- Até aonde eu tenho de assubi, sinhô? - perguntou Júpiter.

- Suba primeiro pelo tronco principal e depois eu lhe direi que caminho deverá tomar. . . Ah! Espere! Leve este escaravelho com você.

- O escarvéio, sinhô Will? O escarvéio de ouro? - gritou o negro, recuando de medo. - Pur que é que eu tenho de levar o escarvéio pra cima da arve? Que eu me dane se fizé isso!

- Se você tem medo, Jup, um negralhão como você, de pegar num pequeno escaravelho morto e inofensivo, pode levá-lo por este barbante. Mas se, de qualquer modo, não quiser levá-lo consigo lá para cima, serei forçado a quebrar sua cabeça com esta pá.

- Que negócio é esse, sinhô? - disse Júpiter, evidentemente envergonhado, a ponto de se tornar mais condescendente. Sempre quereno armá baruio com o nego véio... Eu tava só brincano! Eu, tê medo de escarvéio? Nem tou ligando pra ele!

Aí pegou com precaução a extremidade do barbante e, mantendo o inseto tão longe de sua pessoa quanto as circunstâncias lhe permitiam, preparou-se para subir à árvore.

Quando novo, o tulipeiro, ou Liriodendron tulipiferum, o mais majestoso dos habitantes da floresta americana, tem um tronco caracteristicamente liso e muitas vezes se eleva a grande alturas sem ramos laterais; mas, chegando à maturidade, a casca torna-se rugosa e desigual, enquanto muitos galhos pequenos aparecem sobre o tronco. Assim, a dificuldade da ascensão, no caso presente, era mais aparente que real. Abraçando o enorme cilindro o mais estreitamente possível, com os braços e os joelhos, agarrando com mãos alguns dos brotos e descansando os dedos nus sobre outros, Júpiter , depois de ter escapado de cair uma ou duas vezes, por fim içou-se até à primeira grande forquilha, parecendo considerar a coisa toda como virtualmente executada. Na realidade, o risco da empresa havia passado, embora o negro estivesse a sessenta ou setenta pés do solo.

- Pra donde devo i agora, sinhô Will? - perguntou ele.

- Vá subindo pelo galho mais grosso, o daquele lado - disse Legrand.O negro obedeceu-lhe prontamente e, ao que parece, sem muita dificuldade, subindo cada vez mais alto, até que não se conseguia vislumbrar seu vulto agachado, através da densa folhagem que o tocava. Nesse momento, ouviu-se sua voz, numa espécie de grito.

- Até onde eu tenho de assubi ainda?

- A que altura você está? - perguntou Legrand.

- Tão arto, tão arto - replicou o negro - que tou podendo vê o céu pelo arto da arve.

- Não se preocupe com o céu, mas preste atenção ao que eu digo. Olhe para o tronco embaixo e conte os galhos abaixo de você, desse lado. Quantos galhos você passou?

- Um, dois, treis, quatro, cinco. . . Passei cinco gaios grandes desse lado sinhô.

- Então, suba um galho mais alto.Em poucos minutos ouviu-se novamente a voz, anunciando que galho fora atingido.

- Agora, Jup - gritou Legrand, evidentemente bastante excitado. - Quero que você vá andando por esse galho, até onde puder. Se vir qualquer coisa estranha, diga-me.

Desta vez, qualquer pequena dúvida que eu pudesse ainda entreter a respeito da insanidade de meu pobre amigo foi, por fim, desfeita. Não tinha outra alternativa senão concluir que ele estava atacado de loucura e fiquei seriamente ansioso por fazê-lo voltar à casa. Enquanto ponderava sobre o que seria melhor, ouviu-se de novo a voz de Júpiter.

- Tou com muito medo de me arriscá nesse gaio mais longe. Ela tá quage todo podre.

- Você está dizendo que é um galho podre, Júpiter? - gritou Legrand, com voz trêmula.

- Nhô, sim. Tá podre que nem uma tranca véia. Podrinho da Sirva. Não tá prestano mais pra nada.

- Em nome do céu, que devo fazer? - perguntou Legrand, demonstrando o maior desespero.

- Que fazer? - disse eu, alegre por encontrar uma oportunidade de intercalar uma palavra. - Ora, ir para casa e deitar-se.

- Vamos embora! Não seja teimoso! Está ficando tarde, e além disso não deve esquecer-se de sua promessa.

- Júpiter! - gritou ele, sem me dar nenhuma atenção. - Está me ouvindo?

- Nhô, sim, sinhô Will, tou escuitando o sinhô muito bem.

- Experimente, então, o galho com seu canivete e veja se está muito podre.

- Ele tá podre, sinhô, e muito mesmo - replicou o negro, em poucos momentos. Mas num tá tão podre como devia tá. Eu sozinho, posso me arriscá mais um bocado pelo gaio.

- Você sozinho? Que é que você quer dizer?

- Ora, tou falano do escarvéio. Ele é muito pesado. Se eu soltasse ele primeiro, então o gaio não ia se quebrá, só com o peso de um nego.

- Velhaco dos infernos! - gritou Legrand, aparentemente muito aliviado. - Que é que você está pensando para falar uma asneira dessas? Se você soltar esse escaravelho, palavra que lhe quebro o pescoço. Escute aqui Júpiter. Você está-me ouvindo?

- Tou sim, sinhô. Num é preciso gritá pro pobre nego desse jeito.

- Bem, então escute! Se você se arriscar pelo galho, até onde puder chegar sem perigo, e não soltar o escaravelho, eu lhe darei um dólar de prata de presente logo que você descer.

- Tou ino, sinhô Will.. . Tá feito - replicou o negro, bem depressa. Tou agora quage na pontinha!

- Na ponta! gritou satisfeito Legrand. - Você diz que está na ponta desse galho?

- Tou chegando no fim, sinhô... ooooooooooooh! Vala-me Deus! Que é isso aqui em cima da arve?

- Bem! - gritou Legrand, altamente satisfeito. - Que é? Uai! Pra mim isso é uma caveira! Arguém deixô a cabeça dele aqui em riba da arve e os corvo comero tudo quanto era pedaço de carne.

- Uma caveira, foi o que você disse? Muito bem!... Como é que ela está presa no galho? Que é que a segura?

- Sei não, sinhô. Vô espiá. Tá-i, palavra que é uma coisa muito esquisita... Tem um prego enorme na caveira, pregando ela na arve.

- Bem. Agora, Júpiter, faça exatamente como eu vou dizer

- Sim, sinhô.

- Preste atenção, então. Procure o olho esquerdo da caveira

- Humm! Humm! Tá bem! Mas ela num tem ôio esquerdo nenhum!

- Maldita estupidez! Você não sabe distinguir sua mão direita da esquerda?

- Sei. Isso eu sei... Sei muito bem... é com a mão esquerda; que eu racho a lenha.

- Muito bem. Você é canhoto. E seu olho esquerdo está do mesmo lado de sua mão esquerda. Acho que agora você já sabe achar o olho esquerdo da caveira ou o lugar onde ele estava. Achou?

Houve um prolongado intervalo. Por fim o negro falou:

- O ôio esquerdo da caveira tá também do mesmo lado da mão esquerda dela? E purque a caveira não tem nem um pedacinho de mão nenhuma... Num faz mal! Achei o ôio esquerdo agora . Tá aqui o ôio esquerdo. Que é que eu vô fazê cum ele?

- Deixe o escaravelho cair por dentro dele, até onde o barbante der mas tenha cuidado e não largue o barbante.

- Tá tudo pronto, sinhô Will. Foi muito fácil pô o escarvéio no buraco. Óia ele lá embaixo!

Durante essa conversa, nenhuma parte do corpo de Júpiter podia ser vista; mas o escaravelho, que ele fizera descer, era agora visível na ponta do cordel e cintilava, como um globo de ouro brunido, aos últimos raios do sol poente, alguns dos quais ainda iluminavam debilmente o cume sobre que nos achávamos. O scarabaeus pendia inteiramente livre de quaisquer galhos e, se deixado cair, tombaria aos nossos pés.

Legrand imediatamente tomou da foice e limpou com um espaço circular, de três ou quatro jardas de diâmetro, bem por baixo do inseto. E, tendo feito isso, ordenou a Júpiter que e soltasse o barbante e descesse da árvore.

Fincando uma cunha, com grande cuidado, no lugar preciso em que o escaravelho caiu, meu amigo tirou então do bolso uma fita métrica. Amarrando uma ponta da mesma ao ponto da árvore que estava mais próxima da cunha, desenrolou-a até alcançar a cunha e tornou a desenrolá-la, na direção já estabelecida pelos dois pontos da cunha e da árvore, pela distância de cinqüenta pés. Júpiter ia limpando as sarças com a foice. No lugar

assim atingido, foi cravada segunda cavilha e em volta desta, como centro, traçou ele um círculo grosseiro, de cerca de quatro pés de diâmetro. Apanhando então uma pá e dando uma a Júpiter e a outra a mim, Legrand pediu-nos que cavássemos tão depressa quanto possível.

Para falar verdade, eu nunca tive predileção por tal divertimento, em tempo algum, e naquele momento particular de boa-vontade teria recusado, pois a noite ia chegando e me achava muito fatigado com o exercício já feito. Mas não vi jeito de escapar e temia eu turbar a serenidade de meu pobre amigo com uma recusa. Se eu, de fato, pudesse confiar na ajuda de Júpiter, não teria hesitado em tentar carregar o lunático para casa, à força; mas conhecia demasiado bem a disposição de ânimo do velho negro para crer que ele me ajudaria, sob quaisquer circunstâncias, numa disputa pessoal com seu patrão.

Não tinha dúvida de que este último era vítima de alguma das inúmeras superstições meridionais acerca de ouro enterrado e de que tal fantasia recebera confirmação pela descoberta do scarabaeus, ou, talvez, pela obstinação de Júpiter em asseverar que era "um escarvéio de ouro de verdade". Um espírito disposto à loucura seria facilmente conduzido por semelhantes sugestões, especialmente se as mesmas se harmonizassem com idéias favoráveis e preconcebidas. Recordei-me, então, da conversa do coitado acerca de ser o escaravelho "o indício de sua fortuna". Por causa de tudo isso eu me sentia tristemente aborrecido e incomodado, mas afinal resolvi fazer do mal um bem e cavar com boa-vontade, para que assim o visionário se convencesse mais cedo, pela demonstração de seus olhos, da inutilidade das opiniões que entretinha.

Acesas as lanternas, entregamo-nos ao trabalho com um zelo digno de causa mais tradicional; e ao cair o clarão sobre nossas pessoas e objetos, não pude deixar de pensar no grupo pitoresco que compúnhamos e quão estranhas e suspeitas nossas ações deveriam parecer a qualquer intruso que, por acaso, pudesse surgir onde nos achávamos.

Cavamos bem firmemente, durante duas horas. Pouca coisa se disse. E nosso embaraço principal estava nos latidos do cachorro, que tomava especial interesse em nossa tarefa. Afinal, ele se tornou tão impertinente que tivemos receio de que desse o alarme algum desgarrado que andasse nas vizinhanças. Ou, antes, esse era o temor de Legrand, pois eu me sentiria alegre com qualquer interrupção que me permitisse levar o alucinado para casa. O barulho, por fim foi muito eficazmente silenciado por Júpiter, que, saindo do buraco com um ar carrancudo de resolução, amarrou a cabeça do bicho com um de seus suspensórios e depois voltou, com um risinho sério à sua tarefa.

Quando o tempo mencionado expirara, alcançáramos uma profundidade de cinco pés e, contudo, nenhum sinal de qualquer tesouro se manifestara. Seguiu-se uma pausa geral e comecei a esperar que a farsa estivesse no fim. Legrand, contudo, embora evidentemente muito desapontado, enxugou a testa, pensativo, e recomeçou. Caváramos todo o círculo de quatro pés de diâmetro e agora, pouco a pouco, alargávamos o limite, chegando a cavar mais de dois pés de profundidade.

Nada apareceu, todavia. O procurador de ouro, de quem eu sinceramente me apiedava, pulou afinal do buraco, com mais amargo desaponto impresso em todos os traços do rosto, pôs-se, vagarosa e relutantemente, a vestir o paletó que atirara fora ao começar o serviço. Entrementes, eu não fiz qualquer observação.

Júpiter, a um sinal do patrão, começou a juntar as ferramentas.Feito isso e desamordaçado o cachorro, voltamos para casa, em profundo silêncio.Déramos, talvez, doze passos nessa direção, quando, com um alto palavrão, Legrand saltou sobre Júpiter e agarrou-o pelo pescoço. O negro, atônito, abriu os olhos e a boca até onde foi possível soltou as pás e caiu de joelhos.

- Vagabundo! - disse Legrand, sibilando as sílabas, por entre dentes cerrados. - Negro dos diabos! Fale, estou-lhe dizendo! Responda-me neste instante, sem querer enganar-me! Qual é... qual é seu olho esquerdo?

- Oh, meu Deus! Sinhô Will! Então num é este aqui meu ôio, esquerdo? - grunhiu o terrificado Júpiter, colocando a mão sob o órgão direito da visão e conservando-a ali, com desesperada pertinácia, como se temesse uma tentativa imediata de seu patrão para arrancá-lo.

- Bem eu pensei! Eu sabia disso! Viva! - vociferou Legran soltando o negro e executando uma série de piruetas e cambalhotas, para grande espanto do criado, que, erguendo-se de sobre os joelhos, olhava, mudo, de seu patrão para mim e de mim para seu patrão.

- Venham! Precisamos voltar! - disse este último. - A partida não foi perdida ainda.E de novo caminhou para o tulipeiro.

- Júpiter, - disse ele, - quando o acompanhamos. - Venha cá! A caveira estava pregada ao galho com a face para fora ou com a face para o ramo?

- A cara tava pra fora, sinhô, e assim os corvo pudero chegá bem nos óio, sem trabáio nenhum.

- Bem. Então foi por este olho ou por aquele que você deixou cair o escaravelho? - e aí Legrand apontou para cada um dos olhos de Júpiter.

- Foi por este ôio, sinhô... O ôio esquerdo... certinho como o sinhô me disse - e aí era o olho direito o que o negro indicava.

- Pois vamos! Devemos tentá-lo de novo.

Aí meu amigo, em cuja loucura agora eu via, ou imaginava ver, alguns indícios de método, removeu a cavilha que marcava o lugar onde o escaravelho caiu para um lugar cerca de três polegadas para oeste de sua primitiva posição. Tomando, depois, a fita métrica do ponto mais próximo do tronco até a cavilha, como antes, e continuando a estendê-la em linha reta até a distância de cinqüenta pés, foi indicado um lugar afastado várias jardas do ponto em que tínhamos estado cavando.

Em torno da nova posição, um círculo, um tanto maior do que no caso anterior, foi agora traçado e nós de novo pusemo-nos a trabalhar com a pá. Eu estava terrivelmente cansado; mas, mal compreendendo o que havia causado a mudança em meus pensamentos, não sentia mais nenhuma grande aversão pelo trabalho imposto. Tinha-me tornado mais inexplicavelmente interessado, e não só, até mesmo excitado. Talvez houvesse algo, em meio de todas as atitudes extravagantes de Legrand, certo ar de previsão, ou de decisão, me impressionava.

Cavei com afinco e, de vez em quando, me surpreendia realmente aguardando, com algo que muito se assemelhava à expectativa, o imaginado tesouro, cuja visão havia dementado meu infeliz companheiro. Ao tempo em que tais devaneios de pensamento maiormente se apoderaram de mim e quando já estávamos a trabalhar talvez uma hora e meia, fomos de novo interrompidos pelos violentos latidos do cão. Sua inquietação, no primeiro caso, tinha sido, evidentemente, apenas o resultado de brincadeira, capricho; mas agora assumia um tom mais amargo e sério. À nova tentativa de Júpiter para amordaçá-lo, ele ofereceu furiosa resistência e, pulando para dentro do buraco, começou a cavar a terra freneticamente, com as patas. Em poucos segundos, tinha descoberto um

monte de ossos humanos, formando dois esqueletos completos, entremeados de vários botões de metal e do que parecia ser poeira de lã apodrecida. Uma das pazadas puseram a descobrir a lamina de uma faca espanhola e, ao cavarmos mais fundo, três ou quatro moedas de ouro e de prata vieram a lume.

À vista delas, a alegria de Júpiter mal pôde ser contida, mas a fisionomia de seu patrão apresentava um ar de extremo desaponto. Insistiu conosco, porém, a que continuássemos nossos esforços e mal as palavras acabavam de ser pronunciadas, eu cambaleei para a frente, tendo enfiado a ponta de minha bota num anel de ferro que jazia semi-enterrado na terra solta.

Trabalhávamos, agora, com verdadeira ânsia e nunca passei minutos de mais intensa excitação. Durante este intervalo, havíamos completamente desenterrado uma arca oblonga, de madeira que, pela sua perfeita conservação e maravilhosa resistência, evidenciava plenamente ter sido sujeita a algum processo de mineralização , talvez o do bicloreto de mercúrio. Esta caixa tinha três pés e meio de comprimento, três pés de largura e dois e meio de altura. Estava firmemente fechada por aros de ferro fundido, com ferros formando uma espécie de grade em volta da arca. De cada lado da caixa, perto da tampa, havia três anéis de ferro, seis ao todo, por meio dos quais seis pessoas poderiam agarrá-la com firmeza. Reunidos os nossos maiores esforços, mal pudemos afastar o cofre um pouquinho no seu leito. Percebemos imediatamente a impossibilidade de levantar tão grande peso. Felizmente, as únicas trancas da tampa consistiam em dois ferrolhos corrediços, que puxamos para trás, tremendo e vacilando de ansiedade.

No mesmo instante, tivemos ali, cintilando diante de nossos olhos, um tesouro de incalculável valor. Como os raios de luz das lanternas caíssem dentro do poço, deste subiam, irradiando, uma incandescência e um resplendor provindos dum confuso montão de ouro e de jóias, que nos deslumbravam completamente a vista.

Não pretenderei descrever os sentimentos que de mim se apossaram ao contemplar aquilo. Predominava, sem dúvida, o espanto. Legrand parecia exausto e dizia muito poucas palavras. A fisionomia de Júpiter apresentou, por alguns minutos, a palidez mortal que é possível, na ordem natural das coisas, um rosto de negro exibir. Parecia estupefato, siderado. Logo em seguida ajoelhado dentro do buraco e, mergulhando os braços, nus ate os cotovelos, no ouro, ali deixou-os ficar, como se gozasse a volúpia dum banho. Por fim, com um profundo suspiro, exclamou, se falasse sozinho:

- E tudo isso vem do escarvéio de ouro! Do bunito escaravéio de ouro! O coitado do escarveinho de ouro que eu tanto descompus, chamei tanto nome feio! Ocê num tem vergonha disso não seu nego? Vamos, me arresponda!

Tornou-se necessário, por fim, que eu despertasse tanto o patrão como o criado, chamando-lhes a atenção para a urgência de remover o tesouro. Estava ficando tarde, e era conveniente que desenvolvêssemos certa atividade para ter tudo aquilo em casa antes do amanhecer. Difícil foi combinarmos o que deveríamos fazer, e muito tempo perdemos a decidir-nos, tão confusas eram as idéias de todos nós. Finalmente, aliviamos o peso da caixa, removendo dois terços de seu conteúdo, e só então fomos capazes, com algum esforço de tirá-lo do buraco.

Os objetos retirados foram depositados entre as sarças, ficando o cachorro a guardá-los, com estritas ordens de Júpiter para , sob nenhum pretexto, nem se afastar do lugar nem abrir a boca até voltarmos. Então, apressadamente, rumamos para casa com a arca, tendo alcançado a cabana a salvo, mas depois de excessivo esforço, a uma hora da manhã. Esgotados como estávamos, ultrapassava as forças humanas fazer mais alguma coisa imediatamente. Descansamos até às duas horas e ceamos, partindo para as colinas

logo depois, munidos de três resistentes sacos que havíamos encontrado, por felicidade, na cabana. Um pouco antes das quatro, chegamos ao buraco, dividimos o restante da presa, o mais igualmente possível, entre nós, e, deixando os buracos abertos, e de novo partimos para a cabana, na qual, pela segunda vez, depositamos nossas cargas de ouro, justamente quando os primeiros e fracos raios da madrugada apareciam a leste, luzindo por cima das copas das árvores.

Sentíamo-nos, agora, completamente esgotados, mas a intensa excitação daquele instante nos impedia de repousar. Depois dum sono inquieto dumas três ou quatro horas de duração, despertamos, como se o houvéssemos combinado, para proceder ao exame do nosso tesouro.

A arca fora cheia até as bordas e passamos o dia inteiro e grande parte da noite inventariando seu conteúdo. Nenhuma ordem ou arranjo fora adotada. Tudo fora amontoado misturadamente. Depois de tudo classificado com cuidado, achamo-nos de posse duma riqueza muito mais vasta do que a princípio supuséramos. Em moedas, havia mais, muito mais, de quatrocentos e cinqüenta mil dólares, estimando o valor do dinheiro, tão acuradamente como podíamos, de acordo com as tabelas da época. Não havia uma partícula de prata. Tudo era ouro de antiga data e de grande variedade: moedas francesas, espanholas e alemãs, com alguns guinéus ingleses e uns tantos miúdos, de que jamais havíamos visto modelos antes.

Havia muitas moedas bem grandes e pesadas, tão gastas que nada se podia vislumbrar de suas inscrições. Não havia dinheiro americano. Mais dificuldade encontrávamos em avaliar o valor das jóias. Haviam diamantes, alguns deles excessivamente grandes e belos, cento e dez ao todo , e nenhum pequeno; dezoito rubis de notável brilho; trezentas e dez esmeraldas, todas lindíssimas, e vinte e uma safiras, além de uma opala. Essas pedras tinham sido, todas, arrancadas de seus engates e atiradas de qualquer modo à arca. Os próprios engates que retiramos de entre outras peças de ouro pareciam ter sido batidos com martelos, como para impedir a identificação. Além de tudo isso, havia uma enorme quantidade de pesados ornamentos de ouro, quase duzentos brincos e anéis maciços; ricas correntes, em número de trinta, se bem me lembro; oitenta e três crucifixos muito grandes e pesados; cinco turíbulos de ouro de grande valor, uma maravilhosa poncheira de ouro, ornamentada com folhas de parreira ricamente cinzeladas e figuras báquicas; dois punhos de espada, caprichosamente gravados em relevo, e muitos outros objetos. menores, de que não me posso lembrar. O peso desses excedia de trezentas e cinqüenta libras, bem pesadas; e nessa avaliação eu não incluí cento e noventa e sete soberbos relógios de ouro, três dos quais valiam, cada um, quinhentos dólares, no mínimo. Muitos deles eram muito velhos e, para marcar o tempo, inúteis, pois o mecanismo sofrera, muito ou pouco, com a corrosão, mas eram todos ricamente cravejados de pedras, estando em estojos de alto preço.

Calculamos, naquela noite, que o inteiro conteúdo da arca valia um milhão e meio de dólares; e quando, depois, dispusemos dos berloques e jóias (retendo poucas para nosso uso próprio verificamos haver grandemente subestimado o tesouro. Ao concluir, por fim, nosso exame, diminuída de alguma intensa excitação daquelas horas, Legrand, que viu que eu morria de impaciência, esperando uma solução desse extraordinário enigma, passou a detalhar, completamente, todas as circunstâncias relacionadas com ele.

- Você se lembra - disse ele - da noite em que eu lhe entreguei o tosco desenho que fizera do scarabaeus. Você se recorda também, de que eu fiquei completamente zangado com você, de sua insistência de que meu desenho se assemelhava a uma caveira? Quando você pela primeira vez fez essa afirmativa, pensei que estivesse brincando; mas depois recordei as manchas características nas costas do inseto e concordei comigo mesmo em que sua observação tinha, de fato, alguma base. Contudo, a zombaria de minhas

capacidades gráficas me irritou, pois sou considerado um bom artista, portanto, quando você me restituiu o pedaço de pergaminho, estive a ponto de rasgá-lo e atirá-lo, com raiva, ao fogo.

- O pedaço de papel, quer dizer - disse eu.

- Não, ele era muito parecido com o papel e, a princípio supus que fosse isso, mas quando fui desenhar nele verifiquei que era um pedaço de pergaminho muito fino. Você dsse que estava inteiramente sujo? Bem, quando eu estava a amarrotá-lo meu olhar caiu sobre o esboço para que você estivera olhando e você pode imaginar meu espanto quando, de fato, percebi a figura de uma caveira no mesmo lugar, pareceu-me, em que eu desenho do escaravelho. Por um momento fiquei demasiado atônito para pensar com clareza. Sabia que meu desenho era, em detalhes, muito diverso daquele, embora houvesse uma certa semelhança no contorno geral. Tomei então de uma vela e, sentando-me no outro canto do quarto, comecei a examinar o pergaminho mais perto. Depois de virá-lo, vi meu próprio desenho no verso, tal o havia feito. Minha primeira idéia, então, foi a de simples surpresa pela similaridade de contorno realmente notável e pela sua singular coincidência envolvida no fato, para mim desconhecido, de que houvesse um crânio no outro lado do pergaminho, bem por trás de meu desenho do scarabaeur, e de que esse crânio, não só contorno, mas no tamanho, tão estreitamente se assemelhasse a meu desenho.

Digo que a similaridade dessa coincidência me deixou estupefato por algum tempo. Tal é o efeito comum de coincidências tais. A mente luta para estabelecer uma relação, uma seqüência de causa e efeito e, sendo incapaz de fazê-lo, experimenta uma espécie de paralisia temporária. Mas quando voltei a mim desse estupor, irrompeu em mim uma convicção, pouco a pouco, que me espantou mais do que a coincidência. Comecei distintamente, positivamente, a recordar que não havia desenho algum sobre o pergaminho quando fiz o esboço do escaravelho.

Fiquei perfeitamente certo disso, porque me lembrava de ter virado primeiro um lado e depois o outro, à procura do lugar mais limpo. Se o crânio tivesse estado ali, sem dúvida eu não podia ter deixado de notá-lo. Ali estava , de fato, um mistério que achei impossível explicar; mas mesmo naquele primeiro momento, pareceu-me cintilar, fracamente, no mais íntimo e secreto recanto de minha inteligência a larva de uma concepção daquela verdade de que a ventura da noite passada nos trouxe magnífica demonstração. Ergui-me logo e, guardando o pergaminho com cuidado, transferi toda reflexão ulterior para quando estivesse só.

Quando você saiu, e quando Júpiter estava já bem adormecido, entreguei-me a uma investigação mais metódica do assunto. Em primeiro lugar, considerei a maneira pela qual o pergaminho veio cair em meu poder. O lugar onde descobrimos o escaravelho era na costa do continente, a cerca de uma milha para leste da ilha, e apenas a curta distância acima da marca da maré alta. Quando o agarrei ele me deu uma aguda picada, o que me fez deixá-lo cair. Júpiter com sua precaução costumeira, antes de agarrar o inseto que voara para o lado dele, procurou em volta uma folha, ou algo semelhante, com que apanhá-lo.

Foi nesse momento que seus olhos e também os meus, caíram sobre o pedaço de pergaminho, que então supus ser papel. Ele estava meio enterrado na areia com uma ponta aparecendo. Perto do lugar onde o encontramos , observei os restos do casco do que parecia ter sido uma baleeira de navio. As ruínas pareciam estar ali desde muito tempo, pois nas madeiras mal se podia vislumbrar a aparência de um bote.

Bem, Júpiter apanhou o pergaminho, envolveu nele o escaravelho e deu- mo. Logo depois voltamos para casa e, no caminho, encontramos o Tenente G***.

Mostrei-lhe o inseto e ele me pediu que o deixasse levá-lo ao forte. Tendo o meu consentimento, colocou-o em seguida no bolso do colete, sem o pergaminho em que estivera enrolado e que eu continuara a ter na mão durante o tempo em que ele inspecionava o animal. Talvez receasse que eu mudasse de idéia e achasse melhor assegurar-se da presa imediatamente; você sabe quão entusiasta ele é em todos os assuntos relacionados com a História Natural. Ao mesmo tempo, sem notar o que fazia, eu devo ter cocado o pergaminho em meu próprio bolso.

Você se lembra de que, quando fui à mesa para o fim de fazer um esboço do escaravelho, não encontrei papel onde era ele habitualmente guardado. Procurei na gaveta e também nada achei. Revistei os bolsos, esperando encontrar uma velha carta, quando minha mão caiu sobre o pergaminho. Pormenorizo assim o modo preciso pelo qual este caiu em meu poder porque as circunstâncias impressionaram com força especial.

Não duvido de que você me achará um sonhador. Mas eu já estabelecera uma espécie de relação. Ajuntara dois elos de uma grande cadeia. Havia um bote jazendo sobre a costa marítima e não longe do bote, havia um pergaminho - não um papel - um crânio pintado nele. Você naturalmente perguntará: onde está a relação? Replico que o crânio, ou caveira, é o muito conhecido emblema dos piratas. A bandeira da caveira é içada em todas as suas empresas.

Já disse que aquele pedaço era de pergaminho e não de papel. O pergaminho é durável, quase imperecível. Raramente se confiam ao pergaminho coisas de pequena importância, visto como, para os simples fins ordinários do desenho ou da escrita, ele não se presta tão bem como o papel.

Essa reflexão sugeria algum significado, algum propósito na caveira. Não deixei de observar, também a forma do pergaminho. Embora um de seus cantos tivesse sido destruído por algum acidente, podia-se ver que a forma primitiva era quadrangular. Era justamente um pedaço, de fato, tal como poderia ter sido escolhido para uma nota, para o registro de alguma que devia ser prolongadamente lembrada e cuidadosamente preservada.

- Mas - interrompi -, você disse que o crânio não estava no pergaminho quando fez o desenho do escaravelho. Como, então traça alguma relação entre o bote e o crânio, desde que este último de acordo com o que você mesmo admitiu, deve ter sido desenhado (só Deus sabe como e por quem) em algum período subseqüente
ao de seu esboço do escaravelho?

- Ah, aí é que todo o mistério se resolve, embora, nesse ponto eu tivesse relativamente pouca dificuldade em resolver o segredo. Meus passos eram certos e eu só podia atingir um resultado. Raciocinei, por exemplo, assim: Quando desenhei o escaravelho, não aparecia crânio algum no pergaminho. Ao terminar o desenho, passei-o a você e observei-o acuradamente, até que você o devolveu. Você portanto, não desenhou o crânio e não se achava presente mais ninguém para fazê-lo. Logo, não fora feito por meios humano não obstante, fora feito.

Nesse ponto de minhas reflexões, esforcei-me por lembrar e lembrei, com inteira exatidão, todos os incidentes que correram por volta do período em apreço. O tempo estava frio (oh! Raro e feliz acaso!) e o fogo ardia na lareira. Eu me achava aquecido pelo exercício e sentei-me perto da mesa. Você, porém, puxara uma cadeira para perto da chaminé. Logo que coloquei o pergaminho em suas mãos, e que você estava a ponto de examiná-lo, Lobo, o meu terra-nova, entrou e pulou sobre seus ombros. Com a esquerda você lhe fez festas e com a direita, que segurava o pergaminho, caiu descuidadamente entre os seus joelhos,

bem perto do fogo. Em um momento pensei que as chamas o atingissem e estava quase a avisá-lo quando, antes que tivesse podido falar, você o retirou e entregou-se a examiná-lo.

Quando considerei todos esses pormenores, não duvidei um só momento de que o calor fora o agente que trouxera à luz, no pergaminho, o crânio que eu vira desenhado nele.

Você bem sabe que existem preparados químicos, e sempre existiram desde tempos imemoriais, por meio dos quais é possível escrever sobre papel ou velino, de modo que os caracteres só se tornem visíveis quando submetidos à ação do fogo. O óxido impuro de cobalto, dissolvido em água régia e diluído em quatro vezes o seu peso de água, é às vezes empregado; resulta uma tinta verde. O régulo de cobalto, dissolvido em espírito de nitro, dá uma tinta vermelha. Tais cores desaparecem em intervalos maiores ou menores, depois de efetuada a escrita, com o frio, reaparecem de novo, após a aplicação de calor.

Examinei então a caveira com cuidado. A borda exterior, a borda do desenho mais perto da ponta do velino, era bem mais distinta do que o resto. Claro estava que a ação do calórico fora imperfeita, ou desigual. Acendi fogo imediatamente e submeti todas as partes do pergaminho a um calor ardente. A princípio, o único efeito foi acentuar as linhas fracas do crânio; mas, perseverando na experiência ficou visível, num canto da faixa, diagonalmente, em oposição ao lugar em que se delineara a caveira, a figura do que, a princípio, supus ser uma cabra. Um exame mais acurado, contudo, demonstrou -me que se tratava de um cabrito.

- Ah! Ah! - disse eu. - Sem dúvida não tenho o direito de rir de você. Um milhão e meio em dinheiro é coisa muito séria para brincadeiras. Mas você não vai querer estabelecer um terceiro elo em sua cadeia. Você não vai achar uma relação especial entre seus piratas e uma cabra. Os piratas, como você sabe, não têm nada com as cabras; elas pertencem aos interesses dos fazendeiros.

- Mas eu acabo de dizer que a figura não era a de uma cabra...

- Bem, que seja de um cabrito... é mais ou menos a mesma coisa.

- Mais ou menos, mas não inteiramente - disse Legrand. - Você deve ter ouvido falar num tal Capitão Kidd. Pela minha parte, considerei logo a figura do animal como espécie de assinatura figurada ou hieroglífica. Digo assinatura porque sua posição no velino sugeriu essa idéia. A caveira no canto diagonalmente oposto tinha do mesmo modo, o aspecto de um sinete, ou selo. Mas fiquei tristemente perturbado com a ausência de mais qualquer coisa, de um corpo para meu imaginado documento, do texto de meu contexto.

- Presumo que você esperava encontrar uma carta entre o sinete e a assinatura. Algo dessa espécie.

- O fato é que me sentia irresistível impressionado com um pressentimento de alguma vasta e boa fortuna pendente. Mal posso dizer porque talvez, afinal de contas, fosse antes um desejo que uma crença real. Mas sabe você que as tolas palavras de Júpiter acerca de ser o escaravelho feito de ouro maciço tiveram notável efeito sobre minha imaginação? E, depois, a de acasos e coincidências. . . eram todos tão extraordinários! Observe! como, por simples acaso, esses acontecimentos ocorreram no único dia do ano que foi, ou podia ser, suficientemente frio para que acendêssemos fogo, e sem esse fogo, sem a intervenção do cão no momento preciso em que ele apareceu, eu nunca saberia da existência dessa caveira e, assim, nunca seria o possuidor do tesouro.

- Mas, continue. . . estou impaciente.

- Bem, você naturalmente já ouviu as muitas estórias que correm, esses mil boatos vagos que circulam acerca de dinheiro enterrado em algum ponto da costa atlântica por Kidd e seus associados. Tais boatos devem ter tido alguma base na realidade. E o fato de que eles tenham existido tanto e tão continuamente só podia ter resultado, pareceu-me, da circunstância de que o tesouro enterrado ainda permanecia sepulto. Tivesse Kidd escondido sua pilhagem por algum tempo, retirando-a depois, tais boatos raramente poderiam ter-nos alcançado na sua forma presente e invariável.

- Observe as estórias que se contam são, todas, sobre procuradores de dinheiro e não acerca de achadores de dinheiro. Se o pirata tivesse recuperado seu dinheiro, a questão estaria encerrada. Parece-me que aí algum acidente - digamos a perda de uma nota indicando o local - o privou dos meios de recuperar o tesouro e que esse acidente se tornou conhecido de seus comparsas, que de outro modo nunca poderiam ter ouvido falar, em absoluto, que o tesouro tivesse sido escondido, e que, empregando-se em tentativas inúteis, porque sem guia para reavê-lo, deram origem, primeiramente, e depois divulgação universal, aos relatos que agora são tão comuns. Você já ouviu falar que algum tesouro importante tenha sido desenterrado longo da costa?

- Nunca.

- Mas é bem sabido que a fortuna acumulada por Kidd era imensa.Tomei como certo, portanto, que a terra ainda a conservava escondida. E você mal se surpreenderá se lhe disser que senti uma esperança, quase chegando à certeza, de que o pergaminho estranhamente encontrado encerrasse o registro perdido do lugar do depósito.

- Mas como você continuou?

- Levei de novo o velino ao fogo, depois de aumentar o calor mas nada apareceu; julguei então possível que a cobertura de sujo podia ter alguma relação com o fracasso; assim, limpei cuidadosamente o pergaminho, derramando água quente sobre ele, e, tendo feito isso, coloquei-o numa caçarola de cobre com o crânio para baixo, e pus a caçarola sobre um fogão com carvão em brasa. Em poucos minutos a caçarola ficou inteiramente aquecida e removi a folha que, com indizível alegria, encontrei salpicada, em diversos com o que me pareceu serem figuras arrumadas em linhas. Coloquei-a de novo na caçarola e deixei que lá ficasse outro minuto. Depois de tirá-la, tudo estava tal como você agora vê.

- E aí Legrand, aquecendo de novo o pergaminho, entregou-o a meu exame. Entre a caveira e a cabra estavam toscamente traçados, em tinta vermelha, os seguintes sinais:

.53% % + 305))6*; 4826)4% >4%); 806*; 48+8&60))85; 1%(;:%*8+83(88)5*+; 46(;
88*96*?; 8)*%(; 485); 5*+2:*%(; 4956 *2(5*-4)8&8*; 4069285);)6+8)4%%; 1;(%9;
48081; 8:8%1; 481;48+85:4)485+528806*81(%9; 48; (88; 4(%?34; 48)4%;
161;:188;%?;

- Mas - disse eu, entregando-lhe a folha -, estou no escuro como antes. Esperassem-me todas as jóias de Golconda em troca da solução desse enigma e tenho plena certeza de que seria incapaz de ganhá-las.

- E contudo- falou Legrand a solução de modo algum é tão difícil como você poderia ser levado a imaginar após o primeiro exame apressado dos caracteres. Esses caracteres, como qualquer pessoa pode prontamente verificar, formam uma cifra, isto é, encerram um significado; mas segundo o que se conhece de Kidd, eu não podia supô-lo capaz de compor qualquer espécie de cifra muito complicada. Achei, imediatamente, que esta era duma espécie simples, tal, entretanto, que para a inteligência rude do marinheiro devesse

parecer absolutamente insolúvel, sem a chave. E você realmente a decifrou? Com toda a facilidade. Já decifrei outras, dez mil vezes mais complicadas. Certas circunstâncias e certas tendências do espírito levaram-me a interessar-me por semelhantes enigmas e pode-se bem duvidar de que a engenhosidade humana consiga compor um enigma dessa espécie, que a engenhosidade humana não possa decifrar, graças a uma aplicação adequada. De fato, uma vez que tenha eu arranjado caracteres unidos e legíveis, mal ligo importância à simples dificuldade de descobrir-lhe a significação.

- No caso presente - e na verdade em todos os casos de escrita secreta - a primeira questão diz respeito à língua da cifra, pois os princípios de solução, particularmente quando se trata das cifras mais simples, dependem do gênio de cada idioma e podem por isso variar. Em geral não há outra alternativa para quem tenta a decifração, senão experimentar (dirigido pelas probabilidades) cada língua conhecida até que a verdadeira seja encontrada. Mas nesta cifra que temos aqui diante de nós, toda a dificuldade foi removida, graças à assinatura. O trocadilho com a palavra "Kidd" só é perceptível na língua inglesa. Sem esta consideração, teria eu começado minhas tentativas com o espanhol e o francês, como línguas em que um segredo desta espécie deveria ter sido naturalmente escrito por um pirata dos mares espanhóis. Mas no caso presente, presumi que a cifra estivesse em inglês.

- Você há de notar que não existem divisões entre as palavra. Se as houvesse, a tarefa teria sido relativamente fácil. Em tal caso teria eu começado por fazer uma comparação e análise das palavras mais curtas e, se tivesse encontrado, como é sempre provável uma palavra duma só letra a (um) ou I (eu), por exemplo, haveria considerado a solução como garantida. Mas, não havendo divisões meu primeiro passo foi averiguar quais as letras dominantes, como as menos freqüentes.

Contando todas, construí a seguinte tábua:

O algarismo 8 ocorre 33 vezes
O sinal ; ocorre 26 vezes
O algarismo 4 ocorre 1 9 vezes
O sinal % ocorre 16 vezes
O sinal) ocorre 16 vezes
O sinal * ocorre 13 vezes
O algarismo 5 ocorre 12 vezes
O algarismo 6 ocorre 11 vezes
O sinal (ocorre 10 vezes
O sinal + ocorre 8 vezes
O algarismo 1 ocorre 8 vezes
O algarismo 0 ocorre 6 vezes
O algarismo 9 ocorre 5 vezes
O algarismo 2 ocorre 5 vezes
O sinal : ocorre 4 vezes
O algarismo 3 ocorre 4 vezes
O sinal ? ocorre 3 vezes
O sinal & ocorre 2 vezes
O sinal - ocorre 1 vezes
O sinal . ocorre 1 vezes

- Ora, em inglês a letra que maisse encontra é o e. As demais ocorrem na seguinte ordem: a o i d h n r s t u y cf g l m w b k p q x z. O e é tão singularmente predominante que raras são as frases, de certo tamanho, em que não seja ele a letra principal.Temos, pois, aqui, logo no começo, uma base para algo mais do que uma simples conjetura. É evidente o uso geral que se pode fazer dessa tábua, mas para esta cifra particular só mui reduzidamente nos utilizaremos de seu concurso. Como o algarismo predominante é o 8, começaremos

por atribuir-lhe o valor de e, do alfabeto natural. Para verificar essa suposição, observemos se o 8 aí aparece muitas vezes aos pares, pois o e se duplica, com grande freqüência, em inglês: como, por exemplo, nas palavras meet, fleet, speed, seen, been, agree, etc. No caso presente, vemo-lo duplicada não menos de cinco vezes, embora o criptograma seja curto.

Admitamos, pois, que o 8 seja O e. Ora, de todas as palavras da língua, the é a mais usual. Vejamos, portanto, se não há repetições e três caracteres na mesma ordem de colocação, sendo o 8 o último dos três. Se descobrirmos repetições de tais letras arranjadas desta forma, elas representarão, mui provavelmente, a palavra THE. Examinando-se, encontramos não menos de sete dessas combinações; sendo os caracteres; 48. Podemos, portanto, supor que ; representa t, 4 representa h e 8 representa e, estando este último bem confirmado. De modo que um grande passo já foi dado. Tendo determinado uma única palavra, estamos capacitados a determinar um ponto vastamente importante, isto é, muitos começos e fins de outras palavras. Vejamos, por exemplo, o penúltimo que a combinação ;48 ocorre quase no fim da cifra. Sabemos que o sinal ; que vem logo depois é o começo de uma palavra dos seis caracteres que seguem este the conhecemos não menos de cinco. Substituamos, pois, estes caracteres pelas letras que já sabemos que eles representam, deixando um espaço para o que não conhecemos:t eeth.

Aqui já estamos habilitados a descartar-nos do th, como não formando parte da palavra que começa pelo primeiro t, pois que temos experimentando sucessivamente todas as letras do alfabeto para preencher a lacuna, que nenhuma palavra pode ser formada em que apareça esse th. Estamos, assim, limitados at ee,e percorrendo todo o alfabeto, se necessário, como antes, chegamos à palavra tree (árvore) como a única possivelmente certa. Ganhamos assim outra letra, o r, representada por (, e mais duas palavras justapostas, the tree (a árvore).Um pouco além destas palavras, a custa distância, vemos de novo a combinação; 48, e dela nos utilizamos como terminação da que imediatamente a precede. E assim temos este arranjo:the tree ;4(% ?34 the,ou, substituindo pelas letras reais os sinais conhecidos, lê-se assim:the tree thr% ?3h the.

Ora, se em vez dos caracteres desconhecidos, deixarmos espaços em branco ou pontos que os substituam, leremos isto:the tree thr.The,a palavra through se torna imediatamente evidente. Mas esta coberta dá-nos três novas letras: o, u e g, representadas por % e 3.Procurando agora, cuidadosamente, na cifra, combinações de caracteres conhecidos, descobrimos, não muito longe do princípio, disposição:83(88, ou seja, egree. Isto é, claramente, a conclusão da palavra degree (grau) e dá-nos outra letra, o d, representada por +.Quatro letras além da palavra degree notamos a combinação46; 88.

Traduzindo os caracteres conhecidos e representando os desconhecidos por pontos, como antes, vemos o seguinte:th rtee,combinação que sugere imediatamente a palavra trirteen (treze de novo nos fornece dois novos caracteres: i e n, representados respectivamente, por 6 e *.Voltando agora ao princípio do criptograma, observamos a combinação53%%+.

Traduzindo-a como antes, obtemos good.

Isso nos certifica de que a primeira letra é A e as primeiras palavras são: A good. É tempo,então, de organizar nossa chave com o já descoberto, em forma de uma tábua, para evitar confusões. Tê-la-emos assim:

5	representa	a
+	representa	d
8	representa	e
3	representa	g
4	representa	h

6 representa i
* representa n
% representa o
(representa r
; representa t
? representa u

- Temos, portanto, nada menos de onze das mais importantes letras representadas e será desnecessário continuar com os detalhes desta solução. Já lhe disse o bastante para convencê-lo de que as cifras desta natureza são facilmente solúveis e para dar-lhe alguma idéia da análise racional que serve para desenvolvê-las. Mas fique certo de que o espécime presente pertence às mais simples espécies de criptogramas. Agora só resta dar-lhe a tradução completa dos caracteres do pergaminho, depois de decifrados. Aqui está ela:

“A goad glass in the bishap's hastel in the devil’s seat forty one degrees and thirteen minutes northeast and by north main branch seventh limb east side shoot from the left eye of the death's-head a bee line from the tree through the shot fifty feet out.”.

- Mas - disse eu - o enigma parece ainda em tão ma situação como antes. Como é possível extrair um significado dessa trapalhada toda de “cadeira do diabo", “caveira" e "hotel do bispo" ?
(Um bom vidro no hotel do bispo na cadeira do diabo quarenta e um graus e treze minutos nordeste quadrante norte tronco principal sétimo galho lado leste atirai do olho esquerdo da caveira uma linha de abelha da arvore através o tiro cinqüenta pés distante.N. T.)

- Mas - disse eu - o enigma parece ainda em tão ma situação como antes. Como é possível extrair um significado dessa trapalhada toda de “cadeira do diabo", “caveira" e "hotel do bispo" ?

- Confesso - replicou Legrand - que a questão ainda apresenta um aspecto sério, quando encarada de modo superficial. Minha primeira tentativa foi dividir a sentença nas divisões naturais, pretendidas pelo autor da cifra.

- Pontuá-la, quer dizer?

- Mais ou menos isso.

- Mas como era possível fazê-lo?

- Refleti que o autor fizera questão de amontoar as palavras sem separá-las, para aumentar a dificuldade da tradução. Ora, um homem não demasiado esperto, ao objetivar tal resultado, quase certamente iria além do devido. Quando, no decorrer de sua escrita, a uma parada do assunto, que naturalmente requereria uma pausa ou mesmo um ponto, ele seria mais do que capaz de amontoar as letras nesse lugar, mais do que nas junções anteriores. Se você observar o manuscrito aqui presente, facilmente observará cinco casos de ajuntamento incomum. Partindo dessa sugestão, fiz a divisão seguinte:

A goad glass in the bishap's hastel in the devil’s seat - forty one degrees and thirteen minutes -
northeast and by north - main branch seventh limb east side - shoot from the left eye of the death's-head
a bee line from the tree through the shot fifty feet out

[Um bom vidro no hotel do bispo na cadeira do diabo - quarenta e um graus e treze minutos nordeste quadrante norte - tronco principal sétimo galho lado leste - atirai do olho esquerdo da caveira - uma linha de abelha da árvore através o tiro cinqüenta pés distante. N. T.)

-Mesmo esta divisão - falei - ainda me deixa no escuro.

- Também me deixou no escuro - replicou Legrand - por poucos dias, durante os quais fiz diligentes pesquisas nas vizinhanças de Sullivan, procurando algum edifício que tivesse o nome de " hotel do bispo", pois, naturalmente, não me inquietei com a palavra arcaica hostel. Não obtendo qualquer informação a respeito, estava a ponto de estender meu campo de pesquisa e proceder de modo mais sistematizado, quando, certa manhã, tive a bem súbita, de que esse "hotel do bispo" podia referir-se a antiga família Bessop, que, desde tempos remotíssimos, possuía mansão antiga a cerca de quatro milhas a nordeste da ilha.

Em conseqüência, fui até a fazenda e renovei minhas pesquisas entre os mais velhos negros do lugar. Afinal, uma das mulheres mais idosas disse que ouvira falar de um lugar tal como Bessop's Castle (Castelo de Bessop) e achou que me podia levar ao lugar, mas que não se tratava de um castelo nem de uma taverna, mas de um rochedo elevado.

Ofereci-lhe boa paga pelo trabalho e, depois de alguma hesitação, consentiu em acompanhar-me ao local. Encontrando-o sem grande dificuldade, mandei-a de volta e passei a examinar o lugar. O "castelo" consistia num conjunto irregular de penhascos e rochedos, sendo um destes últimos muito digno de nota, por sua altura, bem como por sua aparência isolada e artificial. Subi a seu cume e fiquei sem saber o que devia fazer em seguida.

- Enquanto me ocupava em tal reflexão, caíram meus olhos sobre uma saliência estreita, na face ocidental do rochedo, uma jarda talvez por baixo do cimo em que me achava. Essa saliência projetava-se cerca de dezoito polegadas e não tinha mais de um pé de largura; um nicho no penhasco dava-lhe tosca semelhança como uma das cadeiras de encosto côncavo usadas por nossos antepassados.

- Não duvidei de que ali se achava a "cadeira do diabo" que aludia o documento e pareceu-me então apreender todo o segredo do enigma.

- O "bom vidro", sabia eu, apenas podia referir-se a um binóculo, pois a palavra glass (vidro) é raramente empregada em outro sentido pelos marinheiros. Logo vi, então, que se devia usar um binóculo, de um ponto de visão definido, não admitindo variação. Não hesitei em acreditar que as frases "quarenta e um graus e treze minutos" e "nordeste quadrante norte" deveriam ser direções para colocação do binóculo. Grandemente excitado por essas descobertas apressei-me em voltar à casa, apanhei um binóculo e regressei ao rochedo.

- Coloquei-me na saliência e verifiquei que era impossível ficar sentado, a não ser uma posição especial. Esse fato confirmou minha idéia preconcebida. Passei a usar o binóculo. Naturalmente, "quarenta e um graus e treze minutos" só podiam aludir à elevação acima do horizonte visual, pois a direção horizontal estava claramente indicada pelas palavras "nordeste quadrante norte. Estabeleci imediatamente esta última direção, por meio de uma bússola de bolso; depois, apontando o binóculo a um ângulo de cerca de quarenta e um graus de elevação, como podia calcular por experiência, movi-o cautelosamente para cima e para baixo, até minha atenção foi detida por uma fenda circular, ou abertura, na folhagem de uma grande árvore, que, à distância, dominava suas companheiras. No

centro dessa abertura percebi um ponto branco mas a princípio não pude distinguir de que se tratava. Ajustei o foco do binóculo, olhei de novo e verifiquei então que era crânio humano.

Depois desta descoberta, eu estava confiante em considerar o enigma resolvido, pois a frase "tronco principal, sétimo galho, lado leste" só se podia referir à posição do crânio na árvore, enquanto que "atirai do olho esquerdo da caveira" também apenas admitia uma interpretação em relação à busca do tesouro enterrado. Percebi que a intenção era de lançar uma bala através do olho esquerdo do crânio e que uma 'linha de abelha", ou, em outras palavras uma linha reta, tirada do ponto mais próximo da árvore através "do tiro", ou o lugar onde a bala caísse, e daí estendida a uma distância de cinqüenta pés, indicaria um ponto definido. E por baixo desse ponto considerei como pelo menos possível que estivesse oculto um depósito de valor.

- Tudo isso disse - é excessivamente claro e, embora engenhoso, simples e explícito. Que fez você depois de deixar o " hotel do bispo"?

- Ora , tendo cuidadosamente tomado nota da aparência da arvore, voltei para casa. Logo, porém, que deixei a "cadeira do bispo" a abertura circular desapareceu. Não pude vê-la mais depois, embora me virasse para trás. O que pareceu a principal perícia, em todo esse negócio, foi o fato (pois repetidas experiências me convenceram de que era um fato) de que a abertura circular em questão não é visível de qualquer ponto de visão que se possa alcançar, a não ser o que permite a estreita saliência na face do rochedo. Nessa expedição ao "hotel do bispo", fora eu auxiliado por Júpiter, sem dúvida, observara, nas semanas anteriores, minha atitudes de abstração, tomando especial cuidado em não me deixar só. Mas no dia seguinte, levantando-me muito cedo, escapuli dele e fui às colinas, à procura da árvore. Depois de muito pesquisar, encontrei-a .

- Quando voltei para casa, à noite, meu criado estava resolvido a dar-me uma surra. Do resto das aventuras creio que você sabe como eu.

- Suponho - disse - que você errou o lugar, na primeira tentativa de cavar, por causa da estupidez de Júpiter, deixando o escaravelho cair pelo olho direito, em vez de pelo olho esquerdo do crânio

- Perfeitamente. Esse engano produziu uma diferença de cerca polegadas e meia no "tiro", isto é, na posição da cavilha mais próxima da árvore; e se o tesouro estivesse por baixo do "tiro" o erro teria sido de pouca importância; mas o "tiro", bem como o ponto mais próximo da árvore eram simplesmente dois pontos para o estabelecimento de uma linha de direção. Naturalmente o erro, embora trivial no começo, aumentava à medida que continuava com a linha e, ao completarmos os cinqüenta pés, ficamos inteiramente fora da direção. Não fossem minhas impressões solidificadas de que o tesouro estava ali realmente enterrado, em alguma parte, poderíamos ter perdido em vão todo o nosso trabalho.

- Mas sua grandiloqüência, sua conduta ao balançar o escaravelho... estavam enormemente extravagantes! Eu ficara certo de você enlouquecera. E por que você insistiu em deixar cair o escaravelho, em vez de uma bala, pelo crânio?

- Ora, para ser franco, eu me sentia algo aborrecido com suas evidentes suspeitas, relativamente à minha sanidade mental e resolvi castigá-los calmamente ao meu próprio jeito, com um pouquinho de calculada mistificação. Por esse motivo balancei o escaravelho, e por essa razão fiz com que fosse atirado da árvore observação sua sobre o grande peso dele sugeriu-me essa idéia.

- Sim, percebo! E agora só há um ponto que me embaraça. Que significam os esqueletos encontrados no buraco?

- Essa é uma pergunta a que não sou mais capaz de responder do que você. Parece, contudo, haver apenas um meio plausivel de explicar o caso. . . e, entretanto, é terrível acreditar em atrocidades tal como a implicada em minha hipótese. E claro que Kidd, (se na verdade Kidd escondeu esse tesouro, coisa de que não duvido)claro que ele deve ter sido auxiliado nesse trabalho. Concluído, porém, o serviço, pode ter ele considerado prudente fazer desaparecer todos os que participavam de seu segredo. Talvez um par de golpes com uma picareta, fosse suficiente, enquanto seus ajudantes se ocupavam em cavar; talvez fossem necessários doze. . . Quem sabe?

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA – CONTOS DE TERROR, MISTÉRIO E MORTE

O GATO PRETO

Para a muito estranha embora muito familiar narrativa que estou a escrever, não espero nem solicito crédito. Louco, em verdade, seria eu para esperá-lo, num caso em que meus próprios sentidos rejeitam seu próprio testemunho. Contudo, louco não sou e com toda a certeza não estou sonhando. Mas amanhã morrerei e hoje quero aliviar minha alma. Meu imediato propósito é apresentar ao mundo, plena, sucintamente e sem comentários, uma série de simples acontecimentos domésticos. Pelas suas conseqüências, estes acontecimentos, me aterrorizam, me torturaram e me aniquilaram. Entretanto, não tentarei explicá-los. Para mim, apenas se apresentam cheios de horror. Para muitos, parecerão menos terríveis do que grotescos. Mais tarde, talvez, alguma inteligência se encontre que reduza meu fantasma a um lugar comum, alguma inteligência mais calma, mais lógica, menos excitável do que a minha e que perceberá nas circunstâncias que pormenorizo com terror apenas a vulgar sucessão de causas e efeitos, bastante naturais.

Salientei-me desde a infância, pela docilidade e humanidade de meu caráter. Minha ternura de coração era mesmo tão notável que fazia de mim motivo de troça de meus companheiros. Gostava de modo especial de animais e meus pais permitiam que eu possuísse grande variedade de bichos favoritos. Gastava com eles a maior parte do meu tempo e nunca me sentia tão feliz como quando lhes dava comida e os acariciava. Esta particularidade de caráter aumentou com o meu crescimento e, na idade adulta, dela extraia uma de minhas principais fontes de prazer. Àqueles que tem dedicado a afeição a um cão fiel e inteligente pouca dificuldade tenho em explicar a natureza ou a intensidade da recompensa que daí deriva. Há qualquer coisa no amor sem egoísmo e abnegado de um animal que atinge diretamente o coração de quem tem tido freqüentes ocasiões de experimentar a amizade mesquinha e a fidelidade frágil do simples Homem.

Casei-me ainda moço e tive a felicidade de encontrar em minha mulher um caráter adequado ao meu. Observando minhas predileções pelos animais domésticos, não perdia ela a oportunidade de procurar os das espécies mais agradáveis. Tínhamos pássaros, peixes dourados, um lindo cão, coelhos, um macaquinho e um gato. Este último era um belo animal, notavelmente grande, todo preto e de uma sagacidade de espantar. Ao falar da inteligência dele, mulher que no íntimo não tinha nem um pouco de superstição, fazia freqüentes alusões à antiga crença popular que olhava todos os gatos pretos como feiticeiras disfarçadas. Não que ela se mostrasse jamais séria preocupação a respeito desse ponto, e eu só menciono isso final, pelo simples fato de, justamente agora, ter-me vindo à lembrança.

Plutão - assim se chamava o gato - era o meu preferido e companheiro. Só eu lhe dava de comer e ele me acompanhava por toda a parte da casa, por onde eu andasse. Era mesmo com dificuldade que eu conseguia impedi-lo de acompanhar-me pelas ruas. Nossa amizade durou, desta maneira, muitos anos, nos quais , meu temperamento geral e meu

caráter - graças à diabólica esperança - tinham sofrido (coro de confessá-lo) radical alteração para pior. Tornava-me dia a dia mais taciturno, mais irritável, mais descuidoso dos sentimentos alheios. Permiti me mesmo usar linguagem brutal para com minha mulher. Por fim, cheguei mesmo a usar de violência corporal. Meus bichos, sem dúvida, tiveram que sofrer essa mudança de meu caráter. Não somente descuidei-me deles, como os maltratava.

Quanto a Plutão, porém, tinha para com ele, ainda, suficiente consideração que me impedia de maltratá-lo, ao passo que não tinha escrúpulos em maltratar os coelhos, o macaco ou mesmo o cachorro, quando, por acaso ou por afeto, se atravessavam em meu caminho. Meu mal, contudo, aumentava, pois que outro mal se pode comparar ao álcool?

E, por fim, até mesmo Plutão, que estava agora ficando velho e, em conseqüência, um tanto impertinente, até mesmo Plutão começou a experimentar do meu mau temperamento.

Certa noite, de volta a casa, bastante embriagado, de uma das tascas dos subúrbios, supus que o gato evitava minha presença. Agarrei-o, mas, nisto, amedrontado com a minha violência ele me deu uma leve dentada na mão. Uma fúria diabólica apossou-se instantaneamente de mim. Cheguei a desconhecer-me. Parecia que alma original me havia abandonado de repente o corpo e uma maldade mais do que satânica, saturada de álcool, fazia vibrar todas as fibras de meu corpo. Tirei do bolso do colete um canivete, abri, agarrei o pobre animal pela garganta e, deliberadamente, arranquei-lhe um dos olhos da órbita! Coro, abraso-me, estremeço ao narrar a condenável atrocidade.

Quando, com a manhã, me voltou a razão, quando, com o sono desfiz os fumos da noite de orgia, experimentei uma sensação meio de horror, meio de remorso pelo crime de que me tornara culpado. Mas era, quando muito, uma sensação fraca e equívoca e a alma permanecia insensível. De novo mergulhei em excessos e logo afoguei no vinho toda a lembrança do meu ato.

Enquanto isso o gato, pouco a pouco, foi sarando. A órbita do olho arrancado tinha, é verdade, uma horrível aparência, mas ele parecia não sofrer mais nenhuma dor. Andava pela casa como de costume, mas, como era de esperar, fugia com extremo terror a minha aproximação. Restava-me ainda bastante de meu antigo coração, para que me magoasse, a princípio, aquela evidente aversão por parte de uma criatura que tinha sido outrora tão amada por mim. Mas esse sentimento em breve deu lugar à irritação. E então apareceu, como para minha queda final e irrevogável, o espírito de perversidade. Desse espírito não cuida a filosofia. Entretanto, tenho menos certeza da existência de minha alma do que de ser essa perversidade um dos impulsos primitivos do coração humano, uma das indivisíveis faculdades primárias, ou sentimentos, que dão direção ao caráter do homem.

Quem não se achou centenas de vezes a cometer um ato vil ou estúpido, sem outra razão senão a de saber que não devia cometê-lo ? Não temos nós uma perpétua inclinação apesar de nosso melhor bom-senso, para violar o que é a lei, pelo simples fato de compreendermos que ela é a Lei? O espírito de perversidade, repito, veio a causar, minha derrocada final. Foi esse anelo insondável da alma, de torturar-se a si próprio, de violentar a sua própria natureza, de praticar o mal que pelo mal, que me levou a continuar e, por fim, a consumar a tortura que já havia infringido ao inofensivo animal.

Certa manhã, a sangue-frio, enrolei em seu pescoço e enforquei-o no ramo de uma árvore, enforquei-o com as lágrimas jorrando-me dos olhos e com o mais amargo remorso no coração. Enforquei-o porque sabia que ele me tinha amado e porque sentia que ele não me tinha dado razão para ofendê-lo. Enforquei-o porque sabia que, assim fazendo, estava

cometendo um pecado, um pecado mortal, que iria pôr em perigo a minha alma imortal, colocando-a - se tal coisa fosse possível - mesmo fora do alcance da infinita misericórdia do mais misericordioso terrível Deus.

Na noite do dia no qual pratiquei essa crudelíssima façanha fui despertado do sono pelos gritos de: "Fogo!" As cortinas de minha cama estavam em chamas. A casa inteira ardia. Foi com grande dificuldade que minha mulher, uma criada e eu mesmo conseguimos escapar ao incêndio. A destruição foi completa. Toda a minha fortuna foi tragada, e entreguei-me desde então ao desespero.

Não tenho a fraqueza de buscar estabelecer uma relação de causa e efeito entre o desastre e a atrocidade, mas estou relatando um encadeamento de fatos e não desejo que nem mesmo um possível elo seja negligenciado. Visitei os escombros no dia seguinte ao incêndio. Todas as paredes tinham caído, exceto uma, e esta era de um aposento interno, não muito grossa, que se situava mais ou menos no meio da casa e contra a qual permanecera a cabeceira de minha cama. O estuque havia, em grande parte, resistido ali à ação do fogo, fato que atribui a ter sido ele recentemente colocado. Em torno dessa parede reuniu-se compacta multidão e muitas pessoas pareciam estar examinando certa parte especial dela, com uma atenção muito ávida e minuciosa. As palavras "estranho, singular!" e expressões semelhantes excitaram minha curiosidade. Aproximei-me e vi, como se gravada em baixo-relevo sobre a superfície branca, a figura de um gato gigantesco. A imagem fora reproduzida com uma nitidez verdadeiramente maravilhosa. Havia uma corda em redor do pescoço do animal.

Ao dar, a princípio, com essa aparição, pois não podia deixar de considerá-la senão isso - meu espanto e meu terror foram extremos. Mas, afinal, a reflexão veio em meu auxilio. O gato, lembrava-me, tinha sido enforcado num jardim, junto da casa. Ao alarme de fogo, esse jardim se enchera imediatamente de povo e alguém deve ter cortado a corda que prendia o animal à árvore e o lançara por uma janela aberta dentro de meu quarto. Isto fora provavelmente feito com o propósito de despertar-me. A queda de outras paredes tinha comprimido a vítima de minha crueldade de encontro à massa do estuque, colocado de pouco, cuja cal, com as chamas e o amoníaco do cadáver, traçara então a imagem tal como a vimos.

Embora assim prontamente procurasse satisfazer a minha razão, senão de todo a minha consciência, a respeito do surpreendente fato que acabo de narrar, nem por isso deixou ele de causar profunda impressão na minha imaginação. Durante meses, eu não me pude libertar do fantasma do gato e, nesse período, voltava-me ao espírito um vago sentimento que parecia remorso, mas não era. Cheguei a ponto de lamentar a perda do animal e de procurar, entre as tascas ordinárias que eu agora habitualmente freqüentava, outro bicho da mesma espécie e de aparência um tanto semelhante com que substituí-lo.

Certa noite, sentado, meio embrutecido, num antro mais que infame, minha atenção foi de súbito atraída para uma coisa preta que repousava em cima de um dos imensos barris de genebra ou de rum que constituíam a principal mobília da sala. Estivera a olhar fixamente para o alto daquele barril, durante alguns minutos, e o que agora me causava surpresa era o fato de que não houvesse percebido mais cedo a tal coisa ali situada.

Aproximei-me e toquei-a com a mão um gato preto, um gato bem grande, tão grande como Plutão, e totalmente semelhante a ele, exceto em um ponto. Plutão não tinha pêlos brancos em parte alguma do corpo, mas este gato tinha uma grande, embora imprecisa, mancha branca cobrindo quase toda a região do peito.

Logo que o toquei, ele imediatamente se levantou, ronronou alto, esfregou-se contra minha mão e pareceu satisfeito com o meu carinho. Era pois, aquela a criatura mesma

que eu procurava. Imediatamente, tentei comprá-lo ao taverneiro, mas este disse que não lhe pertencia o animal, nada sabia a seu respeito e nunca o vira antes.

Continuei minhas carícias, e, quando me preparei para voltar para casa, o animal deu mostras de querer acompanhar-me. Deixei que assim o fizesse, curvando-me, às vezes, e dando-lhe palmadinhas, enquanto seguia. Ao chegar à casa, ele imediatamente se familiarizou com ela e se tornou desde logo grande favorito de minha mulher.

De minha parte, depressa comecei a sentir despertar-se em mim antipatia contra ele. Isto era, precisamente, o reverso do que eu tinha previsto, mas - não sei como ou por quê - sua evidente amizade por mim antes me desgostava e aborrecia. Lenta e gradativamente esses sentimentos de desgosto e aborrecimento se transformaram na amargura do ódio. Evitava o animal; certa sensação de vergonha e a lembrança de minha antiga crueldade impediam-me de maltratá-lo fisicamente.

Durante algumas semanas abstive-me de bater-lhe ou de usar contra ele de qualquer outra violência; mas gradualmente, bem gradualmente, passei a encará-lo com indizível aversão e a esquivar-me, silenciosamente, à sua odiosa presença, como a um hálito pestilento.

O que aumentou sem dúvida meu ódio pelo animal foi a descoberta, na manhã seguinte à em que o trouxera para casa, de que como Plutão, fora também privado de um de seus olhos. Essa circunstância, porém, só fez aumentar o carinho de minha mulher por ele; ela, como já disse, possuía, em alto grau, aquela humanidade de sentimento que fora outrora o traço distintivo e a fonte de muitos dos meus mais simples e mais puros prazeres.

Com a minha aversão àquele gato, porém, sua predileção por mim parecia aumentar. Acompanhava meus passos com uma pertinácia que o leitor dificilmente compreenderá. Em qualquer parte onde me sentasse, enroscava-se ele debaixo de minha cadeira ou pulava sobre meus joelhos, cobrindo-me com suas carícias repugnantes. Se me levantava para andar, metia-se entre meus pés, quase a derrubar-me, ou cravando suas longas e agudas garras em minha roupa, subia dessa maneira até o meu peito. Nessas ocasiões, embora tivesse o desejo ardente de matá-lo com uma pancada, era impedido de fazê-lo, em parte por me lembrar de meu crime anterior mas, principalmente - devo confessá-lo sem demora -, por absoluto pavor do animal.

Esse pavor não era exatamente um pavor de mal físico e, contudo, não saberia como defini-lo de outra forma. Tenho quase vergonha de confessar - sim, mesmo nesta cela de criminoso, tenho quase vergonha de confessar que o terror e o horror que o animal me inspirava tinham sido aumentados por uma das mais simples quimeras que seria possível conceber. Minha mulher chamara mais de uma vez minha atenção para a natureza da marca de pêlo branco de que falei e que constituía a única diferença visível entre o animal estranho e o que eu havia matado. O leitor há de recordar-se que esta mancha, embora grande, fora a princípio de forma bem imprecisa. Mas por leves gradações, gradações quase imperceptíveis e que, durante muito tempo, a razão forcejou para rejeitar como imaginárias, tinha afinal assumido uma rigorosa precisão de contorno. Era agora a reprodução de um objeto que tremo em nomear e por isso, acima de tudo, eu detestava e temia o monstro e ter-me- ia livrado dele, se o ousasse. Era agora, digo, a imagem de uma coisa horrenda, de uma coisa apavorante. . . a imagem de uma forca! Oh, lúgubre e terrível máquina de horror e de crime, de agonia e de morte!

E então eu era em verdade um desgraçado, mais desgraçado que a própria desgraça humana. E um bronco animal, cujo companheiro eu tinha com desprezo destruído, um bronco animal preparava para mim - para mim, homem formado à imagem do Deus

Altíssimo - tanta angústia intolerável! Ai de mim! Nem de dia nem de noite era-me dado mais gozar a bênção do repouso! Durante o dia, o bicho não me deixava um só momento e, de noite, eu despertava, a cada instante, de sonhos de indizível pavor, para sentir o quente hálito daquela coisa no meu rosto e o seu enorme peso, encarnação de pesadelo, que eu não tinha forças para repelir, oprimindo eternamente o meu coração!

Sob a pressão de tormentos tais como estes, os fracos restos de bondade que haviam em mim sucumbiram. Meus únicos companheiros eram os maus pensamentos, os mais negros e maléficos pensamentos.O mau-humor de meu temperamento habitual aumentou, levando-me a odiar todas as coisas e toda a humanidade. Minha resignada esposa, porém, era a mais constante e mais paciente vítima das súbitas, freqüentes e indomáveis explosões de uma fúria a que eu agora me abandonava cegamente.

Certo dia ela me acompanhou, para alguma tarefa doméstica, até a adega do velho prédio que nossa pobreza nos compelira a ter de habitar. O gato desceu os degraus seguindo-me e quase me lançou ao chão, exasperando-me até a loucura. Erguendo um machado e esquecendo na minha cólera o medo pueril que tinha até ali sustido minha mão, descarreguei um golpe no animal, que teria, sem dúvida, sido instantaneamente fatal se eu o houvesse assestado como desejava.

Mas esse golpe foi detido pela mão de minha mulher. Espicaçado por esta essa intervenção, com uma raiva mais do que demoníaca, arranquei meu braço de sua mão e enterrei o machado no seu crânio. Ela caiu morta imediatamente, sem um gemido.

Executado tão horrendo crime, logo e com inteira decisão entreguei-me à tarefa de ocultar o corpo. Sabia que não podia removê-lo da casa nem de dia nem de noite, sem correr o risco de ser observado pelos vizinhos. Muitos projetos me atravessavam a mente. Em dado momento pensei em cortar o cadáver em pedaços miúdos e queimá-los. Em outro, resolvi cavar uma cova para ele no chão da adega. De novo, deliberei lançá-lo no poço do pátio, metê-lo num caixote, como uma mercadoria, com os cuidados usuais, e mandar um carregador retirá-lo da casa. Finalmente, detive-me no considerei um expediente bem melhor que qualquer um destes. Decidi emparedá-lo na adega, como se diz que os monges da Idade média emparedavam suas vítimas.

Para um objetivo semelhante estava a adega bem adaptada. Suas paredes eram de construção descuidada e tinham sido ultimamente recobertas, por completo, de um reboco grosseiro, cujo endurecimento a umidade da atmosfera impedira. Além disso, em uma das paredes havia uma saliência causada por uma falsa chaminé ou lareira que fora tapada para não se diferençar do resto da adega. Não tive dúvidas de que poderia prontamente retirar os tijolos naquele ponto, introduzir o cadáver e emparedar tudo como antes, de modo que olhar algum pudesse descobrir qualquer coisa suspeita. E não me enganei nesse cálculo. Por meio do um gancho, desalojei facilmente os tijolos e, tendo cuidadosamente depositado o corpo contra a parede interna, sustentei-o nessa posição, enquanto, com pequeno trabalho, repus toda a parede no seu estado primitivo. Tendo procurado argamassa, areia e fibra, com todas as precauções possíveis, preparei um estuque que não podia ser distinguido do antigo e com ele, cuidadosamente, recobri o novo entijolamento. Quando terminei, senti-me satisfeito por ver que tudo estava direito. A parede não apresentava a menor aparência de ter sido modificada. Fiz a limpeza do chão, com o mais minucioso cuidado. Olhei em torno com ar triunfal e disse a mim mesmo: "Aqui, pelo menos pois, meu trabalho não foi em vão!"

Tratei, em seguida, de procurar o animal que fora causa de tamanha desgraça, pois resolvera afinal decididamente matá-lo. Se tivesse podido encontrá-lo naquele instante, não poderia haver dúvida a respeito de sua sorte. Mas parecia que o manhoso animal

ficara alarmado com a violência de minha cólera anterior e evitava arrostar a minha raiva do momento.

É impossível descrever ou imaginar a profunda e abençoada sensação de alívio que a ausência da detestada criatura causava no meu íntimo. Não me apareceu durante a noite. E assim, por uma noite pelo menos, desde que ele havia entrado pela casa, dormi profunda e tranqüilamente. Sim, dormi, mesmo com o peso de uma morte na alma.

O segundo e o terceiro dia se passaram e, no entanto, o meu carrasco não apareceu. Mais uma vez respirei como um livre. Aterrorizado, o monstro abandonara a casa para sempre! Não mais o veria! Minha ventura era suprema! Muito pouco me perturbava a culpa de minha negra ação. Poucos interrogatórios foram feitos e tinham sido prontamente respondidos. Dera-se mesmo uma busca, mas, sem dúvida, nada foi encontrado. Considerava assegurada a minha futura felicidade.

No quarto dia depois do crime, chegou, bastante inesperadamente à casa um grupo de policiais, que procedeu de novo a investigação dos lugares. Confiando, porém, na impenetrabilidade do meu esconderijo, não senti o menor incômodo. Os agentes ordenaram-me que os acompanhasse em sua busca. Nenhum escaninho ou recanto deixaram inexplorado. Por fim, pela terceira ou quarta vez, desceram à adega. Nenhum músculo meu estremeceu. Meu coração batia calmamente, como o de quem dorme o sono da inocência. Caminhava pela adega de ponta a ponta; cruzei os braços no peito e passeava tranqüilo para lá e para cá. Os policiais ficaram inteiramente satisfeitos e prepararam-se para partir. O júbilo de coração era demasiado forte para ser contido. Ardia por dizer ao menos uma palavra, a modo de triunfo, e para tornar indubitavelmente segura a certeza neles de minha inculpabilidade.

- Senhores - disse, por fim, quando o grupo subia a escada - sinto-me encantado por ter desfeito suas suspeitas. Desejo a todos saúde e um pouco mais de cortesia. A propósito, cavalheiros, esta é uma casa muito bem construída. . . (no meu violento desejo de dizer alguma coisa com desembaraço, eu mal sabia o que ia falando). Posso afirmar que é uma casa excelentemente bem construída. Estas paredes.. . já vão indo, senhores?. . . estas paredes estão solidamente edificadas.Por simples frenesi de bravata, bati pesadamente com uma bengala que tinha na mão justamente naquela parte do entijolamento, por trás do qual estava o cadáver da mulher de meu coração.

Mas praza a Deus proteger-me e livrar-me das garras do demônio! Apenas mergulhou no silêncio a repercussão de minhas pancadas e logo respondeu-me uma voz do túmulo. Um gemido, a princípio velado e entrecortado como o soluçar de uma criança, que depois, rapidamente se avolumou, num grito prolongado, alto e contínuo, extremamente anormal e inumano, um urro, um guincho lamentoso, meio de horror e meio de triunfo, como só do Inferno se pode erguer a um tempo, das gargantas dos danados na sua agonia, e dos demônios que exultam na danação.

Loucura seria falar de meus próprios pensamentos. Desfalecendo, recuei até a parede oposta. Durante um minuto, o grupo que se achava na escada ficou imóvel, no paroxismo do medo e do pavor. Logo depois, uma dúzia de braços robustos se atarefava em desmantelar a parede. Ela caiu inteiriça. O cadáver, já grandemente decomposto, e manchado de coágulos de sangue, erguia-se, ereto, aos olhos dos espectadores. Sobre sua cabeça, com a boca vermelha escancarada, o olho solitário chispante, estava assentado o horrendo animal cuja astúcia me induzira ao crime e cuja voz delatora me havia apontado ao carrasco.

Eu havia emparedado o monstro no túmulo!

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA – CONTOS DE TERROR, MISTÉRIO E MORTE

O POÇO E O PÊNDULO

Impia tortorum longas hic turba furores
Sanguinis innocui, non satiata, aluit,
Sospite nuic patria, fracto nunc funeris antro,
Mors ubi dira fuit vita salusque patent.
(Quadra composta para os portões de um mercado a ser levantado no lugar do Clube dos Jacobinos, em Paris)

EU ESTAVA EXTENUADO, extenuado até a morte, por aquela longa agonia. E quando eles, afinal, me desacorrentaram e me foi permitido sentar, senti que ia perdendo os sentidos. A sentença, a terrÍvel sentença de morte, foi a última frase distintamente acentuada que me chegou aos ouvidos. Depois disto, o som das vozes dos inquisidores pareceu mergulhar num zumbido fantástico e vago. Trazia-me a alma a idéia de rotação, talvez por se associar, na imaginação, com a mó de uma roda de moinho. Mas isto durou apenas pouco tempo, pois logo nada mais ouvi. Contudo, durante algum tempo, eu via. . . porém com que terrível exagero! Eu via os lábios dos juízes vestidos de preto. Pareciam-me brancos, mais brancos do que as folhas de papel sobre as quais estou traçando estas palavras, e grotescamente delgados; mais adelgaçados ainda pela intensidade de sua expressão de firmeza, de imutável resolução, de desprezo pela dor humana. Eu via os decretos do que, para mim, representava o Destino saírem ainda daqueles lábios. Via-os torcerem-se, com uma frase letal. Via-os articularem as sílabas do meu nome, e estremecia por não ouvir nenhum som em seguida.

Via, também, durante alguns minutos de delirante horror, a ondulação leve e quase imperceptível dos panejamentos negros que cobriam as paredes da sala. E, depois, meu olhar caiu sobre as sete grandes tochas em cima da mesa. A princípio, elas tomaram o aspecto da Caridade e pareciam anjos brancos e esbeltos que me deviam salvar; mas depois, repentinamente, inundou-me o espírito uma náusea mais mortal e senti todas as fibras de meu corpo vibrarem como se eu tivesse tocado o fio de uma pilha galvânica, enquanto os vultos angélicos se tornavam espectros insignificantes como cabeças de chama, e via bem que deles não teria socorro. E, então, introduziu-se-me na imaginação, como rica nota musical, a do tranqüilo repouso que deveria haver na sepultura. Essa idéia chegou doce e furtivamente, e parece ter-se passado muito tempo até que pudesse ser completamente percebida. Mas, no momento mesmo em que o meu espírito começava. enfim, a sentir propriamente e a acarinhar essa idéia, os vultos dos juízes desapareceram, como por mágica, de minha frente; as altas tochas se foram reduzindo a nada; suas chamas se extinguiram por completo; o negror das trevas sobreveio. Todas as sensações

pareceram dar um louco e precipitado mergulho, como se a alma se afundasse no Hades. E o universo não foi mais do que noite, silêncio e imobilidade.

Eu tinha desmaiado. No entanto, não direi que havia perdido por completo a consciência. Não tentarei definir o que dela ainda permanecia, nem mesmo procurarei descrevê-lo. Todavia, nem tudo estava perdido . No sono mais profundo... não! No meio do delírio... não!. No desmaio... não! Na morte... não! Nem mesmo no túmulo tudo está perdido! De outra forma, não haveria imortalidade para o homem. Ao despertar do mais profundo sono, quebramos a teia delgada de algum sonho. Entretanto, um segundo depois, por mais fraca que tenha sido essa teia, não nos lembramos de ter sonhado. No voltar de um desmaio à vida, há duas fases: a primeira é o sentimento da existência mental ou espiritual; a segunda é o sentimento da existência física. Parece provável que, se, ao atingir a segunda fase, pudéssemos evocar as impressões da primeira, poderíamos encontrá-las ricas em recordações do abismo transposto. E esse abismo... que é? Como, pelo menos, distinguiremos suas sombras das sombras do túmulo?

Mas, se as impressões daquilo que denominei a primeira fase não são reevocadas à vontade, depois de longo intervalo não aparecem elas espontaneamente, enquanto indagamos, maravilhados, donde poderiam ter vindo? Aquele que nunca desmaiou é quem não descobre palácios estranhos e rostos esquisitamente familiares em brasas ardentes; é quem não percebe a flutuar, no meio do espaço, as tristes visões que a maioria não pode distinguir; é quem não medita sobre o perfume de alguma flor desconhecida; é quem não tem o cérebro perturbado pelo mistério de alguma melodia que, até então, jamais lhe detivera a atenção.

Entre as freqüentes e intensas tentativas de recordar, entre as lutas encarniçadas para recolher alguns vestígios daquele estado de aparente aniquilamento no qual a minha alma havia mergulhado, momentos houve em que eu sonhava em ser bem sucedido: houve períodos breves, bastante breves, em que evoquei recordações que a lúcida razão de uma época posterior me assegura relacionarem-se apenas, àquela condição de aparente inconsciência. Essas sombras de memória falam, indistintamente, de altas figuras que arrebatavam e carregavam em silêncio, para baixo. . . para baixo. . cada vez mais para baixo... até que uma horrível vertigem me oprimiu à simples idéia daquela descida sem fim.

Falam-me, também. de um vago horror no coração, por causa mesmo daquele sossego desnatural do coração. Depois, sobrevém uma sensação de súbita imobilidade em todas as coisas, como se aqueles que me transportavam (cortejo espectral) houvessem ultrapassado, na sua descida, os limites do ilimitado e se houvessem detido, vencidos pelo extremo cansaço da tarefa. Depois disso, reevoco a monotonia e a umidade, e depois tudo é loucura - a loucura de uma memória que se agita entre coisas repelentes. Bem de súbito voltaram à minha alma o movimento e o som: O tumultuoso movimento do coração e, aos meus ouvidos, o rumor de suas pancadas. Depois, uma pausa em que tudo desaparece.

Depois, novamente o som, o movimento e o tato - uma sensação formigante invadindo-me o corpo. Depois, a simples consciência da existência, sem pensamento, situação que durou muito tempo. Depois, bem de repente, o pensamento, um terror arrepiante, e um esforço ardente de compreender meu verdadeiro estado. Depois, um forte desejo de recair na insensibilidade. Depois, uma precipitada revivecência da alma e um esforço bem sucedido de mover-me. E agora, a plena lembrança do processo, dos juízes, dos panos negros, da sentença, do mal-estar, do desmaio. Por fim, inteiro esquecimento de tudo que se seguiu, de tudo que um dia mais tarde e acurados esforços me habilitaram a vagamente recordar.

Até aqui, não tinha aberto os olhos. Sentia que estava deitado de costas, desamarrado. Estendi a mão e ela caiu, pesadamente, sobre algo úmido e duro. Deixei que ela ficasse alguns minutos, enquanto me esforçava por adivinhar onde poderia estar e o que me acontecera. Desejava ardentemente, mas não o ousava, servir-me dos olhos.

Receava o primeiro olhar para os objetos que me cercavam. Não que eu temesse olhar para coisas horríveis, mas porque ia ficando aterrorizado, temendo que nada houvesse para ver. Por fim, com selvagem desespero no coração, abri rapidamente os olhos. Meus piores pensamentos foram, então, confirmados. Cercava-me o negror da noite eterna. Fiz um esforço para respirar. A espessa escuridão parecia oprimir-me e sufocar-me. A atmosfera estava intoleravelmente confinada. Conservei-me ainda quietamente deitado, fazendo esforços para exercitar minha razão. Recordei os processos inquisitoriais e tentei, a partir deste ponto, deduzir minha verdadeira posição. A sentença fora pronunciada e me parecia que bem longo intervalo de tempo havia, desde então, decorrido. Contudo, nem por um instante supus que estivesse realmente morto. Tal suposição a despeito do que lemos em romances, é completamente incompatível com a existência real. Mas, onde estava eu e em que situação me encontrava? Sabia que os condenados à morte pereciam, ordinariamente, em autos de fé, e se realizara um destes na mesma noite do dia do meu julgamento. Tinha eu sido reenviado para o meu calabouço à espera da próxima execução, que só se realizaria daí a muitos meses? Vi logo que não podia ser isto. As vítimas haviam sido requisitadas imediatamente. Além disso, meu cárcere, como todas as celas dos condenados em Toledo, tinha soalhos de pedra e a luz não era inteiramente excluída.

Uma terrível idéia lançou-me, de súbito, o sangue em torrentes ao coração e, durante breve tempo, mais uma vez recaí no meu estado de insensibilidade. Voltando a mim, pus-me de pé num salto, tremendo convulsivamente em todas as fibras. Estendi desordenadamente os braços acima e em torno de mim, em todas as direções . Não sentia nada. No entanto, temia dar um passo, no receio de embater-me com as paredes de um túmulo. Transpirava por todos os poros e o suor se detinha, em grossas e frias bagas, na minha fronte. A agonia da incerteza tornou-se, afinal, intolerável e, com cautela, movi-me para diante, com os braços estendidos. Meus olhos como que saltavam das órbitas, na esperança de apanhar algum débil raio de luz. Dei vários passos, mas tudo era ainda escuridão e vácuo. Respirei mais livremente. Parecia evidente que minha sorte não era, pelo menos, a mais horrenda.

E então, como continuasse ainda a caminhar, cautelosamente para diante, vieram-me, em tropel, à memória, mil vagos boatos a respeito dos horrores de Toledo. Narravam-se estranhas coisas dos calabouços, que eu sempre considerara como fábula, coisas no entanto, estranhas e demasiado espantosas para serem repetidas, a não ser num sussurro. Ter-me-iam deixado para morrer de fome no mundo subterrâneo das trevas? Ou que sorte, talvez mesmo mais terrível, me esperava? Conhecia muito bem o caráter de meus juízes para duvidar de que o resultado seria a morte, e morte de insólita acritude. O modo e a hora eram tudo o que me ocupava e me perturbava.

Minhas mãos estendidas encontraram. afinal, um sólido obstáculo. Era uma parede, que parecia construída de pedras, muito lisa, viscosa e fria. Fui acompanhando-a, caminhando com toda a cuidadosa desconfiança que certas narrativas antigas me haviam inspirado. Este processo, porém, não me proporcionava meios de verificar as dimensões de minha prisão, pois eu podia fazer-lhe o percurso e voltar ao ponto donde partira sem dar por isso, tão perfeitamente uniforme parecia a parede. Por isso é que procurei a faca que estava em meu bolso quando me levaram à sala inquisitorial, mas não a encontrei. Haviam trocado minhas roupas por uma camisola de sarja grosseira. Pensara em enfiar a lâmina em alguma pequena fenda da parede, de modo a identificar meu ponto de partida. A dificuldade, não obstante, era apenas trivial, embora na desordem de minha mente

parecesse a princípio insuperável. Rasguei uma parte do debrum da roupa e coloquei o fragmento bem estendido em um ângulo reto com a parede. Tateando meu caminho em prisão, não podia deixar de encontrar aquele trapo, ao completar o circuito. Assim, pelo menos, pensava eu, mas não tinha contado com a extensão da masmorra ou com minha própria fraqueza. O chão estava úmido e escorregadio. Caminhava cambaleante para a frente, durante algum tempo, quando tropecei e caí. Minha excessiva fadiga induziu-me a permanecer deitado e logo o sonho se apoderou de mim naquele estado.

Ao despertar e estender um braço achei, a meu lado, um pão e uma bilha de água. Estava demasiado exausto para refletir naquela circunstância, mas comi e bebi com avidez. Logo depois recomecei minha volta em torno da prisão e com bastante trabalho cheguei afinal , ao pedaço de sarja. Até o momento em que caí, havia contado cinqüenta e dois passos, e ao retomar meu caminho, contara quarenta e oito mais, até chegar ao trapo. Havia, pois, ao todo, uns cem passos, e admitindo dois passos para uma jarda, presumi que o calabouço teria umas cinqüenta jardas de circuito. Encontrara, porém, muitos ângulos na parede e, desse modo, não me era possível conjeturar qual fosse a forma do sepulcro, pois sepulcro não podia deixar eu de supor que era.

Não tinha grande interesse - nem certamente esperança - naquelas pesquisas mas uma vaga curiosidade me impelia a continuá-las. Deixando a parede, resolvi atravessar a área do recinto. A princípio procedi com extrema cautela, pois o chão, embora parecesse de material sólido, era traiçoeiro e lodoso. Afinal, porém, tomei coragem e não hesitei em caminhar com firmeza, tentando atravessar em linha tão reta quanto possível. Havia avançado uns dez passos ou doze passos desta maneira, quando o resto do debrum rasgado de minha roupa se enroscou em minhas pernas. Pisei nele e caí violentamente de bruços.

Na confusão que se seguiu à minha queda não apreendi uma circunstância um tanto surpreendente, que, contudo, poucos segundos depois, e enquanto jazia ainda prostrado, reteve minha atenção.Era o seguinte: meu queixo pousava sobre o chão da prisão, mas meus lábios e a parte superior de minha cabeça, embora parecesse em menor elevação que o queixo, nada tocavam. Ao mesmo tempo, minha testa parecia banhada dum vapor viscoso, e o cheiro característico de fungos podres subiu-me às narinas. Estendi o braço e descobri que havia caído à beira dum poço circular cuja extensão sem dúvida, não tinha meios de medir no momento.

Tateando a alvenaria justamente abaixo da borda, consegui deslocar um pequeno fragmento e deixei-o cair dentro do abismo e durante muitos segundos prestei ouvidos a suas repercussões ao bater de encontro aos lados da abertura, em sua queda. Por fim, ouvi um lúgubre mergulho na água, seguido de ruidosos ecos. No mesmo instante ouviu-se um som semelhante ao duma porta tão depressa aberta quão rapidamente fechada, acima de minha cabeça, enquanto um fraco clarão luzia, de repente, em meio da escuridão e com a mesma rapidez desaparecia.

Vi claramente o destino que me fora preparado e me congratulei com o acidente oportuno que me salvara. Um passo a mais antes de minha queda e o mundo não mais me veria. E a morte justamente evitada, era daquela mesma natureza que olhara como fabulosa e absurda nas estórias a respeito da Inquisição. Para as vítimas de sua tirania havia a escolha da morte: com suas mais cruéis agonias físicas, ou da morte com suas mais abomináveis torturas morais. Tinham reservado para mim esta última- O longo sofrimento havia relaxado meus nervos, a ponto de fazer-me tremer ao som de minha própria voz e me tornara, a todos os aspectos, material excelente para as espécies de tortura que me aguardavam.

Com os membros todos a tremer, arrepiei caminho, tateando até a parede, resolvido a perecer antes que arriscar-me aos terrores dos poços, que minha imaginação agora admitia que fossem muitos, espalhados em todas as direções, no calabouço. Em outras condições de pensamento, poderia ter tido a coragem de dar fim imediato às minhas desgraças deixando-me cair dentro de um daqueles abismos. Mas, então, era eu o mais completo dos covardes. Nem podia tão pouco, esquecer o que lera a respeito daqueles poços: que a súbita extinção da vida não estava incluída nos mais horrendos planos dos inquisidores.

A agitação do espírito conservou-me desperto por muitas horas, mas, afinal, mergulhei de novo no sono. Ao despertar, encontrei ao meu lado, como antes, um pão e uma bilha de água. Sede ardente me devorava e esvaziei a vasilha dum trago. Deveria estar com droga, porque, logo depois de beber, fui tomado dum torpor irresistível. Um sono profundo se apoderou de mim - sono semelhante ao da morte. Quanto tempo durou isso, não me é possível dizê-lo, mas, quando, uma vez mais, descerrei os olhos, os objetos que me cercavam estavam visíveis.

Graças a uma luz viva e sulfúrea, cuja origem não pude a princípio determinar, consegui verificar a extensão e o aspecto da prisão.Tinha-me enganado grandemente a respeito de seu tamanho. Todo o circuito de suas paredes não excedia de vinte e cinco jardas. Durante alguns minutos, este fato causou-me um mundo de inútil perturbação, inútil, de fato, porquanto que coisas havia de menor importância. Nas terríveis circunstâncias que me cercavam, por que me preocupavam as simples dimensões de minha masmorra? Mas minha alma interessava-se, com ardor, por bagatelas, e ocupei-me em tentar explicar o erro que havia cometido nas minhas medidas. A verdade, afinal, jorrou luminosa. Na minha primeira tentativa do exploração havia eu contado cinqüenta e dois passos até o momento em que cai. Deveria achar-me, então. à distância dum passo ou dois do pedaço da sarja. De fato, havia quase realizado o circuito da cava. Foi então que adormeci e, ao acordar, devo ter refeito o mesmo caminho, supondo assim, que a volta da prisão era quase o duplo do que é na realidade. Minha confusão do espírito impediu-me de observar que começara minha volta com a parede à esquerda e a acabara com a parede da direita.

Enganara-me, também, a respeito da forma do recinto. Ao tatear meu caminho descobrira muitos ângulos e daí deduzi a idéia de grande irregularidade. Tão poderoso é o efeito da escuridão absoluta sobre alguém que desperta do letargo ou do sono! Os ângulos eram apenas os de umas poucas e ligeiras depressões ou nichos a intervalos desiguais. A prisão era, em geral, quadrada. O que eu tinha tomado por alvenaria parecia, agora, ser ferro ou algum outro metal, em imensas chapas, cujas suturas ou juntas causavam aquelas depressões.

Toda a superfície daquele recinto metálico estava grosseiramente brochada com os horríveis e repulsivos emblemas a que a superstição sepulcral dos monges tem dado origem. Figuras de demônios, em atitudes ameaçadoras, com formas de esqueletos e outras imagens mais realisticamente apavorantes, se espalhavam por todas as paredes, manchando-as. Observei que os contornos daqueles monstros eram todos bem recortados, mas que as cores pareciam desbotadas e borradas por efeito, talvez, da atmosfera úmida. Notei, então, que o chão era de pedra. No centro, escancarava-se o poço circular de cujas fauces havia eu escapado; mas era o único que se achava no calabouço.

Vi tudo isto indistintamente e com bastante esforço, pois minha condição física tinha grandemente mudado durante meu sono. Encontrara-me agora de costas e bem espichado, numa espécie de armação de madeira muito baixa. Estava firmemente amarrado a ela por uma comprida correia semelhante a um loro. Enrolava-se em várias voltas em torno de meus membros e de meu corpo, deixando livres apenas a cabeça e o

braço esquerdo, até o ponto de apenas poder com excessivo esforço. suprir-me de comida em um prato de barro que jazia a meu lado no chão. Vi, com grande horror, que a bilha de água tinha sido retirada.

Digo com grande horror porque intolerável sede me abrasava. Parecia ser intenção de meus perseguidores exacerbar essa sede, pois a comida do prato era uma carne enormemente temperada.

Olhando para cima examinei o forro de minha prisão. Tinha uns nove ou doze metros de altura e era do mesmo material das paredes laterais. Em um de seus painéis uma figura bastante estranha absorveu- me toda a atenção. Era um retrato do Tempo, tal como é comumente representado, exceto que, em lugar duma foice, segurava ele aquilo que, ao primeiro olhar, supus ser o desenho dum imenso pêndulo, dos que vemos nos relógios antigos. Havia algo, porém, na aparência daquela máquina que me fez olhá-la mais atentamente. Enquanto olhava diretamente para ela, lá em cima (pois se achava bem por cima de mim), pareceu-me que se movia. Um instante depois vi isso confirmado. Seu balanço era curto e sem dúvida vagaroso. Estive a observá-lo alguns minutos, mais maravilhado que mesmo amedrontado. Cansado. afinal, de examinar-lhe o monótono movimento, voltei os olhos para os outros objetos que se achavam na cela.

Leve rumor atraiu-me a atenção e, olhando para o chão, vi vários ratos enormes que por ali andavam. Haviam saído do poço que se achava bem à vista à minha direita. No mesmo instante, enquanto os observava, subiram aos bandos, apressados, com olhos vorazes, atraídos pelo cheiro da carne. Era-me preciso muito esforço e atenção para afugentá-los.

Talvez se houvesse passado uma meia hora, ou mesmo, uma hora - pois só podia medir o tempo imperfeitamente -, quando ergui de novo os olhos para o forro. O que vi, então. Encheu-me de confusão e de espanto. O balanço do pêndulo tinha aumentado em quase uma jarda de extensão. Como conseqüência natural, sua velocidade era, também, muito maior. Mas o que sobretudo me perturbou foi a idéia de que ele havia perceptivelmente descido. Observava agora - com que horror é desnecessário dizer - que sua extremidade inferior era formada por um crescente de aço cintilante, tendo cerca de trinta centímetros de comprimento, de ponta a ponta; as pontas voltavam-se para cima e a borda de baixo era evidentemente afiada como a folha de uma navalha. Como uma navalha, também, parecia pesado e maciço, estendendo-se para cima, a partir do corte, uma sólida e larga configuração. Estava ajustado a uma pesada haste de bronze e o conjunto assobiava ao balançar-se no ar.

Não pude duvidar, por mais tempo, da sorte para mim preparada pela engenhosidade monacal em torturas. Minha descoberta do poço fora conhecida dos agentes da Inquisição - o poço cujos horrores tinham sido destinados para um rebelde tão audacioso como eu - o poço, figura do inferno, e considerado, pela opinião pública como a última Thule de todos os seus castigos! Pelo mais fortuitos dos incidentes, tinha eu evitado a queda dentro do poço e sabia a surpresa e armadilha da tortura formava parte importante de todo o fantástico daquelas mortes em masmorras. Não tendo caído deixava de fazer parte do plano demoníaco atirar-me no abismo e dessa forma, não havendo alternativa, uma execução mais benigna e diferente me aguardava. Mais benigna! Quase sorri na minha angústia, quando pensei no uso de tal termo.

De que serve falar das longas, das infindáveis horas de horror mais que mortal, durante as quais contei as precipitadas oscilações da lâmina? Polegada a polegada, linha a linha, com uma decida somente apreciável a intervalos que pareciam séculos. . . descia sempre, cada vez mais baixo, cada vez mais baixo!

Dias se passaram - pode ser que se tenham passado muitos dias - até que ele se balançasse tão perto de mim que me abanasse com seu sopro acre. O odor da lâmina afiada entrava-me pelas narinas. Roguei aos céus, fatiguei-os com as minhas preces, para que mais rápida a lâmina descesse. Tornei-me freneticamente louco e forcejei por erguer-me contra o balanço da terrível cimitarra. Mas depois acalmei-me de repente e fiquei a sorrir para aquela morte como uma criança diante de algum brinquedo raro.

Houve outro intervalo de completa insensibilidade. Foi curto pois voltando de novo à vida, não notei descida perceptível no pêndulo. Mas pode ter sido longo, pois eu sabia que havia demônios que tomavam nota de meu desmaio e que podiam, à vontade, ter detido a oscilação.Voltando a mim, sentia-me também bastante doente e fraco - oh! de maneira inexprimível - como em conseqüência de longa inanição. Mesmo em meio das angústias daquele período. A natureza humana implorava alimento. Com penoso esforço estendi o braço esquerdo o mais longe que os laços permitiam, e apoderei-me do pequeno resto que me tinha sido deixado pelos ratos.

Ao colocar um pedaço de alimento na boca, atravessou-me imprecisa idéia de alegria. . .de esperança. Todavia, que havia de comum entre mim e a esperança? Era, como eu disse, uma idéia imprecisa, dessas muitas que todos têm e que nunca se completam. Senti que era de alegria. . . de esperança, essa idéia; mas também senti que perecera ao formar-se. Em vão eu lutava para aperfeiçoá-la, para recuperá-la. O prolongado sofrimento quase aniquilara todas as minhas faculdades comuns de pensamento. Eu era um imbecil, um idiota.

A oscilação do pêndulo fazia-se em ângulos retos com meu comprimento. Vi que o crescente estava disposto para cruzar a região de meu coração. Desgastaria a sarja de minha roupa...voltaria e repetiria suas operações. . . de novo. . . ainda outra vez. Não obstante sua oscilação, terrivelmente larga (de nove metros ou mais) e a força sibilante de sua descida, suficiente para cortar até mesmo aquelas paredes de ferro, o corte de minha roupa seria tudo durante alguns minutos ele faria.

Ao pensar nisto, fiz uma pausa. Não ousava passar dessa reflexão. Demorei-me nela com uma atenção pertinaz, como se assim fazendo pudesse deter ali a descida da lâmina. Obriguei-me a meditar sobre o som que o crescente produziria ao passar através de minha roupa e na característica e arrepiante sensação que a fricção do pano produz sobre os nervos. Meditava em todas estas bagatelas, até me doerem os dentes.

Mais baixo. . cada vez mais baixo, ele descia. Senti um frenético prazer em comparar sua velocidade de alto a baixo com sua velocidade lateral. Para a direita.. . para a esquerda... para lá e para cá, com o guincho de um espírito danado. . . para o meu coração, com o passo furtivo do tigre! Eu ora ria, ora urrava, à medida que uma ou outra idéia se tornava predominante.

Para baixo. . . seguramente, inexoravelmente para baixo! Oscilava a três polegadas de meu peito! Debatia-me violentamente, furiosamente para libertar meu braço esquerdo, que só estava livre do cotovelo até a mão. Podia apenas levar a mão à boca, desde o prato que estava ao meu lado, com grande esforço, e nada mais. Se tivesse podido quebrar os liames acima do cotovelo, teria agarrado e tentado deter o pêndulo. Seria o mesmo que tentar deter uma avalanche!

Para baixo. . . incessantemente para baixo, inevitavelmente para baixo! Eu ofegava e debatia-me a cada oscilação. Encolhia-me convulsivamente a cada balanço. Meus olhos acompanhavam seus vaivéns, para cima e para baixo, com a avidez do mais insensato desespero; fechavam-se-me os olhos, espasmodicamente, no momento da descida, embora a morte viesse a ser para mim um alívio, e, oh! Que inexprimível alívio!

Entretanto, todos os meus nervos tremiam ao pensar que bastava uma simples decaída da máquina para precipitar aquele machado agudo e cintilante sobre meu peito. Era a esperança, que fazia assim tremerem os meus nervos, que assim me calafriava o corpo. Era a esperança, a esperança que triunfa, mesmo sobre o cavalete de tortura, a esperança que sussurra aos ouvidos do condenado à morte, até mesmo nas masmorras da Inquisição! Vi que cerca de dez ou doze oscilações poriam a lâmina em contato com minhas roupas, e a essa observação, subitamente, me veio ao espírito toda a aguda e condensada calma do desespero. Pela primeira vez, durante muitas horas - ou mesmo dias -, pensei.

Ocorreu-me então que a correia ou loro que me cingia era uma só. Não estava amarrado por cordas separadas. O primeiro atrito do crescente navalhante, com qualquer porção da correia, a cortaria, de modo que eu poderia depois desamarrar-me com a mão esquerda. Mas quão terrível era, nesse caso, a proximidade da lâmina. Quão mortal seria o resultado do mais leve movimento! Seria verossímil aliás, que os esbirros do inquisidor não tivessem previsto e prevenido essa possibilidade? Seria provável que a correia cruzasse o meu percurso do pêndulo? Receando ver frustrada minha fraca, e ao que parecia, última esperança, elevei a cabeça o bastante para conseguir ver distintamente o meu peito. O loro cingia meus membros, e meu corpo em todas as direções, exceto no caminho do crescente assassino.

Mal deixara cair a cabeça na sua posição primitiva, reluziu em meu espírito algo que eu não saberia melhor definir senão como a metade informe daquela idéia de libertação, a que já aludi, anteriormente e da qual apenas uma metade flutuava, de modo vago, meu cérebro, ao levar a comida aos meus lábios abrasados. A idéia inteira estava agora presente - fraca, apenas razoável, apenas definida, mas mesmo assim inteira. Pus-me imediatamente a tentar executá-la com a nervosa energia do desespero.

Durante muitas horas, a vizinhança imediata da baixa armação de madeira sobre a qual eu jazia estivera literalmente fervilhando de ratos. Eram ferozes, audaciosos, vorazes. Seus olhos vermelhos chispavam sobre mim como se esperassem apenas uma parada de movimentos de minha parte para fazer de mim sua presa. A que espécie de alimento - pensei eu - estão eles acostumados neste poço?"

A despeito de todos os meus esforços para impedi-los, tinham devorado tudo, exceto um restinho do conteúdo do prato. Minha mão contraíra um hábito de vaivém ou de balanço, em torno do prato, e, afinal, a uniformidade inconsciente do movimento privou-o de seu efeito. Na sua voracidade, a bicharia freqüentemente ferrava as agudas presas nos meus dedos. Com as migalhas da carne gordurosa, e temperada que ainda restavam, esfreguei toda a correia onde podia alcançar. Depois, erguendo a mão do chão, fiquei imóvel, sem respirar.

A princípio, os vorazes animais se espantaram, terrificados com a mudança. . . com a cessação do movimento. Fugiram, alarmados, e muitos regressaram ao poço. Mas isso foi só por um momento. Eu não contara em vão com sua voracidade. Observando que eu ficava sem mover-me, um ou dois dos mais audazes pularam sobre o cavalete e farejaram o loro. Parece que isto foi o sinal para uma corrida geral. Do poço precipitaram-se tropas frescas. Subiram pela madeira, correram sobre ela e saltaram, às centenas, por cima do meu corpo.

Absolutamente não os perturbou o movimento cronométrico do pêndulo. Evitando-lhe a passagem, trabalhavam sobre a correia besuntada de gordura. Precipitavam-se, formigavam sobre mim, em pilhas sempre crescentes. Torciam-se sobre minha garganta, seus lábios frios tocavam os meus. Eu estava semi-sufocado pelo peso daquela multidão. Um nojo para que o mundo não tem nome arfava-me o peito e me enregelava o coração

com pesada viscosidade. Mais um minuto, porém, e compreendi que estaria terminada a operação. Claramente percebi o afrouxamento da correia. Sabia que em mais de um lugar ela já deveria estar cortada. Com resolução sobre-humana, permaneci imóvel.

Nem errara em meus cálculos nem havia suportado tudo aquilo em vão. Afinal, senti que estava livre. O loro pendia de meu corpo em pedaços. Mas o movimento do pêndulo já me comprimia o peito. Dividira a sarja de minha roupa. Cortara a camisa por baixo. Duas vezes, de novo, oscilou e uma aguda sensação de dor atravessou todos os meus nervos. Mas chegara o momento de escapar-lhe. A um gesto de minha mão, meus libertadores precipitaram-se tumultuosamente, em fuga. Com um movimento firme - prudente, oblíquo, encolhendo-me, abaixando-me - deslizei para fora dos laços da correia e do alcance da cimitarra. Pelo momento, ao menos, eu estava livre.

Livre. . . e nas garras da Inquisição! Mal descera de meu cavalete de horror para o chão de pedra da prisão, o movimento da máquina infernal cessou e vi que alguma força invisível a puxara, suspendendo-a através do forro. O conhecimento desse fato me abateu desesperadamente. Cada movimento meu era sem dúvida vigiado.

Livre! Eu apenas escapara de morrer numa forma de agonia para ser entregue a qualquer outra forma pior do que a morte. Com tal pensamento, girei os olhos nervosamente, em volta, sobre as paredes de aço que me circundavam. Qualquer coisa incomum, certa mudança que, a princípio, não pude perceber distintamente, era óbvio, produzira-se no aposento. Durante vários minutos de sonhadora e tremente abstração, entreguei-me a vãs e desconexas conjeturas. Nesse período, certifiquei-me, pela primeira vez, da origem da luz sulfurosa que iluminava a cela. Procedia de uma fenda, de meia polegada de largura, que se estendia completamente em volta da prisão, na base das paredes, as quais assim pareciam que de fato, eram inteiramente afastadas do solo. Tentei, mas sem dúvida inutilmente, olhar por essa abertura.

Ao erguer-me da tentativa, o mistério da alteração do aposento revelou-se logo à a minha inteligência. Eu observara que, embora o contorno das figuras nas paredes fossem suficientemente distintos, suas cores pareciam manchadas e indecisas. Tais cores passaram a tomar, e a cada momento tomavam, um brilho apavorante e mais intenso que dava às espectrais e diabólicas imagens um aspecto capaz de fazer tremerem nervos, mesmo mais firmes que os meus.

Olhos de demônio, de vivacidade selvagem e sinistra. contemplavam-me vindos de mil direções, onde antes nada fora visível, e cintilavam com o lívido clarão de um fogo que eu não podia forçar a imaginação a considerar como irreal.Irreal! Mesmo quando respirei, veio-me às narinas o bafo do vapor de ferro aquecido! Um odor sufocante espalhou-se pela prisão! Um fulgor mais profundo se fixava a cada instante nos meus olhos que contemplavam minhas agonias!

Uma coloração, sempre mais intensamente carmesim, difundia-se sobre as horrendas pinturas de sangue. Ofeguei! Esforcei-me para respirar! Não podia haver dúvidas sobre os desígnios de meus atormentadores, oh, os mais implacáveis, os mais demoníacos dos homens! Fugi do metal ardente para o centro da cela. Entre as idéias da destruição pelo fogo que impendia sobre mim, o pensamento do frescor do poço caiu em minha alma como um bálsamo. Atirei-me para suas bordas mortais. Lancei ao fundo os olhares ansiosos. O brilho do teto inflamado iluminava seus mais recônditos recessos. Contudo, por um momento desordenado, o espírito recusou-se a compreender a significação do que eu via.

Afinal, obriguei-o a compreender - lutei para que penetrasse em minha alma - e aquilo se gravou em brasa na minha mente trêmula. Oh, uma voz para falar! Oh, horror! Oh,

qualquer horror, menos aquele! Com um grito, fugi da margem e sepultei a face nas mãos, chorando amargamente.

O calor aumentava com rapidez e ainda uma vez olhei para cima a tiritar, como num acesso de febre. Segunda alteração se dera na cela. . . e agora a mudança era, evidentemente, na forma. Como antes, foi em vão que tentei, a princípio, perceber ou compreender o que ocorria. Mas não fui deixado em dúvida muito tempo. A vingança inquisitorial fora apressada pela minha dupla fuga a ela, e não havia mais meio de perder tempo com o Rei dos Terrores.

O quarto fora quadrado. Eu notava que dois de seus ângulos de ferro eram agora agudos e dois, em conseqüência, obtusos. A terrível diferença velozmente aumentava, com um grave rugido, ou um gemido surdo. Em um instante o aposento trocava sua forma pela de um losango. Mas a alteração não parou aí, nem eu esperei ou desejei que ela parasse. Eu poderia ter aplicado nas paredes rubras ao meu peito como um vestuário de eterna paz. –

A morte! - disse eu.

Qualquer morte, porém não a do poço! Louco! Não havia compreendido que o objetivo dos ferros ardentes era impelir-me para dentro do poço? Poderia eu resistir a seu fulgor? Ou, mesmo que o conseguisse, poderia suportar sua pressão. E então, mais e mais se achatou o losango, com uma rapidez não me dava tempo para refletir. Seu centro e, naturalmente sua maior largura ficaram mesmo sobre o abismo escancarado. Fugi... mas as paredes, a apertar-se impeliam-me irresistivelmente adiante. Afinal, para meu corpo queimado e torcido, não havia mais de uma polegada de solo firme no soalho da prisão. Não lutei mais, a agonia de minha alma, porém, se exalou num grito alto, longo e final de desespero. Senti que oscilava sobre a borda... Desvie os olhos...

Houve um ruído discordante de vozes humanas! Houve um elevado toque, como o de muitas trombetas! Houve um rugido áspero como o de mil trovões! Precipitadamente, recuaram as paredes brasa! Um braço estendido agarrou o meu, quando eu caia, desfalecido, no abismo. Era o do General Lasalle. O exército francês entrara em Toledo. A Inquisição caíra nas mãos de seus inimigos.

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA - CONTOS DE TERROR, MISTÉRIO E MORTE

O REI PESTE
CONTO ALEGÓRICO

Os deuses suportam nos reis, e permitem, as coisas que odeiam em meio à rale. BUCKHURST: A Tragédia de Ferrex e Porrex.

Por volta da meia-noite de um dia do mês de outubro, durante o cavalheiresco reinado de Eduardo III, dois marinheiros pertencentes a tripulação do Free and Easy (Livre e Feliz), escuna de comércio que trafegava entre Eclusa (Bélgica) e o Tâmisa, e então ancorado neste rio, ficaram bem surpresos ao se acharem sentados na ala duma cervejaria da paróquia de Santo André, em Londres, a qual tinha como insígnia a tabuleta dum "Alegre Marinheiro".

Embora mal construída, enegrecida de fuligem, acachapada de todos os outros aspectos, semelhante às demais tabernas daquela época, estava, não obstante, na opinião dos grotescos grupos de freqüentadores ali dentro espalhados, muito bem adaptada a seu fim.

Dentre aqueles grupos, formavam nossos dois marinheiros, creio eu, o mais interessante, se não o mais notável.O que parecia mais velho e a quem seu companheiro se dirigia, chamando-o pelo característico apelido de Legs (Pernas) era também o mais alto dos dois. Mediria talvez uns dois metros e dez centímetros de altura e a inevitável conseqüência de tão grande estatura se via no hábito de andar de ombros curvados. O excesso de altura era , porém, mais que compensado por deficiências de outra natureza. Era excessivamente magro e poderia, como afirmavam seus companheiros, substituir, quando bêbedo, um galhardete no topete do mastro, ou servir de pau de bujarrona, se não estivesse embriagado. Mas essas pilhérias e outras de igual natureza jamais produziam, evidentemente, qualquer efeito sobre os músculos do marinheiro. Com as maçãs do rosto salientes, grande nariz adunco, queixo fugidio, pesado maxilar inferior e grandes olhos protuberantes e brancos, a expressão de sua fisionomia, embora repassada duma espécie de indiferença intratável por assuntos e coisas em geral, nem por isso deixava de ser extremamente solene e séria, fora de qualquer possibilidade de imitação ou descrição.

O marujo mais moço era, pelo menos aparentemente, o inverso de seu companheiro. Sua estatura não ia além de um metro e vinte. Um par de pernas atarracadas e arqueadas suportava-lhe o corpo pesado e rechonchudo, enquanto os braços, descomunalmente curtos e grossos, de punhos incomuns, pendiam balouçantes dos lados, como as barbatanas duma tartaruga-marinha. Os olhos pequenos de cor imprecisa, brilhavam-lhe encravados fundamente nas órbitas. O nariz se afundava na massa de carne, que lhe envolvia a cara redonda, cheia, purpurina. O grosso lábio superior descansava sobre o inferior, ainda mais carnudo, com um ar de complacente satisfação pessoal, mais acentuada pelo hábito que tinha o dono de lamber seus beiços, de vez em quando. É evidente que ele olhava seu camarada alto com um sentimento meio de espanto, meio de

zombaria, e, quando, às vezes, erguia a vista para encará-lo, parecia o vermelho sol poente a fitar os penhascos de Ben Nevis.

Várias e aventurosas haviam, porém, sido as peregrinações do digno par, pelas diversas cervejarias da vizinhança, durante as primeiras horas da noite. Mas os cabedais, por mais vastos que sejam não podem durar sempre e foi de bolsos vazios que nossos amigos se aventuraram a entrar na taberna aludida.

No momento preciso, pois, em que esta estória começa, Legs e seu companheiro, Hugh Tarpaulinle [lenço ou chapéu encerado, também marinheiro N.T], estão sentados, com os cotovelos apoiados na grande mesa de carvalho, em meio da sala e a cara metida entre as mãos. Olhavam, por trás duma enorme garrafa de humming-stuff a pagar, as agourentas palavras.

Não se fia, que para indignação e espanto deles, estavam escritas a giz na porta de entrada. Não que o dom de decifrar caracteres escritos - dom considerado então, entre o povo, pouco menos cabalístico do que a arte de escrever - pudesse, em estrita justiça, ter sido deixado a cargo dos dois discípulos do mar; mas havia, para falar a verdade, certa contorção no formato das letras, uma indescritível guinada no conjunto, que pressagiava, na opinião dos dois marinheiros uma longa viagem de tempo ruim, e os decidia a, imediatamente na linguagem alegórica do próprio Legs, "correr às bombas, ferrar todas as velas e correr com o vento em popa".

Tendo, conseqüentemente, consumido o que restava da cerveja e abotoado seus curtos gibões, trataram afinal de saltar para a rua. Embora Tarpaulin houvesse, por duas vezes, entrado de chaminé adentro, pensando tratar-se da porta, conseguiram por fim, com êxito, a escapada, e meia hora depois da meia-noite achavam-se nossos heróis prontos para outra e correndo a bom correr por uma escura viela, na direção da Escada de Santo André, encarniçadamente perseguidos pela taberneira do "Alegre Marinheiro".

Periodicamente, durante muitos anos antes e depois da época desta dramática estória, ressoava por toda a Inglaterra, e mais especialmente na metrópole, o espantoso grito de: "Peste!" A cidade estava em grande parte despovoada, e naqueles horríveis bairros das vizinhanças do Tâmisa, onde, entre aquelas vielas e becos escuros, estreitos e imundos, o Demônio da Peste tinha, como se dizia, seu berço. A Angústia, o Terror e a Superstição passeavam, como únicos senhores, à vontade.

Por ordem do rei, estavam aqueles bairros condenados e as pessoas proibidas, sob pena de morte, de penetrar-lhes a lúgubre solidão. Contudo, nem o decreto do monarca, nem as enormes barreiras erguidas às entradas das ruas, nem a perspectiva daquela hedionda morte que, com quase absoluta certeza, se apoderaria do desgraçado a quem nenhum perigo poderia deter de ali aventurar-se, impediam que as habitações vazias e desmobiliadas fossem despojadas, pelos rapinantes noturnos, de coisas como ferro, cobre ou chumbo, que pudessem, de qualquer maneira, ser transformadas em lucro apreciável. Verificava-se, sobretudo, por ocasião da abertura anual das barreiras, no inverno, que fechaduras, ferrolhos e subterrâneos secretos não passavam de fraca proteção para aqueles ricos depósitos de vinhos e licores que, dados os riscos e incômodos da remoção, muitos dos numerosos comerciantes, com estabelecimentos na vizinhança tinham consentido em confiar, durante o período de exílio, a tão insuficiente segurança.

Mas poucos eram, entre o povo aterrorizado, os que atribuíam tais fatos á ação de mãos humanas. Os espíritos, os duendes da peste, os demônios da febre eram, para o povo, os autores das façanhas. E tamanhas estórias arrepiantes se contavam a toda hora que toda a massa de edifícios proibidos ficou, afinal, como que envolta numa mortalha de horror e os próprios ladrões, muitas vezes, se deixavam tomar do pavor que suas depredações

haviam criado e abandonaram todo o vasto recinto do bairro proibido, às trevas, ao silêncio, e à morte.

Foi uma daquelas terríficas barreiras já mencionadas e que indicavam estar o bairro adiante sob a condenação da Peste que deteve, de repente a disparada em que vinham, beco adentro, Legs e o digno Tarpaulin. Arrepiar caminho estava fora de cogitação e não havia tempo a perder, pois os perseguidores se achavam quase a seus calcanhares. Para marinheiros chapados era um brinquedo subir por aquela tosca armação de madeira; exasperados pela dupla excitação do licor e da corrida, pularam sem hesitar para dentro do recinto e, continuando sua carreira de ébrios, com berros e urros, em breve se perderam naquelas profundezas intrincadas e pestilentas .

Não se achassem eles tão embriagados, a ponto de haverem perdido o senso moral, o horror de sua situação lhes teria paralisado os passos vacilantes. O ar era frio e nevoento. As pedras do calçamento, arrancadas do seu leito, jaziam em absoluta desordem, em meio do capim alto e viçoso, que lhes subia em torno dos pés e tornozelos.

Casas desmoronadas obstruíam as ruas. Os odores mais fétidos e mais deletérios dominavam por toda a parte, e, graças àquela luz lívida que, mesmo à meia-noite, nunca deixa de emanar duma atmosfera pestilenta e brumosa, podiam-se perceber, jacentes nos atalhos e becos, ou apodrecendo nas casas sem janelas, as carcaças de muitos saqueadores noturnos, detidos pela mão da peste, no momento mesmo da perpetração de seu roubo.

Mas não estava no poder de imagens, sensações ou obstáculos como esses deter a corrida de homens que, naturalmente corajosos e, especialmente naquela ocasião, repletos de coragem e de humming-stuff, teriam ziguezagueado, tão eretos quanto lhes permitia seu estado, sem temor, até mesmo dentro das fauces da morte. Na frente, sempre na frente, caminhava o disforme Legs, fazendo aquele deserto solene soar e ressoar, com berros semelhantes aos terríveis urros de guerra dos índios; e para a frente, sempre para a frente rebolava o atarracado Tarpaulin, agarrado ao gibão de seu companheiro mais ativo, levando-lhe enorme vantagem nos tenazes esforços, à moda de música vocal, com seus mugidos taurinos arrancados das profundezas de seus pulmões estertóricos.

Haviam agora evidentemente alcançado o reduto da peste. A cada passo, ou a cada tropeção, o caminho que seguiam se tornava mais fedorento e mais horrível, as veredas mais estreitas e mais intrincadas. Enormes pedras e vigas que caiam de repente dos telhados desmoronados demonstravam, com sua queda soturna e pesada, a altura prodigiosa das casas circunvizinhas; e quando lhes era necessário imediato esforço para forçar passagem através de freqüentes montões de caliça, não era raro que a mão caísse sobre um esqueleto ou pousasse num cadáver ainda com carne.

De repente, ao tropeçarem os marujos, à entrada dum elevado e sinistro edifício, um berro, mais retumbante que os outros, irrompeu da garganta do excitado Legs e lá de dentro veio uma em rápida sucessão de ferozes e diabólicos guinchos, semelhantes a risadas. Sem se intimidarem com aqueles sons que, pela sua natureza, pela ocasião e pelo lugar, teriam gelado todo o sangue de corações menos irrevogavelmente incendiados, o par de bêbados embarafustou pela porta, escancarando-a e, cambaleantes, com um chorrilho de pragas, se viram em meio dum montão de coisas.

A sala em que se encontravam era uma loja de cangalheiro; mas um alçapão, a um canto do soalho, perto da entrada, dava para uma longa fileira de adegas, cujas profundezas, reveladas pelo ocasional rumor de garrafas que se partiam, estavam bem sortidas do conteúdo apropriado. No meio da sala havia uma mesa, em cujo centro se erguia uma enorme cuba, cheia, ao que parecia, de ponche.

Garrafas de vários vinhos e cordiais, juntamente com jarros, pichéis e garrafões de todo formato e qualidade, estavam espalhadas profusamente pela mesa. Em torno desta via-se um grupo de seis indivíduos sentados em catafalcos. Vou tentar descrevê-los um por um.

Em frente à porta de entrada e em plano acima dos companheiros estava sentado um personagem que parecia ser o presidente da mesa. Era descarnado e alto, e Legs sentiu-se confuso ao notar nele um aspecto mais emaciado do que o seu. Tinha o rosto açafroado, mas nenhum de seus traços, exceção feita de um, era bastante característico para merecer descrição especial. Aquele traço único consistia numa fronte tão insólita e tão horrivelmente elevada que tinha a aparência de um boné ou coroa de carne acrescentada à cabeça natural. Sua boca, enrugada, encovava-se numa expressão de afabilidade horrível, e seus olhos, bem como os olhos de todos quantos se achavam em torno à mesa, tinham aquele humor vítreo da embriaguez. Esse cavalheiro trajava, da cabeça aos pés, mortalha de veludo de seda negra, ricamente bordada, que lhe envolvia, com displicência, o corpo à moda duma capa espanhola. Estava com a cabeça cheia de plumas negras mortuárias, que ele fazia ondular para lá e para cá, com um ar afetado e presunçoso e na mão direita segurava um enorme fêmur humano, com o qual parecia ter acabado de bater em algum dos presentes para que cantasse.

Defronte dele, e de costas para a porta, estava uma mulher de fisionomia não menos extraordinária. Embora tão alta quanto o personagem que acabamos de descrever, não tinha direito de se queixar da mesma magreza anormal. Encontrava-se, evidentemente, no derradeiro grau de uma hidropisia e seu todo era bem semelhante ao imenso pipote de cerveja-de-outubro que se erguia, de tampa arrombada, a seu lado, a um canto do aposento. Seu rosto era excessivamente redondo, vermelho e cheio e a mesma peculiaridade, ou antes falta de peculiaridade, ligada à sua fisionomia, que já mencionei no caso do presidente, isto é, somente uma feição de seu rosto era suficientemente destacada para merecer caracterização especial.

De fato, o perspicaz Tarpaulin notou logo que a mesma observação podia ser feita a respeito de um dos indivíduos ali presentes. Cada um deles parecia monopolizar alguma porção particular de fisionomia. Na dama em questão, essa parte era a boca. Começando na orelha direita, rasgava-se, em aterrorizante fenda, até a esquerda. Ela fazia, no entanto, todos os esforços para conservar a boca fechada, com ar de dignidade. Seu traje consistia num sudário, recentemente engomado e passado a ferro, chegando-lhe até o queixo, com uma gola encrespada de musselina de cambraia.

À sua direita sentava-se uma mocinha chocha, a quem ela parecia amadrinhar. Essa delicada criaturinha deixava ver, pelo tremor de seus dedos descarnados, pela lívida cor de seus lábios e pela leve mancha héctica que lhe tingia a tez, aliás cor de chumbo, sintomas de tuberculose galopante. Um ar de extrema distinção, porém, dominava em toda a sua aparência. Usava, duma maneira graciosa e negligente, uma larga e bela mortalha da mais fina cambraia, indiana. Seu cabelo caía-lhe em cachos sobre o pescoço. Um leve sorriso pairava-lhe nos lábios, mas seu nariz extremamente comprido, delgado, sinuoso, flexível e cheio de borbulhas, acavalava por demais sobre o lábio inferior; e, a despeito da delicada maneira pela qual ela, de vez em quando, e movia para um lado e outro com a língua, dava-lhe à fisionomia uma expressão um tanto quanto equívoca.

Do outro lado, e à esquerda da dama hidrópica, estava sentado um velho pequeno, inchado, asmático e gotoso, cujas bochechas lhe repousavam sobre os ombros como dois imensos odres de vinho do Porto. De braços cruzados e uma perna enfaixada posta sobre a mesa, parecia achar-se com direito a alguma consideração. Evidentemente orgulhava-se bastante de cada polegada de sua aparência pessoal, mas sentia mais especial deleite em chamar a atenção para seu sobretudo de cores vistosas. Para falar a verdade, não deveria este ter custado pouco dinheiro e lhe assentava esplendidamente bem, talhado

como estava em uma dessas cobertas de seda, curiosamente bordadas, pertencentes àqueles gloriosos escudos que, na Inglaterra e noutros lugares, são ordinariamente suspensos, em algum lugar patente, nas residências de aristocratas falecidos.

Junto dele, e à direita do presidente, via-se um cavalheiro, com compridas meias brancas e ceroulas de algodão. Seu corpo tremelicava de maneira ridícula, num acesso daquilo que Tarpaulin chamava "os terrores". Seus queixos, recentemente barbeados, estavam estreitamente atados por uma faixa de musselina, e, tendo os braços amarrados nos pulsos da mesma maneira, não lhe era possível servir-se muito à vontade, dos licores que se achavam sobre a mesa, precaução necessária, na opinião de Legs, graças à expressão caracteristicamente idiota e tremulenta de seu rosto. Sem embargo, um par de prodigiosas orelhas, que sem dúvida era impossível ocultar, alteava-se na atmosfera do aposento e, de vez em quando, arrebitavam-se espasmodicamente ao rumor das rolhas que espoucavam.

Defronte dele, sentava-se o sexto e último personagem, de aparência rígida que, sofrendo de paralisia, devia sentir-se, falando sério, muito mal à vontade nos seus trajes nada cômodos. Essa roupa um tanto singular, consistia em um novo e belo ataúde de mogno. Sua tampa ou capacete apertava-se sobre o crânio do sujeito e estendia-se sobre ele, à moda de um elmo, dando-lhe a todo o rosto um ar de indescritível interesse. Cavas para os braços tinham sido cortadas dos lados, mais por conveniência que por elegância; apesar disso, o traje impedia seu proprietário de se sentar direito como seus companheiros. E como se sentasse reclinado de encontro a um cavalete, formando um ângulo de quarenta e cinco graus, um par de enormes olhos esbugalhados revirava suas apavorantes escleróticas para o teto, num absoluto espanto de sua própria enormidade.

Diante de cada um dos presentes estava a metade dum crânio, usada como copo. Por cima, pendia um esqueleto humano, pendurado duma corda amarrada numa das pernas e presa a uma argola no forro. A outra perna, sem nenhuma amarra, saltava do corpo em angulo reto, fazendo flutuar e girar toda a carcaça desconjuntada e chocalhante, ao sabor de qualquer sopro de vento que penetrasse no aposento. O crânio daquela hedionda coisa continha certa quantidade de carvão em brasa, que lançava uma luz vacilante, mas viva, sobre a cena, enquanto ataúdes e outras mercadorias de casa mortuária empilhavam-se até o alto, em toda a sala e contra as janelas, impedindo assim que qualquer raio de luz se projetasse na rua.

À vista de tão extraordinária assembléia e de seus mais extraordinários adornos, nossos dois marujos não se conduziram com aquele grau de decoro que era de esperar. Legs, encostando-se à parede junto da qual se encontrava, deixou cair o queixo ainda mais baixo do que de costume e arregalou os olhos até mais não poder, enquanto Hugh Tarpaulin, abaixando-se a ponto de colocar o nariz ao nível da mesa e dando palmadas nas coxas, explodiu numa desenfreada e extemporânea gargalhada, que mais parecia um rugido longo, poderoso e atroador.

Sem, no entanto, ofender-se diante de procedimento tão excessivamente grosseiro, o escanifrado presidente sorriu com toda a graça para os intrusos, fazendo-lhes um gesto cheio de dignidade com a cabeça empenachada de negro, e, levantando-se, pegou-os pelos braços e levou-os aos assentos que alguns dos outros, presentes tinham colocado, enquanto isso, para que eles estivessem a cômodo. Legs nenhuma resistência ofereceu a tudo isso sentando-se no lugar indicado, ao passo que o galanteador Hugh removendo cavalete de ataúde do lugar perto da cabeceira da mesa para junto da mocinha tuberculosa, da mortalha ondulante derreou-se a seu lado, com grande júbilo, e, emborcando um crânio de vinho vermelho, esvaziou-o em honra de suas mais íntimas relações.

Diante de tamanha presunção, o cavalheiro teso do ataúde mostrou-se excessivamente exasperado, e sérias conseqüências poderiam ter-se seguido não houvesse o presidente, batendo com o bastão na mesa, distraído a atenção de todos os presentes para o seguinte discurso:

- É nosso dever na atual feliz ocasião.

- Pare com isso! - interrompeu Legs, com toda a seriedade. Cale essa boca, digo-lhe eu, e diga-nos que diabos são vocês todos e que estão fazendo aqui, com essas farpelas de diabos sujos e bebendo a boa pinga armazenada para o inverno pelo meu honrado camarada Will Wimble, o cangalheiro!

À vista daquela imperdoável amostra de má educação, toda a esquipática assembléia se soergueu e emitiu aqueles mesmos rápidos e sucessivos guinchos ferozes e diabólicos que já haviam chamado antes a atenção dos marinheiros. O presidente, porém, foi primeiro a retomar sua compostura e por fim, voltando-se para Legs com grande dignidade, recomeçou:

- De muito boa-vontade satisfaremos qualquer curiosidade razoável da parte de hóspedes tão ilustres, embora não convidados. Ficai, pois, sabendo que, nestes domínios, sou o monarca e governo, com indivisa autoridade, com o título de "Rei Peste I". Esta sala, que supondes injuriosamente ser a loja do cangalheiro Will Wimble, homem que não conhecemos e cujo sobrenome plebeu jamais ressoara, até esta noite, aos nossos reais ouvidos... esta sala, repito, é a Sala do Trono de nosso palácio. Consagrada aos conselhos de nosso reino e outros destinos de natureza sagrada e superior.A nobre dama sentada à nossa frente é a Rainha Peste, nossa Sereníssima Esposa. Os outros personagens ilustres que vedes pertencem todos à nossa família e usam as insígnias do sangue real nos respectivos títulos de: "Sua Graça o Arquiduque Peste-Ifero", "Sua Graça o Duque Pest-Ilencial", "Sua Graça o Duque Tem-Pestuoso" e "Sua Serena Alteza a Arquiduquesa Ana-Peste".

- Quanto à vossa pergunta - continuou ele -, a respeito do que nos trás aqui reunidos em conselho, ser-nos-ia lícito responder que, concerne e concerne exclusivamente, ao nosso próprio e particular interesse e não tem importância para ninguém mais que não nós mesmos. Mas em consideração aos direitos de que, na qualidade de hospedes e estrangeiros, possais julgar-vos merecedores, explicar-vos-emos no entanto, que estamos aqui, esta noite, preparados por intensa pesquisa e acurada investigação, a examinar, analisar e determinar, indubitavelmente, o indefinível espírito, as incompreensíveis qualidades e natureza desses inestimáveis tesouros do paladar que são os vinhos, cervejas e licores desta formosa metrópole. Assim procedemos não só para melhorar nossa própria situação, mas para o bem-estar verdadeiro daquela soberana sobrenatural que reina sobre todos nós, cujos domínios não têm limites e cujo nome é "Morte".

- Cujo nome é Davi Jones! - exclamou Tarpaulin, oferecendo à sua vizinha um crânio de licor e emborcando ele próprio um segundo .

- Lacaio profanador! - exclamou o presidente, voltando agora para o digno Hugh. - Miserável e execrando profanador. Dissemos que, em consideração àqueles direitos que, mesmo na tua imunda pessoa, não nos sentimos com inclinação para violar, condescendemos em responder às tuas grosseiras e desarrazoadas indagações. Contudo, tendo em vista a vossa profana intrusão no recinto de nossos conselhos, acreditamos ser de nosso dever multar-te a ti e a teu companheiro, num galão de Black Strap, que bebereis pela prosperidade de nosso reino, dum só gole e de joelhos; logo depois estareis livres para continuar vosso caminho ou permanecerdes e serdes admitidos aos privilégios de nossa mesa, de acordo com vossos respectivos gostos pessoais.

- Será coisa de absoluta impossibilidade - replicou Legs, a quem a imponência e a dignidade do Rei Peste I tinham evidentemente inspirado alguns sentimentos de respeito, e que se levantara, ficando de pé junto da mesa, enquanto aquele falava.

- Será, com licença de Vossa Majestade, coisa extremamente impossível arrumar no meu porão até mesmo a quarta parte desse tal licor que vossa Majestade acaba de mencionar. Não falando das mercadorias colocadas esta manhã a bordo para servir de lastro, e não mencionando as várias cervejas e licores embarcados esta noite em vários portos, tenho, presentemente, uma carga completa de humming-tuff, entrada e devidamente paga na taberna do "Alegre Marinheiro".

- De modo que há de Vossa Majestade ter a bondade de tomar a atenção como coisa realizada, pois não posso de modo algum, nem quero, engolir outro trago e muito menos um trago dessa repugnante água-de-porão que responde ao nome de Black Strap.

- Pare com isso! - interrompeu Tarpaulin, espantado não só pelo tamanho do discurso de seu companheiro como pela natureza de sua recusa. - Pare com isso, seu marinheiro de água doce! Repito, Legs, pare com esse palavreado! O meu casco está ainda leve, embora, confesse-o, esteja o seu mais pesado em cima que em baixo. Quanto à estória de sua parte da carga, em vez de provocar uma borrasca, acharei jeito de arrumá-la eu mesmo no porão, mas...

- Este modo de proceder - interferiu o presidente - não está de modo algum em acordo com os termos da multa ou sentença que é de natureza média e não pode ser alterada nem apelada. As condições que impusemos devem ser cumpridas à risca, e isto sem um instante de hesitação. . sem o quê, decretamos que sejais amarrados, pescoços e calcanhares juntos, e devidamente afogados, rebeldes, naquela pipa de cerveja-de-outubro!

- Que sentença! Que sentença! Que sentença justa e direita! decreto glorioso! A condenação mais digna, mais irrepreensível, sagrada! - gritaram todos os membros da família Peste ao mesmo tempo.

O rei franziu a testa em rugas inumeráveis; o homenzinho gotoso soprava, como um par de foles; a dona da mortalha de cambraia movia o nariz para um lado e para o outro; o cavalheiro de ceroulas de algodão arrebitou as orelhas; a mulher do sudário ofegava como um peixe agonizante, e o sujeito do ataúde entesou-se mais, arregalando os olhos para cima.

- Oh, uh, uh! - ria Tarpaulin, entre dentes, sem notar a excitação geral. - Uh, uh, ... Uh, uh, uh. . . Estava eu dizendo quando aqui o Sr. Rei Peste veio meter seu bedelho, que a respeito da questão de dois ou três galões mais ou menos de Black Strap era uma bagatela para um barco sólido como eu que não está sobrecarregado; e quando se tratar de beber à saúde do Diabo (que Deus lhe perdoe) e de me pôr de joelhos diante dessa horrenda majestade aqui presente, que eu conheço tão bem como sei que sou um pecador, e que não é outro senão Tim Hurlygurly, o palhaço!... Ora essa, é muito outra coisa, e vai muito além de minha compreensão.

Não lhe permitiram que terminasse tranqüilamente seu discurso ao nome de Tim Hurlygurly, todos os presente pularam dos assentos.

- Traição! - gritou Sua Majestade o Rei Peste I.

- Traição! - disse o homenzinho gotoso.

- Traição! - esganiçou a Arquiduquesa Ana-Peste.

- Traição! - murmurou o homem dos queixos amarrados.

- Traição! - grunhiu o sujeito do ataúde.

- Traição, traição! - berrou Sua Majestade, a mulher da bocarra. E, agarrando o infeliz Tarpaulin pela traseira das calça, o qual estava justamente enchendo outro crânio de licor, ergueu-o no ar e deixou-o bem alto no ar, e deixou-o cair sem cerimônia no imenso barril aberto de sua cerveja predileta. Boiando para lá e para cá, durante alguns segundos, como uma maçã numa tigela de ponche, desapareceu afinal no turbilhão de espuma que, no já efervescente licor, haviam provocado seus esforços de safar-se.

Não se resignou, porém, o marinheiro alto com a derrota de seu camarada. Empurrando o Rei Peste para dentro do alçapão aberto, Legs deixou cair a tampa do alçapão sobre ele, com uma praga, e correu para o meio da sala. Ali, puxando para baixo o esqueleto que pendia sobre a mesa, com tamanha força e vontade que o fez que conseguiu fazer saltar os miolos do homenzinho gotoso, ao tempo que morriam os derradeiros lampejos de luz dentro da sala.

Precipitando-se, então, com toda a sua energia, contra a pipa fatal cheia de cerveja-de-outubro e de Hugh Tarpaulin, revirou-a, num instante, de lado. Dela jorrou um dilúvio de licor tão impetuoso, violento, tão irresistível, que a sala ficou inundada de parede a parede, as mesas carregadas viraram de pernas para o ar, os cavaletes rebolaram uns por cima dos outros, a tina de ponche foi lançada na chaminé da lareira.. . e as damas caíram com ataques histéricos. Montes de artigos fúnebres boiavam. Jarros, pichéis e garrafões confundiam-se, numa misturada enorme, e as garrafas de vime embatiam-se, desesperadamente, com cantis trançados. O homem dos tremeliques afogou-se imediatamente. O sujeito flutuava no seu caixão... e o vitorioso Legs, agarrando pela cintura da criatura a mulher gorda do sudário, arrastou-a para a rua e em linha reta, a direção do Free and Easy, seguido, a bom pano, pelo temível Hugh Tarpaulin, que, tendo espirrado três ou quatro vezes, ofegava e bufava atrás dele, puxando a Arquiduquesa Ana-Peste.

.

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA – CONTOS DE TERROR, MISTÉRIO E MORTE

O RETRATO OVAL

O CASTELO cuja entrada meu criado se aventurara a forçar para não deixar que eu passasse a noite ao relento, gravemente ferido como estava, era um desses monumentos ao mesmo tempo grandiosos e sombrios que por tanto tempo se ergueram carrancudos entre os Apeninos, tanto na realidade como na imaginação da Sra. Radcliffe. Segundo todas as aparências, tinha sido temporária e muito recentemente abandonado.

Aboletamo-nos em uma das salas menores e menos suntuosamente mobiliadas, localizada num afastado torreão do edifício. Eram ricas, embora estragadas e antigas suas decorações. Tapeçarias pendiam das paredes, adornadas com vários e multiformes troféus de armas, de mistura com um número insólito de quadros de estilo bem moderno em molduras de ricos arabescos de ouro. Por esses quadros, que enchiam não só todas as paredes, mas ainda os numerosos ângulos que a esquisita arquitetura do castelo formava, meu delírio incipiente me fizera talvez tomar profundo interesse. Assim é que mandei Pedro fechar os pesados postigos da sala pois já era noite, acender as velas de um enorme candelabro que se achava à cabeceira de minha cama e abrir completamente as franjadas cortinas de veludo preto que envolviam o leito. Desejei que tudo isso fosse feito, a fim de que pudesse abandonar-me senão ao sono, pelo menos, alternativamente, à contemplação desses quadros e à leitura de um livrinho que encontrara sobre o travesseiro e que continha a critica e a descrição das pinturas.Li, li durante muito tempo e longamente contemplei aqueles quadros.

Rápida e esplendidamente as horas se escoaram e a profunda meia-noite chegou. A posição do candelabro me desagradava e, estendendo a mão, com dificuldade, para não perturbar o sono do criado, coloquei-o de modo a lançar seus raios de luz em cheio sobre o livro.

Esse gesto, porém, produziu um efeito totalmente inesperado. Os raios das numerosas velas (pois haviam muitas) caíam agora dentro de um nicho da sala que ate então estivera mergulhado na intensa sombra lançada por uma das colunas da cama. E assim vi, plena luz, um retrato até então despercebido. Era o retrato de uma jovem no alvorecer da feminilidade. Olhei rapidamente para o retrato e depois fechei os olhos. Por que isso fizera, eu mesmo não o percebi a principio. Mas, enquanto minhas pálpebras permaneciam fechadas, revolvi na mente a razão de assim ter feito. Era um movimento impulsivo, para ganhar tempo de pensar, para certificar-me de que minha vista não me iludira, para acalmar e dominar a fantasia, forçando-a a uma contemplação mais serena e mais segura.

Logo depois, olhei de novo, fixamente. para o quadro.

Do que então vi claramente não poderia nem deveria duvidar. Porque o primeiro clarão das velas sobre aquele quadro como que dissipou o sonolento torpor que furtivamente se apossava de meus sentidos e sem demora me pôs completamente desperto.

O retrato, como já disse, era o de uma jovem. Apenas a cabeça e os ombros, feitos na maneira tecnicamente chamada vignette, e bastante no estilo das cabeças favoritas de Sully.

Os braços, o colo, e mesmo as pontas do cabelo luminoso perdiam-se imperceptivelmente na vaga porém profunda sombra formada pelo fundo do conjunto. A moldura era oval, ricamente dourada e filigranada à mourisca. Como obra de arte, nada podia ser mais admirável do que a própria pintura. Mas aquela comoção tão súbita e tão intensa não me viera nem da execução da obra nem da imortal beleza do semblante. Menos do que tudo poderia ter sido minha imaginação que despertada de seu semi torpor, teria tomado aquela cabeça pela de uma pessoa viva. Vi imediatamente que as peculiaridades do desenho, do trabalho do vinhetista e da moldura deviam ter de pronto dissipado tal idéia, impedido mesmo seu momentâneo aparecimento. Permaneci quase talvez uma hora semi-erguido, semi-inclinado, a pensar intensamente sobre tais pormenores, com a vista fixada no retrato. Por fim, satisfeito com o verdadeiro segredo de seu efeito, deixei-me cair na cama. Descobrira que o encanto do retrato estava na expressão de uma absoluta aparência de vida que a princípio me espantou para afinal confundir-me, dominar-me e aterrar-me.

Com profundo e reverente temor, tornei a pôr o candelabro em sua primitiva posição. Afastada assim de minha vista a causa de minha aguda agitação, busquei avidamente o volume que descrevia as pinturas e sua história. Procurando a página que se referia ao retrato oval , li as imprecisas e fantásticas palavras que se seguem:

Era uma donzela da mais rara beleza e não só amável como cheia de alegria. E maldita foi a hora em que ela viu, amou e desposou o pintor. Ele era apaixonado, estudioso, austero e já tinha na Arte a sua desposada. Ela, uma donzela da mais rara beleza e não só amável como cheia de alegria, toda luz e sorrisos, travessa como uma jovem corça; amando com carinho todas as coisas; odiando somente a Arte, que era sua rival; temendo apenas a paleta, os pincéis e os outros sinistros instrumentos que a privavam da contemplação do seu amado. Era pois terrível coisa para essa mulher ouvir o pintor exprimir o desejo de pintar o próprio retrato de sua jovem esposa. Ela era, porém, humilde e obediente, e sentava-se submissa durante horas no escuro e alto quarto do torreão, onde a luz vinha apenas de cima projetar-se, escassa, sobre a alva tela.

Mas ele, o pintor, se regozijava com sua obra, que continuava de hora em hora, de dia em dia, e era um homem apaixonado, rude e extravagante, que vivia perdido em devaneios; assim não percebia que a luz que caía tão lívida naquele torreão solitário ia murchando a saúde e a vivacidade de sua esposa, visivelmente definhando para todos, menos para ele. Contudo, ela continuava ainda e sempre a sorrir, sem se queixar, porque via que o pintor (que tinha alto renome) trabalhava com fervoroso e ardente prazer e porfiava, dia e noite, por pintar quem tanto o amava, mas que todavia, se tornava cada vez mais triste e fraca.

E, na verdade, alguns que viram o retrato falavam em voz baixa de sua semelhança como de uma extraordinária maravilha, prova não só da mestria como de seu intenso amor por aquela a quem pintava de modo tão exímio. Mas afinal, ao chegar o trabalho quase a seu termo, ninguém mais foi admitido no torreão, porque o pintor se tornara rude no ardor de seu trabalho e raramente desviava os olhos da tela, mesmo para contemplar o semblante de sua esposa. E não percebia que as tintas que espalhava sobre a tela eram tiradas das faces daquela que se sentava a seu lado. E quando já se haviam passado várias semanas e muito pouco a fazer, exceto uma pincelada sobre a boca e um colorido

nos olhos, a alegria da mulher de novo bruxuleou, como a chama dentro de uma lâmpada. E então foi dada a pincelada e completado o colorido. E durante um instante o pintor ficou extasiado diante da obra que tinha realizado mas em seguida, enquanto ainda contemplava, pôs-se a tremer e, pálido, horrorizado, exclamou em voz alta: "Isto é na verdade a própria vida. Voltou-se, subitamente, para ver a sua bem-amada... Estava morta!

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA – CONTOS DE TERROR, MISTÉRIO E MORTE

O VISIONÁRIO

Fica a esperar-me ali! não deixarei de te encontrar nesse profundo vale. HENRY King, Bispo de Chichester: Elegia sobre a morte de sua mulher.

MALFADADO E MISTERIOSO HOMEM! Desnorteado no esplendor de sua própria fantasia e tombado nas chamas de tua própria juventude! De novo, na imaginação eu te contemplo! Mais uma vez teu vulto se ergueu diante de mim... Não, não como te encontras, no frio vale, na sombra!, mas como deverias estar, dissipando uma vida de sublime meditação naquela cidade de sombrias visões, tua própria Veneza, que é um Eliseu do mar querido das estrelas, onde as amplas janelas dos palácios paladinos contemplam, com profunda e amarga reflexão, os segredos de suas águas silenciosas.

Sim, repito-o como deverias estar! Há seguramente outros mundos que não este...outros pensamentos que não os pensamentos da multidão... outras especulações que não as especulações dos sofistas. Quem discutirá então tua conduta? Quem te censurará por tuas horas visionárias, ou denunciará aquelas ocupações como uma perda de vida, quando eram apenas a superabundância de tuas energias eternas?.

Foi em Veneza, por baixo da arcada coberta que chamam a Ponte di Sospiri que encontrei, pela terceira ou quarta vez, a pessoa de quem falo. É com uma confusa recordação que trago à mente as circunstâncias daquele encontro. Contudo, recordo... ah, como poderia esquecer!. .. a profunda treva da meia-noite, a Ponte dos Suspiros, a beleza de mulher e o Gênio Romântico que palmilhava abaixo e acima o estreito canal.

Era uma noite de insólita escuridão. O grande sino da Piazza havia soado a quinta hora da noite italiana. O Largo do Campanile jazia silente e deserto e as luzes, no velho Palácio Ducal, iam rapidamente morrendo. Voltava eu para casa da Piazzetta, através do Canal. Mas, quando minha gôndola chegou em frente à boca do canal San Marco, uma voz feminina irrompeu subitamente os seus recessos, dentro da noite, num grito selvagem, histérico e interminável. Abalado pelo grito, ergui-me, enquanto o gondoleiro, deixando deslizar seu único remo, perdeu-o naquela escuridão de breu sem nenhuma possibilidade de recuperá-lo. Em conseqüência, ficamos ao sabor da corrente, que ali existe vinda do grande para o pequeno canal. Como um imenso condor de penas de areia éramos vagarosamente levados para a Ponte dos Suspiros quando milhares de archotes acenderam-se nas janelas e nas escadarias do Palácio Ducal, transformando imediatamente toda aquela profunda treva num dia lívido e sobrenatural..

Uma criança, escorregando dos braços de sua própria mãe, tinha caído de uma das janelas de cima do elevado edifício dentro do fundo e sombrio canal. As águas tranqüilas haviam-se fechado placidamente, sobre sua vitima; e, embora minha gôndola, fosse a

única à vista, muitos nadadores ousados já se achavam a água procurando em vão, na superfície, o tesouro que, infelizmente apenas deveria ser encontrado dentro do abismo.

Sobre as negras lajes de mármore, à entrada do palácio, e a poucos passos acima da água, estava de pé um vulto que ninguém que o visse poderia daí por diante esquecer. Era a Marquesa Afrodite, adorada por Veneza inteira, a mais alegre das criaturas alegres, a mais bela onde todas eram belas, mas também a jovem esposa do velho e intrigante Mentoni e a mãe daquela linda criança, seu primeiro e único filho, que agora, mergulhado nas águas lôbregas, pensava cheio de amargura o coração, nas doces carícias de sua mãe e exauria sua pequenina vida lutando por chamá-la.

Ela permanecia só. Seus pequeninos pés nus e prateados cintilavam no espelho negro do mármore sobre que pousavam. Seu cabelo, ainda mal desnastrado dos seus enfeites de baile para o sono da noite, enrolava-se, entre um chuveiro de diamantes, em torno de sua cabeça de linhas clássicas, em cachos como os de jacinto em botão. Uma túnica de gaze, branca como a neve, parecia ser a única coisa que lhe cobria as formas delicadas; mas o ar daquela meia-noite de verão era quente, soturno e silencioso, e nenhum movimento, naquela forma estatuária, agitava mesmo as dobras daquele vestuário vaporoso, que a envolvia como o pesado mármore envolve Níobe. Contudo - estranho é dizê-lo! Seus grandes e brilhantes olhos não estavam voltados para baixo, para aquela sepultura onde jazia mergulhada sua mais brilhante esperança, mas fixavam-se numa direção completamente diversa. A prisão da Velha República é, penso eu, o mais majestoso edifício de toda Veneza. Mas como poderia aquela mulher olhar tão fixamente para ele, quando abaixo dela estava-se extinguindo seu próprio filho?

Aquele sombrio e lúgubre nicho também escancarava justamente diante da janela de seu quarto. Que, pois, poderia haver nas suas sombras, na sua arquitetura, nas suas cornijas solene, cingidas de hera que a Marquesa de Mentoni não houvesse contemplado antes, milhares de vezes? Absurdo! Quem não se lembra qua em ocasiões como esta, os olhos, como um espelho partido, multiplicam as imagens de seu pesar e vêem, em numerosos lugares distantes, a desgraça que está ali próxima?

Muitos passos acima da marquesa e sob o arco do portão que dava para a água, estava de pé, em trajes de gala, a própria figura de sátiro de Mentoni. Ele se achava, na ocasião, ocupado em arranhar uma guitarra e parecia mortalmente aborrecido quando, a intervalos dava ordens para o salvamento de seu filho. Estupefato e horrorizado, eu mesmo não tinha forças para mover-me da posição ereta que tomara ao ouvir o primeiro grito e devo ter apresentado à vista do grupo agitado, um aspecto espectral e sinistro quando lívido e de membros rígidos, flutuava entre eles naquela funerária gôndola.

Todos os esforços resultaram vãos. Muitos dos mais enérgicos na busca tinham relaxado suas diligências e entregavam-se a um sombrio pesar . Parecia haver pouca esperança de salvar a criança (e quão muito menos para a mãe!). Mas então, do interior daquele escuro nicho já mencionado, como fazendo parte da prisão da Velha República - e fronteiro ao postigo da marquesa, um vulto, envolto numa capa adiantou-se para dentro do círculo de luz e detendo-se por um instante à beira da descida vertiginosa, mergulhou de cabeça para baixo no canal.

Quando, um instante depois, ele se ergueu com a criança ainda viva e a respirar entre seus braços sobre as lajes de mármore ao lado da marquesa, sua capa, pesada da água que a embebia , desabotoou-se, e, caindo em pregas, em volta de seus pés, descobriu aos olhos dos espectadores, tomados de surpresa, a figura graciosa de um homem muito jovem, cujo nome repercutia na maior parte da Europa. O salvador, nenhuma palavra pronunciou. Mas a marquesa... Receberá agora seu filho! Apertá-lo-á de encontro ao coração, abraçar-se-á estreitamente ao seu pequeno corpo e o cobrirá de carícias! Mas ai!

os braços de outrem tomaram-no das mãos do estrangeiro; os braços de outrem tinham-no levado, tinham-no conduzido para longe, despercebidamente, para dentro do palácio!

E a marquesa?.

Seus lábios, seus lindos lábios tremem; o pranto inunda-lhe os olhos, naqueles olhos que, como o acanto de Plínio, eram "macios e quase líquidos". Sim, o pranto inunda aqueles olhos e - vede! - aquela mulher treme até a alma. . . a estátua recuperou a vida! O palor do rosto marmóreo, a marmórea turgescência dos seios e a alvura imaculada dos pés marmóreos vemo-los, de súbito, enrubescidos por uma onda de incoercível vermelhidão. E um leve tremor lhe agita as delicadas formas como a brisa em Nápoles agita os lírios prateados que brotam dentre a relva.

Porque enrubesceu aquela mulher? Para esta pergunta não há, resposta, exceto que, tendo deixado, com a pressa ávida e com o terror de um coração de mãe a intimidade da sua alcova, tinha-se esquecido de prender os delicados pés nas sandálias e completamente deixado de lançar sobre seus ombros venezianos aquela túnica que eles mereciam. . . Qual outra possível razão haveria para que ela enrubescesse? para o lampejo selvagem daqueles olhos fascinantes? para o insólito tumulto daquele seio arfante? para a convulsa pressão daquela mão trêmula, aquela mão que caiu, acidentalmente, quando Mentoni voltou para dentro do palácio, sobre a mão do estrangeiro? Que razão poderia haver para o som baixo, singularmente baixo, daquelas ininteligíveis palavras que a mulher apressadamente murmurou, ao dizer-lhe adeus?

Venceste - disse ela, ou os murmúrios da água me enganaram. - Venceste... Uma hora depois do sol nascer... encontraremos... está combinado!

O tumulto se extinguira. As luzes se apagaram dentro do palácio e o estrangeiro, a quem eu agora reconhecia, ficara só sobre as lajes. Tremia inconcebivelmente agitado e seus olhos buscavam ao redor uma gôndola. Não pude deixar de oferecer-lhe os serviços da minha e ele aceitou o obséquio. Tendo arranjado um remo perto do portão, seguimos juntos até sua residência, enquanto ele rapidamente, recuperava o domínio de si mesmo e se referia ao nosso antigo e leve conhecimento, em termos aparentemente de grande cordialidade.

Há alguns pontos a respeito dos quais tenho prazer em ser minucioso. A pessoa do estrangeiro - deixe-me assim chamar quem para todo mundo era ainda um estrangeiro -, a pessoa do estrangeiro é um desses pontos. Seu porte era mais abaixo do que acima da altura média, embora em momentos de intensa paixão seu corpo como que se expandia e desmentia o asserto. A fraca e quase delgada conformação de seu vulto era mais adequada à pronta atividade que demonstrara na Ponte dos Suspiros do que à força hercúlea que, se sabe, ele revelara sem esforços, em ocasiões de mais perigosa emergência. Com a boca e o queixo de um deus, olhos estranhos, selvagens, amplos, líquidos, cujas sombras variam do puro castanho ao intenso e brilhante azeviche; bastos cabelos negros e cacheados, dentre os quais brilhava uma fronte, a intervalos, toda luminosa e ebúrnea, uma fronte de insólita amplitude; eram feições estas, cuja regularidade clássica eu jamais vira, a não ser talvez as feições marmóreas do Imperador Cômodo.

Contudo sua fisionomia não era dessas que os homens fixam para sempre . Não tinha expressão característica, nem predominante, para se gravar na memória; uma fisionomia vista e instantaneamente esquecida, mas esquecida com um vago e incessante desejo de reevocá-la à recordação. Não porque o espírito de qualquer rápida paixão deixasse, a qualquer hora, de mostrar sua imagem distinta no espelho daquela face; mas porque o espelho, sendo espelho, não retinha vestígios da paixão quando a paixão se dissipava.

Ao deixá-lo, na noite de nossa aventura, solicitou-me ele, duma maneira que reputei urgente, que o visitasse bem cedo na manhã seguinte. Logo depois do amanhecer, achei-me, por conseguinte, em seu palazzo, um daqueles imensos edifícios de sombria porém, fantástica majestade que se erguem por cima das águas do Grande Canal, nas vizinhanças do Rialto. Subindo por uma larga escadaria circular de mosaicos, entrei num aposento cujo esplendor inigualável flamejava pela porta aberta, numa verdadeira cintilação que me tornava cego e entontecido, pela sua faustosidade.Verifiquei que meu conhecido era rico. O que eu ouvira a respeito de suas posses me parecera uma exageração ridícula. Mas, ao olhar em torno de mim, não podia ser levado a acreditar que a riqueza de qualquer súdito europeu pudesse suprir a principesca magnificência que flamejava e resplandecia ali.

Embora, como disse, o sol já se tivesse erguido, o quarto ainda se achava brilhantemente iluminado. Julgo, por esta circunstância bem como pelo ar de cansaço de meu amigo, que ele não se deitara durante toda a noite precedente. Na arquitetura e embelezamentos do quarto, o objetivo evidente fora o de deslumbrar e espantar. Pouca atenção se dera à decoração do que é tecnicamente chamado de "harmonia", ou ás características de nacionalidade. O olhar vagava de um objeto a outro e não se fixava em nenhum, nem nos grotesques dos pintores gregos, nem nas esculturas das melhores épocas italianas, nem nas imensas inscrições do primitivo Egito. Ricas tapeçarias, por toda parte do quarto, tremiam à vibração de uma música suave e melancólica cuja origem não podia ser descoberta. O olfato era sufocado pela mistura de perfumes heterogêneos que se exalavam de estranhos incensários retorcidos, juntamente com numerosas e agitadas línguas flamejantes dum fogo de esmeralda e violeta. Os raios do sol, que acabava de nascer, banhavam todo o quarto através das janelas formadas, cada uma, de simples peça de vidro cor-de-rosa. Cintilando para lá e para cá, em mil reflexos, das cortinas que pendiam de suas cornijas como cataratas de prata derretida, os raios da luz natural misturavam-se por fim, caprichosamente, com a luz artificial e rolavam, em massas avassaladoras, sobre um tapete de um rico tecido, que parecia o ouro líquido do Chile.

- Ah, ah, ah! Ah, ah, ah! - riu o proprietário, apontando-me uma cadeira, quando eu entrei no quarto, e lançando-se de costas, a fio comprido, sobre uma otomana. - Vejo - disse ele, notando que eu não podia imediatamente adaptar-me a esquisitice de tão singular acolhida -, vejo que está atônito à vista de meu aposento, de minhas estátuas, de meus quadros, de minha originalidade, de concepção em arquitetura e tapeçamento...absolutamente embriagado, hein, com a minha magnificência?

Mas, perdoe-me, meu caro senhor (e aqui o tom de sua voz encheu-se do verdadeiro espírito de cordialidade), perdoe-me a minha descaridosa gargalhada. O senhor se mostrou tão extremamente atônito! Além disso, algumas coisas há tão completamente ridículas que um homem deve rir ou morrer. Morrer rindo deve ser a mais gloriosa de todas as mortes gloriosas! Sir Thomas More - e que homem inteligente era Sir Thomas More! - morreu rindo, como o senhor se recorda. Também nos Absurdos de Ravisius Textor há uma longa lista de personagens que tiveram o mesmo magnífico fim. O senhor sabe, porém - continuou ele, reflexivamente -, que em Esparta (que é agora Palaeochori), em Esparta, como disse, a oeste da cidadela, entre um amontoado de ruínas dificilmente visíveis, há uma espécie de soco, sobre o qual se lêem ainda as letras "LASM". Fazem parte sem dúvida, da palavra "GELASMA". Ora, em Esparta havia milhares de templos e santuários dedicados a milhares de divindades diferentes. Como é excessivamente estranho que o altar do Riso tenha a todos os outros! Mas, na presente circunstância - prosseguiu ele, com singular alteração da voz e das maneiras -, não tenho o direito de alegrar-me à sua custa. O senhor tinha bem razão de ficar admirado. A Europa não pode produzir qualquer coisa tão bela como esta, este meu régio gabinete. Meus outros aposentos não são, de modo algum, da mesma espécie; são meros de "ultras" de insipidez elegante. Isto é melhor do que a moda, não é?

Contudo, basta o que se está vendo para provocar o despeito daqueles que só poderiam adquiri-lo à custa de seu inteiro patrimônio. Tenho evitado porém, semelhante profanação. Com uma exceção apenas: e é o senhor a única criatura humana, além de mim mesmo e de meu criado, a ser admitido dentro dos mistérios deste recinto imperial, desde que ele foi adornado da maneira que o senhor vê...

Curvei-me, reconhecido, pois a dominante sensação de esplendor, o perfume e a música, juntamente com a inesperada excentricidade da fala e das maneiras dele impediam-me de exprimir, com palavras, aquilo que eu compusera na mente como um cumprimento.

- Aqui - continuou ele, levantando-se e apoiando-se no meu braço, enquanto vagava pelo aposento -, aqui estão pinturas, desde os gregos até Cimabue, e de Cimabue até a época atual. Muitas foram escolhidas, como vê, com pouco respeito às opiniões da crítica da arte. Todas, porém, são tapeçarias adequadas a um quarto como este. Aqui, também, há algumas obras-primas dos grandes desconhecidos... e ali, desenhos inacabados de homens célebres na sua época e cujos verdadeiros nomes a perspicácia das academias abandonou ao silêncio e a mim. Que pensa o senhor - disse ele, voltando-se bruscamente, enquanto falava -, que pensa o senhor desta Madonna della Pietã?

- É do próprio Guido! - disse eu, com todo o entusiasmo de minha natureza, pois tinha estado de olhos atentamente fixos sobre beleza transcendente. - É do próprio Guido! Como pôde obtê-la? É, indubitavelmente, em pintura, o que Vênus é em escultura!...

- Ah! - disse ele pensativamente. -Vênus.. . a bela Vênus... A Vênus dos Médicis? A de cabeça pequena e de cabelo dourado? Parte do braço esquerdo (aí sua voz se abaixou, a ponto de ser ouvida com dificuldade) e todo o braço direito são restaurações; e no amaneirado daquele braço direito se encontra, penso eu, a quinta-essência de toda a afetação. Para mim, a Vênus de Canova! O prório Apolo, também, é uma cópia... não pode haver dúvida... Oh, louco, estúpido cego que eu sou, que não posso apreender a ostentosa inspiração do Apolo! Não posso deixar - pobre de mim -, não posso deixar de preferir o Antinous. Não foi Sócrates quem disse que o escultor descobre sua estátua no bloco de mármore? Por isso Miguel Ângelo não foi, de modo algum, original nos seus versos:Non ha l'ottimo artista alcun Concettoche un marmo solo in se non circunscriva.(Não tem o ótimo artista algum conceito/que um mármore só em si não circunscreva N.T.)

Tem sido ou deveria ter sido notado que na maneira dos verdadeiros homens de gosto nós sempre estamos cônscios de uma diferença do procedimento do homem vulgar, sem sermos imediata e precisamente capazes de determinar em que consiste tal diferença. Admitindo que a observação se aplicasse em todo o seu vigor à conduta estranha de meu conhecido, sentia, naquela manhã cheia de acontecimentos, que ela era mais plenamente aplicável ainda ao seu temperamento moral e ao seu caráter. Nem posso eu melhor definir aquela peculiaridade de espírito que parecia colocá-lo tão essencialmente a parte de todos os outros seres humanos do que chamando-a um hábito de intenso e continuo pensamento, tomando conta até mesmo de suas mais triviais ações, intrometendo-se seus momentos de ócio e interferindo nas suas explosões de alegria como serpentes que irrompem dos olhos das máscaras careteantes nas cornijas que cercam os templos de Persépolis.

Não podia deixar, porém, de repetidas vezes observar, através do tom de misturada leviandade e solenidade com que ele rapidamente comentava assuntos de pouca importância, certo ar de trepidação, um grau de fervor nervoso no agir e no falar, certa inquieta excitabilidade de maneiras que a mim me parecia, a todo tempo inexplicável e, em algumas ocasiões mesmo, me alarmava.

Freqüentemente, também, parando em meio de uma frase cujo começo tinha sido, na aparência, esquecido, parecia estar escutando em meio da mais profunda atenção, como se esperasse, de momento, um visitante ou ouvisse sons que só deviam ter existência na sua imaginação.

Foi durante um desses devaneios ou pausas de aparente abstração que, passando uma folha da bela tragédia do poeta e erudito Policiano, Orfeu (a primeira tragédia original italiana), que estava ao meu lado sobre uma otomana, descobri um trecho sublinhado a lápis. Era uma passagem, já no fim do terceiro ato, uma passagem da mais excitante comoção, uma passagem que, embora tinta de impureza, nenhum homem lerá sem um arrepio de nova emoção; e nenhuma mulher sem um suspiro. A página inteira estava manchada de lágrimas recentes e, na página oposta, viam-se os seguintes versos em ingleses, escritos numa caligrafia tão diferente da letra característica de meu conhecido que tive alguma dificuldade em reconhecer como de seu próprio punho:

Tudo quanto anelei foste, amor,
tudo quanto minha alma queria:
ilha verde nos mares, amor,
templo, fonte que límpida fluía
num jardim de encantado primor
onde a mim cada flor pertencia.
Ah, o sonho fulgiu demais, para
persistir! Foi anseio estrelado
que morreu, mal surgira e brilhara!
Diz-me "Avante" o Futuro em voz clara;
não o escuto! Somente o Passado
(triste abismo) é que o espírito encara,
mudo, lívido, petrificado.
Sim, a luz me fugiu desta vida!
Foi-se a chama! Ficaram-me os ais.
Nunca mais, nunca mais, nunca mais
(ah! com essas palavras fatais
fala às praias a vaga abatida),
fronde ao raio tombada, jamais
te hás de erguer, nem tu, águia ferida!
E meus dias em êxtases passo,
e meu sonho procura no espaço
teu olhar, onde quer que o escondas,
e o fulgor de teus rastros, o traço
de teus pés, em celestes, mil rondas,
junto a eternas, incógnitas ondas.

Causou-me pouca surpresa que aqueles versos estivessem escritos em inglês, língua que eu não acreditava fosse do conhecimento de seu autor. Mas também estava certo da extensão de seus conhecimentos e do singular prazer que ele experimentava em ocultá-lo à observação, para que me espantasse diante de semelhante descoberta. O lugar da data, porém, devo confessar, causou-me não pequeno espanto. Fora originariamente de Londres e depois cuidadosamente riscado, não porém de modo eficiente para ocultar a palavra a um olhar escrutinador. Afirmo que isto me causou não pequeno espanto, pois bem me recordo de que, em anterior conversa com meu amigo, inquiri particularmente dele se havia se encontrado em Londres, alguma vez, com a Marquesa de Mentoni (que durante alguns anos, antes de seu casamento, havia residido naquela cidade) quando sua resposta, se não me engano, deu-me a entender que ele nunca visitara a metrópole da Grã-Bretanha.

Eu poderia, entretanto aqui mencionar que mais de uma vez ouvi (sem indubitavelmente dar crédito a um boato, que implicava tantas improbabilidades) que a pessoa de quem falo era, não só de nascimento, mas de educação, inglês.

- Há um quadro - disse ele, sem saber que eu conhecia a tragédia- , há ainda um quadro que o senhor não viu.

E afastando para um lado uma cortina, descobriu um retrato inteiro da Marquesa Afrodite.

A arte humana nada mais podia ter feito no delinear-lhe a sobre-humana beleza. O mesmo vulto etéreo que se erguera diante de mim na noite precedente sobre os degraus do Palácio Ducal ali permanecia à minha frente, mais uma vez. Mas, na expressão da fisionomia, toda a cintilar de sorrisos, ali ainda se ocultava (anomalia incompreensível!) aquela caprichosa sombra de melancolia que sempre se encontra como inseparável da perfeição do belo. Seu braço direito dobrava-se sobre seu seio. Com o braço esquerdo apontava para um vaso de formato estranho. Um pequeno e lindo pé, mal visível, tocava de leve a terra; e, dificilmente discernível, na brilhante atmosfera que parecia cercar e aureolar sua beleza, flutuava um par das mais delicadamente imaginadas asas. Meu olhar desceu do quadro para o rosto de meu amigo e as vigorosas palavras do Bussy d'Amboise, de Chapman, palpitaram-me, instintivamente, nos lábios:

Está de pé ali
Como uma romana estátua. E assim ficará
Até que a morte em mármore o transforme!

- Venha! - disse ele afinal, voltando-se para uma mesa de prata maciça, ricamente esmaltada, sobre a qual viam-se várias taças fantasticamente pintadas, ao lado de dois grandes vasos etruscos talhados no mesmo extraordinário modelo do primeiro plano do quadro, e cheios do que supunha eu ser Johannisberger. - Venha! - disse ele, bruscamente -, bebamos! É cedo ainda, mas bebamos! É realmente cedo - continuou ele, reflexivamente, quando um querubim, com um pesado martelo de ouro, fez o aposento retinir com a primeira hora depois do nascer do sol. - É realmente cedo... Mas, que importa? Bebamos! Façamos uma libação àquele solene sol que essas brilhantes lâmpadas e incensários estão tão ávidos de dominar!

E, tendo-me feito brindá-lo com um enorme copo, engoliu, em rápida sucessão, várias taças de vinho.

- Sonhar - continuou ele, no tom de sua inconstante conversa ao erguer, diante da viva flama dum incensário, um dos magníficos vasos -, sonhar tem sido a ocupação de minha vida. Armei, pois, para mim, como vê, um camarim de sonhos. Poderia construir um melhor no coração de Veneza? O senhor observa em torno de si, é verdade, uma mistura de adornos arquitetônicos. A castidade da lônia é ofendida pelas inscrições antediluvianas e as esfinges do Egito se estendem sobre tapetes dourados. Contudo, o efeito só é incongruente para o tímido. Conveniências de lugares, e especialmente de tempo, são os fantasmas que afastam a humanidade aterrorizada da contemplação do magnificente. Fui outrora decorador mas esta sublimação do disparate embotou a minha alma. Tudo isto é agora o mais apropriado para meu propósito. Como aqueles arabescados incensários, meu espírito se estorce em labaredas e o delírio desta cena está-me amoldando para as mais insensatas visões daquela região de verdadeiros sonhos para onde estou agora rapidamente partindo.

Aqui parou subitamente, inclinou a cabeça sobre o peito e pareceu escutar um som que eu não podia ouvir. Por fim, erguendo o busto, olhou para cima e proferiu os versos do Bispo de Chichester:

Fica a esperar-me ali! Não deixarei
De te encontrar nesse profundo vale.

No momento seguinte, reconhecendo o poder do vinho, lançou-se, a fio comprido, sobre uma otomana.

Ouviu-se então um leve rumor de passos na escadaria, a que logo se seguiu pesada pancada à porta. Apressava-me em evitar segunda interrupção, quando um pajem da casa de Mentoni irrompeu pelo quarto e gaguejou, numa voz embargada de emoção, incoerentes palavras:

- A minha senhora ... a minha senhora.. . envenenada... formosa... oh formosa Afrodite!

Atordoado, corri para a otomana e tentei despertar o adormecido para que soubesse a apavorante informação. Mas seus membros estavam rígidos, seus lábios estavam lívidos, seus olhos, ainda pouco cintilantes, estavam reviradospela morte. Recuei, cambaleante para a mesa. Minha mão caiu sobre uma taça partida e enegrecida e a consciência da completa e terrível verdade brilhou subitamente na minha alma.

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA – CONTOS POLICIAIS

OS CRIMES DA RUA MORGUE

Que canção cantavam as sereias? Que nome tomara Aquiles quando se ocultou entre as mulheres? Perguntas são estas de embaraçosa resposta, é certo, mas que não estão fora de possíveis conjeturas.

SIR THOMAS BROWNE: Urn-Burial.

As faculdades do espírito, denominadas analíticas, são , em si mesmas, bem pouco suscetíveis de análise. Apreciamo-las somente em seus efeitos. O que delas sabemos, entre outras coisas, é que são sempre, para quem as possui em grau extraordinário, fonte do mais intenso prazer. Da mesma forma que o homem forte se rejubila com suas aptidões físicas, deleitando-se com os exercícios que põem em atividade seus músculos, exultam os analistas com essa atividade espiritual, cuja função é destrinchar enredos. Acha prazer até mesmo nas circunstâncias mais triviais desde que ponham em jogo seu talento. Adora os enigmas , as advinhas, os hieróglifos, exibindo nas soluções de todos eles um poder de acuidade, que, para o vulgo, toma o aspecto de coisa sobrenatural. Seus resultados, alcançados apenas pela própria alma e essência , têm, na verdade, ares de intuição.

Essa faculdade de resolução é, talvez, bastante revigorada pelo estudo da matemática e especialmente pelo do mais alto ramo desta, que injustamente e tão só por causa de suas operações retrógradas, tem sido denominada de análise. Como se fosse a análise por excelência. No entanto o cálculo em si mesmo não é análise. O jogador de xadrez por exemplo, exercita um, sem fazer uso da outra. Daí decorre ser o jogo de xadrez grandemente mal apreciado nos seus efeitos sobre a natureza mental.

Não pretendo escrever aqui um tratado, mas simplesmente prefaciar uma estória bastante singular com algumas observações um tanto à ligeira . Aproveitarei , pois, a ocasião para afirmar que os mais altos poderes do intelecto reflexivo se põem mais decidida e mais utilmente à prova no modesto jogo de damas do que em todas as complicadas frivolidades do xadrez. Neste último jogo, em que as peças têm movimentos diferentes e estranhos, com diversos e variados valores, o que é complexo - erro bastante comum - se confunde com o que é profundo. A atenção é nele posta poderosamente em jogo. Se ela se distrai por um instante, comete-se um erro que resulta em perda ou em derrota.

Como os movimentos possíveis não são somente múltiplos, como também intrincados, as possibilidades de tais enganos se multiplicam. E em nove casos dentre dez é o jogador mais atento, e não mais hábil, quem ganha. No jogo de damas, pelo contrário, e que os movimentos são únicos e pouco variam, as probabilidades de engano ficam diminuídas e, a atenção não estando de todo absorvida, todas as vantagens obtidas pelos jogadores só o são graças uma perspicácia superior.

Concretizando o que dissemos, suponhamos um jogo de dama em que as pedras fiquem reduzidas a quatro damas, e onde, sem dúvida, não se deve esperar engano algum. É evidente que aqui a vitória pode ser decidida - estando as duas partes em iguais condições - somente por algum movimento muito hábil, resultado dum forte esforço intelectual. Privado dos recursos habituais, o analista coloca-se no lugar de seu adversário, identifica-se com ele não poucas vezes descobre, num simples relance de vista, o único meio - às vezes absurdamente simples - de induzi-lo a um erro ou precipitá-lo num cálculo errado.

O jogo de whist tem sido famoso desde muito por sua influência sobre o que se chama "faculdade de calcular" e conhecem-se homens do elevado valor intelectual que dele auferem um deleite aparentemente inacreditável, ao passo que menosprezam o jogo de xadrez como frívolo. É fora de dúvida que nenhum jogo análogo existe que tão grandemente exercite a faculdade de análise. O melhor jogador de xadrez da cristandade não passa de ser o melhor enxadrista; mas o jogador proficiente de whist tem capacidade de êxito em todas as especulações de bem maior importância, em que o espírito luta com o espírito. Quando digo jogador proficiente, quero significar essa perfeição no jogo, que inclui o conhecimento de todas as fontes donde pode derivar um proveito legítimo. E estas não são apenas numerosas, mas complexas, e jazem freqüentemente em recessos do pensamento, totalmente inacessíveis a uma inteligência comum.

Observar atentamente equivale a recordar com clareza; e, conseqüentemente, o jogador de xadrez capaz de concentração intensa será bom jogador de whist, porquanto as regras de Hoyle, baseada apenas no simples mecanismo do jogo, são geralmente bastante inteligíveis. Por isso, ter uma boa memória e jogar de acordo com "livro" são pontos comumente encarados como o sumo do bem jogar. Mas é nas questões acima dos limites da simples regra que se evidencia o talento do analista. Em silêncio, faz ele uma série enorme de observações e inferências. O mesmo talvez façam seus parceiros e a diferença de extensão das informações obtidas não se encontra tanto na validade da dedução como na qualidade da observação.

O necessário é saber o que se tem de observar. Nosso jogador não se confina no seu jogo, nem rejeita deduções nascidas de coisas externas ao jogo, somente porque é o jogo seu objetivo do momento. Examina a fisionomia do parceiro, comparando-a cuidadosamente com a de cada um de seus adversários. Considera a maneira pela qual são arrumadas as cartas em cada mão; e muitas vezes conta pelos olhares lançados pelos seus possuidores às suas cartas, os trunfos e figuras que têm.

Nota cada movimento do rosto, à medida que o jogo se adianta, coligindo um cabedal de idéias, graças às diferenças fisionômicas indicativas de certeza, surpresa, triunfo, ou pesar. Da maneira de recolher uma vasa, adivinha se a pessoa pode fazer outra da mesma espécie. Reconhece um jogo fingido da maneira com que é lançada a carta na mesa. Uma palavra casual ou inadvertida, uma carta que cai acidentalmente, ou que é virada, e o conseqüente olhar de ansiedade ou despreocupação com que é apanhada, a contagem das vasas pela sua ordem de arrumação, embaraço, a hesitação, a angústia ou a trepidação, tudo isso são sintomas para sua percepção aparentemente intuitiva, do verdadeiro estado das coisas. Realizadas as duas ou três primeiras jogadas, está ele de posse completa das cartas que estão em cada mão e portanto, joga suas cartas com uma tão absoluta precisão como se o resto dos jogadores houvesse mostrado as suas.

O poder analítico não deve confundir-se com a simples engenhosidade porque, se bem que seja o analista necessariamente engenhoso, muitas vezes acontece que o homem engenhoso é notavelmente incapaz de análise. A capacidade de construtividade e de combinação, por meio da qual usualmente se manifesta a engenhosidade e à qual os

frenólogos (a meu ver, erroneamente) atribuem um órgão separado, supondo-a uma faculdade primordial, tem sido tão freqüentemente encontrada naqueles cujo intelecto está quase nos limites da idiotia, que atraiu a atenção geral dos tratadistas de moral social. Entre o engenho e a habilidade analítica existe uma diferença muito maior, na verdade, do que entre a fantasia e a imaginação, mas de caráter estritamente análogo.

Verificar-se-á, com efeito, que os homens engenhosos são sempre fantasistas e os verdadeiramente imaginativos são, por sua vez, sempre analíticos. A estória que se segue aparecerá ao leitor como um comentário luminoso das proposições que acabo de anunciar.

Residindo em Paris, durante a primavera e parte do verão de 18..., travei ali conhecimento com um Sr. C. Augusto Dupin, jovem cavalheiro de excelente e ilustre família. Em conseqüência duma série de acontecimentos desastrosos, ficara reduzido a tal pobreza que a energia de seu caráter sucumbira aos reveses, tendo ele deixado de freqüentar a sociedade e de esforçar-se em recuperar sua fortuna. Graças à condescendência de seus credores, mantinha-se ainda de posse dum resto de seu patrimônio, com cuja renda conseguia, com rigorosa economia, prover-se do necessário, sem cuidar de coisas supérfluas. Tinha na verdade um único luxo: os livros, que, em Paris, podem ser adquiridos a baixo custo.

Nosso primeiro encontro se deu numa escura livraria da Rua Montmartre , onde o acaso de estarmos à procura do mesmo livro, notável e raro, nos fez entrar em estreitas relações. Via-mo-nos freqüentemente. Interessou-me intensamente a pequena estória de família que ele me contou, com toda aquela sinceridade característica do francês, quando se trata de si mesmo. Causou-me também admiração a vasta extensão de suas leituras e, acima de tudo, empolgaram-me a alma o intenso fervor e a vívida frescura de sua imaginação. Procurando em Paris certas coisas que me interessavam, vi que a convivência com tal homem seria para mim tesouro inapreciável.

E isso mesmo, francamente, lho disse. Resolvemos por fim morar juntos durante minha permanência em Paris e, como minha situação financeira era muito melhor que a dele, a mim coube a despesa de alugar e mobiliar, num estilo adequado à um tanto fantástica melancolia de nossos caracteres, uma velha e grotesca casinha, quase em ruínas, há muito desabitada, em virtude de superstições de que não indagamos, e situada em solitário recanto do bairro de São Germano.

Se a rotina da vida que ali levávamos viesse a ser conhecida do mundo, ter-nos-iam como doidos ou, talvez, por simples malucos inofensivos... Nossa reclusão era completa. Não recebíamos visitas. Para dizer a verdade, tínhamos mantido sigilo absoluto a respeito do lugar de nosso retiro até mesmo para com nossos antigos camaradas. Havia muitos anos que Dupin cessara de travar novos conhecimentos, ou de ser conhecido em Paris. Vivíamos, pois, sozinhos os dois.

Tinha meu amigo uma esquisitice - que outro nome posso lhe senão esse? - que era a de amar a noite por amor da noite. E dessa esquisitice, bem como de todas as outras dele, me deixei eu contagiar, abandonando-me ao sabor de suas extravagantes originalidades. A negra divindade não podia viver sempre conosco, mas nós, lhe imitávamos a presença. Aos primeiros albores da manhã fechávamos todos os pesados postigos de nossa velha casa, acendiamos um par de círios, fortemente perfumados, que emitiam uma luz fraca e pálida. Graças a ela, mergulhávamos nossas almas nos sonhos, líamos, escrevíamos, ou conversávamos, até que o relógio nos advertisse da chegada da verdadeira escuridão. Então, saía pelas ruas, de braço dado, continuando a conversa do dia, ou vagando por toda parte, até hora avançada, à procura, entre as luzes desordenadas e as sombras da

populosa cidade, daquelas inumeráveis excitações cerebrais que a tranqüila observação pode proporcionar.

Em tais ocasiões, não podia deixar eu de notar e de admirar em Dupín (embora a rica idealidade de que era ele dotado a isso conduzisse, como era de esperar) certa habilidade analítica peculiar. Parecia, também, sentir acre prazer no exercitá-la, senão mais exatamente em exibi-la, e não hesitava em confessar a satisfação disso lhe provinha.Dizia-me, com vanglória e com uma risadinha escarninha, que a maioria dos homens tinha para ele janelas no coração, acompanhando geralmente tal afirmativa de provas diretas e bem surpreendentes de seu profundo conhecimento de minha própria pessoa.

Seus modos, nesses momentos, eram frios e abstratos; seus olhos tinham uma expressão vaga, ao passo que sua voz, geralmente de belo timbre de tenor, elevava-se agudamente, num tom que seria insolente, não fosse a ponderação e inteira segurança da enunciação. Observando- lhe esses modos, muitas vezes fiquei a meditar sobre a velha filosofia da Alma Dupla, e divertia-me com a idéia de um duplo Dupin: o criador e o analista.

Não se suponha, do que acabo justamente de dizer, que estou circunstanciando algum mistério, ou escrevendo algum romance. O que descrevi na pessoa desse francês foi simplesmente o efeito de uma inteligência excitada, ou talvez doentia, mas um exemplo melhor da natureza de suas observações na época em questão.

Passeávamos, certa noite, por uma comprida e suja rua, nas vizinhanças do Palais Royal. Estando, aparentemente ambos nós, ocupados com os próprios pensamentos, havia já uns quinze minutos que nenhum dos dois dizia uma só sílaba. Subitamente, Dupin pronunciou as seguintes palavras:

- A verdade é que ele é mesmo um sujeito muito pequeno e daria mais para o Théâtre des Variétés.

Não pode haver dúvida alguma a respeito - respondi, inconscientemente , e sem reparar, a princípio (tão absorto estivera em minha meditação), a maneira extraordinária pela qual as palavras de meu companheiro coincidiam com o objeto de minhas reflexões. Um instante depois dei-me conta do fato e meu espanto não teve limites.

- Dupin - disse eu, com gravidade -, isto passa as raias de minha compreensão. Não hesito em dizer que estou maravilhado e mal posso dar crédito a meus sentidos. Como é possível que soubesse você que eu estava pensando em...

Aqui me detive, para certificar-me, sem sombra de dúvida, se ele realmente sabia em quem pensava eu.

- Em Chantilly - disse ele. - Por que parou? Não estava você justamente a pensar que o tamanho diminuto dele não se adequava à representação de tragédias?

Era esse precisamente o assunto de minhas reflexões. Chantilly era um antigo sapateiro-remendão da Rua São Diniz, que, fanático pelo teatro, atrevera-se a desempenhar o papel de Xerxes, na tragédia de Crébillon, do mesmo nome, tendo por isso merecido críticas violentas.

- Diga-me, pelo amor de Deus - exclamei -, qual foi o processo... se é que há algum... que o capacitou a sondar o íntimo de minha alma.

Eu estava, na verdade, mais surpreso do que desejava parecer.

- Foi o fruteiro - respondeu meu amigo - quem levou você à conclusão de que o remendador de solas não tinha bastante altura para o papel de Xerxes et id genus omne.(e para nenhum de sua classe N.T.)

- O fruteiro?! Você me assombra! Não conheço fruteiro de espécie alguma.

- O homem que lhe deu um encontrão quando entramos nesta rua, há talvez uns quinze minutos.

Lembrei-me então que, de fato, um fruteiro, carregando na cabeça um grande cesto de maçãs, quase me derrubara acidentalmente, quando havíamos passado da Rua C*** para a avenida em que nos achávamos. Mas o que tivesse isso que ver com Chantilly é o que eu não podia compreender.

Não havia em Dupin uma partícula sequer de charlatanice.

- Vou explicar - disse ele -, e, para que você possa compreender tudo claramente, vamos primeiro retroceder, seguindo curso de suas meditações, desde o momento em que lhe falei até o do encontrão com o tal fruteiro. Os elos mais importantes da cadeia são estes: Chantilly, Órion, Dr. Nichols, Epicuro, a estereotomia, as pedras da rua, o fruteiro.

Há bem poucas pessoas que não tenham, em algum momento de sua vida, procurado divertir-se; remontando os degraus pelos quais atingiram certas conclusões particulares de suas idéias. Esta ocupação é, não poucas vezes, cheia de interesse e o que a experimenta pela primeira vez fica admirado diante da aparente distância ilimitada e da incoerência que há entre o ponto de partida e a chegada. Qual não foi, pois, o meu espanto, quando ouvi o francês falar daquela maneira, e não pude deixar de reconhecer que ele havia falado a verdade.

Continuou:

- Estávamos conversando a respeito de cavalos, se bem lembro, justamente antes de deixar a Rua C***... Foi o último assunto que discutimos. Ao cruzarmos na direção desta avenida, um fruteiro, com um grande cesto sobre a cabeça, passando a toda pressa à nossa frente, lançou você de encontro a um monte de pedras, empilhadas no lugar onde estão consertando o calçamento. Você pisou em uma das pedras soltas, escorregou, torceu levemente o tornozelo, pareceu aborrecido ou contrariado, resmungou uma palavras, voltou-se para olhar o monte de pedras e depois continuou a caminhar em silêncio. Não estava particularmente atento ao que você fazia, mas é que a observação se tornou para mim, ultimamente, uma espécie de necessidade.

Você manteve os olhos fixos no chão, olhando com expressão mal-humorada os buracos e sulcos do pavimento (de modo que você continuava pensando ainda nas pedras), ate' que alcançamos a pequena Travessa Lamartine, que foi calçada, a título de experiência, com tacos de madeira solidamente reajustados e fixos. Ali, sua fisionomia se iluminou e, percebendo que seus lábios se moviam, não tive duvida em que você murmurava a palavra " estereotomia", termo demasiado pedante que se aplica a essa espécie de calçamento. Sabia que você não podia dizer consigo mesmo a palavra "estereotomia" sem vir a pensar em átomos e portanto teorias de Epicuro. Como não faz muito tempo que discutimos este assunto, lembro-me haver mencionado quão singularmente, embora muito pouco notado , as vagas conjeturas daquele nobre grego tinham tido confirmação com a recente cosmogonia nebular, e vi que você não que não erguesse os olhos para a grande nebulosa de Órion, coisa que eu esperava , você não deixaria de fazer. Você olhou,

pois, para cima e tinha então a certeza de haver acompanhado estritamente o fio de suas idéias. Naquela crítica ferina que apareceu a respeito de Chantilly, ontem, no Musée, o satirista, fazendo algumas maldosas alusões à mudança de nome do remendão ao calçar coturnos, citou um verso latino, a respeito do qual temos tantas vezes conversado. Refiro-me ao verso:Perdidit antiquum litera prima sonum. (a antiga palavra perdeu sua primeira letra N.T.)

Eu havia lhe explicado a você que este verso aludia a Órion, que antigamente se escrevia Urion, e, por causa de certa mordacidade ligada a esta explicação, estava eu certo de que você não poderia tê-la esquecido. Era, portanto, bem claro que você não deixaria de combinar as duas idéias de Órion e Chantilly. Que você as havia combinado vi pela espécie de sorriso que lhe pairou nos lábios. Pensou na imolação do pobre remendão. Até então estivera você a caminhar meio curvado, mas naquele momento você se endireitou, ficando bem espigado, a toda a altura. Certifiquei-me então de que estivera pensando na pequena estatura de Chantilly. Neste ponto, interrompi suas meditações para observar que, como, de fato, era ele um sujeito muito baixo, o tal Chantilly daria melhor para representar no Théâtre des Variétés.

Pouco tempo depois disto, estávamos lendo uma edição vespertina da Gazette des Tribunaux quando os seguintes parágrafos detiveram nossa atenção:

CRIMES EXTRAORDINÁRIOS

Esta manhã, cerca das três horas, os moradores do bairro de São Roque foram despertados do sono por sucessivos gritos aterrorizadores, provindos, ao que parecia, do quarto andar duma casa da Rua Morgue, da qual eram únicos inquilinos uma tal Sra. L'Espanaye e sua filha, a Srta. Camila L'Espanaye. Depois de certa demora, ocasionada pela infrutífera tentativa de penetrar na casa pela maneira habitual, foi a porta arrombada com um pé-de-cabra, oito ou dez vizinhos entraram, em companhia de dois gendarmes,. A esse tempo, já haviam cessado os gritos, mas, ao subir o grupo o primeiro lanço de escada, ouviram-se duas ou mais vozes, ásperas, em colérica disputa, quais pareciam provir da parte mais alta da casa. Alcançado o segundo andar, também esses sons cessaram e tudo ficou em completo silêncio.

O grupo espalhou-se, a correr quarto por quarto. Ao chegarem a um grande quarto, da parte de trás, no quarto andar (cuja porta foi arrombada, por se achar fechada a chave, por dentro), o espetáculo que se apresentou à vista dos presentes os encheu não só de assombro como de horror.O aposento apresentava a mais selvagem desordem, com a mobília partida e jogada em todas as direções. Havia apenas uma armação de cama, cujas roupas e colchão tinham sido arrancados e lançados no meio do quarto.

Sobre uma cadeira via-se uma navalha, manchada de sangue. Na chaminé encontravam-se duas ou três longas e espessas mechas de cabelo humano grisalho, também sujas de sangue e parecendo terem sido arrancada pela raiz. Espalhados no chão, quatro napoleões, um brinco de topázio, três grandes colheres de prata, três pequenas, de metal d'Alger, e duas bolsas contendo cerca de quatro mil francos em ouro. As gavetas duma escrivaninha, ao canto, estavam abertas, e tinham sido, ao que parecia, saqueadas, embora ainda contivessem muitos objetos. Um pequeno cofre de ferro foi descoberto debaixo do colchão e não da armação da cama. Estava aberto e com a chave ainda na fechadura. Continha apenas umas poucas cartas velhas e outros papéis de pequena importância.

Não se viam sinais da Sra. L'Espanaye, mas, tendo sido notada uma quantidade insólita de fuligem na estufa, deu-se uma busca na chaminé, e (horrível de contar-se!) dela se retirou o cadáver da filha, de cabeça baixo. Fora ali introduzido, à força, pela estreita

abertura, até uma altura considerável. O corpo ainda estava quente. Ao examiná-lo, notaram-se numerosas escoriações, causadas, sem dúvida, pela violência com que fora metido na chaminé e depois dela retirado. O rosto apresentava muitas arranhaduras profundas e na garganta viam-se negras equimoses e fundas marcas de unhas como se a vítima tivesse sido mortalmente estrangulada.

Depois de cuidadosa investigação de todos os aposentos da casa, sem nenhuma outra descoberta, o grupo encaminhou-se para um pequeno pátio calçado que havia atrás da casa, e lá encontrou o cadáver da velha, com a garganta tão cortada que, ao tentar-se levantar o corpo, a cabeça caiu. Tanto o corpo como a cabeça estavam terrivelmente mutilados, sendo que aquele mal conservava qualquer aparência humana. Segundo parece, não se descobriu até agora nenhum indício revelador de tão horrível mistério.

O jornal do dia seguinte trazia estes novos pormenores.

A TRAGÉDIA DA RUA MORGUE

Muitas são as pessoas que têm sido interrogadas a respeito deste tão extraordinário e terrível caso, mas nada do que até agora se sabe pode lançar luz sobre ele. Damos abaixo todos os depoimentos prestados à polícia:

PAULINA DUBOURG, lavadeira, depõe que conhecia ambas as vítimas há já três anos, tendo lavado para elas durante esse período. A velha e sua filha pareciam viver em boa harmonia, mostrando-se muito afetuosas uma para a outra. Eram boas pagadoras. Nada podia informar a respeito do modo e dos meios de viver delas. Acredita que a Sra. L'Espanaye exercesse a profissão de adivinha, para manter-se Dizia-se que tinha dinheiro guardado. Nunca encontrou qualquer outra pessoa na casa, quando ia buscar roupa para lavar ou entregá-la. Está certa de que elas não tinham empregada. Parece que a casa tinha mobília apenas no quarto andar.

PEDRO MOREAU, vendedor de fumo, depõe que estava habituado a vender pequenas quantidades de fumo e de rapé à Sra. L'Espanaye, havia quase quatro anos. Nasceu nas vizinhanças e sempre residiu ali. A morta e sua filha ocupavam a casa onde os cadáveres foram encontrados há mais de seis anos. Antigamente, lá residira um joalheiro, que sublocava os quartos de cima a várias pessoas. A casa era de propriedade da Sra. L'Espanaye. Descontente com os estragos feitos na casa pelo inquilino, mudou para lá, recusando porém, a alugar qualquer outra parte da casa. A velha era um tanto caduca. A testemunha vira a filha umas cinco ou seis vezes durante aqueles seis dias. As duas levavam uma vida excessivamente reclusa e dizia-se que tinham dinheiro. Ouvira de alguns vizinhos que a Sra. L'Espanaye tirava sortes mas não acredita nisso. Nunca viu qualquer outra pessoa entrar na casa, a velha e sua filha, um carregador, uma ou duas vezes, e um médico.

Oito, dez. outros vizinhos depuseram a mesma coisa. Ninguém se referiu a freqüentadores da casa. Não se conhece a existência de parentes vivos da Sra. L'Espanaye e de sua filha . Os postigos das janelas da frente raramente se abriam. Os das de trás estavam sempre fechados, exceto as do grande e sombrio aposento do quarto andar. A casa não era muito velha e estava em boas condições.

ISIDORO MUSET, gendarme, depõe que foi chamado para o caso, cerca das três horas da madrugada, e encontrou umas vinte ou trinta pessoas tentando penetrar na casa. Foi forçada a porta, afinal, com uma baioneta e não com um pé de cabra. Não teve grande dificuldade em abri-la, por ser de duas folhas e não ter ferrolhos nem em cima nem embaixo. Os gritos continuaram até que a porta foi forçada e então cessaram subitamente. Pareciam alarido de uma pessoa, ou de várias pessoas, em grande agonia,

gritos altos e prolongados, nem curtos, nem rápidos. A testemunha subiu as escadas. Ao alcançar o primeiro patamar, ouviu duas vozes em forte e colérica altercação, uma delas rouca, a outra mais aguda, bastante estranha aliás. Conseguiu distinguir algumas palavras da primeira, que eram dum francês. Não era positivamente voz de mulher. Pôde ouvir as palavras sacré e diable. A voz aguda era de um estrangeiro. Não podia garantir fosse voz de homem ou de mulher. Não entendeu o que dizia, mas acha que estavam falando espanhol. O estado do quarto e dos corpos foi descrito pela testemunha tal como o fizemos ontem.

HENRIQUE DUVAL, vizinho, de profissão ourives, depõe que foi um dos que primeiro entrou na casa. Corrobora o testemunho de Muset, em geral. Logo que forçaram a entrada, tornaram a fechar a porta, para impedir que a multidão entrasse, pois se havia juntado baStante gente bem depressa, não obstante a hora matinal. A voz aguda, pensa a testemunha, era de um italiano. Com certeza não era de francês. Não podia afirmar fosse voz de homem. Podia ser de mulher. Não conhece a língua italiana. Não pôde distinguir as palavras mas está convencido, pela entonação, que era um italiano quem falava. Conhecia a Sra. L'Espanaye e sua filha. Conversava com ambas freqüentemente. Tinha certeza de que a voz aguda não era de nenhuma das vítimas.

ODENHEIMER, dono dum restaurante. Esta testemunha apresentou-se espontaneamente para depor. Como não fala francês, foi interrogado por meio interprete. É natural de Amsterdão. Passava diante da casa, quando ouviu os gritos que duraram alguns minutos, uns dez provavelmente. Eram gritos longos e fortes, verdadeiramente terríveis e aflitivos. Foi um dos que entraram na casa. Confirma os depoimentos anteriores, exceto em um ponto. Tinha certeza de que a voz aguda era de um homem e dum francês. Não pôde perceber as palavras pronunciadas. Eram fortes e rápidas, desiguais, parecendo exprimir, ao mesmo tempo, medo e cólera. A voz era áspera, mais áspera que estridente. Não se podia dizer mesmo que fosse aguda. A voz grossa repetiu por diversas vezes: sacré, diable e uma vez Mon Dieu!

JULIO MIGNAUD, banqueiro, da firma Mignaud & Filho, da Rua Deloraine. É o Mignaud pai. A Sra. L'Espanaye possuía algumas propriedades. Havia oito anos abrira uma conta em sua casa bancária. Fazia freqüentes depósitos de pequenas somas. Nunca retirara quantia alguma, até três dias antes de sua morte, quando, em pessoa, sacou a soma de 4 000 francos. O pagamento foi feito em ouro e o dinheiro levado à casa dela por um empregado do banco.

ADOLFO LE BON, empregado de Mignaud & Filho, depõe que no dia em questão, pela manhã, acompanhou a Sra. L'Espanaye à sua casa, levando a quantia de 4000 francos em duas bolsas. Quando a porta se abriu, apareceu a Srta. L'Espanaye, que tomou de suas mãos uma das bolsas, enquanto a velha o aliviava da outra. Cumprimentou então e retirou-se. Não viu pessoa alguma na rua naquela ocasião. É uma travessa muito solitária.

GUILHERME BIRD, alfaiate, depõe que fazia parte do grupo que entrou na casa. É inglês. Reside em Paris há dois anos. Foi dos primeiros a subir as escadas. Ouviu as vozes que discutiam. A voz grossa era dum francês. Pode perceber algumas palavras, mas não consegue lembrar-se de todas. Ouvi nitidamente sacré e Mon Dieu. Parecia no momento haver o barulho de pessoas lutando, barulho de peleja e de coisas quebradas. A voz aguda era bastante forte, mais alta do que a voz grossa, Tem certeza que não era voz de inglês. Parecia ser de alemão. Talvez fosse voz de mulher. Não compreende o alemão.

Quatro das testemunhas acima mencionadas, tendo sido novamente rogadas, depuseram que a porta do quarto em que foi encontrado o corpo da Srta. L'Espanaye estava fechada por dentro quando o grupo chegou. Estava tudo em completo silêncio, não se ouvindo

gemidos, nem ruídos de qualquer espécie. Ao ser forçada a porta, não se viu ninguém. As janelas, tanto as da frente como as de trás do quarto, estavam descidas. e firmemente aferrolhadas por dentro. Uma porta, entre os dois quartos, estava fechada, mas não aferrolhada. A porta que dava passagem do quarto para o corredor estava fechada, com a chave por dentro. Um quartinho, na frente da casa, no quarto andar, na extremidade do corredor, tinha a porta aberta, de par em par. Esse compartimento estava cheio de camas velhas, caixas e coisas semelhantes. Foram cuidadosamente removidas e rebuscadas, Não ficou uma polegada da casa que não tivesse sido rigorosamente examinada. As chaminés foram limpas, abaixo e acima. A casa tem quatro andares, com mansardas. No teto, um alçapão estava pregado com toda a firmeza, parecendo não ter sido aberto há anos. O tempo decorrido entre o rumor das vozes em disputa e o arrombamento da porta do quarto foi diversamente afirmado pelas testemunhas. Algumas dizem que foi de três minutos. Outros afirmam terem sido cinco. Abriu-se a porta com dificuldade.

AFONSO GARCIO, agente de funerais, depõe que reside na Rua Morgue. É natural da Espanha. Foi um dos que entraram na casa. Não subiu as escadas. É nervoso e estava apreensivo com as conseqüências da agitação. Ouviu as vozes que altercavam. A voz grossa era de um francês. Não pôde distinguir o que se dizia. A voz aguda era de um inglês, tem certeza disto. Não compreende a língua inglesa, mas julga pela entonação.

ABERTO MONTANI, confeiteiro, depõe que se achava entre os primeiros que subiram as escadas. Ouviu as vozes que questionavam. A voz grossa de um francês. Percebeu várias palavras. Quem falava parecia estar repreendendo. Não entendeu as palavras pronunciadas pela voz aguda. Falava depressa e irregularmente. Acha que era uma voz de russo. Confirma os testemunhos dos outros. É italiano. Nunca conversou com um russo.

Várias das testemunhas, ao serem reinterrogadas, afirmam que as chaminés de todos os aposentos do quarto andar são demasiado estreitas para deixar passar um ser humano. As chaminés foram limpas com vassouras cilíndricas semelhantes às usadas pelos limpadores de chaminés. Essas vassouras foram passadas de cima a baixo, em todos os canos da casa. Não há nenhuma passagem atrás por onde alguém pudesse ter descido enquanto os vizinhos subiam as escadas. O corpo da Srta. L'Espanaye estava tão firmemente comprimido dentro da chaminé que só pôde ser retirado graças aos esforços unidos de quatro ou cinco do grupo.

PAULO DUMAS, médico, depõe que foi chamado para ver Os cadáveres ao amanhecer. Jaziam ambos então sobre o enxergão, no quarto onde foi encontrada a Srta. L'Espanaye. O cadáver da moça estava bastante machucado e escoriado. Para explicar este aspecto bastava o fato de ter sido metido à força chaminé adentro. A garganta estava grandemente esfolada Havia numerosas arranhaduras profundas justamente por baixo do queixo, bem como uma série de manchas lívidas, produzidas evidentemente pela pressão de dedos. O rosto estava horrivelmente exangue e os olhos saltados. A língua havia sido parcialmente cortada. Descobriu-se uma grande equimose na boca do estômago, produzida, ao que parece, pela pressão dum joelho.Na opinião do Dr. Dumas, a Srta. L'Espanaye foi estrangulada por uma ou várias pessoas desconhecidas.

O cadáver da mãe estava horrivelmente mutilado. Todos os ossos da perna direita e do braço estavam quase esmigalhados. A tíbia esquerda, bastante lascada, bem como todas as costelas do lado esquerdo. Todo o corpo mortalmente machucado e arroxeado. Não era possível dizer como haviam sido infligidas aquelas lesões. Uma pesada clave de madeira, ou uma larga barra de ferro, uma cadeira, qualquer arma larga, pesada e obtusa poderiam ter produzido tais resultados, se manejadas pelas mãos dum homem excepcionalmente forte. Com tal arma, nenhuma mulher poderia dar golpes semelhantes. A cabeça da vitima, quando vista pela testemunha, estava inteiramente separada do

corpo e também grandemente esfacelada. A garganta fora evidentemente cortada com algum instrumento bastante afiado, provavelmente uma navalha.

ALEXANDRE ETIENNE , cirurgião, foi chamado pelo Dr. Dumas para examinar os corpos. Confirma o testemunho e as opiniões do Dr. Dumas. Nada mais de importância foi elucidado, embora muitas outras pessoas tenham sido interrogadas. Jamais fora cometido em Paris crime tão misterioso e apavorante em todos os seus pormenores, se é que se trata mesmo dum crime. A polícia se acha inteiramente às cegas, fato insólito em casos dessa natureza. Não há, portanto, nem sombra dum indício aparente.

A edição vespertina do jornal informava que reinava ainda a maior excitação no bairro de S. Roque , que a casa em questão fora novamente rebuscada, com todo o cuidado, haviam-se feito novos interrogatórios das testemunhas, mas tudo sem resultado. Uma nota de última hora, porém, mencionava que Adolfo Le Bon tinha sido detido e preso, embora nada parecesse incriminá-lo , além dos fatos já pormenorizados.

Dupin parecia mostrar-se excepcionalmente interessado pelo curso do processo; pelo menos assim deduzia eu de seus modos, pois nenhum comentário fazia. Foi somente depois da notícia da prisão de Le Bon que ele perguntou qual a minha opinião a respeito dos crimes. Apenas pude concordar com toda Paris, que os considerava um mistério insolúvel. Não via eu quais os meios possíveis para descobrir uma pista do criminoso.

- Não devemos julgar os meios - disse Dupin - por esse arcabouço de interrogatório. A polícia de Paris, tão enaltecida pela sagacidade, é apenas astuta e nada mais. Não há método em seus processos, além do método do momento. Faz vasta exibição de medidas, mas, não raras vezes, estas se adaptam tão mal aos objetivos propostos, que nos vem à memória M. Jourdain pedindo sa robe de chambre... pour mieux entendre la musique.(seu roupão...para melhor entender a música N.T.) Os resultados a que chegam são surpreendentes, em geral, mas, na maior parte, são devido a simples diligência e atividade. Quando estas qualidades são inúteis seus planos falham. Vidocq, por exemplo, era bem perspicaz e perseverante. Mas sem intelecto educado, equivocava-se continuamente, pela intensidade mesma de suas investigações. Enfraquecia sua visão, por aproximar demasiado o objeto. Podia ver, talvez, um ou dois pontos com uma clareza maravilhosa, mas, ao assim fazer, perdia necessariamente de vista o caso em seu conjunto total.

- Tal é o que acontece quando se é demasiado profundo. A verdade não está sempre dentro dum poço. Acredito mesmo, no que concerne aos conhecimentos mais importantes, que ela se encontra invariavelmente à superfície. A profundidade jaz nos vales onde a buscamos, e não no alto das montanhas onde é encontrada. As formas e origens dessa espécie de erro tipificam-se bem na contemplação dos corpos celestes. Lançar um olhar rápido para uma estrela, olhá-la obliquamente, voltando para ela as partes exteriores da retina mais suscetíveis às impressões de luz que as interiores, é contemplar a estrela nitidamente, é apreciar perfeitamente o seu brilho, que se vai esmaecendo, justamente, na proporção em que dirigimos nossa visão em cheio sobre ela. Neste último caso, maior número de raios luminosos incidem sobre o olho, mas no primeiro há uma capacidade mais refinada de compreensão. Graças a uma profundeza indevida confundimos e enfraquecemos o pensamento e é mesmo possível fazer Vênus esvanecer-se no firmamento com um exame demasiado prolongado, demasiado concentrado ou demasiado direto.

- Quanto a estes crimes, examinemo-los nós mesmos, antes de formular uma opinião a seu respeito. Uma investigação nos servirá de entretenimento (achei este termo, assim aplicado, um tanto estranho, mas nada disse) e, além disso, Le Bon certa vez me prestou

um obséquio, pelo que lhe sou grato. Iremos ver o local dos crimes com nossos próprios olhos. Conheço G***, o chefe de polícia não teremos dificuldade em obter a necessária permissão.

A permissão foi concedida e seguimos imediatamente para a R. Morgue. É ela uma dessas miseráveis travessas que ligam a Rua Richelieu à Rua São Roque. Foi à tardinha que lá chegamos, pois o bairro fica a distância bem grande daquele em que residíamos. Descobrimos a casa, pois ainda havia muita gente a mirar-lhe os postigos fechados, numa curiosidade inútil, da calçada fronteira. Era uma casa parisiense comum, com um saguão, tendo a um lado nicho envidraçado, com uma janelinha corrediça, indicando o cubículo do porteiro. Antes de entrar, andamos pela rua, demos volta por uma passagem, e depois, dando outra volta, passamos por trás do edifício. Enquanto isso, ia Dupin examinando toda a vizinhança, bem como a casa, com minudentíssima atenção, para a qual não encontrava eu possível objetivo.

Arrepiando caminho, voltamos de novo à frente da casa, tocamos a campainha e, tendo exibido nossas credenciais, deram-nos entrada os policiais lá de guarda. Subimos as escadas e entramos no quarto onde fora encontrado o cadáver da Srta. L'Espanaye e onde jaziam ainda ambas as mortas. A desordem existente no quarto havia sido conservada, como de costume em tais casos. Nada descobri, além do que havia sido descrito na Gazette des Tribunaux. Dupin examinou minuciosamente tudo sem excetuar os corpos das vítimas. Depois passamos ao outro quarto e ao pátio. Um gendarme acompanhava todos os nossos passos. O exame nos teve ocupados até o escurecer, quando regressamos. De volta para casa, meu companheiro se deteve um instante na redação de um dos jornais.

Já tive ocasião de dizer que os caprichos de meu amigo eram múltiplos e que eu "Os respeitava". Deu-lhe na veneta evitar qualquer conversa a respeito do crime até quase o meio-dia do dia seguinte. Então me perguntou, de súbito, se eu havia observado qualquer coisa de peculiar no teatro do crime.

Havia algo na sua maneira de acentuar a palavra peculiar que me fez estremecer, sem saber por quê.

- Não, nada de peculiar - disse eu -, nada mais afinal do que vimos descrito no jornal.

- A Gazette - replicou ele -, ao que me parece, não penetrou em todo o horror insólito do crime. Mas ponhamos de parte opiniões ociosas desse jornal. Parece-me que este mistério é considerado insolúvel pela razão mesma que o torna mais fácil de resolver quero dizer, pelo caráter excessivo de seus aspectos. A policia parece estar confusa, diante da aparente ausência de motivo, não pelo próprio assassínio, mas pela atrocidade do assassínio. Perturba-a também a aparente impossibilidade de conciliar o fato das vozes ouvidas a discutir com o fato de não se ter encontrado, lá em cima, a não ser o cadáver da Srta. L'Espanaye e de não haver meios de saírem do quarto os assassinos sem serem vistos pelas pessoas que subiam escadas. A selvagem desordem do quarto, o cadáver metido, de cabeça para baixo, dentro da chaminé, a terrífica mutilação do cadáver da velha, todas estas considerações, como as que acabo de mencionar e outras que não preciso citar, bastaram para paralisar as faculdades e desorientar por completo a tão gabada perspicácia dos agentes do Governo. Caíram no erro comum, mas grosseiro, de confundir o insólito com o abstruso. Mas é por esses desvios do plano com que a razão tateia seu caminho, se é que existe, na procura da verdade. Em investigações como a que nos ocupa agora o que importa não é perguntar: "que se passou?", mas "que se passou que já não se tenha passado antes?". De fato, a facilidade com que eu chegarei, ou já cheguei, à solução deste mistério está na razão direta de sua aparente insolubilidade aos olhos da Policia.

Contemplei meu interlocutor, emudecido de espanto.

- Estou agora à espera - continuou ele, olhando para a porta de nosso apartamento -, estou agora à espera de uma pessoa que embora não seja a autora daquela carnificina, deve estar implicada de certo modo, na sua perpetração. É provável que esteja inocente da parte pior dos crimes cometidos. Espero estar certo nesta minha suposição, pois é sobre ela que baseio minha expectativa de decifrar por completo o enigma. Espero o homem aqui... neste quarto... a qualquer momento. É verdade que ele pode não vir, mas há probabilidades de que o faça. Se vier, será preciso detê-lo . Aqui estão estas pistolas. Ambos saberemos como utilizá-las quando as circunstâncias o exigirem.

Tomei as pistolas, mal sabendo o que fazia, ou mal acreditando no que ouvia, enquanto Dupin continuava a falar, numa espécie monólogo.

Já me referi a seus modos abstratos em semelhantes ocasiões . Dirigia-se a mim, mas sua voz, embora sem ser forte, tinha aquela entonação comumente empregada para falar a alguém que se acha a grande distância. Seus olhos, de expressão vaga, fitavam somente a parede.

- Ficou plenamente provado - disse ele - no processo, que as vozes que altercavam não eram as das duas mulheres. Isto nos liberta de qualquer dúvida a respeito da questão de saber se a velha poderia ter antes matado a filha e depois resolvido suicidar-se. Se me refiro a este ponto é apenas para agir com método, pois a força da Sra. L'Espanaye teria sido insuficiente para a tarefa de meter o cadáver da filha chaminé adentro, tal como foi encontrado; e a natureza dos ferimentos em sua própria pessoa exclui por completo a idéia do suicídio. O crime, portanto, foi cometido por terceiros, cujas vozes foram ouvidas a discutir. Permita-me, agora, que lhe faça notar não todos os testemunhos referentes a estas vozes, mas o que havia de peculiar nesses testemunhos. Observou qualquer coisa de característico neles?

Observei que, enquanto todas as testemunhas concordavam em atribuir a um francês a voz grossa, discordavam bastante a respeito da voz aguda, ou, como disse uma delas, a voz áspera.

- Isto é o próprio testemunho - disse Dupin - mas não a característica do testemunho. Você nada observou de particular. Contudo havia algo a observar-se. As testemunhas, como nota você, concordam a respeito da voz grossa. Foram nisso unânimes. Mas a respeito da voz estridente, a particularidade é não a de terem discordado , mas a de terem-na atribuído, todos aqueles que a tentaram descrever, a um italiano, um inglês, um espanhol, um holandês e um francês, a um estrangeiro. Cada um deles está certo de que não era a voz de um conterrâneo. Cada um a compara com a voz dum individuo que se expressa numa língua desconhecida. O francês supõe que é a voz dum espanhol e "poderia ter entendido algumas palavras, se soubesse espanhol". O holandês sustenta que a voz era de um francês, mas está provado que "como não fala francês esta testemunha foi interrogada por meio dum intérprete". O inglês pensa que a voz era dum alemão e "não compreende o alemão". O espanhol "tem certeza" que a voz era dum inglês, mas "julga pela entonação" tão somente, pois "não compreende a língua inglesa". O italiano acredita que a voz é dum russo, mas "nunca conversou com um russo". Um outro francês discorda, porém, do primeiro e positiva que a voz era dum italiano, mas "não conhece a língua italiana", e como o espanhol, "está convencido pela entonação".

- Pois bem, bastante estranha deve ter sido essa voz para produzir testemunhas tão dessemelhantes, uma voz em cujas entonações representantes das cinco grandes potências da Europa não puderam reconhecer nada que lhes fosse familiar! Você poderá

dizer que talvez tenha sido a de um asiático, ou a de um africano. Mas estes não são numerosos em Paris. Sem negar, porém, esta possibilidade, chamarei, agora, simplesmente sua atenção para três pontos. Uma das testemunhas diz que a voz era "mais áspera que estridente". Duas outras dizem que ela era "rápida e desigual". Nenhuma palavra, nenhum som que se assemelhasse a uma palavra foi enunciado pelas testemunhas, como inteligível.

- Não sei - continuou Dupin - que impressão pude até aqui causar na sua mente, mas não hesito em dizer que as exatas deduções que decorrem desta parte dos depoimentos, a que diz respeito às vozes grossas e estridentes, são por si mesmas suficientes para engendrar uma suspeita que poderá encaminhar todo o curso ulterior da investigação do mistério. Digo "deduções exatas", mas meu pensamento não está plenamente expresso. Quero dar a entender que as deduções são as únicas aceitáveis e que a suspeita surge inevitavelmente delas como o único resultado possível. Qual seja essa suspeita, porém, não o direi ainda. Desejo apenas que você concorde comigo que ela foi suficientemente forte para dar uma forma definida, uma tendência positiva ás investigações a que procedi no quarto.

- Transportemo-nos, em imaginação, àquele quarto. Que procuraremos em primeiro lugar? Os meios de evasão utilizados pelos assassinos. Não é demais dizer que nenhum de nós dois acredita em fatos sobrenaturais. A Sra. e a Srta. L'Espanaye não foram mortas por espíritos. Os autores da façanha eram seres materiais e escaparam materialmente. Mas como? Felizmente, só há uma maneira de raciocinar a respeito deste ponto, e esta maneira deve conduzir-nos a uma decisão definitiva. Examinemos, um a um, os possíveis meios de evasão.

- É claro que os assassinos se achavam no quarto onde foi encontrada a Srta. L'Espanaye, ou, pelo menos, no quarto contíguo, quando as testemunhas subiram as escadas. Portanto, é somente naqueles dois aposentos que temos de procurar as saídas. A polícia arrancou os soalhos, revistou o forro e o reboco das paredes, em todos os sentidos. Nenhuma saída secreta podia ter escapado a essa busca. Mas não acreditando nos olhos dela, examinei com os meus próprio. Não havia, de fato, nenhuma saída secreta. Ambas as portas que davam dos quartos para o corredor estavam solidamente fechada, com as chaves por dentro.

- Voltemos às chaminés. Estas, embora de largura comum, até uns dois metros e meio a três acima da lareira não dão passagem, em toda a sua extensão, ao corpo dum gato grande. A impossibilidade de fuga pelas saídas já indicadas sendo dessa forma absoluta, só nos restam as janelas. Pelas do quarto da frente ninguém poderia ter passado sem ser visto pela multidão que estacionava na rua. Os assassinos devem ter passado, pois, pelas do quarto de trás. Ora, chegados a esta conclusão da maneira inequívoca por que fizemos, não nos cabe, como raciocinadores, rejeitá-la por causa de aparentes impossibilidades. Só nos resta provar que estas aparentes "impossibilidades" não são realmente "impossíveis".

- Há duas janelas no quarto. Diante de uma delas não há móveis que a obstruam e está plenamente visível. A parte inferior da outra está oculta pela cabeceira da pesada armação de cama que se acha encostada à parede. Achou-se a primeira janela solidamente fechada por dentro. Resistiu aos maiores esforços dos que tentaram erguê-la. À esquerda de seu caixilho, haviam furado um grande buraco com verruma e nele meteram um grosso prego, quase até a cabeça. Examinando-se a outra janela, encontrou-se prego igual e de igual maneira enfiado. Não teve êxito tampouco a vigorosa tentativa de levantar esse caixilho. A polícia estava, pois, inteiramente certa de que a evasão não se dera naquela direção. E, em conseqüência, achou que era desnecessário retirar os pregos e abrir as janelas. Meu exame foi um tanto mais minucioso e isto pela razão que já expus,

isto é, porque sabia que era ali que se devia provar que todas as aparentes impossibilidades não eram realmente "impossíveis".

- Continuei a raciocinar assim a posteriori. Os assassinos escaparam por uma daquelas janelas. Assim sendo, não poderiam ter fechado por dentro os caixilhos tal como foram encontrados, consideração que pôs ponto, pela sua evidência, à investigação da policia nesse sentido. Contudo os caixilhos estavam trancados. Deviam, pois, poder fechar-se por si mesmos. Não havia fugir a esta conclusão. Dirigi-me à janela desimpedida, com alguma dificuldade retirei o prego e tentei levantar o caixilho. Resistiu a todos os meus esforços, como já esperava. Tinha agora a certeza de que havia uma mola oculta e a comprovação de minhas deduções me convenceu de que minhas premissas eram pelo menos corretas, por misteriosas que me parecessem ainda as circunstâncias relativas aos pregos. Uma busca cuidadosa logo revelou a mola oculta. Premi-a e, satisfeito com a descoberta, abstive-me de levantar o caixilho.

- Tornei a colocar o prego no lugar e observei-o atentamente. Uma pessoa, passando por aquela janela, podia tê-la fechado e a mola teria entrado em ação. Mas o prego não poderia ter sido reposto. A conclusão era clara e mais uma vez limitava o campo de minhas investigações. Os assassinos deviam ter escapado pela outra janela. Supondo, pois, que fossem as mesmas as molas de cada caixilho, como era provável, deveria encontrar-se uma diferença entre os pregos, ou, pelo menos, na maneira pela qual estavam fixos. Subindo ao enxergão da cama, examinei atentamente a segunda janela. Passando a mão por trás da cabeceira, logo encontrei e calquei a mola, que era, como eu tinha suposto, idêntica à outra. Examinei depois o prego. Era tão grosso como o outro e parecia estar fixo da mesma maneira, enfiado quase até a cabeça.

- Você há de dizer que fiquei embaraçado, mas se pensa assim é porque não entendeu a natureza das deduções. Para usar uma frase esportiva, não estivera nem uma vez "em falta". O faro nem por um instante se perdera. Não havia falha em um elo sequer da cadeia. Tinha rastreado o segredo até seu derradeiro resultado... e este resultado era o prego. Tinha ele, como disse, sob todos os aspectos, a mesma aparência de seu companheiro da outra janela. Mas este fato era uma absoluta nulidade (por mais concludente que parecesse ser), quando comparado com a consideração de que ali, naquele ponto, terminava o fio condutor. "Deveria haver algum defeito naquele prego", disse comigo mesmo. Peguei-o e a cabeça, com cerca de um quarto de polegada da espiga, ficou-me nos dedos. O resto da espiga estava no buraco feito com verruma onde se havia quebrado. A fratura era velha (pois suas extremidades mostravam-se incrustadas de ferrugem) e parecia ter sido causada por um golpe de martelo, que introduziu parte da cabeça, do prego no alto da beira do caixilho. Voltei a colocar, então, com todo o cuidado, a parte da cabeça a orifício donde a havia retirado e sua semelhança com um prego perfeito era completa, pois não se via a fratura. Apertando a mola, levantei levemente o caixilho algumas polegadas; a cabeça do prego subiu com o caixilho, permanecendo fixa no seu lugar. Fechei a janela e a semelhança com um prego completo tornou-se de novo total.

- Este enigma estava até aqui resolvido. O assassino escapara pela janela que se abria sobre a cama. Quer aquela se tivesse fechado por si mesma, após a saída dele (ou talvez fechada de propósito,) havia ficado segura pela mola. E foi a retenção desta mola que a polícia tomara, por engano, como sendo a do prego, considerando dessa forma desnecessária qualquer investigação ulterior.

- A questão seguinte é saber como o assassino conseguiu descer. Neste ponto, dei-me por satisfeito com o passeio dado com você; em torno do edifício. A pouco mais de metro e meio da janela em questão, corre um condutor de pára-raios. Era impossível que alguém pudesse, daquele condutor, alcançar a janela, nem tampouco nela entrar. Observei,

porem, que os postigos do quarto andar eram daquele feitio especial que os carpinteiros parisienses chamam ferrades, tipo raramente empregado nos nossos dias, mas visto com freqüência nas casas bem velhas de Lião e Bordéus. Têm o formato duma porta comum (porta simples e não de duas bandeiras mas a metade inferior é gradeada, ou trabalhada em forma de gelosia, permitindo assim excelente ponto de pega para as mão No caso presente, os tais postigos têm bem um metro e pouco largura. Quando os vimos da retaguarda da casa, estavam ambos semi-abertos, isto é, formavam ângulos retos com a parede. É provável que a polícia, tanto como eu mesmo, tenha examinado a parte de trás da casa, mas se assim fez, ao olhar aquelas ferrades na linha de sua largura (como deve ter feito), não tenha percebido essa grande largura, ou, pelo menos, deixou de tomá-la na devida consideração. De fato, assim convencida de que nenhuma fuga poderia ter-se dado por ali, naturalmente limitou-se a um exame muito superficial.

- Era, porém, evidente para mim que, se o postigo pertencente à janela da cabeceira da cama estivesse escancarado até à parede ficaria a cerca de sessenta centímetros do condutor do pára-raio Era também evidente que, por meio dum grau insólito de atividade e de coragem, poder-se-ia, com ajuda do condutor, efetuar a entrada pela janela. Chegado a esta distância de quarenta e cinco centímetros (estamos supondo o postigo completamente aberto), um ladrão poderia agarrar-se firmemente às grades. Largando depois o condutor, colocando os pés firmemente contra a parede e lançando-se vivamente, poderia ter feito girar o postigo, fechando-o, e, se imaginarmos a janela aberta no momento, poderia mesmo ter-se atirado dentro do quarto.

- Desejo que tenha bem em conta na mente que me referi a um grau bem insólito de atividade como requisito para o êxito de proeza tão audaciosa e tão difícil. É minha intenção mostrar-lhe, primeiro, que a coisa podia ter-se efetivamente realizado e em segundo lugar, e principalmente, quero gravar-lhe no espírito o caráter extraordinaríssimo, quase sobrenatural mesmo, da agilidade necessária para executá-la.

- Você dirá, decerto, usando a linguagem da lei, que "para esclarecer o caso" eu deveria antes dar menos valor que insistir na exata estimativa da energia exigida no caso. Talvez seja esta a praxe legal, mas não é a que segue a razão. Meu objetivo último é apenas a verdade. Meu propósito imediato é levar você a justapor essa bastante insólita energia de que acabo justamente de falar aquela voz bastante característica, estridente (ou áspera) e irregular , a respeito de cuja nacionalidade nem duas pessoas se encontram de acordo, e em cuja pronúncia não se conseguiu perceber e palavra articulada.

A estas palavras se formou na minha mente uma idéia vaga e semi informe do que queria Dupin dar a entender. Pareceu-me à borda da compreensão, sem poder, no entanto, compreender como se encontram, às vezes, os homens à beira da lembrança, sem que consigam afinal recordar. Meu amigo continuou a argumentar:

- Você está vendo que passei da questão do modo de saída para o modo de entrada. Era minha intenção sugerir a idéia de que ambas foram realizadas da mesma maneira e pelo mesmo lugar. Voltemos agora ao interior do quarto. Examinemos todas as particularidades ali. Segundo disseram, as gavetas da cômoda foram saqueadas, embora muitas peças de roupa ainda permanecessem dentro delas. A conclusão aqui é absurda. É uma simples conjetura, muito tola aliás, e só isto. Como haveremos de saber que as peças encontradas nas gavetas não eram todas as que se continham antes nas gavetas? A Sra. L'Espanaye e sua filha viviam uma vida excessivamente retirada, não recebiam visitas, raramente saiam, não precisando, portanto, de mudar muitas vezes de roupa. As que foram encontradas eram pelo menos de tão boa qualidade como quaisquer outras que aquelas senhoras provavelmente possuíam. Se um ladrão tivesse tirado algumas, por que não levou as melhores, por que não levou todas? Numa palavra: por que abandonou ele quatro mil francos em ouro, para embaraçar-se com uma trouxa de roupa? O dinheiro foi

abandonado. Quase toda a soma mencionada pelo Sr. Mignaud, o banqueiro, foi descoberta em bolsas jogadas no chão. Faço, pois, empenho de afastar de seu pensamento a disparatada idéia do "interesse", engendrada nos miolos da polícia, por aquela parte dos depoimentos que fala do dinheiro entregue à porta da casa. Coincidências dez vezes tão notáveis como esta a entrega de dinheiro e o crime cometido dentro de três dias, após seu recebimento) acontecem a todos nós a qualquer hora de nossas vidas, sem mesmo atrair uma momentânea atenção. As coincidências, em geral, são obstáculos no caminho daquela classe de pensadores que têm sido educados no desconhecimento da teoria das probabilidades, essa teoria com a qual estão em dívida os mais gloriosos resultados da pesquisa humana, para maior glória do saber. No presente caso, se o dinheiro tivesse sido levado, o fato de sua entrega três dias antes teria formado algo mais do que uma coincidência. Viria corroborar a idéia do interesse. Mas, nas circunstâncias reais do caso, se tivermos de supor que o ouro foi o móvel do ataque, devemos também imaginar que esse assassino não passa dum maluco indeciso, que abando ao mesmo tempo seu ouro e seu interesse.

- Mantenha agora alerta no espírito os pontos para os quais lhe chamei a atenção: aquela voz característica, aquela agilidade incomum e aquela ausência surpreendente de motivo em um crime tão singularmente atroz como este, e passemos a analisar a própria carnificina. Eis uma mulher morta, estrangulada por força manual e metida numa chaminé de cabeça para baixo. Assassinos comuns não empregam semelhantes processos de homicídio. Ainda menos dispõem dessa forma do assassinado. Nesta maneira de meter o cadáver chaminé adentro, há de você convir que houve algo de excessivamente exagerado algo totalmente irreconciliável com nossas noções habituais de ação humana, mesmo quando supomos seus atores os mais depravados dos homens. Pense também quão grande há de ter sido aquela força que pôde enfiar o cadáver para dentro duma abertura de modo tão potente que as forças unidas de muitas pessoas quase não foram suficientes para retirá-lo para baixo!

- Voltemos agora a outros indícios do emprego de tão espantosa força. Na lareira foram encontradas espessas mechas de cabelo bastante espessas mesmo, de cabelo grisalho. Tinham sido arrancados pelas raízes. Sabe bem você que grande força é necessária para arrancar, dessa forma, da cabeça, mesmo apenas vinte trinta cabelos juntos. Você viu as mechas em questão tão bem quanto eu. Suas raízes (horrendo espetáculo!) mostravam, aderidos fragmentos da carne do couro cabeludo, certamente arrancados em prodigiosa força que se empenhou em desarraigar talvez meio milhão de cabelos duma vez. A garganta da velha foi não simplesmente cortada, mas a cabeça totalmente separada do corpo; o instrumento utilizado foi uma simples navalha. Desejo que repare também na brutal ferocidade dessas façanhas. Não falarei das equimoses do corpo da Sra. L'Espanaye. O Dr. Dumas e seu digno auxiliar o Sr. Etienne, declararam que elas foram produzidas por algum instrumento contundente e até aqui estes cavalheiros estão bem certos. O instrumento contundente foi claramente a pedra de calçamento do pátio sobre a qual a vítima caíra da janela que abria sobre a cama. Esta idéia, por mais simples que possa agora parecer escapou à polícia, pela mesma razão por que escapou a largura do postigos, por isso que, graças à circunstância dos pregos, sua percepção se fechara hermeticamente, contra a possibilidade de terem alguma vez abertas as janelas.

- Se agora, em adendo a todas estas coisas, tiver você devidamente refletido na estranha desordem do quarto, teremos chegado a um ponto tal que se podem combinar as idéias duma agilidade espantosa, de uma força sobre-humana, de uma ferocidade brutal, de uma carnificina sem motivo, dum horrível grotesco, absolutamente extra-humano, e duma voz de tom estranho aos ouvidos de homens de muitas nações e privada de qualquer enunciação distinta e inteligível.

- Que resulta então de tudo isso? Qual a impressão que lhe causei à imaginação?

Senti um arrepio na carne quando Dupin me fez a pergunta.

- Foi um louco - disse eu - o autor dessa proeza...algum maníaco furioso, escapado duma vizinha casa de saúde.

- Sob alguns aspectos - replicou ele - a sua idéia não é despropositada. Mas as vozes dos loucos, mesmo nos seus mais ferozes paroxismos, nunca se enquadram com aquela voz característica ouvida nas escadas. Os loucos pertencem a alguma nação, e têm sua língua, e, embora incoerentes nas suas palavras, têm sempre a coerência da pronunciação das palavras. Além disso, o cabelo dum louco não é igual ao que agora tenho nas mãos. Desembaracei este pequeno tufo de cabelos dos dedos rigidamente cerrados da Sra. L'Espanaye. Diga-me, que pensa disto?

- Dupin! - disse eu, completamente transtornado. - Este cabelo é o mais extraordinário possível, não é cabelo humano.

- Não afirmei que fosse - disse ele. - Mas, antes de decidirmos este ponto, quero que você lance um olhar para este pequeno esboço que tracei aqui neste papel. É um desenho fac-similado daquilo que foi descrito, em certo trecho do processo, como "negras equimoses e fundas marcas de unhas" na garganta da Srta. L'Espanaye, e em outro (pelos Srs. Dumas e Etienne) como uma "série de manchas lívidas, produzidas evidentemente pela pressão de dedos".

- Você perceberá - continuou meu amigo, desenrolando o papel a mesa diante de nós - que este desenho dá a idéia dum punho firme e seguro. Não há sinais de que os dedos tenham escorregado. Cada dedo manteve - possivelmente até a morte da vítima - o terrível arrocho primitivo, moldando-se na carne. Procure, agora, colocar todos os seus dedos, ao mesmo tempo, nas respectivas marcas que está vendo.
Minha tentativa não deu resultado.

- É possível que não estejamos fazendo a experiência bem direito - disse ele. - O papel está estendido numa superfície plana, mas a garganta humana é cilíndrica. Aqui está um rolo de pau cuja circunferência é quase a duma garganta. Enrole o desenho nele e tente a experiência de novo.

Fiz o que ele disse, mas a dificuldade foi mesmo mais evidente do que antes.

- Isto - disse eu - não é marca de mão humana.

- Leia agora - replicou Dupin - esta passagem de Cuvier. Era uma história anatômica, minuciosa e geralmente descritiva dos grandes orangotangos fulvos das ilhas da India Oriental. A estatura gigantesca, a prodigiosa força e atividade, a ferocidade selvagem e as faculdades de imitação desses mamíferos são bem conhecidas de todos. Compreendi imediatamente todo o horror do crime.

- A descrição dos dedos - disse eu, ao terminar a leitura - concorda exatamente com seu desenho. Vejo que nenhum animal, a não ser um orangotango da espécie aqui mencionada, poderia ter deixado marcas semelhantes às que você traçou. Este tufo de cabelos fulvos é também idêntico ao do animal de Cuvier. Mas não me é possível compreender as particularidades desse espantoso mistério. Além disso, foram ouvidas duas vozes que discutiam, e um delas era inquestionavelmente a dum francês.

- É verdade e você há de lembrar-se de uma expressão, atribuída quase unanimemente, no processo, a essa voz; a expressão Mon Dieu! Estas palavras, nas circunstâncias

presentes, foram justamente caracterizadas por uma das testemunhas (Montani, o confeiteiro) como uma expressão de repressão ou advertência. Sobre estas duas palavras, portanto, baseei solidamente minhas esperanças duma plena solução do enigma. Um francês tinha conhecimento do crime. É possível - e na verdade é muito mais que provável que estivesse inocente de qualquer participação nesse caso sangrento ali ocorrido. Pode ser que o orangotango se tenha escapulido de suas mãos. Talvez o tenha acompanhado até o quarto, mas sob as perturbadoras circunstâncias que se seguiram, é bem possível que ainda não o tenha recapturado. Está ainda às soltas. Não continuarei com estas conjeturas - pois não tenho direito de dá-lhes outro nome -, visto como as sombras de reflexão que lhe servem de base não têm a suficiente profundeza para serem apreciadas pela minha própria razão, e tanto mais quanto não pretendo torná-las inteligíveis à compreensão de outra inteligência. Chamá-las-emos, pois, de conjeturas, e a elas nos referiremos como tais. Se o francês em questão for, de fato, como eu suponho, inocente dessa atrocidade, este anúncio que na noite passada, quando voltávamos para casa, deixei na redação de Le Monde (jornal dedicado a interesses marítimos e bastante procurado pelos marinheiros trá-lo-á até nossa casa. Entregou-me um jornal, onde li:

AGARRADO

No Bosque de Bolonha, ao amanhecer do dia... do corrente (a manhã do crime), achou-se um enorme orangotango fulvo da espécie de Bornéus. O proprietário (que se sabe ser um marinheiro pertencente a um navio maltês) pode reaver o animal de novo se apresentar identidade satisfatória e pagar algumas despesas pela captura e conservação . Procurar no n.0. da Rua... Bairro de são Germano... terceiro andar.

- Como é possível - perguntei - saber você que o homem é um marinheiro e pertence a um navio maltês?

- Não sei - disse Dupin. - Não tenho certeza disso. Aqui está todavia, um pedacinho de fita, que, pela sua forma e seu aspecto gorduroso, foi evidentemente usada para atar o cabelo de uma dessas caudas de que tanto se orgulham os marinheiros. Além disso este nó é daqueles que poucas pessoas, a não serem marinheiros, podem dar e é característico dos malteses. Apanhei a fita ao pé do condutor do pára-raios. Não podia ter pertencido a nenhuma das mortas.

Ora, se depois de tudo eu me tiver enganado em minhas deduções desta fita, isto é, que o francês era um marinheiro pertencente a um navio maltês, nenhum dano causei dizendo o que disse no anúncio. Se estiver certo, teremos ganho um grande ponto. Sabendo-se embora inocente do crime, o francês naturalmente hesitará em responder ao anúncio e reclamar o orangotango. Raciocinará desta forma: "Estou inocente. Sou pobre. Meu orangotango vale muito. Para alguém na minha situação e uma verdadeira fortuna. Por que hei de perdê-lo por causa de tolas apreensões de perigo? Ele está aqui, ao meu alcance. Foi encontrado no Bosque de Bolonha, a bem grande distância do teatro daquela carnificina. Como se poderá suspeitar que um animal feroz tenha sido o autor do fato? A polícia anda às cegas. Não conseguiu encontrar o menor indício. Ainda mesmo que descobrisse a pista do animal, seria impossível provar que eu tenho conhecimento do crime, ou inculpar-me por causa desse conhecimento. E acima de tudo, lá sou conhecido. O anunciante me designa como possuidor do animal. Não tenho certeza até onde pode chegar o limite de seu conhecimento. Se desistir de reclamar uma propriedade de tão grande valor, atrairei, afinal, suspeitas sobre o bicho. Não seria de boa política atrair a atenção nem sobre mim nem sobre o animal. Responderei ao anúncio, reaverei o orangotango e conservá-lo-ei preso até que esse caso fique liquidado."

No mesmo instante, ouvimos passos que subiam a escada.

- Esteja pronto - disse Dupin. - Pegue as pistolas, mas não use, nem as mostre, sem que eu mesmo lhe faça sinal.

A porta de entrada fora deixada aberta e o visitante entrara sem ir na campainha e já havia subido muitos degraus da escada.

Agora, porém, parecia hesitar. Depois, ouvimo-lo descer. Já Dupin rápido para a porta, quando o ouvimos que de novo subia. Não voltou uma segunda vez, mas marchou com decisão e bateu à porta de nosso quarto.

- Entre! - disse Dupin, em tom alegre e cordial.

Um homem entrou. Era evidentemente um marinheiro, alto, robusto e musculoso, com certa expressão fisionômica atrevida, não de todo desagradável. Seu rosto, grandemente queimado de sol, mostrava-se oculto, mais da metade, pelas suíças e pelos bigodes. Trazia consigo um bengalão de carvalho, mas parecia não ter outra arma. Cumprimentou um tanto desajeitadamente e nos deu boa tarde num francês que, apesar dum leve sotaque suíço, revelava ainda bastante sua origem parisiense.

- Sente-se, meu amigo - disse Dupin. - Creio que veio buscar o orangotango. Palavra de honra, quase lhe invejo a posse dele. Um animal notavelmente belo e com certeza de alto preço. Qual a idade que lhe dá?

O marinheiro respirou fundamente, com o ar dum homem aliviado de alguma carga intolerável, e depois respondeu, em seguro:

- Não me é possível dizê-lo , mas creio que não terá mais quatro ou cinco anos de idade. Está aqui com o senhor?

- Oh, não! Não tínhamos meios de conservá-lo aqui. Está numa cocheira de aluguel, pertinho daqui, na Rua Dubourg. Poderá ir buscá-lo pela manhã. Tem sem dúvida as provas de que é seu dono?

- Sim, senhor, todas elas.

- Tenho pena de separar-me dele - disse Dupin.

- Não é minha intenção deixar sem recompensa todo o trabalho que o senhor tomou - disse o homem. - Nem podia pensar isso. Quero, pois, gratificá-lo pela descoberta do animal.. . isto dar-lhe uma recompensa que seja razoável, é claro.

- Está bem - replicou meu amigo -, tudo isto é muito jus na verdade. Deixe-me pensar... Que pedirei? Oh! Vou dizer-lhe! Minha recompensa será esta: o senhor me dará todas informações que conhece a respeito daqueles crimes da Rua Morgue. Dupin pronunciou as últimas palavras num tom bastante baixo e sossegado. Com a mesma calma, também, caminhou até a porta, fechou-a e guardou a chave no bolso. Depois tirou uma pistola do peito e colocou-a, sem a menor agitação, em cima da mesa.

O rosto do marinheiro ficou tão vermelho como se estive sendo sufocado. Deu um salto e agarrou o bengalão, mas logo depois deixou-se cair na cadeira; tremendo violentamente e com uma palidez de morto. Não disse uma palavra. Tive pena dele, do mais íntimo do coração.

- Meu amigo - disse Dupin, com tom bondoso -, o senhor está-se alarmando sem necessidade. Tranqüilize-se. Não pretendemos fazer-lhe mal algum. Dou-lhe minha

palavra, como cavalheiro e como francês, que não é intenção nossa prejudicá-lo. Sei perfeitamente que está inocente das atrocidades cometidas na Rua Morgue. Isto não quer dizer, porém, que o senhor não esteja, até certo ponto, nelas implicado. Pelo que já disse, deve saber que tive meios de informação a respeito desse assunto, meios com os quais o senhor jamais poderia ter sonhado. Agora a coisa está neste pé: o senhor nada fez que pudesse ter evitado.. . nada, certamente, o torne culpado. Nem mesmo culpado de roubo, quando pode ter roubado impunemente. Nada tem a ocultar. Não tem motivos para esconder o que quer que seja. Por outro lado, o senhor é obrigado, por todos os princípios da honra, a confessar tudo que sabe. Acha-se preso, no momento, um homem inocente, inculpado do crime, cujo autor o senhor pode indicar.

O marinheiro havia recuperado sua presença de espírito, em grande parte, enquanto Dupin pronunciava estas palavras, mas sua primitiva atitude audaciosa havia desaparecido.

- Valha-me Deus! - disse ele, depois de breve pausa. - Dir-lhe-ei tudo quanto sei a respeito desse negócio. Mas não espero que o senhor acredite nem na metade do que eu disser. Seria um louco na verdade, se tal pensasse. Contudo, estou inocente e quero desabafar-me, ainda mesmo que isto me custe a vida.

O que ele narrou foi em suma o seguinte: Fizera recentemente uma viagem ao Arquipélago Indico. Um grupo de que fazia parte embarcou em Bornéu e penetrou no interior da ilha, em viagem de recreio. Ele e um companheiro haviam capturado o orangotango. Morrendo este seu companheiro, ficou ele como único dono do animal. Depois de grandes complicações causadas pela intratável ferocidade de seu cativo durante a viagem de regresso, conseguiu afinal, alojá-lo com segurança em sua própria casa em Paris onde, para não atrair a desagradável curiosidade de seus vizinhos conservou-o cuidadosamente encerrado, até curá-lo duma ferida no pé, ocasionada por um estilhaço a bordo do navio. Estava francamente decidido a vendê-lo.

De volta a casa, após uma farra com alguns marinheiros, na noite ou antes, na manhã do crime, encontrou o animal no seu próprio quarto, aonde penetrara, vindo do cubículo contíguo, em que o mantinha seguramente preso, como pensava. Tendo uma navalha na mão e todo ensaboado, estava sentado diante dum espelho procurando barbear-se, coisa que decerto vira seu dono fazer anteriormente, observando-o pelo buraco da fechadura do cubículo. Aterrorizado por ver tão perigosa arma de posse dum animal tão feroz e tão bem capaz de fazer uso dela, o homem, por alguns instantes, ficou sem saber o que fazer. Estava, porém, acostumado a aquietar o bicho, mesmo nos seus acessos mais ferozes, por meio dum chicote, e a este recorreu no momento. À vista do chicote, o orangotango saltou através da porta do quarto, desceu as escadas, por uma janela infelizmente aberta, precipitou-se na rua. Desesperado, o francês seguiu o macaco, que, de navalha em punho, parava de vez em quando, voltava-se e gesticulava para seu perseguidor, até que este estivesse bem perto dele. Então lhe escapulia. A perseguição continuou desta forma por muito tempo .

As ruas estavam profundamente silenciosas, pois eram quase três horas da madrugada. Ao passar por uma travessa, na retaguarda da Rua Morgue, a atenção do fugitivo foi atraida por uma luz que brilhava na janela aberta do quarto da Sra. L'Espanaye, quarto andar de sua casa. Correndo para o prédio, percebeu o condutor do pára-raios, trepou por ele com inconcebível agilidade, agarrou o postigo que estava escancarado contra a parede e nele se apoiando, saltou diretamente à cabeceira da cama. Tudo se passou em menos dum minuto. O postigo de novo foi aberto com um pontapé do orangotango, ao entrar no quarto.

Entrementes, o marinheiro sentia-se ao mesmo tempo alegre e perplexo. Tinha fortes esperanças, agora, de recapturar o animal, pois dificilmente escaparia ele da armadilha em que se metera, exceto pelo pára-raios, onde poderia ser apanhado ao descer. Por outro lado, havia bastantes motivos de ansiedade pelo que poderia ele fazer dentro da casa. Este último pensamento apressou ainda mais o homem a continuar a perseguição do fugitivo. Num condutor de pára-raios sobe-se sem dificuldade, mormente quando se é marinheiro. Mas ao chegar à altura da janela, situada bem distante à sua esquerda, viu-se obrigado a parar. O mais que podia fazer era colocar-se de modo a conseguir uma vista do interior do quarto. Mas o que viu quase o fez largar as mãos donde se agarrava tamanho foi o horror que dele se apossou. Fora então que se ouviram dentro da noite aqueles horríveis gritos que despertaram do sono os habitantes da Rua Morgue. A Sra. L'Espanaye e sua filha de camisola, tinham estado ocupadas, ao que parece, em arrum alguns papéis no cofrezinho de ferro, já mencionado, e que havia arrastado para o meio do quarto. Estava aberto e seu conteúdo jazia ao lado, no soalho. As vítimas deviam estar sentadas de costas para a janela e, pelo tempo decorrido entre a entrada do animal e os gritos, parece provável que ele não tenha sido logo percebido. A batida do postigo fora de certo atribuída ao vento.

Quando o marinheiro olhou para dentro do quarto, o gigantesco animal havia agarrado a Sra. L'Espanaye pelos cabelos (que estavam soltos, pois os estivera penteando) e manejava a navalha de torno de seu rosto, imitando os movimentos dum barbeiro. A filha, jazia prostrada e sem movimento. Havia desmaiado. Os gritos e o esforços da velha (durante os quais o cabelo lhe fora arrancado da cabeça) tiveram o efeito de mudar em cólera as intenções provavelmente pacificas do orangotango. Com um golpe rápido de se braço musculoso, quase separou-lhe a cabeça do corpo. A vista do sangue transmudou a cólera do animal em frenesi. Rilhando os dentes, de olhos chispantes, saltou sobre o corpo da moça e enterrou-lhe as terríveis garras na garganta, mantendo o arrocho até de deixá-la morta. Seus olhares errantes e ferozes caíram, neste momento, sobre a cabeceira da cama, por cima da qual se avistava, justamente, o rosto de seu dono, petrificado de horror. A fúria do animal, que sem dúvida se lembrava ainda do terrível chicote, converteu-se instantaneamente em medo. Cônscio de haver merecido castigo, pareceu desejoso de ocultar suas sangrentas façanhas e pôs-se a saltar dentro do quarto, em angustiosa agitação nervosa, derrubando e quebrando os móveis ao pular e arrastando a roupa de cama de cima do enxergão. Por fim, agarrou primeiro o cadáver da filha e meteu-o pela chaminé acima, tal como foi encontrado e depois o da velha, que ele imediatamente atirou pela janela.

Quando o macaco se aproximou da janela, com sua carga mutilada, o marinheiro se abaixou, apavorado, para o condutor pára-raios, e antes deslizando que descendo, com cuidado, por ele correu para casa imediatamente, temendo as conseqüências da carnificina e abandonando, com satisfação, no seu terror, qualquer interesse pela sorte do orangotango. As palavras ouvidas pelas pessoas que subiam as escadas eram as exclamações de horror e pavor do francês, misturadas com os uivos diabólicos da besta-fera.

Quase mais nada tenho a acrescentar. O orangotango deve ter escapado do quarto pelo condutor de pára-raios justamente antes de ter sido arrombada a porta. Deve ter fechado a janela ao passar por ela. Deve ter sido recapturado mais tarde pelo próprio dono, obteve por ele elevado preço, vendendo-o para o Jardim des Plantes . Le Bon foi imediatamente solto, após nossa narrativa das circunstâncias (com alguns comentários de Dupin), no gabinete do chefe de polícia. Este funcionário, apesar de sua boa disposição para com meu amigo, não podia ocultar de todo seu desgosto pelo rumo que o caso havia tomado, e de bom grado se entregava a um ou dois sarcasmos, a respeito da conveniência de cada

qual tratar de seus próprios negócios.

- Deixemo-lo falar - disse Dupin, que achou melhor não replicar. - Deixemo-lo discursar. Aliviar-lhe-á a consciência. Estou satisfeito por havê-lo derrotado no seu próprio castelo. Não obstante o fato de não haver ele logrado êxito na solução deste mistério, não é, de modo algum, coisa de tanto espanto, como ele acredita, porque, na verdade, nosso amigo chefe de polícia é um tanto sagaz demais para ser profundo. Falta suporte à sua ciência. É toda cabeça e não corpo, como os retratos da Deusa Laverna, ou, no melhor dos casos, toda cabeça e ombros, como um bacalhau. Mas apesar de tudo é uma boa criatura. Gosto dele, especialmente pela sua magistral impostura, graças à qual alcançou fama de engenhoso, quero dizer, o jeito que ele tem de nier ce qui est, et d'expliquer ce qui n'est pas. (negar o que é, e explicar o que não é. Rousseau, Nouvelle Heloise.N.T.)

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA – CONTOS DE TERROR, MISTERIO E MORTE

REVELAÇÃO MESMERIANA

(Relativo ao "mesmerismo", doutrina do médico alemão Frederico Antônio Mesmer (1734-1805. Ele julgava haver descoberto no magnetismo animal a terapêutica para todas as doenças e, sobre sua pretendida descoberta, escreveu vários livros. N.T.)

Embora ainda se possa cercar de dúvida a análise racional do magnetismo, seus espantosos resultados são agora quase universalmente admitidos. E os que, dentre todos, duvidam, são simples descrentes profissionais, casta inútil e desacreditada. Não pode haver mais completa perda de tempo que a tentativa de provar, nos dias atuais, que o homem, pelo mero exercício da vontade, pode impressionar seu semelhante a ponto de conduzi-lo a uma condição anormal cujos fenômenos muito estreitamente se assemelham aos da morte, ou pelo menos se assemelham mais a eles do que os fenômenos de qualquer outra condição normal de que tenhamos conhecimento, provar que, enquanto em tal estado, a pessoa assim impressionada só emprega com esforço, e mesmo assim fracamente, os órgão externos dos sentidos, embora perceba, com percepção agudamente refinada e através de canais supostamente desconhecidos, questões além do alcance dos órgãos físicos; provar que, além disso, suas faculdades intelectuais são maravilhosamente intensificadas e revigoradas; provar que suas simpatias para com a pessoa que assim age sobre ela são profundas; e, finalmente, provar que sua suscetibilidade à ação magnética aumenta com a freqüência desta, ao mesmo tempo que em idêntica proporção, os fenômenos característicos obtidos se tornam mais extensos e mais pronunciados.

Digo que seria superfluidade demonstrar tais coisas - que são as leis do magnetismo em seu aspecto geral. E não irei infligir hoje a meus leitores tão desnecessária demonstração. Sou impelido, arrostando mesmo todo um mundo de preconceitos, a pormenorizar sem comentários, a notabilíssima essência de um colóquio ocorrido mim e um magnetizado.

Por muito tempo eu me acostumara a magnetizar a pessoa em apreço (o Sr. Vankirk) e sobrevieram a suscetibilidade aguda e a intensidade da percepção magnética, como de hábito. Durante numerosos meses viera sofrendo de tísica bem caracterizada, de cujos efeitos mais angustiantes fora aliviado graças a minhas manipulações; e, na noite de quarta-feira, quinze do corrente, fui chamado à sua cabeceira.

O enfermo sofria aguda dor na região do coração e respirava com grande dificuldade, tendo todos os sintomas comuns da asma. Em espasmos semelhantes achara sempre alívio com a aplicação de mostarda nos centros nervosos, mas naquela noite isso tinha sido tentado em vão. Ao entrar em seu quarto o doente saudou-me com carinhoso sorriso e, embora evidentemente sofresse grandes dores corporais, parecia estar mentalmente sem qualquer perturbação .

- Mandei chamá-lo hoje - disse-me - não tanto para dar-me um alívio ao corpo como para satisfazer-me relativamente a certas impressões psíquicas que, nos últimos tempos, causaram-me grande ansiedade e surpresa. Não preciso dizer-lhe quanto sou cético a respeito da imortalidade da alma. Não posso negar que sempre existiu nessa própria alma, que andei negando, um como que vago sentimento de sua realidade. Mas esse indeciso sentimento em tempo algum se ampliou à convicção. Nada havia de comum entre minha razão e ele. Todas as tentativas de uma análise lógica resultaram na verdade, em deixar-me mais cético do que antes. Aconselharam-me a estudar Cousin. Estudei-o em suas próprias obras bem como nas de seus ecos europeus e americanos. Esteve em minhas mãos, por exemplo, o Charles Elwood do Sr. Browson. Li-o com profunda atenção. Achei-o inteiramente lógico; apenas as partes que não eram simplesmente lógicas eram, infelizmente, os argumentos iniciais do incrédulo herói do livro. Em seu resumo pareceu-me evidente que o raciocinador não tivera êxito sequer em convencer-se a si mesmo. Seu fim claramente esquecera o início, como o governo de Trínculo. Em suma, não tardei em perceber que, se um homem deve ser intelectualmente convencido da própria imortalidade, nunca será convencido pela mera abstração que por tanto tempo foi moda entre os moralistas da Inglaterra, da França e da Alemanha. As abstrações podem divertir a mente e exercitá-la, mas não tomam posse dela. Neste mundo terreno pelo menos, a filosofia...estou persuadido, apelará sempre em vão para que contemplemos as qualidades como coisas.

- A vontade pode concordar; a alma, o intelecto, nunca. Repito, pois, que só senti um tanto, e nunca acreditei intelectualmente. Mas, há pouco, houve certo aguçamento dessa sensação até ao ponto de quase parecer a aquiescência da razão, tanto que eu achava difícil distinguir entre ambos. Creio-me, pois, capaz de atribuir esse efeito à influência magnética. Não posso explicar melhor o que penso senão pela hipótese de que a intensificação magnética me capacita a perceber um encadeamento de raciocínios que, em minha existência anormal, me convence, mas que, em plena concordância com o fenômeno magnético, não se estende, a não ser por meio de seu efeito, à minha condição normal. Estando magnetizado, o raciocínio e a sua conclusão, a causa e seu efeito, estão juntamente presentes. No meu estado natural, desaparecendo a causa, só o efeito permanece e talvez só parcialmente.

Tais considerações levaram-me a pensar que certos bons resultados podem ser a conseqüência de uma série de bem orientadas perguntas, a mim propostas enquanto magnetizado. Muitas vezes você observou o profundo auto conhecimento demonstrado pelo magnetizado, a extensa consciência que ele tem de todos os pontos relativos à condição magnética em si; ora, desse auto conhecimento podem ser deduzidas idéias suficientes para a organização adequada de um catecismo.

Consenti naturalmente, em fazer tal experiência. Poucos passes levaram o Sr. Vankirk ao sono mesmérico. Sua respiração tornou-se imediatamente mais fácil e ele pareceu não sofrer qualquer incômodo físico. Seguiu-se, então, a conversação abaixo (V., no diálogo representa o paciente, e P. representa minha pessoa)

P - Está dormindo?

V- Sim... não ; preferiria dormir mais profundamente.

P- (depois de poucos passes mais.) Está dormindo agora?

V- Sim.

P - Como pensa que terminará sua enfermidade atual?

V- (Depois de longa hesitação e falando como que com esforço.)Vou morrer.

P- A idéia de morte o aflige?

V - (Muito rapidamente.) Não.

P- Agrada-lhe essa perspectiva?

V - Se eu estivesse acordado gostaria de morrer, mas agora isso não importa. A condição magnética está bastante perto da morte para me satisfazer.

P. - Desejaria que se explicasse, Sr. Vankirk.

V. - Desejo fazê-lo, mas isso requer esforço maior do que aquele de que sou capaz. O senhor não interrogou adequadamente.

P. -Que perguntarei então?

V. - Deve começar pelo começo.

P. - O começo? Mas onde é o começo?

V. - O começo, como sabe, é Deus. (Isto foi dito numa voz baixa, flutuante, e com todos os sinais da mais profunda veneração.)

P. - Que é Deus, então?

V. - (Hesitando durante alguns minutos.) Não posso

P. - Deus não é espírito?

V. - Enquanto estava desperto, eu sabia o que queria dizer com a palavra "espírito", mas agora parece-me apenas uma palavra tal, por exemplo, como verdade, beleza: quero dizer, uma qualidade.

P. - Não é Deus imaterial?

V. - Não há imaterialidade; é uma simples palavra. O que não é matéria não é absolutamente, a menos que as qualidades coisas.

P. - Deus, então, é material?

V. - Não. (Esta resposta me espantou bastante.)

P - Então que é ele?

V -(Depois de longa pausa, murmurando.) Vejo... mas é uma coisa difícil de dizer. (Outra pausa longa.) Ele não é espírito, porque existe. Nem é matéria, tal como você entende. Mas há gradações da matéria de que o homem não conhece nada, a mais densa impelindo a mais sutil, a mais sutil invadindo a mais densa. A atmosfera, por exemplo, movimenta o princípio elétrico, ao passo que o princípio elétrico penetra a atmosfera. Estas gradações da matéria aumentam em raridade ou sutileza até chegarmos a uma matéria imparticulada - sem partículas -, indivisível - una - e aqui a lei de impulsão e de penetração é modificada. A matéria suprema ou não particulada não somente penetra todas as coisas, mas movimenta todas as coisas, e assim é todas as coisas em si mesma.

Esta matéria é Deus. Aquilo que os homens tentam personificar na palavra "pensamento" é esta matéria em movimento.

P. - Os metafísicos sustentam que toda ação é redutível a movimento e pensamento, e que este é a origem daquele.

V. - Sim. E agora vejo a confusão de idéias. O movimento é a ação do espírito e não do pensamento. A matéria imparticulada ou Deus, em estado de repouso (tanto quanto podemos concebê-lo) é o que os homens chamam espírito. E o poder do auto movimento (equivalente com efeito à volição humana) é, na matéria imparticulada, o resultado de sua unidade e de sua onipotência; como não sei, e agora vejo claramente que jamais o saberei. Mas a matéria imparticulada, posta em movimento por uma lei ou qualidade existente dentro de si mesma, é pensamento.

P. Poderá dar-me idéia mais precisa do que chama você matéria imparticulada?

V. As matérias de que o homem tem conhecimento escapam aos sentidos gradativamente. Temos, por exemplo, um metal, um pedaço de madeira, uma gota de água, a atmosfera, um gás, o calórico, a eletricidade, o éter luminoso. Ora, chamamos todas essas coisas matérias e abrangemos toda a matéria numa definição geral; mas a despeito disto, não pode haver duas idéias mais essencialmente distintas do que a que ligamos a um metal e a que ligamos ao éter luminoso. Quando alcançamos este último, sentimos uma inclinação quase irresistível a classificá-lo como espírito ou como o nada. A única consideração que nos retém é nossa concepção de sua constituição atômica, e aqui mesmo temos necessidade de buscar auxilio na nossa noção de um átomo, como algo que possui, com pequenez infinita, solidez, palpabilidade, peso. Suprimamos a idéia do éter como uma entidade ou, pelo menos, como matéria. À falta de melhor palavra podemos denominá-lo espírito. Dê agora um passo para além do éter luminoso. Conceba uma matéria como muito mais rarefeita do que o éter, assim como o éter é muito mais rarefeito do que o metal, e chegaremos imediatamente (a despeito de todos os dogmas da escola) a uma única massa, uma matéria imparticulada. Pois, embora possamos admitir infinita pequenez nos próprios átomos, a infinidade da pequenez nos espaços entre eles é um absurdo. Haverá um ponto, haverá um grau de rarefação no qual, se os átomos são suficientemente numerosos, os interespaços devem desaparecer e a massa unificar-se de todo. Mas, sendo agora posta de lado a consideração da constituição atômica, a natureza da massa resvala inevitavelmente para aquilo que concebemos como espírito. E claro, que ela é tão matéria ainda quanto antes. A verdade é que não se pode conceber o espírito sem que seja possível imaginar o que não é. Quando nos lisonjeamos por haver formado essa concepção, apenas iludimos a nossa inteligência com a consideração da matéria infinitamente rarefeita.

P. - Parece-me haver uma insuperável objeção à idéia de unidade absoluta, e ela é a da bem pouca resistência sofrida pelos corpos celestes nas suas revoluções pelo espaço, resistência agora verificada, é verdade, como existente em certo grau, mas que é, não obstante, tão leve a ponto de ter sido completamente desdenhada pela sagacidade do próprio Newton. Sabemos que a resistência dos corpos está principalmente com a sua densidade. A absoluta unificação é a absoluta densidade. Onde não há interespaços não pode haver passagem. Um éter absolutamente denso oporia um obstáculo infinitamente mais eficaz à marcha de um astro do que o faria um éter de diamante ou de ferro.

V. - Sua objeção é respondida com uma facilidade que está quase na razão da sua aparente irresponsabilidade. Quanto à marcha de um astro , não faz diferença se o astro passa através do éter ou se o éter através dele. Não há erro astronômico mais inexplicável do que o que relaciona o conhecido retardamento dos cometas com a idéia de sua passagem através de um éter; porque, por mais rarefeito que se suponha esse éter, oporia

ele obstáculo a qualquer revolução sideral em um período bem mais breve do que tem sido admitido por aqueles astrônomos que têm tentado tratar pela rama um ponto que eles acham impossível compreender. O retardamento realmente experimentado é, por outro lado, quase igual àquele que pode resultar da fricção do éter na sua passagem instantânea através do orbe. No primeiro caso, a força retardadora é momentânea e completa dentro de si mesma; no outro, é infinitamente crescente.

P. - Mas, em tudo isso, nesta identificação da simples matéria como Deus, não haverá algo de irreverência? (Fui obrigado a repetir essa pergunta antes que o magnetizado compreendesse plenamente o que eu queria dizer.)

V. - Pode dizer por que a matéria seria menos respeitada do que o pensamento? Mas você esquece que a matéria de que falo é, a todos os respeitos, o verdadeiro "pensamento" ou "espírito" das escolas, no que se refere às suas altas capacidades, e é, além disso a "matéria" dessas escolas ao mesmo tempo. Deus com todos os poderem atribuídos ao espírito não é senão a perfeição da matéria.

P. - Você afirma então que a matéria imparticulada em movimento é pensamento?

V. - Em geral, esse movimento é o pensamento universal da mente universal. Esse pensamento cria. Todas as coisas criadas são apenas os pensamentos de Deus.

P. - Você diz "em geral".

V. - Sim. A mente universal é Deus. Para as novas individualidades a matéria é necessária.

P. - Mas você agora fala de "espírito" e "matéria", como fazem os metafísicos.

V. - Sim, para evitar confusão . Quando eu digo espírito, significa a matéria imparticulada ou suprema; por matéria, entendo todas as outras espécies.

P. - Você dizia que "para novas individualidades a matéria é necessária".

V. - Sim, pois o espírito, existindo incorporeamente, é simplesmente Deus. Para criar seres individuais pensantes foi necessário encarnar porções do espírito divino. Por isso o homem é individualizado. Desvestido do invólucro corpóreo seria Deus. Ora, o movimento particular das porções encarnadas da matéria imparticulada é o pensamento do homem, assim como o movimento do todo é o de Deus.

P. - Diz você que desvestido do corpo o homem seria Deus? -

V. - (Depois de muita hesitação.) Eu não podia ter dito isso. É um absurdo.

P. - (Consultando minhas notas.) Você disse que "desvestido do invólucro corpóreo o homem seria Deus".

V. - Isto é verdade. O homem, assim despojado seria Deus, seria desindividualizado. Mas ele nunca pode ser assim despojado - pelo menos nunca será - a menos que devêssemos imaginar uma ação de Deus voltando sobre si mesma, uma ação fútil e sem objetivo. O homem é uma criatura. As criaturas são pensamentos de Deus. E é da natureza do pensamento ser irrevogável.

P.- Não compreendo. Você diz que o homem nunca se despojará do corpo?

V. - Digo que ele nunca estará sem corpo.

P. - Explique-se.

V. - Há dois corpos: o rudimentar e o completo, correspondendo às duas condições da lagarta e da borboleta. O que chamamos "morte" é apenas a dolorosa metamorfose. Nossa atual encarnação é progressiva, preparatória, temporária. A futura é perfeita, final, imortal. A vida derradeira é o fim supremo.

P. - Mas nós temos conhecimento palpável da metamorfose da lagarta.

V. - "Nós", certamente, mas não a lagarta. A matéria de que nosso corpo rudimentar é composta está ao alcance dos órgãos rudimentares que estão adaptados à matéria de que é formado o corpo rudimentar, mas não à de que é composto o corpo derradeiro. O corpo derradeiro escapa assim aos nossos sentidos rudimentares e percebemos apenas o casulo que abandona, ao morrer, a forma interior, e não essa própria forma interior; mas esta forma interior, bem como o casulo, é apreciável por aqueles que já adquiriram a vida derradeira.

P. - Você disse muitas vezes que o estado magnético se assemelha muito de perto à morte. Como é isso?

V. - Quando digo que ele se assemelha à morte, quero dizer que se parece com a vida derradeira, pois quando estou no sono magnético os sentidos de minha vida rudimentar ficam suspensos e percebo as coisas externas diretamente, sem órgãos, por um meio que empregarei na vida derradeira e inorgânica.

P.- Inorgânica?

V.- Sim. Os órgãos são aparelhos pelos quais o indivíduo é posto em relação sensível com certas categorias e formas da matéria, com exclusão de outras categorias e formas. Os órgãos do homem estão adaptados à sua condição rudimentar e a ela somente; sua condição última, sendo inorgânica, é de compreensão ilimitada em todos os pontos, exceto um: a natureza da vontade de Deus. Isto é, matéria imparticulada. Você pode ter uma idéia distinta do corpo derradeiro concebendo-o como sendo totalmente cérebro. "Ele" não é isso; mas uma concepção dessa natureza aproximará você de uma compreensão do que ele "é". Um corpo luminoso comunica vibração ao éter luminoso. As vibrações geram outras semelhantes na retina; estas, por sua vez, comunicam outras semelhantes ao nervo ótico; o nervo leva outras semelhantes ao cérebro; o cérebro também outras iguais à matéria imparticulada que o penetra. O movimento desta última é pensamento, do qual a percepção é a primeira vibração. Este é o modo pelo qual o pensamento da vida rudimentar se comunica com o mundo exterior e este mundo exterior é limitado, para a vida rudimentar, pelas reações de seus órgãos.

Mas, na vida derradeira e inorgânica, o mundo exterior comunica-se com o corpo inteiro (que é de uma substância afim da do cérebro como já disse), sem nenhuma outra intervenção que não a de um éter infinitamente mais rarefeito, do que mesmo o éter luminífero e com esse éter, em uníssono com ele, todo o corpo vibra, pondo em movimento a matéria imparticulada que o penetra. É à ausência de órgãos reativos, contudo, que devemos atribuir a quase ilimitada percepção da vida derradeira. Para os seres rudimentares os órgãos são as gaiolas necessárias para encerrá-los até que estejam emplumados.

P. - Você fala de seres rudimentares. Há outros seres rudimentares e pensantes além do homem?

V. - A conglomeração numerosa de matéria dispersa em nebulosas, planetas, sóis e outros corpos que nem são nebulosa, nem planetas, tem como único fim suprir o pabulam para a reação dos órgãos de uma infinidade de seres rudimentares. Sem a necessidade do rudimentar, anterior à vida derradeira, não teria havido corpos tais como esses. Cada um deles é ocupado por uma distinta variedade de criaturas orgânicas, rudimentares e pensantes. Em todas, os órgãos variam com os característicos do habitáculo. Na morte ou metamorfose, estas criaturas, gozando da vida derradeira da imortalidade - e conhecedoras de todos os segredos, menos o único, operam todas as coisas e se movem por toda a parte por simples ato de vontade. Habitam, não as estrelas, que para nós parecem as únicas coisas tangíveis e para conveniência, cegamente cremos que o espaço foi criado, mas o próprio espaço, esse infinito cuja imensidão verdadeiramente substantiva absorve as sombras estelares, apagando-as como não entidades da visão dos anjos.

P. - Você diz que "sem a necessidade da vida rudimentar" não teria havido estrelas. Mas qual a razão dessa necessidade?

V. - Na vida inorgânica, bem como geralmente na matéria inorgânica, nada há que impeça a ação de uma lei simples e única: a Divina Vontade. Com o fim de criar um empecilho, a vida orgânica e a matéria (complexas, substanciais e oneradas por leis) foram criadas.

P. - Mais ainda, que necessidade havia de criar esse empecilho?

V. - O resultado da lei inviolada é perfeição, justiça, felicidade negativa. O resultado da lei violada é imperfeição, injustiça, dor positiva. Por meio dos empecilhos produzidos pelo número, complexidade e substancialidade das leis da vida orgânica e da matéria, a violação da lei se torna, até certo ponto, praticável. Esta dor, que na vida inorgânica é impossível, torna-se possível na orgânica.

P. - Mas em vista de que resultado bom se torna possível a dor?

V. - Todas as coisas são boas ou más por comparação . Uma análise suficiente mostrará que o prazer, em todos os casos é apenas o contraste da dor. Prazer positivo é mera idéia. Para ser feliz até certo ponto, devemos ter sofrido na mesma proporção. Jamais sofrer equivaleria a não ter jamais sido feliz. Mas está demonstrado que na vida inorgânica a dor não pode existir; daí a necessidade da dor para a vida orgânica. A dor da vida primitiva da terra é a única base da felicidade da derradeira vida no Céu.

P. - Contudo, ainda há uma de suas expressões que não acho possibilidade de compreender: "a imensidão verdadeiramente substantiva do infinito".

V. - É provavelmente, porque não tem a concepção suficientemente genérica do próprio termo substância. Não devemos olhá-la como uma qualidade, mas como um sentimento: é a percepção, nos seres pensantes, da adaptação da matéria à organização deles. Há muitas coisas sobre a Terra que seriam nada para os habitantes de Vênus; muitas coisas visíveis e tangíveis em Vênus que não poderíamos ser levados a apreciar como absolutamente existentes. Mas para os seres inorgânicos - para os anjos - o todo da matéria imparticulada é substância, isto é, o todo do que chamamos "espaço" é para eles a mais verdadeira substancialidade; os astros, entretanto, do ponto de vista de sua materialidade, escapam ao sentido angélico, justamente na mesma proporção em que a matéria imparticulada, do ponto de vista de sua imaterialidade, escapa ao sentido orgânico.

Ao pronunciar o magnetizado estas últimas palavras em voz fraca, notei-lhe na fisionomia singular expressão que me alarmou um tanto e induziu-me a despertá-lo imediatamente.

Logo que fiz isto, com um brilhante sorriso a iluminar todas as suas feições caiu para trás no travesseiro e expirou. Notei que, menos de um minuto depois seu cadáver tinha toda a rígida imobilidade da pedra. Sua fronte estava fria como gelo. Assim, geralmente, só se mostraria depois de longa pressão da mão de Azrael. Ter-se-ia, realmente, o magnetizado, na última parte de sua dissertação, dirigido a mim lá do fundo das regiões das sombras?

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA – CONTOS POLICIAIS

TU ÉS O HOMEM

DESEMPENHAREI agora o papel de Édipo, para o enigma de Rattleburgo. Expor-vos-ei, como somente eu posso fazê-lo, o segredo do maquinismo que efetuou o milagre de Rattleburgo o autêntico, o admitido, o indisputado e indisputável milagre que pôs definitivamente fim à infidelidade entre os rattleburgueses, converteu à ortodoxia das vovós e de qualquer materialista que antes se aventurara a ser cético.

Este acontecimento, que seria triste discutir num tom de inoportuna leviandade, ocorreu no verão de 18... O Sr. Barnabé Shuttleworthy, um dos mais ricos e dos mais respeitáveis cidadãos do burgo, estivera desaparecido por vários dias, em circunstâncias que despertavam suspeitas de uma má ação. O Sr. Shuttleworthy se ausentara de Rattleburgo num sábado, de manhã, bem cedo, a cavalo, com a confessada intenção de ir à cidade de N***, a cerca de quinze milhas de distância, e de lá voltar na noite do mesmo dia. Duas horas depois de sua partida, porém, seu cavalo voltou sem ele e sem os alforjes, que lhe tinham sido amarrados ao lombo, ao partir. O animal estava também ferido e coberto de lama. Estas circunstâncias suscitaram naturalmente. grande alarme entre os amigos do homem desaparecido, e quando se verificou, no domingo de manhã, que ele ainda não havia reaparecido, todo o burgo se ergueu para ir procurar seu corpo.

O primeiro e mais enérgico em organizar essa busca era o amigo do peito o Sr. Shuttleworthy, um tal Sr. Carlos Goodfellow, ou como era por todos chamado, "Carlito Goodfellow", ou "Carlito Velho Goodfellow". Ora, se se trata apenas de maravilhosa coincidência, ou se e que o próprio nome tem imperceptível efeito sobre o caráter, não fui capaz de certificar-me; mas é fato questionável que nunca houve ninguém chamado Carlito que não fosse um sujeito franco, valente, honesto, afável e cordial, com uma rica e clara voz, agradável de ouvir-se, e um olhar que parece encarar sempre a gente diretamente como se dissesse: "Tenho uma consciência limpa, não tenho medo de homem nenhum e sou completamente incapaz de praticar uma ação indigna." E assim todos os alegres e descuidados artistas secundários do palco estão bem certos de ser chamados Carlos.

Ora, o "Carlito Velho Goodfellow", embora estivesse em Rattleburgo, não havia mais de seis meses ou por aí assim, e embora soubesse qualquer coisa a seu respeito antes que viesse estabelecer-se na vizinhança, não tivera dificuldade alguma em travar conhecimento com todas as pessoas respeitáveis do burgo. Nenhuma delas havia que não acreditasse piamente numa sua simples palavra, a qualquer momento; quanto às mulheres, não se pode dizer o que elas não teriam feito para obsequiá-lo. E tudo isso lhe vinha do fato de ter sido batizado como Carlos e de possuir, em conseqüência, aquele rosto ingênuo, que é proverbialmente a "melhor carta de recomendação".

Já disse que o Sr. Shuttleworthy era um dos mais respeitáveis e indubitavelmente, o homem mais rico de Rattleburgo e que "Carlito o Goodfellow" estava em tão íntimas relações com ele como se fosse seu próprio irmão. Os dois velhos cavalheiros eram vizinhos de casas contíguas e, embora o Sr. Shuttleworthy raramente, ou jamais visitasse

"Carlito Velho", nunca se soube que tivesse feito alguma refeição em sua casa; contudo, isso não impedia que os dois amigos fossem excessivamente íntimos, como justamente observei. Quanto a "Carlito Velho", nunca deixou passar um dia sem ir três ou quatro vezes ver como seu vizinho ia passando e as vezes ficava para almoçar ou para o chá, e quase sempre jantar. Coisa realmente bem difícil de averiguar seria a quantidade de vinho escorrupichada pelos dois camaradas numa reunião dessas. A bebida preferida de "Carlito Velho" era o Château Margaux e parecia confortar o coração do Sr. Shuttleworthy ver o amigo bebê-lo, como fazia, quartilho após quartilho. De modo que um dia, quando o vinho estava dentro e o juízo, como conseqüência natural, um tanto fora, disse ele a seu companheiro, dando-lhe pancadinhas nas costas:

- Vou dizer-lhe o que é que você é, "Carlito Velho". Você é indubitavelmente o sujeito mais cordial que eu jamais encontrei desde de que nasci. E já que você gosta de beber vinho dessa maneira, muito me haveria de amaldiçoar se não lhe fizesse presente de uma grande caixa do Château Margaux.

- Diabos me levem! – exclamou o Sr. Shuttleworthy, que tinha o triste hábito de praguejar, embora raramente passasse de: "Diabos me levem!", "Que eu me dane", ou "Com os seiscentos diabos!". - Diabos me levem -ele - se não mandar uma ordem para a cidade esta tarde pedindo uma caixa dupla do melhor que se possa encontrar, fazer presente dela a você. E mando mesmo! Você não diz uma só palavra agora: eu mando, é o que lhe digo, e não se fala mais nisso. E não se preocupe. Chegará às nossas mãos um destes belos dias, precisamente quando menos o esperarmos.

Menciono essa pequena amostra de liberalidade da parte do Sr. Shuttleworthy justamente para mostrar-vos quanta intimidade e compreensão existia entre os dois amigos.

Pois bem, na manhã do domingo em questão, quando se tornou claramente patente que algo de mau havia acontecido ao Sr. Shuttleworthy, jamais vi alguém tão profundamente abalado como "Carlito Velho Goodfellow". Quando soube, a princípio, que o cavalo voltado para casa sem seu dono e sem os alforjes, todo ensangüentado por um tiro de pistola, que atravessara simplesmente o peito do pobre animal, sem matá-lo; quando ouviu tudo isso, ficou pálido como se o homem desaparecido tivesse sido seu irmão querido ou seu pai, e tremia e se agitava todo, como se tivesse com um ataque de maleita.

A princípio sentia-se demasiado acabrunhado de tristeza para poder fazer qualquer coisa ou decidir qualquer plano de ação. Assim é que, durante muito tempo, tentou dissuadir os outros amigos do Sr. Shuttleworthy de provocar qualquer agitação em torno do assunto, achando melhor esperar-se, entrementes – digamos, uma semana ou duas, ou um mês, ou dois -, para ver se alguma coisa não se apresentaria ou se o Sr. Shuttleworthy não voltaria de maneira natural e explicaria as razões de ter enviado seu cavalo na frente. Suponho que tendes muitas vezes observado esta disposição para contemporizar, ou para adiar, nas pessoas que sofrem qualquer pungente sofrimento. As forças de sua parecem cair em torpor, de maneira que têm elas horror de qualquer coisa que se pareça com ação e nada acham melhor no mundo que ficar quietamente na cama e "ninar sua dor", que dizem as velhas, isto é, ruminar as contrariedades.

O povo de Rattleburgo tinha, de fato, tão alta opinião da sabedoria e da discrição de "Carlito Velho" que a maior parte das pessoas se sentiu disposta a concordar com ele, e não agitar o caso, "até que alguma coisa se apresentasse", como tinha dito honesto cavalheiro. E eu acredito que, afinal, teria sido esta decisão geral, não fosse a interferência bem suspeitosa do sobrinho do Sr. Shuttleworthy, rapaz de costumes dissipados e, além disso, um tanto dotado de mau caráter. Esse sobrinho, cujo nome Pennifeather, não concordava absolutamente com aquela estória de ficar quieto", mas

insistiu numa imediata busca do "cadáver do homem assassinado". Era esta a expressão que ele empregava.

O Sr. Goodfellow agudamente observou, no mesmo instante, que era singular, para não dizer mais . Essa observação de Carlito Velho, produziu também grande efeito sobre a multidão e alguém do grupo perguntou, muito intencionalmente, como era que o jovem Sr. Pennifeather se mostrava tão íntimo conhecedor de todas as circunstâncias relacionadas com o desaparecimento de seu rico tio, a ponto de sentir-se autorizado a afirmar, inequivocamente, que seu tio era "um homem assassinado".

Nisso, ocorreram pequenas altercações e disputas entre várias pessoas do povo e especialmente entre "Carlito Velho" e o Sr. Pennyfeather, embora esta última ocorrência não fosse de fato absolutamente novidade, pois certa má-vontade se suscitara entre os dois os últimos três ou quatro meses, e as coisas tinham ido tão longe que o Sr. Pennifeather tinha realmente esmurrado o amigo do tio, por causa de um alegado excesso de liberdade que o último tomara, na casa do tio, da qual era o sobrinho morador.

Nessa ocasião, conta-se que "Carlito Velho" comportou-se com exemplar moderação e caridade cristã. Levantou-se, depois de recebido o golpe , ajeitou as roupas e nenhuma tentativa fez de reação, murmurando apenas algumas palavras relativas a "tomar sumária vingança na primeira oportunidade conveniente" natural e bem justificável ebulição de cólera, que nada significava porém, e sem dúvida tão logo fora expressa, já estava esquecida.

Seja como for (coisa que não diz respeito ao assunto agora em questão), é completamente certo que o povo de Rattleburgo, principalmente em virtude da persuasão do Sr. Pennifeather, decidiu-se a dispersar-se pelas regiões adjacentes, em busca do desaparecido Sr. Shuttleworthy. Digo que chegaram esta decisão em primeiro lugar.

Depois que fora completamente resolvido que se fizesse uma busca, considerou-se quase fora de questão que os pesquisadores se dispersariam, isto é, se distribuiriam em grupos, para mais cuidadoso exame de toda a região em redor. Não sei, porém, porque engenhoso raciocínio foi que "Carlito Velho", finalmente, convenceu a assembléia de que era aquele o plano mais desarrazoado do que se poderia realizar. Convenceu-os, contudo, a todos, exceto ao Sr. Pennifeather; e afinal ficou combinado que se faria uma busca cuidadosa e bem completa, por todos os habitantes em massa, dirigidos pelo próprio "Carlito Velho".

Quanto a isto, não poderia haver melhor pioneiro do que "Carlito o Velho", que todos sabiam possuir olhos de lince; mas, embora ele os levasse a tudo quanto era recanto e buraco, fora da estrada e linhos que ninguém jamais suspeitara existissem na vizinhança embora a busca fosse mantida, sem cessar, dia e noite, durante quase uma semana, nenhum sinal do Sr. Shuttleworthy pôde ser descoberto. Quando digo "nenhum sinal", porém, não se deve entender que falo literalmente, porque sinais, até certo ponto, certamente havia.

O pobre homem tinha chegado, como se verificou pelas ferraduras de seu cavalo (que eram características), a um lugar situado a três milhas a leste do burgo, na estrada principal que levava à cidade. Ali, o rastro desviou-se para uma vereda, através de um trecho de mata, entroncando-se a vereda, novamente para a estrada principal e atalhando assim cerca de meia milha da distância regular. Acompanhando as marcas de ferradura por aquele atalho, o grupo chegou afinal a um brejo de água estagnada, oculto pelas sarças, à direita do atalho. Do outro lado do brejo todo o vestígio do rastro desaparecera. Parecia, porém, que luta de certa natureza ali se realizara e que algum corpo, grande e

pesado, muito maior e mais pesado que o de um homem, tinha sido arrastado da vereda para o brejo.

Este foi cuidadosamente dragado duas vezes, mas nada se encontrou. E a ponto de retirar-se, sem ter conseguido chegar a resultado algum quando a Providência sugeriu ao Sr. Goodfellow o expediente de drenar toda a água. Esse projeto foi recebido com aplausos e elevados cumprimentos se dirigiram a Carlito Velho, por sua sagacidade e ponderação. Como muitos dos habitantes tinham pás consigo, na suposição de que teriam de desenterrar um cadáver o drenamento foi fácil e rapidamente efetuado; e tão logo o fundo do brejo se tornou visível, surgiu em meio da lama restante o colete de veludo preto, que quase todos os presentes, imediatamente reconheceram como pertencente ao Sr.Pennifeather.

Esse estava bastante dilacerado e manchado de sangue e muitas das pessoas que ali se achavam lembravam-se, distintamente, de que o dono o usara justamente na manhã da partida do Sr. Shuttleworthy para a cidade, ao mesmo tempo que outras estavam prontas a testemunhar, sob juramento, se preciso, que o Sr. Pennifeather não usara a peça de roupa em questão, durante o restante daquele mesmo dia; como também ninguém se podia achar que dissesse ter aquele colete na pessoa do Sr. Pennifeather em tempo algum seguida ao desaparecimento do Sr. Shuttleworthy.

As coisas agora estavam tomando aspecto muito sério para o Sr. Pennifeather e foi observado, como indubitável confirmação das suspeitas levantadas contra ele, que se tornou excessivamente pálido e, quando perguntado o que tinha a dizer em seu favor, foi absolutamente incapaz de dizer uma palavra. Nisto os poucos amigos que o seu modo dissoluto de vida lhe deixara abandonaram imediatamente como um só homem e se mostraram mesmo indignados do que seus antigos e confessados inimigos, exigindo , imediata detenção. Mas, por outro lado, a magnanimidade do Goodfellow esplendeu, com o mais brilhante lustre, pelo contraste. Fez, calorosa e intensamente, eloqüente defesa do Sr. Pennifeather na qual aludiu mais de uma vez ao seu próprio e sincero perdão àquele grosseiro rapaz, "o herdeiro do digno Sr. Shuttleworthy pelo insulto que ele (o rapaz) tinha, sem dúvida no ardor da paixão achado próprio descarregar na pessoa dele (Sr. Goodfellow).

Perdoava-o - dizia ele - do âmago do seu coração e quanto a mesmo (Sr. Goodfellow), longe de levar ao extremo as circunstancias suspeitas, que, sentia muito dizê-lo, se haviam realmente levantado contra o Sr. Pennifeather, ele (Sr. Goodfellow) faria o estivesse em seu poder, empregaria toda a pouca eloqüência de que era possuidor, para a suavizar, tanto quanto lhe fosse possível fazer em consciência, os piores aspectos daquela parte excessivamente espantosa do caso.

O Sr. Goodfellow prosseguiu, durante uma comprida meia hora, desse jeito para muito crédito de sua cabeça e de seu coração; mas toda essa gente muito bondosa raramente se mostra bem ajuizada em suas observações; mete-se em toda espécie de disparates, contra tempos e despropósitos, na efervescência de seu zelo em servir a um amigo de modo que, muitas vezes, com a mais bondosa das intenções, causa infinitamente mais prejuízo à sua causa do que serve.

Assim no caso presente, aconteceu com toda a eloqüência de Velho, pois, embora procurasse ativamente atenuar as suspeitas contudo aconteceu que, duma forma ou de outra, cada sílaba pronunciava, e cuja tendência direta, mas inconsciente, não fosse a de exaltar o orador no bom conceito de seu auditório, produziu o efeito de intensificar a suspeita já ligada ao indivíduo cuja causa ele advogava e de suscitar contra este a fúria da multidão. Um dos mais inacreditáveis erros, cometidos pelo orador, foi sua alusão ao suspeito como sendo "o herdeiro do digno cavalheiro Shuttleworthy". O povo, realmente,

nunca tinha pensado nisso. Lembrava-se de certas ameaças de deserdação proferidas uma ou duas vezes antes pelo tio (que não tinha parente vivo, exceto o sobrinho), e tinha por isso encarado sempre essa deserdação como questão assentada, tão simplórios eram os rattleburgueses. Mas a observação de "Carlíto Velho" levou-os imediatamente a considerar o ponto, fazendo-os ver que a possibilidade das ameaças nada mais tinha sido que uma ameaça.

E logo diretamente ergueu-se a questão do cui bono?, questão que, muito mais do que o concorreu para ligar o rapaz ao terrível crime. E aqui, no de poder vir a ser mal-entendido, permití-me uma rápida digressão para simplesmente observar que a frase latina, excessivamente breve e simples, por mim empregada, é invariavelmente mal traduzida e mal entendida. Cui' bono?, em todas as novelas famosas e em qualquer outra parte - nas da Sra. Gore, por exemplo (a de Cecílio), mulher que cita todas as línguas, do caldaico ao chickasaw, e foi ajudada no seu aprendizado, "quando necessário por um sistemático plano do Sr. Bedford -, em todas as novelas famosas, dizia eu, das de Bulwer e Dickens às de Turnapenny Ainsworth, as duas pequenas palavras latinas cui bono? aduzidas como "com que propósito?" ou (como se fosse quo bono "com que utilidade?" Sua verdadeira significação, no entanto é "para beneficiar a quem?". Cui, a quem; bono, o benefício.

É uma frase puramente legal e aplicável precisamente a casos como o que temos agora a considerar, onde a probabilidade de autor da façanha gira sobre a probabilidade do benefício em acréscimo para esse indivíduo, ou para o que resulta do cumprimento da façanha. Ora, no presente caso, a questão cui bono? Mui diretamente implicava o Sr. Pennifeather. Seu tio o havia ameaçado de deserdá-lo, depois de haver feito um testamento em seu favor. Mas a ameaça não fora realmente mantida; o testamento não fora alterado, supunha-se. Se tivesse sido alterado, o único motivo provável para o crime, por parte do suspeito, teria sido o vulgar da vingança; e mesmo este teria sido contrabalançado com a esperança de ser reintegrado nas boas graças do tio. Mas, se o testamento não estivesse alterado, enquanto a ameaça de alteração permanecesse suspensa sobre a cabeça do sobrinho, era de supor-se imediatamente, o incitamento mais forte possível para cidade; e assim concluíam bem sagazmente os dignos burgos de Rattle.

O Sr. Pennifeather foi, conseqüentemente, detido na mesma hora e a multidão, depois de mais algumas buscas, voltou para casa levando-o preso. Em caminho, porém, outra circunstância ocorreu tendente a confirmar a suspeita existente. O Sr. Goodfellow, cujo o zelo o levava a ficar sempre um pouco à frente do grupo, foi correr subitamente para a frente e curvar-se, depois de poucos passos, aparentando apanhar um pequeno objeto dentre a relva. Tendo-o examinado rapidamente, observaram também que ele fazia uma espécie de semi tentativa de ocultá-lo no bolso de seu paletó; esse gesto foi percebido, como eu disse, e conseqüentemente apanhado, quando se verificou que o objeto apanhado era uma faca espanhola, que uma dúzia de pessoas imediatamente reconheceu pertencente ao Sr. Pennifeather. Além disso, suas iniciais estavam gravadas no cabo. A lâmina daquela faca estava aberta e ensangüentada. Nenhuma dúvida restava agora a respeito da culpabilidade do sobrinho e, logo depois que chegaram a Rattleburgo, foi ele conduzido à presença de um magistrado para ser interrogado.

Ali as coisas tomaram, de novo, um aspecto ainda mais desfavorável. Interrogado a respeito de seus passos na manhã do desaparecimento do Sr. Shuttleworthy, teve o prisioneiro a absoluta audácia de confessar que justamente naquela manhã estivera com seu rifle de caçar veados, na imediata vizinhança de onde o colete manchado de sangue fora descoberto, graças à sagacidade do Sr. Goodfellow. Este último adiantou-se então e, com lágrimas nos olhos, pediu permissão para ser interrogado. Disse ele que um agudo senso dever para com seu Criador, e não menos para com seus companheiros, não lhe

permitia que permanecesse por mais tempo silêncio. Até então, o mais sincero afeto pelo rapaz (não obstante o mau tratamento que o último infligira a ele, Goodfellow) o induzido a levantar todas as hipóteses que a imaginação pudesse sugerir, a fim de tentar explicar o que parecia suspeito nas circunstâncias que falavam tão seriamente contra o Sr. Pennifeather. Mas estas circunstâncias eram agora tão totalmente convincentes, tão condenatórias, que não hesitaria por mais tempo.. . Contaria tudo. quanto sabia , embora seu coração (o do Sr. Goodfellow), com esse esforço se fizesse em pedaços.

Passou então, a relatar que, na tarde do dia anterior ao da partida do Sr. Shuttleworthy para a cidade, aquele digno cavalheiro tinha referido a seu sobrinho, em sua presença (dele, Goodfellow), que o fim de sua ida à cidade no outro dia era fazer um depósito de uma soma de dinheiro, insolitamente elevada, no Banco da Lavoura e Comércio e que, nessa mesma ocasião, o dito Sr. Shuttleworthy tinha distintamente confessado ao dito sobrinho sua irrevogável decisão de rescindir o testamento originariamente feito e de deixá-lo sem um vintém. Ele (testemunha) apelava agora solenemente para o acusado, a fim de afirmar se o que ele (testemunha) acabava de relatar era ou não a verdade, em todos os seus pormenores substanciais. Para grande espanto de todos os presentes, o Sr. Pennifeather admitiu francamente que era a pura verdade.

O magistrado então achou de seu dever mandar dois policiais dar busca no quarto do acusado, na casa de seu tio. Voltaram imediatamente, com a bem conhecida carteira de couro vermelha com cantos de aço, que o velho costumava usar durante anos. Os valores que continha, porém, tinham sido retirados. E o magistrado em vão tentou obrigar o prisioneiro a confessar o uso que deles, ou o lugar em que os ocultara. De fato, negou ele obstinadamente que soubesse qualquer coisa a respeito daquilo. Os policiais também descobriram entre a cama e o saco de roupas do infortunado homem uma camisa e um lenço de pescoço, ambos marcados com as iniciais de seu nome e ambos horrendamente manchados com o sangue da vítima.

Nesta conjuntura, foi anunciado que o cavalo do homem assassinado acabava justamente de expirar, na estrebaria, em conseqüência do tiro que recebera. E foi proposto, pelo Sr. Goodfellow, que se fizesse imediatamente a necropsia do animal com objetivo, se possível de encontrar a bala. Foi tudo efetivamente realizado; e como a demonstrar, fora de qualquer dúvida, a culpa do acusado, o Sr. Goodfellow, depois de considerável pesquisa na cavidade torácica conseguiu localizar e retirar uma bala, de bem extraordinário tamanho, que, examinada, achou-se que se adaptava exatamente ao calibre do rifle do Sr. Pennifeather, ao passo que era bastante grande para o da arma de qualquer outra pessoa do burgo ou na vizinhança.

Para tornar o caso ainda mais seguro, porém, descobriu-se que aquela bala tinha uma fenda ou sutura nos ângulos direitos, em vez da sutura habitual, e, examinada, essa sutura correspondeu precisamente a uma crista acidental ou elevação, num par de moldes que o acusado reconheceu como de sua propriedade. Com a descoberta dessa bala, o magistrado sumariamente recusou-se a ouvir qualquer outro testemunho e imediatamente ordenou o julgamento do prisioneiro, negando-se de modo resoluto a aceitar qualquer fiança para o caso, embora contra semelhante severidade Goodfellow, mui calorosamente, protestasse e se oferecesse como fiador de qualquer quantia em que fosse ela arbitrada, generosidade da parte de "Carlito Velho" estava simplesmente de acordo com todo o teor de sua amigável e cavalheiresca conduta durante todo o período de sua residência no burgo de Rattle. No presente caso, o digno homem se deixou de tal modo arrebatar excessivo ardor de sua simpatia que pareceu ter-se esquecido completamente, quando se ofereceu para fiador de seu jovem amigo de que ele próprio, Goodfellow, não possuía um simples dólar de propriedade na face da terra.

O resultado do inquérito pode ser prontamente previsto. O Sr. Pennifeather, entre as elevadas execrações de todo Rattleburgo levado a julgamento na próxima sessão do júri, quando a cadeia de provas circunstanciais (reforçada como foi por alguns adicionais fatos condenatórios, que a sensível retidão de consciência do Sr. Goodfellow proibia que subtraísse ao conhecimento do tribunal) foi considerada tão indestrutível e tão totalmente conclusivo que o júri, sem mesmo levantar-se das cadeiras, pronunciou imediato veredicto de Réu de assassínio em primeiro grau. Logo depois o infeliz coitado recebeu sentença de morte e foi recambiado para a cadeia regional, a fim de lá aguardar a inexorável vingança da lei.

Entrementes, a nobre conduta de "Carlito Velho Goodfellow" tinha-o feito ser duplamente estimado pelos cidadãos honestos do burgo. Tornou-se dez vezes mais preferido que dantes; e, como natural resultado da hospitalidade com que era tratado, relaxou como era de esperar, por força, os hábitos extremamente parcimoniosos que sua pobreza até então o haviam forçado a observar, e mui freqüentemente proporcionava pequenas reuniões, em sua própria casa, ocasião em que a espirituosidade e a jovialidade imperavam supremamente, ensombradas um tanto, sem dúvida, pela fortuita recordação do destino fatal e melancólico que impendia a presença do sobrinho do falecido e pranteado amigo íntimo do generoso anfitrião. Um belo dia, aquele magnânimo cavalheiro ficou agradavelmente surpreendido, ao receber a seguinte carta.

Senhor Carlos Goodfellow, Esq., Rattleburgo.

Caro Senhor:

Em conformidade com uma ordem transmitida à nossa firrna, há mais de dois meses, pelo nosso estimado correspondente Sr. Barnabé Shuttleworthy, temos a honra de despachar esta manhã, para seu endereço, uma caixa dupla de Château Margaux, marca antílope, selo roxo. A caixa numerada é marcada como se indica à margem. Somos de V. Senhoria os mais obedientes servos,.

Hoggs, Frogs, Bogs & Co.
Cidade de..., 21 de junho de 18...

P.S. - A caixa chegará ai', pelo trem de ferro, um dia após o recebimento desta carta. Nossos respeitos ao Sr. Shutdeworthy.
H., F., B. & Co.
Chat. Mar. A. N.0 1, 6 doc. bot. (½ grossa).

O fato é que, desde a morte do Sr. Shuttleworthy, perdera o Sr. Goodfellow a esperança de jamais receber o prometido Château Margaux; por isso, encarou aquilo agora como uma espécie de dom da Providência em seu favor. Ficou altamente deleitado e sem dúvida, e, na exuberância de sua alegria, convidou numerosos amigos para um petit souper no dia seguinte, com o fim de abrir o presente do bom velho Shuttleworthy. Não que dissesse coisa a respeito do "bom velho Shuttleworthy", quando fez os convites.

O fato é que ele pensou muito e concluiu em nada dizer absolutamente. Não fez menção a ninguém - se bem me recordo - de haver recebido um presente de Château Margaux. Convidou simplesmente os amigos a ir ajudá-lo a beber um pouco de vinho de excelente e notável qualidade e rico sabor que mandara buscar uns dois meses atrás, e que iria chegar no dia seguinte.

Tenho muitas vezes indagado, de mim mesmo, por que foi que chegou à conclusão de nada dizer a respeito do recebimento daquele vinho do seu velho amigo, mas nunca pude

precisamente compreender a razão de seu silêncio, embora tivesse uma razão excelente e bem magnânima, sem dúvida.

Chegou afinal o dia seguinte, e com ele apareceu em casa do Sr. Goodfellow uma numerosa e altamente respeitável companhia. De fato, metade do burgo ali se achava - eu mesmo me encontrava no número dos presentes - mas, para grande vexame do anfitrião o Château Margaux não havia chegado até o último instante e quando já tinham feito todos os convidados ampla justiça à suntuosa ceia proporcionada por "Carlito Velho". Chegou afinal, uma caixa monstruosamente grande, e, como toda a companhia estivesse de excessivo bom-humor, decidiu-se, nemine contradicente, que seria colocada sobre a mesa e seu conteúdo retirado imediatamente.

Dito e feito. Dei uma ajuda também e num instante tínhamos sobre a mesa, no meio de todas as garrafas e copos, não poucos dos quais se quebraram na confusão. "Carlito Velho", que lindamente embriagado e de rosto excessivamente vermelho, tomou então uma cadeira, com um ar de fingida dignidade, à cabeceira da mesa e bateu com furor sobre ela com uma garrafa, convidando a companhia a manter a ordem "durante a cerimônia do desenterro do tesouro".

Depois de algumas vociferações, o silêncio foi afinal restaurado, e como acontece muitas vezes em casos semelhantes, seguiu-se profundo e admirável silêncio.

Sendo então solicitado a abrir a tampa cumpri a tarefa, sem dúvida, "com infinito prazer". Inseri um formão e dando- lhe umas leves marteladas, a tampa da caixa subitamente fora, e, no mesmo instante, saltou, em posição de quem está sentado, encarando diretamente o anfitrião, o corpo ensangüentado e quase podre do assassinado Sr. Shuttlewothy. Contemplou em cheio, durante poucos segundos, fixa e tristemente, com seus olhos mortos e baços, o rosto do Sr. Goodfellow; mas clara e marcadamente, pronunciou as palavras: "Tú és o homem!", e depois, caindo sobre um lado do peito, como se totalmente satisfeito, esticou os membros, tremendo, sobre a mesa.

A cena que se seguiu está além de qualquer descrição. A carreira para as portas e janelas foi terrível, e muitos dos homens robustos que se achavam na sala perderam por completo os sentidos, tomados de pânico horror. Mas depois da primeira e selvagem explosão de tumultuoso terror, todos os olhos se fixaram Sr. Goodfellow. Se mil anos viver, jamais poderei esquecer a agonia mais do que mortal que se estampava naquele seu rosto lívido, até então rubicundo de triunfo e de vinho. Durante muitos minutos, conservou-se ele sentado, rígido, como uma estátua de mármore. Seus olhos pareciam, na intensa vacuidade do olhar, ter-se voltado para dentro, absorvendo-se na contemplação de sua própria alma, miserável e assassina. Afinal sua expressão pareceu reacender-se, subitamente, para o mundo exterior quando, num salto ligeiro, pulou da cadeira e, caindo, pesadamente, com a cabeça e os ombros sobre a mesa, em contacto com o cadáver, esboçou, rapidamente e veementemente, uma pormenorizada confissão do horrível crime pelo qual estava preso o Sr. Pennifeather, e condenado à morte.

O que ele contou foi, em substância, o seguinte: acompanhou sua vítima até a vizinhança do brejo; ali atirou no seu cavalo, uma pistola; matou o cavaleiro com a coronha da arma; apossou-se de sua carteira e, supondo morto o cavalo, arrastou-o com esforço até as sarças junto do brejo. Em seu próprio animal, colocou o cadáver do Sr. Shuttleworthy e assim o levou até um esconderijo seguro e bem distante, através das matas.

O colete, a faca, a carteira e a bala foram colocados por ele próprio nos lugares em que foram encontrados, com o fito vingar-se de do Sr. Pennifeather. Tinha também tramado a descoberta do lenço e da camisa manchados.

Já para o fim daquela narrativa, de fazer gelar o sangue, as palavras do miserável assassino tornaram-se gaguejantes e surdas. Quando a confissão chegou afinal a termo, ele se levantou, afastando cambaleante da mesa e caiu. . . morto.

Os meios pelos quais aquela felizmente oportuna confissão foi extorquida, embora eficientes, eram na realidade simples. O excesso de franqueza do Sr. Goodfellow havia-me desgostado e excitado minhas suspeitas, desde o princípio. Eu estava presente quando o Sr. Pennifeather lhe havia batido, e a odienta expressão que revelou na sua fisionomia, embora momentânea, assegurou-me que sua ameaça de vingança seria, se possível, rigorosamente executada. Estava eu assim preparado para observar as manobras de "Carlito Velho", a uma luz bem diversa daquela a que as viam os bons cidadãos de Rattleburgo. Vi imediatamente que todas descobertas incriminantes partiam, quer direta, quer indiretamente, dele. Mas o fato que claramente me abriu os olhos à verdadeira situação do caso foi o negócio da bala, encontrada pelo Sr.Coodfellow na carcaça do cavalo.

Eu não havia esquecido, embota rattleburgueses o houvessem, que havia um buraco no lugar em tinha penetrado no cavalo e outro por onde ela saíra. Se, fora encontrado no animal depois de haver saído, é que evidente ali teria sido depositada pela pessoa que a encontrou. A camisa ensangüentada e o lenço confirmavam a idéia sugerida pela bala pois o sangue examinado revelou-se não ser mais do que excelente clarete. Quando vim a pensar nessas coisas, e também no recente aumento de prodigalidade e gastos da parte do Sr. Goodfellow, abriguei uma suspeita ainda mais forte, porque a conservava totalmente para mim mesmo.

Entrementes, iniciei uma rigorosa busca particular do cadáver do Sr Shuttleworthy, e, com bons fundamentos, minhas pesquisas eram em lugares os mais divergentes possíveis daqueles aonde o Sr. Goodfellow conduzira seus acompanhantes. O resultado foi que, depois de alguns dias, dei com um velho num poço seco, cuja boca estava oculta pelas sarças, e ali, no fundo, descobri o que procurava. Ora, aconteceu que eu havia ouvido o colóquio entre os dois amigos quando o Sr. Goodfellow tinha levado seu anfitrião a prometer-lhe uma caixa de Château Margaux. Baseado nessa sugestão, arranjei um forte pedaço de barbatana de baleia, enfiei-o pela garganta do cadáver e depositei este último numa velha caixa de vinho, tomando o cuidado de dobrar o corpo de modo a dobrar a barbatana dentro dele. Desta maneira, tive de fazer forte pressão a tampa, para conservá-la fechada, enquanto a segurava com pregos. E previ, sem dúvida, que logo que estes últimos fossem removidos a tampa saltaria e o corpo se levantaria.

Tendo assim preparado a caixa, marquei-a, numerei-a e enderecei-a como já foi dito; e depois, escrevendo uma carta em nome dos comerciantes de vinho com quem o Sr. Shuttleworthy estava em relações, dei instruções a meu criado para rodar a caixa até a porta do Sr. Goodfellow, num carro de mão, a dado sinal meu. A respeito das palavras que eu queria que o cadáver pronunciasse, confiava eu nas minhas habilidades de ventríloquo. Quanto a seu efeito contava com a consciência do miserável assassino.

Creio que nada há mais a explicar. O Sr. Pennifeather foi imediatamente posto em liberdade, herdou a fortuna de seu tio, aprendeu bem as lições da experiência, virou nova página, e levou nova vida, sempre, felizmente, em progresso.

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA – CONTOS DE TERROR, MISTÉRIO E MORTE

UMA ESTÓRIA DAS MONTANHAS RAGGED

DURANTE os fins do ano de 1827, quando residia nas proximidades Charlottesville (Virgínia), conheci casualmente o Sr. Augusto Bedloe. Esse jovem cavalheiro era notável, a todos os respeitos, e provocava-me profundo interesse e curiosidade. Achei impossível compreender-lhe os modos. tanto físicos como morais. Sobre sua família não pude obter informação satisfatória. Donde vinha ele, nunca pude verificar. Mesmo acerca de sua idade - embora o considere um jovem cavalheiro - havia algo que me deixava perplexo, em não pequeno grau. Ele, certamente, parecia jovem e fazia questão de falar sobre sua juventude; mas havia momentos em que pouco me custaria imaginar que ele tinha um século de idade. De modo algum, porém, era ele mais singular do que na aparência pessoal.

Estranhamente alto e magro. Muito curvado. Tinha os membros excessivamente longos e descarnados. A testa era ampla e baixa. A tez inteiramente exangue. A boca era grande e flexível e seus dentes, embora sãos, mais amplamente irregulares do que eu já vira em qualquer dentadura humana. A expressão de seu sorriso, contudo, de modo algum desagradava, como se poderia supor; mas não tinha qualquer variação. Era sempre de profunda melancolia, de uma tristeza incessante e sem fases. Seus olhos eram anormalmente grandes e redondos como os de um gato. As pupilas, além disso, depois de qualquer acréscimo ou diminuição da luz, contraíam-se ou dilatavam-se, tal como se observa na raça felina. Em momento, de excitação, tornavam-se elas brilhantes, em um grau quase inconcebível; pareciam emitir raios luminosos, não de um clarão refletido, mas próprio, como o de uma vela ou o do sol; e, entretanto, sua aparência comum era tão inteiramente abúlica, velada e nebulosa, que dava a idéia dos olhos de um cadáver há muito enterrado.Tais particularidades pessoais pareciam causar-lhe muito aborrecimento e ele continuamente aludia a elas, numa espécie de estilo, entre a explicação e a desculpa, o qual, quando o ouvi pela primeira vez, me impressionou muito dolorosamente.

Logo, contudo, acostumei-me a ele e meu constrangimento desapareceu. Parecia ser sua intenção insinuar, mais do que afirmar de modo direto, que, fisicamente, ele nem sempre fora o que era então, que uma longa série de ataques nevrálgicos tinham-no reduzido de uma condição de beleza pessoal, mais do que comum, àquela que eu via. Há muitos anos vinha sendo ele tratado por um médico chamado Templeton, um velho de talvez setenta anos de idade, a quem ele encontrara pela primeira vez em Saratoga e de cujos cuidados, enquanto ali estivera, havia recebido, ou imaginava que havia recebido, grande benefício. O resultado foi que Bedloe, que era rico, fizera um contrato com o Dr. Templeton, por meio do qual este último, em virtude de fartos honorários anuais, tinha consentido em dedicar seu tempo e sua experiência médica exclusivamente ao cuidado do inválido.

Na sua mocidade, o Dr. Templeton viajara bastante e em Paris se havia convertido num grande seguidor das doutrinas de Mesmer. Foi inteiramente graças a remédios magnéticos que conseguira aliviar as agudas dores de seu paciente e este êxito tinha, mui naturalmente, inspirado a Bedloe certo grau de confiança nas opiniões que preconizavam esses remédios. O doutor, porém, como todos os entusiastas, se esforçara fortemente para converter por completo seu paciente. E afinal teve tanto êxito que induziu o doente a submeter-se a numerosas experiências. Em conseqüência de uma freqüente repetição destas sobrevieram os resultados que nos últimos dias se tornaram tão comuns a ponto de atrair pouca ou nenhuma atenção, mas que, no período a respeito do qual escrevo, eram raramente conhecidos na América.

Quero dizer que entre o Dr. Templeton e Bedloe tinha-se gerado, pouco a pouco, uma afinidade ou relação magnética bastante distinta e fortemente acentuada. Não estou, porém, preparado para asseverar que essa afinidade se estendesse além dos limites do simples poder de produzir o sono, mas este mesmo poder havia atingido grande intensidade. À primeira tentativa de provocar a sonolência magnética, o magnetizador fora inteiramente mal sucedido. Na quinta ou sexta, conseguiu-o diminutamente e depois de demoradíssimo esforço. Somente na décima segunda o êxito foi completo.

Depois disso, a vontade do paciente submeteu-se rapidamente à do médico. De modo que, quando conheci os dois, pela primeira vez, o sono era provocado quase que instantaneamente pela simples vontade do operador, mesmo quando o inválido não estava cônscio da presença daquele. E somente agora, no ano de 1845, quando milagres semelhantes são testemunhados diariamente por milhares de pessoas, é que ouso aventurar-me a lembrar esta aparente impossibilidade como uma questão de fato séria.

O temperamento de Bedloe era, no mais alto grau, sensível, excitável, entusiástico. Sua imaginação era singularmente vigorosa e criadora, e sem dúvida recolhia força adicional do uso habitual da morfina, que ele bebia em grande quantidade e sem a qual teria achado impossível viver. Era seu hábito tomar uma enorme dose dela, imediatamente depois do pequeno almoço, de cada manhã ou antes, imediatamente depois de uma xícara de café forte. Pois ele não comia nada antes do meio-dia, e depois saía sozinho ou acompanhado simplesmente por um cachorro, para dar um longo giro entre a cadeia de colinas ásperas e sombrias que se estendem a oeste e ao sul de Charlottesville e são ali honradas com o de Rogged Mountains (Montanhas Fragosas).

Num dia tristonho, quente e nevoento dos fins de novembro e durante o estranho interregno das estações que na América se denomina o "verão indiano", o Sr. Bedloe partiu, como de costume, para as colinas. Passou o dia e ele ainda não voltara. Cerca das oito horas da noite, tendo ficado seriamente alarmados com esta ausência prolongada, estávamos prestes a sair em busca dele, quando inesperadamente apareceu, num estado de saúde não pior do que o de costume, e um tanto mais animado do que comumente. O relato que nos fez de sua expedição e dos acontecimentos que o haviam retido foi de fato singular.

Vocês hão de lembrar-se - disse ele - que eram nove horas da manhã quando deixei Charlottesville. Dirigi meus passos imediatamente para as montanhas e, cerca das dez horas, penetrei numa garganta que era inteiramente nova para mim. Acompanhei os meandros dessa passagem com bastante interesse. O cenário que se apresentava por todos os lados, embora mal se pudesse denominá-lo de grandioso, caracterizava-se por um indescritível e para mim delicioso aspecto de lúgubre desolação. A solidão absolutamente virgem. Não podia deixar de acreditar que a verde relva e as rochas cinzentas sobre as quais eu caminhava jamais tinham sido antes pisadas por algum pé humano. Tão inteiramente fechada e de fato inacessível - exceto através de uma série de obstáculos - é a entrada da ravina que não é de modo algum impossível tivesse eu sido,

de fato, o primeiro aventureiro, o verdadeiramente primeiro e único aventureiro que jamais penetrara em seu recesso.

O espesso e característico nevoeiro ou fumaça que distingue o verão indiano, e que agora pendia pesadamente sobre todas as coisas, servia, sem dúvida, para aprofundar as vagas impressões que essas coisas criavam. Tão denso era esse agradável nevoeiro que eu não podia ver ou enxergar senão a menos de doze jardas do caminho que se abria à minha frente. Essa vereda era extremamente sinuosa e, como o sol não podia ser visto, bem cedo perdi toda idéia da direção em que caminhava. Entrementes, a morfina produziu seu costumeiro efeito: o de dotar todo o mundo exterior de intenso interesse. No tremer de uma folha, na tonalidade de uma lâmina de relva, na forma de um trevo, no bezoar de uma abelha, no cintilar de uma gota de orvalho, no bafejo do vento, nos fracos odores que vinham da floresta, havia todo um mundo de sugestão, uma alegre e matizada sucessão de pensamentos rapsódicos e desordenados.

Assim ocupado, caminhei algumas horas, durante as quais o nevoeiro se adensou em torno de mim com tal intensidade que, afinal, me vi obrigado a andar às apalpadelas. E então, uma indescritível inquietação apoderou-se de mim, uma espécie de hesitação nervosa e de tremor. Receava caminhar, com medo de ser precipitado em algum abismo. Recordava-me também de estranhas estórias contadas a respeito daquelas Montanhas Fragosas e de singulares e selvagens raças de homens que habitavam seus bosques e cavernas. Mil vagas fantasias me oprimiam e desconcertavam, fantasias mais aflitivas porque vagas. Mui subitamente, minha atenção foi detida pelo bater rumoroso de um tambor.

Meu espanto foi deveras extremo. Um tambor naquelas colinas era uma coisa inaudita. Maior surpresa não me causaria o toque da trombeta do Arcanjo. Porém nova e ainda mais espantosa fonte de interesse e de perplexidade surgiu. Soou um insólito chocalhar ou tintinar, semelhante ao de um molho de grandes chaves, e no mesmo instante um homem de rosto escuro e seminu passou correndo por trás de mim, dando um berro. Chegou tão perto de mim que senti seu quente hálito no meu rosto. Levava numa das mãos um instrumento formado de um conjunto de anéis de aço, que ele agitava violentamente ao correr. Mal havia desaparecido no nevoeiro à minha frente, ofegando atrás dele, de boca aberta de olhos chispantes, saltou um enorme animal. Não podia enganar a seu respeito.

Era uma hiena.

À vista daquele monstro, mais abrandou que aumentou meu terror, pois estava agora certo de que sonhava e procurei despertar a consciência adormecida. Caminhei audaciosa e vivamente para diante, esfreguei os olhos, gritei alto, belisquei meus braços. Avistei um pequeno lacrimal e, ali parando, banhei minhas mãos, a cabeça e o pescoço. Isto pareceu dissipar as equívocas sensações que me tinham até ali incomodado. Ergui-me, como pensava, um novo homem, e continuei rápida e complacentemente meu caminho desconhecido.

Afinal, completamente acabrunhado pelo esforço e por certa opressão da atmosfera, sentei-me debaixo de uma árvore. Logo luziu um fraco clarão do sol e as sombra das folhas da árvore se projetou, leve mas nitidamente, sobre a relva. Contemplei maravilhado essa sombra por muitos minutos. Sua forma me petrificava de espanto. Olhei para cima. A árvore era uma palmeira. Ergui-me então, às carreiras, e num estado de terrível agitação, pois a idéia de que estivesse sonhando já não me servia. Eu vi, eu senti que estava completamente senhor de meus sentidos. E estes sentidos traziam agora à minha alma um mundo de sensações novas e singulares. O calor tornou-se imediatamente intolerável. Estranho odor saturava a brisa. Um murmúrio contínuo e

grave, como o que se desprende de um rio cheio, mas que flui suavemente, chegou aos meus ouvidos entremeado do característico zumbido de numerosas vozes humanas.

Enquanto eu o escutava num paroxismo de espanto que não preciso tentar descrever, forte e breve rajada de vento varreu o pesado nevoeiro como por artes de magia. Achei-me ao pé de uma alta montanha, contemplando lá abaixo vasta planície rasgada por majestoso rio. À margem daquele rio erguia-se uma cidade de aspecto oriental, semelhante às descritas nas Mil e Uma Noites, mas de caráter muito mais singular do que qualquer das ali narradas. Da posição em que me achava bem acima do nível da cidade, podia eu avistar todos os seus cantos e esquinas como se estivessem traçados em um mapa. As ruas pareciam inumeráveis e se cruzavam irregularmente em todas as direções, mas pareciam antes longas avenidas sinuosas do que ruas e totalmente apinhadas de habitantes. As casas eram insolitamente pitorescas. De cada lado havia uma verdadeira profusão de balcões, varandas, minaretes, nichos e sacadas fantasticamente esculpidas. Abundavam os bazares, onde se ostentavam ricas mercadorias, em infinita variedade e cópia: sedas, musselinas, as mais ofuscantes cutelarias, as mais magnificentes jóias e gemas. Além dessas coisas viam-se por todos os lados bandeiras e palanquins, liteiras com soberbas mulheres completamente veladas, elefantes pomposamente ajaezados, ídolos grotescamente talhados, tambores, estandartes, gongos, lanças, maçãs de ouro e de prata. E em meio da multidão e do clamor e do geral emaranhamento e confusão, em meio do milhão de homens negros e amarelos, de turbante e de túnica , de barbas flutuantes, vagueava uma incontável multidão de touros sagrados, cheios de fitas, enquanto vastas legiões de macacos, sujos, mas sagrados, trepavam, tagarelavam e guinchavam, em torno cornijas das mesquitas, ou penduravam-se dos minaretes e sacadas.

Das ruas gritantes até as margens do rio desciam inúmeras séries de degraus conduzindo aos lugares de banho, enquanto o próprio rio parecia forçar passagem com dificuldade através das esquadras de navios pesadamente carregados que, por toda a parte lhe cobriam a superfície. Fora dos limites da cidade erguiam-se numerosos e majestosos grupos, palmeiras e coqueiros, com outras árvores gigantescas e fantásticas, seculares. E aqui e ali podiam-se ver uma plantação de arroz, a cabana de palha de um camponês, uma cisterna, um templo isolado, um acampamento de ciganos ou uma solitária e graciosa rapariga caminhando, com uma bilha à cabeça, para as margens do rio magnífico.

Vocês dirão agora. sem dúvida, que eu sonhava. Mas não é verdade. O que eu via, o que eu ouvia, o que eu sentia, nada tinham da sensação inconfundível do sonho. Tudo era rigorosamente real. A princípio, duvidando de que estivesse realmente acordado, iniciei uma série de experiências que logo me convenceram de que estava efetivamente desperto. Ora, quando alguém sonha, e no sonho suspeita de que está sonhando, a suspeita nunca deixa de confirmar-se e o dormente é quase imediatamente despertado. De modo que Novalis não erra em dizer que : nós estamos quase despertando, quando sonhamos que estamos sonhado . Tivesse-me ocorrido a visão; como a descrevo. sem que a suspeitasse de ser sonho, então um sonho ela poderia verdadeiramente ter sido, mas, ocorrendo como ocorreu, e suspeitada como era, sou forçado a classificá-la entre outros fenômenos.

- Nisso não digo que o senhor não tenha razão - observou o Dr. Templeton -, mas prossiga. O senhor levantou-se e desceu para a cidade...

- Levantei-me - continuou Bedloe, encarando o médico, com um ar de profundo espanto - levantei-me, como o senhor diz e desci para a cidade. Em meu caminho deparei com uma multidão imensa apinhando todas as avenidas, andando sempre na mesma direção e demonstrando, em todas as ações, a agitação mais selvagem. De súbito, e obedecendo a

algum impulso inconcebível, fiquei intensamente tomado de interesse pessoal pelo que estava sucedendo.

Pareceu-me sentir que tinha importante papel a representar, sem exatamente compreender o que fosse. Contra a multidão que me rodeava, contudo, experimentei profundo sentimento de animosidade. Arranquei-me do meio dela e, velozmente, alcancei a cidade por meio de um atalho e nela penetrei. Tudo ali dava mostras do mais selvagem tumulto e desordem. Reduzido grupo de homens, trajados com vestes semi-indianas, semi-européias, e dirigidos por oficiais de uniformes parcialmente britânico, lutava, com grande disparidade, contra a populaça que formigava nas avenidas. Juntei-me a esse grupo mais fraco, apossando-me das armas de um oficial caído, e pelejei sem saber contra quem, com a nervosa ferocidade do desespero. Breve fomos sobrepujados pelo número dos adversários e forçados a buscar refúgio numa espécie de quiosque. Ali fizemos barricadas e, pelo momento, ficamos a salvo.

Por uma clarabóia, próxima ao cimo do quiosque, notei vasta multidão, furiosamente agitada, que rodeava e assaltava um belo palácio, a cavaleiro do rio. Logo, de um janela superior desse edifício, desceu uma pessoa de aparência efeminada, por meio de uma corda feita com os turbantes de seus serviçais. Um bote estava a seu alcance e nele o indivíduo escapou para a margem oposta do rio. E então novo intento se apossou de minha alma. Dirigi umas poucas palavras precipitadas, porém enérgicas, a meus companheiros e, tendo conseguido atrair alguns deles para o meu desígnio, fiz uma sortida desesperada do quiosque.

Corremos por entre a multidão que o rodeava. A princípio, eles bateram em retirada, Tornaram a unir-se, houve uma luta louca, e retiraram-se de novo. Entretanto, tínhamos sido afastados do quiosque e nos perdemos e emaranhamos pelas ruas estreitas, de altos e imponentes edifícios, em cujos recessos o sol nunca fora capaz de brilhar. A canalha precipitou-se impetuosamente sobre nós, hostilizando-nos com suas lanças e oprimindo-nos com nuvens de flechas. Estas eram muito dignas de nota e se pareciam, em alguns pontos, com o cris dos malaios. Eram feitas à imitação do corpo de uma serpente rastejante e longas e negras, com uma ponta envenenada. Uma delas feriu-me na têmpora direita. Girei e caí. Um mal-estar instantâneo e terrível se apoderou de mim. Lutei. . . ofeguei. . . morri.

- O senhor agora - disse eu sorrindo - dificilmente persistirá em afirmar que toda a sua aventura não foi um sonho. Certamente não está habilitado a assegurar que está morto?

Quando eu disse estas palavras esperei, naturalmente, alguma saída brilhante de Bedloe, em resposta; mas, com espanto ele hesitou, tremeu, tornou-se terrivelmente pálido e permaneceu silencioso. Olhei para Templeton. Este sentara-se, hirto, na cadeira. Seus dentes matraqueavam e seus olhos como que saltavam das órbitas.

- Continue! - disse ele, afinal, roucamente, a Bedloe.

- Durante muitos minutos - continuou este último - meu único sentimento, minha única sensação, era a da treva e do aniquilamento, com a consciência da morte. Afinal, um violento e súbito choque, como de eletricidade, pareceu atravessar-me a alma . Veio com ele a sensação da elasticidade e da luz. Esta última senti-a, não a vi. Num instante, como que me levantei do solo. Mas não possuía uma presença corpórea, visível, audível ou palpável. A multidão se fora. O tumulto cessara. A cidade estava em relativo repouso. Abaixo de mim jazia meu cadáver com a seta em minha têmpora e toda a cabeça grandemente intumescida e desfigurada. Mas todas essas coisas eu sentia, não via. Nada me despertava interesse. Mesmo o cadáver parecia uma coisa que não me dizia respeito. Não tinha vontade, mas parecia estar sendo forçado ao movimento e voejar levemente

para fora da cidade, refazendo o atalho pelo qual entrara nela. Quando atingi aquele ponto da ravina da montanha em que encontrara a hiena, de novo experimentei um choque como de bateria galvânica; a sensação do peso, a da volição, a da substância voltaram. Tornei a ser meu eu primitivo e apressei ansiosamente os passos, de regresso; mas, o passado não perdeu a realidade, e, ainda agora, nem por um instante posso forçar a mente a considerar isso como um sonho.

- Não foi sonho - disse Templeton, com solenidade -, embora seja difícil dizer como o poderíamos denominar de outra forma. Suponhamos somente que a alma do homem de hoje está à beira de alguma estupenda descoberta psíquica. Contentemo-nos com esta suposição. Quanto ao resto, tenho alguma explicação a dar. Aqui está um desenho a aquarela que eu deveria ter-lhe mostrado antes mas que um inexplicável sentimento de horror até agora me impedira de mostrar.

Olhamos para o quadro que ele apresentava. Nada vi nele de extraordinário, mas seu efeito sobre Bedloe foi prodigioso. Quase desmaiou ao contemplá-lo. E contudo era apenas um retrato em miniatura - sem dúvida, um retrato maravilhosamente pormenorizado de sua própria fisionomia, tão notável. Pelo menos fora isso que eu pensara ao olhá-lo.

- O senhor notará - disse Templeton - a data desse quadro. Cá está, mal visível, neste canto: 1780. O retrato foi tirado nesse ano. É a fisionomia de um amigo morto, um Sr. Oldeb, com quem me tornei muito ligado em Calcutá, durante a administração de Warren Hastings. Então tinha eu somente vinte anos. Quando pela vez o vi, Sr. Bedloe. em Saratoga, foi a maravilhosa semelhança que existia entre o senhor e esta pintura que me induziu a buscar sua amizade e chegar a essas combinações que resultaram em tornar-me eu o seu constante companheiro. Ao realizar isso era eu impelido em parte, e talvez principalmente, pela recordação saudosa do morto, mas também, em parte, por uma inquietante curiosidade, não de todo destituída de terror com relação a sua pessoa.

Em sua narrativa da visão que se lhe apresentou entre as colinas o senhor descreveu, com pormenorizada precisão, a cidade hindu de Benares, sobre o rio Sagrado. Os tumultos, o combate, o massacre foram os acontecimentos reais da insurreição de Cheyte Sing que ocorreu em 1870, quando Hastings correu iminente perigo de vida. O homem que fugiu pela corda de turbantes era o próprio Cheyte Sing. O grupo do quiosque era formado de Cipaios e de oficiais britânicos que Hastings chefiava. Eu fazia parte desse grupo e fiz tudo que pude para impedir a imprudente e fatal sortida do oficial que caiu, nas avenidas apinhadas, vitimado pela flecha envenenada de um bengali. Esse oficial era o meu amigo mais caro.

Era o Sr. Oldeb. O senhor notará por estes escritos que (e aí Dr. Templeton puxou um caderno de bolso no qual várias páginas pareciam estar escritas de fresco) no próprio período em que o senhor imaginava essas coisas, entre as colinas, eu me dedicava a pormenorizá-las no papel, aqui em casa. Cerca de uma semana depois desta conversação, os parágrafos seguintes apareceram num jornal de Charlottesville:

Cumprimos o doloroso dever de anunciar o falecimento do Sr. Augusto Bedlo, cavalheiro cujas maneiras amáveis e numerosas virtudes o haviam há muito tornado caro aos cidadãos de Charlottesville.

O Sr. Bedlo, desde há alguns anos, sofria de nevralgia que várias vezes ameaçou ter um desfecho fatal; mas isso só pode ser considerado causa mediata de sua morte. A causa imediata foi de particular singularidade. Numa excursão às Montanhas Fragosas, faz poucos dias, contraiu ele um leve resfriado, com febre, seguido de acumulo de sangue na cabeça. Para aliviá-lo, o Dr. Templeton recorreu à sangria tópica. Foram-lhe aplicadas

bichas às têmporas. Num período terrivelmente breve o paciente faleceu verificando-se que no vaso que continha as bichas fora introduzida por acidente, uma das sanguessugas vermiculares venenosas que são de quando em quando encontradas nos pântanos vizinhos.

Esse animal introduziu-se numa pequena artéria, na têmpora direita. Sua enorme semelhança com a sanguessuga medicinal fez com que o engano só fosse percebido tarde demais.

N. B. - A sanguessuga venenosa de Charlottesville pode ser sempre distinguida da sanguessuga medicinal por sua cor negra e especialmente, por seus movimentos ondulatórios ou vermiculares, que muito se assemelham aos de uma cobra.

Eu conversava com o editor do jornal em apreço sobre o assunto desse notável acidente, quando me ocorreu perguntar como acontecera que o nome do defunto fora grafado Bedlo.

- Presumo - disse eu - que o senhor tem alguma autoridade para escrevê-lo assim, mas sempre supus que o nome fosse com um e no fim.

- Autoridade? Não! - replicou ele. - Foi um simples erro tipográfico. O nome é Bedloe, com e, no mundo inteiro, e nunca em minha vida soube que fosse escrito diferentemente.

- Então - murmurei, ao girar sobre os calcanhares - na realidade, bem pode ser que uma verdade seja mais estranha que qualquer ficção, porque Bedloe, sem e, é apenas Oldeb de trás para diante. E esse homem vem-me dizer que é um erro tipográfico!

EDGAR ALLAN POE

FICÇÃO COMPLETA,
POESIA & ENSAIOS

Organizados, traduzidos e anotados por

OSCAR MENDES

com a colaboração de

MILTON AMADO

Precedida de estudos biográficos e críticos por

HERVEY ALLEN, CHARLES BAUDELAIRE e OSCAR MENDES

RIO DE JANEIRO, EDITORA NOVA AGUILAR., 1997

VIDA E OBRA DE EDGAR ALLAN POE
HERVEY ALLEN

NASCIMENTO

ATÉ BEM POUCOS ANOS, vinha sendo a biografia de Poe uma das mais obscuras e controvertidas no campo das letras americanas. Os cuidadosos trabalhos de vários eruditos e o aparecimento periódico de novas provas, devidas a pesquisas e felizes acasos no correr dos anos, tornaram possível, com um grau mais ou menos definitivo de exatidão, os principais acontecimentos da ida de uma das poucas figuras da literatura americana que alcançaram um nicho na galeria da fama universal. No que concerne aos acontecimentos e aos fatos do calendário da vida do poeta, não há mais desculpa em falar no "mistério de Poe". O enigma, se algum há, que continua preso ao nome de Edgar Allan Poe deve ser encontrada mais no caráter do homem do que nos fatos de sua jornada terrestre. Edgar Allan Poe nasceu no número 33 da rua Hollis, em Boston (Massachusetts), a 19 de janeiro de 1809, filho de pobres atores, Davi e Isabel (nascida Arnold) Poe. Seus pais achavam-se então cumprindo um contrato num teatro de Boston e as representações de ambos, juntamente com sua permanência em vários lugares, durante sua carreira errante, podem ser acompanhadas plenamente pelos programas de teatro do tempo.

LINHAGEM PATERNA

O PAI DO POETA era um tal Davi Poe, de Baltimore (Maryland), que havia abandonado o estudo do Direito, naquela cidade, para seguir a carreira teatral, contra o desejo de sua família. Os Poe haviam se estabelecido na América, duas ou três gerações antes do nascimento de Edgar. Traça-se distintamente sua linha ascendente até Dring, da Paróquia de Kildallen, do Condado de Cavan, na Irlanda e daí até a paróquia de Fenwick, em Ayrshire, na Escócia. Portanto, derivavam eles de um tronco escoto-irlandês, sendo duvidoso que haja traços de Celtas. Os primeiros Poe vieram para a América aí por 1739. Os imediatos antepassados paternos do poeta desembarcaram em Newcastle (Delaware), em 1748, ou pouco mais cedo. Eram eles João Poe e sua mulher, Joana McBride Poe, que foram estabelecer-se na Pensilvânia oriental. Este casal teve dez filhos, entre os quais Davi, que foi o avô do poeta. Davi Poe casou-se com Isabel Cairnes, também de ascendência escoto-irlandesa e viveram em Lancater (Pensilvânia), donde algum tempo antes de rebentar a Revolução Americana, se removeram para Baltimore (Maryland). Davido Poe e sua mulher, Isabel Cairnes Poe tomaram o partido patriótico da revoluluçõo. Davi mostrou-se ativo em expulsar de Baltimore os partidários do Rei e foi nomeado "Deputado Quartel-Mestre Assistente", o que significava ser ele agente de aprovisionamentos militares para o Exército Revolucionário.. Diz-se que ele prestou considerável auxílio a Lafayette, durante as campanhas da Virgínia e do Sul, e por essa patriótica atividade recebeu o título de "General" honorário. Sua mulher, Isabel, tomou parte ativa na confecção de roupas para o Exército Continental. Davi e Isabel Poe tiveram sete filhos. Davi, o mais velho, veio a ser o pai do poeta. Duas irmãs de Davi, Elisa Poe (depois Sra. Henry Herring) e Maria Poe (mais tarde Sra. William Clemm), entram na história da vida do poeta, a última, especialmente, por se ter tornado sua sogra, além de ser sua tia. Com ela ele viveu de 1835 a 1849.

O jovem Davi Poe estava destinado ao estudo do Direito, mas, como já mencionamos, deixou por fim a cidade natal para seguir a carreira do teatro. Sua estréia profissional

realizou-se em Charleston (Carolina do Sul), em dezembro de 1803. Uma notícia teatral dessa representação, num jornal local, descreve Davi Poe como sendo extremamente tímido, ao passo que: ... Sua voz parece clara, melodiosa e varável; qual possa ser seu compasso, só se revela quando ele representa libertado de sua timidez. Sua dicção parece ser bem distinta e articulada; e seu rosto e sua pessoa dizem muito em seu favor. Seu tamanho é daquele porte bem adequado à ação geral, se seu talento se adaptasse ao soco e ao coturno... É este, talvez, o único testemunho direto existente do aspecto físico do pai do poeta. Não se conhecem retratos dele. Suas qualidades histriônicas eram, quando muito, limitadas. Continuou a representar papéis menores em várias cidades do Sul e, em janeiro de 1806, casou-se com Isabel Arnold Hopkins, jovem viúva sem filhos, também atriz, cujo marido morrera havia poucos meses. Isabel Arnold Poe veio a ser a mãe de Edgar Allan Poe.

LINHAGEM MATERNA

A JOVEM VIUVA, com quem Davi Poe se casou em 1806, nascera na Inglaterra, na primavera de 1787. Era filha de Henry Arnold e de Isabel Arnold (nascida Smith), ambos atores no Teatro Real de Covent Garden, em Londres. Henry Arnold morreu, ao que parece, em 1793. Sua viúva continuou a sustentar-se e à filha, representando e cantando, e, em 1796, trazendo consigo sua jovem filha, veio para a América, desembarcando em Boston. A Sra. Arnold continuou sua carreira profissional na América, a princípio com pouquíssimo êxito. Ou imediatamente antes, ou logo depois de chegar aos Estados Unidos, porém, casou-se uma segunda vez, com um tal Charles Tubbs, inglês de poucos dotes e pouco caráter. O casal continuou a representar, a cantar e dançar em várias cidades, por toda a costa oriental, e a jovem Srta. Arnold foi logo notada nos cartazes, aparecendo em papéis juvenis, como membro de várias companhias a que sua família pertencia. O Sr. e Sra. Tubbs desapareceram de vista, aí por 1798, mas a carreira de Isabel Arnold, mãe de Poe, pode ser seguida, cuidadosamente, pelos vários cartazes de anúncios e notícias nos jornais das diversas cidades em que representou, até sua morte, em 1811. Foi durante suas viagens como atriz que se casou com C. D. Hopkins, também ator, em agosto de 1802. Não houve filhos dessa união. Hopkins morreu três anos depois, e, em 1806, como foi dito antes, sua viúva casou-se com Davi Poe.O casal continuou a representar junto, mas com muito pouco êxito. Nasceram-lhe três filhos: William Henry Leonard, nascido em Boston, em 1807; Edgar, nascido em Boston, em 1809; e Rosália, em Norfolk (Virgínia), provavelmente em dezembro de 1810. Devido à pobreza deles, que era sempre extrema, o primeiro filho, Henry, fora deixado aos cuidados de seus avós, em Baltimore, logo depois de nascido. Edgar nascera enquanto seus pais cumpriam um contrato no Teatro de Boston. No verão de 1809, os Poe foram para Nova York, onde Davi Poe ou morreu ou abandonou sua mulher, provavelmente esta última coisa. A Sra. Poe foi abandonada com o menino Edgar e, algum tempo depois, deu à luz a uma filha. Lançou-se suspeita, mais tarde, a respeito da paternidade dessa última criança e sobre a reputação da Sra. Poe, suspeita essa que desempenhou desgraçado papel nas vidas de seus filhos. Não é preciso dizer que tal suspeita era injusta. De 1810 em diante, a Sra. Poe continuou, embora com a saúde decadente, a aparecer em vários papéis em Norfolk (Virgínia), em Charleston (Carolina do Sul), e em Richmond. No inverno de 1811, foi dominada por uma doença fatal e morreu a 8 de dezembro, em situação de grande miséria e pobreza, na casa de uma modista de chapéus, escocesa, em Richmond. Foi sepultada no cemitério da Igreja Episcopal de S. João, daquela cidade, dois dias mais tarde, mas não sem alguma pia oposição.

INFÂNCIA

SOBREVIVIAM à Sra. Poe três crianças órfãs. Duas delas, Edgar e Rosália, achavam-se com ela ao tempo de sua morte e foram tratadas por pessoas caridosas. Edgar, então com cerca de dois anos de idade, foi levado para a casa de John Allan, negociante escocês em situação francamente próspera, ao passo que a pequena Rosalia recebera abrigo em casa do casal William Mackenzie. Os Alians e os Mackenzies eram amigos íntimos e vizinhos. As crianças ficaram naquelas casas e o fato de sua criação tornou-se, com o correr do tempo, equivalente a uma adoção. Frances Keeling Valentine Allan, esposa do comerciante escocês que dera abrigo ao "pequeno órfão Edgar Poe", não tinha filhos, embora estivesse casada havia muitos anos. O menino Edgar parece ter sido uma criança viva e atraente, e, a despeito de certa relutância do Sr. Allan, foi logo admitido como membro permanente da família. Embora haja certa prova de uma tentativa da parte dos parentes paternos de Baltimore para demonstrar seu interesse pela criança, o rapazinho ficou como filho de criação de John Allan, em Richmond, onde bem cedo foi posto numa escola mantida por uma dama escocesa, e, ao que parece, mais tarde, na de um tal William Irving, professor local. Há bastante prova de que seus primeiros anos de infância passou-os, ele, em ambientes felizes e confortáveis. A Sra. Allan e sua irmã solteira Nancy Valentine, que residia na mesma casa eram especialmente loucas pelo seu "garoto". Parece que ele, realmente, foi um tanto tratado com excesso de mimos, como se fosse uma criancinha, da parte das mulheres, o que o pai de criação procurava contrabalançar com severidade ocasional, mas provavelmente bem oportuna. Em 1815, a família viajou para a Inglaterra, a bordo do Lothair, levando Edgar consigo. Depois de breve estada em Londres, visitaram uns parentes da Escócia, os Galts, Alíans e Fowlds, em Kilmarnock, Irvine e outros lugares perto de Ayrshire. Viajaram para Glasgow e depois voltaram a Londres, no fim do outono de 1815, quando Edgar foi enviado de volta à Escócia, para Irvine. Ali, durante pouco tempo, freqüentou a Escola de Gramática. Em 1816, porém, regressou a Londres, onde seu pai de criação estava procurando fundar uma sucursal de sua firma de Richmond, Ellis e AlIan, com comércio de tabaco e mercadorias em geral. A família residia na Praça Russell, em Southampton Row, e, nessa ocasião, o jovem Edgar foi matriculado num internato, dirigido pelas Srtas. Dubourgs, na Rua Sloane, n.0 146, em Chelsea. Ali permaneceu até o verão de 1817. No outono desse ano, entrou para a escola de Manor House, do Reverendo John Bransby, em Stoke Newington, então subúrbio de Londres, Ali permaneceu até certo tempo, na primavera de 1820, quando foi retirado para voltar à América. As memórias do jovem Poe, de seus cinco anos de estada na Escócia e na Inglaterra, foram excessivamente vivas e continuaram a fornecer-lhe recordações para o resto da vida. Parece ter sido um jovem cavalheiro um tanto precoce e orgulhoso. Curiosas e vívidas reminiscências desses antigos dias escolares na Inglaterra encontram-se na sua história de "William Wilson". É significativo de suas relações com seus pais adotivos que as notas de sua instrução na Inglaterra sejam dadas para o jovem Allan. Não pode haver a menor dúvida de que, naquela ocasião, o Sr. Allan o olhava como filho. Outras provas não faltam.

ADOLESCÊNCiA

As ESPECULAÇÕES comerciais de John Allan em Londres não foram felizes. Voltou para os Estados Unidos, chegando a Richmond, em agosto de 1820, cheio de consideráveis dificuldades, nas quais se viu também envolvido seu sócio Charles Ellis. Cessões de bens de raiz tiveram de ser conseqüentemente feitas para satisfazer os credores. A vida da família Allan, porém, continuou a ser confortável. Edgar foi mandado para uma Academia, dirigida por William Burke e mais tarde por Joseph H. Clarke, e freqüentada pelos filhos das melhores famílias de Richmond. Na escola, o jovem Poe sobressaiu-se em línguas, oratória, representações teatrais e realizou notáveis façanhas em natação. Parece ter atraído a atenção de seus mestres e dos colegas mais velhos pelo seu brilho e ter sido bastante estimado, apesar de mostrar-se um tanto distante, pela maior parte de seus companheiros. Em idade muito precoce começou a escrever poesias, datando seus versos

logo dos treze anos. Em 1823, tornou-se íntimo da casa dum colega de escola, Robert Stanard, cuja mãe, Jane Stith Stanard, tomou terno interesse pelo brilhante rapaz, afeição que foi ardente e romanticamente retribuída. Foi a essa senhora que Poe dedicou mais tarde seu poema "Para Helena", que começa: Helena, tua beleza é para ... Sra.Stanard em breve enlouqueceu e morreu. Essa tragédia atingiu, sem dúvida, profundamente o coração de Poe, tendo sido para ele um grande golpe, que o abalou de modo intenso. Conta-se, não sem discutível autoridade, que ele rondava à noite o seu túmulo, no cemitério solitário. Não há dúvida, porém, de que continuou a estremecer-lhe a lembrança, enquanto viveu.

Seja como for, porém, em 1824, o jovem poeta, que estivera dirigir às moças dum colégio feminino vizinho juvenis versos líricos: achou-se plenamente embarcado nas águas turvas duma vida adulta. A Sra. Stanard morrera; seu pai adotivo achava-se em graves apuros financeiros; a saúde da Sra. Allan ia rapidamente definhando e havia na casa uma dissensão doméstica da mais séria espécie: John Allan dava-se, de tempos em tempos, a relações extra maritais. Alguns de seus filhos naturais viviam então em Richmond e, dessa ou daquela forma, chegou isso ao conhecimento de sua mulher, cujo pesar foi imenso. Durante a visita de Lafayette a Richmond em 1824, o jovem Poe, que era oficial numa companhia de cadetes, esteve na escolta do velho general. Isto lhe deu novo senso de sua própria dignidade e importância, e ao mesmo tempo parece que em alguns de seus encontros na cidade com companheiros adultos veio a saber do modo de vida de seu pai de criação. Em casa Edgar tomou o partido de sua mãe e uma desavença, que, através de várias ramificações, durou por mais de dez anos, se criou entre Poe e John Allan.A situação era caracteristicamente exasperante a todos os respeitos, e o conflito, dramático.

O Sr. Allan, ao que parece, havia, ao tempo da morte da Sra. Davi Poe, entrado na posse de parte da correspondência dela. O que havia naquelas cartas ninguém jamais saberá, pois foram mais tarde destruídas pela Sra. Clemm, a pedido do próprio Poe. Talvez houvesse algo de comprometedor nelas. Seja como for, a fim de garantir-se o silêncio de Edgar em torno de seus próprios negócio, o Sr. Allan escreveu uma carta a William Henry Leonard Poe, em Baltimore, queixando-se de Edgar em vagos termos, acusando-o de ingratidão e atacando a legitimidade de Rosália, irmã do rapaz. O efeito dessa carta, e talvez tenha havido mais de um, foi evidentemente transtornador para ambos os filhos de Isabel Poe. Decerto tornou ainda mais tensas as relações na casa de Allan, em Richmond. Três anos mais tarde, encontramos Henry, em Baltimore publicando um poema, intitulado "Numa Carteira de Lembranças" que dá todas as mostras de que as dúvidas a respeito da legitimidade de sua irmã tinham atingido o alvo.

Por esse tempo começava Rosália Poe a dar sinais de paralisação do desenvolvimento. Jamais se desenvolveu plenamente e, embora continuasse a ser estimada como filha pelos Mackenzies, que haviam desde o começo acolhido, permaneceu, quando muito, com uma triste recordação do passado para seu irmão Edgar. Sobreviveu-lhe muitos anos, morrendo afinal numa instituição de caridade em Washington, D.C.

A morte da Sra. Stanard, os apuros financeiros e conseqüente irritabilidade de John Allan, as disputas e contra-ataques em casa, sua própria posição duvidosa ali - pois nunca fora adotado e sua situação de caridade era constantemente reiterada - tudo isso formava um penoso ambiente para um poeta jovem e ambicioso. Acresce que há indicações de que o Sr. Allan, como escocês prático, tinha pouca ou nenhuma simpatia pelas ambições de seu filho de criação no campo da literatura.

Em 1825, os apuros financeiros do Sr. Allan foram amplamente aliviados, pela herança de grande fortuna de seu tio William Galt. Viu-se ele, em suma, homem bastante rico. Todo o teor de vida da família mudou então para um método consoante com suas melhores condições. Foi comprada nova casa de considerável aparato, e nessa vasta e

confortável mansão, situada nas Ruas Quinta e Principal, da cidade de Richmond, teve início uma série de diversões e funções sociais , a despeito da saúde decadente da dona da casa. Poe acompanhou a família, na nova casa. Seu pai de criação retirou-o da Academia do Sr. Clarke e tinha-o preparado para a Universidade de Virgínia, que, sob o patrocínio de Thomas Jefferson, acabara recentemente de abrir as portas.Numa rua vizinha, vivia uma mocinha, chamada Sara Elmira Royster. Poe freqüentava-lhe o salão, onde cantavam e desenhavam quadros. Elmira tocava piano, enquanto Edgar a acompanhava na flauta, ou passeavam pelos jardins, de mãos dadas. Sabe-se que Henry Poe visitou seu irmao, em Richmond, por esse tempo e acompanhou Poe à casa dos Roysters. Antes de seguir para a Universidade, Edgar ficou noivo de Elmira. O trato, porém, foi mantido oculto das pessoas de ambas as famílias.

Em fevereiro de 1826, Edgar A. Poe matriculou-se na Universidade de Virgínia. Tinha então apenas pouco mais de dezessete anos, mas pode dizer-se que sua idade adulta começara.Sua posição na Universidade era precária. Como “filho" dum homem rico, possuía bastante crédito e o próprio Poe estava disposto a viver de acordo com tal reputação. Por outro lado, seu pai de criação parece mesmo, naquele tempo, ter-se mostrado tão alheio a seu pupilo que lhe dava mesada muito menor do que a necessária para sua manutenção. O jovem estudante fez brilhantes progressos nos estudos, mas também se entregou a rapaziadas um tanto fortes. A fim de manter sua posição, começou a jogar intensamente; perdeu, e utilizou-se de seu crédito junto aos lojistas locais de modo atrevido. Foi por esse tempo também que ficamos sabendo, pela primeira vez, ter ele começado a beber. Os efeitos de bem pequena porção de álcool no organismo de Poe foram devastadores. Parece ter sido um jovem brilhante, mas um tanto excêntrico e francamente nervoso.

Outra causa de tensão, nessa época, foi o infeliz "desenvolvimento" do seu caso amoroso. O Sr. e a Sra. Royster tornaram-se evidentemente conhecedores do fato de que o jovem Poe não era mais considerado herdeiro por seu pai de criação. Logo souberam, sem dúvida, de seu namoro com Elmira, e então trataram de fazer pressão para desfazer o noivado. As cartas de Poe para sua amada foram interceptadas; proibiram que Elmira lhe escrevesse; as atenções de um jovem solteiro aceitável, A. Barrett Shelton a cercaram, insistentes; e por fim mandaram-na para fora, por algum tempo, sob custódia.

Entrementes, o Sr. Allan foi informado das dificuldades financeiras de seu pupilo, cujas dívidas, dizia-se, haviam atingido o montante de 2500 dólares. Sua cólera tornou extrema, e quando Poe voltou a Richmond, para passar as férias do Natal de 1826, foi avisado por seu tutor que não poderia voltar para a Universidade. As primeiras semanas de 1827 foram passadas em Richmond nas mais tensas relações entre o jovem Poe e o Sr. Allan. A carreira de Poe na Universidade fora, sem dúvida, bastante insatisfatória. Por outro lado, a cólera do Sr. Allan era implacável e extrema. Recusou-se a pagar qualquer das dívidas de honra de seu pupilo ou quaisquer outras dívidas; por esse meio reduzindo ao desespero o espírito altivo do rapaz, que ele tinha elevado à categoria de seu filho. O jovem Poe estava perseguido pelas letras de câmbio. Seu pai de criação aproveitou a oportunidade para insistir em que ele estudasse Direito e abandonasse todas as ambições literárias. Aparentemente por causa disso deu-se, afinal, o rompimento. Tiveram eles violenta discussão, em março de 1827, ao fim da qual o jovem poeta deixou a casa e foi para uma hospedaria, donde escreveu pedindo sua mala e suas roupas e objetos pessoais. Muitas cartas foram trocadas entre os dois sem que se chegasse a uma reconciliação. Seus mútuos agravos se repetiram e Poe, afinal, acabou por, a despeito de seu extremo desamparo, seguir para Boston então a capital literária dos Estados Unidos. Parece que o Sr. AlIan tentou evitá-lo, mas sua mulher e sua cunhada talvez tenham suprido Poe secretamente de uma pequena soma de dinheiro, por intermédio de um dos escravos, antes que o rapaz se pusesse a caminho.

Sob o nome falso de Henri Le Rennet, abandonou Richmond com um companheiro, Ebenezer Burling, e alcançou Norfolk (Virgínia). Ali Burling o deixou, enquanto Poe continuava a viagem num navio até Boston, onde chegou quase sem dinheiro, em certo dia de abril de 1827. Não foi para o estrangeiro, como tem sido tantas vezes afirmado, até por ele mesmo. As datas de seus conhecidos paradeiros, tomadas de suas cartas e documentos naquela ocasião, afastam definitivamente mesmo a possibilidade de uma viagem à Europa. Em Boston há provas um tanto obscuras de que Poe tentou manter-se escrevendo - para um jornal. E certo, porém, que, enquanto se achava em Boston, durante a primavera e o verão 1827, travou amizade com um jovem impressor, um tal Calvino F. S. Thomas, entrado de pouco no negócio, e valeu-se dele para imprimir um volume de versos, Tamerlão e Outros Poemas. Parece que o impressor não conheceu Poe senão por um falso nome. A capa do pequeno volume afirmava que o trabalho era de "Um Bostoniano". A maior parte da edição, provavelmente devido à incapacidade de Poe para pagar ao impressor, foi ao que parece destruída, ou teve que ficar encalhada. Somente poucos exemplares do livro entraram em circulação e apenas apareceram duas apagadas noticias. O próprio Poe parece ter reservado muito poucos livros para seu uso pessoal.Entrementes, o autor desse volumezinho desconhecido, mas agora famoso, achava-se reduzido à maior pobreza.

Totalmente sem meios, demasiado orgulhoso ou incapaz de recorrer a Richmond, tomou por fim a desesperada resolução de alistar-se no Exército dos Estados Unidos, em 26 de maio de 1827, sob o falso nome de Edgar A. Perry. Foi destacado para a Bateria H do 1O. de Artilharia dos Estados Unidos, e passou o verão de 1827 no acampamento do Forte Independência, no porto de Boston. No fim de outubro, seu regimento teve ordem de seguir para o Forte Moultrie, em Charleston (Carolina do Sul).

JUVENTUDE

Os dois e meios anos que se seguem formam curioso intermédio na vida de um poeta. Poe passa o tempo, entre novembro de 1827 e dezembro de 1828, cumprindo os deveres militares de um soldado no Forte Moultrie. O forte estava localizado na ilha de Sullivan, à entrada do porto. O jovem soldado tinha muitas horas de lazer, que certamente gastava vagueando ao longo das praias, escrevendo poesias e lendo. Seus deveres militares eram leves e completamente burocráticos, pois os oficiais logo notaram que ele se adaptava melhor aos serviços de escritório do que à prática com canhões. Deste período e do que ele fez e imaginou, a melhor recordação é "O Escaravelho de Ouro", escrito muitos anos mais tarde, mas repleto de cenas de cor local exatas. As obrigações de Poe certamente o punham em estreito contacto com seus chefes. Ele era diligente, sóbrio e inteligente; e uma promoção logo se seguiu. Em breve o encontramos destacado para serviços especializados, primeiro passo fora da posição de soldado raso. Ele mesmo, porém sentiu que sua vida estava sendo desperdiçada e, em certa época de 1828, reatou a correspondência com seu pai de criação em Richmond, com o objetivo de solicitar uma reconciliação e volta à vida civil. Embora as cartas de Poe fossem tocantes, rogativas penitentes, seu tutor mostrou-se obstinado e o jovem permaneceu no seu posto, até dezembro de 1828, quando seu regimento teve ordens de seguir para o Forte Monroe, na Virgínia. Vendo que o tutor não lhe permitia voltar à casa, concebeu ele então a idéia de entrar em West Point. Mas alguns dos oficiais de seu regimento, e, de modo particular,um cirurgião, se interessaram por ele e trataram de exercer pressão sobre John Allan. A 1o. de janeiro de 1829, Poe, servindo ainda sob o nome de Perry, foi promovido a sargento mor de seu regimento, o posto mais alto para um engajado.

Suas cartas para casa tornaram-se mais insistentes e a elas acrescentavam-se agora os rogos da Sra. Allan, moribunda. Desejava ver seu "querido menino" antes de morrer. Por mais estranho que possa parecer, John Allan manteve-se firme até o último instante. Por

fim, mandou chamar seu filho de criação que se achava então apenas a poucas milhas de Richmond; mas era demasiado tarde. A Sra. Allan morreu antes que Poe chegasse à casa e, apesar de seu último pedido de não ser enterrada senão quando seu filho de criação voltasse, seu marido ordenou que se fizesse o enterro. Quando Poe chegou à casa, poucas horas depois, tudo quanto ele mais amava se achava na sepultura. Diz-se que sua angústia diante do túmulo foi extrema.

A Sra. Allan, todavia, arrancara de seu marido a promessa de não abandonar Poe. Realizou-se então uma reconciliação parcial e o Sr. Allan consentiu em ajudar o plano de Poe de entrar em West Point. Escreveram-se cartas para o coronel de seu regimento arranjou-se um substituto e o jovem poeta conseguiu dar baixa do Exército, a 15 de abril de 1829. Voltou a Richmond para passar pouco tempo.Poe não demorou muito "em casa". Arranjou, em grande parte por solicitação própria, numerosas cartas de recomendação para o Departamento da Guerra. Armado delas e de uma carta bastante fria de seu tutor, que afirmava: "Francamente, senhor, declaro que ele não tem parentesco nenhum comigo", partiu, mais ou menos 7 de maio, para Washington, onde apresentou as credenciais, inclusive numerosas recomendações de seus oficiais, concebidas nos mais elevados termos, para o Secretário da Guerra, Sr. Eaton. Longo período de quase um ano decorreu, durante o qual esteve em dúvida sua nomeação para West Point.Durante a maior parte deste período, de maio de 1829 até o fim daquele ano, residiu ele em Baltimore. Seu pai de criação enviava lhe de vez em quando pequenas somas, o suficiente apenas para mantê-lo vivo, e continuava frio e suspeitoso de suas boas intenções relativas a West Point. Entretanto, o jovem Poe, depois de ter sido roubado por um primo num hotel, procurou abrigo junto à sua tia Maria Clemm, irmã de seu pai.

Em casa desta boa mulher, que foi desde o princípio seu anjo da guarda, encontrou Poe sua avó, a Sra. Davi Poe Sênior, que era então mulher idosa e paralítica, seu irmão Henry e sua prima primeira Virgínia Clemm, menina de cerca de sete anos de idade. Mais tarde, veio ela a ser a esposa do poeta. Durante esta estada em Baltimore, esforçou-se Poe em tornar conhecido seu nome literário. Pouco depois de sua chegada, nós o vemos visitando William Wirt, que acabava de retirar-se de uma ativa vida política em Washington, autor das Cartas de um Espião Ingles e homem de considerável reputação literária. Poe deixou com Wirt o manuscrito de "A Aaraaf", e dele recebeu uma carta mais de conselho que de elogio. O incidente, porém, mostra que ele tinha em mãos, então, o manuscrito para um segundo volume de poemas. Consistia este de numerosas poesias que tinham aparecido no primeiro volume, bastante revistas, e algumas novas.

Seguiu então para Filadélfia e entregou o manuscrito a Carey, Lea & Carey, famosa firma editora de então, que exigiu uma garantia antes de imprimi-lo. Poe escreveu a seu tutor pedindo-lhe auxiliar com a soma de cem dólares a publicação do pequeno volume, mas recebeu uma negativa colérica e uma censura severa por pensar em tal coisa. A 28 de julho tinha ele, porém, ao que parece, arranjado a publicação do volume em Baltimore, e escreveu a Carey, Lea & Carey, retirando o manuscrito. Por intermédio de amigos e parentes de Baltimore, pôde seu nome chegar aos ouvidos de John Neal, então influente jornalista em Boston, e a obra a aparecer recebeu algumas noticias encorajadoras nos números de setembro e dezembro do Yankee de 1829. O volume mesmo, intitulado Al Aaraa/Tamerlão e Poemas Menores, foi publicado por Hatch & Dunning, em Baltimore, em dezembro de 1829. Um tanto abrandado por este êxito e a fama que ele atraiu, porém muito mais pela certeza de que seu filho de criação estava prestes a receber sua tão retardada nomeação para a Academia Militar, permitiu o Sr. Allan que Edgar voltasse a Richmond, onde ele permaneceu de janeiro a maio de 1830, na "grande mansão". Sua vida em Baltimore tinha sido assombrada pela pobreza e a volta a seu antigo modo de existência foi, sem dúvida, bem-vinda para Poe.

O Sr. Allan, porém, tinha razões particulares para desejar que seu pupilo estivesse fora de Richmond o mais cedo possível. Havia reatado relações íntimas com uma antiga companheira, após a morte de sua mulher, e achava-se agora esperando um mal vindo acréscimo aos seus filhos naturais. Renovaram-se as brigas com Poe. Depois de uma delas, peculiarmente amarga, escreveu Poe uma carta a um antigo conhecido do Exército, um sargento a quem devia pequena soma de dinheiro. Nesta carta, permitiu-se ele fazer uma infeliz afirmativa acerca de seu tutor. Esta carta foi mais tarde usada pelo homem para cobrar do Sr. Allan a quantia que lhe era devida e foi a causa final da expulsão de Poe.

A nomeação para a Academia Militar foi recebida em fins de março. Os exames do admissão eram processados em West Point no fim de junho e, em maio, Poe despediu-se de seu tutor e seguiu para a Academia Militar, visitando de passagem seus parentes em Baltimore. A primeiro de julho de 1839 prestou o juramento e foi admitido como cadete em West Point..

Poe permaneceu na Academia Militar dos Estados Unidos de 25 de junho de 1830 a 19 de fevereiro de 1831. Não pode haver dúvida de que a carreira militar não lhe agradava e que fora forçado a entrar nela pelo seu tutor, de cuja fortuna podia ainda esperar partilhar. O Sr. Allan, porem, achava já ter cumprido seu dever, estando Edgar colocado em cargo público, e sentia-se satisfeito por tê-lo afastado de Richmond. No dia em que Poe entrou para West Point, seu tutor foi presenteado com um par de gêmeos naturais, a quem mais tarde contemplou no seu testamento. Isto não o impediu, contudo, de casar-se pela segunda vez e a nova ligação tornou-o mais do que nunca inimizado com seu filho de criação.

Edgar Poe continuou a cumprir honrosamente seus deveres na Academia Militar, quando toda a esperança de qualquer auxílio no futuro da parte do Sr. Allan foi destruída por uma carta de Richmond, que o repudiava. O soldado havia apresentado a seu tutor a carta escrita por Poe, um ano antes, e extrema foi a cólera do Sr. Allan. Certificado de que toda esperança de ajuda financeira, vinda de Richmond, desaparecera agora, Poe resolveu tomar decisões próprias e deixar o Exército para sempre. Como não pudesse obter do Sr.Allan o consentimento para dar baixa, fez greve e deixou de comparecer às formaturas, às aulas e à igreja. Foi submetido a corte marcial e destituído por desobediente.

Enquanto se achava na Academia Militar, arranjara com Elam Bliss, editor nova-iorquino, a publicação dum terceiro volume de poemas, subscrita pelo corpo de estudantes da Academia.

Em fevereiro de 1831, seguiu para Nova York. Estava sem dinheiro, mal vestido, e quase morreu dum "resfriado", complicado com uma doença do ouvido interno, depois de ter chegado à cidade. Forçado a pedir desculpas, apelou de novo para seu tutor, mas em vão. Permaneceu em Nova York o bastante para ver seu terceiro volume fora do prelo. Intitulava-se Poemas, Segunda Edição, e continha um prefácio dirigido ao "Querido B", personagem desconhecido, no qual algumas das opiniões críticas do jovem autor, largamente procedentes de Coleridge, eram pela primeira vez expostas.

Depois de tentar baldadamente obter do Coronel Thayer, comandante de West Point, cartas de apresentação para Lafayette, a fim de juntar-se aos patriotas poloneses, que se tinham então revoltado contra a Rússia, Poe deixou Nova York e viajou de Filadélfia a Baltimore. Chegou a esta última cidade em dias do fim de março de 1831 e novamente passou a residir em Mechanics Row, Rua do Leite, com sua tia Maria Clemm, e a filha desta, Virgínia. Seu irmão Henry achava-se então de péssima saúde, "tendo-se entregue à bebida ", e moribundo. Poe passou os quatro anos seguintes, em em condições de

extrema pobreza. Era ainda obscuro e suas ações, na maior parte das vezes, são muito vagas. Alguns fatos porem, podem ser com certeza relanceados.

Durante a maior parte do período de Baltimore, deve ter Poe levado uma vida reclusa.. Começou então a voltar sua atenção para a prosa e conseguiu colocar alguns contos numa publicação de Filadélfia. Seu irmão Henrv morreu em agosto de 1831. Edgar continuava a morar com os Clemms. A família vivia atenazada pela pobreza e ele próprio, na maior parte do tempo, não gozava de boa saúde. De que vivia a família não se sabe bem. Foram feitas tentativas para interessar mais uma vez o Sr. Allan em favor dele, mas sem resultado. Nenhum auxílio veio de Richmond, exceto em certa ocasião em que, por causa duma dívida contraída por seu irmão Henrv, esteve Edgar em perigo de ser preso. O Sr. Allan enviou uma tardia resposta, que foi a última que Poe veio a receber dele. Sabe-se que Poe dedicou ardente interesse a Maria Devereaux, moça que morava perto da sua casa. Foi recusado e chicoteou o tio da moça. Por esta ocasião, freqüentava ele também as casas de seus parentes, os Poe e os Herring, especialmente estes últimos. Foi então, também, que se pôs a trabalhar com ardor, aperfeiçoando sua arte de contista e compondo o seu único drama, "Policiano".

Em outubro de 1833, concorreu a um prêmio de cinqúenta dólares, oferecido ao melhor conto apresentado a um jornal de Baltimore, The Salurday Visitor. O prêmio foi concedido, por uma comissão de cidadãos bem conhecidos, ao "Manuscrito Encontrado Numa Garrafa", de Poe.

Foi seu primeiro êxito assinalável e marca sua entrada no caminho da fama. O dinheiro veio-lhe em socorro as necessidades, mas o efeito mais importante do concurso foi o auxílio dado ao jovem poeta, agravado de pobreza, por John P. Kennedy, cavalheiro de Baltimore, bastante rico, de coração bondoso e, ele próprio, escritor de teatro. O Sr. Kennedy, por meio de vários e oportunos atos de caridade e de prestígio, fez Poe enveredar pela estrada do renome. Kennedy possibilitou a publicação de alguns dos contos de Poe e apresentou-o a Thomas White, editor do Southern Literary Messenger, que se publicava em Richmond (Virgínia). Poe começou então a colaborar, com críticas e contos, naquele periódico e finalmente foi convidado, em 1835, a ir para Richmond, como redator auxiliar.

Entrementes, o Sr. Allan havia morrido, em 1834, e no seu testamento não havia menção de Poe. Duas mal-avisadas viagens de Poe a Richmond, entre 1832 e 1834 tinham tido apenas como resultado afastar ainda mais de si seu antigo tutor e a família Allan. Mantiveram-se de mal até o fim. Em julho de 1835, Poe deixou Baltimore para assumir suas novas funções de redator, em Richmond.

Como jornalista, considerado simplesmente do ponto de vista do escritório e da cadeira, Poe constituiu um autêntico êxito. As assinaturas do Southern Literary Messenger se multiplicaram. O Sr. White não podia deixar de ficar bem satisfeito. Era homem bondoso e de boas disposições.

Bastante significativo da inabilidade de Poe em abandonar os estimulantes é o fato de que, poucas semanas depois de sua chegada a Richmond, achou-se desempregado. Voltou a Baltimore e ali se casou secretamente, a 22 de setembro de 1835, com sua prima primeira Virgínia Clemm. Tinha esta, naquela ocasião, mais ou menos apenas treze anos de idade e o casamento secreto originou-se da oposição dos parentes a uma união tão prematura. Poe apelou então, de novo, para o Sr. White, com promessas de abster-se da bebida e reassumiu seu antigo posto, sob condição de boa conduta e com uma paternal advertência. A Sra. Clemm e sua filha Virgínia acompanharam Poe a Richmond e ficaram morando com ele numa pensão, na Praça do Capitólio.Poe permaneceu em Richmond, como redator auxiliar do Sr. White, no Southern Líterary Messenger, do outono de 1835

até janeiro de 1837. Durante sua estada no jornal, a circulação deste aumentou de 700 para 3 500 exemplares, atraiu a atenção nacional e pode-se dizer que foi inicialmente devido a Poe que se tornou o periódico mais influente do Sul. Sua reputação foi depois mantida e aumentada por outros homens de considerável habilidade jornalística. A tarefa do jovem redator escalonava-se do mero trabalho mercenário de natureza francamente jornalística até a colaboração literária. Escrevia poemas, resenhas de livros, crítica literária geral e particular e histórias curtas, quer seriadas, quer completas. As notas sobre livros variavam desde o comentário sobre as memórias, de Coleridge, até as referências a livros tais como as Cartas da Senhora Sigourney às Moças; em resumo, desde as críticas bem raciocinadas e muitas vezes severas até às simples notícias com leve comentário critico. Alguns dos poemas que tinham anteriormente aparecido nos volumes de poesia a que já aludimos foram republicados, consideravelmente revistos. Poe continuou seguindo essa política de maior ou menor revisão constante e de republicação impressa durante toda a sua carreira. Entre os mais notáveis dos novos poemas que apareceram nessa ocasião contam-se "Para Helena", "Irene", ou "A Adormecida", "Israfel" e "Zante".

O tom geral da crítica literária nos Estados Unidos, ao tempo em que Poe começou a escrever para o Southern Literary Messenger, era um tanto superficial, servil ou nebuloso. O comentário do rapaz de Richmond era interessante, perturbador e renovador. Sua freqüente severidade provocava réplicas e observações e, embora suscitasse antagonismo em alguns setores, sua presença em cena e a mordacidade de seu estilo tornaram-se cada vez mais evidentes.

Muitas das estórias que Poe tinha preparado para os Contos do Fólio Clube. Em Baltimore , antes de receber o prêmio do Saturday Visitor, publicou-as então no Messenger. Estórias tais como "Metzengestein" - atraíram considerável atenção, como bem mereciam, e aumentaram não pouco a sua fama. Em algumas delas assinalada era já então observada e censurada. Tais comentários de censura, porém, não impediam que sua fascinação rara deixasse de ser sentida. Sob o título de "Pinakídia", o jovem jornalista publicou também, nessa ocasião, uma coleção do curiosas anotações, abrangendo vasto campo de interesse, tiradas de seu livro de notas. Muitas delas utilizou-as de novo, mais tarde, na Revista Democrática, com o título de "Marginalia". Por este tempo, Poe foi descrito como sendo "gracioso, de cabelos negros e ondulados, e magníficos olhos, usando colarinho à Byron e parecendo poeta da cabeça aos pés". O mais antigo retrato dele que se conhece data de seus primeiros dias no Messenger e o mostra com suíças e uma expressão um tanto sardônica para homem tão jovem. Mesmo naquela data ele era evidentemente um tanto frágil e delicado. Sua tez, que mais tarde se tornou completamente lívida, é descrita como tendo sido amorenada.

De seus negócios particulares, o mais importante acontecimento da época de Richmond foi seu segundo casamento com sua prima Virginia. As razões do mesmo parecem ser suficientemente claras. Fora clandestino o primeiro casamento em Baltimore, tendo como única testemunha a Sra. Clemm. Parentes influentes tinham-se oposto a ele e jamais fora tornado público. Todas as explicações foram evitadas por um segundo casamento em público, nada tendo sido dito a respeito do primeiro, e a 16 de maio de 1836 um contrato de casamento foi assinado no Juizado de Paz da cidade de Richmond, que dá Virgínia CIemm como tendo vinte e um anos. Na realidade, tinha ela menos de catorze anos de idade naquele tempo e a aparência de uma criança. O casamento realizou-se em uma pensão de propriedade de uma tal Sra. Yarrington, em companhia de amigos, tendo oficiado um teólogo presbiteriano chamado Amasa Converse. Depois de simples cerimônia o casal partiu para sua lua-de-mel, que se passou em Petersburgo, na Virginia, em casa de certo Sr. Hiram Haines, diretor do jornal local.

Poe estava de volta para Richmond e seu trabalho no Messenger em fins de maio de 1836. O Sr. White prometera-lhe um aumento de salário para mais tarde.Depois de seu casamento, na verdade algum tempo antes, a correspondência do poeta com parentes e amigos mostra que ele desejava montar casa. O plano seguido era solicitar dinheiro para que a Sra. Clemm e Virgínia pudessem estabelecer uma pensão. Embora alguns pequenos auxílios, "empréstimos", fossem obtidos, o plano fracassou e a pequena família mudou-se para uma casa barata na Rua Sete, onde parece que ficou até o fim de sua estada em Richmond.

Poe continuou seu trabalho redatorial e, como resultado de sua observação, experiência e ambição, começou a desenvolver-se em sua mente um plano cujos começos podem ser rastreados desde Baltimore. Esperava montar e ser o editor de um grande magazine literário nacional. De que Poe foi um dos primeiros homens na América a compreender as possibilidades do jornalismo moderno, no que se refere a um magazine, não resta a menor dúvida. Desde então, e até o fim de sua história, foi esse o plano acarinhado de sua vida. O infortúnio e a sua própria personalidade, mais do que as teorias que a respeito do jornalismo entretinha, foram os responsáveis pelo seu fracasso na realização de tal ambição.

Começou então a pensar em seguir para o Norte, a fim de montar a nova publicação, mudança que a fama crescente e os atritos sempre numerosos com seu redator-chefe serviram para apressar. Poe era brilhante, mas inadaptado ao trabalho em posição subalterna. Deve-se, com toda justiça, dizer que o Sr. White foi paciente. Foi porém dominado, em várias ocasiões, pelo seu versátil e jovem redator e há também indicações de que, no outono de 1836, havia Poe mais uma vez decaído de suas boas graças e, a despeito de suas promessas bem intencionadas a White, estava-se entregando de novo, de vez em quando, à bebida. Em adendo a isto, parece ter-se ele mostrado incontentável. Tirando vantagem de relações que fizera por correspondência com homens de Nova York, tais como o Prof. Charles Anthon, John K. Paulding, os irmãos Harper e outros, decidiu mudar-se para aquela cidade.

Em conseqüencia, em janeiro de 1837, liquidou seus negócios com o Southern Literary Messenger e com o Sr. White e, levando a família consigo, partiu para Nova York. Parece que ali chegaram mais ou menos em fins de fevereiro de 1837 e se alojaram na esquina da Sexta Avenida com a Praça Waverly, partilhando um andar com um tal William Gowans, livreiro, que prestou consideráveis serviços a Poe.

Antes de deixar Richmond, no verão de 1836, fizera Poe várias tentativas de reunir as estórias contidas nos Contos do Fólio Clube e publicá-las em volume. Os manuscritos tinham sido anteriormente deixados em Filadélfia com Carey & Lea, que os conservaram durante algum tempo para examiná-los, mas finalmente os haviam devolvido ao autor, menos uma estória, em fevereiro de 1836. Poe enviou-os para .J. K. Paulding, em Nova York, que os submeteu à apreciação dos Harpers. O resultado foi outra recusa. Paulding escrevera a Poe, contudo, quando devolveu os contos, sugerindo uma longa narrativa em dois volumes, em formato bem popular. Em conseqüencia desta sugestão surgiu uma comprida estória de aventuras, naufrágio e horríveis sofrimentos no então desconhecido hemisfério meridional. Chamou-se "A Narrativa de Artur Gordon Pym" e foi finalmente aceita pelos Harpers, que a publicaram em 1838, nos Estados Unidos. Wiley & Putnam fizeram uma edição na Inglaterra, onde mais tarde a plagiaram. Foi o primeiro livro de prosa de Poe, embora seu quarto livro publicado, havendo precedido três volumes de poesia. A estória apareceu em séries no Southern Literary Messenger mesmo depois de ter Poe cortado suas relações redatoriais. Era dada como escrita pelo próprio Artur Gordon Pym e o verdadeiro autor apenas vinha mencionado no prefácio. O tipo de estória de aventuras que a "Narrativa de Artur Gordon Pym" seguiu de perto era popular naquele tempo. Poe deixou simplesmente que sua imaginação se entretivesse com materiais

conhecidos, encontrados em livros tais como O Motim do Bounty, a Narrativa de Quatro Viagens ao Pacífico, de Morell, e similares. Seu entusiasmo do momento pelo Antártico parece ter surgido dos preparativos então feitos por um tal J. N. Reynolds para uma expedição do Governo àquelas partes. Nathaniel Hawthorne estava também interessado no mesmo plano, que, porém, deu em nada. O êxito do livro foi pequeno e trouxe ao autor muito pouca fama e menos dinheiro ainda.

Pouco tempo depois de sua chegada a Nova York, Poe, Virgínia e a Sra. Clemm mudaram-se para uma pequena casa, na Rua Carmine, n.0 13½, onde a Sra. Clemm aceitou pensionistas para poder se manter. Poe estava ganhando quase nada. Era um período de pânico financeiro, sendo quase impossível obter-se trabalho literário. Os Poe foram acompanhados à sua nova residência pelo livreiro Gowans, que parece ter apresentado o poeta a numerosos literatos, mas com pouco resultado. A pobreza da família era agora extrema. A despeito disso, contudo, Poe continuou a escrever. As principais notícias que se podem ter desta primeira, mas um tanto breve, estada em Nova York referem-se a uma resenha de "Arabia Petraea", na Revista de Nova York, "Silêncio (Fábula)", publicado no Baltimore Book, e um conto chamado "Von Jung, o Místico" (Mistificação) que apareceu no American Monthly Magazine, de junho de 1837.

Os planos de iniciar um magazine de sua propriedade não devem ter encontrado aceitação naquele tempo, devido à depressão financeira. Poe, na verdade, não era capaz de obter até mesmo um lugar de redator secundário, ou o suficiente trabalho mercenário que lhe garantisse a subsistência. Seus atos desse tempo hão de permanecer para sempre um tanto obscuros. Provavelmente por intermédio de Gowans, foi posto em contato com James Pedder, inglês de capacidade literária quase nula, mas homem bondoso. Pedder, por esse tempo, ocupava-se em obter, para si mesmo, ligações com magazines de Filadélfia, onde suas irmãs residiam. Por intermédio dele parece bastante provável que Poe foi induzido a deixar Nova York e mudar-se para Filadélfia, então o grande centro editorial dos Estados Unidos. Seja como for, nós o encontramos em Filadélfia pelos fins de agosto de 1838, pensionista, juntamente com sua família e James Pedder, de uma casa de cômodos mantida pelas irmãs do inglês na Rua Doze, um pouco acima de Mulberrv (Arch).

Poe achou-se logo definitivamente encarregado de dois projetos literários, a edição de um compêndio de Concologia e a de há muito adiada publicação de seus contos escolhidos. Logo depois de sua chegada a Filadélfia, Poe mudou-se para mais perto das livrarias e tipografias da cidade baixa, para uma casa de número 4 da Rua Arch (então Mulberry), onde continuou até 4 de setembro de 1838. Estava agora encarregado de editar o "Primeiro Livro do Concologista, ou Sistema de Malacologia dos Testáceos", compêndio ao qual ele emprestou seu nome.

Foi um mero trabalho mercenário, e nada tem que ver com os originais e artísticos de Poe. O livro é bastante procurado pelos colecionadores. São conhecidas pelo menos umas nove edições dele, tendo sido a primeira publicada em abril de 1837, por Barrington e Haswell. Poe escreveu o prefácio e a introdução e foi auxiliado no arranjo do texto e das ilustrações por um tal Sr. Isaac Lee e pelo Prof. Thomas Wyatt, De Blainville e Parkinson são citados, e Cuvier profusamente aproveitado. As belas gravuras de conchas foram furtadas do Compendio dos Concologistas, trabalho dum inglês Thomas Brown, a quem não foram dadas satisfações.Posteriormente foi Poe atacado por causa disso e acusado de plágio. A verdade é que o costume de furtar material para livros escolares era então quase universal e muito pouco censura se pode fazer realmente a Poe. Recebeu 50 dólares pela utilização de seu nome como redator . Na série dos volumes publicados por Poe é este o quinto.

Esse compêndio escolar era apenas uma transação financeira. Poe voltou a atenção para publicação de seus contos. Arranjou-se publicar suas estórias escolhidas sob o título de Contos do Grotesco e Arabesco em dois delgados volumes. Foram publicados em dezembro de 1839 por Lea & Blanchard, de Filadélfia. A página do título traz a data de 1840. O autor não recebeu direitos autorais pelo seu trabalho, mas apenas uns poucos exemplares para distribuir com seus amigos. O editor assumiu o risco, não muito agradável, pois os volumes se venderam muito devagar. Havia catorze estórias no primeiro volume e dez no segundo, compreendendo o total todos os contos publicados até aquela ocasião pelo autor e "Por que o francesinho Está com a Mão na Tipóia ", só aparecido mais tarde. Foi esta a sexta aventura de Poe com um volume impresso, nenhum dos quais fora de modo algum um êxito do ponto de vista financeiro.

MATURIDADE

ENTREMENTES havia-se Poe assegurado um emprego com William E. Burton, editor do Burton's Gentleman's Magazine. O Sr. Burton era um inglês, ator, nas melhores condições para a farsa grosseira, empresário teatral e jornalista. Poe colaborou nesse magazine, com resenhas bibliográficas, artigos sobre esporte, pelo menos com cinco, contos notáveis e alguns poemas, sendo ''Para Alguém no Paraíso'' o mais notável destes. Foi no magazine de Burton que apareceram "A Queda do Solar de Usber", "William Wilson" e "MoreIa". Ao mesmo tempo Poe correspondia-se com várias figuras literárias, entre as quais era Washington Irving a mais eminente.A ligação de Poe com Burton não durou muito tempo. Houve numerosos atritos entre os dois. Duma feita, Poe se retirou, mas foi induzido a voltar. Seu salário era pequeno, seu trabalho inadequado e um tanto intermitente. Passava novamente mal de saúde, não sendo certo se devido, em parte, ao uso de excitantes. De qualquer forma, ele e o Sr. Burton não podiam concordar. Este último vendeu seu magazine a George Rex Graham, em outubro de 1840, e Poe foi conservado pelo novo editor, um dos mais capazes jornalistas da época. Devido à má saúde não assume Poe suas funções no novo magazine de Graham senão em janeiro de 1841, quando se tornam plenamente evidentes em suas páginas traços de sua pena.

Estava ele então morando numa pequena casa de tijolos, na junção da Rua Coates e Fairmont Drive, em Filadélfia, para onde se tinha mudado, provavelmente no outono de 1839. Foi dessa residência que ele deu a lume, no outubro de 1840, seu "Prospecto do Penn Magazine, jornal literário mensal, a ser redigido e publicado na cidade de Filadélfia, por Edgar A. Poe". Neste prospecto as teorias de Poe, a respeito de um magazine, são completamente postas a claro. Esperava receber bastantes assinaturas para prover-se de fundos, a fim de lançar a empresa. Numerosíssimas pessoas subscreveram, mas os negócios do editor em perspectiva estavam em tais condições que ele foi forçado a abandonar seu plano, a fim de aceitar uma posição de assalariado, junto ao Sr. Graham.

O Penn Magazine foi, em conseqüência, adiado, ao passo que Poe aceitava um lugar em casa de Graham, por 800 dólares por ano.

O êxito do Graham's Magazine foi fenomenal. As assinaturas montaram de 5 000 a 40 000, em cerca de dezoito meses, sendo o aumento devido à capacidade redatorial de Poe, ao número de artigos e poemas garantidos pela colaboração de notáveis escritores, por ele solicitada, e pela política do Sr. Graham, que era profuso nas ilustrações e bastante generoso nos honorários aos autores.O período da sociedade de Poe com o Sr. Graham, que durou de janeiro de 1841 a abril de 1842, foi o período financeiro mais folgado de sua vida. Seus lucros eram pequenos, mas suficientes para mantê-lo e à sua família com algum conforto. Foi por esta época que ele iniciou o conto de raciocínio e publicou "Os Crimes da Rua Morgue" e outras estórias de crime e sua descoberta. Interessou-se também bastante por criptogramas e sua solução, e, em 1842, publicou no Dollar

Newspaper, a 20 de junho daquele ano, sua estória do "Escaravelho de Ouro", na qual a solução dum papel cifrado faz parte do enredo. Por esta estória recebeu um prêmio de 100 dólares. Alguns dos mais reputados trabalhos de Poe apareceram no magazine de Graham e atraíram assinalada atenção. Começou então a tornar-se vasamente conhecido como competente redator, crítico brilhante e severo, escritor de estórias arrepiantes e poeta.
Sua sociedade com Graham foi, porém, de curta duração. Não suportava sua posição subalterna, com tão pequeno salário, esperançoso de lançar seu magazine próprio, e também deu para beber. Em abril de 1842, suas "irregularidades" levaram o Sr. Graham a empregar Rufus Wilmot Griswold, o mais notável antologista americano daquela época, e competentíssimo redator, em lugar de Poe. Encontrando-o um dia Griswold na sua cadeira, Poe deixou as oficinas do magazine e nunca mais voltou, embora continuasse a colaborar para ele, de vez em quando.

Em breve se tornou um livre-atirador, escrevia onde e quando podia, tentou obter um emprego do Governo, na Alfândega de Filadélfia, por meio de amigos em Washington, e de novo tentou lançar seu próprio magazine, agora projetado como O Estilo. Estava prestes a ser bem sucedido, mas uma visita a Washington, em março de 1843, quando infelizmente se embebedou e exibiu sua fraqueza, mesmo na Casa Branca, arruinou suas mais profundas esperanças. Até mesmo seu melhor amigo, F. W. Thomas, novelista secundário e político do tempo, nada mais podia fazer por ele. O infortúnio de agora por diante lhe segue os passos.

Sua mulher Virgínia estava a morrer de tuberculose e tinha freqüentes hemorragias. Ele mesmo começou a recorrer à bebida mais do que antes. Há também algumas provas de que se haja utilizado de ópio. Foi mandado para Saratoga Springs, para recuperar a saúde, e voltou a Filadélfia, onde quase morreu duma lesão cardíaca. Naquela ocasião, 1844, estavam residindo os Poe no n.0 234 (agora 530) da Rua Sete do Norte, em Filadélfia, numa casa ainda hoje de pé. Ali, embora visitado por vários amigos leais, entre os quais se contavam o romancista Capitão Mayne Reid, George Rex Graham, o gravador Sartain, o editor Louis Godey, o ilustrador F. O. C. Darley, o poeta Hirst, o editor Thomas Clarke e outros, experimentava Poe os tormentos da pobreza e do desespero. Correspondia-se com James Russell Lowell e outras pessoas notáveis, mas era incapaz, por várias causas, largamente devidas a seu temperamento e a suas condições físicas, de lutar contra o mundo. Certa vez, no outono de 1843, fez uma tentativa abortada de publicar nova edição de seus contos, com o título de Romances em Prosa de Edgar A. Poe. Houve uma pequena edição em brochura, para ser vendida a 12 e meio cêntimos, mas o n.0 1, contendo "Os Crimes da Rua Morgue" e "O Homem que Foi Desmanchado", é o único da série que se saiba tenha aparecido, embora se conheça a existência dum exemplar, contendo apenas a primeira estória. Do ponto de vista do colecionador é este o mais raro de todos os volumes de Poe. O opúsculo foi o sétimo dos trabalhos impressos de Poe. Nenhuma recompensa lhe adveio

Reduzido à mais horrenda necessidade e encontrando todos os caminhos fechados para si, em Filadélfia, resolveu então voltar para Nova York. A Sra. Clemm ficou, para fechar a casa, e a 6 de abril de 1844, levando sua mulher inválida consigo, Poe seguiu para a cidade de Nova York. Chegou ali na mesma noite, com quatro dólares e meio nos bolsos e sem fins definidos.

Poe e sua mulher doente acharam abrigo numa humilde pensão da Rua Greenwich, n.0 130. Com imediata necessidade de dinheiro, lançou uma de suas pilhérias favoritas, escrevendo uma estória de falsas notícias para o Sun, de Nova York, mais tarde publicada com o titulo de "A Baleia do Balão". Tais "balelas" eram "populares" naquele tempo e favorecidas pelos diretores de jornais. A estória era hábil, é notável mesmo agora, e divertiu milhares de pessoas naquele tempo - com grande satisfação para Poe. O dinheiro

assim ganho possibilitou a vinda da Sra. Clemm, de Filadélfia, para juntar-se aos dois em Nova York.

Deixando a família na pensão da Rua Greenwich, Poe passou a morar sozinho então, na pensão duma Sra. Foster, n.0 4, da Rua Ana. Durante a primavera e o verão de 1844, conseguiu arranjar o bastante, com artigos vendidos, alguns dos quais apareceram no Columbia Spy (Pa.), no Godey's Lady's Book, no Ladies' Home Journal da época, para manter-se e manter dificilmente a família.

A saúde de Virgínia piorava constantemente e, no começo do verão de 1844, toda a família se mudou para uma fazenda, localizada na estrada de Bloomingdale, onde é hoje a Rua 84 e Broadway. A fazenda era de propriedade dum bondoso casal de irlandeses, com numerosa família, os Brennans. Ali, durante uns poucos meses, no que era então uma encantadora solidão rural, no formoso vale Hudson, parece que Poe gozou breve período de paz. Durante este intervalo, compôs "O Corvo", ou antes, deu-lhe a redação final, pois que se sabe que poema já existia em versões mais antigas, que remontam a 1842. A própria idéia do corvo foi tirada do Barnaby Budge. Durante o verão, manteve Poe correspondência com James Russel Lowell que estava escrevendo uma curta biografia de Poe, de Graham, e com o Dr. Thomas Holley Chivers, poeta da Geórgia, cuja obra influenciou certamente o autor de "O Corvo ".

No outono , achou-se o poeta novamente sem recursos e a Sra. Clemm poe-se então, decididamente, em campo para arranjar-lhe algum trabalho pago. Foi ter com Nathaniel P. Willis, então diretor do Evening Mirror, de Nova York, e persuadiu-o a empregar Poe em funções redatoriais de menos importância. Em certo dia do outono de 1844, a família mudou-se de novo para uma pensão, na cidade, na rua da Amizade número 15, em Nova York, onde ocuparam poucos quartos.

Poe continuou a fornecer trabalhos de ocasião para o Willis, e também pelas colunas do Mirror, encontrou a oportunidade de chamar a atenção sobre si, dando umas notas favoráveis das poesias de Miss Barrett (mais tarde Sra. Robert Browning) e metendo-se num infeliz ataque contra Longfellow, conhecido como "A Pequena Guerra de Longfellow", com numerosas repercusões.

Em fins de 1844, estava Poe prestes a cortar relações com Willis, que se conservou seu amigo fiel até o fim. Por intermédio dos bons ofícios de Lowell, fora Poe posto em contacto com alguns jornalistas secundários das vizinhanças de Nova York, que se preparavam para lançar um novo semanário, que se chamaria o Broadway Journal. Para esse jornal foi Poe contratado, com funções redatoriais mais importantes do que as que lhe poderia oferecer Willis.

Em janeiro de 1845, o poema de Poe "O Corvo" foi publicado anonimamente no Evening Mirror, antes de seu aparecimento na Amencan Whig Review, de fevereiro. Provocou furor, e no sábado, 8 de fevereiro de 1845, o Sr. Willis tornou a publicá-lo, sob o nome do autor, no Evening Mirror. A reputação de Poe tomou imediatamente o aspecto da fama que nunca mais veio a perder.
É inútil dizer que nenhum poema na América jamais se tornara tão popular. O poeta continuou a redigir o Broadway Journal, onde prosseguiu na polêmica com Longfellow, resenhou livros, publicou e republicou suas poesias, escreveu resenhas dramáticas e críticas literária, e reimprimiu muitas de suas estórias, agora mais avidamente lidas, por provirem de uma pena famosa. Estava-se também preparando para tornar-se proprietário do Broadway Journal e, com este fim, endividou-se, enquanto querelava com Briggs, um de seus sócios.

Começou então, também, pela primeira vez, desde seus antigos dias de Richmond, a levar uma vida menos solitária e a freqüentar uma sociedade semi literária e artística. Poe foi bastante visto, durante o inverno de 1845, nos "salões" de vários escritores e de menores luminares da sociedade de Nova York, que eram conhecidos como "os literatos".

Por intermédio do Sr. Willis conheceu uma tal Sra. Fanny Osgood, mulher de um artista de alguma importância e poetisa de segunda ordem, com quem ele logo travou uma amizade íntima, senão amorosa. Acompanhava-a por toda parte, a tal ponto que ela se viu finalmente obrigada, por causa do escândalo provocado e por causa de seu próprio estado de tuberculose, a seguir para Albany. Poe acompanhou-a até ali, depois a Boston, e dali a Providência, em Rhode Island, onde, num passeio solitário, tarde da noite, viu pela primeira vez uma tal Sra. Helen Whitman, com quem mais tarde tratou casamento. O segundo poema chamado "A Helena" celebra esse encontro.Lowell visitou Poe em Nova York, na primavera de 1845, e encontrou-o levemente embriagado, nos seus aposentos da Broadway, 195, para onde ele se havia recentemente mudado. Em julho, o Dr. Chivers também o visitou e viu-o, certas vezes, sob a influência do álcool, mas, não obstante, com as características de seu gênio.

Os negócios de Poe, a despeito de sua crescente fama, não prosperavam.

Publicou uma série de artigos no Godey's Lady's Book, sobre os literatos de Nova York. Eram esboços pessoais, combinados com os obiter dicta do autor e um traço de crítica literária, que causaram considerável rumor naquele tempo e, em um ou dois casos, envolveram Poe em questões pouco dignas. Os "Artigos Sobre os Literatos" não pertencem á crítica literária mais séria de Poe, mas são essenciais como um comentário fácil e contemporâneo sobre pessoas que ele conhecia, a maior parte delas obscuras.

Em fins de 1845, apesar de seus desesperados esforços, o Broadway Journal faliu, deixando seu redator, e já naquele tempo seu único proprietário, endividado, desanimado e doente. Virgínia, sua mulher, continuava a definhar e aproximava-se da morte. Poe achava-se, mais uma vez, sem meios de vida. Entretanto, tinha-se mudado de novo para a Rua da Amizade, n.0 185. Uma infeliz conferência em Boston, no outono daquele ano, tinha proporcionado uma oportunidade a Poe, então em sério estado nervoso, de fazer mais ou menos uma exibição de si mesmo. O caso foi aproveitado pelos seus inimigos de Nova York, que o exploraram muito. Tudo isso contribuiu para aumentar sua depressão. Apesar disso, porém, conseguira dar a lume, em junho de 1845, seus Contos, coleção de estórias suas, selecionadas por E. A. Duyckinck, hábil editor, e publicada por Wiley & Putnam. Seguiu-se-lhe, em dezembro de 1845, O Corvo e Outros Poemas, seleção de seus versos, editada pelo mesmo livreiro. Na série de trabalhos de Poe surgidos durante sua vida, constituem estes dois, respectivamente, os livros oitavo e nono. Os Contos foram, em alguns casos, publicados em dois volumes e ambas as edições obtiveram pouco êxito. Ao mesmo tempo, sabia-se que Poe estivera a trabalhar numa antologia de vários escritores americanos, em que se ocupava de vez em quando, durante vários anos. Nunca foi publicada, embora existam alguns fragmentos do manuscrito.

Os negócios de Poe e a saúde do Virgínia urgiam mais uma vez uma mudança para o campo. Enquanto Poe viajava para Baltimore, a fim de fazer conferências, na primavera de 1846, a Sra. Clemm e Virgínia foram de novo passar uma temporada na fazenda de Bloomingdale. Poucas semanas depois, encontramos a família toda, numa casa de fazenda, na "Baía da Tartaruga", atualmente Rua 47 e East River. A estada ali foi breve. Poe alugou uma casinha de campo de madeira em Fordham, então uma pequena aldeia, a cerca de quinze milhas de Nova York, e para ali a família se mudou, em fins de maio de 1846.

Na casinhola de Fordham, ainda conservada como relíquia no Parque de Poe, na cidade de Nova York, o poeta e sua bondosa sogra, Maria Clemm, sofreram juntos os extremos da tragédia da pobreza, da morte e do desespero. O verão de 1846 foi amargurado por uma violenta briga com um tal T. D. English, a quem Poe havia atacado azedamente nos "Artigos Sobre os Literatos". English então replicou e depois de um encontro pessoal com Poe acusou-o de falsificação, no Mirror, de Nova York. Poe processou o jornal e conseguiu receber pequena quantia como indenização, em fevereiro de 1847.

A saúde de Poe era excepcionalmente má. Sua mulher continuava a definhar rapidamente e ele próprio nem podia escrever bastante nem obter emprego. Durante a maior parte do tempo, a Sra. Clemm, graças a vários artifícios e ardis, conseguiu alimentá-los. Ela, ao mesmo tempo, pedia emprestado e mendigava e viu-se mesmo reduzida à necessidade de cavar legumes, à noite, nos campos das fazendas vizinhas. Com a chegada do tempo frio, as visitas de amigos e pessoas curiosas da cidade cessaram e os Poe foram deixados sozinhos, em face dos rigores do inverno, sem combustível ou suficientes roupas e alimentos. Sob tais rigores, Virgínia definhava rapidamente. Jazia numa cama de palha, enrolada no capote de seu marido e com um gato de estimação no colo, para fornecer-lhe calor. Em dezembro de 1846, a família foi visitada por uma amiga de Nova York, a Sra.Maria Luisa Shew, que encontrou Virgínia moribunda e Poe e sua "mãe" sem recursos. Graças à sua bondade e um apelo público pelos jornais, as necessidades imediatas da família foram aliviadas e Virgínia pôde morrer em relativa paz, nos fins de janeiro de 1847. Foi enterrada em Fordham, mas depois removida para o lado de seu marido, em Baltimore.

O FIM

DEPOIS DA MORTE de Virgínia, a Sra. Clemm continuou a tratar de Poe, que pouco a pouco voltou a um estado de saúde um tanto melhor. A Sra. Shew auxiliou-a nisso, mas se viu por fim obrigada a retirar-se, devido às exigências amorosas de seu paciente. Ajudado por seus amigos, mais uma vez começou Poe a aparecer em público. Em Fordham, escrevera ele "Eureka", longo "poema em prosa", de forma semi científica e metafísica, que foi publicado em março de 1848, por Geo B. Putnam, de Nova York. Foi este o décimo e último dos livros do poeta, publicados durante sua vida, embora se saiba existir uma edição de seus contos, datada de 1849. A natureza de "Eureka" impediu-o de se tornar popular. Poe começou a fazer então conferências, depois de uma viagem a Filadélfia, no verão de 1847, quando outra recaída na bebida quase se revelou fatal.

O fim de sua vida foi assinalado pela publicação de alguns de seus mais notáveis poemas, "Os Sinos", "Ulalume", "Annabel Lee" e outros, e por sua paixão por diversas mulheres.
Durante várias viagens, a fim de pronunciar conferências em Lowell, Massachusets, e Providência, em Rhode Island, ficou ele conhecendo Annie Richmond e Sara Helen Whitman, a primeira, uma mulher casada, e a última, viúva, de certa reputação literária e de considerável encanto.

Depois de uma visita a Richmond, na Virgínia, no verão de 1848, na qual tentou travar um duelo com um tal Daniel, redator de um jornal de Richmond, de novo entregou-se à bebida. Começou a fazer a corte à Sra. Whitman, visitando-a muitas vezes em Providência e mantendo uma intensa correspondência. Por fim obteve o seu hesitante consentimento para casar-se com ele, sob a condição de que se abstivesse da bebida. Porém, então num estado de triste aturdimento, achava-se "apaixonado", ou tão escravizado à simpatia da Sra. Richmond que, numa tentativa de pôr fim aos seus impossíveis problemas amorosos, tentou suicidar-se, ingerindo láudano, em Boston, em novembro de 1848. A dose foi apenas um vomitório e ele sobreviveu.

No dia seguinte, num estado que raiava pela loucura, apareceu em Providência e suplicou à Sra. Whitman que cumprisse sua promessa. Ela; ao que parece, na esperança de talvez salvá-lo, estava inclinada a casar com o poeta, mas a oposição dos parentes e outra volta a bebedice da parte de Poe, finalmente levaram-na a despedi-lo . Grandemente pesaroso voltou para Fordham, na mesma noite. Para os confortadores cuidados da pobre da senhora Clemm, que se preparava com relutância para acolher uma noiva.

Poe, tentou abafar o negócio e liquidá-lo com certa fanfarronice. Haviam divulgado, porém, notícias que causaram considerável escândalo. Ele se pôs então a escrever com renovada atividade, enquanto continuava sua correspondência com a Sra. Richmond. A infeliz ,persistia em acompanhar-lhe os passos como um cão. Magazines que haviam aceitado seu trabalho faliam, ou suspendiam pagamento, sua saúde novamente piorou, e a Sra. Clemm viu-se obrigada a cuidar dele, em meio do delírio. Finalmente um melhor, mas simples fantasma de si mesmo, empreendeu reviver seu plano de um magazine, O Estilo, e, com capital fornecido por um admirador do Oeste, E. H. N. Patterson, partiu para Richmond (Virgínia), na primavera de 1849, esperando obter auxilio ali de velhos amigo. A Sra. Clemm ficou em Nova York, em casa duma poetisa, em Brooklyn, que devia favores a Poe.

A caminho de Richmond, Poe se deteve em Filadélfia, onde começou de novo a beber, andando a vagar num estado de demência .Por fim foi salvo da prisão e tirado das ruas por alguns amigos fiéis, que reuniram a quantia suficiente para enviá-lo a seu destino.

Avisado pelo que fora uma quase aproximação da morte em Filadélfia, Poe lutou com todas as forças que lhe restavam para abster-se da bebida, e durante algum tempo conseguiu-o. Em Richmond, pôde, com auxílio de velhos amigos e de outras pessoas, que agora reconheciam tanto sua fraqueza quanto seu gênio, encenar uma breve rentrée. Fez conferências em Richmond e em Norfolk com grande êxito; apareceu com aplausos e dignidade na sociedade, e se tornou, finalmente, depois de alguma dificuldade mais uma vez merecedor de obter a promessa de casamento de seu amor da mocidade, Elmira Royster - agora Sra. A. B. Shelton, viúva em boa situação.

Os preparativos para o casamento prosseguiram. A data foi marcada. Por algum tempo, parecia que o romance da mocidade do poeta com Elmira ia merecer a recompensa de sua mão e de um vultoso quinhão da viúva, em meio da vida.

Cartas foram escritas à Sra. Clemm participando o estado de coisas, e Poe estava pronto a voltar a Nova York, a fim de trazê-la a Richmond, para assistir ao casamento. Pouca dúvida pode haver de que em todos esse planos visse Poe não apenas a volta de sua "perdida Lenora", mas uma velhice confortável, preparada para a Sra. Clemm, refúgio contra o mundo e vitória sobre a pobreza.

Até o fim, escrevia ele à Sra. Clemm, dizendo que ainda amava a Sra. Annie Richmond e desejava que o "Sr. R. " morresse. Com esta carta, uma das últimas que escreveu, a curiosa história de seus amores acaba em contradição e ambigüidade, como começara.

Tomando algum pouco dinheiro, que recebera do produto de uma conferência, realizada pouco antes de sua partida, Poe deixou Richmond, de manhã bem cedo, a 23 de setembro de 1849. Passara a tarde anterior com a Sra. Shelton e o casamento fora marcado para 1o. de outubro. Poe não conseguira abster-se completamente de beber enquanto estivera em Richmond, e se encontrava indubitavelmente num estado anormal, quando partiu. O inquérito, porém, mostra que ele se achava perfeitamente sóbrio naquela ocasião particular.

Viajou de navio até Baltimore e ali chegou a 29 de setembro. (que lhe aconteceu, naquela cidade, não pôde ser exatamente afirmado até hoje. Desenrolava-se uma eleição e a maioria das provas aponta o fato de que ele começou a beber e caiu nas mãos duma quadrilha de eleitores que provavelmente lhe ministraram algum licor com drogas e o fizeram votar. A três de outubro, foi encontrado pelo Dr. James E. Snodgrass, velho amigo, em horrível estado na sórdida taberna da Rua Lombard. Mandando avisar um parente de Poe, o Dr. Snodgrass levou o poeta, agora inconsciente e moribundo, num carro, até o Hospital Washington e pô-lo sob os cuidados do Dr. J. J. Moran, que era o médico-residente. Seguiram-se muitos dias de delírio, com apenas poucos intervalos de lucidez parcial.. Chamava repetidamente por um tal "Reynolds" e revelava todos os indícios de extremo desespero. Finalmente, na manha de domingo, 7 de outubro de 1849, aquietou-se e pareceu repousar por breve tempo. Depois, movendo devagar a cabeça, disse: "Senhor ajudai minha pobre alma."
E assim morreu, como vivera - em grande miséria e tragicamente.

O HOMEM E A OBRA
CHARLES BAUDELAIRE

É UM PRAZER bem grande e bem útil comparar os traços fisionômicos dum grande homem com suas obras. As biografias, as notas sobre os costumes, os hábitos, o físico dos artistas e dos escritores sempre suscitaram uma curiosidade bem legítima. Quem não procurou algumas vezes a acuidade do estilo e a nitidez das idéias de Erasmo, no recorte acentuado de seu perfil, o calor e o tumulto de suas obras na cabeça de Diderot e na de Mercier, onde um pouco de fanfarronada se mistura à bonomia; a ironia obstinada do sorriso persistente de Voltaire, sua careta de combate, o poder de comando e de profecia no olhar lançado para o horizonte, e a sólida figura de José de Maistre, águia e boi ao mesmo tempo?

Quem não se deu ao engenhoso trabalho de decifrar a Comédia Humana na fronte e no rosto potentes e complicados de Balzac?

Edgar Poe era de estatura um pouco abaixo da média, mas todo o seu corpo era solidamente constituído. Tinha pés e mãos pequenos. Antes de vir a ter sua compleição combalida, era capaz de maravilhosas proezas de força. Dir-se-ia que a Natureza, e creio que isso já foi muitas vezes observado, torna a vida bastante dura àqueles de quem deseja extrair grandes coisas. De aparência muitas vezes mesquinhas, são talhados como atletas, tão bons para o prazer como para o sofrimento. Balzac, assistindo aos ensaios de Recursos de Quinola, dirigindo-os e desempenhando ele próprio todos os papéis, corrigia provas de seus livros; ceava com os atores, e quando toda a gente fatigada ia dormir, entregava-se ele de novo vivamente ao trabalho. Todos sabem que enormes excessos de insônia e de sobriedade praticou ele.

Edgar Poe, na mocidade, se distinguira bastante em todos os exercícios de destreza e de força; isto condizia um pouco com seu talento: cálculos e problemas. Um dia apostou que partiria dum dos cais de Richmond, que subiria a nado umas sete milhas o rio James e voltaria a pé no mesmo dia. E o fez. Era um dia ardente de verão. Nem por isso passou lá tão mal.

Aspecto, gestos, marcha, posição da cabeça, tudo o assinalava, quando se achava ele nos seus bons dias, como um homem de alta distinção. Era marcado pela Natureza, como essas pessoas que, num grupo, no café, na rua, atraem o olhar do observador e o preocupam. Se jamais a palavra "estranho", de que tanto se abusou nas descrições modernas, se aplicou bem a alguma coisa, foi certamente ao gênero de beleza de Poe. Suas feições não eram vultosas, mas bastante regulares, a tez dum moreno-claro, a fisionomia triste e distraída, e se bem que não a apresentasse, nem o tom da cólera nem o da insolência tinham algo de penoso.

Seus olhos, singularmente belos, à primeira vista pareciam dum cinzento sombrio; melhor examinados, porém, mostravam-se gelados por um leve tonalidade violeta indefinível. Quanto à fronte era majestosa não que lembrasse as proporções ridículas que os maus artistas inventam, quando, para lisonjear o gênio, transformam-no em hidrocéfalo, mas dir-se-ia que uma força interior desbordante impele para diante os órgãos da perfeição e da construção. As partes que os craneologistas atribuem o sentido do pitoresco não estavam no entanto, ausentes, mas pareciam deslocadas, oprimidas, acotoveladas pela tirania soberba e usurpadora da comparação, da construção e da casualidade.

Sobre essa fronte tronava também, num orgulho calmo, o sentido da idealidade e do belo absoluto, o senso estético por excelência. Malgrado todas essas qualidades, aquela cabeça não apresentava um conjunto agradável e harmonioso. Vista de lado, feria e dominava a atenção pela expressão dominadora inquisitorial da fronte, mas o perfil revelava certas deficiências havia uma imensa massa de crânio, adiante e atrás, e medíocre quantidade no meio; afinal uma enorme potência animal e intelectual, e uma falha no lugar da venerabilidade e das qualidades afetivas.

Os ecos desesperados da melancolia, que atravessam as obras de Poe, têm um acento penetrante, é verdade, mas é preciso dizer também que é uma melancolia bem solitária e pouco simpática para o comum dos homens.

Tinha Poe os cabelos negros, semeados de alguns fios brancos grosso bigode eriçado, que ele esquecia de pôr em ordem e alisar devidamente. Trajava com bom-gosto, mas negligentemente, com um cavalheiro que tem bem outras coisas que fazer. Suas maneiras eram perfeitas, muito polidas e cheias de segurança.

Mas sua conversação merece menção especial. A primeira vez que interroguei um americano a esse respeito, respondeu-me ele, rindo muito: “Oh! oh! ele tinha uma conversa que não era lá muito consecutiva!" Depois de algumas explicações, compreendi que Poe dava vastas pernadas no mundo das idéias, como um matemático que fizesse um demonstração diante de alunos já bem fortes em Matemática, que ele monologava muito.

Na verdade, era uma conversa essencialmente nutritiva. Não era um beau parleur, e aliás sua palavra como seus escritos, tinha horror à convenção; mas um vasto saber o conhecimento de várias línguas, sólidos estudos, idéias colhidas em vários países faziam dessa palavra um ensinamento incomparável . Enfim, era um homem para ser freqüentado pelas pessoas que medem sua amizade pelo ganho espiritual que podem auferir duma convivência. Mas parece que Poe tenha sido pouco severo na escolha de seu auditório. Que seus auditores fossem capazes de compreender suas abstrações sutis, ou admirar as gloriosas concepções, que rasgavam continuamente com seus clarões o céu sombrio de seu cérebro, era coisa que não lhe causava preocupação.

Vou procurar dar uma idéia do caráter geral que domina as obras de Edgar Poe.

Poe se apresenta sob três aspectos: crítico, poeta e romancista; e mais, no romancista há um filósofo. Quando foi chamado para dirigir o Mensageiro Literário do Sul (Southern Literary Messenger), ficou estipulado que ganharia 2 500 francos por ano. Em troca de tão medíocres honorários, deveria encarregar-se da leitura e escolha dos trechos destinados à composição do número do mês, e da redação da parte chamada editorial, isto é, da análise de todas as obras aparecidas e da apreciação de todos os fatos literários. Além disso, contribuiria muitas vezes com um conto ou uma poesia. Durante dois anos, pouco mais ou menos, exerceu essa tarefa. Graças à sua ativa direção e à originalidade de sua critica, o Mensageiro Literário atraiu dentro em pouco todas as atenções.

Tenho, diante de mim, a coleção dos números desses dois anos. A parte editorial é considerável; os artigos são bastante longos. Muitas vezes, no mesmo número, encontra-se a resenha dum romance, dum livro de poesia, dum livro de medicina, de física ou de História. Todas são feitas com o maior cuidado, e denotam no autor um conhecimento das diversas literaturas e uma aptidão científica, que recordam os escritores franceses do século XVIII. Parece que durante seus precedentes tempos miseráveis, Edgar Poe havia posto o seu tempo a juros e agitado um rol de idéias. Há ali uma coleção notável de apreciações criticas dos principais autores ingleses e americanos, muitas vezes de memórias francesas. Donde partia uma idéia, qual era sua origem, seu objetivo, a que escola pertencia ela, qual era o método do autor, salutar ou perigoso, tudo isso era nitidamente, claramente, rapidamente explicado.

Se Poe atraiu fortemente as atenções sobre si, arranjou também numerosos inimigos. Profundamente penetrado por suas convicções, fez guerra infatigável aos falsos raciocínios, às imitações bobas, aos barbarismos e a todos os delitos literários, que se cometem diariamente nos jornais e nos livros. Desse lado, nada havia a reprochar-lhe.

Pregava com o exemplo. Seu estilo é puro, adequado às idéias, dando delas a expressão exata. Poe é sempre correto. Fato bastante assinalável é que um homem de imaginação tão erradia e tão ambiciosa seja ao mesmo tempo tão amoroso das regras, e capaz de análises estudiosas e de pacientes pesquisas. Dir-se-ia uma antítese feita carne. Sua glória de crítico prejudicou bastante sua fortuna literária. Muitos se quiseram vingar. Não houve censuras que não lhe lançassem mais tarde em rosto, à medida que sua obra se avolumava. Toda a gente conhece essa longa e banal ladainha: imoralidade, falta de ternura, ausência de conclusões, extravagância, literatura inútil. A critica francesa jamais perdoou a Balzac « o Grande homem provinciano em Paris ».

Como poeta, Edgar Poe é um homem à parte. Representa quase sozinho o movimento romântico do outro lado do Oceano. É o primeiro americano que, propriamente falando, fez do seu estilo uma ferramenta. Sua poesia, profunda e gemente, é, não obstante, trabalhada, pura, correta e brilhante, como uma jóia de cristal.

Edgar Poe amava os ritmos complicados, e, por mais complicados que fossem, neles encerrava uma harmonia profunda. Há um pequeno poema seu, intitulado "Os Sinos" , que é uma verdadeira curiosidade literária; traduzível, porém, não o é. "O Corvo" logrou vasto êxito. Segundo afirmam Longfellow e Emerson, é uma maravilha O assunto é quase nada, e é uma pura obra de arte. O tom é grave e quase sobrenatural, como os pensamentos da insônia; os versos caem um a um, como lágrimas monótonas. No "País dos Sonhos" , tentou descrever a sucessão dos sonhos e das imagens fantásticas que assaltam a alma quando o olho corpóreo está cerrado. Outros poemas como "Ulalume" e "Annabel Lee" gozam de igual celebridade. Mas a bagagem poética de Poe é diminuta. Sua poesia, condensada e laboriosa, custava-lhe, sem dúvida, muito esforço e ele necessitava muitas vezes de dinheiro, para que se pudesse entregar a essa dor voluptuosa e infrutífera.

Como novelista e romancista, Edgar Poe é único no seu gênero, como Maturin, Balzac, Hoffmann, cada um no seu. Os variados trabalhos que espalhou em revistas foram reunidos em dois grupos, um, Contos do Grotesco e Arabesco, o outro Contos de Edgar A. Poe, edição Wiley & Putnam. Forma tudo um total de setenta e dois trabalhos mais ou menos. Há ali bufonadas violentas, puro grotesco, aspirações desenfreadas para o infinito e uma grande preocupação pelo magnetismo.

Nele é atraente toda entrada em assunto, sem violência, como um turbilhão. Sua solenidade surpreende e mantém o espírito alerta. Sente-se, desde o princípio, que se trata de algo grave. E lentamente, pouco a pouco, se desenrola uma estória, cujo interesse inteiro repousa sobre um imperceptível desvio do intelecto, sobre uma hipótese audaciosa, sobre uma dosagem imprudente da Natureza no amálgama das faculdades. O leitor, tomado de vertigem, é constrangido a seguir o autor em suas arrebatadoras deduções.

Nenhum homem jamais contou com maior magia as exceções da vida humana e da natureza; os ardores de curiosidade da convalescença; o morrer das estações sobrecarregadas de esplendores enervantes, os climas quentes, úmidos e brumosos, em que o vento do sul amolece e distende os nervos, como as cordas de um instrumento, em que os olhos se enchem de lágrimas, que não vêm do coração; a alucinação deixando, a princípio, lugar à dúvida, para em breve se tornar convencida e razoadora como um livro; o absurdo se instalando na inteligência e governando-a com uma lógica espantosa; a histeria usurpando o lugar da vontade, a contradição estabelecida entre os nervos e o espírito, e o homem descontrolado, a ponto de exprimir a dor por meio do riso. Analisa o que há de mais fugitivo, sopesa o imponderável e descreve, com essa maneira minuciosa e científica, cujos efeitos são terríveis, todo esse imaginário que flutua em torno do homem nervoso e o impele para a ruína.

Geralmente Edgar Poe suprime as coisas acessórias, ou pelo menos não lhes dá senão um valor mínimo. Graças a esta sobriedade cruel, a idéia geratriz se torna mais visível e o assunto se recorta ardentemente, sobre esses segundos planos nus. Quanto a seu método de narração, é simples. Abusa do eu com uma cínica monotonia. Dir-se-ia que está tão certo de interessar, que pouco se preocupa em variar seus meios. Seus contos são quase sempre narrativas ou manuscritos do personagem principal. Quanto ao ardor com que trabalha muitas vezes no que é horrível, observei em muitos homens que isso se deve a uma imensa energia vital sem exercícios, por vezes a uma castidade obstinada e também a uma profunda sensibilidade recalcada. A volúpia sobrenatural, que o homem pode experimentar em ver correr seu próprio sangue, os movimentos bruscos e inúteis, os grandes gritos lançados ao ar quase involuntariamente são fenômenos análogos. A dor éum alívio para a dor, a ação repousa do repouso.

Nos contos de Poe jamais se encontra amor. Pelo menos, "Ligéia " e " Eleonora" não são propriamente falando, estórias de amor, sendo outra a idéia principal sobre a qual gira a obra. Talvez acreditasse ele que a prosa não é a linguagem à altura desse estranho e quase intraduzível sentimento; porque suas poesias, em compensação, estão fartamente saturadas de amor. A divina paixão nelas aparece magníficamente constelada, e sempre velada por uma irremediável melancolia. Nos seus artigos, fala algumas vezes de amor como se uma coisa cujo nome faz a pena estremecer. No " Domínio de Arnheim " afirmará que as quatro condições elementares da felicidade são: a vida ao ar livre, o amor duma mulher, o desprendimento de qualquer ambição e a criação dum Belo novo.

O que corrobora a idéia da Sra. Frances Osgood referente ao respeito cavalheiresco de Poe pelas mulheres é que, malgrado seu prodigioso talento para o grotesco e para o horrível, não há em toda a sua obra uma única passagem que se refira à lubricidade ou mesmo aos prazeres sensuais. Seus retratos de mulheres são, por assim dizer, aureolados;

brilham em meio dum vapor sobrenatural e são pintados à maneira enfática dum adorador. - Quanto aos pequenos episódios romanescos, há motivo para espanto que uma criatura tão nervosa, cuja sede do Belo era talvez o traço principal, tenha por vezes, com ardor apaixonado, cultivado a galantaria esta flor vulcânica e almiscarada, para a qual o cérebro fervente dos poetas é terreno predileto?

Em Edgar Poe não há choraminguices enervantes, mas por toda a parte incessantemente, o ardor infatigável pelo ideal. Como Balzac que morreu triste talvez triste por não ser um puro sábio, tem sanhas de ciência. Escreveu um Manual do Concologista. Tem, como os conquistadores e os filósofos, uma aspiração arrebatadora para a unidade; assimila as coisas morais às coisas físicas. Dir-se-ia que procura aplicar à literatura os processos da filosofia, e à filosofia o método da álgebra.

Nessa incessante ascensão para o infinito, perde-se um pouco o fôlego. O ar fica rarefeito nessa literatura como num laboratório. Contempla-se aí sem cessar a glorificação da vontade, aplicando-se à indução e à análise. Poe parece querer arrancar a palavra aos profetas e atribuir-se o monopólio da explicação racional. Assim, as paisagens que servem por vezes de fundo a suas ficções febris são pálidas como fantasmas. Poe, que não partilhava das paixões dos outros homens, desenha árvores e nuvens que se assemelham a sonhos de nuvens e de árvores, ou antes, que se assemelham a seus estranhos personagens, agitadas, como eles, por um calafrio sobrenatural e galvânico.

Os personagens de Poe, ou melhor, o personagem de Poe, o homem de faculdades super agudas, o homem de nervos relaxados, o homem cuja vontade ardente e paciente lança um desafio às dificuldades, aquele cujo olhar está ajustado, com a rigidez duma espada, sobre objetos que crescem, à medida que ele os contempla - é o próprio Poe. - E suas mulheres, todas luminosas e doentes, morrendo de doenças estranhas e falando com uma voz que parece música, são ele ainda; ou pelo menos, por suas aspirações estranhas, por seu saber, por sua melancolia incurável, participam fortemente da natureza de seu criador.

Quanto à sua mulher ideal, à sua Titânide, revela-se em diferentes retratos, esparsos nas suas poesias pouco numerosas, retratos, ou antes, maneiras de sentir a beleza, que o temperamento do autor aproxima e confunde numa unidade vaga mas sensível, e onde vive mais delicadamente talvez que em qualquer parte esse amor insaciável do Belo, que é seu grande titulo, isto é, a soma de seus títulos à afeição e ao respeito dos poetas.

EDGAR ALLAN POE – FICÇÃO COMPLETA – CONTOS DE TERROR, MISTÉRIO E MORTE

WILLIAM WILSON

Que dirá ela? Que dirá a horrenda consciência, aquele espectro no meu caminho?
CHAMBARLAIN : Pharronida

PERMITI QUE, por enquanto, me chame William Wilson. A página virgem que agora se estende diante de mim não precisa ser manchada com meu nome verdadeiro. Esse nome já foi por demais objeto de desprezo, de horror, de abominação para minha família. Não terão os ventos indignados divulgado a incomparável infâmia dele até as mais longínquas regiões do globo? Oh, o mais abandonado de todos os proscritos! Não terás morrido para o mundo eternamente?

Para suas honras, para suas flores, para suas douradas aspirações? E não está para sempre suspensa, entre tuas esperança e o céu, uma nuvem espessa, sombria e sem limites? Não quereria, mesmo que o pudesse, aqui ou hoje, reunir as lembranças de meus últimos anos de indizível miséria e um imperdoável crime. Essa época - esses últimos anos - atingiu súbita elevação de torpeza, cuja origem única é minha intenção atual expor. Tornam-se os homens usualmente vis, pouco a pouco. Mas de mim, num só instante, a virtude se desprendeu, realmente, como uma capa. Duma perversidade relativamente trivial, passei, a passadas de gigante, para enormidades maiores que as de Heliogábalo. Que oportunidade, que único acontecimento trouxe essa maldição é o que vos peço permissão para narrar.

A morte se aproxima e a sombra que a antecede lançou sobre meu espírito sua influência suavizante. Anseio, ao atravessar o lutulento vale, pela simpatia - ia quase dizer, pela compaixão - de meus semelhantes. De bom grado fá-los-ia acreditar que tenho sido, de algum modo, escravo de circunstâncias superiores ao controle humano. Desejaria que eles descobrissem para mim, entre os pormenores que estou a ponto de relatar, algum pequeno oásis de fatalidade, perdido num deserto de erros. Quereria que eles admitissem - o que não poderiam deixar de admitir - que, embora grandes tentações possam ter outrora existido, homem algum jamais, pelo menos, foi assim tentado antes e certamente jamais assim caiu. E será, pois, por isso que ele jamais assim sofreu? Não teria eu, na verdade, vivido em sonho? E não estarei agora morrendo vitima do horror e do mistério da mais estranha de todas as visões sublunares?

Descendo de uma raça que se assinalou, em todos os tempos pelo seu temperamento imaginativo e facilmente excitável. E desde a mais tenra infância dei prova de ter plenamente herdado o caráter da família. À medida que me adiantava em anos, mais fortemente se desenvolvia ele, tornando-se, por muitas razões, causa de sérias inquietações para os meus amigos e de positivo dano para mim mesmo. Dei-me voluntarioso, afeto aos mais extravagantes caprichos e presa das mais indomáveis paixões. Espíritos fracos e afetados de enfermidades constitucionais da mesma natureza da que me atormentava, muito pouco podiam fazer meus pais para deter as tendências

más que me distinguiam. Alguns esforços fracos e mal dirigidos resultavam em completo fracasso, da parte deles, e, sem dúvida em completo triunfo da minha. A partir de então minha voz era lei dentro de casa e, numa idade em que poucas crianças deixavam as suas andadeiras, fui abandonado ao meu próprio arbítrio e tornei-me, em tudo, menos de nome, o senhor de minhas próprias ações.

Minhas mais remotas recordações da vida escolar estão ligadas a uma grande extravagante casa de estilo isabelino numa nevoenta aldeia da Inglaterra, onde havia grande quantidade de árvores gigantescas, e nodosas e onde todas as casas eram extremamente antigas.

Na verdade aquela venerável e vetusta cidade era um lugar de sonho e que excitava a fantasia. Neste instante mesmo, sinto na imaginação o arrepio refrescante de suas avenidas intensamente sombreadas, respiro a fragrância de seus mil bosquetes e estremeço ainda com indefinível prazer, à lembrança do som cavo e profundo do sino da igreja quebrando a cada hora, com súbito e soturno estrondo, a quietação da atmosfera fusca em que se embebia e adormecia o gótico campanário crenulado.

Retardar-me nas minudentes recordações das coisas escolares é talvez o maior prazer que me é dado agora experimentar, de certo modo. Imerso na desgraça como estou - desgraça, ai de mim!, demasiado real - merecerei perdão por procurar alívio, por mais ligeiro e temporário que seja, nessas poucas minúcias fracas e erradias, embora extremamente vulgares e até mesmo ridículas em si mesmas, assumem na minha imaginação uma importância adventícia, por estarem ligadas a uma época e lugar em que reconheço as primeiras advertências ambíguas do destino que veio depois tão profundamente ensombrecer-me.

Deixai-me, pois, recordar.

A casa, como disse, era velha e irregular. Os terrenos eram vastos e um alto e sólido muro de tijolos, encimado por uma camada de argamassa e e cacos de vidro, circundava tudo. Aquela muralha, semelhante à de uma prisão, formava o limite de nosso domínio; nossos olhos só iam além dele três vezes por semana: uma, todos os sábados à tarde, quando, acompanhados por dois regentes, tínhamos permissão de dar curtos passeios em comum por alguns dos campos vizinhos; e duas vezes, nos domingos, quando íamos, como em parada, da mesma maneira formalística, ao serviço religioso da manhã e da noite, na única igreja da aldeia. O pastor dessa igreja era o diretor da nossa escola. Com que profundo sentimento de maravilha e perplexidade tinha eu o costume de contemplá-lo de nosso distante banco na tribuna, quando, com passo solene e vagaroso, subia ele ao púlpito! Aquele personagem venerando, com seu rosto tão modestamente benigno, com trajes tão lustrosos e tão clericalmente flutuantes, com sua cabeleira tão cuidadosamente empoada, tão tesa e tão vasta, poderia ser o mesmo que, ainda há pouco, de rosto azedo e roupas manchadas de rapé, fazia executar, de palmatória em punho, as draconianas leis do colégio? Oh gigantesco paradoxo, por demais monstruoso para ser resolvido!A uma esquina da muralha maciça erguia-se, sombrio, um portão ainda mais maciço, bem trancado e guarnecido de ferrolhos de ferro arrematado por denteados espigões de ferro. Que impressão de intenso terror ele inspirava! Nunca se abria senão para as três periódicas saídas e entradas já mencionadas; então, a cada rangido de seus poderosos gonzos, descobríamos uma plenitude de mistério...um mundo de solenes observações ou de meditações ainda mais solenes.

O extenso recinto era de forma irregular, possuindo muitos recantos espaçosos, dos quais três ou quatro dos mais vastos constituíam o campo de recreio. Era plano e recoberto dum cascalho fino e duro. Lembro-me bem de que não haviam árvores, nem bancos, nem qualquer coisa semelhante. Ficava, naturalmente, na parte posterior da casa. Na frente,

estendia-se um pequeno jardim, plantado de buxo e outros arbustos; mas, por entre aquela sagrada região só passávamos, realmente, em bem raras ocasiões, tais como a da primeira ida ao colégio ou a da saída definitiva, ou talvez quando com um parente ou amigo, tendo vindo buscar-nos, tomávamos alegremente o caminho da casa paterna, pelas férias do Natal ou do São João.

Mas a casa! Que curioso casarão era aquele! Para mim, um verdadeiro palácio de encantamentos! Não havia realmente fim para as suas sinuosidades, era um nunca acabar de subdivisões incompreensíveis. Era difícil, em qualquer ocasião, dizer com certeza se a gente estava em algum dos seus dois andares. De cada sala para outra era certo encontrarem-se três ou quatro degraus a subir ou a descer. Depois as subdivisões laterais eram inúmeras - inconcebíveis - e tão cheias de voltas e reviravoltas que as nossas idéias mais exatas a respeito da casa inteira não eram mui diversas daquelas com que imaginávamos o infinito.

Durante os cinco anos de minha estada ali, nunca fui capaz de determinar, com precisão, em que remoto local, estava situado o pequeno dormitório que me cabia, bem como a uns dezoito ou vinte outros estudantes. A sala de aulas era a mais vasta da casa e do mundo, não podia eu deixar de pensar. Era muito comprida, estreita e sombriamente baixa, com janelas em ogivas e o forro de carvalho. A um canto distante, e que inspirava terror, havia um recinto quadrado de dois a três metros, abrangendo o sanctum "durante as horas de estudo" do nosso diretor, o Reverendo Dr. Bransby. Era uma sólida construção, de porta maciça; e, a abri-la na ausência do Mestre Escola, teríamos todos preferido morrer de la peine forte et dure. Em outros ângulos havia dois outros compartimentos idênticos, bem menos respeitados, é certo, mas mesmo assim motivadores de terror. Um era a cátedra do professor de "letras clássicas", e o outro a professor de "inglês e matemática". Espalhados pela sala, cruzando-se e entrecruzando-se, numa irregularidade sem fim, viam-se inúmeros bancos e carteiras, enegrecidos, velhos e gastos pelo tempo, horrivelmente sobrecarregados de montões de livros, manchados de tão retalhados de iniciais, de nomes por extenso, de grotescas figuras e outros numerosos lavores de faca, que haviam perdido inteiramente o pouco de forma original que lhes poderia ter cabido nos dias mais remotos. Um enorme pote de água erguia-se a uma extremidade da sala, e na outra um relógio de estupendas dimensões.

Encerrado entre as maciças paredes daquele venerável colégio, passei todavia, sem desgosto ou tédio, os anos do terceiro lustro de minha vida. O cérebro fecundo da infância não exige um mundo exterior de incidentes para com ele ocupar-se ou divertir-se; e a monotonia aparentemente triste de uma escola estava repleta de mais intensa excitação, que a que minha mocidade mais madura extraiu da luxúria ou minha plena maturidade do crime.

Todavia, devo crer que meu primeiro desenvolvimento mental tivesse tido muito de extraordinário e mesmo muito de exagerado. Em geral, os acontecimentos da primeira infância raramente deixam uma impressão definida sobre os homens, na idade madura. Tudo são sombras cinzentas recordações apagadas e imprecisas, indistinto amontoado de débeis prazeres e de fantasmagóricos pesares. Comigo tal não se deu. Devo ter na infância sentido, com a energia de um homem, o que agora encontro estampado na memória em linhas tão vivas, tão fundas, tão duradouras como os exergos das medalhas cartaginesas. Contudo, de fato - na realidade do mundo em que eu vivia - quão pouco havia para recordar! O despertar pela manhã, as ordens à noite para dormir, o estudo e recitação das lições, os periódicos semi feriados e passeios, o campo de recreio com seu barulho, com seus jogos, suas intrigas - tudo isso, graças a uma feitiçaria mental há muito esquecida, era de molde a envolver uma imensidade de sensações, um mundo de vastos acontecimentos, um universo de emoções variadas, de excitação, o mais apaixonado e

impressionante. Oh! le bon temps, que ce siècle de fer! (Oh! Que época boa aquela do século de ferro N.T.]

Na verdade, o ardor, o entusiasmo, a imperiosidade de minha natureza depressa me tornaram caráter assinalado entre meus colegas e pouco a pouco, por gradações naturais, deram-me um ascendente sobre todos os que não eram muito mais velhos do que eu; sobre todos...com uma única exceção. Essa exceção encontrava-se na pessoa de um aluno que, embora não fosse parente, possuía o mesmo nome de batismo e o mesmo sobrenome que eu. Circunstância de fato, pouco digna de nota, pois, não obstante uma nobre linhagem, o meu era um desses nomes cotidianos que parecem, por direito obrigatório, ter sido, desde tempos imemoriais, propriedade comum da multidão. Nesta narrativa designei-me, portanto, como William Wilson, título de ficção, não muito diferente do verdadeiro.

Só meu xará, de todos os que, na fraseologia da escola, constituíam "nossa turma", atreveu-se a competir comigo nos estudos da classe, nos esportes e jogos do recreio, a recusar implícita crença às minhas afirmativas e submissão à minha vontade, e, realmente a intrometer-se nos meus ditames arbitrários em todos os casos possíveis. Se há na terra um despotismo supremo e absoluto, é o despotismo de um poderoso cérebro juvenil sobre o espírito menos enérgicos de seus companheiros.

A rebeldia de Wilson era para mim fonte do maior embaraço, e tanto mais o era quanto, a despeito das bravatas com que em público, eu fazia questão de tratá-lo e às suas pretensões, no íntimo, sentia medo dele e não podia deixar de considerar a igualdade que ele mantinha tão facilmente comigo como uma prova de sua verdadeira superioridade, desde que me custava uma perpétua luta não ser sobrepujado.Todavia essa superioridade, ou igualdade, não era na verdade conhecida de ninguém, senão de mim mesmo; nossos companheiros, graças talvez a alguma cegueira inexplicável, nem mesmo pareciam suspeitar disso. Na verdade sua competição, sua resistência e, especialmente, sua obstinada interferência em meus propósitos não se manifestava exteriormente. Ele parecia ser destituído também da ambição que excita e da apaixonada energia de espírito que me capacitava a superar. Poderia supor-se que, em sua rivalidade, ele atuava somente por um desejo estranho de contradizer-me, espantar-me, mortificar-me, embora ocasiões houvesse em que eu não podia deixar de observar com uma sensação composta de maravilha, rebaixamento e irritação que ele misturava a suas injúrias, seus insultos ou suas contradições certa afetividade de maneiras muito imprópria e seguramente muito desagradável.

Só podia imaginar que essa singular conduta proviesse de uma presunção consumada que assumia os aspectos vulgares de patrocínio e proteção. Talvez tivesse sido este último traço do procedimento de Wilson conjugado com a nossa identidade de nome e o simples acaso de termos entrado na escola no mesmo dia, que trouxe à baila a idéia de que éramos irmãos, entre as classes mais velhas do colégio pois estas não indagavam usualmente, com bastante precisão dos negócios das classes menores.

Já disse antes, ou deveria ter dito que Wilson não tinha parentesco com a minha família, nem no mais remoto grau. Mas, seguramente, se tivéssemos sido irmãos, deveríamos ter sido gêmeos, pois, após ter deixado o colégio do Dr. Bransby vim a saber, por acaso, que o meu xará tinha nascido no dia 19 de janeiro de 1813, e isto é uma coincidência um tanto notável por ser precisamente o dia do meu próprio nascimento.

Pode parecer estranho que, a despeito da contínua ansiedade que me causavam a rivalidade de Wilson e seu intolerável espírito de contradição, não pudesse eu ser levado a odiá-lo totalmente. Tínhamos na verdade, uma briga quase todos os dias, na qual, concedendo-me publicamente a palma da vitória, ele, de certo modo, me obrigava a

sentir que não fora eu quem a merecera; contudo, um senso de orgulho de minha parte e uma verdadeira dignidade da dele conservavam-nos sempre no que chamávamos "relações de cortesia", ao mesmo tempo que havia muitos pontos de forte identidade em nossa índole, agindo para despertar em mim um sentimento que talvez , somente nossa posição impedisse de amadurecer em amizade. E difícil, na verdade, definir, ou mesmo descrever, meus reais sentimentos para com ele. Formavam uma mistura complexa e heterogênea; certa animosidade petulante que não era ainda ódio, alguma estima, ainda mais respeito, muito temor e um mundo de incômoda curiosidade.

Para o moralista, será necessário dizer, em acréscimo, que Wilson e eu éramos os mais inseparáveis companheiros. Foi sem dúvida o estado anômalo das relações existentes entre nós, que fez todos os meus ataques contra ele (e muitos eram francos ou encobertos) converterem-se em ironias ou mera brincadeira - ferindo, embora sob o aspecto do simples troça - em vez de hostilidade mais séria e preconcebida. Mas minhas tentativas nesse sentido não eram, de modo algum, uniformemente bem sucedidas, mesmo quando meus planos fossem os mais espirituosamente ideados, pois meu xará tinha muito, no caráter, daquela austeridade calma e despretensiosa que, embora goze a agudez de suas próprias pilhérias, não tem calcanhar-de-aquiles e recusa-se absolutamente a ser zombada. Eu podia descobrir, na realidade, apenas um ponto vulnerável e que, consistindo numa peculiaridade pessoal nascida, talvez enfermidade orgânica, teria sido poupada por qualquer antagonista menos incapaz de revidar do que eu: meu rival tinha uma deficiência nos órgãos faciais ou guturais que o impedia de elevar a voz em qualquer ocasião, acima de um sussurro muito baixo. Não deixei de tirar desse defeito todas as pobres vantagens que estavam em meu poder.

As represálias de Wilson eram de muitas espécies, e havia uma forma de sua virtual malícia que me perturbava além dos limites. Como sua sagacidade descobriu logo, de qualquer modo, que coisa tão insignificante me envergonhava é questão que jamais pude resolver, mas tendo-a descoberto, ele habitualmente me aborrecia com isso. Eu sempre sentira aversão a meu sobrenome vulgar e a meu comuníssimo, senão plebeu, prenome.

Tais palavras eram venenos aos meus ouvidos; e quando, no dia de minha chegada, um segundo Wilson William chegou também ao colégio, senti raiva dele por usar esse nome e sem dúvida antipatizei com o nome porque o usava um estranho que seria causa de sua dupla repetição, que estaria constantemente na minha presença e cujos atos, na rotina comum das coisas da, deviam, inevitavelmente, em virtude da detestável coincidência, confundir-se com os meus.

O sentimento de vexame assim engendrado tornava-se mais forte a cada circunstância que tendesse a mostrar semelhança, moral ou física entre meu rival e eu mesmo. Não tinha então descoberto o fato notável de sermos da mesma idade, mas via que éramos da mesma altura, e percebi que éramos, mesmo, singularmente semelhantes no contorno geral da figura e nos traços fisionômicos.

Exasperava-me, também, o rumor corrente nas classes superiores, de nosso parentesco. Numa palavra: nada podia perturbar-me mais seriamente (embora escrupulosamente escondesse tal perturbação) que qualquer alusão a uma similaridade de espírito, pessoa ou posição existente entre nós dois. Mas, na verdade, não tinha eu razão de acreditar que (com exceção da questão de parentesco e no caso do próprio Wilson) essa similaridade tivesse sido, alguma vez, assunto de comentários, ou mesmo fosse observada de algum modo pelos nossos colegas. Que ele a observasse em todas as suas faces e com tanta atenção quanto eu era coisa evidente; mas que descobrir, em semelhantes circunstâncias, um campo tão frutuoso de contrariedades só pode ser atribuído, como disse antes, a sua penetração fora do comum.

Sua réplica, que era perfeita imitação de mim mesmo, consistia em palavras e gestos, e desempenhava admiravelmente seu papel. Minha roupa era coisa fácil de copiar; meu andar e maneiras foram, sem dificuldade, assimilados e, a despeito de seu defeito constitucional, até mesmo minha voz não lhe escapava. Natural, não alcançava ele meus tons mais elevados, mas o timbre era idêntico e seu sussurro característico tornou-se o verdadeiro eco do meu.

Não me atreverei agora a descrever até que ponto esse estranhíssimo retrato (pois não o podia com justiça chamar de caricatura) me vexava. Tinha eu apenas um consolo no fato de ser a imitação, ao que parecia, notada somente por mim e ter eu de suportar tão só o conhecimento e os sorrisos estranhamente sarcásticos de meu próprio xará. Satisfeito por ter produzido no meu íntimo o efeito desejado, parecia ele rir em segredo com a picada que me dera e mostrava-se singularmente desdenhoso dos aplausos públicos, que o êxito de seus mordazes esforços pudesse ter tão facilmente conquistado.

Que a escola, realmente, não percebesse seu desígnio nem notasse sua realização ou participação de seu sarcasmo foi, durante ansiosos meses, um enigma que eu não podia resolver. Talvez a gradação de sua cópia não o tornasse prontamente perceptível, ou mais provavelmente, devia eu minha segurança ao ar dominador do copista que, desdenhando a letra (coisa que os espíritos obtusos logo percebem numa pintura), dava apenas o espírito completo de seu original para meditação minha, individual, e pesar meu.

Já falei, mais de uma vez, do desagradável ar de proteção que ele assumia para comigo e de sua freqüente intromissão oficiosa na minha vontade. Essa interferência tomava, muitas vezes, o caráter desagradável dum conselho; conselho não abertamente dado, mas sugerido ou insinuado. Recebia-o com uma repugnância que ganhava forças à medida que eu ganhava idade. Entretanto, naquela época já tão distante, quero fazer-lhe a simples justiça de reconhecer que não me recordo dum só caso em que as sugestões de meu rival tivessem participado daqueles erros ou loucuras tão comuns na sua idade, ainda carente de maturidade e de experiência; seu senso moral, pelo menos, se não seu talento geral e critério mundano era bem mais agudo do que o meu, e eu poderia, hoje, ter sido um homem melhor e, portanto, mais feliz, se não tivesse tão freqüentemente rejeitado os conselhos inclusos naqueles significativos sussurros que só me inspiravam, então, ódio cordial e desprezo amargo.

Sendo assim, afinal me tornei rebelde ao extremo à sua desagradável vigilância e cada dia mais e mais abertamente detestei o que considerava sua insuportável arrogância. Já disse que, nos primeiros anos de nossas relações, como colegas, meus sentimentos com referência a ele poderiam ter-se amadurecido facilmente em amizade; mas, nos últimos meses de minha estada no colégio, embora seus modos habituais de intrusão tivessem diminuído, fora de dúvida, algum tanto, meus sentimentos, em proporção quase semelhante, possuíam muito de positivo ódio. Certa ocasião ele o percebeu, creio, e depois disso evitou-me ou fingiu evitar-me.

Foi mais ou menos na mesma ocasião, se bem me lembro, que, numa violenta altercação com ele, em que se descuidou mais do que de costume e falou e agiu com uma franqueza de maneiras bem estranha à sua índole, descobri (ou imaginei ter descoberto) em sua pronúncia, na sua atitude, no seu aspecto geral algo que a princípio me chocou e depois me interessou profundamente, por me relembrar sombrias visões de minha primeira infância; tropel confuso e estranho de recordações de um tempo em que a própria memória ainda não nascera. Não posso descrever melhor a sensação que então me oprimiu do que dizendo que, com dificuldade, me era possível afastar a crença de haver conhecido aquele ser diante de mim em alguma época muito longínqua, em algum ponto do passado, ainda que infinitamente remoto. A ilusão, porém, desvaneceu-se rapidamente

como chegara; e a menciono tão-só para assinalar o dia da última conversação que ali mantive com meu singular homônimo.

A enorme e velha casa, com suas incontáveis subdivisões, tinha vários e amplos aposentos que se comunicavam uns com os outros e onde dormia o maior número dos estudantes. Havia, também (como necessariamente deve suceder em edifícios tão desastradamente planejados), muitos recantos ou recessos, as pequenas sobras da estrutura; e deles a habilidade econômica do Dr. Bransby havia feito também dormitórios; contudo. Como não passavam de simples gabinetes, apenas eram capazes de acomodar uma só pessoa. Um desses pequenos apartamentos era ocupado por Wilson.

Uma noite, depois do encerramento de meu quinto ano na escola e imediatamente após a altercação acima mencionada, verificando que todos imergiam no sono, levantei-me da cama e, de lâmpada na mão, deslizei através de uma imensidade de estreitos corredores do meu quarto para o de meu rival. Longamente planejara uma dessas peças de mau-gosto, à custa dele, em que até então eu tão constantemente falhara. Era, agora, minha intenção pôr o plano em prática e resolvi fazê-lo sentir toda a extensão da malícia de que eu estava imbuído. Tendo alcançado seu quartinho, entrei silenciosamente, deixando a lâmpada do lado de fora, com um quebra-luz por cima, dei um passo e prestei ouvidos ao som de sua respiração tranqüila. Certo de que ele estava dormindo, voltei, apanhei a luz e com ela me aproximei de novo da cama. Cortinados fechados a rodeavam; prosseguindo em meu plano, abri-os devagar e qüietamente, caindo então sobre o adormecido, em cheio, os raios brilhantes de luz, ao mesmo tempo que meus olhos sobre seu corpo.

Olhei, e um calafrio, uma sensação enregelante no mesmo momento me atravessou o corpo. Meu peito ofegou, meus joelhos tremeram todo o meu espírito se tornou presa de um horror imotivado, embora intolerável. Arquejando, baixei a lâmpada até quase encostá-la no seu rosto. Eram aquelas. . . aquelas as feições de William Wilson? Vi de fato, que eram as dele, mas tremi como num acesso de febre imaginando que não o eram. Que havia em torno delas para me perturbarem desse modo? Contemplei, enquanto meu cérebro girava com uma multidão de pensamentos incoerentes. Não era assim que ele aparecia - certamente não era assim - na vivacidade de suas horas despertas. O mesmo nome! Os mesmos traços pessoais , o mesmo dia de chegada ao colégio! E, depois, sua obstinada e incompreensível imitação de meu andar, de minha voz, de meus costumes, de meus gestos! Estaria, em verdade, dentro dos limites da possibilidade humana que o que eu então via fosse, simplesmente, o resultado da prática habitual dessa imitação sarcástica? Horrorizado com um tremor crescente, apaguei a lâmpada, sai silenciosamente do quarto e abandonei imediatamente os salões daquele velho colégio para neles nunca mais voltar a entrar.

Depois de um lapso de alguns meses, passados em casa em mera ociosidade, vi-me como estudante em Eton. Esse curto intervalo fora suficiente para enfraquecer em mim a recordação dos acontecimentos no colégio do Dr. Bransby, ou pelo menos para efetuar uma radical mudança na natureza dos sentimentos com que eu os relembrava. A verdade - a tragédia - do drama não existia mais. Eu achava, agora, motivos para duvidar do testemunho de meus sentidos; e muitas vezes recordei o assunto, unicamente e apenas admirando a extensão da credulidade humana e com um sorriso para a viva força de imaginação que eu possuía por herança. Nem era essa espécie de cepticismo capaz de ser diminuído pela natureza da vida que eu levava em Eton. O vórtice de loucura impensada em que ali tão imediata e irrefletidamente mergulhei varreu tudo, exceto a espuma de minhas horas passadas, abismou imediatamente todas as impressões sólidas e sérias e só deixou na memória as leviandades de uma existência anterior.

Não desejo, contudo, traçar o curso de meu miserável desregramento ali, um desregramento que desafiava as leis, ao mesmo tempo que iludia a vigilância do instituto.

Três anos de loucura, passados sem proveito, apenas me deram os hábitos arraigados do vício e um acréscimo, em grau algo anormal, à minha estatura física. Foi quando, depois de uma semana de animalesca dissipação, convidei um pequeno grupo dos mais dissolutos estudantes para uma bebedeira secreta em meu quarto. Encontramo-nos a horas tardias da noite pois nossas orgias deviam prolongar-se, religiosamente, até a manhã. O vinho corria à vontade, e não haviam sido esquecidas outras e talvez mais perigosas seduções; assim, a plúmbea aurora já aparecera debilmente no oriente quando nossa delirante extravagância estava no auge.

Loucamente excitado pelo jogo e pela bebida, eu estava a insistir num brinde de profanação mais do que ordinária, quando minha atenção foi subitamente desviada pelo abrir-se da porta do aposento, parcial embora violentamente, e pela voz apressada de um criado lá fora. Disse ele que alguém, aparentemente com grande pressa queria falar comigo no vestíbulo.

Sob a selvagem excitação do vinho, a inesperada interrupção mais me deleitou do que surpreendeu. Saltei para a frente imediatamente me levaram ao vestíbulo do prédio. Nessa sala pequena e baixa não havia uma lâmpada, e nenhuma luz, de modo algum, ali penetrava, a não ser a excessivamente fraca do alvorecer que se introduzia por uma janela semicircular. Ao transpor os batentes distingui o vulto de um jovem mais ou menos de minha própria altura, vestido com um quimono matinal de casimira branca, cortado à moda nova do mesmo que eu trajava no momento. A fraca luz habilitou-me a perceber isto, mas não pude distinguir as feições de seu rosto. Depois que entrei, ele precipitou-se para mim, e agarrando-me o braço, com um gesto de petulante impaciência, sussurrou ao meu ouvido as palavras: "William Wilson!"

Em um segundo minha embriaguez se desvaneceu.

Havia algo no modo do desconhecido e no gesto trêmulo de seu dedo levantado quando ele o pôs entre meus olhos e a luz que me encheu de indefinível espanto; não foi, porém, isso o que me comoveu, tão violentamente. Foi a concentração de solene advertência na pronúncia singular, baixa, silvante; e, acima de tudo, foram o caráter, o tom, a chave daquelas poucas sílabas, simples e familiares, embora sussurradas, que vieram com mil atropelantes recordações dos dias idos e me agitaram a alma como o choque de uma bateria elétrica. Logo que pude recuperar o uso de meus sentidos, ele já havia partido.

Embora esse acontecimento não deixasse de ter um vivo efeito sobre minha imaginação desordenada, foi ele, contudo, tão fugaz quanto vivo. Durante algumas semanas, na verdade, eu me entreguei a ansiosas pesquisas, ou me envolvi numa nuvem de mórbidas investigações. Não pretendi disfarçar, em minha percepção, a identidade do singular indivíduo que tão perseverantemente interferia com os meus assuntos e me perseguia com seus conselhos insinuados.

Mas quem era esse Wilson? E donde vinha ele? E quais eram suas intenções?

Não pude obter satisfatória resposta a qualquer desses pontos, verificando simplesmente, em relação a ele, que um súbito acidente em sua família provocara sua saída do colégio do Bransby na tarde do dia em que eu fugira de lá. Mas em breve deixei de pensar sobre o caso, estando com a atenção completamente absorvida por uma projetada ida para Oxford.

Ali logo cheguei, pois a irrefletida vaidade de meus pais me fornecia uma grande pensão anual que me habilitava a entregar-me ao luxo já tão caro a meu coração - rivalizando, em profusão de despesas, com os mais elevados herdeiros dos mais ricos condados da Grã-Bretanha. Excitado ao vício por tais recursos, meu temperamento natural, irrompeu

com redobrado ardor e espezinhei mesmo as comuns restrições da decência na louca paixão de minhas orgias...Mas seria absurdo narrar em pormenores as minhas extravagâncias. Bastará dizer que, em dissipações, ultrapassei Herodes e que, dando nome a uma multidão de novas loucuras, acrescentei um apêndice nada curto ao longo catálogo dos vícios então habituais na mais dissoluta universidade da Europa.

Dificilmente pode ser crido, contudo, que eu tivesse, mesmo ali, caído tão completamente da posição de nobreza a ponto de procurar conhecer as artes mais vis dos jogadores profissionais, tornando-me adepto dessa desprezível ciência, a ponto de praticá-la habitualmente como um meio de aumentar minha já enorme renda à custa de meus colegas fracos de espírito. Tal sucedeu, não obstante. E a própria enormidade desse atentado contra todos os sentimentos viris e probos evidenciava, fora de dúvida, a principal, senão a única, razão de ser ele cometido. Quem, na verdade, entre meus mais dissolutos companheiros, não teria antes duvidado do mais claro testemunho de seus sentidos de preferência a ter suspeitado de que agisse assim o alegre, o franco, o generoso Wílliam Wilson, o mais nobre e o liberal dos camaradas de Oxford, aquele cujas loucuras (diziam seus parasitas) eram apenas as loucuras da imaginação jovem e desenfreada, cujos erros eram apenas caprichos inimitáveis e cujos vícios negros eram apenas uma extravagância descuidada e magnífica?

Fazia dois anos que eu me ocupava desse modo, com amplo sucesso, quando chegou à universidade um jovem, parvenu da nobreza, Glendenning, rico, dizia-se, como Herodes Ático, e de riqueza adquirida com igual facilidade. Logo verifiquei que era de intelecto fraco e, naturalmente, marquei-o como um digno objeto para a minha astúcia. Freqüentemente levei-o a jogar e fiz com que ele ganhasse de acordo com a arte usual dos jogadores profissionais, somas consideráveis para de modo eficiente prendê-lo em minha teia. Afinal estando maduros meus planos, encontrei-o (com a plena intenção de que esse encontro seria final e decisivo) no aposento de um colega (Sr. Preston), igualmente íntimo de nós ambos, mas que para fazer justiça, não tinha sequer a mais remota suspeita de meu desígnio. Para dar ao caso melhor colorido, consegui reunir um grupo de oito ou dez e tive o mais estrito cuidado em que o aparecimento de cartas de baralho fosse acidental, originando-se da proposta de minha própria vítima em vista. Para ser breve sobre tão vil tópico, nenhuma das baixas espertezas, tão habituais em ocasiões similares, foi omitida, e é mesmo motivo de de admiração haver tantas pessoas ainda tão tolas para cair como suas vítimas.Prolongamos a vigília pela noite adentro, e afinal efetivei a manobra de deixar Glendenning como meu único antagonista.

O jogo, aliás, era o meu favorito, o écarté. . . Os restantes do grupo, interessados na extensão de nossas apostas, abandonaram suas próprias cartas e ficaram em volta, como espectadores. O parvenu, que fora induzido, por meus artifícios, no primeiro período da noite, a beber abundantemente, agora baralhava, cortava ou jogava com estranho nervosismo de maneiras, para o qual sua embriaguez, pensava eu, podia parcialmente, mas não inteiramente, servir de explicação. Em período muito curto ele se tornara meu devedor de uma grande soma, e então, tendo tomado um trago avultado de vinho do Porto, fez precisamente o que eu estivera friamente prevendo: propôs dobrar a nossa já extravagante parada. Com bem fingida mostra de relutância e não sem que minhas repetidas recusas o levassem a amargar palavras, que deram um tom de desafio a meu consentimento, aceitei afinal. O resultado, naturalmente, apenas demonstrou quanto a presa estava em minha teia; em menos de uma hora ele quadruplicara sua dívida.

Desde algum tempo seu rosto perdera a tintura álacre que lhe dava o vinho; agora, porém, para meu espanto, percebi que ele se tornava de um palor verdadeiramente horrível. Para meu espanto, digo. Glenndenning fora apresentado, em meus intensos inquéritos, como imensamente rico, e as quantias que ele até então perdera, embora em si mesmas vastas, não podiam, supunha eu, aborrecê-lo muito seriamente e muito menos

afligi-lo tão violentamente. A idéia de que ele estava perturbado pelo vinho que acabara de tragar foi a que mais prontamente se me apresentou; e, mais para defender meu próprio caráter aos olhos de meus companheiros do que por qualquer motivo menos interesseiro, eu estava a ponto de insistir, peremptoriamente, para cessarmos o jogo, quando certas expressões saídas dentre o grupo junto de mim e uma exclamação demonstrativa de extremo desespero da parte de Glendenning deram-me a compreender que eu causara sua ruína total sob circunstâncias que, tornando-o um motivo de piedade para todos, deveriam tê-lo protegido dos malefícios mesmo de um demônio.

Qual podia ter sido então minha conduta é difícil dizer. A lastimável situação de minha vítima atirara sobre tudo um ar de embaraçosa tristeza. . Durante alguns momentos, foi mantido um profundo silêncio, durante o qual eu não podia deixar de sentir minhas faces formigarem sob os numerosos olhares queimantes de desprezo ou reprovação que me lançavam os menos empedernidos do grupo. Confessarei mesmo que um intolerável peso de angústia foi retirado por breves instantes de meu peito pela súbita e extraordinária interrupção que se seguiu. Os pesados e largos batentes da porta do aposento escancararam-se, duma só vez, com tão vigorosa e impetuosa violência que se apagaram, como por mágica, todas as velas da sala. Ao morrerem as luzes, pudemos perceber que um estranho havia entrado, mais ou menos de minha altura e envolto apertadamente numa capa. A escuridão, porém, não era total, e podíamos apenas sentir que ele estava entre nós. Antes que qualquer de nós pudesse refazer-se do extremo espanto em que aquela violência nos tinha lançado a todos, ouvimos a voz do do intruso.

- Cavalheiros - disse ele, num sussurro baixo, distinto e inesquecível, que me fez estremecer até a medula dos ossos -, cavalheiros, peço desculpas deste meu modo de proceder, porque assim , agindo, estou cumprindo um dever. Não estais, sem dúvida, informados do verdadeiro caráter da pessoa que esta noite ganhou no écarté uma soma enorme de Lorde Glendenning. Vou, pois, propor-vos um plano expedito e decisivo de obterdes essa informação, verdadeiramente necessária. Tende a bondade de examinar, à vontade, o forro do punho de sua manga esquerda e os vários pacotinhos que podem ser achados nos bolsos um tanto vastos de seu roupão bordado.

Enquanto ele falava, tão profundo era o silêncio que se poderia ouvir um alfinete cair no soalho. Ao terminar, partiu sem demora e tão violentamente como havia entrado. Poderei eu descrever as minhas sensações? Devo dizer que senti todos os horrores dos danados? Por certo, tinha eu muito pouco tempo para refletir.

Muitas mãos me agarraram brutalmente, no mesmo instante, e reacenderam-se logo em seguida as luzes. Seguiu-se uma busca. No forro de minha manga foram encontradas todas as figuras essenciais do écarté e, nos bolsos de meu roupão, certo número de baralhos exatamente iguais aos que utilizávamos em nossas reuniões, com a única exceção de que os meus eram da espécie chamada, tecnicamente, arredondées, sendo as cartas de figuras levemente convexas nas pontas e as cartas comuns levemente convexas nos lados. Com esta disposição, o ingênuo que corta, como de costume, ao comprido do baralho invariavelmente é levado a cortar dando figura a seu parceiro, ao passo que o jogador profissional, cortando na largura, com toda a certeza nada cortará para sua vítima que possa servir de vantagem no desenrolar do jogo.

Uma explosão de indignação ter-me-ia afetado menos do que o silêncio de desprezo ou a calma sarcástica com que foi recebida a descoberta.

- Sr. Wilson - disse o dono da casa, abaixando-se para apanhar de sob seus pés uma capa extremamente luxuosa de peles raras -, Sr. Wilson, isto lhe pertence. (O tempo estava frio e, ao deixar meu próprio quarto, lançara uma capa sobre meu roupão, desfazendo-me dela ao chegar ao teatro do jogo.) Presumo que seja supérfluo (e olhou as

dobras da capa com um sorriso amargo) procurar aqui qualquer outra prova a mais de sua habilidade. Na verdade, já chega, e bastante. O senhor reconhecerá a necessidade, assim o espero, de abandonar Oxford, e, de qualquer modo, de abandonar instantaneamente minha casa.

Envilecido, humilhado até o pó, como então estava, é provável que eu pudesse ter-me vingado daquela mortificante linguagem com uma imediata violência pessoal, não tivesse sido toda a minha atenção no momento detida por um fato do mais impressionante caráter. A capa que eu tinha usado era de uma qualidade rara de pele, quão rara e quão extravagantemente custosa não me aventurarei a dizer.

Seu corte, também, era de minha própria e fantástica invenção, pois eu era, em questões dessa frívola natureza, um peralvilho exigente até o grau mais absurdo. Quando, portanto, o Sr. Preston entregou-me aquilo que apanhara do chão, perto dos batentes da porta do aposento, foi com um espanto quase limítrofe do terror que percebi minha própria capa pendente já de meu braço (onde sem dúvida a tinha colocado inadvertidamente) e da qual a outra que me apresentavam era apenas a exata reprodução, em todos e até mesmo nos mínimos particulares possíveis. A singular criatura que tão desastrosamente me havia comprometido estivera envolvida, lembrava-me, em uma capa, e nenhuma fora usada, absolutamente, por qualquer dos membros de nosso grupo, com exceção de mim mesmo. Conservando alguma presença de espírito, tomei a capa que me foi oferecida por Preston, coloquei-a, sem que o percebessem, por cima de minha própria capa, deixei o aposento com uma resoluta carranca de desafio e, na manhã seguinte, antes mesmo de raiar do dia, iniciei precipitada viagem de Oxford para o continente, num estado de perfeita angústia, de horror e de vergonha.

Fugi em vão. Minha má sorte me perseguiu, como se em triunfo, e mostrou realmente que a ação de seu misterioso domínio tinha começado. Mal tinha eu posto o pé em Paris, já possuía prova evidente do detestável interesse tomado por aquele Wilson a meu respeito.

Anos passavam sem que eu experimentasse alívio algum. Canalha! Em Roma, com que inoportuna embora espectral solicitude intrometeu-se ele entre mim e minha ambição! Em Viena, também em Berlim. . . e em Moscou! Onde, na verdade, não tinha eu um amargo motivo de amaldiçoá-lo, do íntimo do coração? Da sua inescrutável tirania eu fugia por fim, tomado de pânico, como de uma peste; e até aos confins da terra fugi em vão.

E sempre, e sempre mais, em secreta comunhão com meu próprio espírito, perguntava eu: "Quem é ele? Donde vem? E quais são objetivos?" Mas nenhuma resposta ali encontrava. E então eu pesquisava, com minudente sondagem, as formas, os métodos, e os traços principais de sua impertinente vigilância. Mas mesmo aí havia muito pouco sobre que basear uma conjectura. Era visível, de fato, que em nenhuma das múltiplas vezes em que tivera recentemente de cruzar meu caminho o fizera sem ser para frustrar aqueles planos ou perturbar ações que, se plenamente realizadas, teriam resultado em acerbo mal. Pobre justificação esta, na verdade, para uma autoridade tão imperiosamente usurpada! Pobre indenização para os direitos naturais de livre arbítrio, tão pertinaz e tão insultuosamente negados!

Fora também forçado a notar que meu carrasco, durante longo período de tempo (enquanto escrupulosamente e com miraculosa habilidade mantinha seu capricho de uma identidade de traje comigo), tinha-se arranjado de tal maneira, em todas as ocasiões em que interferira com a minha vontade, que eu não vira, em momento algum, as feições de seu rosto. Fosse Wilson quem fosse isto, pelo menos, era apenas o cúmulo da afetação ou da loucura. Podia ele, por um instante, ter suposto que no meu admoestador de Eton, no destruidor de minha honra em Oxford, naquele que frustrou minha ambição em Roma,

minha vingança em Paris, meu apaixonado amor em Nápoles, ou aquilo que ele falsamente denominou de minha avareza no Egito, que naquele meu arquiinimigo e diabólico gênio eu deixaria de reconhecer o William Wilson de meus dias de colégio, o xará, o companheiro, o rival, o odiado e temido rival do colégio do Dr. Bransby?

Impossível! Mas apresemo-nos a descrever a última e culminante cena do drama. Até então eu sucumbira passivamente àquele imperioso domínio. O sentimento de profundo temor com que habitualmente encarava o caráter elevado, a sabedoria majestosa, a aparente onipresença e onipotência de Wilson, acrescentado mesmo a uma sensação de terror que certos outros traços de sua natureza e de sua arrogância me inspiravam, tinham conseguido, até então, imprimir em mim uma idéia de minha própria fraqueza extrema e desamparo e sugerir uma submissão implícita, embora amargamente relutante, à sua vontade arbitrária. Mas, nos últimos dias, entregara-me inteiramente ao vinho; e sua enlouquecedora influência sobre meu temperamento hereditário tornou-me cada vez mais insubmisso ao controle. Comecei a murmurar, a hesitar, a resistir. E seria apenas a imaginação que me induzia a acreditar que, com o aumento de minha própria firmeza, a do meu carrasco sofria uma diminuição proporcional? Fosse como fosse, comecei então a sentir o bafejo de uma esperança e por fim nutri em meus pensamentos secretos uma resolução desesperada e austera de que não me submeteria por mais tempo à escravidão.

Foi em Roma, durante o carnaval de 18... Assistia eu baile a um de máscaras, no palácio do napolitano Duque Di Broglio. Eu me entregara, mais livremente do que de costume, aos excessos do vinho, e agora a sufocante atmosfera das salas apinhadas irritava-me insuportavelmente. A dificuldade, também, em abrir caminho através dos grupos compactos contribuía não pouco para exasperar-me o gênio, pois eu estava ansioso à procura (permiti que não vos diga com que indigna intenção) da jovem, da alegre, da bela mulher do velho e caduco Di Broglio. Com uma confiança igualmente inescrupulosa, ela me havia previamente revelado o segredo da fantasia com que estaria trajada, e agora, tendo-a vislumbrado, apressava-me em abrir caminho até ela. Neste momento uma mão pousar levemente sobre meu ombro e ouvi aquele lembrado, aquele baixo e maldito sussurro, dentro em meu ouvido.

Num total frenesi de cólera, voltei-me imediatamente para quem assim me interrompera e agarrei-o violentamente pelo pescoço. Trajava ele, como eu havia esperado, uma roupa inteiramente igual à minha. Trazia uma capa espanhola de veludo azul, cingida em torno da cintura por um cinturão escarlate, que sustentava um florete. Uma máscara de seda preta encobria-lhe inteiramente o rosto. Canalha! - disse eu. numa voz rouca de raiva, ao passo que cada sílaba que eu pronunciava parecia alimentar cada vez mais a minha fúria.

- Canalha! Impostor! Maldito vilão! Não mais, não mais você me perseguirá como um cão até a morte! Siga-me, ou eu o atravessarei aqui mesmo , com este florete!

E rompi caminho para fora da sala de baile, até uma pequena antecâmara ao lado, arrastando-o irresistivelmente comigo.

Depois de entrar, atirei-o furiosamente para longe. Ele bateu de encontro à parede, enquanto eu fechava a porta com uma praga e lhe ordenava que puxasse a arma.

Ele hesitou, mas apenas um instante; depois, com leve suspiro, puxou-a em silêncio e pôs-se em guarda.

A luta foi deveras curta. Eu estava frenético no paroxismo da excitação selvagem e sentia no meu simples braço a energia e a potência de uma multidão. Em poucos segundos obriguei-o, só pela força, a encostar-se ao entablamento da parede e assim, tendo-o à mercê, mergulhei minha espada, com bruta ferocidade e repetidamente no seu peito.

Naquele instante, alguém tentou abrir a porta. Apressei-me em evitar uma intromissão e, em seguida, voltei imediatamente para meu antagonista moribundo.

Mas que língua humana pode adequadamente retratar aquele espanto, aquele horror, que de mim se apossou diante do espetáculo que então se apresentou à minha vista? Curto instante em que desviei meus olhos, tinha sido suficiente para produzir, ao que parecia, uma mudança positiva na disposição, na parte mais alta ou mais distante do quarto. Um grande espelho - assim a princípio me pareceu na confusão em que me achava - erguia-se agora ali, onde nada fora visto antes, e como eu caminhasse para ele, no auge do terror, minha própria imagem, mas com as feições lívidas e manchadas de sangue, adiantava-se ao meu encontro, com um andar fraco e cambaleante.

Assim parecia, digo eu, mas não era. Era meu adversário, era Wilson que então se erguia diante de mim, nos estertores de sua agonia. Sua máscara e sua capa jaziam ali no chão, onde ele as havia lançado. Nem um fio em todo o seu vestuário, nem uma linha em todas as acentuadas e singulares feições de seu rosto que não fossem mesmo na mais absoluta identidade, os meus próprios!

Era Wilson, mas ele falava, não mais num sussurro, e eu podia imaginar que era eu próprio quem estava falando, enquanto ele dizia:

Venceste e eu me rendo. Contudo, de agora por diante, tu também estás morto... morto para o Mundo, para o Céu e para a Esperança! Em mim tu vivias... e, na minha morte, vê por esta imagem, que é a tua própria imagem, quão completamente assassinaste a ti mesmo!